



Darkover

20

**Canção do
Exílio**

Marion Zimmer Bradley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Darkover

Ela era Margaret Alton, a filha de Lew Alton, o representante para Senado Imperial Terráqueo. Não tinha muitas lembranças do seu planeta de nascimento ou mesmo de sua tumultuada infância, apenas recordações fugazes que aterrorizavam o seu sono, sobre um estrangeiro prateado e uma mulher com o cabelo que desenhava um círculo na cabeça — como um anel de fogo — que gritava muito. Assim que foi possível Margaret deixou a sua casa e se refugiou na Universidade. Lá achou conforto no isolamento de seus estudos de música. Ela conseguiu uma posição de assistente de seu mentor, o renomado musicista Dr. Igor Davidson. Esta prestigiosa função a levou para muitos mundos diferentes, e quando ela e seu Professor Davidson foram designados para estudar a canções folclóricas de Darkover, ficou alegre e curiosa. O seu mundo de nascimento evocava memórias terríveis e dolorosas, há muito enterradas Ela começava a pensar que estava enlouquecendo.

Sob a luz do SOL VERMELHO, e a medida que vai se desvencilhando dos segredos de sua herança, Margaret acaba levada por um destino pior do que qualquer um de seus pesadelos. A mulher que gritava e o homem prateado eram apenas indicadores de uma trilha, que a levaria para o interior de sua propriamente, conduzindo-a para uma armadilha preparada séculos antes de seu nascimento.

A cronologia de Darkover

Darkover foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

Livros:

A CHEGADA EM DARKOVER

A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

Livros:

RAINHA DA TEMPESTADE

DAMA DO FALCÃO

Os Cem Reinos

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

Livros:

DOIS PARA CONQUISTAR
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL
DOIS PARA CONQUISTAR
A QUEDA DE NESKAYA
A FORJA DE ZANDRU
UMA CHAMA EM HALI

As Renunciantes (Amazonas Livres)

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

Livros:

A CORRENTE PARTIDA

A CASA DE THENDARA

CIDADE DA MAGIA

Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

Livros:

REDESCOBERTA

A ESPADA ENCANTADA

A TORRE PROIBIDA

ESTRELA DO PERIGO

VENTOS DE DARKOVER

Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

Livros:

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Marion Zimmer Bradley



**Canção do
Exílio**

Para Adrienne Martine-Barnes,
que criou a personagem Margaret Alton
e trabalhou comigo neste livro.

Capítulo Um

Deve haver algum meio de viajar entre as estrelas que não me deixe nauseada. .. alguma droga à qual eu não seja sensível. Se ao menos eu não fosse alérgica a tantas coisas... se ao menos tivesse escolhido uma carreira em agronomia ou jornalismo...

A mulher na poltrona sorriu, um tanto sombria, sem abrir os olhos, enquanto tentava ignorar a náusea e a vertigem. Era um pensamento antigo, que já acalentara muitas vezes. Anos antes, quando saíra de casa para ingressar na universidade, chegara a considerar essas duas profissões como possibilidades de carreira, junto com contabilidade e várias outras de que nem podia se lembrar agora. Precisara de menos de um semestre para compreender que não tinha o chamado dedo verde, e detestava a idéia de relatar os sofrimentos alheios. Descobrira ainda que tinha pouca habilidade com as palavras. Achava os números uma chatice, embora tivesse uma ótima capacidade matemática. Poderia até ter alcançado o maior sucesso, pensou ela agora, no desvio fraudulento do dinheiro de terceiros. O pensamento fez o sorriso se alargar ainda mais, aliviando um pouco a tensão em seu rosto.

Por baixo do punho turquesa de seu uniforme preto de pesquisadora, ela podia sentir a comichão dos emplastos na pele. Um era para fornecer a droga, hiperdrome, que prevenia a náusea espacial, enquanto o outro era para anular sua alergia à hiperdrome. Um absurdo, sem dúvida, que ela fosse tão alérgica. O pai também era; portanto, devia ter herdado dele. Era mesmo sua filha, embora não se sentisse assim durante a maior parte do tempo.

Ela movimentou a cabeça para a frente e para trás, contra as almofadas de cheiro horrível. A massa de cabelos ruivos, bem finos mas abundantes, empilhados no alto da cabeça, escolheu esse momento para escapar dos grampos que a continham, começando a deslizar pelo pescoço. Ela podia sentir a tensão em seu corpo. Fez um esforço deliberado para relaxar. O tênue cheiro de desinfetante que pairava no ar seco e sufocante do compartimento de terceira classe era repulsivo, fazendo-a se contorcer toda.

Enquanto mantivesse os olhos fechados, teria a ilusão de privacidade e ficaria um pouco menos consciente das onze pessoas que partilhavam o pequeno compartimento. A presença de outras pessoas próximas, pessoas tão ansiosas quanto ela, fazia com que se tornasse ainda pior a náusea terrível e angustiante que vinha tentando ignorar. Sempre fora assim, desde aquela primeira viagem para longe do lugar a que agora retornava. Tinha apenas umas poucas e vagas memórias de sua infância, mas aquela primeira viagem era mais nítida e vigorosa do que as outras. Os cheiros e sons de uma nave espacial, com uma barriga que dava a impressão de que todos os demônios dançavam lá dentro, eram associados a alguma coisa terrível que ela não conseguia recordar direito. Nunca chegava a vomitar, mas pairar à beira da náusea por horas intermináveis era igualmente ruim, talvez até pior.

Poucas pessoas acreditariam que a filha de um senador da Federação viajaria em terceira classe. Havia a tendência para pensar que pessoas assim levavam vidas fascinantes, em festas e recepções diplomáticas. Mas ela era uma Pesquisadora da Universidade, e os acadêmicos quase nunca viajavam de outra forma. Margaret já era agora uma viajante calejada, dez viagens e mais de cem escalas. Seu corpo, no entanto, ainda se recusava a se ajustar às drogas. Por isso, ela se resignara ao desconforto. Pelo menos não era mais forçada a suportar sem qualquer ajuda as agonias da classe econômica, a pior de todas... como acontecera em sua primeira viagem sozinha, de Thetis a Coronis, num pesadelo de dezesseis escalas. E viajar de primeira classe, como fizera uma ocasião, não era muito melhor... o ar também era malcheiroso e as drogas deixavam sua boca ressequida.

Sou como um bom vinho... não viajo bem. Gostaria que esta droga realmente me pusesse para dormir, como deveria fazer. O professor Davidson, abençoado seja, ronca como um bebê. Como ele consegue? Será este o porto em que vamos desembarcar? Perdi a contagem. Esta é a sexta ou sétima escala? Mãe dos Oceanos, faça com que seja a sétima!

Ela iniciou o Jogo. Fora inventado por Margaret e sua madrastra, Dio, naquela primeira viagem, quase esquecida, quando

ela era bem pequena.

Consistia em dizer os nomes de todas as deusas e deuses que pudesse lembrar. Quando Dio ensinara o Jogo, ela conhecia apenas uns poucos... Zandru e Aldones, Evanda e Avarra. Ao chegarem a seu destino, era capaz de nomear mais de cem, além de conhecer algumas de suas histórias. A lista crescera à medida que se tornara mais velha e aprendera mais, até incluir nomes de divindades que datavam do tempo em que a Terra fora realmente um Império. Acrescentara os nomes de divindades que aprendera com os colegas na universidade, nomes originários de planetas que visitara e de lugares em que nunca estivera. Às vezes procurava por rimas nos nomes, ou tentava enunciá-los em ordem alfabética... qualquer coisa para distraí-la das rebeliões de sua carne. Os nomes nunca se esgotavam, mas não podia ter certeza se era ou não porque os repetia. O exercício lhe proporcionava alguma coisa em que se concentrar, em vez de se manter atenta aos sons da enorme espaçonave e aos cheiros azedos dos companheiros de viagem.

A vibração da espaçonave, capaz de embrulhar o estômago de qualquer pessoa, começou a diminuir. O som das engrenagens tornou-se diferente, com o zumbido de alguma coisa parando. Era o tipo de barulho que sempre a deixava tensa, porque significava que estavam deixando o vazio entre as estrelas para entrar na gravidade de algum mundo. O estrondo dos motores acionados para a descida até o planeta — um lá bemol um pouco desafinado — fê-la estremecer.

O professor soltou um grunhido na poltrona ao seu lado, tossiu e mexeu-se. Estava desperto. Anos de intimidade forçada com o velho haviam-na familiarizado com cada gesto e ruído. Margaret não precisava abrir os olhos para saber que naquele momento ele flexionava os dedos sobre um teclado imaginário.

Como nos tornamos tão acostumados um ao outro!, pensou ela. Provavelmente ele também conhece todos os meus pequenos hábitos. Era confortador sentir a familiaridade tranqüila de sua amizade com Ivor Davidson, seu mentor e quase que pai adotivo. Sua esposa, Ida, fora como uma mãe para ela. Margaret concluiu que, apesar da náusea terrível que a dominava agora, era sem

dúvida uma pessoa abençoada. Fazia o trabalho que amava, na companhia de um amigo querido que respeitava. Quem ousaria pedir por mais?

O alto-falante por cima da poltrona estalou e zumbiu. Margaret estremeceu. Ah, seus ouvidos tão sensíveis! Claro que haviam tornado possíveis seus estudos, sua bolsa de estudos e sua carreira como musicóloga. Mas, por outro lado, o oficial de comunicações negligente, que ligava o sistema de som de qualquer maneira e devia ser surdo para os tons, transformara os três últimos pousos em profunda agonia para ela. Depois de alguns estalos e um rangido estridente, que a fez estremecer em desespero, uma gravação anasalada, com o forte sotaque de algum planeta atrasado, começou a tocar. Era antiga e precisava ser trocada. Ela teve de fazer um esforço para ouvir, em vez de apenas desligar o desagradável alto-falante.

Logo a gravação foi encerrada. Uma voz que quase parecia humana, falando no Padrão Terráqueo, com um horrível sotaque arrastado, anunciou:

— Estamos agora no acesso final para Cottman Quatro, chamado Darkover por seus habitantes.

Havia um tom quase desdenhoso na maneira com que o nome foi pronunciado, como se o locutor imaginasse que os darkovanos não passavam de selvagens nus ou quase isso. A típica arrogância terráquea. Ele continuou:

— Os passageiros devem lembrar que não podem abrir o sistema de segurança pessoal até que sejam autorizados. Os passageiros da terceira classe e da classe econômica que precisarem de ajuda terão um comissário de bordo à sua disposição logo depois do pouso.

Assim que acabou de dar as instruções em Padrão Terráqueo, a voz passou a repeti-las em meia dúzia de outras línguas. As que Margaret pôde reconhecer estavam obviamente desfiguradas.

Darkover! O destino dos dois, finalmente. O planeta em que ela nascera. Mas o som da palavra em sua mente desencadeou a estranha apreensão que sempre experimentara desde que descobrira que viajaria para lá. Era um sentimento próximo do

terror... e completamente ilógico! Já estivera em muitos outros planetas com Ivor durante suas pesquisas, e nunca experimentara aquela inquietação tão insidiosa.

Margaret respirou fundo várias vezes, obrigou-se a relaxar. Os músculos em seus ombros estavam tensos, e só se soltaram com extrema relutância. Mas o exercício de relaxamento deu certo. Depois de algum tempo, ela soltou um suspiro de alívio e parou de escutar. Sua atenção vagueou. Já se acostumara a ser informada uma dúzia de vezes sobre tudo. Como Colonial, acalentava um certo desdém pelos métodos rígidos e controlados da Federação Terráquea. Embora apreciasse suas conquistas tecnológicas, que lhe permitiam estudar música em uma dúzia de mundos numa única vida, suportava a arrogância terráquea apenas pela verba para suas pesquisas e a liberdade que lhe proporcionava. Mas não gostava nem um pouco, e estava convencida de que jamais gostaria.

Seu pai teria a maior satisfação em mandá-la estudar em diversas instituições coloniais de ensino superior, mas a Universidade de Coronis não figurava entre suas opções. Margaret ainda podia recordar a briga que tiveram quando ela fizera a sugestão. Dizer que o pai não aprovara a escolha seria uma obra-prima de atenuação de sua reação. O pior de tudo é que ele nunca explicara o motivo. Dio, a madrasta, não hesitara em interferir, como sempre fazia, mantendo a paz entre pai e filha da melhor forma possível. Mas Margaret tivera de suportar o que pareceram semanas — embora não passassem de dias — de ansiedade e silêncios contrariados, até que o senador dera seu consentimento. Ela gostaria de compreendê-lo melhor... ou pelo menos compreender sua estranha mistura de distanciamento e atitude de intensa proteção em relação à filha. O Velho (como Margaret pensava no pai) e Dio passavam muito tempo ausentes, participando das sessões do Senado e em muitas missões da Federação. Como também era alérgico à hiperdrome, o pai não voltava a Thetis com muita freqüência; e quando o fazia, evitava a filha o máximo possível. Era quase como se a amasse e odiasse ao mesmo tempo.

Sem qualquer motivo que pudesse discernir, ao pensar naqueles dias horríveis à espera da permissão do senador para

ingressar na universidade que queria, Margaret lembrou subitamente de outra ocasião, quando era muito mais jovem, treze ou quatorze anos. Dio a encontrara sentada numa praia do Mar de Vinho Thetiano, chorando. Não recordava mais o motivo das lágrimas, mas as palavras que dissera a Dio afloraram de repente em sua mente:

— Sou muito feia. Meu pai não me abraça, não me deixa ir a lugar nenhum, porque sou feia. Por que não posso ter cabelos bonitos, como os seus? Por que tenho uma pele que fica toda manchada quando pega sol? E você e papai viajam demais. Quando vêm para casa, ele nunca me toca, não conversa comigo, quase que me ignora por completo. O que há de errado comigo?

A lembrança fê-la estremecer toda, no momento mesmo em que a espaçonave soltava um tremendo rugido, para depois deixar escapar uma espécie de suspiro metálico, quase como se estivesse cansada. Margaret agradeceu à Deusa por não ter mais treze anos, sujeita aos horrores da adolescência. Durante todo aquele tempo, estivera convencida de que a atitude do Velho era decorrente de alguma coisa que ela fizera errado, ou deixara de fazer, apesar de Dio insistir que nada tinha a ver com Margaret, era um problema do próprio senador. Dio fazia o melhor que podia para confortá-la. Margaret nada tinha de feia. O senador a amava, à sua maneira taciturna. Mas Dio jamais conseguira explicar por que ele se mantinha tão distante, nem por que Margaret era tão diferente dos dois. Só muito mais tarde é que ela descobrira que não era filha de Dio, mas sim do primeiro casamento do senador.

Margaret ainda podia recordar o choque profundo que tivera ao ouvir essa revelação, pouco antes de sua partida para a universidade. Nunca imaginara que o pai já tivesse sido casado antes. Havia muitas coisas que ignorava sobre seu próprio passado e o passado do pai. Ela começou a estremecer, mas tratou de se controlar. Não era a heroína de algum romance ordinário, com segredos sinistros à espreita em segundo plano. Mas por que tinha o intenso e terrível pressentimento de que não apenas havia coisas que ignorava, mas também coisas que não queria saber? Que absurdo! Apenas sentia-se cansada da longa viagem, passando mal das drogas espaciais.

Não, era mais do que isso. Voltava agora ao planeta em que nascera, há mais de vinte e cinco anos terráqueos. Margaret tinha apenas vagas recordações. Pensar a respeito provocava uma sensação de desconforto, uma ligeira dor de cabeça e a impressão que se captava do ar pouco antes de uma tempestade. Havia muitos fatores perturbadores. Seu pai era senador por Darkover, mas não residia no planeta. Pelo que a filha sabia, nunca mais pusera os pés ali desde que partira, mais de vinte anos antes. A mãe que conhecera pela maior parte de sua vida não era de fato sua mãe. Dio mantivera-se intransigente, recusando-se a revelar mais que umas poucas generalidades a respeito de sua mãe verdadeira.

Houve um momento de silêncio, rompido apenas pelo aviso de que o pouso fora concluído sem qualquer contratempo. Em seguida, um técnico inepto em questões de comunicações informou sobre as providências para o desembarque, levando os passageiros no compartimento a comentarem o fato óbvio de que haviam chegado. Era como se não pudessem acreditar em qualquer coisa que não fosse comunicada por alguém.

— Estamos no Espaçoporto de Thendara, em Cottman Quatro. Os passageiros com este destino final devem desembarcar o mais depressa possível. Nossa escala aqui será breve. Por isso, os passageiros para Wolf, Phi Coronis Quatro, devem permanecer em seus lugares. Os passageiros para a Estrela de Sagan, Quitai e Greenwich devem desembarcar aqui e consultar um atendente uniformizado da Força Espacial sobre as informações de trânsito para seu destino final. Por favor, preparem-se para o desembarque imediato. Um atendente médico visitará cada compartimento para aplicar uma dose de hiperdrome nos passageiros que continuarão em viagem e nos que estão embarcando neste momento. Repito. Estamos no Espaçoporto de Thendara. Os passageiros para...

Margaret ignorou a ligeira dor de cabeça, assim como o desejo de enfiar um pano no alto-falante para silenciá-lo. Ignorou a comichão dos emplastos no pulso esquerdo. Começou a soltar as correias que a prendiam na poltrona, ansiosa para se afastar do cheiro e som da espaçonave o mais depressa possível. Isto é, não tão ansiosa quanto em outras ocasiões. O senso de apreensão

persistia, no fundo de sua mente. Teve de fazer um esforço para desviar sua atenção. Assim que ficou livre das correias, ela se virou para seu companheiro de viagem.

O professor Davidson ainda abria suas correias, um tanto desajeitado. Tinha os olhos um pouco vidrados devido às drogas e, como sempre, parecia um pouco desorientado. Margaret observou-o lutar com uma fivela e mordeu seu lábio. A primeira coisa que notara, ao conhecê-lo, havia sido suas mãos... lindas mãos, como as de um anjo em algum quadro antigo. Estavam agora tortas e encarquilhadas, mal conseguiam dedilhar os acordes mais simples numa guitarra. Parecia ter acontecido da noite para o dia, mas ela tinha certeza de que o processo fora mais lento. Ivor Davidson podia tocar quase que qualquer instrumento musical desenvolvido por humanóides — e até alguns de não-humanos — mas sempre fora um caso perdido com coisas simples, como trincos e fivelas... e detestava se Margaret o lembrava de sua inépcia. Ao final, ele assumiu uma expressão de desamparo, derrotado por aquela coisa estúpida. Ela sentou, com um pouco de vertigem, no breve fluxo de hipotensão de postura, e inclinou-se para ajudá-lo, no instante em que um comissário de bordo entrava no compartimento.

— O que eu faria sem você? — perguntou ele, o rosto moreno e encarquilhado se desmanchando num sorriso que nunca deixava de encantá-la, mesmo quando o professor a irritava.

— Contrataria outra assistente, é claro — respondeu Margaret, secamente.

A crescente dependência de Ivor a afligia, mais do que queria admitir. Era como se a estada de um ano em Relegan tivesse drenado seu último vigor, deixando para trás apenas uma casca vazia. Margaret fazia um esforço para não deixar transparecer o sentimento de desamparo e raiva que sempre experimentava quando pensava em seu rápido declínio. Devia a Ivor Davidson mais do que jamais seria capaz de retribuir. Não em qualquer coisa tão vulgar quanto créditos, mas em afeição e lealdade. Durante seu primeiro e terrível ano na universidade, quando se desesperava em busca de alguma matéria a que pudesse se dedicar sem tédio ou frustração, conhecera Ivor na biblioteca. Ela cantava baixinho, para

irritação de alguns estudantes próximos... e completamente inconsciente do que fazia. Ivor a convidara para um teste, efetuado com absoluta meticulosidade, depois a levava para sua casa. Ele e a esposa Ida haviam-na estimulado como música e como mulher, inculcando-lhe um senso de confiança que jamais conhecera com Dio e o Velho. Ao final, Ivor lhe conseguira uma bolsa de estudos, tornara-a primeiro sua protegida, depois assistente. Era o tipo de posição muito apreciado nos círculos universitários, e Margaret sabia que devia se considerar afortunada.

Ela estremeceu um pouco ao recordar como era insegura naquele tempo. Tivera de recorrer a uma grande parte de sua energia para escapar da inexplicável combinação de distanciamento e superproteção do pai. O casal fizera com que se sentisse bem-vinda, como já acontecera antes com gerações de estudantes, em suas longas carreiras universitárias. Ida lhe ensinara os costumes da cultura universitária, Ivor lhe ensinara musicologia e inculcava sua paixão pelo assunto. Ambos lhe dispensaram uma afeição incondicional, como ela nunca conhecera antes... e da qual desconfiara a princípio. A persistência do casal dera certo. Em algum momento, ela deixara de ser uma arisca jovem Colonial para se tornar uma respeitada estudiosa. Era diferente de tudo o que imaginara quando vivia em Thetis, mas gostava de seu trabalho e amava o idoso professor.

Durante mais de dez anos os Davidsons foram sua família. Sentia-se abençoada por tê-los encontrado. Thetis, seu mundo de origem, fora relegado para o fundo da mente, lembrado apenas quando tinha de preencher os vários formulários em que a burocracia terráquea parecia viciada. Empenhara-se com afinco em apagar toda e qualquer memória do pai, aquele velho amargo e silencioso, até mesmo de sua gentil e risonha madrasta, um contraste tão grande com os ânimos sombrios do senador.

Quando recordava a infância, Margaret pensava em geral nas coisas agradáveis. O murmúrio das águas de Thetis, deslizando pela praia da ilha em que viviam; o perfume das flores que na primavera desabrochavam na frente da casa; o sabor do primeiro delphina apanhado no verão; a intensa cor azul das azuras; as flores de

casamento em Thetis, ornamentando os cabelos claros dos noivos. A cor das azuras sempre fazia sua garganta se apertar na iminência de lágrimas, sem qualquer motivo que pudesse perceber. Margaret tinha um estoque grande de imagens assim, porque passara sozinha uma grande parte de sua infância. O senador e Dio podiam se ausentar por meses a fio, o que proporcionava a ela um alívio culpado. Sentia-se sempre ansiosa quando o pai estava presente. Apesar de tudo, só tinha uma vaga idéia do que ele realmente fazia... e nenhum interesse. O que era estranho, agora que pensava a respeito. Os poucos amigos que fizera na universidade demonstravam uma intensa curiosidade por seus pais, sentiam muito orgulho por tudo o que eles faziam.

— Não, minha cara, não creio que isso pudesse acontecer. — A voz de Ivor Davidson interrompeu seu devaneio perturbado. — Não me acostumaria a ter alguém novo ao meu lado. Torço para que isso não precise ocorrer. O que é egoísmo de minha parte, eu sei. Deveria pensar em você, em seu futuro, não nos meus interesses. Uma linda jovem como você deve ter um namorado ou vários, criar filhos, em vez de aturar os caprichos e resmungos de um velho. Mas a verdade é que eu não poderia continuar sem você... e me sinto muito contente porque veio comigo.

Margaret fitou-o com um princípio de apreensão. Compreendeu que vinha evitando como ele se tornara velho, vinha negando sua crescente decrepitude. Velho aos noventa e cinco anos... como algum pré-histórico. O último tratamento de rejuvenescimento não pegara, não dera certo. Suas mãos, as mãos de anjo, começavam a se transformar em pedra. Ela mal podia suportar. Ivor, por favor, pare de envelhecer...

— Não diga bobagem! — Margaret falou em tom incisivo, para disfarçar suas emoções. — Aquela horrível hiperdrome sempre o deixa melancólico. Vamos sair logo deste caixão voador.

O comentário final, feito infelizmente com sua voz normal, a voz treinada de uma cantora, valeu um olhar irritado de um dos passageiros que permaneceriam a bordo. Ela sentiu que corava até as raízes dos cabelos vermelhos. Baixou a voz para acrescentar:

— Vai se sentir melhor depois de um drinque e um banho. Cottman IV era descrito como primitivo nas poucas informações que ela conseguira encontrar, mas Margaret sabia muito bem que isso significava apenas, no burocratês terráqueo, que não havia lanchonetes em cada esquina, ou uma videoteca em cada casa.

Ela teve uma súbita e nítida lembrança de uma enorme tina de banho, numa sala que recendia a alguma coisa que não podia determinar. Um homem alto passou pela porta. Era esguio e tinha os cabelos claros, meio prateados. Havia alguma coisa nele que provocou um frio no estômago em Margaret. Ela estremeceu toda.

Fez um esforço para excluir a imagem perturbadora. Concentrou sua energia em criticar mentalmente a politicagem do departamento e o financiamento acadêmico por enviá-los a Darkover. Haviam acabado de voltar de um ano extenuante em Relegan. Depois de um breve mês de descanso, chegara a ordem do diretor do Departamento de Música. Deviam partir às pressas, despreparados e ainda exaustos, para salvar o departamento de uma situação crítica. Todo o trabalho entre os releganos tivera de ser abandonado ou entregue aos cuidados de associados, só porque um colega chamado Murajee se envolvera em algum escândalo. O diretor, dr. Van Dyne, ambicioso e politicamente conivente, decidira enviá-los porque não havia mais ninguém disponível com as credenciais necessárias para realizar o trabalho. Seria isso ou perder o financiamento... e o dr. Van Dyne jamais perdia nenhum financiamento.

Ela ficara bastante frustrada ao tentar obter informações sobre Cottman IV. Fora muito estranho, e Margaret encarara o problema em termos pessoais. Deparara sempre com a indicação de "Confidencial" nos registros na biblioteca da universidade. Tentara usar os códigos de acesso do pai, mas fora em vão. Enviara uma mensagem a Dio, pedindo informações, mas não recebera qualquer resposta até a partida.

Quase que parecia que os computadores haviam sido armados para mantê-la na ignorância. O que era um absurdo, é claro. Margaret obtivera uma fita de linguagem básica, um disquete sobre os costumes da Cidade Comercial e um texto em papel do que

desconfiava ser uma peça de ficção, embora procedesse da seção de história. Mas Minha Excursão por Vários Mundos, de Claudean Tont, parecia mais com um romance do que com qualquer outra coisa. Ela descobrira que Cottman IV era um Protetorado, não uma colônia típica, e que as informações a respeito eram quase todas inacessíveis. E quase que desejara ter dispensado mais atenção aos ocasionais acessos de loquacidade do pai.

Só que agora sentia-se cansada demais para se preocupar com um problema insolúvel. Pendurou no ombro esquerdo sua sacola de vôo. Pegou também a de Ivor e ajeitou-a no outro ombro. Pegou ainda os mantos para todos os tempos, que pareciam bem leves, mas não eram. Só queria agora tirar aquele detestável uniforme de pesquisadora e vestir o traje que os nativos costumavam usar, qualquer que fosse. A universidade reprovava seus representantes que "viravam nativos", mas ela tinha experiência suficiente para saber que a melhor maneira de realizar a pesquisa de campo, coletando amostras da música local, era parecer tão comum quanto possível. Era essa a missão que a trouxera até Cottman IV, e que se danassem as normas rígidas e prejudiciais.

Entraram num corredor verde, que descia em espiral. A náusea de Margaret voltou, com todo o impacto. Ela apertou com força os mantos em suas mãos. Depois do que pareceu uma eternidade de escadas, rampas inclinadas e corredores, cujas paredes mudavam de cor por algum motivo que só era conhecido dos construtores da espaçonave, alcançaram o portal e saíram para uma vasta extensão pavimentada.

Uma súbita lufada de vento gelado, com algumas gotas de umidade, ardeu nos olhos de Margaret, para logo depois se desvanecer. Passou pelo tecido do uniforme, deixando-a enregelada. Ela parou, ignorando o murmúrio de alguém por trás, e ajeitou um manto nos ombros de Ivor. O passageiro impaciente resmungou um protesto e contornou-os. Margaret observou-o se encaminhar para o conjunto de prédios imperiais no outro lado da pista, quadrados e ominosos.

Mais além havia um horizonte estranhamente familiar. O imenso sol vermelho se encontrava na beira do céu, mas não dava

para saber se era poente ou nascente. O senso de orientação de Margaret, em geral confiável, parecia não funcionar direito ali. Não sabia qual era a hora local, embora provavelmente tivessem avisado no comunicado do desembarque. Fora uma estupidez. Deveria ter prestado mais atenção.

O sol era como uma bola sangrenta no céu e manchava de carmim os prédios próximos. Margaret contraiu os olhos para contemplá-lo. A sensação de déjà vu quase a fez cambalear. Lágrimas afloraram a seus olhos. Ela piscou depressa para reprimi-las, alegando para si mesma que era apenas o vento gelado contra seu rosto que as provocara.

Por que não? Nasci aqui, no final das contas. Não voltei mais desde que parti aos quatro ou cinco anos de idade. Mas não tem nada de estranho que eu reconheça o sol, embora não esperasse qualquer reação. Meu pai é o senador de Darkover... como eu poderia ignorar este sol? A dor de cabeça, um resquício da aplicação de hiperdrome, aumentou abruptamente, a tal ponto que havia pontadas terríveis por trás dos olhos. Ela sussurrou uma coleção de imprecações, nas diversas línguas que conhecia, antes de se adiantar apressada para alcançar o professor. Cada passo fazia com que a dor aumentasse ainda mais. Margaret olhou para trás, observando o sol. Teve a sensação de que alguma coisa no fundo de sua mente perturbada tinha medo daquele sol, como se despertasse lembranças que ficariam melhor se continuassem sepultadas.

Encontraram o prédio da administração e entraram na fila. "Apreste-se e espere" era uma frase tão verdadeira agora quanto nos dias malfadados em que fora criada. Fora do vento intermitente e longe do sol, Margaret descobriu que sua dor de cabeça passara. Concluiu que devia estar ainda mais cansada do que imaginara. Um funcionário entediado carimbou seus vistos e autorizações. Com um aceno de mão, indicou um corredor, quase idêntico aos outros que eles já haviam percorrido.

Depois de algum tempo, avistaram uma placa que os orientou para a área de bagagem. A bagagem mínima e as embalagens especiais, contendo a guitarra de Ivor e a pequena harpa de Margaret, esperavam numa plataforma. Ela rompeu os lacres e

removeu metros e metros de plástico cinza biodegradável. Era um material horrível, mas não se permitia que qualquer outra coisa entrasse ou saísse dos planetas da classe D. Poucas horas de exposição ao sol, mesmo o sol fraco de Darkover, reduziriam aquele plástico a alguns gramas de material, que poderia ser queimado sem deixar resíduos. Margaret jogou tudo na lixeira indicada. Tirou do pulso os dois emplastos de medicamento e também jogou-os fora. Entregou a Ivor a caixa com a guitarra, depois pendurou em suas costas a harpa numa capa de pano. Pegou as duas malas. Ivor passou a guitarra de uma das mãos à outra, enquanto ela se convertia numa besta de carga. Sabia que até mesmo o peso mínimo da guitarra era doloroso para Ivor, mas ele não renunciaria à decisão de carregá-la. Afinal, o instrumento tinha quase duzentos anos, feito pelas mãos de um artesão morto há muito. Ivor apreciava aquela guitarra como outros homens poderiam amar uma mulher.

Os dois seguiram por corredores e setas, até saírem para um crepúsculo frio. Margaret sentiu-se um pouco melhor, agora que tinha noção da hora. Precisavam resolver o problema de alcançar o lugar em que deveriam se hospedar na Cidade Velha de Thendara, sem o conforto de um bom transporte terrestre. Ela sabia, pelas gravações que escutara, que não havia transporte aéreo e veículos motorizados ali.

À frente havia um muro alto, feito com blocos de concreto terráqueos. Através de uma abertura em arcada, Margaret divisou uma área com calçamento de pedras, iluminada por tochas, num tremendo contraste com a intensa claridade da luz artificial na área do espaçoporto. As duas fontes de luz se cruzavam, formando imensas sombras. O medo que ela conseguira repelir para o fundo de sua mente retornara agora, inundando-a de apreensão. Neste lado do muro ela sabia quem era; mas, no outro, Margaret desconfiava, não tinha a menor idéia de quem podia ser. Havia um profundo pressentimento de que se tornaria diferente assim que cruzasse a fronteira... e a perspectiva não era nada atraente.

Foi nesse instante que uma rajada de vento a envolveu, fazendo-a recordar seus deveres. Aquele não era o momento para ficar parada ali com uma crise de nervos! Margaret engoliu em seco,

enquanto os cabelos esvoaçavam em torno de seu rosto. Largou as malas e enfiou os cabelos por dentro da gola do uniforme, em movimentos bruscos. Era um alívio ter alguma coisa com que se irritar... os cabelos despenteados! Ela tornou a pegar as malas e encaminhou-se para o portão, com Ivor logo atrás, demonstrando um cansaço evidente.

Capítulo Dois

Assim que passou pelo portão, Margaret tornou a largar as malas e vestiu seu próprio manto. Ajeitou também o manto de Ivor, passando-o por cima da guitarra, da melhor forma possível. Sabia que esfriaria muito mais depois que o sol sumisse. Como vinham do calor tropical de Relegan, o frio ali era quase doloroso. Ivor fitou-a com a angústia estampada em cada ruga do rosto. Margaret nunca o vira com uma aparência tão velha, cansada e doente. Ela mordeu o lábio e virou o rosto.

Olhou ao redor, à procura de alguma forma de transporte, talvez uma carroça, ou mesmo um triciclo. Era ali que ficava o ponto de táxis nos outros espaçoportos que ela conhecia. Avistou apenas dois jovens atentos, vestindo túnica e calça, com mantos que desciam abaixo dos joelhos. Observou-os com interesse, mas também com cautela. Os rapazes sustentaram seu olhar com uma franca curiosidade.

— Ei, dona, quer ajuda com suas coisas? — gritou um deles.

O rapaz usou o pidgin da Cidade Comercial, como se pensasse que ela ignorava sua língua, e achasse que falar mais alto pudesse suprir a falta de conhecimento. Margaret conseguiu entender o que ele dizia, embora o sotaque fosse maior do que nas fitas que ouvira. O outro rapaz segurou o primeiro bruscamente e lhe sussurrou alguma coisa, em tom de urgência. Depois se adiantou, fez uma pequena reverência, meio desajeitada.

— Posso servi-la, domna?

O sotaque era mais parecido com as fitas. Margaret sentiu-se um pouco menos desamparada. A reverência a incomodava, assim como a súbita mudança de atitude, mas sentia-se cansada demais para pensar a respeito agora.

— Eu esperava encontrar algum tipo de transporte.

O primeiro rapaz, o mais alto, pareceu achar que isso era muito engraçado. Ela acrescentou:

— Uma carroça, um cavalo, qualquer coisa.

— Não vai encontrar nada disso aqui — respondeu ele, no tom categórico de alguém muito jovem.

Margaret sentiu-se tola e um pouco irritada.

— Posso entender...

O segundo rapaz lançou um olhar furioso para o primeiro.

— Eu poderia ir buscar uma charrete de aluguel, mas é mais fácil ir a pé. A hospedaria fica logo ali.

Ele apontou para a beira da praça. Havia um pequeno grupo de prédios horríveis, a sessenta ou setenta metros de distância. Tinham um estilo arquitetônico terráqueo inconfundível, parecendo fortalezas, intimidativos.

— Não vamos ficar na hospedaria.

Margaret mexia a boca em padrões que pareciam certos, mas os sons saíam com dificuldade. No passado, ela sabia, devia ter sido fluente, ou pelo menos tão fluente quanto uma menina de cinco anos podia ser. Mas, como nem o Velho nem Dio falavam outra coisa que não o Padrão Terráqueo em Thetis, ela quase esquecera o que sabia. Pior ainda, ela compreendera, ao ouvir as gravações, que sua mente parecia resistir a absorver as palavras. Por isso, tinha de fazer um tremendo esforço, como nunca acontecera antes.

— Conhecem o caminho para a Rua da Música?

Havia alguma coisa errada com a formulação da frase, Margaret tinha certeza, mas o rapaz entendeu o significado. Seus olhos se arregalaram um pouco. Ela quase que podia ouvi-lo pensar: por que essas pessoas estão indo para lá? Margaret tratou de reprimir sua imaginação, achando que era demais.

— Claro, domna.

A resposta era polida, mas dava para perceber a grande curiosidade do rapaz.

— Fica longe? Meu companheiro está muito cansado. Viajamos muito. O que era a pura verdade.

— Não muito, para quem não se importa de andar. Longe demais para terráqueos. O que vão fazer na Rua da Música?

Uma rajada de vento entrou pela nuca de Margaret, agitou os cabelos vermelhos soltos, desprendendo os últimos grampos, ao lado das orelhas. Os cabelos esvoaçaram sobre seu rosto,

prejudicando a visão. Ela largou as malas no chão para ajeitar os cabelos, enquanto os rapazes observavam, divertidos. Com algumas imprecisões que esperava que eles não entendessem, Margaret puxou os cabelos para trás com os dedos gelados. Prendeu-os num nó. Um dos rapazes recolheu os grampos caídos e lhe entregou. Uma das poucas coisas que a madrasta ensinara sobre seu planeta de origem é que andar nas ruas com os cabelos soltos era a marca registrada das prostitutas, um convite a problemas. Era estranho, pensou ela agora, que Dio tivesse lhe dito isso.

— Vamos para a casa de Mestre Everard na Rua da Música. Conhecem o caminho até lá?

— Podemos levá-los.

O oferecimento, do segundo rapaz, foi bastante cortês, mas Margaret sentiu-se apreensiva. Suas malas continham poucas roupas, a maior parte do espaço ocupada por discos compactos e equipamentos de gravação. Num mundo de baixa tecnologia como aquele, constituíam uma riqueza de valor inestimável. Para não mencionar toda a confusão que haveria se fossem roubados. Ela e Ivor eram substituíveis; a reposição dos equipamentos seria um pesadelo de formulários e trâmites burocráticos. O pensamento levou-a a sentir raiva, como acontecia com freqüência, da arrogância e paternalismo terráqueo.

Margaret sabia que se sentia cansada demais para pensar direito. Acabou compreendendo que sua ansiedade era uma decorrência da privação de sono. O que não era tão difícil assim de compreender. Afinal, há dias que não dormia de verdade.

O segundo rapaz era moreno e tinha um rosto que parecia honesto. Mas depois de tantos meses convivendo com não-humanos, Margaret já não confiava mais em sua capacidade de avaliar rostos. E um vigarista, em princípio, tinha um rosto honesto. Era o instrumento fundamental para o exercício de sua profissão. A cada minuto o frio aumentava. Ela não podia mais continuar indecisa. Ivor não seria capaz de suportar, mesmo que ela conseguisse.

— Vá em frente, MacDuff — disse Margaret, com mais vigor do que sentia.

Ela própria pegou as malas, ainda cautelosa, porque os rapazes podiam ser ladrões. Foi o moreno quem respondeu:

— Não conheço os Macduffs. Eu sou MacDoevid. Conhece algum Macduff, Jeremy?

— Não. — Jeremy acenou com a mão para a bagagem que Margaret carregava. — Quer uma ajuda?

— MacDoevid, hem? — Margaret ignorou o oferecimento por pura teimosia. — Professor, será um parente seu?

O velho forçou um sorriso contrafeito. Vinha encontrando dificuldades para acompanhar a conversa, o que era patente em seu rosto. Não respondeu de imediato, até que entendeu a pergunta. Levava algum tempo para os sons fazerem sentido em sua mente, Margaret sabia.

— É bem possível. Os filhos de Davi sempre foram uma tribo que se espalhou por toda parte.

Ivor falou com um sorriso espontâneo, como se achasse aquela situação muito divertida. O rapaz chamado MacDoevid inclinou a cabeça para o lado e observou o velho.

— O que ele disse?

Havia um brilho de interesse em seus olhos, curiosidade e inteligência combinando. Margaret suspirou. Ivor sempre tivera dificuldades para aprender os dialetos locais. Uma das muitas maneiras pelas quais Margaret lhe era valiosa estava em sua capacidade de aprender novas línguas num instante. Ela sabia que aprendia apenas o simples e básico. As fitas de ensino de línguas só ofereciam as frases típicas que os arrogantes turistas terráqueos consideravam importante conhecer: Onde fica o espaçoporto? Quanto custa isto? Além de outras perguntas igualmente frívolas, mas universais. Apesar disso, ela conseguira alcançar um conhecimento rudimentar da língua darkoviana comum. Ivor arrumara um disco com complexos termos musicais, mas ela ainda não tivera a oportunidade de ouvir, por causa da pressa com que haviam partido. Além do mais, os termos musicais não teriam qualquer utilidade com aqueles rapazes. Margaret respirou fundo, disciplinando-se a andar devagar, embora o vento frio ao pôr-do-sol a deixasse com vontade de se apressar.

— Permitam-me fazer a apresentação — disse ela, escolhendo as palavras com todo o cuidado. — Professor Davidson, este é o jovem MacDoevid. Os nomes são parecidos.

Margaret enfatizou os sons vogais, para que o rapaz pudesse entender melhor. Foi recompensada por um aceno de cabeça e um brilho nos olhos, indicando que ele entendera. Era evidente que se tratava de um rapaz inteligente.

— Ah, espere só até eu contar a meu pai! — exclamou o rapaz. — Mas o que é "professor"?

Margaret compreendeu que, por insuficiência de vocabulário, usara o termo terráqueo. Pelo pouco que apreendera até agora, não encontrara nenhuma referência a uma universidade darkoviana. Por isso, não tinha um termo equivalente para usar. Seu cérebro cansado esquadrinhou palavras por um momento, antes de perceber que a resposta era muito mais simples do que imaginara a princípio.

— Ele é... um mestre. De música.

Ela sentiu-se satisfeita com a resposta. A informação ao mesmo tempo respondia à pergunta e explicava por que iam para a Rua da Música. Ivor fitou-a com uma expressão de fadiga e desamparo. Jamais fora capaz de dominar o pidgin. Passaria semanas balbuciando as coisas como um bebê aprendendo a falar, esperando que Margaret traduzisse tudo. Até que certa manhã despertaria falando a língua quase como um nativo. Começaria então a ter conversas intermináveis, para compensar. Mas ele não permanecerá aqui por tempo suficiente para que isso aconteça.

Margaret repreendeu-se no mesmo instante. De onde viera esse pensamento? Não acreditava em premonições; tais convicções eram ilógicas, não condiziam com uma pessoa estudiosa. Apenas sentia-se exausta e preocupada com seu companheiro de viagem. E também sentia frio e fome, o que tornava seus pensamentos ainda mais sombrios. Passariam um ano ou mais em Darkover. Ivor logo estaria bem, assim que chegassem à Rua da Música. Se ao menos ela fosse capaz de se livrar do sentimento de medo que a vinha corroendo há semanas... Se fosse capaz de entrar em contato com Dio, tinha certeza de que não se sentiria tão apreensiva. Por que a madrasta não respondera a nenhum dos seus caríssimos telefaxes?

Dio sempre respondera o mais depressa possível antes. E se tivesse acontecido alguma coisa com ela... ou com o Velho? Pare de criar problemas que não existem, disse Margaret a si mesma, furiosa.

Eles deixaram para trás o muro em torno dos prédios do espaçoporto. Passaram agora por uma estrutura de pedra cinza que deixou Margaret toda arrepiada quando a contemplou. Era quadrada, silenciosa e assustadora, com todas as janelas para a rua fechadas.

— O que é isso? Uma prisão?

Mesmo enquanto falava, ela já sabia que não era isso. Havia alguma coisa extremamente familiar e vil naquele prédio.

— Não. Esse é o lugar em que metem as crianças extras. Os terráqueos são muito estranhos. Levam as crianças para lá e vão embora.

Foi Jeremy quem respondeu, a voz jovem vibrando de condenação.

— O que ele está querendo dizer, domna, é que esse prédio é o orfanato — acrescentou MacDoevid, a voz um pouco mais profunda que a de seu amigo, na crescente escuridão.

Margaret podia ver agora um letreiro iluminado, que dizia: Orfanato John Reade Para os Filhos de Espaçonautas. Mas claro! Ela já vivera por trás daquelas janelas fechadas, quando era pequena, sozinha e desamparada. Mas o pai não era um espaçonauta. Era um senador imperial. E nunca fora um espaçonauta, até onde ela sabia. Portanto, não fazia sentido. Por que ela nunca fora capaz de se lembrar antes? Seu estômago se contraiu, teve de engolir em seco várias vezes. Apesar do ar frio, sentiu o suor brotar na testa e debaixo dos braços. Por que o Velho e Dio haviam sido tão reservados?

Pare com isso! Deve haver motivos, provavelmente bons motivos, para que nunca me contassem qualquer coisa sobre este mundo. E nunca pensaram que eu voltaria a Darkover, não é mesmo? Nem sequer sabem que estou aqui neste momento, a menos que tenham recebido minha última mensagem. Talvez pensem que continuo enclausurada na universidade, muito feliz, ou em algum outro lugar, realizando pesquisas musicais. E talvez nem

imaginem que preciso deles agora. O Velho anda ocupado demais com o Senado, enquanto Dio está... não, não posso ficar imaginando coisas. Dio vai muito bem. Apesar da insistência lógica de que a madrastra estava muito bem, Margaret continuou a experimentar um desagradável pressentimento de que havia alguma coisa errada... e não gostou nem um pouco.

— Mas que idiotice! — MacDoevid deu um tapa de leve no ombro do outro rapaz. — Crianças extras! Pare de se mostrar ou contarei à tia como foi grosseiro. Depois do castigo, ela não o deixará mais vir receber as espaçonaves.

— Vocês vêm aqui todos os dias? — perguntou Margaret, tão exausta e desorientada para tentar encontrar algum sentido no aparte.

— Não, domna, apenas quando há uma espaçonave de passageiros. Muitas espaçonaves pousam aqui, mas a maioria não é de passageiros.

O cérebro cansado de Margaret demorou um momento para registrar que ele se referia a espaçonaves de carga e em trânsito, que eram visitantes mais comuns e freqüentes em Darkover. O planeta tinha uma posição ideal como ponto de escala, mas a maioria das pessoas que por ali passava nunca deixava a área do espaçoporto.

— Ganhamos dinheiro para carregar bagagem — explicou ele, gesticulando sugestivo para as malas que Margaret, obstinada, ainda insistia em carregar. — Só podem fazer isso pessoas que o diretor conhece. Ele avisa quando alguém vai desembarcar aqui, porque nos conhece e sabe que somos de confiança. Os estranhos podem ser ladrões.

Era como se o rapaz soubesse que ela relutava em entregar sua carga justamente por causa desse medo. Margaret tinha algum dinheiro local na bolsa na cintura. Retirara da agência na universidade da casa de câmbio Rothschild & Tanaka toda a sua reserva da moeda usada em Cottman. Era o equivalente a cerca de doze créditos padrões. O quanto isso representava na economia local era algo que ninguém lá fora sabia. Margaret tentou concentrar o cérebro atordoado em canais que pudessem ser úteis. O que

deveria dar aos dois rapazes por servirem como guias, sempre presumindo que não seriam levados para algum beco escuro e roubados. Ela tratou de descartar esse pensamento como indigno. E concluiu que Jeremy com certeza não teria a menor hesitação em lhe dizer se fosse sovina demais. Ele parecia muito espontâneo. Margaret não podia deixar de invejar sua segurança.

À frente, ela avistou outro muro, mais baixo do que o anterior. Parecia separar o abominável orfanato do resto da cidade. Passaram sob uma arcada em que se refestelava confortável um guarda, num uniforme de couro preto. Ele acenou para os rapazes, como se fossem conhecidos, lançou para Margaret e o professor não mais que um olhar indiferente. Ela calculou que o guarda sempre via todos os poucos turistas que passavam por ali. Depois da arcada, foram andando entre casas de pedra e ruas que pareciam se encontrar nos ângulos mais extravagantes. Não era de admirar que não tivessem veículos motorizados. Aquelas ruas eram estreitas demais para qualquer carro terráqueo.

O frio era ainda mais intenso agora. Parecia penetrar nos ossos de Margaret, mesmo através do manto. O agente um tanto rabugento no serviço de viagens da universidade informara relutante que era primavera em Cottman IV, o que transmitira a Margaret a noção de um clima quente e fragrante, não aquela realidade gelada. Ela invejou as confortáveis túnicas de lã dos rapazes. Quando eu vivia aqui, devia usar esse tipo de lã, além de peles. Acho que tinha uma túnica de pele quando era muito pequena... engraçado nunca ter me lembrado disso antes. Era cor de ferrugem, a mesma cor dos cabelos da minha mãe.

Margaret sacudiu-se. Era muito estranho pensar que a túnica tinha a mesma cor dos cabelos da mãe. A memória era esquiva, tênue e angustiante. Ela não foi capaz de conter um tremor. Depois, um pequeno sorriso contraiu seus lábios por um segundo. Como gostaria de ter uma túnica de pele agora! Margaret tentou dissipar a inquietação que a lembrança da túnica lhe trouxera. Em vez disso, pensou num comentário que Dio fizera, anos antes:

— Os terráqueos podem voar entre as estrelas, mas ainda não foram capazes de inventar qualquer fibra sintética que seja tão

confortável quanto lã ou seda. E como eu gostaria que eles parassem de tentar!

Isso fez com que se sentisse melhor, apesar do tecido do uniforme que adería ao corpo. Em teoria, deveria ser confortável com qualquer tempo ou em qualquer clima. Como acontecia com muitas teorias, no entanto, funcionava melhor no laboratório do que no campo. Era típico da paixão terráquea pela tecnologia e seu desdém pela natureza. O traje para todos os climas era um conceito, como o "tamanho único que se ajusta a todo mundo", provavelmente inventado por algum idiota que nunca deixara o ambiente de um prédio terráqueo com ar condicionado. Apesar da fadiga, Margaret já começava a se sentir melhor. Havia um elemento bastante satisfatório em escarnecer mentalmente dos terráqueos e sua afeição pelo que não era natural.

— Gostaria de me ajudar amanhã, Mestre MacDoevid? Seria depois da escola.

Os dois olharam para ela. Margaret compreendeu que tinham o mesmo sobrenome. Não foi o moreno quem respondeu, mas o louro e mais alto. Ele tinha cabelos quase vermelhos à luz das tochas. Exibiu um sorriso tímido e murmurou:

— Meu pai é que é Mestre MacDoevid, domna. Sou apenas Jeremy. E não vou à escola. Mas ficaria honrado em servi-la.

Ele fitou-a à claridade que se derramava de uma casa de vinhos próxima. Margaret olhou para a placa na porta. Mostrava o que parecia ser uma árvore, com uma coroa em cima. Até aquele momento, o verdadeiro significado da expressão "pré-letrada", que era como as escassas informações descreviam a cultura darkoviana, não fora absorvido por sua mente. Uma coisa era saber de algo em termos intelectuais, outra muito diferente era conhecer a realidade.

Margaret ficou um tanto surpresa consigo mesma, ao compreender que inconscientemente presumira que os jovens ali freqüentavam a escola durante o dia, embora soubesse que isso não acontecia em muitos planetas. Ela se tornara uma acadêmica. Apesar de ter realizado muito trabalho de campo com Ivor durante os últimos dez anos, ainda pensava nas coisas como uma pessoa da universidade, não uma mulher de Thetis ou Darkover. E, por algum

motivo, imaginara que o mundo de seu nascimento seria mais como a universidade ou Thetis. Era uma descoberta profundamente desconcertante. Margaret compreendeu que teria de passar algum tempo repensando as coisas.

Um pensamento indefinido a perturbava. Ela fez uma pausa, para tentar determinar o que era. Levou um momento para perceber que era o título honorífico que o rapaz usava com uma certa persistência: *domna*. Aprendera que deveria ser tratada de *mestra*, o equivalente a "senhora" ou "senhorita". Mas o termo usado por Jeremy tinha outro significado, que podia ser mais ou menos traduzido como "Nobre Dama". Por que ele a chamava assim? E por que o tratamento lhe despertava um sentimento peculiar, quase como se pudesse lembrar de alguém que era chamada por esse título? Sentia o cérebro cansado demais para procurar a resposta.

— Preciso comprar algumas roupas... bem quentes, para mim e para meu professor. Sabe onde posso encontrar?

O rapaz sorriu.

— Claro. Somos ambos da Rua da Agulha, o que significa que sabemos muito de roupas. — Ele suspirou. — Nossos pais estão no ofício. Posso levá-la até a casa de MacEwan, que é o melhor alfaiate da Rua da Agulha. Ele terá o maior orgulho em lhe fazer algumas roupas, *domna*.

— Ele também é nosso tio — acrescentou o outro rapaz, tão baixinho que Margaret quase não ouviu.

— Um bom comerciante sempre mantém os negócios em família quando é possível — comentou ela, calmamente.

Margaret não conseguia entender o rapaz moreno, que se mostrava ao mesmo tempo muito curioso e antagônico. Jeremy tinha uma atitude cordial, o que já não acontecia com seu primo... e devia ser esse o relacionamento entre os dois, se ambos eram sobrinhos do tal MacEwan. Mas ela estava cansada demais para pensar direito. Quase que podia sentir as emoções do rapaz, como o vento ardendo em sua pele, mas não dava para adivinhar os motivos. O rosto astuto, o nariz afilado e os olhos penetrantes eram cautelosos e esperançosos ao mesmo tempo. Talvez alguma mulher de sua família tivesse sido seduzida ou desonrada por um terráqueo.

Era uma história que se repetia com uma frequência absurda nos mundos humanos. Os terráqueos eram famosos por seu desrespeito aos costumes locais. Bebês in-desejados ou sem pai eram muito comuns por todo o território do antigo Império. Onde quer que pudessem acasalar-se com outras mulheres, os terráqueos não hesitavam. E os mundos de baixa tecnologia não se destacavam pelo controle da natalidade.

— Geremy é um puxa-saco — resmungou o rapaz moreno.

— E Ethan gosta de discutir. Provavelmente vai acabar se tornando um juiz.

— Essa não! — protestou Ethan. — Eu vou ser...

Ele parou de falar abruptamente. Margaret percebeu o profundo anseio em seus olhos. Já vira essa expressão com frequência nas ocasiões em que trabalhara como professora. Sabia que envolvia uma ambição tão preciosa que até mesmo falar a respeito com uma pessoa estranha era angustiante.

— Ethan é aprendiz da guilda dos tintureiros, mas o que ele quer realmente é ser um espaçonauta.

Geremy recebeu um violento soco no ombro por essa revelação. Margaret não riu. Era evidente, pelo rosto de Ethan, que ele esperava ouvir suas gargalhadas. Eram bons rapazes, pensou ela, o tipo de irmãos que gostaria de ter, se o Velho e Dio tivessem outras crianças. Embora não tivesse o menor desejo pessoal de viajar entre as estrelas, Margaret compreendia que o rapaz queria fazer outra coisa que não seguir a tradição da família. Jamais imaginara quando pequena que acabaria recolhendo criações musicais em mundos de que nunca ouvira falar. Sabia, no entanto, que nunca desejara ser mãe ou esposa.

Margaret sabia também que ela própria, quando tinha a idade presumida de Geremy, teria preferido morrer em vez de admitir sua ambição secreta de se tornar uma famosa bailarina ou atriz. Podia rir agora de seu eu mais jovem, mas nunca riria daquele rapaz tão solene.

— É muito difícil se tornar um espaçonauta — comentou ela, muito séria. — A primeira coisa que se deve fazer nesse sentido é

conseguir uma boa educação, com uma atenção especial para a matemática.

Ethan estudou-a com uma cautela óbvia, avaliando-a como ela o avaliara pouco antes. Ele pareceu concluir que Margaret o levava a sério, o que fez com que se empertigasse mais um pouco. Uma lua surgia no céu, projetando sombras escuras sob seus olhos. Parecia uma ametista contra o céu escuro. Ela tentou recordar seu nome. O cérebro cansado recusou-se a cooperar. Jeremy estudava-a com uma expressão pensativa.

— Você é Terranan?

— Não diga bobagem — interveio Ethan. — Qualquer um pode perceber que ela não é Terranan.

— E não sou mesmo — informou Margaret. — Venho de um mundo chamado Thetis. É um lugar adorável, com muitas cascatas e imensos oceanos. Vivemos em ilhas nas quais o vento sopra quente, trazendo o cheiro da maresia e o perfume das flores.

Margaret sentiu uma súbita saudade de Thetis. Surpreendeu-a por sua intensidade. Descobriu-se a pensar no pai, contemplando as ondas com uma taça na única mão que lhe restava. Em sua mente, viu os olhos escuros do senador se desviarem do mar para observarem-na, quase como se sentisse sua presença através dos anos-luz que os separavam. Ela sacudiu a cabeça, de volta ao presente. Nasceria em Darkover, era verdade, mas o mundo de seu coração ainda era Thetis.

— Nem mesmo sei qual é a estrela neste céu. Mas já visitei muitos mundos. Sou uma música.

— Esteve mesmo em vários planetas? Por favor, deixe-me carregar sua bagagem. Será que... será que se importaria de me contar tudo?

Ethan sorriu, numa repentina transformação, o rosto radiante no interesse. Margaret entregou as malas, esquecendo os temores anteriores em sua exaustão. Conhecia aquela ânsia de viajar. Às vezes parecia ser um impulso universal em todas as crianças da Terra. Ela própria o experimentava, apesar de sua aversão à viagem em si. Pôs-se a falar, a princípio hesitante, procurando as palavras certas. Até que de repente ocorreu um salto mental, como se ela

descobrisse um inesperado reservatório de linguagem à espreita nos recessos de sua mente, como se alguma barreira fosse rompida. Era espantoso, porque passou a usar palavras que não constavam do vocabulário restrito que aprendera nas gravações. Mas não eram tanto as palavras que a impressionavam, e sim o ritmo, que parecia fluir de seus lábios com a maior facilidade agora.

Depois de alguns minutos, Margaret compreendeu que possuía um vocabulário maior do que poderia ser explicado por viver em Darkover durante seus primeiros cinco anos de vida. Aquele não era o léxico de uma criança, mas sim o de uma pessoa adulta. Chegou à conclusão de que devia ter ouvido Dio e o Velho conversando durante a noite, enquanto dormia, já que as paredes das casas em Thetis eram finas e leves, para deixar as brisas passarem, sussurrando. Fora assim que aprendera o doce ritmo da música. Era bem provável que, se tivesse oportunidade de usá-la antes, estaria falando como uma pega, a ave falante. Pega... Era um dos apelidos que Ivor costumava usar, para zombar de sua solenidade quando se encontrava deprimida.

Todos esses pensamentos afluíram em sua mente, enquanto falava de Thetis, do mundo universitário de Coronis, onde estudara, de Rigel Nove, e o Congresso da Confederação, onde seu pai ajudava a formular as leis que regiam a Federação Terráquea. Falou também sobre Relegan, o último planeta que visitara em companhia de Ivor, e sobre qualquer outra coisa que afluíra em sua mente cansada.

O rapaz se mostrava tão sério que Margaret sequer tentou "inventar". Ele fez várias perguntas sobre metais e mecânica. Ela sentiu-se contente, pela primeira vez, por "Tecnologia Básica das Grandes Espaçonaves" ser uma cadeira obrigatória no primeiro ano de todos os cursos. A Federação inteira guarnecia suas espaçonaves ao alimentar a curiosidade de jovens como Ethan. Margaret não disse que ele nunca poderia deixar seu mundo sem instrumentos básicos de leitura e escrita, que jamais lhe seriam disponíveis, a julgar pelas placas simples na frente das lojas.

As ruas pareciam um pouco mais largas agora, as estruturas de pedras. As portas de madeira eram pintadas com cores brilhantes.

Havia por toda parte um cheiro de pedra úmida, esterco de animais e lixo. Passaram por um restaurante. O cheiro de comida era quase irresistível. Margaret constatou que sentia muita fome agora. Ainda por cima, o cheiro era familiar. Quase que podia dar o nome do prato, embora não o comesse desde que era bem pequena. Ora, diziam que o cérebro médio — e o sentido do olfato era uma parte bastante primitiva dele — jamais esquecia qualquer coisa. Talvez fosse verdade.

Margaret ignorou a fome e o cansaço. Forçou-se a continuar a distrair o rapaz... ou instruí-lo. O Professor Davidson quase que cambaleava a seu lado, ouvindo sem muita atenção. Jeremy conseguira de alguma forma persuadi-lo a entregar sua guitarra, e agora lhe emprestava seu braço também.

— Será que ainda falta muito, Margaret? Estou começando a ficar um pouco sem fôlego.

— Não sei. Estamos perto da Rua da Música, Ethan?

— Só mais uma rua, vai domna.

Era um novo título honorífico. Margaret sabia vagamente que significava algo como "Altamente Honrada Dama". Era o que devia ser usado para uma Princesa ou Guardiã. Mas o que é uma Guardiã? Ela sentiu que a resposta se achava à beira de seu consciente, uma coisa de vital importância que não podia captar, em sua exaustão quase total.

— Só mais um pouco, Ivor.

Margaret falou em Padrão Terráqueo para que o professor não tivesse dificuldade para entender. Virou-se em seguida para Jeremy e acrescentou, em seu darkoviano muito melhorado, porque uma chuva fina e gelada começara a cair nos últimos minutos:

— Será ótimo sair logo do frio e da chuva. Passamos o último ano num mundo muito quente, e é difícil suportar a diferença, entende?

Este lugar parece mais frio do que os infernos de Zandru... Ele tem açoites ou algo parecido, não é?

As lembranças nebulosas eram irritantes agora. Margaret não podia mais distinguir entre o que era recordação e o que aprendera

com os discos de linguagem e cultura. Desistiu de tentar e desejou que a mente a deixasse em paz até que pudesse comer e dormir.

— Parece muito tarde. Seus pais não ficarão preocupados?

Os rapazes pareciam bem jovens, e as sombras escuras das ruas davam a impressão de estar repletas de perigos em potencial.

— Não. A Rua do Pano, onde moro, fica a poucos minutos daqui. E só tenho de voltar para casa uma hora depois do pôr-do-sol.

— E você, Ethan?

— Moro ao lado de Jeremy. Nossos pais são irmãos. Todos já conhecem os nomes de todos aqui. Só falta o seu, domna.

— Tem razão. Esqueci de me apresentar. Meu nome é Margaret Alton.

Ela enunciou seu sobrenome como fosse escrito Elton, da maneira como era pronunciado na universidade, como se acostumara a dizê-lo por muitos anos.

— Alton... é um bom nome e antigo.

Ethan pronunciou-o da mesma maneira que o senador. Margaret experimentou uma estranha emoção ao ouvi-lo corretamente. O rapaz também parecia impressionado. Ela especulou se Ethan sabia que seu pai era o senador de Darkover. Parecia bem provável. Mas ela sentia-se cansada demais para especular a respeito.

Eu sabia que ela era uma comynara... tinha certeza!

As palavras penetraram na mente de Margaret como uma alfinetada, deixando-a atordoada. Esse tipo de coisa já lhe acontecera algumas vezes, em particular quando se sentia cansada, mas nunca com tanta nitidez e intensidade. Ela olhou para os dois rapazes, mas não pôde determinar qual dos dois pensara aquelas palavras. Refletiu que isso não tinha importância.

— Falta muito?

— Não — respondeu Ethan. — É aqui.

Eles viraram a esquina para uma rua estreita, em que havia placas com desenhos de vários instrumentos musicais penduradas na frente de quase todas as casas.

— A Rua dos Músicos.

O rapaz fez uma pequena reverência e acenou com a mão, como se fosse um mágico. Ele se mostrava tão satisfeito consigo mesmo que Margaret, apesar da exaustão, não pôde deixar de rir... e Ethan riu também.

Capítulo Três

Havia casas em ambos os lados da rua. Na maioria das portas havia desenhos de uma variedade surpreendente de instrumentos musicais. Margaret identificou uma espécie de harpa, várias flautas de madeira e um instrumento que tinha uma vaga semelhança com um violino. O formato era diferente, mais alongado, o suficiente para que ela tivesse certeza de que o som seria sutilmente diferente de qualquer coisa que ela conhecia. A rua era mal iluminada, por tochas e pela lua, mas dava para ver aparas de madeira e fragmentos diversos espalhados sobre as pedras arredondadas do calçamento. Num clima menos úmido, haveria um terrível risco de incêndio, mas ali Margaret duvidava de que os detritos jamais pudessem ficar bastante secos para se tornarem perigosos.

O cheiro era bom. Os pedaços de madeira exalavam fragrâncias agradáveis, a neblina que umedecia o ar era limpa, o aroma de comida no fogo saía de trás das portas pintadas. Eram odores tão familiares, depois de dias na espaçonave, que Margaret quase chorou de prazer. Não podia se lembrar de jamais ter reagido com tanta intensidade a qualquer chegada anterior a outro planeta. E isso a deixou nervosa. Não era um sentimento desagradável, mas inquietante, como se houvesse memórias pairando à beira de seu consciente, tênues imagens que não podia captar.

De trás de uma porta, ou talvez da enorme janela de veneziana ao lado, vinha o som de um grupo ensaiando com instrumentos de corda. Alguém tocou uma nota errada; Margaret estremeceu. Como em resposta, uma voz de baixo protestou, furiosa.

— Esse é Mestre Rodrigo — informou Geremy, o formalismo anterior esquecido por completo agora. — É autoritário demais, mas dizem que será o sucessor de Mestre Everard, porque é melhor músico que o filho de Everard, Erald. Ele é mesmo muito bom. Ouvi-o cantar no Solstício do Inverno e fiquei todo arrepiado. É quase o melhor cantor de Thendara, exceto por Ellynyn Ardais... e Ellynyn é comyn e emmasca., embora tenha uma voz maravilhosa.

Margaret considerou essas palavras. Não constavam das fitas da Linguagem Comercial da Cidade de Thendara, mas ela tinha certeza de que sabia o que emmasca significava. Já ouvira os famosos castrati do mundo do prazer de Vainwal e quase podia desejar que a prática fosse legal em outros mundos. Tinham a reputação de serem as melhores vozes do Império. A alteração seria legal em Darkover? Ou será que nasciam assim, o que quer que fossem? O outro termo permanecia um mistério; já o conhecia, mas alguma coisa parecia bloquear sua capacidade de compreender o significado.

E foi nesse instante que ela percebeu que Ivor não se encontrava mais ao seu lado. Olhou ao redor. O professor fora se postar sob uma das placas da rua, e estudava o desenho de um violino de estranho formato. Margaret balançou a cabeça, foi trazê-lo de volta ao meio da rua. Ivor murmurava feliz para si mesmo, fazendo perguntas que respondia quase que no mesmo instante. Ao alcançarem os rapazes, que esperavam pacientes, Margaret perguntou:

— Quer dizer que a posição de mestre é em geral transmitida de pai para filho?

O cérebro podia estar cansado, mas parecia que a língua funcionava no piloto automático, continuando a fazer perguntas. Os rapazes trocaram um olhar e deram de ombros. Foi Ethan quem respondeu:

— Às vezes. Depende da habilidade ou falta de habilidade do filho. Os MacArdis e os MacArans são mestres na Guilda da Música há muito tempo. Assim como os MacEwans e os MacCalls são mestres alfaiates, enquanto os MacDoevids são os melhores tecelões de Thendara. Erald MacArdis não vai se importar, porque a coisa de que mais gosta é vaguear por toda parte e registrar as canções que ouve. Minha irmã Becca casou com o irmão de Rodrigo. Por isso, ouço muitos comentários sobre o círculo musical quando ela nos visita. Faz alguma coisa parecida, domna?

— Faço exatamente isso. Mas, se me perdoa por perguntar... não sei o que é ou não grosseria aqui... sua família não preferia que

Becca casasse na guilda das roupas? Por que ela casou com alguém de fora?

— Porque ela canta como um passarinho. E se atrapalha toda com um tear! Até eu sei tecer melhor do que ela... e já sabia quando tinha apenas dez anos. — Gostaria que não fosse assim, para poder fazer o que eu quero... mas como diz mamãe, nem sempre fazemos o que queremos! — Mas ouvi-la cantar... é sempre um grande prazer!

— Neste caso, espero ter a oportunidade de ouvi-la — comentou Margaret.

O rapaz sorriu para ela, à luz bruxuleante das tochas. Ele se tornava muito bonito quando sorria. E a emoção por trás de seus pensamentos era muito forte... embora provavelmente Margaret apenas estivesse imaginando tudo.

— O pai deixou-a casar fora da guilda, quando Becca ameaçou fugir de casa e se juntar às Renunciantes, se ele não permitisse.

Margaret especulou que tipo de ameaça era essa, o que eram as Renunciantes, e a que renunciavam. Mas não fez a pergunta que aflorou a seus lábios. Ivor começava a cambalear de novo, o corpo tremia, perdido o interesse anterior pelo estranho instrumento musical.

— Mestre Everard mora aqui perto?

— Bem ali.

Geremy seguiu na frente para a casa indicada, no meio da rua estreita. Era um pouco maior do que as demais casas, mas não oferecia qualquer outra indicação à primeira vista de ser diferente. A porta tinha o desenho de uma harpa estilizada e outro de uma gaita de foles. Geremy largou as malas no chão e subiu os três degraus. Bateu na porta. Depois de uma breve espera, uma mulher bem agasalhada, na casa dos cinquenta anos, abriu a porta e espiou, contraindo os olhos.

— Ah, é você, meu jovem. O que deseja agora?

— Trouxe os hóspedes do espaçoporto. São pessoas importantes que vieram das estrelas. — Geremy estufou o peito estreito numa demonstração de orgulho. — Onde está Mestre Everard, Anya?

— Como? Agora? Tem certeza? — Ela olhou para Margaret e balançou a cabeça. — Daqui a pouco o velho vai esquecer o próprio nome! Mas entrem, entrem! Que confusão! Eu só esperava vocês nos próximos dez dias. Mas acho que posso dar um jeito.

Anya pareceu em dúvida por um momento, mas logo se lembrou das boas maneiras.

— Vamos, saiam logo do frio, mestra e... não é Mestre Doevidson, não é mesmo?

Ela deu ao nome a pronúncia local, em vez da terráquea.

— Não. Sou sua assistente.

Margaret olhou ao redor. Descobriu que Ivor fora para o outro lado da rua, onde examinava o instrumento pintado na janela fechada de uma loja. Sua respiração parecia um tanto ruidosa. Ela torceu para que o velho professor não pegasse um resfriado... ou algo pior. Ivor parecia tão pequeno e frágil à luz das tochas que Margaret sentiu um aperto no coração.

— Ela é Margaret Alton, Anya — informou Jeremy, obviamente sentindo que devia fazer as apresentações.

Margaret ouviu as palavras quando conduzia Ivor através da rua, gentilmente. Ao levantar os olhos, percebeu que Anya também se mostrava surpresa com seu nome. E muito curiosa... como acontecera com os rapazes há poucos minutos. Não dera maior importância antes, mas agora, ao recordar a reação dos dois, especulou o que poderia significar, se é que alguma coisa. Um nome bom e antigo, dissera Ethan. Devia ser um patronímico comum, com Altons espalhados por toda parte.

Mas poderia pensar nessas coisas mais tarde. Agora, ela se preocupou apenas em levar Ivor para a claridade e o calor da casa. Ele se apoiava em seu braço.

— Vamos entrar. Está muito frio para continuar na rua examinando as placas.

— É verdade, minha cara. Tem toda razão... mas será que os desenhos são acurados, ou uma representação estilizada? Lembra que em Delphin vimos os desenhos das trompas sagradas, mas os instrumentos reais eram muito diferentes? Não posso acreditar que haja aberturas de efes como estas.

— Não vamos discutir a respeito esta noite. — Margaret levou-o para dentro da casa. — As aberturas podem esperar até amanhã.

Como uma criança exausta, Ivor desvencilhou-se de sua mão, e voltou aos degraus para olhar de novo.

— Mas nunca vi nada parecido. Que tipo de som eles conseguem com aberturas em forma de estrela? E que tipo de madeira...?

Margaret teve vontade de gritar de cansaço e impaciência. Quase perdeu o controle ao segurar o manto do velho professor e dar um puxão brusco.

— Já chega por esta noite! Entre logo, Ivor. Estou com frio, você também. Vai acabar doente se continuar lá fora, e depois não poderá fazer mais nada.

— Moira! Raimon! — gritou Anya, jovial. — Venham buscar a bagagem! Temos hóspedes!

Ela dava a impressão de que era de alguma forma culpada pela ausência das pessoas que chamava. Margaret teria rido se não se sentisse tão cansada. O pequeno alpendre estava um pouco apertado, com Jeremy, Ethan e as malas, mas tudo logo se resolveu. Os rapazes entregaram a bagagem ao homem que apareceu — devia ser Raimon — e Ethan pôs a preciosa guitarra de Ivor dentro da casa, ao lado da porta, fora da passagem.

Margaret abriu a bolsa no cinto. Tirou duas moedas prateadas e entregou uma a cada rapaz. Eles trocaram um olhar, aturdidos, e Jeremy disse:

— Domna, isto é demais.

Ela sentia-se cansada demais para discutir.

— Não importa. Vocês voltarão amanhã para me levar a seu tio que é um mestre alfaiate. Talvez queira que me levem também a outros lugares. Posso esperá-los depois da refeição do meio-dia?

— Claro. Ambos estaremos aqui. — Jeremy balançou a cabeça em admiração. — Tudo o que precisar, nós a ajudaremos a encontrar. O irmão de Ethan trabalha para o melhor fabricante de botas de Thendara e... É melhor falar sobre isso depois, não é mesmo?

Ele desceu os degraus. O outro rapaz esperava lá embaixo. Enquanto os dois se afastavam pela rua, Margaret ouviu Jeremy comentar:

— Está vendo? Eu disse que ela era comynara...

Aquela palavra de novo! Ela entrou na casa e fechou a porta. Encostou na madeira, exausta. Empurrou o capuz para trás. Os cabelos vermelhos caíram, puxados pelo tecido úmido, grudando nas faces e no pescoço. Seu crânio latejava com uma terrível dor de cabeça. O maravilhoso aroma de comida era suficiente para deixá-la ansiosa de fome. Ao mesmo tempo, tinha certeza de que nunca se sentira tão cansada em toda a sua vida.

Anyá, roliça como uma pomba, e os outros criados estavam parados, olhando espantados para ela, como se tivesse de repente desenvolvido uma segunda cabeça. Margaret fez um esforço para sorrir, preparando-se para pedir alguma coisa para comer, assim como um lugar em que pudesse dormir, o mais depressa possível.

Margaret espreguiçou-se numa cama bastante grande para acomodar três ou quatro pessoas com todo o conforto, exultante com tanto luxo. Depois de vários dias na poltrona estreita da espaçonave, ou em cubículos nas escadas, era mesmo sensacional. E era muito maior do que a cama em seus aposentos na universidade. Os terráqueos podiam considerar que Darkover era um planeta atrasado, mas em questão de boas camas ninguém podia deixar de reconhecer que eram muito civilizados. Ela olhou pela pequena janela. A primeira claridade vermelha do sol nascente a despertara, roçando em suas pálpebras como uma suave carícia. Uma das poucas coisas que o pai lhe contara sobre Darkover, ela refletiu agora, era mesmo acurada. Jamais acreditara antes, mas era verdade: o grande sol vermelho de Darkover era mesmo da cor de sangue. O "sol sangrento" era descritivo, não uma hipérbole poética.

Ela empenhou-se agora em reconstituir os acontecimentos da noite anterior. Fora servido um ensopado quente, de uma carne que parecia de veado, acompanhado por um pão duro, obviamente de fabricação doméstica. Margaret comera sem poder saborear direito, porque nos intervalos entre as mordidas tinha de servir como intérprete para Ivor e Mestre Everard MacArdis. O professor

memorizara todos os termos musicais em suas gravações, mas tinha uma pronúncia horrível. Às vezes Margaret tinha a maior dificuldade para entender o que ele dizia. Ivor não tinha o tom musical natural da dicção darkoviana — o que iria adquirir em poucas semanas — e sua pronúncia do Padrão Terráqueo era lamentável.

Muitas palavras continuavam a aflorar na mente de Margaret, coisas que deveria ter aprendido quando era criança, ou ouvira os pais dizerem através das paredes finas de sua casa. Mas podiam se misturar de tal forma que às vezes ela precisava parar no meio de uma frase por vários segundos, antes de poder continuar. Mais ainda, sentia-se um pouco perturbada pelas circunstâncias em que encontrava palavras que "conhecia", mas cujo significado lhe escapava. Por que teria um bloqueio mental para algumas palavras mas não para outras?

Fora extenuante a experiência de ser a parte intermediária numa conversa a três, com dois idosos músicos, ansiosos em trocar informações. Margaret até que ficara contente, quando Ivor começara a cabecear de sono. Mestre Everard pedira desculpas por seu entusiasmo, antes de chamar Anya para levá-los a seus aposentos. Margaret gostara à primeira vista do mestre de música, sentindo-se à vontade em sua casa.

Ela deixou que as lembranças agradáveis da noite passada se desvanecessem, e voltou a se concentrar em seu problema com a língua. Claro que a conhecia, e compreendia quase tudo. Devia outrora ter sido fluente... o que era compreensível, porque fora sua primeira língua. Sabia que o casta se originava do gaélico, espanhol e inglês... mas não era mais parecido com essas línguas do que o inglês com o antigo germânico.

Outra memória se enroscava no fundo de sua mente, como uma serpente enrolada. Era um tanto vaga, além de desagradável. Tinha alguma relação com aquele prédio horrível, o Orfanato John Reade. Ela se arrepiou à recordação. Não era um mau lugar, apenas muito rigoroso e frio. E ninguém devia falar o darkoviano dentro de suas paredes. A diretora — Margaret não se lembrava de seu nome, apenas que era muito rígida e exigente — era intransigente nesse ponto. Lavava a boca das crianças com sabão, se as ouvia falando

casta ou qualquer outro dialeto. Só deveriam falar o Padrão Terráqueo, nada mais.

Ela riu para si mesma. Devia ser essa a origem de sua dificuldade... uma espécie de aversão à língua de sua infância. Margaret quase que podia sentir o gosto do sabão. Só que não era mais uma criança, e a diretora há muito que devia ter deixado o orfanato, morta ou aposentada. Satisfeita por ter resolvido o enigma, ela deixou sua mente vagar por outros assuntos mais agradáveis.

Pensou no maravilhoso banho quente que tomara antes de deitar. A enorme e fumegante tina com água quente era muito parecida com as que existiam em sua memória. Dissolvera por completo as dores do corpo e os cheiros repulsivos da viagem espacial. Gervis, um criado que ela não conhecera ao chegar, cuidara de Ivor. Margaret descobrira aliviada que ele sabia muito bem como tratar de um velho exausto e rabugento.

A jovem, Moira, conduziu-a para seu quarto e arrumara suas coisas. Ao sair do banho, ela encontrara o pequeno gravador e os discos empilhados com todo o cuidado sobre uma arca. Havia uma camisola de flanela estendida na cama. Era muito usada, mas estava limpa, os punhos bordados e a gola levantada. Margaret ficara feliz por poder vesti-la, em vez de dormir sem nada, ou usando o horrível tubo de fibra sintética de fabricação terráquea, considerado apropriado para as viagens espaciais, que trouxera na mala. Limpa, aquecida, o corpo acariciado pela flanela macia, ela adormecera num instante... ou melhor, perdera a consciência quase antes mesmo de puxar as cobertas até o pescoço.

Agora, enquanto o sol vermelho iluminava o quarto, ela sentou na cama e examinou os bordados nos punhos da camisola. Minha madrastra usava algo parecido quando eu era pequena; eram borboletas bordadas. Não, espere um pouco... Não era Dio, mas outra pessoa. Por que pensei que era Dio? Tudo lhe parecia muito familiar e estranho ao mesmo tempo. Margaret estremeceu ligeiramente; embora a casa fosse aquecida, ainda assim o frio era bem maior do que estava acostumada. Mas sentia-se confortável, aspirando o ar fresco e o cheiro da camisola. Havia também uma

fragrância que usavam nas roupas de cama — ela tinha certeza de que lembraria o nome em um ou dois minutos — que a fazia se sentir segura. A mente jamais esquecia qualquer coisa, ela sabia, mas encontrava-se agora assediada por inúmeros fragmentos desordenados de lembranças, vagas e esquivas, como mosquitos voando em torno de seu rosto.

Eu costumava sonhar com um sol tão vermelho como este. E Anya ficou me olhando da maneira mais estranha durante toda a noite, quase como se me conhecesse. Mas por quê? Não pareço muito com meu pai. O senador tem cabelos escuros e olhos cinzas; meus cabelos são vermelhos e os olhos amarelos... "como uma gata", ele sempre dizia, quando estava de bom ânimo... ou bêbado. Não há uma semelhança física, pelo menos não com meu pai. Então deve ser o meu nome! Margaret descobriu que não queria se aprofundar nessa possibilidade. Havia alguma coisa ali que a deixava apreensiva.

Com quem eu pareço? Não com minha madrasta. Não temos nenhum parentesco, embora ela sempre me tratasse como se eu fosse sua verdadeira filha. Margaret projetou afetuosa uma imagem mental de Diotima Ridenow-Alton, uma imagem que já tinha muitos anos. Viu uma mulher pequena, os

cabelos claros como seda amarela, olhos verde-cinza sempre risonhos. Ao completar dez anos, Margaret já era quase tão alta quanto sua pequena madrasta. Sempre se sentira enorme e desajeitada ao lado de Dio.

Sua última noite em casa, anos antes, aflorou em sua mente. O senador sentava em sua enorme poltrona, olhando através da varanda para o mar enfurecido. Thetis era um planeta tranquilo, mas às vezes as tempestades surgiam de repente e desabavam sobre a praia, belas e assustadoras. O Velho costumava contemplar o vento e o mar nessas ocasiões com um evidente fascínio.

— Nunca vi nada parecido até deixar Darkover — murmurara ele, a única mão segurando a taça.

Margaret detestava quando ele bebia, quando contemplava a fúria do mar, e quando era dominado por uma raiva interior, decorrente de alguma dor que jamais revelava e nunca ficara

curada. Sempre podia senti-la se agitando dentro daquele homem, o estranho a quem chamava de pai, e se arrepiava toda. Às vezes o pai dava a impressão de que queria lhe dizer alguma coisa, e Margaret sabia, de alguma forma, que não queria ouvir. Era quase como se pudesse ler a mente do pai, ouvir as palavras que ele ainda não dissera.

Essa sucessão de pensamentos deixou-a inquieta. Margaret empurrou as cobertas para o lado, relutante, e levantou-se. Ao tirar a camisola, o frio no quarto provocou um arrepio. Vestiu um dos outros uniformes que trouxera, embora sem a menor vontade, calça preta e uma túnica que descia até os joelhos. O material deslizava contra a pele, de uma forma que nada tinha de natural, mas pelo menos servia para aquecê-la. Depois de fechar tudo, ela suspirou.

Hoje providenciaria roupas mais apropriadas para o clima e menos obviamente terráqueas. Não queria passar todo o seu tempo respondendo a perguntas de curiosos. Escovou os cabelos, prendeu-os numa trança, mal olhando para sua imagem no espelho. Não gostava de ver o seu reflexo, nem mesmo em vitrines de lojas. Havia alguma coisa em espelhos que a deixava nervosa. Era uma reação tão antiga quanto podia se lembrar.

Enquanto arrumava os cabelos, Margaret especulou por que queria tanto usar trajes locais. Não era muito por desprezar as fibras sintéticas. Afinal, usava aquele uniforme há mais de dez anos, e sentia o maior orgulho de ser reconhecida como uma pesquisadora da universidade. Era um privilégio que conquistara, ao qual dava o maior valor... pelo que representava, não por si mesmo. Não queria ser notada em Darkover, concluiu ela. Era quase como se tivesse medo de ser vista, como se algum perigo pudesse estar à espreita nas ruas sinuosas de Thendara. Um absurdo, é claro, mas ela não podia escapar por completo ao sentimento.

Enrolou a trança num coque, que cobriu a nuca. Prendeu-o com grampos. Era assim que Dio usava seus abundantes cabelos amarelos. Uma ocasião, quando tinha cerca de nove anos, Margaret empilhara os cabelos no alto da cabeça. Isso deixara o senador enfurecido, sem qualquer razão que ela pudesse compreender. Dio, sempre apaziguadora, explicara que mostrar a nuca era considerado

indecoroso. Ela ficara toda corada enquanto falava, deixando Margaret com a impressão de que havia alguma coisa horrível relacionada com cabelos soltos e a nuca à mostra. Mais tarde, quando ingressara na universidade, descobrira que havia literalmente centenas de coisas que eram consideradas tabus em algum mundo ou outro... por exemplo, comer com a mão errada, ou comer alimentos que tinham um formato errado. Nem precisava fazer sentido. Costume era costume.

Por outro lado, não havia qualquer menção a esse costume nos discos sobre Darkover que ela obtivera. Para ser mais precisa, refletiu Margaret agora, ao pôr grampos extras no coque, não havia muitas informações sobre coisas úteis. Ela sabia, por exemplo, que o governo existente em Cottman IV era feudal em sua organização, mas os detalhes a respeito eram escassos. Havia um rei, ao que tudo indicava, ou alguma espécie de regente. Também havia referências a famílias poderosas. Os discos de estudo, na verdade, tratavam mais dos preconceitos terráqueos do que da cultura darkoviana propriamente dita.

Margaret, soltando outro suspiro, pegou o gravador e seu transcritor. Ditou suas anotações sobre a conversa entre Mestre Everard e Ivor na noite anterior. Sabia que não omitira nada importante, mas ouviu tudo desde o início para ter certeza. Depois, prendeu o pequeno aparelho no cinto e desceu.

Na cozinha, Anya cumprimentou-a com a maneira estranha, quase deferente, que demonstrara na noite anterior, quando Margaret sentia-se cansada demais para fazer uma anotação mental e acrescentar à lista cada vez maior de perguntas e enigmas. A mulher não assumira a mesma atitude com Ivor. Ela pôs uma tigela com um mingau de aroma apetitoso na frente de Margaret. Esfregou as mãos calosas no avental, com uma expressão apreensiva. Depois, flexionou ligeiramente os joelhos.

A fome de Margaret afugentou a curiosidade. Ela agradeceu e devorou o mingau como uma jovem e saudável loba. Era delicioso.

O Professor Davidson desceu quando ela terminava uma segunda tigela. Parecia descansado e revigorado, mas havia uma certa palidez por baixo do seu bronzeado de Relegan. Não abotoara

direito a túnica de pesquisador e esquecera — ou então não fora capaz — de pentear os cabelos ralos. Quando haviam se conhecido, tinham quase a mesma altura, os olhos se encontrando no mesmo nível. Agora, o professor estava tão encurvado que mal batia no ombro de Margaret. Mas Ivor lhe ofereceu um sorriso, e ela fez um esforço para ignorar a vozinha que dizia haver alguma coisa muito errada. Mestre Everard apareceu, quando eles acabavam de comer.

— Dormiram bem? — perguntou ele, depois de cumprimentá-los.

— Muito bem, obrigado.

— O quarto não estava muito frio? Às vezes os hóspedes de outros mundos acham frio demais. Quando criança, estudei no Mosteiro de São Valentine. Às vezes acordávamos e encontrávamos neve sobre os cobertores. Decidi naquela ocasião que nenhum hóspede meu jamais sentiria tanto frio.

A voz era de barítono, ressonante. Margaret refletiu que ele devia ter sido um bom cantor na juventude. Era uma voz surpreendentemente profunda para um homem tão magro. Ele dava a impressão de que poderia sair voando numa rajada de vento mais forte. De qualquer forma, era alto e empertigado, apesar dos anos, em vez de encolhido e encurvado como o pobre Ivor. Margaret pôde avaliá-lo em cinco minutos de conversa, porque era muito parecido com vários dos acadêmicos que conhecia, e cuja companhia sempre apreciara. Tinha um queixo quadrado e muitas linhas do riso em torno dos olhos cinza, cabelos brancos e rugas de verdade, do tipo que deriva de fazer uma coisa que pode ser bastante difícil, mas também é muito satisfatória. Ela acalentava a esperança de ficar assim quando envelhecesse. Estava tão absorvida em seus pensamentos que quase perdeu uma pergunta de Ivor.

— Mestre Everard, ontem à noite fui dar uma olhada na loja daquele fabricante de instrumentos, no outro lado da rua. Fiquei impressionado com

o formato das aberturas... Ora, Pega, diga a ele! Eu gostaria de não ter tanta dificuldade para aprender novas línguas!

O uso do apelido carinhoso a deixou comovida. Ivor não o usava com freqüência desde que ela deixara de ser estudante.

Margaret fitou-o com uma intensa afeição, enquanto o velho professor levava uma colher com mingau à boca. Como ela era afortunada!

Mestre Everard esperava que ela explicasse a pergunta de Ivor com alguma confusão, a julgar por sua expressão. Margaret suspirou. Torceu para que a conversa não fosse uma repetição do que acontecera na noite passada. Ela traçou algumas linhas com a ponta do dedo na mesa, mostrando como pareciam as aberturas em efes num violino terráqueo.

— Tem certeza? — indagou ele, depois de pensar por um momento. -Nunca vi aberturas assim... dá uma boa música?

Margaret riu, jovial.

— Os terráqueos fazem música com essa configuração há milhares de anos. Por isso, eu diria que sim.

— E espantoso. Estou vendo que aprenderei muito durante a visita de vocês. O que é maravilhoso para mim.

— O que ele disse? — perguntou Ivor.

— Disse que é surpreendente que se possa fazer uma boa música com aberturas desse tipo... e foi até mais polido ao responder. Gosta de suas aberturas em formato de estrela. E disse que acha que vai aprender muito conosco. Tenho a impressão de que essa perspectiva lhe proporciona a maior satisfação.

— É mesmo?

— O mestre não é mais nenhum jovem. Provavelmente sabe mais sobre a música darkoviana do que qualquer outra pessoa... e por isso a oportunidade de aprender novas coisas deve ser muito atraente.

— Eu não havia pensado nisso.

Ivor parecia satisfeito. Sua cor melhorava enquanto comia. Margaret sentiu um certo alívio, porque não sabia se poderia agüentar uma doença do velho professor.

— Assim que acabarem a refeição matutina, poderemos continuar a conversa — sugeriu o mestre, falando bem devagar.

Margaret transmitiu a proposta ao Professor Davidson. Observou-o devorar o resto do mingau, indiferente à sua digestão

um tanto delicada. Era bom vê-lo tão ansioso, mas ainda assim ela gostaria que o velho fosse mais cauteloso.

Depois que o mingau acabou e eles tomaram uma sidra quente, Everard levou-os para uma sala na frente da casa. Era grande, ao lado do vestíbulo. Quando entrou ali, Ivor ficou radiante de alegria. Era muito distinto para bater palmas e pular de alegria, mas o brilho em seus olhos significava quase que a mesma coisa. Era uma sala para alegrar o coração de qualquer musicólogo da galáxia. O assoalho era de tábuas envernizadas, as paredes de lambris. Por todo e qualquer lugar para onde se olhasse, havia instrumentos musicais. Margaret quase que se sentiu contente, pela primeira vez, com o problema que impedira o Professor Murajee de viajar. Afinal, sem isso não conheceria aquela riqueza de instrumentos. A sala era um autêntico museu dos instrumentos musicais de Cottman IV. Everard, sem a menor sombra de dúvida, era um homem que tinha um senso da história. Ele explicou que a coleção fora iniciada por seu avô, mas acrescentou, com a devida modéstia, que não passava de um amontoado confuso quando era menino.

Iniciaram uma lenta excursão pela sala. O professor se controlou com toda a cortesia de que era capaz. Era muito estranho. Margaret nunca o vira tão impaciente, quase tremendo de ansiedade. Ela ficou tão absorvida na função de intérprete que mal teve tempo de apreciar pessoalmente os instrumentos. Lamentou não ter trazido a câmera ao descer para o desjejum. Mais ainda, lamentou não ter a oportunidade de experimentar diversos alaúdes, ou a pequena harpa, não muito diferente da que sempre levava em suas viagens.

Logo ficou evidente que Mestre Everard tinha a atitude de um curador de museu em relação à coleção, embora não fosse do tipo pomposo que faz com que as visitas a tais lugares sejam às vezes muito chatas. Cada instrumento era tratado como um velho amigo. Margaret ligou o gravador, enquanto ouvia histórias de fabricantes há muito falecidos, ou de flautas levadas para batalhas há tanto tempo que o próprio Everard não sabia se eram lendas ou fatos

reais. Ela nunca vira antes uma gaita de foles, embora soubesse de sua existência pelo curso de música primitiva na universidade.

Aqui, ela soube, a arte de tocá-las ainda era conhecida. Já desaparecera na Terra, onde ninguém vivo sabia tocar uma gaita de foles.

— Fazem um barulho infernal — comentou Mestre Everard. — Ouvi dizer que foram inventadas para assustar o inimigo... e imagino que uma gaita de guerra, tocada bastante alto, é capaz de afugentar um banshee, o pássaro-espírito.

Margaret perguntou detalhes sobre a maneira como eram tocadas. Mesmo que nada mais aprendesse, só isso já teria valido a viagem. A gaita de foles, porém, era o único instrumento de sopro, a não ser por umas poucas flautas de madeira; e também não havia metais, exceto por dois ou três instrumentos terráqueos importados, obviamente incluídos porque os darkovianos os consideravam exóticos. Fazia sentido que um mundo tão pobre em metal, como informavam os discos pedagógicos sobre Darkover, não desperdiçasse nenhum em tubas ou trombones.

Boa parte da manhã já passara, e a questão das estranhas aberturas nos instrumentos de cordas ainda não fora discutida. Em vez disso, Everard falou sobre os tipos de madeira usados, como era feita a afinação. Até que ele pegou, num nicho na parede, um pequeno instrumento parecido com uma harpa, que Margaret observara com intensa curiosidade. Ele disse que era uma harpa, mas Margaret ouviu o comentário, como um sussurro abaixo de sua respiração, que o instrumento era chamado de ryll.

— Estes instrumentos morrem se não são tocados.

Ele parecia ter esquecido que nem Margaret nem o Professor Davidson podiam saber qualquer coisa a respeito. Era quase como se falasse apenas para si mesmo, perdido em alguma recordação.

— Talvez pensem que não passo de um velho tolo. Os antigos fabricantes compreendiam essas coisas muito mais do que a atual geração. Diziam que é o espírito da árvore na madeira que dá vida ao instrumento. Uma árvore é uma árvore, vocês podem pensar. Talvez... mas a madeira é uma coisa viva, não como pedra ou argila. O próprio fabricante também acrescenta alguma coisa. E, se fica

associado a uma única pessoa por muitos anos, também adquire mais alguma coisa de seu contato.

Ele se mostrou um pouco contrafeito, como se notasse pela primeira vez a presença dos hóspedes. Margaret sorriu.

— Qualquer pessoa que conheça a fabricação de instrumentos musicais concordaria com o que acabou de dizer, Mestre. Tenho certeza muitas vezes de que minha harpa é uma coisa viva. Já Ivor tem um relacionamento com sua guitarra que deixaria sua espositiva, se ela fosse desse tipo de mulher.

Margaret ficou surpresa com sua eloquência, mas tão satisfeita com a crescente facilidade com que usava a língua local que não deu a menor importância. Everard soltou um pequeno suspiro.

— Minha esposa também sente um pouco de ciúme. Mas ela nasceu na Rua dos Curtidores, não foi criada com aparas de madeira na sopa, como dizemos por aqui. Esta ryll... — Ele usou o termo nativo, em sua ansiedade para contar a história. — ...é sem dúvida uma criança problemática. Pertenceu a uma mulher de excepcional talento e mais do que um pouco de loucura. .. dizem que era por causa do sangue chieri... uma mulher que tem um lugar de destaque na história de nosso mundo. Não é uma história das mais agradáveis, mas a vida é assim.

Ele fez uma pausa, perdido em seus pensamentos.

— Se você vence ou tem êxito no que tenta fazer, então é um herói; se não, é um vilão. É o que determina a história.

Sangue chieri?. Não era uma palavra que Margaret reconhecesse, mas provocou-lhe um arrepio.

— Mas o que há de tão estranho nessa... ryll ?

Ela podia sentir os dedos comichando de vontade de tocar a madeira sedosa. Tratou de repelir a inquietação e a curiosidade ao mesmo tempo. O instrumento a fascinara desde o momento em que entrara na sala. O velho soltou outro suspiro.

— Esta ryll me foi dada por um discípulo, há cerca de vinte anos, pela nossa contagem. Não sei como ele a obteve, mas trocou-a por uma flauta de madeira... uma troca desigual. Sentia-me tão ansioso em ficar com a ryll que não o interroguei como deveria ter feito... o que faria hoje, se ele aparecesse. Creio que foi feita por

Josef de Nevarsin. Ele talvez tenha sido o melhor fabricante de ryll que já existiu. Morreu há mais de cento e cinqüenta anos. Sei que Mestra Melora Alindair, que é uma de nossas melhores artistas líricas, pagou uma centena de reis, uma quantia bastante substancial, por um desses instrumentos com a assinatura do fabricante. Afinal, ela é uma dos MacArans, e eles conhecem instrumentos musicais. Claro que sei que existem falsificadores, até mesmo em nosso mundo. Mas se esta ryll não foi feita pelo próprio Josef, então só pode ter sido fabricada por um dos seus aprendizes. Josef tinha um jeito especial de cortar a madeira, perdido agora, que não era seguindo o lenho nem transversal. Dêem uma olhada aqui.

Ele indicou a haste vertical, onde a granulação subia em espiral, como se crescesse assim.

— Qualquer pessoa que pudesse reproduzir este corte hoje ganharia uma fortuna. Parece com as corredeiras no rio. Apesar de tudo isso, ninguém consegue arrancar uma melodia desta ryll. Não sou um mau harpista, mas não consigo tocá-la. E verdade que ela suspira um pouco quando o vento sopra forte, mas isso também acontece com muitos outros instrumentos; e se há raios, como acontece no verão, ela geme... quase como se estivesse tentando se manifestar.

Everard olhou hesitante para os dois. Como Margaret não exibisse qualquer sinal de desdém ou incredulidade, ele acrescentou:

— Emite sempre o mesmo acorde estridente, que é enervante para os meus alunos. Vou mostrar.

Ele estendeu a harpa sobre os joelhos. As mãos eram idosas e um pouco rígidas, mas ainda bastante flexíveis para dedilhar as cordas. Margaret sabia agora que Everard já passara dos noventa anos, tinha mais ou menos a idade do professor. Angustiava-a constatar que ele podia fazer com uma certa facilidade o que Ivor não mais conseguia. Everard pressionou as alavancas numa extremidade, e passou a outra mão pelas cordas; embora todos os outros instrumentos reagissem no mesmo instante a seu manuseio hábil, aquele emitiu apenas um zumbido baixo.

— Estão vendo? Nada além disso... o que nem chega a ser um som de harpa. Tome aqui. Experimente você.

Mestre Everard levantou-se e entregou o instrumento a Margaret. Ela sentou e estudou-o. A madeira de um amarelo claro era muito bonita, e as espirais na granulação, um pouco mais escuras, tornavam-na ainda mais bela. Ela acariciou a madeira, em busca de junções, mas nada encontrou que seus dedos sensíveis pudessem distinguir. Havia incrustações de madeira mais escuras num padrão decorativo sobre a caixa sonora e por baixo da haste horizontal. O cheiro da madeira antiga era agradável, com uma tênue familiaridade, como ocorrera com os temperos do ensopado servido na noite anterior. Por um momento, Margaret viu a mulher de cabelos vermelhos que às vezes freqüentava seu sono tocando uma ryll como aquela. Depois, passou a mão pelas cordas, ao mesmo tempo em que apertava as alavancas. Foi recompensada com uma súbita seqüência de arpejos, que pareciam com uma chuva da primavera em Thetis.

Margaret esqueceu os dois velhos, que a contemplavam com o maior espanto. Dedilhou as cordas, pensando num acalanto que aprendera em Zeepangu. Havia ali um instrumento não muito diferente daquele. Suas mãos se moviam de maneira quase involuntária; ela não pôde deixar de pensar que era como se a ryll estivesse tocando-a, não o contrário, pois o que saiu não foi a canção simples que tencionava. Teve uma visão do homem de cabelos e olhos prateados de seus antigos pesadelos, sentado numa enorme cadeira, toda esculpida. Seus sentimentos em relação ao homem, como sempre, eram uma mistura de medo e excitação. Por um breve instante apenas, divisou também o Velho, os cabelos não grisalhos como agora, mas ainda escuros. As duas mãos se projetavam de punhos bordados. Foi só um relance, a cena se desvanecendo logo em seguida.

A garganta de Margaret se fechou um pouco, os olhos arderam com as lágrimas. E depois as palavras forçaram a saída por seus lábios comprimidos. Ela engoliu em seco, tentando reprimi-las, pois eram estranhas, diferentes de tudo o que já cantara antes. Abruptamente, no entanto, a resistência desapareceu; ela deixou as palavras fluírem, apenas porque não podia impedi-las; o aperto na garganta acabou e se entregou à melodia, como se esta a possuísse.

Como surgiu este sangue em sua mão direita?
Irmão, quero que me conte, tem que me dizer.
É o sangue de um velho lobo cinzento,
Que espreitava de trás de uma árvore.
Nenhum lobo atacaria a esta hora do dia.
Irmão, quero que me conte, tem que me dizer.
É o sangue dos meus dois irmãos
Que aqui sentavam e comigo bebiam?

Os versos saíam por seus lábios sem interferência de sua vontade, um depois do outro. Margaret era como uma mulher em transe... dominada não sabia por quê.

Um tempo indefinido depois, ela se descobriu debruçada sobre a ryll, com um profundo sentimento de desorientação e presságio. A imagem do homem prateado tremeluzia diante de seus olhos. *Eu o conheço; já nos encontramos em meus sonhos. Ele me carregava no colo, beijava e acariciava meu rosto. Eu era então bastante pequena para ser carregada. Quem é ele? E por que tenho certeza de que é velho, muito mais velho do que papai? Houve uma ocasião em que me cantou um acalanto. Dio me surpreendeu um dia cantando o mesmo acalanto para minha boneca e me bateu... uma coisa que não costumava fazer. Nem mesmo quando eu comi toda a torta de amoras que ela tinha feito para nossos convidados.*

Margaret sentiu os músculos tensos, com uma exaustão que nada tinha a ver com o instrumento agora inerte. Experimentou um pressentimento de que se encontrava à beira da descoberta... embora não tivesse a menor idéia do que estaria prestes a descobrir. O coração batia forte, e ela esperou que recuperasse o ritmo normal. Sua vontade era jogar a ryll no assoalho encerado e subir correndo para o seu quarto, fechar a porta e gritar até sentir a garganta em carne viva. Teve de recorrer a todo o controle e autodisciplina, adquiridos com tanto esforço ao longo dos anos, para permanecer onde estava, olhando para os dois homens, como se fosse uma mulher comum. Eles não podiam adivinhar as visões que a atormentavam, nem o que a canção despertara nela. Era como se fosse uma falange de fantasmas.

Tinha a boca ressequida, a garganta tornava a se contrair, como se fosse sufocá-la. Respirava depressa, bem superficial, porque sabia que desmaiaria se a respiração fosse mais profunda. Dúvidas turbilhonavam em sua mente, indagações dolorosas, que sempre afloravam quando se sentia angustiada. *Por que meu pai sempre me olhava como se a visão o afligisse? Quanto mais eu crescia, pior se tornava. Ficava contente quando ele viajava, e ainda me sinto envergonhada por isso.*

Subitamente, ela teve a impressão de que o Velho se materializava à sua frente, quase transparente, visível na sala apenas para seus olhos. Ele olhava para o coto do braço, como se perplexo pela ausência da mão. Levou uma taça à boca para beber. Margaret sabia que era apenas uma memória, mesmo quando a imagem levantou o rosto e olhou através dela. O pai podia ficar assim por horas a fio, enquanto ela se tornava mais e mais ansiosa, perguntando-se o que fizera com ele.

No fundo de seu coração, Margaret sabia que nunca fizera coisa alguma, que tudo o que saíra errado, o que lhe custara uma das mãos e algo mais que ela não podia entender, não fora culpa sua. Era pequena demais para ser culpada por qualquer coisa, exceto talvez por derramar seu leite. Sabia que a imagem à sua frente existia apenas em sua imaginação, que era uma memória, mais nada. Ainda assim, era como se sua mente estivesse se desintegrando um pouco. E sabia que não podia deixar que isso acontecesse... pois tinha de pensar em Ivor, cuidar do velho professor!

Ela forçou-se a parar de pensar no pai, ou naquele outro homem, que tanto a assustava. Em vez disso, recorreu a todo o controle que ainda lhe restava e disse, calmamente:

— Mestre Everard, acho que sua harpa é assombrada. O professor e eu já observamos um fenômeno similar, em Ceti Três. Ali, a possessão por um espírito musical é comum... um dos fundamentos da religião, pode-se dizer.

— Margaret tratou de se refugiar na segurança da objetividade acadêmica, esquecendo por completo que Mestre Everard nunca ouvira falar de Ceti Três. — Não sei de onde posso ter tirado essa

canção. Não está em nosso Cancioneiro, não é mesmo, Ivor? Claro que há várias canções parecidas, mas...

Ao perceber a incompreensão no rosto de Mestre Everard, ela repetiu o comentário em casta.

— Uma antiga aluna minha fez uma tese de pós-doutorado a respeito

— informou Ivor. — O tema da vingança nas baladas escocesas, irlandesas e nórdicas. Você deve se lembrar dela, Maggie. Como era mesmo seu nome? Ah, sim... Anna Standish.

— Mas eu conheço essa canção — interveio Mestre Everard, ignorando o que Ivor dissera. — É mais conhecida nas Hellers do que aqui. É uma balada antiga, chamada "O Proscrito". Dizem que se baseava na história de Rupert Di Asturien, que há dois séculos matou toda a sua família num acesso de raiva e loucura... com exceção de uma irmã, que foi quem o declarou proscrito. Seu sotaque é excelente, mas eu já havia notado na noite passada que fala a nossa língua melhor do que todos os Terranan que conheci ao longo dos anos. Quando a ouvi cantar, podia ter certeza de que sempre viveu aqui, mas sei que não é o caso. Usou o sotaque das Colinas Kilghard, onde "O Proscrito" é cantado em torno do fogo aceso. E, com toda a sinceridade, cantou como se já tivesse ouvido a canção uma centena de vezes.

— Se assim diz, tenho de aceitar. Mas, até onde eu sei, nunca a tinha ouvido antes de tocar agora.

Mas Margaret especulou se deveria ter tanta certeza. A menção das Colinas Kilghard provocara um estranho calafrio por sua espinha, uma espécie de ressonância, não muito diferente do que acontecera com a música. Talvez o Velho tivesse falado a respeito, num dos seus raros acessos de loquacidade. Ou ouvira um comentário nos discos. Devia ser isso. O alívio espalhou-se por seu corpo. Não estava enlouquecendo. Sua mente apenas a deixava atordoada, confundindo um pouco as lembranças.

No momento mesmo em que se persuadiu que estava calma e absolutamente racional, Margaret viu em sua mente uma serra extensa, cercada por montanhas mais altas, envoltas por neblina e neve. Seu sangue começou a vibrar. De onde surgira essa imagem?

Era bastante nítida, quase tanto quanto um holovídeo. Só que ela tinha certeza de que nunca vira aquele lugar antes, nem mesmo um holovídeo que o mostrasse. Era quase como se tivesse extraído a imagem da mente de alguém, o que era uma total impossibilidade. Havia uma dor persistente em todo o seu corpo agora, um estranho anseio, diferente de qualquer coisa que pudesse recordar. Queria contemplar aquelas colinas, como se já tivesse estado lá antes; ao mesmo tempo, sentia que havia ali alguma coisa assustadora. Ela disse a si mesma, com toda a firmeza, que era sua imaginação exagerada em ação outra vez. Tornou a concentrar a atenção em Ivor e Mestre Everard.

— ...mas tocar uma canção nessa ryll em particular... — dizia Mestre Everard. — Acho que deve ter gostado de você. Fique com ela. É uma coisa além da minha experiência.

— Mas disse que era histórica...

— Isso mesmo. Pertenceu... ou pelo menos é o que dizem... a uma mulher chamada Thyra. É um nome chiai, e todos achavam que ela era meio chieri. Morreu... deve ter sido há cerca de vinte anos.

Alguma coisa deixou Margaret em alerta. Thyra? Conheço esse nome... e há algo horrível relacionado com ele. Vinte anos? Deve ter sido na ocasião em que meu pai deixou Darkover. Ela perguntou:

— Conheceu essa... Thyra?

Ela descobriu que até dizer o nome em voz alta provocava um aperto na garganta.

— Deus me livre! — O rosto idoso de Mestre Everard parecia agora bastante angustiado. — Sempre fui um súdito leal de Danvan Hastur, que os deuses o guardem em paz. Ele assumiu o poder quando eu era jovem e... Não gosto nem de pensar a respeito. Uma página muito triste em nossa história. Muitas pessoas morreram naquela ocasião, outras continuaram a viver e sofreram porque... Ora, domna, não pode saber nada a respeito, e provavelmente não está interessada. Eu diria que a pobre dama teve seus motivos para fazer o que fez. Meu filho Erald pode contar melhor a história. Afinal, ele passou quase toda a sua vida criativa compondo um ciclo de canções sobre essa época.

Nada do que ele dissera até agora revelara qualquer informação útil para Margaret, mas ela era muito polida para dizer isso.

— Um ciclo de canções... que coisa maravilhosa! Everard riu, sem qualquer diversão.

— Não é tanto assim. Meu filho mereceu a distinção, aos vinte e oito anos, de ter uma de suas canções proibidas, embora eu não saiba dizer se foi por julgamento artístico ou político.

Pela expressão angustiada em seu rosto, Margaret desconfiou que o velho tinha sentimentos intensos a respeito, embora guardasse tudo para si mesmo.

— De qualquer forma, ainda acho que "A Canção de Sharra" é perturbadora — acrescentou o velho.

— Onde ele está agora?

Margaret podia sentir o zumbido agradável da curiosidade se agitando em sua mente. Queria muito conversar com Erald, interrogá-lo sobre aqueles misteriosos acontecimentos. Podia estudar aquilo, um ciclo de canções, provavelmente compostas em estilo convencional. Mesmo que resultasse apenas numa anotação em seu ensaio, era uma descoberta real. Uma canção proibida! Que coisa interessante! Ela tentou se persuadir de que sua atitude era a de uma pesquisadora, não a de uma bisbilhoteira. Mas não conseguiu. Depois de um momento, desistiu da tentativa. Era uma questão pessoal, embora tivesse medo de admitir, até para si mesma. Havia algum segredo por trás da ryll e daquela mulher, Thyra, e na composição chamada "A Canção de Sharra". Margaret teve certeza de que o mistério a deixaria aflita até que esclarecesse tudo.

— Viajou para as Hellers. — Everard balançou a cabeça. — Minha mãe me disse: "Não case com uma filha de curtidores." Talvez ela estivesse certa. Tivemos três crianças, e apenas Erald tem talento musical. As duas mulheres quase que têm surdez musical, e o mesmo acontece com os netos. Não gosto nem de pensar a respeito. Tenho um neto que é um ótimo artesão de instrumentos, mas não há uma única canção nele. Por isso, Rodrigo MacAran será o grande mestre do ofício depois de mim. E um grande artista,

embora seja um homem difícil para se trabalhar. Mas só porque exige o melhor, não porque seja mesquinho. Meu filho Erald nunca vai assentar a cabeça.

Ele soltou um pequeno suspiro, um murmúrio de pesar pelos sonhos irrealizados para o filho.

— Mas sobre o que era mesmo que falávamos? Ah, sim, essa ryll. Pode tocar qualquer música nela, mas que não seja perto da harpa de Hastur. -Ele apontou para um instrumento no outro lado da sala. — Na última vez em que fiz isso, seis cordas se partiram.

O mestre não parecia pensar que havia algo estranho numa ryll que tocava por sua própria iniciativa, ou numa harpa que partia seis cordas de propósito. Margaret se perguntou se ele não estaria zombando. Mas a expressão de Everard era de absoluta seriedade. E era óbvio que ele queria mudar de assunto.

Margaret reprimiu seu desapontamento. Já sabia que Erald viajara, pois os rapazes haviam dado essa informação na noite anterior. Talvez ele voltasse logo a Thendara, ou ela e Ivor pudessem encontrá-lo onde estivesse, quando partissem para a pesquisa de campo. De qualquer forma, "A Canção de Sharra" teria de esperar.

Foi nesse instante que ela notou que sentia muito frio, os braços arrepiados por trás do tecido liso do uniforme. E foi dominada mais uma vez pelo pavor indefinido que a assediava desde que descobrira que voltaria a Darkover. Mas por quê? Aquela palavra a assustava. Lembrava alguma coisa que temia. Gostaria de perguntar mais a respeito, mas sentia-se muito tensa agora, apavorada demais. Em vez disso, engoliu em seco, a boca ressequida, os lábios doendo. Everard afastou-se, enquanto continuava a falar:

— Mestre Ivor, queria saber sobre os fiols, não é mesmo? Aqui estão. E um instrumento para arco, embora possa ser dedilhado também, quando se quer obter determinados efeitos...

Margaret repôs a ryll na parede. Sabia que já tocara nela tudo o que podia, pelo menos por enquanto. No momento em que a pendurou, a ryll deixou escapar um som, um murmúrio de notas, tão baixo que mal dava para ouvir. Margaret encostou a mão na caixa de ressonância e prometeu a si mesma que algum dia voltaria a pegar

aquele misterioso instrumento, descobriria seus segredos. E sentiu-se um pouco tola por isso.

Ela seguiu os homens até os fiols pendurados na parede. Permitiu que sua atenção vagueasse, sabendo que o gravador registraria toda a conversa. Além disso, Ivor não hesitaria em pedir sua atenção, se houvesse necessidade.

Parada ali, sem ouvir o que os outros diziam, Margaret refletiu que o nome Thyra não lhe era desconhecido. O pai o gritara algumas vezes, nos pesadelos de seus porres. Mas tantos anos haviam passado desde que o ouvira pela última vez que quase o esquecera. Sempre evocava a mesma imagem em sua mente. Ela via uma bruxa de cabelos vermelhos, com garras no lugar das mãos... e o homem de cabelos prateados, gritando "Não, Thyra, não..." no mesmo instante em que o pai dizia isso em seu sono agitado. Sentia-se dividida entre a relutância em saber mais e uma profunda curiosidade. Era como uma faca de dois gumes em sua mente.

Às vezes, em sonhos, ela se descobria a contemplar, como se fosse através de um véu, o rosto daquela mesma mulher, ou de outra bastante parecida para ser sua irmã. Sentia o calor de um seio e o gosto de leite. Era quase como se conhecesse a mulher como sua mãe... embora não fosse possível relacionar a mulher gritando com qualquer tipo de maternidade. Dio, sem qualquer dúvida, era a única mãe que ela já tivera, ou queria ter.

Os sonhos haviam desaparecido depois que deixara Thetis, exceto pelos pesadelos no hiperespaço. Margaret podia lembrar a psíquica na universidade que lhe dissera que estava regredindo para alguma coisa. Oferecera-lhe uma terapia profunda, mas ela rejeitara. Tinha o direito de recusar. Era um dos seus direitos civis básicos. Afinal, não queria recordar coisa alguma. E continuava a não querer. Sob os cuidados maternos de Ida Davidson, ela quase esquecera o caos do início de sua adolescência e as batalhas entre o pai e a madrasta — quase sempre por sua causa — que finalmente a levaram a sair de casa. Os Davidsons haviam lhe proporcionado um novo lar. Ela retribuía ao integrar sua carreira na de Ivor. Não sabia

que era infeliz até que os Davidsons lhe deram a felicidade. Era uma coisa que jamais esqueceria.

Por um momento, Margaret especulou se já estivera em Darkover em algum plano astral. Não que acreditasse nesses fenômenos, embora sem dúvida fosse uma perspectiva mais agradável do que as viagens espaciais. A universidade a preparara para pensar de forma racional, a ser lógica e organizada, acreditar apenas no que podia segurar, tocar e sentir com sua carne e mãos.

A pessoa nos sonhos era um menina bem pequena, talvez mesmo um bebê. Mas me lembrava daquele prédio parecido com uma fortaleza, o Orfanato Reade. E Dio sempre se comportou como se fosse minha mãe biológica. Eu era órfã, é verdade, mas o Velho é meu pai, não é mesmo? Dio e eu não poderíamos ser mais unidas, mesmo que tivesse nascido dela. Que confusão! Isso tem de parar... agora! Não vou mais admitir. O que aconteceu há vinte e tantos anos pertence ao passado, nada tem a ver comigo agora!

Margaret e Dio haviam perdido um pouco da intimidade durante os anos em que ficaram sem se ver, embora ainda se escrevessem longas cartas e se falassem várias vezes por ano pelo videocom. O Velho nunca escrevia, mas Dio sempre dizia que ele mandava seu amor, o que deixava Margaret satisfeita. Ela refletiu que ficara mais do que um pouco perturbada, até mesmo irritada, por não ter recebido qualquer resposta à última mensagem que enviara, pouco antes de deixar a universidade. Ora, devia ter surgido algum problema... Provavelmente a resposta se encontrava em algum lugar do sistema, só chegaria a Darkover depois que ela e Ivor deixassem Thendara para a pesquisa de campo. E ainda enalteciam a tecnologia terráquea...

Mas algo a importunava no fundo de sua mente, algo importante, irritante e assustador. Margaret franziu o rosto, sabendo que era algo que preferia ignorar. Tudo aflorou num fluxo de sentimentos de desolação e raiva. Ela se permitiu estremecer, fez um esforço para reprimir a recordação. Mas logo se entregou, só para acabar com aquilo o mais depressa possível.

Era a sua última noite em Thetis, depois que o Velho finalmente concordara com sua escolha de universidade. Começara

muito bem, com um delicioso jantar, brindes com vinho, até sua sobremesa predileta. Margaret começara a relaxar, permitindo-se acreditar que tudo daria certo. Dio se retirara mais cedo, como acontecia com frequência. Dizia que o ar marinho a deixava sonolenta. O Velho acabara se embriagando, começara a dizer uma coisa que ela não queria ouvir. O que ele gritara?

— Se você tem o Dom de Alton, se é uma telepata destreinada, constitui um perigo para si mesma e para todas as pessoas ao seu redor. Como é minha filha, deve ter o dom... Dom? Seria melhor chamar de Maldição de Alton!

Margaret não entendera o que ele queria dizer, mas o tom de voz do pai deixara seu sangue gelado. E depois outra coisa aconteceu... e ela percebeu agora que era isso que não queria lembrar. Por apenas um instante, experimentara a sensação de que havia outra pessoa dentro de sua cabeça, uma mulher. .. e muito desagradável. A voz era suave, mas forte e autoritária. Você não vai lembrar, e não vai me destruir! Fora isso, não as divagações delirantes do Velho, que a fizera sair correndo da sala, fugir para a segurança de seus aposentos. Trancara a porta como se alguma coisa a perseguisse. Passara a noite inteira arrumando e rearrumando seus pertences, como se a própria vida dependesse disso.

Era apenas uma memória, Margaret disse a si mesma. A estranha voz em sua cabeça era mais uma conseqüência do vinho a que não estava acostumada e da tensão de partir para a universidade do que qualquer outra coisa. E estava tudo bem agora. Era uma pesquisadora da universidade, não uma adolescente perturbada.

Margaret fez um esforço para concentrar sua atenção na dissertação erudita de Mestre Everard sobre o fiol. Era obviamente parecido com a viola ou violino terráqueo, embora a caixa de ressonância fosse bem mais profunda. Além disso, as aberturas tinham a forma de estrelas de várias pontas. O Professor Davidson dedilhou as cordas e suspirou.

— Pode tocar para mim, Maggie? Lamento muito, mas estas velhas mãos não são mais capazes de tocar como antes.

— O mesmo acontece com as minhas — acrescentou Mestre Everard.

— E dou minha palavra de honra que é um instrumento simples, com um som maravilhoso.

Margaret ajeitou o fiol por baixo do queixo e ajeitou a afinação das cordas. A sensação era confortável e familiar, embora o braço fosse mais comprido que o de qualquer violino terráqueo. Afora isso, ela não sentiu qualquer hesitação, porque o Departamento de Música da universidade cuidava para que seus alunos fossem capazes de tocar qualquer instrumento que pudesse ser manipulado por oito dedos e dois polegares opostos. Começou com uma pequena gavota de Bach dos seus tempos de estudante, seguida por uma das variações de Corbenic. Tinha quatro mil anos de música terráquea para aproveitar, mas Corbenic continuava a ser um dos seus compositores prediletos. Everard ouviu com uma atenção total, os olhos faiscando. Ao final, sorriu para ela.

— Foi maravilhoso, minha cara criança. Uma interpretação firme e bem definida, mas oferecendo ao mesmo tempo um profundo sentimento. Devemos convidar alguns dos outros músicos da rua para ouvi-la esta noite. Todos ficarão felizes.

Margaret corou. Sabia que não era melhor do que um bom segundo violino, que sua habilidade não chegava a ter a qualidade de concerto. Mas o elogio aliviou seus medos e tensões.

— Terei o maior prazer em tocar para eles.

Ivor fez um comentário sobre Mozart como antecessor de Corbenic, o que levou a uma exaustiva discussão do assunto, que exigiu ao máximo da capacidade de intérprete de Margaret. Ela tocou a cadenza do Concerto Número Cinco Para Violino, a fim de demonstrar a influência do compositor anterior. Everard concordou. O fiol tinha mesmo um som adorável, apesar — ou talvez por causa — das estranhas aberturas em forma de estrelas.

Depois de demonstrações nos seis fiols que havia no museu — três sopranos e três contraltos — com explicações sobre as madeiras com que haviam sido fabricados e a técnica de acústica utilizada, que chegaram a deixá-la com dor de cabeça, Margaret sentia-se faminta e exausta. Ivor estava muito pálido, os olhos quase

vidrados, com uma aparência horrível. Mesmo assim, ele queria continuar ali, passando a avaliar as harpas maiores. Margaret detestou o olhar que o velho professor lhe lançou, quando sugeriu que fizessem uma pausa para a refeição do meio-dia.

— Peço mil desculpas — murmurou Everard. — Sou mesmo um péssimo anfitrião. É claro que devemos comer agora.

— Há muita coisa para aprender... — protestou Ivor.

— Tudo ainda estará aqui depois do almoço e de um descanso, Professor — murmurou Margaret, tendo de usar toda a sua paciência para persuadi-lo.

— Quando chegar à nossa idade, minha jovem, vai querer fazer a mesma coisa que nós. — Mestre Everard riu baixinho. — Os jovens pensam que dispõem de todo o tempo do mundo.

Ao deixarem a sala, Margaret olhou para trás e contemplou a ryll, em seu nicho na parede. Por um instante, divisou mãos esguias, com um dedo extra, dedilhando as cordas... mãos fantasmas que ao mesmo tempo a atraíam e repeliam. Sentiu-se bastante aliviada ao saírem para o vestibulo, banindo a visão e criticando sua imaginação exagerada. Devia ter sido uma ilusão provocada pelas sombras. Foi o que ela disse a si mesma, mas não acreditou.

Capítulo Quatro

Era evidente que os dois velhos estavam adorando partilhar o interesse mútuo pela música, mas Margaret tinha alguma dificuldade para servir como intérprete ao mesmo tempo em que tentava comer. Por isso, sentiu-se quase aliviada, quando Mestre Everard foi chamado por alguém e saiu da mesa, durante a refeição do meio-dia, de sopa grossa e pão. Depois, sentiu-se culpada pela reação. A dor de cabeça que começara na sala de música não se dissipara enquanto comia, mas ela descartou-a como um resquício de ressaca das drogas que tivera de tomar durante a viagem. Era o tipo de dor de cabeça que às vezes sentia, quando as tempestades sopravam através do Mar de Vinho, em Thetis, um problema relacionado com a pressão barométrica e outros fenômenos meteorológicos. Quase que com certeza, nada significava em Darkover.

A sós com Ivor, ela sentiu-se perturbada também pela frágil aparência do velho professor. Sua pele estava muito pálida, por trás do que restava do bronzeado de Relegan. Margaret especulou se não deveria cancelar sua planejada expedição de compras e tentar convencê-lo a voltar ao Setor Terráqueo para uma visita ao serviço médico. Ivor detestava médicos, e sem dúvida resistiria aos seus esforços. Por isso, ela decidiu não fazer a sugestão... pelo menos por enquanto.

— Está se sentindo bem, Ivor? — perguntou Margaret, apesar de sua decisão.

Ela tentou disfarçar sua ansiedade, imprimindo à voz um tom despreocupado.

— Confesso que me sinto bastante cansado, Maggie. — Era a sétima ou oitava vez que ele a tratava pelo diminutivo carinhoso, o que ela achou um pouco inquietante. — Quanto mais velho eu fico, mais difícil se torna para meu estômago aceitar alimentos diferentes, para começar. Estes pratos de Cottman são muito saborosos, mas caem em meu estômago como tijolos. Eu gostaria de comer alguma coisa menos pesada... como uma canja e bolachas. .. do tipo que Ida faz.

Ele fez uma pausa, com um suspiro profundo, saboreando o pensamento.

— Não posso deixar de pensar, ansioso, nos confortos da universidade... luz elétrica, o sossego da biblioteca, pôr minha leitura em dia, organizar as anotações sobre Relegan. Venho tendo a fantasia de que não terei a oportunidade de fazer isso, que um garoto ainda imberbe, com a tinta fresca no diploma, vai se atrapalhar e destruir todo o nosso trabalho.

E onde eu fico nessa fantasia, Ivor?

— Posso compreender.

Margaret ignorou o princípio de irritação causado pelas palavras do professor. Foi dominada no mesmo instante por medo e culpa ao constatar que não sentia a menor saudade da universidade. Os sons e cheiros de Darkover a fascinavam, cercando-a como promessas de sereias, que nada tinham a ver com aquecimento controlado, níveis de iluminação ativados pela voz e os muitos outros benefícios de uma avançada tecnologia. É verdade que os lampiões bruxuleantes, velas e outras fontes primitivas de iluminação na casa de Mestre Everard pareciam ser uma bizarra afetação. Por que não havia eletricidade na Cidade de Thendara? Os terráqueos já haviam se estabelecido no planeta há décadas, mas continuavam confinados ao pequeno enclave em torno do espaçoporto. Não dava para entender. Era outro enigma assediando sua cabeça a latejar. Ela olhou para o sol vermelho, através das janelas altas da sala de jantar, depois para os pequenos lampiões acesos na mesa. Descobriu que não doíam em seus olhos. Na verdade, agora que pensava a respeito, a luz artificial parecia "certa", ao contrário do que acontecia com os diversos tipos de iluminação em todos os outros planetas em que já estivera.

— Acho que peguei um resfriado durante a nossa caminhada até aqui — acrescentou Ivor, interrompendo os devaneios de Margaret. — Porque tenho a sensação de que não consigo me esquentar direito.

— Ivor, ninguém consegue se manter realmente aquecido nestes trajes para todos os climas que o Serviço Espacial pensa ser a roupa mais apropriada. Acrescente-se a isso o fato de que acabamos

de passar um ano inteiro quase nus num clima tropical. Pode ter certeza de que também me sinto enregelada!

Na verdade, agora que tomara a sopa, Margaret sentia-se quase confortável, mas queria ter a certeza de que não havia nada de errado. Depois de uma breve pausa, ela arrematou:

— É difícil se ajustar a uma mudança de clima tão radical. O professor riu.

— Sou apenas um velho, com as queixas de um velho, menina. Foi divertido, não foi, usar flores, plumas e contas no lugar de uniformes. Mas sabe o que o Serviço pensa de parecer e viver como os nativos... que idiotas! Sei que fiquei ridículo com aquele traje de plumas... Ida deu boas risadas ao ver os holópicos... mas a liberdade era maravilhosa. Este uniforme não é nada confortável, minha querida Pega. Acho que é muito pequeno nas costas, ou outra coisa parecida.

Desta vez o uso do apelido provocou um calafrio em Margaret. Ivor não costumava se mostrar afetuoso assim, de maneira tão ostensiva. Ela conhecia bem seus ânimos e hábitos, sabia que aquele comportamento era estranho. Observou-o com toda a atenção, mas ele parecia bastante comum... um homem pequeno e idoso, enrugado, com uma aparência de cansaço, talvez um pouco fora do normal, mas ainda assim a pessoa que ela tão bem conhecia, com suas disposições arraigadas. Não havia motivo para ficar alarmada. Ela vinha se sobressaltando com sombras, imaginando fantasmas em harpas, confundindo fadiga com doença.

Darkover era um planeta que a confortava pela quase familiaridade, mas também podia ser inquietante. Afetara seu julgamento... nada mais do que isso. Apenas uma boa noite de sono não era suficiente para restaurar sua saúde normal, boa demais, depois de tantos dias de viagem espacial e uma brusca e radical mudança de clima.

Ivor sorriu, alargando a boca murcha sobre os dentes enormes. Parecia esquelético no atual estado de Margaret, de sentidos aguçados. Ela conteve um tremor.

— Tem certeza de que está bem? Com todas as injeções que nos deram, não deveria...

— Não se preocupe comigo de uma forma tão exagerada, Maggie. Pode sair com aqueles dois rapazes e comprar alguns trajes locais. Sei que está ansiosa para se livrar desse uniforme. Se encontrar um bom manto de lã... nada luxuoso, é claro... que dê em mim, pode trazer. Vou tirar um cochilo agora. E estarei me sentindo bem outra vez quando chegar a hora do jantar.

Ele soltou outra risada. Margaret sabia que o velho recordava a capa preta e branca de Thetis que ela usava por cima do uniforme da universidade durante o seu primeiro e solitário ano ali. Isso e mais sua afeição por jóias faiscantes haviam lhe valido o apelido de Pega, a ave que tinha essas cores e gostava de levar objetos brilhantes para seu ninho. Mesmo na miscelânea da comunidade acadêmica, ela se mantivera diferente... um pouco estranha e exótica para as hierarquias da ordem de inspiração terráquea.

— Não estou exagerando, mas também não posso deixar de me preocupar com você.

Margaret tentou ignorar o sentimento de desamparo que de repente ameaçava dominá-la.

— Você é de fato uma criança maravilhosa. Tem sido como uma filha para mim... É verdade que na primeira vez em que a vi com um traje relegano tive pensamentos que não eram nada paternais. — Ivor sorriu ansioso, soltou um profundo suspiro. — Você me fez desejar ter cinqüenta anos de novo.

— É mesmo?

Margaret sentia-se fascinada por essa admissão, porque o professor jamais assumira qualquer atitude que indicasse que sabia que ela era uma mulher adulta. Havia uma certa segurança no comportamento de Ivor em relação a ela, algo que a impedia de ansiar pela confusão de relacionamentos amorosos e corações partidos que parecia ser com freqüência a essência da vida de seus colegas. Não pela primeira vez, mas com um renovado sentimento de surpresa, Margaret refletiu que alcançara quase três décadas de existência sem se tornar sexualmente ativa. Não era puritana, e ouvia as histórias tristes de colegas com curiosidade e interesse, mas sem a menor vontade de ir para a cama com qualquer das pessoas que já conhecera. Mantinha-se retraída, como se

obedecesse a alguma espécie de instinto ou ordem. Ocorreu-lhe agora que isso era um tanto estranho, embora não parecesse importante. Afinal, não acarretava a sensação de que perdera algo na vida, não é mesmo?

— Ora, minha cara... posso ser velho, mas não estou morto! Você é uma mulher adorável. Os releganos presumiram a princípio que era minha esposa, ou pelo menos concubina. Ficaram perplexos ao descobrirem que dormíamos em cabanas separadas. Também ficaram fascinados por nosso comportamento... ou melhor, com sua ausência. Ao final, o chefe me perguntou se você era tabu. Respondi que era como uma filha para mim, o que fazia sentido para eles, à luz de sua proibição de incestos. Não é curioso que um tabu seja tão universal?

— Nem tanto. Parece estar gravado em nosso cérebro. Com umas poucas exceções.

Margaret lembrou que estudara algumas culturas em que o incesto não era proibido. Sabia que Ivor e Ida tratavam-na como uma filha, mas ouvir tal declaração a deixou mais comovida do que poderia imaginar. Sentiu-se enternecida com as palavras. Limpou a garganta, obstruída pelo súbito fluxo de emoções que preferia não experimentar. Para encobrir seus sentimentos, ela perguntou:

— Acha que Kuttner vai conseguir concluir um dia aquele seu estudo sobre os tabus de incesto?

— É bem possível... se ele não acabar perdendo o juízo e indo morar numa cabana em algum planeta esquecido, na beira da galáxia. Os antropólogos podem se tornar um pouco desequilibrados.

— Sei disso. Não são como os musicólogos, sempre científicos e objetivos!

Os dois riram da piada antiga. Há séculos que se discutia se era possível avaliar de maneira objetiva as disciplinas de uma cultura não-terráquea. Ainda se estava longe de uma conclusão. Margaret e o Professor Davidson aderiam à convicção de que não apenas era possível, mas também necessário, estudar uma cultura dentro do seu próprio contexto. Ele passara a maior parte de sua carreira acadêmica viajando para mundos distantes, a fim de provar essa

teste. Um contemporâneo famoso, Paul Valery, defendera a tese de que o trabalho de campo era contaminado por sua própria natureza. Valery só saía do conforto do Prédio da Música na universidade para ir fazer as refeições em sua casa. Não deixara o planeta por décadas, nem mesmo para receber as homenagens de outras universidades. Nas raras ocasiões em que os dois se encontravam nos corredores do prédio, Valery contraía as narinas do nariz estreito e aristocrático, como se farejasse alguma coisa desagradável, e perguntava:

— Você ainda continua por aqui, Davidson? Não viajou para bater em tambores com alguns nativos ignorantes?

Ivor sempre respondia a essas perguntas sarcásticas com um silêncio distinto, seguindo direto para sua sala. Sua reputação era excelente, e não sentia a menor necessidade de dar uma satisfação. Margaret, por outro lado, muitas vezes sentira o desejo de dar um soco no nariz aristocrático de Valery, saindo em defesa de seu mentor. O professor empurrou sua tigela para o lado e anunciou, jovial:

— Vou tirar um cochilo agora, minha cara. Aproveite sua visita ao alfaiate, Maggie, e mantenha os ouvidos bem abertos para qualquer coisa interessante. Os tecelões muitas vezes têm canções do tear, que podem ser ignoradas em favor de outros tipos de música. Há muito tempo que considero que há uma rica área de estudo em...

— Vá logo para a cama, Ivor! Precisa agora de descanso, não de outra área de estudo!

Ele se retirou, rindo. O som alegre fez com que Margaret se sentisse menos ansiosa por vários segundos, enquanto continuava à mesa, saboreando um chá quente de ervas. As preocupações ressurgiram assim que esvaziou a xícara. Ivor parecia "errado", e era muito mais do que apenas fadiga. Ela desejou não ser assediada por súbitos lampejos de premonição e pela idéia absurda de que podia de alguma forma ouvir os pensamentos de outras pessoas. Mais do que isso, desejava que o temor que sentia nos ossos se desvanecesse, deixando-a em paz. Estava numa boa casa, com uma comida substancial, não tinha nada com que se preocupar.

Anya entrou na sala, fez uma pequena reverência. Tinha as faces rosadas do trabalho na cozinha, a papada tremia a cada movimento.

— Domna, os rapazes estão aqui para levá-la à Rua da Agulha.

— Ah, isso é ótimo! Anya, pode me dizer qual seria a quantia correta a pagar por um manto, botas e roupas como as que você e Mestre Everard usam? Não que os rapazes sejam capazes de me enganar...

— E não são mesmo. Posso garantir que são rapazes bons e honestos, caso contrário eu nunca os deixaria entrar nesta casa, muito menos sair daqui na companhia de uma nobre hóspede. Deixe-me pensar um pouco a respeito.

Enquanto a governanta pensava, Margaret especulou sobre o uso da palavra "nobre". Por que as pessoas se comportavam como se ela fosse especial? Teriam adivinhado que ela era filha do senador por Cottman? Não fizera qualquer comentário sobre isso, porque descobrira que as referências às suas ligações com os altos escalões faziam as pessoas reagirem de maneira estranha. Nunca usara a posição de seu pai no governo terráqueo, e com frequência não pensava a respeito por meses a fio. Nada tinha a ver com ela. Mas "nobre hóspede"? Um funcionário político não podia ser considerado nobreza, até onde ela sabia... e o que sabia não era muita coisa. Não havia muitos nobres na universidade, a menos que se considerassem os diretores de departamentos e professores jubilados. Era apenas outro mistério darkoviano que ela não podia esclarecer, porque não conhecia as perguntas certas para fazer.

— Creio que cinco reis devem lhe proporcionar bons trajes, embora tudo custe mais caro agora do que no tempo em que eu era menina. Teria uma blusa, três ou quatro saias, uma anágua e uma túnica. As roupas de baixo devem valer cerca de sete sekals. Um bom manto de lã sai por três reis; um de couro, por oito. Quanto às meias, quatro sekals ou um pouco mais, a menos que queira uma seda rendilhada ou coisas parecidas.

Anya soltou uma fungada desdenhosa.

— Essas coisas que veste agora não serviriam para manter um cachorro aquecido nas montanhas. Não consigo entender por que os

Terranan as usam... têm um cheiro esquisito e parece que nunca os esquentam. Já os vi nos observando com expressões de desprezo, ao mesmo tempo em que procuram se aconchegar em suas roupas. Qual é o problema com um bom manto de lã, em vez dessas coisas lustrosas que usam? Do que eles têm medo? Pensam que vestir coisas que crescem no lombo de animais vai fazer com

Anya deu de ombros e parou de falar.

— Não há nenhuma explicação para o gosto das pessoas, Anya. Margaret não ia tentar explicar a atitude que prevalecia na Federação

Terráquea, segundo a qual uma pessoa civilizada era evidente por suas roupas, o que significava o uso de fibras sintéticas. Só que entre os muito ricos o uso de tecidos naturais constituía um símbolo de riqueza. Seria insultuoso insinuar que havia algo menos do que civilizado nos trajes darkovianos tão simples... o que era a maneira como os terráqueos os consideravam.

— Ah, como isso é verdade! Sou uma velha e já testemunhei muitas mudanças aqui em Darkover... nem todas para melhor! Os rapazes querem partir e se tornar pilotos espaciais, enquanto as meninas estão cheias de idéias que não incluem cozinhar e casar. Agora, deixe-me pensar mais um pouco... Botas! Devem custar dois ou três reis; se forem de cano alto, valem mais alguns sekals. Entregue-se aos cuidados de Mestre MacEwan. Posso garantir que ele saberá encontrar o mais certo e apropriado num instante. E, se precisar de crédito, Mestre Everard pode dar uma fiança.

— É muita gentileza, mas Mestre Davidson prefere... e a universidade também... que paguemos à vista todas as nossas despesas. Mas agradeço pelo conselho.

Margaret subiu para o seu quarto, a fim de deixar o pequeno gravador e pegar seu dinheiro. Se escutasse alguma coisa que valesse a pena gravar no distrito de vestuário, poderia voltar mais tarde com Ivor. Ouvia o velho professor roncando em seu quarto, no outro lado do corredor; ele não costumava fazer isso, a menos que estivesse realmente exausto. Ela verificou as moedas em sua mão. Uma era de prata, a outra era de ferro. A de ferro era um sekal, que valia cerca de três centavos do Império; a outra era de um reis ou

real, valendo cerca de três créditos. O funcionário da Rothschild & Tanaka não sabia com certeza qual era a cotação. Margaret, depois de um ano num planeta em que não se usava qualquer moeda, estava desacostumada a pensar a respeito. Na universidade, é claro, jamais cuidava dessas coisas, pois todas as suas despesas eram pagas com registros em computador.

Jeremy e Ethan estavam acorados nos degraus, absorvidos em algum jogo com as mãos. Os gestos, com a mão aberta, o punho fechado, ou dois dedos estendidos, eram feitos em rápida sucessão. Eles se levantaram de um pulo assim que a viram, fizeram uma reverência e sorriram.

— Bom dia, domna — disse Ethan. r

— Bom dia. O que estavam jogando? Foi Jeremy quem respondeu:

— Era "Tesoura, Pedra e Folhas".

Enquanto desciam pela rua, os rapazes explicaram os detalhes do jogo. Margaret já observara uma dúzia de jogos similares em uma dúzia de mundos diferentes. Foi o que comentou. Os rapazes ficaram fascinados. Ethan queria saber mais sobre viagens espaciais, mas Jeremy disse que ele começava a bancar o chato com sua insistência. Por mais estranho que pudesse parecer, isso silenciou o rapaz de nariz afilado.

As portas das lojas na Rua da Música já haviam sido abertas. Margaret descobriu que as janelas cobertas, como pensara na noite anterior, eram na verdade aberturas largas, com balcões por trás. Além dos balcões, havia homens trabalhando em bancadas. Os cheiros de madeira, óleo e resina elevavam-se pelo ar, acompanhados pelos sons de cinzéis e lixas, ou por acordes ocasionais de algum instrumento musical: uma flauta, uma gaita de foles, uma harpa ou um fiol, sendo tocado ou afinado. Os rapazes explicavam tudo na passagem. A travessia da Rua da Música acabou num instante. O sol vermelho incidia em seu rosto, aquecendo-a. Era agradável, e pouco a pouco a incômoda dor de cabeça foi se desvanecendo.

Uns poucos artesãos ficaram olhando para ela. Um deles até deixou sua bancada para vir lhe fazer uma reverência. Outros

franziram o rosto e se apressaram em desviar os olhos, como se embaraçados. Eram homens mais próximos de sua idade. Algumas mulheres jovens também fizeram a mesma coisa. Margaret começou a se sentir inibida.

— Ethan, diga a verdade: estou vestida de maneira indecente?

O uniforme cobria todo o seu corpo, embora fosse mais justo do que as roupas usadas pelas darkovianas que vira até agora. Ela tinha certeza de que os cabelos cobriam a nuca, lembrando a insistência do senador nesse ponto. A túnica estendia-se abaixo da cintura, alcançando quase os joelhos. Fora especialmente projetada pelo Serviço Espacial para os planetas em que os trajes para os dois sexos eram quase iguais. É claro que as noções de recato da Terra eram muitas vezes completamente falhas no trabalho de campo... um conceito que os funcionários da Federação pareciam incapazes de absorver.

— Ahn... não exatamente. O problema está em seus cabelos.

A informação a surpreendeu e a deixou um pouco irritada. Por que o Serviço Espacial não fornecia informações suficientes? Por que os dados sobre Cottman IV eram tão irregulares, com tantas lacunas? Depois de muitas décadas de presença da Federação no planeta, os etnólogos e antropólogos já deviam ter publicado monografias em quantidade suficiente para encher uma pequena biblioteca! Jeremy acrescentou:

— E seu uniforme também. As pessoas nesta parte de Thendara não costumam ver mulheres do Setor Terráqueo... elas preferem permanecer nos prédios em torno do espaçoporto. O preto é uma cor incomum aqui, porque nossos tintureiros não conseguem produzir um preto firme e permanente. E, como prezamos muito nosso trabalho artesanal, preferimos não usar essa cor no vestuário. Nossos guardas usam mantos pretos, mas são feitos de uma lã naturalmente preta. Sabe como as pessoas são, domna... ficam olhando para qualquer coisa diferente.

Ele se remexeu um pouco, parecia contrafeito. Ethan apressou-se em acrescentar:

— É que não parece com uma Terranan, nem com alguém de Thesis... o tal planeta em que viveu. Parece com uma dama!

Margaret conteve um sorriso, pensando que não devia esquecer de comentar com Ivor a pronúncia errada de Ethan. De certa forma, todos os acadêmicos tinham de passar por Thesis, a palavra "tese" no Padrão Terráqueo, não é mesmo?

— O nome certo é Thetis, Ethan. Mas as outras mulheres no espaçoporto não se parecem com damas?

— Claro que não — respondeu Jeremy. — São apenas mulheres. Era evidente que ele achava que era uma explicação completa. Por isso,

Margaret abandonou o assunto. Achou engraçado, quando pensou a respeito, compreender que sua própria definição do que uma "dama" parecia se baseava na aparência. Em termos mais específicos, uma "dama" parecia com sua madrasta, a Dama do Senador. Isso significava cabelos louros, estatura baixa e um busto generoso. Margaret nunca se sentira satisfeita com seus cabelos vermelhos e olhos amarelos. Seus centímetros constituíam uma provação desde a adolescência, exagerando em mais de trinta na direção vertical, escasseando em dez a quinze em torno do peito. Era muito alta em relação às nativas de Thetis. Mesmo na universidade, sua altura ainda sobressaía. Teria preferido cabelos escuros, como os do Velho antes de começarem a ficar grisalhos, e olhos escuros como os dele; ou olhos cinza-verde e cabelos dourados como Dio. Ela tratou de descartar esses pensamentos fúteis e passou a prestar mais atenção nos dois rapazes, que identificavam as várias lojas, depois que entraram no que era obviamente um distrito dedicado ao vestuário.

— Aquela é a loja em que meu irmão foi aprendiz, mas não vai querer entrar lá. Eles fazem péssimas imitações de roupas Terranan.

Jeremy apontou para uma loja com um balcão largo, coberto por peças de fazenda. Não parecia tão ruim assim aos olhos destreinados de Margaret, mas dava para perceber que Jeremy se envergonhava do lugar. Ela perguntou:

— Como o aprendizado funciona por aqui?

Os dois rapazes começaram a falar ao mesmo tempo, lisonjeados pelo interesse de Margaret. Empenharam-se numa competição amigável para ver quem a informava primeiro. Ela

compreendeu que estava obtendo, sem qualquer esforço, informações pelas quais um antropólogo cultural venderia de bom grado a própria mãe, ou hipotecaria sua alma. O que eles lhe disseram parecia bem considerado e justo, diferente de alguns planetas, em que os jovens eram considerados como fontes de trabalho escravo ou mera propriedade. Era uma pena que tivesse deixado seu gravador na casa.

Entraram numa rua que parecia ser o seu destino. As placas mostravam desenhos de trajes prontos, ou em um caso apenas uma agulha dourada contra um fundo marrom, levando-a a concluir que devia ser uma loja especializada em bordados. Onde havia peças de fazenda empilhadas nas ruas anteriores, nesta se viam camisas ou túnicas penduradas. Havia muitos bordados em todos os trajes. Margaret notou trajes delicados, quase transparentes, e outros mais encorpados e mais práticos. Uma ou outra loja ostentavam um manequim vestido, no que era com certeza um traje festivo, um tecido brilhante e transparente, que ela calculou ser a seda rendilhada a que Anya se referira. A visão lhe provocou um estranho calafrio, evocando uma memória que era ao mesmo tempo vaga e inquietante. O portal em sua mente, por trás do qual espreitavam alguns medos da infância, abriu-se um pouco mais. Ela sentiu que a dor de cabeça voltava.

Ethan abriu a porta de uma loja, e os três entraram. Um homem enorme, de cabelos pretos, estava de pé no outro lado de uma grande mesa de corte, segurando uma peça de fazenda nas mãos, como se tentasse definir a melhor maneira de cortá-la. Sua expressão era distraída, como um artista no meio de uma criação. Margaret relutou em romper sua concentração. Mas seu jovem guia não tinha o mesmo escrúpulo.

— Tio Aaron, esta é a dama de quem lhe falei. Domna Alton, Aaron MacEwan.

O homem piscou, aturdido, depois fez uma reverência graciosa.

— Seja bem-vinda à minha loja, domna. É uma grande honra. Em que posso servi-la? Gostaria de um traje de seda rendilhada, em verde-vagem, para o festival do Solstício do Verão?

Ele apontou uma peça de tecido tremeluzente, encostada na mesa de corte. Pegou-a como se pesasse menos de um quilo e aproximou-a do rosto de Margaret, a fim de verificar se a cor combinava com sua pele.

Era um material que parecia muito caro e totalmente inadequado, embora as mãos de Margaret ansiassem em acariciar o tecido transparente. Perto de seu rosto, exalava uma fragrância que ela conhecia... um cheiro maravilhoso e limpo. Seria o próprio perfume da seda, ou de uma pessoa que usara um vestido assim e que pairava no limiar de sua mente consciente? E quem seria essa pessoa... Dio ou alguma outra mulher? Ela tentou afastar a lembrança no mesmo instante, porque sentia que começava a ficar tensa.

Margaret quase nunca comparecia a reuniões que exigissem o uso de roupas mais elegantes do que os trajes acadêmicos formais, no momento guardados em seu baú na universidade. Não percebera até então quantas vezes desejara usar vestidos como os de Dio, para jantares com autoridades e representantes de outros planetas, ou para algum baile ocasional. Ela não pôde conter um pequeno suspiro.

— Obrigada, mas eu estava pensando num traje simples e prático. Preciso de roupas quentes e resistentes, apropriadas para andar por longas distâncias ou para montar a cavalo. O tipo de roupa que Anya usa, só que para fora de casa. O que acha melhor, Ethan?

Ethan parecia chocado.

— Mas... ora, minha dama, Anya é uma velha!

Margaret ficou surpresa. Velha? Anya parecia ter cinqüenta anos, o que nada tinha de velha, por sua avaliação. Com os avanços na tecnologia de rejuvenescimento, cinqüenta anos não chegavam a ser nem de meia-idade. A expectativa de vida ali devia ser menor do que ela imaginara. Por quê? Não fazia sentido. E foi então que ela compreendeu que Anya era uma matrona, já passara da idade de gerar crianças. Muitas culturas vestiam as meninas e jovens de maneira diferente das mulheres maduras e casadas. Como ela pudera ser tão obtusa?

— Então o tipo de roupa que Moira usa.

— Uma serva, damisela? Não pode se vestir como uma serva. Tio, talvez aquele traje castanho avermelhado que fez para Mestra Rafaella, o que ela não gostou quando ficou pronto.

Aaron se mostrou aliviado.

— E o mais apropriado. Nunca foi usado, domna. A mestra achou que o bordado não combinava com ela.

A voz parecia mais esganiçada, um pouco tensa. Margaret observou-o atentamente, especulando se ele estaria mentindo... e por quê. Mas logo concluiu que se tornara hipersensível de novo. Devia fazer um esforço para manter o controle em todas as circunstâncias, ou acabaria não conseguindo mais funcionar direito. Como podia ter um sobressalto a cada cheiro e sombra? Já chega!

— As duas são do mesmo tamanho e têm a mesma cor. — MacEwan balançava a cabeça enquanto falava. — Esse rapaz será uma grande ajuda para mim... conhece o meu estoque melhor do que eu. Manuella!

Ele não notou a expressão de desagrado que o comentário pôs no rosto de Ethan. Margaret ofereceu-lhe um sorriso, e o rapaz se reanimou no mesmo instante. Ela mal podia acreditar que na noite anterior desconfiara de Ethan, pensando que podia ser um ladrão em potencial.

O chamado atraiu uma mulher de aparência cansada, vestida de maneira parecida com Anya. Margaret concluiu que seu palpite fora correto. Havia uma distinção, invisível para olhos destreinados, entre o que era apropriado para uma mulher casada e o que era certo para uma solteirona como ela. O pensamento deixou-a um pouco surpresa, pois nunca pensara assim a seu próprio respeito.

— Minha esposa, domna. Leve-a para dentro, minha cara, e mostre aquele traje castanho avermelhado que fizemos para a exigente da Rafaella. E você, Ethan, suba até o sótão e pegue aquela lã verde de coelho-de-chifre. É leve, mas esquentada bastante. Depois, dê um pulo à loja de Jason, o fabricante de cintos, e peça que ele mande uma boa coleção de cintos e luvas para uma dama. E você, Jeremy, vá até Mestra Dayborah e peça-lhe que mande uma

coleção de trajes íntimos femininos para uma dama... mais ou menos do tamanho de Mestra Rafaella.

Margaret descobriu-se sendo empurrada gentilmente para os fundos da loja, por uma Manuella que exibia um embaraço evidente.

— Perdoe-o, por favor, domna. Ele é um artista e às vezes esquece seu lugar. Não tem a pretensão de dar ordens a todo mundo.

— Acho que ele estava absorvido num processo de criação, quando entramos na loja.

Manuella soltou o suspiro de uma esposa que sofre há muito tempo, antes de sorrir, meio tímida.

— Ele tem se concentrado naquela peça de fazenda há vários dias. E um bom homem, nunca olha para outra mulher. Mas a maneira como se comporta com uma peça de qualidade é quase mais do que carne e sangue podem suportar. Como posso competir com lã ou seda rendilhada, até mesmo com o algodão da Cidade Seca? Mas ele é de fato um mestre artesão. Aqui está o traje castanho avermelhado feito para Rafaella... tão bom ou melhor do que qualquer outro que se pode encontrar em Thendara, mas não bastante bom para aquela... gata! Essas Renunciantes! Não são capazes de se comportar como uma mulher decente. Mas ela banca a superior, só porque seu pai foi coridom dos MacLorans. Esquece que um coridom não deixa de ser um servo... e posso garantir que não é melhor do que um honesto artesão!

Enquanto falava, a mulher desdobrava o complexo traje. Havia várias saias, cada uma pintada de uma tonalidade um pouco mais clara de castanho avermelhado, as bainhas bordadas com um padrão de folhas verdes, uma blusa da cor da saia mais clara, e uma túnica mais escura, completando o conjunto. Tudo usado ao mesmo tempo seria um traje pesado e quente; muito mais confortável, pensou Margaret, do que a roupa que vestia agora.

— E lindo e uma das minhas cores prediletas — comentou ela.
— Mas acho que é um pouco... um pouco elegante demais para o que preciso. Quero um traje para trabalhar.

Margaret conhecia, de alguma forma, a palavra correta para definir o que queria, um traje diferente do que seria apropriado para

uma ocasião formal. Não pôde deixar de se perguntar como sabia, já que tinha certeza de que não constava do disco de língua básica. Simplesmente lhe ocorrera, como a canção que tirara da ryll. Aquele traje castanho avermelhado, por mais adorável que fosse, era requintado demais para circular pela oficina de um fabricante de instrumentos musicais, cheia de aparas de madeira, ou recolher canções em cantos remotos de Darkover, um mundo ao mesmo tempo tão familiar e tão estranho.

— Gostei muito, mas queria um traje mais parecido com o que está usando.

Manuella olhou para sua saia e a túnica cinza, depois elevou os olhos para o céu. Margaret já vira esse gesto muitas vezes antes. Sempre significava a mesma coisa: por que as pessoas são tão incompreensíveis? Ela sentiu-se confortada pela humanidade da expressão, e retribuiu com um sorriso.

— Vestir-se como uma mercadora? Vai querer envergonhar sua família? Por favor, domna, qualquer um pode perceber o que é. Vestir-se abaixo de sua posição não vai enganar ninguém.

Sua posição? Margaret não podia entender o que a outra mulher estava dizendo. Será que aquelas pessoas sabiam que ela era filha do senador por Cottman? E que diferença isso fazia? Era evidente que Manuella sentia-se consternada pela possibilidade de vê-la usando a roupa errada, mas Margaret não podia entender o motivo. Já ia perguntar, quando uma velha en-carquilhada entrou na sala, os braços cheios de roupas. Ela parou, olhou aturdida para Margaret, depois se curvou numa reverência profunda.

Margaret ouviu um tênue sussurro de pensamento da mulher mais velha, enquanto era apresentada a Dayborah, a fabricante de roupas íntimas. Comynara! É como nos velhos tempos! Quando eu era uma menina!... Ela captou um sentimento de anseio, uma saudade por uma era passada, quando as pessoas conheciam seu lugar. Tratou de se desvencilhar da impressão de que ouvia os pensamentos da velha. Tinha certeza de que era confundida com outra pessoa, embora não pudesse imaginar quem fosse.

Cansada demais para continuar a argumentar, ela deixou que as duas mulheres a pressionassem a comprar as roupas que

julgavam apropriadas. Experimentaram várias peças, antes que Manuella se declarasse satisfeita. As roupas se ajustavam com perfeição, embora os cordões na cintura e pescoço deixassem margem para variações. Manuella soltou a trança que ela fizera, escovou os cabelos e tornou a prendê-los com uma linda travessa de prata, em forma de borboleta, que surgiu em sua mão como num passe de mágica.

Parecia comprimir sua nuca, dando a impressão de pesada, embora fosse leve, e familiar, embora ela tivesse certeza de que nunca vira outra parecida. Acima de tudo, havia a sensação de que estava no lugar certo.

Enquanto as duas mulheres discutiam sobre os cintos, optando ao final por um verde escuro, Margaret experimentou a sensação desconcertante de perder a identidade pessoal. Não existia mais uma Margaret Alton, mas sim uma sucessão interminável de estranhas, envoltas por camadas de roupas, os cabelos presos por borboletas, com bordados e pulseiras nos pulsos. E os odores dos tecidos despertavam lembranças que ela tinha certeza de que não eram suas! Trouxeram a imagem perturbadora daquele homem de cabelos prateados que às vezes assombrava seus sonhos, além da megera de cabelos vermelhos a berrar. Margaret foi dominada por um caleidoscópio de imagens conflitantes. Fez um esforço para permanecer no aqui e agora... no presente, não no passado perigoso. Mas ressurgiu a lembrança do orfanato, que a dominara na noite anterior, e ela experimentou um medo repentino. Mordeu o lábio inferior, obrigou-se a prestar atenção às mulheres que se agitavam ao seu redor.

A lã verde de coelho-de-chifre foi comprimida contra suas mãos quase dormentes. Ela se descobriu a concordar mecanicamente em ter uma túnica para o festival, com uma blusa de uma fibra que parecia algodão. Só podia ser parecida, porque fazia frio demais naquele planeta para cultivar algodão.

Margaret tratou de se agarrar à sua condição de pesquisadora como uma bóia de salvação mental, à medida que as dúvidas aumentavam e a desorientação se tornava cada vez maior. Fez perguntas sobre o tecido e descobriu que era feito com as fibras da

árvore de vagens de pluma. Ouviu as histórias do vigoroso carneiro que vivia nas colinas, e muitas outras. Enquanto escutava, conseguiu pouco a pouco recuperar a concentração. Manuella levou-a de volta para a grande oficina.

Aaron MacEwan mostrou uma peça de seda rendilhada numa tonalidade verde-azul escura, tão bonita que a encheu com um anseio sem palavras. Era ainda mais fascinante do que a primeira peça. Margaret sentiu que sua resistência começava a vacilar. Ele exortou-a a transformar a peça num vestido de baile. Margaret protestou em vão que não teria proveito para um traje assim. Todos sorriram, com trocas de olhares sugestivos, e continuaram a insistir, prevalecendo sobre seus débeis protestos.

Margaret vislumbrou-se de repente no espelho comprido que havia na extremidade da loja. Seus joelhos tremeram. Era uma estranha que ela contemplava ali. Apressou-se em desviar os olhos. Não era ela! E Margaret experimentou uma necessidade súbita e desesperada de ter de volta seu velho e lamentável uniforme. Tinha medo da mulher no espelho. Virou de costas, mordendo lábio e fazendo o maior esforço para controlar o tremor nas pernas.

Os rostos de Aaron, Manuella e Dayborah começaram a assumir a aparência de demônios cordiais. Sua cabeça latejava. Tentou não se encolher de medo, reprimir o pressentimento de que iam atacá-la e retalhá-la a qualquer momento. Todos pareciam falar ao mesmo tempo, e as palavras não faziam o menor sentido. Havia um intenso excitação ali, mas ela parecia não ser capaz de participar. Turbilhonava ao seu redor, mas não chegava a envolvê-la. Seus ombros doíam com a tensão. Ficou atenta, à espera do som de trovoadas. Tinha certeza de que uma tempestade começaria em breve. Mas ouvia apenas a conversa incompreensível do costureiro e sua esposa.

Aaron fez um desenho do traje proposto. Pediu a um dos rapazes que fosse chamar uma bordadeira. Margaret recorreu a seu último resquício de energia para pôr fim ao tormento de vozes ao seu redor.

— Parem, por favor! Não preciso de roupas para dançar! Sou uma pesquisadora, não uma princesa!

Ela correu para a sala dos fundos, tirou os trajes, tornou a vestir seu uniforme. Quando voltou, Dayborah não se encontrava mais ali, enquanto Aaron e Manuella exibiam expressões perplexas. Aaron parecia mais do que espantado... estava magoado!

— Mas o que vai usar no Baile do Solstício do Verão? — perguntou ele. Com toda a firmeza de que era capaz, Margaret respondeu:

— Pode ter certeza de que não irei a nenhum baile. Não frequento esses círculos. O que preciso agora, Mestre MacEwan, é de um bom manto de lã para um homem que tem um pouco menos que a sua altura. Ele é bastante idoso. Preciso voltar logo para a sua companhia. Passei mais tempo aqui do que tencionava.

— Se é o que deseja, domna, assim será feito. Mandarei entregar tudo no Castelo ainda hoje.

Margaret podia sentir a confusão e um pequeno ressentimento do costureiro e sua esposa, como se os tivesse privado de um intenso prazer. Se ao menos ela pudesse encontrar um sentido em tudo aquilo... Seu cérebro parecia ter virado mingau... e mingau encaroçado ainda por cima!

— Castelo?

Era evidente que fora confundida com outra pessoa. Subitamente, seu senso de humor prevaleceu. Era como uma antiga piada de mau gosto. Devia parecer com alguma mulher da nobreza local, e haviam pensado que viera fazer compras ali. O jovem Jeremy explicou:

— A domna está hospedada na casa de Mestre Everard, na Rua da Música. Eu já tinha dito isso antes!

Ele ficara vermelho de embaraço. Os mais velhos fitaram-no com uma expressão de desapontamento, logo acompanhada pela incredulidade. Aaron MacEwan balançou a cabeça.

— Se é o que diz, domna...

— É, sim — declarou Margaret, exasperada. — Agora, se quiser fazer um embrulho, eu mesma levarei.

— De jeito nenhum! Não seria apropriado. — Era óbvio que Mestre MacEwan não acreditava nela nem no sobrinho. Ele era a

própria imagem da dignidade afrontada. — Pode deixar que mandaremos entregar dentro de uma hora.

Margaret desistiu. Eles se recusavam a acreditar que ela era quem dizia ser. Obstinação, continuavam convencidos de que era outra pessoa.

— Quanto custa?

Aaron olhou para o canto da oficina, distraído, enquanto Manuella indicava um preço muito mais baixo do que Margaret se dispunha a pagar. Pelo menos não estavam cobrando de forma exagerada. Assim que a embaraçosa questão comercial foi resolvida, Aaron limpou a garganta e disse:

— Domna, não nos cabe interrogá-la. Mas quando o jovem Ethan me contou quem era, ou parecia ser, eu me senti honrado por ter escolhido minha loja para fazer suas compras. Confesso que fiz tudo por minha própria glória. Não tenho muitas oportunidades de vestir uma dama do Comyn, pois elas compram as peças de fazenda e mandam suas criadas fazerem tudo. Sempre me sinto angustiado ao pensar em mãos inábeis manuseando as minhas lindas fazendas, mas essa é a realidade. Não sou um homem desprovido de reputação, mas só posso ir até certo ponto, atendendo aos arrivistas sociais, os artistas líricos e os menestréis itinerantes.

O crânio de Margaret agora vibrava, como se mil tambores ressoassem lá dentro. Sentia a pele gelada e pegajosa sob o uniforme. Recorreu às boas maneiras de que era capaz para responder:

— Pode ter certeza, Mestre MacEwan, que eu o escolheria se algum dia precisasse de um costureiro. Foi mais do que gentil. E sei reconhecer um artista quando o encontro. Não sei quem pensa que eu sou, mas posso garantir que não pertencço a esse tal de Comyn. Nunca ouvi falar nada a respeito!

Assim que as palavras saíram de sua boca, Margaret compreendeu que eram inverídicas e inaccuradas. Conhecia a palavra, sabia o que significava, mas tudo se relacionava com aquele lugar em seu cérebro ao qual não queria ir. Mais do que isso, ao qual não deveria ir, mesmo que quisesse. O ar ao seu redor parecia completamente parado. Ela tornou a ouvir o som da trovoadade

verão. Podia ver o espelho pelo canto dos olhos. Parecia que havia alguma coisa ali, a mera insinuação de um rosto. Mas era um rosto assustador, e ela se apressou a desviar os olhos.

E foi nesse instante que um enorme peso assentou sobre seu peito. Parecia que uma imensa mão pegava seu coração e apertava. Ela sentiu que se encostava na mesa de corte, a beirada comprimindo seus quadris, enquanto um túnel longo e turbilhonante abria-se diante de seus olhos. Caindo, caindo! Margaret despencou para as profundezas, e tudo desapareceu na escuridão que a envolveu por completo.

Capítulo Cinco

Margaret abriu os olhos. Sentiu uma superfície lisa e dura por baixo de suas costas. Lá em cima havia vigas altas, pintadas com padrões intrincados, que faziam sua cabeça girar e o estômago embrulhar. Onde estava? Por um instante, não foi capaz de lembrar. Tornou a fechar os olhos e apertou com força, a fim de excluir a visão das vigas. Havia algo macio e pesado estendido sobre seu corpo. Ela fechou os dedos em torno, sentindo a carícia quente e áspera de uma manta de lã. Aspirou a agradável fragrância do bálsamo das montanhas. Fez um esforço para normalizar a respiração.

Quando tornou a abrir os olhos, deparou com o rosto escuro e barbudo de Aaron MacEwan a observá-la com a maior ansiedade. Dava para sentir alguma coisa sob seu pescoço. Margaret concluiu que devia ser uma peça de fazenda.

— Fique quieta, criança. Manuella já vai lhe trazer uma xícara de chá. Deu-nos um susto e tanto, desmaiando desse jeito. Não foi nada demais. Esta onda de calor também me deixa tonto às vezes. A loja fica muito abafada.

Onda de calor? Margaret sentia-se enregelada como um bloco de gelo. As mãos e os pés doíam de tanto frio, enquanto o peito se achava coberto por um suor gelado e pegajoso. Ela teve vontade de gritar ou rir por aquele absurdo. Procurou respirar fundo, impondo ao corpo uma calma que não sentia. Os acontecimentos do dia anterior a floraram em sua memória. Sabia que pelos padrões de Darkover era mesmo um dia quente.

Tentou sentar, e o mundo girou ao seu redor. Tornou a arriar, sem forças, furiosa pela traição de seu corpo. Havia algo errado, algo tão terrível que ela nem queria saber o que era. Mas devia! Era urgente. Só que sua mente se recusava a cooperar.

Mãos ajudaram-na a sentar, mãos ternas, cheias de calos, consumidas pelo trabalho, mãos de pessoas reais. Uma caneca de chá forte e perfumado foi encostada em sua boca. Sentia tanta sede! Ela bebeu, queimando um pouco a língua. Mel fora

acrescentado ao chá, muito quente e doce. A terrível fraqueza começou a deixar seu corpo. Ela esvaziou a caneca, tomando o chá em goles demorados e desgraciosos. O açúcar entrou na corrente sangüínea como uma droga... e a memória aflorou.

Ivor! Há algum problema com Ivor! A certeza a deixou apavorada. Não podia dizer como sabia, mas por uma vez não tentou se persuadir de que era sua imaginação em ação. Era real demais para ser apenas imaginário. Os dentes bateram contra a beira da caneca vazia. O corpo todo tremia.

Margaret resistiu ao impulso de pular da superfície firme da mesa de corte e sair correndo para a Rua da Música. Só a certeza de que os joelhos vergariam ao primeiro passo fez com que ela permanecesse onde estava por mais alguns minutos, respirando tão devagar quanto podia. A disciplina do treinamento acadêmico prevaleceu. Pouco a pouco, a vertigem se dissipou. Uma noção de força retornou ao corpo.

— Por favor... preciso partir imediatamente!

— Mas ainda se sente mal, dona!

O protesto foi de Manuella, o rosto pequeno contraído em preocupação. Mesmo no tumulto de suas emoções, Margaret compreendeu que a preocupação era genuína, e ficou comovida. Aquelas pessoas eram estranhas, mas se comportavam como se ela importasse. Afetava um profundo anseio em seu coração, algo que fora reprimido. Nem sabia que existia até aquele momento.

Ela rangeu os dentes, fazendo um esforço para não se deixar absorver pela bondade daquelas pessoas. Afastou a manta de suas pernas e respirou fundo.

— Isso não importa. Preciso voltar o mais depressa possível à casa de Mestre Everard. — Margaret pôs os pés no chão coberto de retalhos e pedaços de linha, cambaleou como se estivesse embriagada. — Jeremy... Ethan... levem-me de volta, por favor.

Os adultos e os rapazes trocaram olhares desconsolados. Aaron deu de ombros, como se dissesse "Faça-se a sua vontade". Margaret empertigou-se. Esticou a túnica do detestado uniforme, o corpo todo estremecendo. Não havia necessidade de se apressar. Sabia disso, no fundo de seu coração. Era tarde demais. Mas queria

desesperadamente estar enganada. Tinha a nítida impressão de sua queda em espiral pela escuridão, a lembrança da mão apertando seu coração. Só que sabia que o aperto não fora em seu coração, mas no de Ivor. Desejava que fosse um sonho, mas tinha certeza de que era tão real quanto as mãos que agora ofereciam ajuda, um fato concreto e terrível.

Fora da loja, a claridade na rua era avermelhada. O enorme sol sangrento se encontrava bem próximo dos telhados das casas, projetando sombras profundas entre elas. Margaret pôs-se a andar depressa, os calcanhares batendo firme nas pedras irregulares do calçamento, acelerando o ritmo com as pernas compridas, até os rapazes ofegavam ao seu lado. O sangue latejava com toda a força, parecendo os tambores da morte de Vega VI. Latejavam em seus ouvidos até que se sentiu quase nauseada. Um pé escorregou e ela perdeu o equilíbrio, caindo sobre as palmas das mãos e os joelhos. A dor levou-a a soltar um grito estridente, imprecando com mais fluência do que imaginava que era capaz.

Os rapazes ajudaram-na a levantar. Margaret olhou para o corte numa das palmas como se fosse uma coisa remota. Podia sentir um filete quente escorrendo pela perna, por baixo do uniforme. Os cabelos finos haviam se soltado da travessa em forma de borboleta, que continuava no lugar. Esvoaçavam agora em torno de suas faces, com os rapazes observando, numa tensão evidente. Ela empurrou os cabelos para trás, impaciente, deixando uma risca de sangue na testa, sem perceber.

Onde se encontravam? As ruas pareciam intermináveis, dando voltas incontáveis, sob a claridade vermelha do sol poente. Por quanto tempo permanecera inconsciente? Por que deixara Ivor, quando sentira que não era a coisa certa? Os pés se deslocavam em passos rápidos, mecânicos. Ela concentrou toda a energia em chegar a seu destino, tentando não pensar, não imaginar o que já sabia, embora não pudesse dizer como sabia.

A porta da casa foi aberta no instante mesmo em que ela estendeu a mão para a aldraba de madeira. Mestre Everard, pálido e atordoado, postava-se ali, a pele quase tão pálida quanto os cabelos brancos, os velhos dentes amarelados se destacando. Os olhos azuis

estavam marejados de lágrimas, numa profunda angústia, a aparência era desgrenhada.

— Ivor... — balbuciou Margaret, sentindo um frio no coração.

— Minha cara criança, tenho uma triste notícia...

— Ele está morto, não é?

A voz soou brusca e rude aos ouvidos da própria Margaret, rouca como o chamado de uma gralha. Everard acenou com a cabeça, enquanto a puxava para dentro da casa.

— Isso mesmo, ele partiu. O rapaz foi acordá-lo e não teve resposta. Deve ter morrido enquanto dormia.

— Mas ele não estava doente! — protestou Margaret, a voz estridente, como a de uma criança cansada e histérica. — Não pode ter morrido!

Mestre Everard ajudou-a a sentar, afagando sua mão com extrema gentileza.

— Não sabemos o que aconteceu, criança. Ele era velho. Estava exausto. Quando chega o momento de um homem, nada mais se pode fazer. Seu rosto é sereno. Não creio que tenha sofrido.

— Tenho de vê-lo!

— Não, criança. Não se encontra em condições de vê-lo neste momento. Fique quieta e procure se acalmar.

— Mas tenho de vê-lo... ficar ao seu lado!

Lágrimas de desamparo escorriam pelas faces de Margaret. Anya entrou na sala. Trazia uma bacia com água fumegante e uma toalha macia. Com murmúrios gentis, limpou as lágrimas do rosto e o sangue das mãos cortadas de Margaret. Ela estremeceu quando os cortes foram limpos e Anya passou uma pomada, que recendia a ervas. O mestre de música permaneceu atrás da governanta, retorcendo as mãos, querendo ajudar, mas advertido a não atrapalhar.

Margaret sentia a maior vontade de empurrar para longe as mãos de Anya, gritar com aquelas duas pessoas tão bondosas que pairavam ao seu redor. Mas carecia de força para sequer formar palavras. Tentou levantar, mas as pernas recusaram-se a sustentá-la.

Encolheu-se toda na cadeira, desejando despertar daquele pesadelo. Sabia que era real, mas se sentia muito distante. A mente

flutuava sem rumo definido, o cheiro da pomada deixando-a sonolenta. Lembrou a maneira errada como Ethan pronunciara Thetis. Não tive a oportunidade de contar a Ivor sobre o planeta de "thesis". É um absurdo pensar nisso, mas ele teria adorado. Novas lágrimas afloraram a seus olhos.

— Vamos deitar agora — murmurou Anya.

— Tenho de vê-lo. Juro que vou ficar bem, se ao menos puder vê-lo...

— Não está em condi...

— Anya, pode levá-la até o corpo. Ela não vai descansar se continuar assim.

A voz de Mestre Everard soou estridente, angustiada e autoritária. A governanta soltou um grunhido, olhou para o velho e acenou com a cabeça. Ajudou Margaret a subir a escada. As duas foram para o quarto de Ivor. Anya parou na porta, enquanto Margaret se adiantava até a cama, os pés hesitantes agora. Não havia mais qualquer necessidade de pressa.

O quarto ficava no lado do sol vespertino, enquanto o dela era no lado do sol matutino. Os raios do sol entravam pela janela, iluminando o corpo na cama enorme. Ele parecia muito pequeno. E tranqüilo. Dava a impressão de que apenas dormia, como Margaret já o vira centenas de vezes antes. Mas ela sabia que desta vez o professor não mais acordaria.

— Ivor... — sussurrou ela.

Depois de uma pausa, Margaret repetiu o nome mais alto. O que eu poderia ter feito? Nada. Então por que sinto que, de alguma forma, a culpa é minha?

— Lamento muito. Por que me deixou sair? O que vou dizer a Ida? Como posso continuar sem você?

As palavras soavam absurdas em seus ouvidos, mas ela sabia que não eram. Eram apenas as palavras humanas, o que as pessoas pensavam e diziam quando alguém morria.

— Eu o amava, meu querido velho. Alguma vez lhe disse isso? Disse que foi como um pai para mim durante todos esses anos, que eu não teria trocado um segundo desse tempo por todos os créditos do universo?

Margaret inclinou-se e pegou a mão do velho, entrelaçou seus dedos gelados. Ainda podia sentir o cheiro familiar de Ivor nas roupas de cama, o perfume de sua água de colônia, a loção que passava nos cabelos ralos.

Ficou parada ali por um longo tempo, segurando a mão fria, pensando nos anos que haviam passado juntos, em toda a bondade com que fora cumulada. Ivor morreria, e ela teria agora de fazer o melhor de que fosse capaz, embora naquele momento não soubesse o que isso significava. Tocou no peito do velho, alisou as cobertas, acariciou com ternura o rosto enrugado. E depois se virou. Não havia mais nada que pudesse fazer ali.

A exaustão atingiu-a como um porrete nesse instante. Os joelhos vergaram. Ela cambaleou para o lado da cama, batendo com a canela na madeira, a dor tão intensa que fez pontos de luz surgirem diante de seus olhos. Sombria, tratou de reprimir a dor. Ainda persistiria mais tarde, tinha certeza. Sempre a acompanharia. Estava vazia de lágrimas, vazia de tudo, exceto a dor e a perda. Anya pegou seu braço gentilmente, levou-a para o outro quarto.

Muros, muros bem altos, erguiam-se por cima dela. Por baixo dos pés pequenos, havia enormes blocos de concreto. Margaret sentia-se muito pequena, impotente. Olhou para as enormes esculturas ao seu redor. Havia um teclado comprido, como uma onda de mar, elevando-se ao seu lado. Ela ergueu-se na ponta dos pés, tocou uma das teclas. Um suave som de carrilhão ressoou em seus ouvidos. Lembrava-a de alguma coisa, mas não conseguiu determinar o que era. Era um som de cristal delicado, provocando um calafrio.

Um urso, corpulento e redondo, dançava num pedestal, com uma atitude cordial. Havia a seu lado uma longa chapa de metal, com as intrincadas notações tridimensionais de Ceti. Margaret tentou decifrar o enigma, já que as notações de Ceti funcionavam ao mesmo tempo como notas musicais e linguagem escrita. Era um código, que ela sabia como ler, mas não havia o menor sentido no que via. Ela se movia como se avançasse por um líquido denso e invisível, lentamente, com a maior dificuldade. Circulou pelo jardim cheio de estátuas, à procura de uma saída.

Um sol amarelo, detestável para seus olhos, iluminava-a, furioso. Era urgente escapar. Ela foi andando ao longo dos muros, examinando as pedras, em busca de uma abertura para sair dali. Finalmente encontrou uma porta, tão pequena que não a percebera antes. Embora ela fosse pequena, a porta era ainda menor, pouco mais de trinta centímetros de altura, mal chegando a seus joelhos. Margaret estendeu a mão e girou a pequena maçaneta de metal. A porta estava trancada. Ela bateu com os pequenos punhos na porta, virou e sacudiu a maçaneta. As estátuas pareciam escarnecer de seu esforço. Exausta, ela encostou a cabeça na porta e chorou.

Margaret abriu os olhos cansados e sentiu o travesseiro sob a cabeça, a franha úmida. Piscou várias vezes, clareando a vista. O quarto não estava muito escuro. Ela olhou para a janela, concluiu que devia ser o meio da tarde, pelo horário local. Por que se encontrava na cama? Detestava dormir durante o dia. Deixava-a desorientada e irritada.

Por que dormira de tarde? Margaret virou de costas e olhou para as vigas pintadas no teto. A memória voltou como um rio impetuoso, inundando sua mente. O desmaio na loja, o retorno apressado e angustiados à casa de Mestre Everard, a queda na rua. Ela levantou a mão e viu o curativo. Não, não fora sua imaginação. Ivor morrera mesmo.

As lágrimas voltaram, escorrendo pelas orelhas num fluxo angustiante. A dor se transformou numa espécie de raiva, um sentimento de ter sido abandonada de novo. Não podia imaginar de onde vinha aquele vazio que a preenchia com uma ira insensata, que parecia não ter qualquer alvo específico. Sentou na cama e imprecou fluentemente em várias línguas, expulsando a raiva com palavras, até que parecesse uma lunática para si mesma.

Tratou de se silenciar abruptamente, deixou que a mente vagueasse a esmo. Não queria pensar, porque o pensamento só servia para trazer a dor. Por um momento, desejou o esquecimento do vinho. O que a fez pensar no senador e suas bebedeiras. Seria por isso que ele bebia? Pela primeira vez, Margaret quase que o compreendeu. O sentimento era inquietante. Não queria compreender o pai... nunca!

Margaret baniu-o para o lugar em que lançava a maior parte das lembranças odiadas. Descobriu-se a recordar os intrincados dísticos rimados de Zeepangu. Naquele planeta amortalhado por uma permanente neblina, a morte era encarada como uma tentativa de se esquivar da responsabilidade. Os presentes nunca choravam ou demonstravam qualquer pesar. Em vez disso, criticavam o cadáver e lançavam os poemas de dois versos na sepultura. Margaret quase que compreendeu, por um instante, o sentimento de indignação e perda. Mas não vivia em Zeepangu e não sentia a menor disposição para condenar Ivor por abandoná-la. Apenas desejava desesperadamente que ele não tivesse morrido — por mais inútil que isso fosse -, pois assim não se sentiria tão apavorada. Como alguém podia suportar a dor causada pela morte?

Margaret ingressara na universidade como uma ingênua Colonial de dezesseis anos. Tudo era estranho e ela detestara, até que Ivor a encontrara e lhe proporcionara ao mesmo tempo um lar e um rumo para sua vida. Nunca imaginara como era ignorante até começar a conhecer os estudantes de outros mundos da Federação, todos com seus costumes e pressuposições. E cada um era tão provinciano quanto ela, tão certo de que o modo como se agia em seu mundo era a maneira certa.

A diferença entre Thetis e o mundo da universidade era a diferença entre o campo e a cidade. Margaret não desconfiara de que era tão antiquada, que até mesmo a filha de um senador podia ser uma tola, em determinadas circunstâncias. Que revelação! Sentira-se apavorada, até conhecer Ivor e Ida Davidson, que a fizeram se sentir bem-vinda. Podia recordar ao mesmo tempo a terrível solidão daquele período e o prazer de ser resgatada pelos generosos Davidsons.

Por um momento, ela relaxou na satisfação e segurança das lembranças que mais prezava. Mas o senso de indignação persistiu, como um tijolo aquecido logo abaixo do esterno. Não podia manter os sentimentos agradáveis na mente, porque a fúria continuava a borbulhar, por mais que tentasse impedi-la. Por que se sentia tão zangada? Era uma pessoa lógica, uma pesquisadora treinada, não é mesmo? Pior ainda, por que sentia raiva de Ivor? Que coisa terrível!

Margaret experimentava um senso de urgência agora, uma necessidade de descobrir a fonte de sua raiva, defini-la, empacotá-la e lançá-la para longe. Ninguém próximo dela jamais morreria antes. Tinha certeza disso. Ela sentou na cama, pôs os cotovelos nos joelhos dobrados, apoiou o queixo nas palmas, o rosto franzido.

Só que os sentimentos se recusavam a ser analisados e descartados. Pareciam um saco de gatos, todos uivando e arranhando. E todos tinham uma garra em sua barriga. Era mais do que Ivor, não é mesmo? Outra pessoa morreria, alguém de quem ela gostava? Margaret pensou bastante, mas não foi capaz de imaginar quem podia ter sido, exceto talvez a sua verdadeira mãe, a primeira esposa de seu pai. Quase nunca pensava sobre essa mulher. Nas poucas ocasiões em que o fizera, interrogando Dio a respeito, a expressão de dor e angústia da madrasta levou-a a desejar ter ficado em silêncio. Ou seria aquela outra mulher, a tal de Thyra, que ela tinha certeza ser parte do enigma? Estaria morta? Mestre Everard usara o verbo no passado ao se referir a ela. Por isso, Margaret supunha que devia estar morta.

Ufa! Ela recendia a suor, sujeira e desespero, só a Deusa sabia o que mais. Margaret não podia suportar por mais um momento sequer. Jogou as cobertas para o lado e procurou por seu uniforme. Não encontrou-o em parte alguma, mas os trajes darkovianos que comprara na loja haviam sido pendurados no pequeno armário. A sensação era maravilhosa sob seus dedos, reconfortante e segura.

Margaret prendeu os cabelos e tirou a camisola. Observou a claridade e concluiu que devia ter dormido durante um dia inteiro. Encontrou seu cronômetro e constatou que perdera de fato um dia. Não era de admirar que se sentisse tão atordoada. Estremeceu da cabeça aos pés. Pegou um roupão no armário, cobriu a pele nua. Depois, encaminhou-se para a enorme tina que sabia estar à espera no final do longo corredor. Darkover podia carecer de eletricidade e de veículos motorizados de transporte terrestre, mas pelo menos era um mundo extremamente civilizado em matéria de banhos.

Margaret quase sorriu. Descobriu que tinha os músculos do rosto tão rígidos que o sorriso era doloroso. Nunca mais ia querer sorrir! Sentiu-se idiota nesse momento. Ainda estava furiosa, e

provavelmente assim continuaria por muito tempo... mesmo que não conseguisse encontrar uma razão específica para sua raiva. Não desapareceria apenas por desejar. E sorriria de novo, até soltaria boas risadas... Ivor haveria de querer que ela fizesse isso. Mas não neste momento. Por enquanto, teria de lidar com várias emoções fortes, tudo ao mesmo tempo, e nenhuma delas era agradável. Ela suspirou fundo, e uma parte de sua mente zombou por ser tão dramática. Era como se uma estranha tivesse invadido seu corpo enquanto dormia, outra Margaret que ela sabia que espreitava do fundo de sua mente, à espera da oportunidade de escapar e assumir o controle de seu corpo. Um absurdo, é claro, mas essa era a verdade da situação.

Ela arriou nas profundezas aquecidas do banho. Pegou um pote verde no lado da tina. Despejou parte do conteúdo na água, foi envolvida pela fragrância. Era suave, uma mistura de flores... e vagamente familiar. A pequena porta no sonho ressurgiu em sua mente, com absoluta nitidez. Ela ficou imóvel, recordando. O que havia por trás? Não era uma porta de verdade, mas ela sabia que possuía um significado.

Fechou os olhos por um momento. A suave fragrância de flores pareceu acalmá-la. Era pequena outra vez. O corpo de uma criança se sobrepôs ao seu. Sentava numa tina com água, perfumada com aquela mesma mistura verde. Braços graciosos haviam-na baixado para a água. De quem? Margaret tinha quase certeza de que esses braços pertenciam à mulher de cabelos vermelhos que aparecia em seus pesadelos. E havia mais alguém, que ela não podia ver. O homem de cabelos prateados?

E abruptamente Margaret recordou outra noite anterior à sua partida de Thetis, uma noite que banira para o fundo da mente, junto com muitas outras. Dias antes da viagem ela se sentira excitada demais para dormir, fazendo e desfazendo as malas uma dúzia de vezes, tentando decidir o que levar no pouco peso permitido para a viagem. Acabara descendo à procura de alguma coisa insípida para ler, pensando que a faria adormecer.

O Velho sentava diante do fogo, com um copo na mão. A memória de Margaret reconstituiu cada linha de seu rosto: a barba

escura, os sulcos profundos entre as sobrancelhas, as cicatrizes que ele disfarçava com maquiagem cor de carne, quando saía de casa. Ela perguntara muitas vezes, quando era pequena, como o rosto dele ficara assim, mas o pai nunca respondia. Mais tarde, Margaret aprendera a não fazer perguntas, não lembrar, e nunca desobedecer suas estranhas ordens. Ele levantou os olhos e um princípio de sorriso contraiu seus lábios.

— Marja...

O pai sempre a chamava assim. O nome em seu passaporte era "Margaret", mas Dio e o senador sempre a tratavam por Marja.

— Excitada? — indagara o pai.

— Um pouco. Não conseguia dormir. Acho que vou descansar mais na espaçonave.

— Duvido muito. Quando partimos... quando viemos para cá, você ficou doente. Parece ter herdado minhas alergias à maioria das drogas do hiperespaço. E verdade que eles desenvolveram algumas novas desde então. Marja, lembra de qualquer coisa do tempo anterior à sua vinda para cá?

Por algum motivo, embora ele falasse com extrema gentileza, a indagação fizera o peito de Margaret se contrair em terror.

— Não muito. Era apenas um bebê.

— Não era, não. Tinha quase seis anos, idade suficiente para lembrar de muita coisa. Não recorda nada? Nem mesmo em sonhos?

— Não me lembro de nada.

Margaret hesitara. Seis anos? O pai devia estar enganado. Como ela poderia ter esquecido seis anos de sua vida? Sentira-se furiosa e enganada. Era uma raiva antiga e amarga, que ela preferia não ter. Ocorria em momentos estranhos, quando Dio tentava explicar o comportamento do senador em relação a ela, ou quando fazia perguntas e recebia a ordem para se calar.

— Sonhos? — acrescentara ela. — Claro que sonho... todo mundo sonha.

— Mas você sonha com o quê?

— As bobagens de sempre...

Nos poucos meses do ano em que os três ficavam juntos, quando o senador não estava ausente em seu trabalho, havia

tamanha distância entre eles que não se podia dizer que tinham uma vida de família. A pergunta fizera Margaret sentir como se a privacidade entre os dois há muito consolidada tivesse sido violada. Ela se contraíra toda, desejando ter ficado em seu quarto.

— Sabe como é... — continuara ela. — Coisas... coisas simbólicas. Quartos trancados. Portas, muros. Alguma coisa muito valiosa se acha trancada por trás de uma porta.

Os olhos do senador se iluminaram.

— Que coisa?

— Uma enorme... uma pedra preciosa — murmurara Margaret, contrafeita. — Isso tem alguma importância?

— Pode ter. Há mais alguma coisa?

— Nenhuma.

Mas havia. O pai devia ter tido alguma percepção profunda nesse instante, porque insistira, suavemente:

— Conte-me, criança.

— Não é nada demais. Às vezes sonho com uma porta pequena que parece assustadora. Choro e bato na porta, mas não consigo abri-la. Ou talvez não consiga sair. Não se pode ter certeza nos sonhos. Sou muito pequena, mas a porta é ainda menor, e depois... — Ela fizera uma pausa, dominada por uma emoção que não podia definir. — E depois você e Dio estão lá, como sempre estiveram.

Mas você não estava quando fiquei trancada! Era extraordinária a raiva que ela sempre experimentava quando pensava no sonho. Torcera para que ele não ouvisse seus pensamentos — às vezes o pai dava a impressão de que podia fazê-lo -, porque não queria que tomasse conhecimento de sua fúria. Aparentemente, o senador não captara as fortes emoções que abalavam sua mente adolescente, ou já bebera demais para notar.

— Venha sentar aqui, Marja, no chão, ao meu lado, como fazia quando era muito pequena.

Por um segundo, o convite fora tentador. Ela adorava se enroscar ao lado do pai quando era pequena. Mas agora isso fazia com que se sentisse uma idiota.

— Não sou seu cachorrinho de estimação.

— Não é mesmo. — O ânimo tranqüilo se desvanecera de maneira súbita e inexplicável, como costumava acontecer quando o pai bebia. — E uma megera ruiva infernal... como sua mãe.

— Que bela maneira de falar sobre sua falecida esposa! — protestara Margaret.

Ela estremeceu no instante seguinte. Era perigoso provocá-lo quando se encontrava naquele estado. Mas o senador apenas assumira uma expressão de surpresa.

— Marjorie? Por que pensou que eu me referia a ela? Eu a amava mais do que as palavras podem descrever. Mas ela não era sua verdadeira mãe.

— Dio é a única mãe que sempre conheci. Mas pensei que minha mãe biológica fosse sua primeira esposa, embora nunca me falasse a seu respeito. Presumi que a amara tanto que não conseguia falar sobre ela.

As palavras saíram depressa, por mais que Margaret tentasse contê-las. Ela sabia como era perigoso confrontar o Velho, e ficara surpresa consigo mesma. Tudo se tornara desconcertante desde que tomara a decisão de partir para a universidade em Coronis. O pai ainda não se sentia feliz com sua escolha, mas também não queria explicar o motivo.

Os segredos às vezes pareciam preencher a casa arejada com uma espécie de vapor, um cheiro de pesar e raiva antiga. Margaret se acostumara de tal forma com isso que quase nunca fazia perguntas. Tentara adivinhar o ânimo do senador e não conseguira, mordendo o lábio inferior, deslocando o peso do corpo de um pé para outro.

— Marjorie? — murmurara ele, de guarda baixa. — Está enganada. Sua mãe era a irmã de Marjorie, Thyra.

Margaret tentara digerir aquela informação nova e indesejável. Quem? Conhecia aquele nome... às vezes o pai o gritava durante o sono. E sempre provocava um calafrio nela. Sentira vontade de deixar a sala naquele instante, mas a curiosidade prevalecera.

— Já ouvi falar de alguns costumes matrimoniais muito estranhos, mas este é novidade para mim. A primeira criança sempre nasce da irmã da esposa?

Ela estava sendo sarcástica, e sabia disso, mas preferia morrer a deixar que o pai percebesse seu interesse. Só que ele não rira.

— Não foi deliberado — dissera o senador, desolado.

Margaret tinha idade suficiente para pensar que compreendia e ficar embaraçada, não sabia se por ele ou por si mesma.

— Dio sabe?

— Claro que sabe. Conteí tudo a ela quando... quando me recuperei. Sabia que Dio e eu tivemos uma criança?

A dor na voz do senador era tão intensa que Margaret estremeceu.

— Não, não sabia — dissera ela, a voz mais gentil.

— Foi por isso... que Dio ficou tão contente em ficar com você.

— Mas por que nunca tiveram outras crianças?

Ela ansiara por irmãos e irmãs, uma família grande e animada, como as que conhecia em Thetis. Sempre se sentira privada por ser filha única.

— Não tive coragem... — Uma imagem assustadora a florara na mente de Margaret, de um bebê miserável, deformado demais para sobreviver, enquanto o pai continuava: — Não poderia fazê-la enfrentar aquilo... nunca mais. Nenhum homem jamais faria isso.

Ele hesitara, mas logo acrescentara:

— Dio disse que você deveria ser informada, mas sempre fui covarde demais. Nosso filho... morreu. Encontrei-a em seguida. Era uma criança maravilhosa, e Dio queria muito ter uma filha minha. Acho que ela tem sido uma boa mãe.

— É a pura verdade. Nunca falei o contrário. Mas onde está e quem é Thyra, minha própria mãe?

— Dio deveria ter tido uma dúzia de crianças... e adoraria. Mas eu não podia correr o risco.

Margaret não podia contestá-lo. Mas por que era um segredo? E por que ela sempre sentira que, de certa forma, a culpa era sua, que era por um fracasso seu que não havia mais crianças?

— Não é nada disso — garantira o pai.

Margaret compreendera que ele a ouvira, naquela estranha maneira que às vezes demonstrava. Nunca fora capaz de descobrir como o pai fazia isso... como se pudesse ler seus pensamentos. Ela

tinha certeza de que isso era impossível. E seria inconcebível... as pessoas não deviam invadir as mentes de outras. O pai continuara:

— Nada teve a ver com você... embora eu saiba que, na sua idade, é muito difícil acreditar nisso. Quando eu tinha a sua idade, pensava que tudo de errado com meu pai era culpa minha. Imagino que você reaja da mesma maneira.

Como Margaret nunca pudera imaginar o pai como jovem, muito menos como errado, tratara de se retirar antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. Lembrava que voltara para seu quarto. Reprimira as palavras do pai, obrigando-se a esquecer tudo o que ele dissera. E fizera a mesma coisa em outras ocasiões, ela compreendeu agora. Sempre que qualquer coisa a assustava, enviava a memória para um lugar de sua mente em que ficava trancada e oculta.

Agora, nas águas quentes do banho, ela se perguntou se a mulher em seus sonhos, gritando, de cabelos vermelhos, seria Thyra. Se fosse, Margaret detestava pensar a seu respeito. E quem era o homem que volta e meia vislumbrava? Se ao menos tivesse dito a verdade ao Velho, tantos anos antes, sobre os sonhos... Mas não confiara o suficiente nele para revelar seus sonhos. E não adiantava agora pensar no passado. Acabara, ficara para trás, não tinha mais qualquer importância para ela.

A Thyra que possuía aquela ryll seria a mesma mulher? Parecia provável, mas não havia ninguém a quem ela pudesse perguntar. Margaret notou que os dedos começavam a ficar enrugados da permanência na água. Era uma reação tão normal que se sentiu melhor, apesar de tudo. Empurrou para o fundo da mente aquele mistério que provavelmente jamais poderia esclarecer, e terminou o banho.

Se a mulher em seus sonhos era a mesma Thyra cuja ryll ela tocara dois dias antes, se era mesmo sua mãe, então o Velho teria muito que explicar. Se o visse de novo — não, quando — iria amarrá-lo numa cadeira e não o deixaria sair enquanto não contasse tudo! A resolução animou-a mais do que apenas um pouco, pois compreendeu que não era mais uma criança assustada. Hum... talvez um pouco assustada, mas com certeza não mais uma criança.

A burocracia, pensou Margaret, era uma coisa inventada pelo diabo para tornar mais difícil a vida das pessoas. Depois de dois dias discutindo com autoridades subalternas no Setor Terráqueo, ela foi informada de que não podia despachar o corpo de Ivor para casa porque não era parente. Ele teria de ser sepultado em Darkover; e se Ida quisesse recuperar o corpo, teria de vir buscá-lo pessoalmente. Margaret chamara a pessoa no outro lado da mesa por vários epítetos e se retirara furiosa, com a dor de cabeça que tinha certeza de que se tornaria um acessório permanente em seu cérebro.

Enviara um telefax para Ida — enriquecendo o sistema de comunicações da Federação de uma forma considerável, mas sem qualquer sentimento de satisfação pessoal — e recebera em resposta uma mensagem triste, pedindo que sepultasse o professor em Darkover, pelo menos por enquanto. Margaret encontrara um fabricante de caixões, com a ajuda de Anya, e escolhera o melhor. Fora uma experiência quase confortadora, porque o homem quisera saber tudo sobre Ivor... o que ele fazia e do que gostava. Mostrou-lhe desenhos de seu álbum, e Margaret escolheu uma guitarra para ser esculpida no caixão.

Havia agora um ponto em sua testa que latejava sem parar. Ela esfregava a pele até senti-la quase em carne viva... tão sensível quanto se encontrava por dentro. Preencher formulários e responder às mesmas perguntas muitas e muitas vezes quase que mantiveram a dor à distância. Mas nos momentos em que não se achava ocupada, sentia-se perdida e abandonada. Só a gentil presença de Mestre Everard e de Anya impediu-a de se entregar por completo à desesperança. Eles se comportavam como se tivessem conhecido Ivor e ela durante toda a vida, como se ele fosse um amigo da maior importância, não um estranho que tivera o mau gosto de morrer em sua casa depois de apenas dois dias de hospedagem.

Mestre Everard caminhava, agora ao seu lado, pelas ruas estreitas. O caixão era carregado por quatro membros da Guilda dos Músicos. Os criados vinham atrás. Margaret levava a preciosa guitarra do professor. Tinha a palma quase curada do corte que sofrera ao cair, quando voltava apressada para a casa do mestre de

música. Mas o ferimento no joelho ainda tinha uma casca e continuava dolorido.

Ao se aproximarem do pequeno cemitério, que ficava na beira do Setor Terráqueo, várias pessoas pararam e olharam para a procissão. Margaret, absorvida em sua angústia, ignorou os olhares curiosos que recebeu de darkovianos e terráqueos. Vestia o traje que comprara de MacEwan, pelo calor e conforto. Tinha de se concentrar em estender um pé à frente do outro, pois volta e meia tropeçava na saia comprida a que não estava acostumada.

Passaram por baixo de uma bela arcada de pedra e entraram no cemitério murado. Havia algumas lápides, árvores aqui e ali. Lá na frente, Margaret avistou um agrupamento de vultos. Pensou que eram as estátuas de seu sonho. Mas depois uma se virou, e ela compreendeu que eram pessoas. A brisa trouxe a fragrância de bálsamo e agitou as roupas dos que esperavam.

— Espero que não se importe, criança, mas pedi a algumas pessoas da Rua da Música que viessem se juntar a nós.

Mestre Everard estava visivelmente cansado, e parecia apreensivo ao falar.

— Não me importo. Mas eles não o conheciam. Parece estranho.

— Tem razão. Mas tenho certeza de que todos gostariam de conhecê-lo. No curto período de nossa convivência, achei-o um homem muito bom. Sinto-me honrado por esse tempo, entende?

Margaret não entendia, mas parecia não haver mais nada para acrescentar. Por isso, ela seguiu em frente, os olhos ardendo com as lágrimas não derramadas, os músculos doloridos de fadiga. Chegou à beira da sepultura, olhou para os rostos dos estranhos e descobriu... que não eram estranhos, mas amigos que não sabia antes que possuía. O que lhe deu força para agüentar firme, enquanto o capelão terráqueo, em seu traje clerical cinza, uma tonalidade mais sóbria entre os verdes e azuis dos darkovianos, começou a ler as palavras do ritual. Ivor nunca fora um adepto de qualquer uma das muitas fés da Terra — se tinha uma religião, era a música — e por isso as palavras foram impessoais, quase sem impacto.

O caixão foi baixado para a sepultura, enquanto o capelão lia de seu livro, já muito usado, antigo e provavelmente valioso. As palavras, como o livro, eram surradas, com séculos de existência, formais e talvez sem sentido para os darkovianos, tanto quanto para ela. Quando acabou, o capelão abaixou-se, pegou um punhado de terra e jogou na sepultura. Retirou-se em seguida, seu dever cumprido.

Margaret aproximou-se da sepultura aberta, abaixou-se, pegou um punhado de terra. No instante em que seus dedos se fecharam, sentiu um prurido estranho, como se o próprio solo pudesse falar. Não foi capaz de se mexer por um momento. A sensação da terra quente em sua mão criava a impressão de que Darkover circulava por seu sangue. Mas logo ela largou a terra sobre a caixão, e permaneceu imóvel.

Assim ficou até que uma mulher se adiantou. Tinha os cabelos escuros, a pele clara, vestia-se de azul. Ergueu os braços e começou a cantar, numa voz de soprano forte, que ressoava entre as árvores e lápides. Era uma melodia triste, capaz de comover qualquer coração, em sua beleza e pureza. As palavras falavam de fontes que Ivor jamais veria, alimentos que nunca haveria de saborear, flores cujo perfume jamais poderia aspirar. Todos os sentidos eram celebrados. Margaret, perdendo o controle por completo, soluçou desamparada.

Assim que acabou, a desconhecida afastou-se para o lado. Um homem enorme tomou o seu lugar. Margaret reconheceu a voz. Era o homem que sucederia Everard como chefe da Guilda. Mas ela não conseguiu lembrar seu nome. Ele cantou uma linda canção, num darkoviano arcaico, e Margaret teve dificuldade para entender as palavras. O vigor exuberante da voz de barítono lhe proporcionou um sentimento de alívio. Descobriu que podia parar de chorar e apenas ouvir. Enxugou o rosto com a manga, a súbita calma envolvendo-a de maneira tão inesperada que mal sabia o que fazer.

Depois, Margaret pegou a guitarra antiga de Ivor, afinou-a com todo o cuidado, dedilhou as cordas. Pôs-se a cantar, com alguma hesitação a princípio, a voz um tanto rouca. Mas logo esqueceu de tudo na música, escolhendo as peças que o professor mais amava,

antigas canções terráqueas, os coros dos companheiros bebendo na universidade. Cantou cantigas de amor de uma dúzia de mundos diferentes. Ao ficar cansada demais para continuar, concluiu com um canto fúnebre tão antigo que ninguém sabia de onde se originara. Falava de um herói, morto antes do tempo devido, bravo e destemido.

Quando levantou os olhos, Margaret percebeu que a pequena multidão ficara comovida com a música, chorava ou fazia um esforço para conter as lágrimas. Ela baixou a guitarra e inclinou a cabeça. Acabara. Everard tocou em seu braço.

— Vamos para casa agora.

Para casa? Que casa? Qual era o lugar a que pertencia? Todo o sentimento de perda voltou, corrosivo, fazendo sua cabeça doer.

— Obrigada por tudo, Mestre Everard. Tem sido muito gentil. Mas eu gostaria de continuar sentada aqui por mais algum tempo, em companhia de Ivor. E depois voltarei para sua casa. Pode fazer o favor de levar a guitarra de Ivor?

— Claro. Mas tem certeza de que ficará bem aqui sozinha?

— Tenho, sim. E agora já conheço o caminho de volta.

— Não duvido. É uma mulher extraordinária, Marguerida Alton. E, com isso, ele se retirou.

Capítulo Seis

Sozinha agora, Margaret podia se entregar a seu lamento. Passarinhos cantavam nos galhos das árvores no cemitério; ela ouvia sem prestar atenção. Ao final, seu corpo decidiu que tinha fome e trouxe-a de volta ao presente, com um sobressalto. Era irritante. E foi então que ela quase pôde ouvir Ivor soltar uma risada e lhe dizer para não bancar a idiota rematada. Passou pelo portão de pedra do cemitério e começou a procurar um lugar para comer.

Encontrou um pequeno restaurante pouco antes da Zona Terráquea. Quase todos os clientes eram terráqueos, vestindo o uniforme de couro preto e falando em voz alta. Margaret estremeceu pelo barulho. Escolheu uma mesa no fundo, onde havia um relativo sossego. Deixou a mente vaguear a esmo, sentindo-se atordoada.

Uma jovem gorducha, num traje darkoviano, veio perguntar o que ela queria. Cansada demais para escolher, Margaret respondeu que podia trazer alguma coisa do cardápio escrito a giz no quadro por trás do balcão. Qualquer que fosse a comida, ela tinha certeza de que seria saborosa e acabaria com sua fome.

Pouco depois, a jovem trouxe um ensopado fumegante de coelho-de-chifre, um cesto com pão ainda quente do forno, e uma caneca de cerveja. Havia enormes pedaços de carne macia num molho grosso, além de vegetais com um gosto familiar. As ervas e condimentos ainda eram estranhos ao seu paladar, acostumado por muito tempo ao tempero suave da cozinha da universidade. Ela se descobriu a sorrir sobre a comida, recordando suas primeiras experiências alimentares ali. Como um dos colegas de turma comentara, enquanto ela contemplava horrorizada uma tigela de cereal sem qualquer sabor, oferecido como desjejum:

— A comida da universidade não ofende ninguém, já que não tem gosto nem caráter.

A lembrança agradável fê-la rir baixinho. Aquele ensopado tinha caráter, sem a menor sombra de dúvida. Margaret pôs-se a comer sem qualquer cautela, sem pensar em boas maneiras. Apesar dos melhores esforços e dos protestos persistentes de Anya, ela

vinha vivendo de chá e nervos, ansiando de vez em quando por um café, mas sem qualquer premência genuína. Agora, sentia vontade de compensar, quase como uma vingança. Deixou que os sabores sedutores dominassem sua língua, enquanto comia com uma satisfação cada vez maior. E de repente se descobriu a pensar que já experimentara aquele prato antes. Por um momento, teve a sensação de que havia uma criança pequena sentada em seu colo, uma criança que mal conseguia alcançar a mesa, e ela levava o mesmo ensopado com uma colher à boca faminta.

Já estava quase acabando quando notou que um homem alto a observava. Ele usava a roupa de couro de um funcionário do espaçoporto, mas não exibia a atitude física de um terráqueo. Depois de um momento de perplexidade, ela concluiu que o homem não devia estar ali por mera curiosidade, como a maioria dos outros freqüentadores. Apressou-se a desviar os olhos, não querendo fazer um contato visual direto, pois fora informada de que isso seria uma grosseria. Mas sentiu que o homem continuava a observá-la. Começou a ficar um pouco alarmada, ainda mais quando o homem se levantou e veio até sua mesa.

Sem pedir permissão, ele se instalou na cadeira vazia no outro lado da mesa. Sorriu de tal maneira que dissipou quase por completo os temores de Margaret.

— Sei quem você é — declarou ele, sem qualquer apresentação. — A filha de Lew Alton, não é mesmo?

Margaret não podia negar sua paternidade, mas se perguntou como aquele homem podia saber quem ela era. Afinal, não se parecia nem um pouco com o Velho. Ele notou sua perplexidade e acrescentou, no mesmo tom afável:

— Sou o Capitão Rafael Scott, mas a maioria das pessoas me chama de Rafe.

Margaret limitou-se a fitá-lo. Como ela nada dissesse, o homem explicou:

— Somos parentes.

— Como assim?

— Sou seu tio. Lew nunca me mencionou?

Margaret desejou não estar usando o traje darkoviano, não se sentir tão cansada, e que as pessoas parassem de lhe falar como se ela conhecesse coisas que ignorava por completo. O homem tinha cerca de quarenta anos, era muito simpático. Mas ela se manteve desconfiada. A serviçal observava os dois agora, assim como vários freqüentadores. Margaret parecia uma nativa. Sabia que não se sentiria tão vulnerável, se ainda estivesse usando seu uniforme terráqueo... por mais desconfortável que fosse. Não queria ser confundida com uma prostituta do espaçoporto. Fora uma das poucas coisas que Dio lhe contara sobre Darkover que ela entendera muito bem.

— Isso mesmo, sou a filha de Lew Alton. Mas o único tio que conheço é o irmão de meu pai, que morreu há muito tempo.

Ela se perguntou o que o Velho pensaria daquela estranha conversa. Censurou-o silenciosamente, mais uma vez, por não lhe contar as coisas importantes que deveria saber. Era típico dele... deixá-la na ignorância de tudo aquilo! A raiva, que recuara para o fundo da mente enquanto comia, tornou a se avolumar em seu peito.

— Como eles a chamam?

— Marguerida — respondeu ela, usando a forma darkoviana de seu nome. — Como pode ser meu tio? Nunca ouvi falar de você.

— Já nos encontramos antes, mas eu era um garoto naquele tempo e você uma criança pequena.

— Não me lembro de nada.

Ela podia perceber a dúvida em sua própria voz, e desejou ser uma atriz melhor. Refletiu que era uma das conversas mais estranhas que já tivera, embora quase todas as suas conversas em Darkover tivessem um certo grau de estranheza. Não podia deixar de especular se o homem dizia a verdade. Ao se fazer a pergunta, teve uma impressão positiva. Talvez por sua cordialidade e franqueza. Dava para sentir sua honestidade através da mesa. Era quase como se Margaret pudesse lê-lo, que nem um livro aberto. Ele vai pedir outra cerveja agora.

Um momento depois, Rafe Scott fez sinal para a serviçal, mostrando a caneca vazia. Margaret remexeu-se na cadeira,

inquieta, sem entender como soubera que isso ia acontecer. Gostaria de não ter mais aqueles incidentes angustiantes de quase-clarividência, ou o que quer que fossem. Sentiu que o rosto ardia, vermelho, como se estivesse bisbilhotando a privacidade de outra pessoa. O homem tornou a fitá-la.

— Não posso acreditar que Lew nunca tenha me mencionado. Éramos grandes amigos, embora eu seja bem mais jovem do que ele. Era mais velho do que Marius, o irmão de Lew, mas não muito. Marius teria ocupado seu lugar no Conselho quando fez treze anos, se tivessem permitido. Mas todos aqueles conservadores, com Dyan Ardais à frente, recusaram-se a concordar.

Margaret se surpreendeu ao perceber em sua voz a raiva antiga, mas nem por isso menos vigorosa. E havia outra coisa. Aquele nome... Dyan Ardais. Tinha certeza de que nunca o ouvira antes, mas deixou-a com vontade se esconder debaixo da mesa. Sentiu-se tão transtornada que quase perdeu a declaração seguinte do homem:

— Ele morreu antes de completar vinte anos. Seu pai ficou furioso.

— Que Conselho? Que conservadores? E quem é você, afinal?!

Ela falou com rispidez, perdendo finalmente o controle dos nervos abalados. Era um grande alívio ter alguma coisa com que se irritar, em vez de sufocar com uma raiva reprimida que a corroía. E era também vergonhoso, porque era uma mulher adulta, não uma criança rabugenta. Infelizmente, apesar da refeição suculenta — ou talvez por causa disso — Margaret sentia-se muito como uma garotinha que precisava de um cochilo!

Rafe Scott fitou-a calmamente, alteando uma sobrancelha, como se estivesse confuso. A serviçal trouxe a cerveja. Ele tomou um gole.

— Sou o irmão de Marjorie Scott. Ela era sua mãe, o que me faz seu tio. É muito simples.

Margaret estudou seu companheiro à mesa e parente recém-descoberto. Sua primeira reação foi a de que era bastante agradável saber que tinha uma família. Sempre invejara um pouco os vizinhos em Thetis e os poucos amigos na universidade por terem irmãos e

irmãs, tios e tias. Era um lugar vazio dentro dela, que raramente se permitia visitar. Naquele momento, com a sensação da terra da sepultura de Ivor ainda em sua mão, a noção lhe proporcionava um estranho conforto.

O irmão de Marjorie Scott... O nome da primeira esposa de Lew Alton não despertava sentimentos mais fortes no coração de Margaret, porque ela sabia que aquela mulher não era sua mãe. Dio é que era sua mãe, toda a mãe que queria. Mas achava interessante que ele não soubesse que Marjorie não era sua verdadeira mãe, que ela nascera da tal irmã, Thyra. Mas se Thyra era irmã de Marjorie, como Lew dissera, então Rafe Scott ainda era seu tio. Ela pensou em interrogá-lo a respeito, mas depois concluiu que era melhor não fazê-lo. Alguma coisa dentro dela não queria falar sobre Thyra com ninguém.

— Mas você é terráqueo, não darkoviano, não é mesmo? Margaret ficou surpresa por saber que essa era a verdade.

— Meu pai, Zeb Scott, era terráqueo. Casou com Felicia Darriell, dos Aldarans, que foi sua avó. — Ele suspirou. — Aconteceu há muito tempo, e foi uma triste página na história de Darkover. Marius morreu, seu pai perdeu a mão, e o Domínio de Alton... Ora, é melhor não ficar relembrando o passado.

Margaret ressentiu-se dessa atitude.

— Pode estar tudo no passado para você, mas desde que cheguei aqui as pessoas insistem que devo saber do que falam... mas nunca me contam qualquer coisa. Sinto-me como se estivesse acuada no meio de uma conspiração de silêncio. E isso começa a me deixar muito cansada! Sua voz se alteou. Várias pessoas em mesas próximas se viraram para olhar. Margaret sentiu que ficava com as faces vermelhas, consciente da atenção que atraía. Engoliu em seco.

— Mas, com toda certeza, Lew contou ...

— Só vi meu pai por breves períodos durante os últimos dez anos... e ele nunca me falou muitas coisas nas raras ocasiões em que fui favorecida com a sua presença. — A amargura em sua voz era inconfundível. — Vim aqui numa missão da minha universidade, para realizar uma pesquisa musical. Até pouco tempo atrás, tinha a companhia de meu mentor, mas ele morreu de repente.

Margaret fez uma pausa, os olhos se enchendo com novas lágrimas.

— Acabo de sair de seu sepultamento! E o que sei sobre a história de minha família caberia num dedal!

Ela sentiu que todo o corpo tremia. Rangeu os dentes, em fúria por sua fraqueza. Se ao menos não estivesse tão cansada... Rafe se mostrou consternado. Inclinou-se para a frente e falou baixinho, mas com um senso de urgência:

— Quer dizer que não veio até aqui para o Conselho Telepático?

— Para o quê?

— Desculpe. Presumi que tinha vindo com Lew, para a reunião do Conselho.

— Até onde eu sei, o senador não planeja voltar a Darkover. Não tem o hábito de me informar sobre os seus movimentos... ou qualquer outra coisa!

Margaret sentiu que se retraía para um formalismo gelado, querendo se distanciar do pai e do homem no outro lado da mesa. A raiva ardeu em seu peito por alguns segundos. Tentou recuperar pelo menos um arremedo de calma.

— Quanto a conselhos telepáticos... por que ele viria? Ou mesmo eu, diga-se de passagem? A leitura de mente é uma coisa tão mítica quanto dragões.

O Capitão Scott recostou-se em sua cadeira, pensativo agora.

— Lew é mesmo um idiota teimoso... — murmurou ele, depois de um longo momento.

— Concordo plenamente!

Scott soltou uma risada. Apesar de sua fúria, Margaret descobriu-se a rir também.

— Ele sempre foi teimoso como uma mula. Mas não compreendo como pôde mantê-la na ignorância de sua herança.

O Lew que eu conhecia era teimoso, mas nunca imaginei que ele pudesse ser tão estúpido!

Margaret ignorou as palavras que ouviu... e que não haviam passado pelos lábios do tio. Queria voltar correndo para a casa de

Mestre Everard e passar uma semana na cama... como se aquela caminhada por Thendara nunca tivesse existido.

— Acho que ele tinha bons motivos. Nunca pensou que eu viria para Darkover. E não viria mesmo se um dos professores na universidade não se metesse numa encrenca. Foi uma situação totalmente imprevista e inesperada. — Ela franziu o rosto. — Ele me disse para manter o pescoço coberto e não fitar as pessoas nos olhos... o comportamento polido aqui. Mas isso foi tudo. Posso compreender o primeiro conselho, mas ainda não sei por que devo evitar o contato visual.

— O Dom de Alton é a comunicação telepática compulsória, o que é facilitado pelo contato visual.

— Se não parar de falar em enigmas, vou despejar o resto de minha cerveja em cima de você! O que é esse tal de "Dom"?

Margaret sentia um arrepio de apreensão na nuca, espalhando-se pelo resto da cabeça.

— Seria um desperdício de uma excelente cerveja. Mal sei por onde começar, e não sei se cabe a mim informá-la. E este não é com certeza o lugar apropriado... há muitos ouvidos curiosos ao redor... para informá-la do que sei.

— Parece-me que já disse muita coisa... e nada foi informativo!

Ela teve a satisfação de ver Rafe ficar vermelho. Fitou-o fixamente. Notou que ele tinha olhos extraordinários, salpicados de pontos dourados, como os dela, só que mais penetrantes. Um momento antes, Rafe parecia ser seguro, mas agora dava a impressão de ser um tanto ameaçador, como se pudesse ler seus pensamentos. O pai às vezes a fitava assim. Ela reagiu agora como sempre fazia, pensando em alguma coisa neutra. Concentrou-se na partitura de uma complexa peça musical, quase que num reflexo. Depois de um momento, Rafe desviou os olhos. Pela primeira vez, Margaret notou suas mãos, constatando que ele tinha seis dedos, em vez de cinco.

A visão dos seis dedos trouxe um fluxo de memória, de outro par de mãos, as mãos de uma mulher, tocando as cordas de uma ryll. Também tinham um dedo extra. Margaret conteve um tremor e recusou-se a lembrar mais, pois sabia que aquelas mãos pertenciam

a Thyra, a mulher de cabelos vermelhos. O homem mudou de posição na cadeira, apreensivo, soltou um suspiro profundo.

— Seu pai é um dos melhores homens que já conheci, Marguerida, mas nunca foi capaz de fazer com que sua vida pessoal valesse a pena. Que coisa terrível!

— Vida pessoal? Acho que ele nunca teve nenhuma, exceto com Dio.

— É muito rigorosa com seu pai, não é mesmo?

— Não tanto quanto eu gostaria de ser — respondeu ela, sarcástica.

Se pudesse naquele momento transportar o pai para Darkover, através dos anos-luz de distância, Margaret bateria com as mãos em seus ouvidos com a maior satisfação. A imagem lhe proporcionou um prazer intenso por um segundo. Rafe sufocou uma risada, que o tornou ainda mais bonito do que antes.

— Não podemos conversar em segurança aqui. Nas circunstâncias, acho que é melhor eu escoltá-la até o Castelo.

— Pode mudar de idéia, Capitão Scott. Não vou a nenhum castelo com você ou qualquer outra pessoa que se apresente para me dizer que conhece o senador. Posso ignorar os costumes darkovianos, mas sei que é sempre melhor não andar por aí com um estranho total.

Mas Margaret não podia deixar de se sentir curiosa, embora estivesse também irritada e exausta. Gostaria de poder experimentar apenas uma emoção de cada vez, de não ser pressionada para tantos cursos ao mesmo tempo. Lembrou como MacEwan e a esposa haviam presumido que ela iria para o Castelo, como as pessoas haviam-na tratado com extrema deferência, com base apenas em sua aparência. Rafe inclinou-se para a frente, fazendo pressão contra a beira da mesa, baixando a voz:

— Marguerida, você é uma pessoa muito importante, quer saiba ou não. Você tem uma obrigação a cumprir e é herdeira do Domínio de Alton. É de importância crítica para o futuro de Darkover que você me acompanhe.

Por um momento, ela não se mexeu, de tão compulsivas que eram as palavras.

— Acho que está enganado.

— Não estou, não. Eu era jovem quando deixou Darkover, mas não tão jovem que ignorasse que você possuía o Dom de Alton em alto grau... embora fosse apenas uma criança.

Não havia como se enganar com a premência em sua voz.

— Está me dizendo que eu era uma espécie de leitora de mentes, quando era pequena?

Uma memória a pressionava, algo sobre boas maneiras, e era bastante desagradável. Alguém a chamara de bisbilhoteira, embora todos ao redor rissem do comentário. A voz em sua mente era a do pai, embora soasse mais gentil do que jamais se recordava de tê-la ouvido em qualquer outra ocasião posterior.

— Não "uma espécie de leitora de mentes", criança, mas uma telepata das mais desenvolvidas.

— Neste caso devo ter perdido quando cresci, porque não resta mais nada agora!

Margaret não tinha certeza se acreditava no que dizia. Não podia negar que explicaria vários incidentes curiosos. Mas não queria acreditar, ela compreendeu. Fazia-a pensar no homem de cabelos prateados, a mulher de cabelos vermelhos e a morte.

De maneira súbita que a deixou atordoada, Margaret soube que sentira alguém morrer, em sua mente, há muito tempo. Era horrível, e ela gostaria de fugir da memória indesejável. O que acontecera fora tão terrível que procurara trancar no fundo de sua mente, para sempre... ou pelo menos assim pensara. Pôs as mãos na mesa, num reflexo, e tentou se levantar, dominada pelo terror. Mas uma forte mão, com seis dedos, segurou-a pelo pulso.

— Está tudo bem. Não precisa ter medo.

Margaret sentiu uma presença dentro dela, acalmando-a, confortando-a. Contemplou os olhos salpicados de dourado no outro lado da mesa, e mordeu o lábio até tirar sangue.

— Saia!- murmurou ela, furiosa e desamparada ao mesmo tempo. A sensação de invasão desapareceu, deixando-a com o terror antigo e familiar.

— Vamos embora, Marguerida. Temos de sair daqui, para podermos conversar.

Rafe jogou algumas moedas na mesa e levantou-se. Margaret também se levantou. Saiu para a rua com o Capitão Scott, mal notando os olhares curiosos de terráqueos e darkovianos. Estava atordoada quando parou lá fora. O sol do final da tarde projetava sua mortalha vermelha sobre a rua, tudo era familiar e estranho. O passado que ela não queria recordar se achava ao alcance de sua mão.

Margaret desejou poder simplesmente se afastar, deixar aquele homem sozinho ali, voltar para a casa de Mestre Everard. Queria tomar um banho quente demorado, vestir sua camisola aconchegante, e se refugiar na cama. Não queria de jeito nenhum envolver-se com mais enigmas ou algum conselho. Para seu desgosto, no entanto, a boca parecia ter um plano muito diferente, pois se descobriu a perguntar:

— O que é o Domínio de Alton?

As palavras saíram antes que ela pudesse censurá-las. O Capitão Scott suspirou.

— As grandes famílias de Darkover, chamadas de Comyn, possuem terras e propriedades ancestrais, que são os Domínios. Desde que Lew partiu que não há ninguém na linhagem direta de Armida, o baluarte de Alton. Dom Gabriel Lanart Alton é de um ramo secundário da família e tem sido... Ora, não importa! Se Lew estivesse morto, o Domínio seria seu. De qualquer forma, você é a herdeira de Alton. Na ausência de Lew, deve falar pelo Domínio.

Ele parecia muito seguro agora.

— Pare! Está indo muito depressa para mim. Sei que Darkover é feudal em suas estruturas culturais... os discos de informações me permitiram saber pelo menos isso. — Margaret franziu o rosto. — Já estive em quase uma dúzia de planetas, mas nunca encontrei nenhum com tão pouca documentação. É um absurdo. O único disco que obtive na universidade era quase inútil. Continha dados geográficos, alguma coisa da história, uns poucos costumes. Agora você me informa que minha família é poderosa, que sou dona de uma parte do planeta. E isso mesmo?

— É um sumário acurado, embora restrito.

— Não dá para acreditar. Se fosse assim, meu pai teria me contado.

— Lew renunciou ao Domínio quando partiu para ser nosso senador.

— Ahn... Então eu não sou dona dessa propriedade. É um alívio. Não quero ser sobrecarregada com...

— Marguerida, Lew renunciou ao seu direito pessoal ao Domínio de Alton, apenas isso. Pela lei darkoviana, ninguém pode abrir mão dos direitos de uma criança menor... o que seria um erro.

— Um erro? Se quer saber minha opinião, todo o planeta está torto em seu eixo mental, com um desequilíbrio de pelo menos trinta por cento.

Margaret sabia que bancava a teimosa, que no fundo apenas queria evitar as perguntas sobre o conselho e outras informações angustiantes que Rafe abordara. Ele riu, uma risada exuberante e jovial, muito humana e normal.

— Os terráqueos vêm dizendo essas coisas sobre Darkover há muitos anos.

— Sou uma cidadã imperial, o que me torna uma pseudo-terráquea. Não quero ter qualquer participação na política local. Vim até aqui para estudar música folclórica, e é apenas isso o que tenciono fazer.

— Esse problema dificulta um pouco a situação, mas tenho certeza de que pode ser resolvido... a questão de sua cidadania.

Margaret ficou furiosa.

— Problema? Não é problema nenhum para mim! E que importância isso tem para você... não é um terráqueo?

— Importa porque Darkover é o meu lar, porque amo este mundo. Posso trabalhar para o Serviço Espacial Terráqueo, mas meu coração está aqui. E sua presença é importante. Há coisas acontecendo que nem mesmo eu entendo direito. Mas tenho certeza de que, se os darkovianos não tomarem alguma providência agora, há uma boa possibilidade de que o planeta venha a ser absorvido pelos expansionistas. Se perdermos nossa posição de planeta protegido... Não suporto nem pensar a respeito. Não posso imaginar por que seu pai deixou-a na total ignorância sobre sua herança.

Pelo menos Margaret sabia quem eram os expansionistas, o que era algum conforto naquele mar de confusão. Quando ela e Ivor se aprontavam para deixar a universidade, ouvira dizer que os expansionistas haviam conquistado maioria no governo da Federação, pela primeira vez em mais de duas décadas. Havia muitas especulações sobre o que isso poderia acarretar, mas Margaret não se preocupara muito com o assunto. Concentrou sua atenção no último comentário de Rafe, porque sabia que o deixava confuso, o que também acontecia com ela.

— Acho que era doloroso demais para ele recordar o passado, falar a respeito. O homem que conheceu, Capitão Scott, não é o mesmo que eu conheço. O que Lew Alton era quando viveu aqui, o que quer que fosse, não existe mais. Creio que ele tentou me dizer alguma coisa, na noite anterior à minha partida para a universidade. Mas nunca tivemos o hábito de conversar, e nada aconteceu. Hoje em dia ele é um homem amargo e irritado, que bebe demais e não gosta de falar. E como optou por não me informar sobre minha história, presumi que havia um bom motivo para isso. Ele não é um homem impulsivo.

— Então Lew mudou muito. Sempre me pareceu impulsivo. Foi um marido afetuoso para minha irmã... jamais conheci alguém tão apaixonado. Não posso acreditar que você se lembre de tão pouco. Não lembra de Marjorie... parece bastante com ela... ou a casa de Alton aqui em Thendara... ou qualquer outra coisa? Eu tinha certeza...

— O que eu lembro ou deixo de lembrar não é da sua conta. Pareço com Marjorie ou Thyra? E se o Velho era tão apaixonado por ela, por que foi para a cama com sua irmã? Não fazia qualquer sentido. Nada fazia sentido para ela... nem a morte de Ivor, a deferência com que as pessoas a tratavam, ou sua repentina importância em alguma questão da maior importância para o planeta em que nascera. Por que não escolhera outro lugar para comer? Mais uma vez, ela teve a impressão de que Rafe podia ler seus pensamentos, porque ele disse:

— Quer dizer que sabe pelo menos isso, hem? Tem sua beleza pessoal, mas apresenta uma forte semelhança de família com as

irmãs Scott... as duas. Se nós dois fôssemos vistos juntos, em trajes darkovianos, imagino que seríamos considerados como pai e filha.

— Foi por isso que me reconheceu?

— Notei primeiro os cabelos vermelhos do Comyn, depois a linha do nariz, os ossos do rosto. Demorei vários minutos para compreender que devia ser minha sobrinha... que só podia ser uma Alton. E como Lew só teve uma filha, presumi que era também uma Scott.

— Não está me contando tudo, não é?

Margaret podia sentir que ele escondia alguma coisa.

— Só um tolo esvazia todo o seu saco na mesa.

Margaret ficou tão irritada que sentou no meio-fio e recusou-se a seguir adiante.

— E só um tolo tenta empurrar um cavalo de volta para o saco depois que a metade já saiu.

Rafe sentou ao lado dela, estendeu os braços através dos joelhos. Não disse nada por um minuto inteiro. Quando falou, havia tanta compaixão em sua voz que deixou Margaret profundamente comovida:

— O que a tornou tão cautelosa, Marguerida?

— Segredos. Os muros do orfanato... e alguma coisa terrível que não consigo recordar.

As palavras saíram antes que ela percebesse que dizia mais do que desejava. Rafe tinha o ombro perto do seu. Margaret percebeu pela primeira vez que ele era pelo menos dez centímetros mais baixo do que ela. Baixo, sério, e provavelmente digno de toda a confiança. O vento mudou de direção, desmanchando os cabelos de Rafe. Ele recendia ao uniforme de couro terráqueo, mas havia mais do que isso, os cheiros de sabonetes locais e condimentos da comida darkoviana. O Capitão Scott tinha o cheiro certo, não anti-séptico e estranho, como a maioria dos terráqueos.

— Se quiser ir comigo ao Castelo do Comyn, acho que podemos responder a algumas de suas perguntas... e deslindar alguns segredos.

— Está lendo meus pensamentos?

O sentimento de confiança que começara a se formar em Margaret desapareceu no mesmo instante.

— Não. Não sou um telepata eficiente. Posso laran apenas suficiente para captar pensamentos superficiais, não mais do que isso. E minhas pequenas habilidades se concentram mais na área do presságio. Não costumo freqüentar aquele restaurante, mas hoje me senti quase que compelido a comer ali.

— Laran? O que é isso?

Margaret tinha a impressão de que conhecia a palavra, que seu significado era muito importante, mas não podia determinar por quê. Como Rafe podia falar sobre ser um telepata como se fosse uma coisa comum, em vez de algo impossível?

Em seu íntimo, podia sentir algo se agitar, algo sombrio e assustador. Sabia muito bem o que era, porque sempre estivera ali, um rosto apavorante que a observava de espelhos, dizia-lhe para se manter apartada de todos. Agora, queria que ela ignorasse aquele homem, que não escutasse o que ele dizia. Experimentou a sensação de que a coisa dominava seu cérebro; quanto mais apertava, porém, mais ela queria resistir. E o medo que sentira desde que soubera que viria para Darkover aflorou, deixando-a um pouco sufocada.

— Venha comigo para o Castelo do Comyn e prometo...

— Por que não pode me contar agora?

— Porque não é um assunto para ser tratado numa rua pública.

Rafe parecia consternado. Embora fosse mais baixo do que ela, Margaret desconfiava de que ele poderia forçá-la a acompanhá-lo, se assim desejasse. Ela compreendeu que se encontrava numa encruzilhada. Se enveredassem por um curso, os acontecimentos seguiriam em sua direção; se fosse para o outro lado, tudo seria diferente. Era quase como se pudesse contemplar vários futuros se desdobrando diante de seus olhos, todos sinistros e vagos. Tinha de optar... e sentia-se tão cansada. Se deixasse aquele homem agora, uma coisa muito ruim aconteceria. Tinha certeza.

O conflito interior pareceu se prolongar por uma eternidade, embora ela soubesse que apenas uns poucos segundos transcorreram. Aquela força fria que a fazia ter medo de espelhos

tentava agora afastá-la do Capitão Scott. Como estava com raiva, Margaret decidiu se opor. E assim que tomou essa decisão, o sentimento de medo se desvaneceu um pouco. O futuro não mais parecia tão aterrador quanto fora um momento antes. Determinada, ela empinou os ombros.

— Está certo. Irei com você... mas não vou me transformar numa latifundiária feudal, não importa o que venha a descobrir!

O Capitão Scott limitou-se a sorrir.

Capítulo Sete

O Castelo do Comyn era o prédio imenso e branco que Margaret notara ao levantar os olhos da praça ao lado do quartel-general terráqueo. Foi uma longa caminhada. Ela passara tanto tempo de pé naquele dia que sentia-se cansada quando finalmente chegaram lá. Seguiu seu parente recém-descoberto pelo pátio externo, observando os detalhes arquitetônicos como qualquer turista. Era impressionante, mas ela decidiu que não queria ficar impressionada. Não se podia dizer que nunca vira castelos antes... e em matéria de castelos, aquele não era o maior nem o mais espetacular que já conhecera. Essa distinção ainda pertencia ao antigo Palácio Imperial em Zeepangu, um único prédio que se estendia por vários quilômetros quadrados.

Este castelo deve ser um autêntico labirinto. No instante em que esse pensamento lhe ocorreu, Margaret "viu" padrões de corredores e cômodos, em andares sucessivos. Compreendeu que, de alguma forma, possuía um mapa interno daquela construção. Havia passagens secretas e salas em que ninguém jamais entrara em gerações. Era um centro de conspirações, rivalidades e antagonismos antigos. Como sei de tudo isso?

Outra lembrança incômoda agitava-se no fundo de sua mente. Margaret olhou para uma pequena sacada que se projetava de um dos andares superiores. A memória de uma sala grande, com um tapete espesso e pesados móveis de madeira, flutuou diante de seus olhos por um momento. Havia uma mesa grande. Lew, muito mais jovem do que o homem que ela conhecia, sentava por trás. Parecia enorme. Margaret compreendeu que o via através dos olhos de uma criança, fitando-o do chão. Os padrões do tapete destacavam-se entre suas pernas esticadas. Ela podia ver mãos roliças de criança acompanhando as curvas. Devo ter vindo aqui antes. Mas isso não explica o sentimento de que conheço os caminhos no castelo inteiro. Quando as coisas vão começar a fazer sentido?

Margaret desviou os olhos da sacada, interrompendo o fluxo de lembranças inquietantes. E descobriu-se a olhar atentamente para a

torre alta num lado do complexo. Era o único lugar de que não tinha uma imagem nítida. Sentiu um calafrio, um medo profundo. Tratou de desviar os olhos, furiosa. Estava cansada de se sentir como um peão num tabuleiro de xadrez... e, de certa forma, era tudo culpa de Lew Alton! A fúria ajudou-a, permitiu que relaxasse um pouco.

Eles subiram os degraus para a porta dupla de madeira, em que haviam esculpido estrelas e outras figuras que ela não pôde identificar de imediato. Havia dois guardas uniformizados ali. Tinham uma espada no lado do corpo, mas nenhuma outra arma. Havia alguma coisa em sua postura que indicava que sabiam como usar aquelas armas arcaicas, que nada tinham de cerimonial.

Os guardas abriram a porta, batendo continência para o Capitão Scott como se ele fosse um velho conhecido, e ignorando-a por completo. Margaret experimentou um profundo senso de alívio ao entrar no Castelo do Comyn sem provocar comentários. Depois de tantos anos apresentando documentos por toda parte, em decorrência da excessiva burocracia dos terráqueos, era bastante agradável poder entrar num prédio com tanta facilidade.

As portas davam para um vasto vestíbulo. O chão era coberto por um tapete delgado. Os pés de Margaret, cansados e inchados depois do longo dia, sentiram-se revigorados pela maciez por baixo das solas. Havia estandartes armoriais pendurados ao longo das paredes, as cores intensas contra a pedra branca translúcida. A luminosidade do sol poente passava pela pedra e iluminava o lugar com uma estranha claridade. Margaret não conseguiu decidir se era triste ou festiva... ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Rafe Scott levou-a para um corredor com várias portas. Era bastante largo e espaçoso para que várias pessoas pudessem andar lado a lado. Era seco e limpo. Havia uns poucos quadros ali, de pessoas na maior parte, e mais estandartes armoriais. O Castelo do Comyn, concluiu Margaret, não era um lugar aconchegante. A altura das paredes e a decoração austera começavam a deixá-la sufocada. Ansiou por voltar à casa confortável de Mestre Everard. Anya estaria preparando o jantar naquele momento, o aroma da comida e o som de música se espalhariam por toda parte. Embora tivesse comido

apenas uma hora antes, Margaret descobriu agora que tinha fome outra vez, sentia um profundo cansaço.

O corredor era muito comprido. Ela viu pessoas passando de um lado para outro. Scott deteve uma delas e disse alguma coisa, em voz tão baixa que Margaret não pôde ouvir, apontando pelo corredor. O servo acenou com a cabeça, lançou um olhar curioso para Margaret, e depois se afastou.

Entraram finalmente numa sala preparada para reuniões. Havia fileiras de cadeiras e uma mesa comprida numa extremidade. Rafe indicou uma cadeira. Ela sentou. Tinha uma bolha num pé, suas costas doíam. Ficou observando, sem a menor curiosidade, enquanto ele falava por uma espécie de caixa de comunicação na parede. Margaret limitou-se a esperar pelos acontecimentos. Parte dela preferia não ter vindo, enquanto outra parte queria acabar logo com a tal reunião, a fim de poder retornar à sua vida antiga.

Enquanto esperava, Margaret descobriu-se a refletir sobre sua vida. Tinha a impressão de que era guiada por algum caminho invisível, que não gostaria de explorar. Lembrou algumas discussões filosóficas entre os estudantes que ouvira na universidade, se o homem era predestinado ou se tinha livre-arbítrio. Nos milhares de anos da história humana, ninguém jamais chegara a uma conclusão plausível. Ela desconfiava de que não se chegaria. Ainda assim, não pôde deixar de especular se seu encontro com Rafe Scott fora destino ou coincidência. Ele parecia pensar que era a primeira opção. Margaret não se sentia nem um pouco feliz ao constatar que quase acreditava nele.

Estava absorvida nessas reflexões, quando dois homens entraram na sala. Não tinham os rostos jovens. A primeira impressão foi a de que tinham a mesma idade de seu pai. Os movimentos dos dois confirmaram o palpite um momento depois, pois exibiam aquela segurança que só surge com o passar dos anos. Um dos homens parecia familiar. Margaret compreendeu que vira seu retrato no corredor. Pararam ao lado um do outro. Havia algo profundo e íntimo na pose que assumiram. O homem familiar era esbelto, com a cabeça toda branca típica de alguém muito mais velho. Ele sorriu para Scott:

— É maravilhoso tornar a vê-lo, Rafe. Já tem muito tempo que não nos faz uma visita. O que aconteceu? Posso presumir que não há nenhum problema?

O tom era cordial e descontraído, sem qualquer formalidade, mas por trás das palavras Margaret percebeu um tom de preocupação.

Antes que Rafe pudesse responder, o homem olhou para Margaret. Seus olhos se arregalaram um pouco. Foi um olhar rápido e indireto, mas nem por isso menos penetrante. O outro homem também a fitou. Margaret sentiu um calafrio quando seus olhos se encontraram. Baixou os olhos para seu colo e estudou as mãos por um momento.

— Mas você deve ser a filha de Lew Alton! Eu reconheceria essa linha dos cabelos em qualquer lugar, embora não pareça com ele quanto ao resto. Sempre invejei os cabelos de Lew quando éramos jovens. — O homem sorriu com uma sincera simpatia e adiantou-se. — Onde ele está?

O homem fez uma pausa, como se esperasse que o Senador estivesse à espreita debaixo de uma das cadeiras. Ficou bastante desapontado.

— Ele não está aqui, não é mesmo? Quando nos mandou o telefax em que renunciava ao cargo, pensei que voltaria logo em seguida. Mas creio que eu já teria sabido se Lew estivesse em Darkover. Ele tem uma presença muito forte. Mandou-a para tomar seu lugar no Conselho Telepático?

Enquanto o homem falava, Margaret teve a súbita certeza de que seu nome era Regis Hastur... embora não pudesse imaginar como sabia.

Renúncia? Há semanas que ela não prestava atenção ao noticiário; e no turbilhão da morte de Ivor, também não se dera ao trabalho de pegar suas mensagens. Talvez fosse por isso que Dio não respondera: estavam em trânsito entre as estrelas, em algum lugar. Por um motivo que desconhecia, a idéia de que seu pai deixara o Senado era inquietante. Mas, obstinada, ela não queria parecer ignorante. Deixava-a numa desvantagem de que não gostava. O enorme prédio parecia comprimi-la.

— O que quer que seja isso, ele não me mandou para participar de qualquer reunião — respondeu ela, friamente.

Será que todas aquelas pessoas imaginavam que ela não tinha qualquer outro propósito na vida que não atravessar metade da galáxia só para comparecer a uma reunião? Eram provincianos demais. A irritação que ela experimentara no restaurante, ao conversar com Scott, voltou com a maior intensidade. Darkover parecia ser um planeta povoado totalmente por lunáticos, que presumiam que ela sabia de coisas que ignorava, nunca lhe davam uma resposta razoável, nem se apresentavam antes de começar a atormentá-la com aquele absurdo que era o tal Conselho Telepático! E não apenas eram provincianos, mas também grosseiros. Rafe tossiu e disse:

— Regis, ela não sabe do que você está falando. Lew nunca lhe falou... sobre qualquer coisa, até onde posso saber.

Regis Hastur ficou um pouco vermelho. O quê?

— E eu esqueci as boas maneiras. Perdoe-me. Sou Regis Hastur, e este é Danilo Syrtis-Ardais, meu paxman.

Ele fez um gesto gracioso para o homem parado ao seu lado. A menção ao nome deixou-a tensa, como a referência anterior de Rafe a alguém chamado Dyan Ardais. Margaret queria se virar, qualquer coisa para evitar os olhos daquele homem, como se ele representasse uma ameaça. Ainda assim, ele parecia bastante comum, apenas um homem esguio, usando uma espada, parado ao lado de Regis, numa atitude de vigilância. Por que então ela sentia a pele arrepiada? Era um absurdo total, e Margaret censurou a si mesma por ser tão tola. Mas logo ela teve certeza de que os dois homens sentiam seus pensamentos, haviam percebido seu medo e confusão. Ficou furiosa com a invasão de sua privacidade, além de embaraçada por ter medo de um total estranho. Só porque ele tinha o mesmo sobrenome de alguém que não podia lembrar direito, mas que temia, não era razão para ficar furiosa, não é mesmo? E toda aquela história de telepatia... não passava de um absurdo. Sua imaginação se tornara desenfreada apenas por uns poucos incidentes isolados que pareciam telepatia. Ainda assim, sentiu que corava.

— Regis Hastur? É o Regente, não é mesmo? — Pelo menos o disco lhe dera essa informação. — É um prazer conhecê-lo.

Margaret se perguntou se deveria ficar de pé e fazer uma reverência, ou qualquer outra coisa parecida. Suas pernas pareciam geléia agora, a cabeça latejava.

— Tenho esse dever. — Ele não parecia muito satisfeito com a função. — E me sinto honrado em recebê-la no Castelo do Comyn. Esperava a volta de Lew. Posso presumir que ele a mandou em seu lugar? Por quê? Lew também virá? Ah, onde está minha educação? Deve estar cansada. Dani... pode providenciar algum fresco?

Ele tem de vir, de qualquer maneira, caso contrário todos os meus planos vão fracassar! Apesar da calma com que falava, era evidente que Regis Hastur estava agitado, pois fechava e abria as mãos bonitas a todo instante, deslocava o peso do corpo de um pé para outro.

Por um momento, Danilo Syrtis-Ardais não se mexeu. Estudava Margaret com um interesse polido, parecendo achá-la tão desconcertante quanto ela o considerava. Margaret sentiu um repentino impulso de se esconder daquele homem. Teve dificuldade para reprimi-lo. Depois ele se virou, um pouco relutante a julgar pela posição dos ombros. Foi até um pequeno armário num canto. Margaret experimentou um intenso alívio.

— Não posso responder. Já faz algum tempo que não tenho qualquer contato com meu pai ou minha mãe. Mandei um telefax antes de deixar a universidade, mas não recebi uma resposta.

O recuo para uma formalidade cuidadosa fez com que ela se sentisse menos vulnerável, menos sujeita a acessos de imaginação. Margaret ainda tinha a sensação assustadora de que todos os homens naquela sala podiam ler seus pensamentos, se permitisse. Sentia-se impotente por isso, e estava determinada a não deixar. Não havia telepatia, ela disse a si mesma, várias vezes. Apesar do que sentia, independente do que os outros pudessem lhe dizer.

— Ao que eu saiba, o Senador não tinha planos de vir para Darkover. E até poucos minutos atrás, eu nem sabia que ele havia renunciado a seu cargo.

No silêncio que se seguiu a essa declaração, o paxman voltou com uma bandeja e vários copos. Margaret ficou um pouco surpresa ao vê-lo agir como um criado. Pensara que o homem era outra coisa... com um cargo mais poderoso e até um pouco sinistro. Ele entregou um copo a Regis. Sorriam um para o outro quando seus dedos roçaram. Margaret ficou quase chocada com a ternura do olhar que os dois homens trocaram. Mais ainda, sentiu um profundo embaraço, como se tivesse vislumbrado algo inteiramente particular. Baixou os olhos para seu colo e ajeitou as dobras da saia, com dedos irrequietos.

— Aceita um vinho, domna?

Margaret podia ver as pernas musculosas de Danilo. Sabia que ele parara na sua frente, esperando. Descobriu-se relutante em levantar a cabeça, fitá-lo nos olhos.

— Obrigada.

Ela ergueu a mão e a cabeça, mas olhou para a parede além do paxman. Pelo menos sabia que não era grosseria recusar-se a fitá-lo nos olhos, como aconteceria na universidade ou na maioria dos lugares da esfera de influência terráquea. Regis Hastur tomou um gole, depois franziu o rosto.

— Lew é meu primo... e meu amigo mais antigo. Mas é a pessoa mais teimosa e imprevisível que já conheci. Fomos criados juntos em Armida. Não posso acreditar que ele nunca tenha me mencionado.

Ela realmente não me conhece; e sua mente está trancada, bloqueada. Nunca vi nada parecido. Ela não sabia que Lew deixara o Senado... o que é muito estranho.

Margaret sentiu o sussurro em sua mente e engoliu em seco. Claro que não sabia... Lew Alton jamais lhe dizia qualquer coisa! A amargura do pensamento fez com que o vinho tivesse um gosto azedo em sua boca, mas o álcool acalmou-a um pouco. Era típico do pai! Ela decidiu que não revelaria sua crescente aflição, tratando de se fechar da melhor forma possível.

— Ele nunca falava do passado, a não ser com minha mãe. Eu nem tinha a menor idéia de quem vocês eram, até fazer uma pesquisa antes de vir para Darkover, a fim de coletar canções

folclóricas para o departamento de música da universidade. Sabia, de maneira vaga, que tinha nascido aqui, mas me lembro muito pouco. — E se dependesse da minha vontade, ficaria feliz de não lembrar coisa alguma... porque tudo o que recordo faz com que as coisas pareçam ainda mais estranhas!- Talvez ele não falasse para me poupar de coisas desagradáveis. Como já expliquei ao Capitão Scott, meu pai não é mais o homem que vocês conheceram. Quando não está no Senado da Federação, ele passa o tempo todo olhando para o mar e remoendo.

E bebendo, acrescentou Margaret, mentalmente. Ela sentiu que suas palavras aumentaram a consternação de Hastur, em vez de diminuir, e desejou ter mais tato. Era nisso que mais parecia com o pai, dizendo o que pensava, em vez de tentar ser polida. Sabia que podia ser grosseira, ainda mais quando se sentia vulnerável. Tomou outro gole do vinho, sentindo o sabor pela primeira vez. Era forte e encorpado. Margaret se permitiu saboreá-lo, gostando do relaxamento dos músculos tensos que acompanhou esse prazer. Regis correu os olhos pela sala, as sobranceiras unidas em concentração.

— Vamos dar uma volta pelo jardim. Ainda não está escuro, e o jardim é adorável. Temos coisas para conversar, e esta sala é formal demais para o meu gosto. Danilo, leve Rafe para o meu gabinete. Iremos para lá depois.

Danilo parecia alarmado. Ficou tenso, levou a mão ao cabo da espada por um instante. Mas logo relaxou. Lançou um olhar duro para Margaret, como se quisesse sondar seu coração com os olhos. Será que o paxman pensava que ela ia sacar um punhal do vestido e matar Regis Hastur? Com uma súbita percepção, Margaret compreendeu que era exatamente isso que o preocupava. Danilo podia parecer modesto e retraído, mas era perigoso e atacaria qualquer um que atacasse seu amo. E fora por isso que ele servira o vinho... para evitar que outra pessoa pudesse acrescentar veneno! Por um momento, os olhos dos dois se encontraram, num combate silencioso. Danilo não demorou a desviar os seus, aparentemente convencido de que ela não representava qualquer perigo para Hastur.

Regis pegou o cotovelo de Margaret, com a maior gentileza, levou-a por uma porta que ela não notara antes. Atravessaram um corredor estreito e saíram para um pátio agradável, com muitas flores de estranhos perfumes.

— Eu me descubro em desvantagem, numa espécie de dilema, em termos éticos.

— É mesmo?

Margaret começava a gostar daquele homem de cabeça branca, a se sentir quase à vontade em sua companhia. O que a preocupava. Não porque Regis não fosse simpático, mas sim porque era evidente que ele tinha algum motivo para se mostrar tão charmoso. E isso sempre a deixava desconfiada. Sentia que ele se preparava para manobrá-la, até uma posição que atenderia a seus propósitos, quaisquer que fossem. Por causa do cansaço, seu julgamento estava prejudicado, como ela sabia muito bem.

— É, sim, Marguerida. Lew optou por não lhe revelar qualquer coisa de seu passado. Mas você precisa conhecer esse passado, a fim de compreender o presente aqui em Darkover. Ainda estou chocado por ele não ter falado nada.

— Creio que ele tentou me dizer alguma coisa pouco antes de minha partida para a universidade. — E quando ele tentou, concluiu Margaret, sem dizer em voz alta, não deixei que fosse muito longe. — Acho que era muito doloroso para ele falar a respeito de si mesmo, sobre seu passado, como se tivesse terríveis lembranças.

Regis soltou uma risada curta e amarga.

— Posso entender... ele quase acarretou a ruína para o nosso mundo. Mas é também um herói... um salvador.

— Não é um pouco difícil fazer as duas coisas?

A respiração de Margaret saía em ofegos rápidos, pois ela sentia que se encontrava à beira de descobrir uma coisa que precisava saber, mas que a deixava apavorada.

— Seu pai é um homem complexo... talvez a pessoa mais complexa que já conheci. E os costumes darkovianos deixavam-no angustiado, quando era jovem demais para suportar os sofrimentos. Tive anos para pensar a respeito. À noite, quando contemplo as estrelas, penso em Lew. Sempre desejei viajar entre as estrelas. Ele

conseguiu fazer isso, enquanto eu tive de ficar aqui para arrumar toda a confusão, um rei sem um reino.

— Que sofrimentos?

Regis, ainda segurando o copo, tomou um gole, enquanto pensava.

— A mãe de Lew era meio terráquea, meio Aldaran. Por esse motivo, o Conselho do Comyn negou-lhe o lugar a que tinha direito. Chamaram-no de bastardo, o que feriu seu orgulho... os Altons são uma família orgulhosa. Lew nunca teve certeza se era bastante bom. Conheço essa dúvida muito bem, pois também me atormentava. Ele tentou agradar o pai, que era um bom homem, mas teimoso e exigente. Obrigou Lew a fazer coisas que os dois sabiam que eram erradas, porque estava determinado a pôr o filho no Conselho.

— Por quê? — indagou Margaret. — O que era tão importante nesse Conselho?

— O mais importante não era o lugar no Conselho... embora isso seja muito importante. Kennard queria que Lew fosse aceito como herdeiro do Domínio de Alton. — Regis deixou escapar um suspiro profundo. — A situação se tornou intolerável. Ao final, Kennard Alton, seu avô, levou Lew para fora do planeta, numa violação direta de nossas leis. O Domínio de Alton ficou sem liderança. Kennard morreu longe daqui, entre as estrelas. Lew voltou seis anos depois, trazendo uma matriz muito poderosa que levara para o exílio. E isso resultou em outra crise, na qual muitas pessoas morreram e toda a sociedade de Darkover foi alterada.

Margaret virou-se para o homem, esquecendo em seu espanto que não deveria fitá-lo nos olhos.

— Eu gostaria de dizer que compreendo. Mas, para ser franca, é muito difícil relacionar sua história com qualquer coisa que conheço sobre o Senador. Dá a impressão de que fala sobre o herói antigo de algum mito... ou quase.

— Você é bastante perceptiva. Sob muitos aspectos, foi mesmo mítico. Os acontecimentos da Rebelião de Sharra foram sem dúvida míticos em suas proporções; até os deuses se envolveram. Meus cabelos eram outrora tão vermelhos quanto os seus.

— É mesmo?

Margaret desejou que ele parasse de ser tão enigmático, apenas fazendo insinuações, revelando fragmentos, mas sem fazer um relato coerente dos fatos. E aquela palavra outra vez... Sharra. Provocou-lhe um calafrio, embora estivesse quente e agradável no jardim.

— Muito bem... isso é mais da história do meu pai do que jamais ouvi. Ele é ambíguo... o que não mudou. — Ela sentiu que sua boca se contraía numa expressão que podia passar por um sorriso. — Mas se é essa a história, por que não havia qualquer comentário a respeito no disco que estudei? O melhor que posso dizer sobre esse disco é que era quase desprovido de informações. Não havia menção a nenhuma... Sharra; e se foi, como diz, um acontecimento tão importante, por que não está mencionado nos Arquivos Terráqueos?

Regis parecia quase perdido em seus pensamentos agora, falando sem prestar muita atenção.

— Está lá, sem dúvida, mas não é do conhecimento geral. Há coisas que achamos que não devem ficar expostas ao olhar do público. Darkover ainda tem alguns segredos guardados no fundo do baú. É melhor assim.

Margaret teve a reação da pesquisadora a essa tranqüila declaração sobre a importância de suprimir informações: ficou lívida. Foi um ímpeto de emoção muito mais forte do que era necessário. Afinal, como sabia muito bem, os governos tentavam muitas vezes manter coisas em segredo. Compreendeu que sentia-se irritada com o homem simpático ao seu lado, mas ainda mais furiosa com o Velho. Cerrou os punhos, mas logo relaxou.

— Seus pequenos segredos nada têm a ver comigo. Estou aqui por acaso, não por intenção. E quero que continue assim.

Ela usou o tom mais frio e formal, pois isso fazia com que se sentisse menos fraca e perdida. Era algo de que precisava, porque podia sentir um crescente desamparo, desencadeado pelo som de duas sílabas inofensivas. Um profundo sentimento de medo quase a sufocou. Sharra! Às vezes o pai dizia essa palavra, de noite. Sempre que isso acontecia, Margaret acordava com um calafrio. E quando voltava a dormir, sempre sonhava com uma pedra enorme, brilhante,

irradiando luz e fogo. A imagem ardeu em sua mente por um momento, até que ela tornou a bani-la.

— Fala muito como seu pai. E neste momento está bem parecida com sua mãe.

— Thyra? — murmurou ela, com toda a frieza de que era capaz.

— Ah... pelo menos sabe sobre isso. E um pouco embaraçoso para mim.

— Embaraçoso? Por quê? Não foi para a cama com a irmã de sua esposa, não é mesmo?

Assim que as palavras saíram, Margaret se arrependeu. Mas para sua surpresa e alívio, Regis não parecia ofendido. Era quase como se compreendesse a raiva e confusão dela.

— Não, não fui. Já fiz algumas coisas interessantes na vida, mas não essa. Só vi Marjorie Scott uma vez, e nunca a conheci formalmente. Mas como ela e Thyra eram meias irmãs e muito parecidas, suponho que me referia a ambas. Oficialmente, você é filha de Marjorie Scott... embora ela fosse sua tia. Puxa, estou fazendo a maior confusão, não é? O que estou querendo dizer é que você aparece como filha dela em nossos registros. E parecida com todas.

E tem a mesma insensibilidade terrível de Lew, pensou ele, sem falar. Margaret ouviu as palavras com absoluta nitidez e ficou toda arrepiada.

— Parece que tenho um excesso de mães... se acrescentar Dio à lista. O que para mim é desconcertante e desagradável.

— Como assim?

— Qual seria sua reação se descobrisse de repente que sua mãe é na verdade uma tia, e a tia é sua mãe... ainda por cima uma pessoa tão estranha que ninguém gosta de mencionar seu nome.

— Hum... Acho que eu ficaria meio transtornado, agora que você põe nesses termos. Mas onde ouviu alguém mencioná-la... em que contexto?

Regis virou-se para fitá-la. Parecia interessado e sincero.

— Na casa de Mestre Everard, na Rua da Música. Ele me deixou pegar uma ryll que disse que não podia ser tocada. E saiu

uma canção... foi muito estranho. Depois ele me contou a história do instrumento e compreendi... Ora, não importa!

Margaret conteve um tremor ao lembrar a experiência.

— Você está começando a sentir frio. Vamos entrar.

Hastur pegou a mão dela, com extrema gentileza. Por um momento, ele parecia prestar atenção a uma voz interior. Margaret pôde sentir um leve roçar de percepção, como se uma pluma deslizesse por sua testa.

— Você tem laran, Marja, e o Dom de Alton.

Margaret fez um esforço para não estremecer. A palavra laran deixou seu sangue gelado. Sentiu que alguma coisa se agitava lá no fundo, uma voz que lhe dizia para se manter apartada e não fazer perguntas. Tentou resistir.

— O que quer que seja o Dom de Alton, não acredito que eu o tenha. Ou pelo menos espero não ter. Desde que cheguei aqui que coisas insanas vêm acontecendo. Tenho a impressão de ouvir pensamentos, espiar o futuro... e ainda por cima conheço parentes que nem sabia que existiam. Não gosto disso e não quero ter qualquer envolvimento com dons assustadores, Conselhos Telepáticos, ou qualquer outra coisa parecida. Só quero concluir o trabalho de Ivor... nosso trabalho para a universidade... e depois... Ora, não sei de nada! E posso lhe garantir que para uma pesquisadora não saber de nada é uma situação terrível!

Ela podia sentir que a frustração tornava a dominá-la.

— Uma pesquisadora da universidade? — Os olhos de Regis se iluminaram. — Conte-me como é. Sempre desejei... Mas este não é o momento propício para conversar a respeito. Imagino que deve ter sido muito difícil para você circular por Thendara. Há quanto tempo está aqui?

— Acho que uma semana. Perdi a noção do tempo, com a morte de Ivor e...

O gemido de Margaret foi de uma criança cansada, enquanto as lágrimas tornavam a aflorar em seus olhos. Regis Hastur não tentou impedir as lágrimas. Em vez disso, esperou calmamente, bebendo seu vinho, até ela parar de chorar. Assim que Margaret enxugou o rosto, ele comentou:

— Soube que você tinha o Dom quando ainda era bem pequena. Foi por isso...

A porta para o jardim foi aberta nesse instante. Uma mulher apareceu, seguida por Danilo. Ela sorriu, um gesto cordial e afetuoso. Adiantou-se com as mãos estendidas. Tinha o corpo cheio, com a expressão jovial de alguém que contempla o mundo com prazer. Margaret sentiu uma simpatia instantânea.

— Ah, aqui está você! Regis, faz frio demais no jardim! E pare de atormentar a menina com suas tramas e conspirações. Deve perdoá-lo, criança. Ele acha que precisa carregar o peso deste mundo em seus ombros, e às vezes perde a perspectiva.

Margaret descobriu-se apertada num abraço efusivo, com um beijo de leve roçando pela face. Regis disse:

— Esta criatura impulsiva é minha consorte, Linnea Storn, Lady Hastur. Linnea, esta é a filha de Lew Alton, Marguerida.

Ele parecia divertido pelas palavras da consorte. Uma tensão sutil deixou seu corpo. Exausta, Margaret perguntou:

— Também é parente?

Lady Hastur riu e afagou seu rosto.

— Somos primas distantes, parenta, mas eu poderia ter sido sua mãe. Houve uma época em que planejei casar com Lew... tinha quinze anos, se bem me lembro... mas ele recusou e partiu meu coração virginal. Ainda bem, caso contrário eu não teria me tornado Lady Hastur, o que me convém muito mais.

Ela sorriu para Regis, que retribuiu com uma expressão de sincera afeição. Linnea soltou Margaret, que se descobriu sendo avaliada outra vez pelo paxman, Danilo. Havia alguma coisa no olhar daquele homem que a perturbava. Não que ele se mostrasse ostensivamente hostil, mas havia uma ameaça sutil em seu olhar que a deixava enregelada até os ossos. A sensação era a de que, se Danilo a fitasse por muito tempo, ela deixaria de ser Margaret Alton, virando outra pessoa, muito diferente. Mas quem? A fúria e o terror envolveram-na. Ela fez um esforço para resistir. Começara outra vez a imaginar coisas! Não havia nada de ameaçador na postura ou expressão de Danilo. E se o tivesse conhecido em outras circunstâncias, poderia até considerá-lo inócuo.

— Posso imaginar — balbuciou ela.

Margaret sentia que se afogaria em informações demais... e parentes demais. E o pior era o seguinte: quanto mais aprendia, sentia que menos sabia.

Quinze anos! Margaret não duvidava de Lady Linnea, mas ainda assim achou isso perturbador. Por que tão jovem? Era mais fácil pensar sobre isso do que nas outras coisas, as que zumbiam como abelhas em seu cérebro, guerreando com uma compulsão para se manter em silêncio.

— Parece muito jovem para casar. Por que vocês mantêm este costume? O demônio da falta de tato impeliu Margaret a fazer a pergunta antes que pudesse censurá-la. Ela corou até a raiz dos cabelos. Uma suave brisa desmanchou os cabelos sedosos, que esvoaçaram em torno do rosto, e também serviu para esfriar suas faces.

— Temos ao mesmo tempo um alto índice de mortalidade infantil e um baixo nível de nascimento. Fui uma afortunada por ter meus filhos, mas muitas outras não tiveram a mesma sorte. — Linnea respondeu como se a pergunta fosse corriqueira. — Damos a maior importância às nossas crianças e queremos ter tantas quanto pudermos.

Margaret passara a maior parte de sua vida em diversos planetas da Federação, onde as populações eram ao mesmo tempo limitadas e controladas, por lei ou pelo costume. Descobriu agora que a perspectiva de ter muitas crianças era assustadora. Só em mundos atrasados, primitivos, é que as crianças nasciam em quantidade. E ela sabia que não havia qualquer bom motivo para a mortalidade infantil, pois há muito que a tecnologia terráquea fizera com que ter filhos fosse um processo quase livre de riscos.

Havia enigmas demais naquele planeta. Não era apenas a ausência de veículos motorizados, mas a impressão geral de que haviam rejeitado a tecnologia por completo.

— Mas você queria casar aos quinze anos de idade?

— Claro. Era meu dever.

— Dever?

Regis lançou um olhar sugestivo para sua consorte. Linnea alteou as sobrancelhas em resposta.

— Possuímos alguns talentos, aqui em Darkover, e descobrimos, ao longo dos séculos, que a melhor maneira de conservá-los é casar jovem.

— Talentos? Está se referindo a uma espécie de programa de reprodução?

Linnea contraiu a boca generosa em repulsa.

— Pode-se dizer assim... embora eu deteste a metáfora. Faz com que eu me sinta uma égua reprodutora.

Margaret ficou chocada. Mais do que isso, sentiu-se repugnada. Sabia que tinha alguma relação com os Dons a que Rafe e Hastur haviam se referido. Aqueles seus novos parentes, aparentemente cordiais, deviam estar pensando em casá-la, para manter seus genes no planeta. Não era de admirar que seu pai tivesse ido embora!

— Muito interessante... — murmurou ela. — Mas tenho de ir agora. Foi um dia comprido, e quero voltar para a casa de Mestre Everard antes que escureça.

Não agüento mais tudo isto! Se não for embora depressa, começarei a gritar! Lady Hastur mostrou-se consternada.

— Mas pensei que ia ficar aqui no Castelo, criança.

Não há a menor possibilidade! Margaret queria escapar daquele enorme prédio tão depressa quanto fosse possível. Sabia que havia um cômodo por cima com um tapete que poderia reconhecer, a menos que tivesse sido mudado nos últimos vinte anos. Pertencia aos Altons, a seu pai. Era bem provável que naquele momento houvesse servos correndo de um lado para outro ali, limpando tudo, trocando as roupas de cama, arejando os aposentos. Ela quase que podia sentir o alvoroço. Sabia que poderia encontrar o caminho para os aposentos sem precisar de um guia. O conhecimento lhe provocou um calafrio de confusão.

Pelas expressões de Lorde e Lady Hastur — e do enigmático Danilo — ela compreendeu que seus sentimentos foram quase gritados. Queria ser polida, diplomática, um crédito para sua família, mas ao mesmo tempo queria fugir tão depressa quanto suas pernas cansadas pudessem levá-la. Com uma cortesia exagerada, ela disse:

— Tenho certeza de que seria maravilhoso ficar aqui, mas deixarei Thendara assim que puder. Tenho um trabalho a fazer, e a morte de meu companheiro, Ivor Davidson, já me atrasou.

— Trabalho? — repetiu Lady Hastur. — Não estou entendendo. Margaret decidiu que tinha de assumir uma posição firme com aquelas pessoas. Caso contrário continuariam a presumir que se encontrava ali para atender às finalidades deles, não às suas. Ela respirou fundo.

— Não vim até aqui para seu Conselho Telepático ou qualquer outra coisa parecida. Viajei para estudar e gravar música folclórica, como pesquisadora da universidade. E exatamente isso que tenciono fazer... e mais nada!

— Gravar música folclórica? — Lady Hastur parecia perplexa. — Não devo ter ouvido direito.

Ela lançou um olhar desamparado para o marido, como se dissesse: "Bem que tentei, querido." Margaret quase que podia ouvi-los, falando na mente um do outro, tentando organizar argumentos para mantê-la no Castelo. Mas não aceitaria nenhum! Aquelas pessoas não podiam entendê-la... e ela também não as entendia. Seu crânio latejava, os joelhos doíam, sua única vontade era ir embora.

— Pode ter certeza de que não a obrigaremos a ficar aqui — interveio Danilo, falando pela primeira vez desde que oferecera o vinho. Havia alguma coisa em seu tom que a fez pensar que isso não era toda a verdade, que ele poderia forçá-la a permanecer, se assim quisesse. — Mas seria ótimo para Darkover se continuasse conosco. Seu lugar é aqui, mesmo que não compreenda.

Com uma súbita grosseria, Margaret fitou-o nos olhos. Viu apenas um homem de boa aparência, entre quarenta e cinquenta anos de idade, cabelos claros, sulcos profundos acompanhando a boca, como se tivesse sofrido uma grande tragédia. Havia, com toda a certeza, alguma semelhança entre a expressão sombria de Danilo e a de seu pai. Mas quem era ele para falar com tanta autoridade?

Ela se descobriu a pensar que não detestava Danilo, apenas sentia uma profunda desconfiança. Não restava a menor dúvida de que ele era profundamente devotado a Hastur... e que havia algo

mais entre os dois. Margaret especulou se ele era um servo de Regis ou seu amante, um pensamento que a deixou mortificada. Mas tinha certeza de que Danilo, qualquer que fosse sua posição, faria tudo o que fosse necessário para proteger Regis, até mataria por ele.

— Sei que vocês acreditam nisso, mas eu não acredito.

E não quero de jeito nenhum me envolver em seus problemas locais! Margaret podia sentir as ondas de incompreensão ao seu redor, mas não se importou. Sabia que poderia ter usado mais tato com Lady Hastur e Danilo, mas eles não queriam ouvi-la. Estavam absorvidos demais em seu programa de reprodução e no tal Conselho Telepático para tentar entendê-la. Era como tentar conversar com Lew... que também não fazia o menor esforço para escutar. Talvez fosse uma característica racial. Talvez toda aquela endogamia ao longo de séculos tivesse afetado a audição.

O total absurdo desse pensamento deixou-a um pouco aliviada, Há um ano — ora, há uma semana — a perspectiva de conhecer os parentes de meu pai me deixaria na maior animação. Agora, apenas me torna irritada... não, apavorada. Não serei usada de novo! A imagem do homem de olhos prateados aflorou em sua mente, fazendo-a tremer. Só quero ficar longe dessa gente, da sensação de que estão passeando por minha mente!

— Obrigada por me receberem. Lamento não poder ficar mais. E agora, se me dão licença...

Margaret fez uma pequena reverência, um movimento meio desajeitado que deixava transparecer sua fadiga. Encaminhou-se para a porta. Percebeu o tio parado ali. Quase correu em sua direção, a fim de escapar de Regis, Linnea e do ambíguo Danilo.

— Vou acompanhá-la até a Rua da Música — anunciou o Capitão Scott, quando ela se aproximou.

Margaret quase chorou em gratidão.

— Está certo... desde que prometa não me assediar mais com uma conversa de deveres e obrigações que não tenho a menor intenção de cumprir.

— Quer dizer que está determinada a continuar como se não fosse a herdeira de um dos Domínios? Sair vagueando pelos campos nesse seu "trabalho", quando Darkover tanto precisa de você?

Ele parecia perturbado e um pouco triste.

— Exatamente!

A veemência da resposta deixou a própria Margaret um pouco surpresa. Mas se encontrava tão próxima da exaustão total que não se importou.

— Dá para ver que é mesmo a filha de Lew — comentou ele, com um sorriso sardônico.

— O que está no osso aparece na carne — citou ela, num tom ácido.

— Se você ao menos soubesse o quanto isso é verdade, Marguerida... — Rafe soltou um suspiro. — Vai precisar de permissões das autoridades para deixar Thendara. Quer pelo menos me deixar ajudá-la a cuidar de tudo?

Margaret riu, confortada pela presença segura de Rafe Scott. Finalmente alguém se comportava de maneira racional!

— Posso ser teimosa, mas nunca protesto quando alguém se empenha em me ajudar.

Capítulo Oito

O cemitério estava amortalhado pela neblina. Ela vagueava entre as lápides gastas, procurando por alguma coisa ou alguém. Era noite, escura e estrelada, uma lua violeta se levantava no horizonte. Finalmente ela alcançou um monte de terra recém-revolvida, com flores murchas por cima. Dava para sentir a fragrância do bálsamo no ar, o cheiro de terra sob seus pés.

Um vulto que parecia um espectro ergueu-se do monte de terra. Sua respiração ficou presa na garganta. Talvez Ivor não tivesse morrido! E se ele fora enterrado vivo? E se estivesse sufocando no caixão darkoviano em que o haviam metido? As feições do vulto estavam escuras e indistintas. Enquanto espiava, ela sentia-se apavorada e curiosa ao mesmo tempo. Só dava para ver os cabelos lisos num crânio comprido.

O vulto avançou em sua direção. Ela esperou, os músculos contraídos, preparada para fugir, esperando avistar apenas uma caveira. Por um momento, o rosto continuou coberto pela neblina. Mas depois ela viu o queixo quadrado e a cicatriz no rosto de Lew Alton. Ele ofereceu um sorriso torto e estendeu a mão.

Margaret sentou na cama, o coração batendo forte, a respiração irregular. A garganta doía com o terror, ressequida e dolorida. As imagens desfilavam em turbilhão por sua mente, enquanto tentava dizer a si mesma que não passava de um sonho. O que seu pai fazia na sepultura de Ivor? E por que estendia a mão para ela? Margaret arriou nos travesseiros, as lágrimas aflorando a seus olhos. Puxou as cobertas para se aconchegar. Não passava de um sonho!

Na manhã seguinte ao funeral de Ivor, Margaret tornou a comparecer ao QG terráqueo, mais uma vez usando o uniforme de pesquisadora. Estava munida com todos os documentos corretos. E começou a esperar. Levou duas horas para ser atendida por um entediado funcionário, que a despachou para um terminal de computador, a fim de preencher os formulários apropriados. O cheiro

do QG a deixou com uma desagradável dor de cabeça, enquanto o ar quente demais a fazia suar.

Depois de completar os formulários, que eram complexos, confusos e ambíguos, ela apertou o comando para "Transmitir". Levantou-se em seguida e foi para uma das máquinas automáticas. Não houve problema na aceitação de seu cartão de crédito; em troca, a máquina lhe ofereceu um líquido turvo e morno, que passava por café. Tomava um gole, fazendo uma careta, quando ouviu seu nome ser chamado. Voltou à presença do funcionário, que entregou um disco e encaminhou-a para outra sala. Ali tornou a esperar, para falar com outro burocrata, refletindo que eficiência e burocracia pareciam ser duas coisas antagônicas e mutuamente exclusivas. Gostaria de ter alguma coisa para ler, mas não havia nada na sala, nem mesmo avisos postados em algum quadro, muito menos revistas. Seria capaz de ler até mesmo as atas das sessões do Senado da Federação, se estivessem disponíveis.

A lembrança do Senado trouxe de volta o pesadelo. Ela começou a afundar na morbidez. Olhou para as botas e sacudiu a cabeça, tentando se livrar daquele ânimo. Mas parecia ter alcançado o domínio de sua mente, recusou-se a ir embora. Ela quase não ouviu seu nome quando foi chamado, pois mergulhara num profundo desespero.

Uma mulher de aparência severa sentava por trás de uma mesa, tamborilando com os dedos. Não se levantou quando Margaret entrou na sala, nem demonstrou a menor cordialidade. Havia uma pequena placa de metal na mesa, onde estavam gravadas as palavras "Major Thelma Wintergreen". A julgar pelo semblante intimidativo, Margaret pensou que o sobrenome, significando o verde no inverno em Padrão Terráqueo, era bastante apropriado.

— Duvido que possamos conceder permissão para que continue a pesquisa do Professor Davidson sobre a música folclórica nativa, srta. Alton — declarou Wintergreen, sem qualquer preâmbulo. — E jovem demais para realizar uma missão assim, não tem as credenciais necessárias. Ainda por cima, não é trabalho para uma mulher sozinha. Não posso imaginar, antes de mais nada, por

que deram a autorização inicial para um empreendimento tão desnecessário e dispendioso. A música local não pode ter interesse para mais ninguém além dos darkovianos.

Margaret ficou indignada. Como ela não tinha as credenciais apropriadas? Quem Wintergreen pensava que era? Teve de exercer toda a sua força de vontade para se controlar, ignorando a pulsação nas têmporas.

— É uma musicóloga experiente, Major?

— Claro que não!

— Então não tem condições de fazer um julgamento sobre o valor da música darkoviana, não é mesmo? — Margaret forçou sua boca a exibir um sorriso, que sabia parecer mais com um rosnado.

— O Capitão Scott levou-me a acreditar que não haveria qualquer problema na transferência da autorização para mim.

— Quem?

— O Capitão Rafael Scott.

Margaret refletiu que deveria tê-lo procurado enquanto esperava. Seu cérebro parecia atordoado. Rafe oferecera ajuda e ela aceitara, ao deixarem o Castelo do Comyn. Naquela manhã, no entanto, ela começara sem tentar localizá-lo. Por que tinha de ser tão independente? Ela compreendeu que nem sequer sabia em que seção Rafe trabalhava, ou se tinha alguma influência para facilitar a tramitação burocrática. Por outro lado, o uso do seu nome teve um efeito surpreendente e imediato agora. A major se mostrou contrariada, bateu alguma coisa no teclado do seu terminal. Depois, cruzou as mãos sobre a mesa e fitou Margaret.

— Como conhece o Capitão Scott?

— Somos parentes.

Wintergreen empinou o queixo. Tornou a bater no teclado, ficou olhando para o monitor com uma fúria que surpreendeu Margaret. Dava para sentir as ondas de raiva e inveja que se irradiavam em sua direção. Mas não podia imaginar por que a mulher sentia ciúme.

— Não há qualquer registro a respeito — resmungou ela.

— O Capitão Scott é o irmão de minha mãe, quer esteja ou não em seus registros.

Como se o nome conjurasse sua presença, Rafe passou pela porta da sala nesse instante. Poucas vezes em sua vida Margaret se sentira tão contente em ver alguém. Rafe sorriu para ela, apertou seu ombro, depois olhou para Wintergreen.

— Qual é o problema, Major?

Wintergreen parecia um pouco apreensiva agora... e ainda mais furiosa do que antes.

— Isto não é da sua conta, Scott! Não vou permitir que esta jovem vagueie pelo interior. Cottman não é lugar para uma mulher excursionar sozinha.

— Como pode saber, Major, se nunca deixa o QG?

— E por que deveria deixar? Não há nada lá fora além de um bando de indígenas atrasados, que nem sequer têm o bom senso de querer...

— Thelma, seu preconceito é ostensivo. — O tom de Scott era firme e autoritário, muito diferente do homem afável e quase modesto que Margaret conhecera no dia anterior. — Acho que deveria pedir logo sua transferência.

— Não se meta na minha vida, Scott!

— Terei o maior prazer em me retirar. Basta entregar os documentos necessários a Margaret, e iremos embora.

Uma expressão quase de maldade se insinuou no rosto de Wintergreen.

— Acho que não será possível, Capitão. Ela ainda não é uma catedrática, mas apenas uma assistente.

— É pessoa plenamente habilitada. Há anos que faz trabalho de campo, conhecendo mais mundos do que você jamais visitou. E é uma pesquisadora, não uma burocrata. Pare com esse comportamento... não lhe vale nenhum crédito.

Margaret lançou um olhar rápido para o tio. Ele devia ter dado uma olhada em sua ficha na noite anterior, depois que a deixara na casa de Mestre Everard. Ela sentiu o calor da gratidão envolvê-la.

— Como ousa me falar assim?

— Thelma, todo mundo no QG sabe o quanto você detesta Darkover e os darkovianos. Imagino que até mesmo pessoas que nunca a conheceram já sabem disso. É a pessoa errada para este

cargo. E se este incidente for registrado em sua ficha, pode se despedir de qualquer sonho de promoção. Agora, seja sensata e deixe Margaret fazer o seu trabalho.

— É impossível. Ela não sabe nada...

— Nasci em Darkover, Major.

— Não há registro...

— Se procurar com o nome certo, A-L-T-O-N, vai descobrir que minha sobrinha de fato nasceu aqui. — Rafe olhou para Margaret. — Quando verifiquei sua ficha, notei que algum idiota escreveu o nome com E em vez de A.

Margaret deu de ombros.

— Já aconteceu antes, mas pensei que não ia se repetir.

Às vezes acho que os terráqueos são deficientes mentais em questões de ortografia.

Exatamente!

— E o primeiro nome seria Marguerida, Major Wintergreen — acrescentou Rafe, secamente.

Margaret mal notou, de tão atordoada que ficara com o breve diálogo mental. Sabia que não o imaginara, embora desejasse que fosse apenas isso.

Se olhar matasse, Scott teria caído morto naquele instante. Mas a Major Wintergreen limitou-se a acessar alguma coisa no terminal, com evidente relutância. Soltou um grunhido enquanto lia o que apareceu na tela.

— Imagino que você pensa que ser a filha de um Senador lhe concede alguns privilégios especiais — resmungou ela.

— Para ser franca, não penso assim. Nunca usei a influência de meu pai. Jamais precisei.

Margaret sentia um certo orgulho pela verdade dessa declaração. A major fez uma careta, como se tivesse mordido uma fruta madura demais e encontrado um bicho. Bateu numa tecla e esperou. Vários papéis saíram da fenda na mesa em que estava oculta a impressora. Ela quase que jogou-os para Margaret.

— Leve isto para a sala 411. E não me culpe se for estuprada e assassinada naquelas colinas!

— E lhe proporcionar o prazer de falar "Eu não disse?" Mas prometo que voltarei para assombrá-la, se alguma coisa me acontecer.

Margaret deixou que toda a sua aversão à major se manifestasse na resposta. Scott acompanhou-a até a sala 411, através de vários corredores, subindo em elevadores, descendo dois lances de escada.

— Você nunca teria encontrado o caminho sozinha aqui — comentou ele.

— Tem toda a razão. Este prédio é um labirinto pior do que o Castelo do Comyn. Por que ela foi tão hostil?

— Não conheço toda a história, mas parece que fez uma besteira em seu último posto, o que a deixou amargurada. Darkover não é o tipo de lugar para onde os terráqueos queiram vir. Tornou-se quase um rebaixamento ser enviado para cá, durante os últimos anos.

— Todos aqui são como ela?

— Claro que não. Há muitas pessoas boas e dedicadas, preocupadas com os interesses de Darkover. Ou pelo menos pensam que são os interesses de Darkover... em suma, trazer o progresso terráqueo para este mundo. Lamentavelmente, o que os darkovianos querem e o que os terráqueos imaginem que é o melhor para eles nem sempre coincidem. Tenho um pé em cada lugar. Como você, sou um cidadão de dois mundos. Não é fácil. Os terráqueos cometeram alguns erros terríveis no passado, os darkovianos também. Uma das coisas que seu pai queria fazer era superar alguns desses ressentimentos, mantendo Darkover protegido, mas sem sua exclusão da Federação.

Embora isso fosse óbvio agora, Margaret nunca pensara antes no Senador como um servidor do planeta que representava. Sentiu-se não apenas ignorante, mas também estúpida, porque não prestara muita atenção ao trabalho do pai. Sabia que a culpa não era toda sua, que fora repelida em suas tentativas de fazer contato com ele. O sonho voltou agora, e ela sentiu como se uma mão gelada apertasse seu coração. E se o pai tivesse morrido?

Ela sacudiu a cabeça para desanuviá-la. Os cabelos começaram a se desmanchar. Eram lisos demais. Ora, fora apenas um sonho! A morte de Ivor a perturbara. Afinal, ele fora como um pai para Margaret. Portanto, não era surpreendente que sua morte acarretasse medos de perda e abandono. E, de qualquer forma, Margaret e o Senador haviam abandonado um ao outro anos antes... não é mesmo?

A sala 411 era diferente dos escritórios estreitos que ela visitara durante a manhã. Tinha móveis confortáveis, tecidos nativos, recendia a Darkover. Havia algumas máscaras penduradas nas paredes. Margaret franziu o rosto ao estudá-las. Uma em particular a deixava agoniada: o rosto de uma mulher, com chamas se elevando do couro cabeludo, no lugar dos cabelos. Margaret sentiu que tremia e fez um esforço para desviar os olhos. Ficou surpresa com sua reação. Já vira outras máscaras antes, e nunca ficara arrepiada com qualquer uma.

Um homem levantou-se de trás de uma mesa toda lavrada. Piscou os olhos ocultos por trás de óculos que pertenciam a um museu. Tinha os cabelos grisalhos e uma barba irregular, dando a impressão de que crescia ao acaso nas faces encovadas. Mas ele sorriu, o que proporcionou às suas feições idosas uma animação e cordialidade que tiraram o gosto desagradável da Major Wintergreen. Margaret não sabia que ficara tão contaminada até que a sensação desapareceu.

— Ah, então você é Margaret Alton! Que prazer conhecê-la! Sou Brigham Conover, diretor de etnologia aqui.

— Professor Conover! — Margaret estendeu a mão, efusiva. — Li seu ensaio sobre os costumes nupciais nas Cidades Secas. Era uma das poucas coisas com acesso livre nos arquivos sobre Darkover.

Trocaram um aperto de mão, sorrindo um para o outro, como duas crianças levadas tramando alguma travessura. Conover lembrava-a de Ivor, quando era mais jovem e mais forte. Agora que chegara mais perto, ela podia constatar que os olhos azuis exibiam um brilho intenso, com rugas do riso nas extremidades. Rafe tossiu.

— Tenho de me retirar agora, Marguerida. Voltarei dentro de uma hora e a levarei para almoçar, se não se incomodar.

— Obrigada, Rafe. Você foi maravilhoso.

— Vamos sentar. — Conover indicou um dos sofás. — Aceita um chá?

— Seria ótimo. Tenho a garganta tão ressequida que parece que peguei uma estrada de terra em pleno verão.

Ela observou o professor se movimentar de um lado para outro. Sentiu que a tensão em seu corpo começava a se dissipar. Talvez agora pudesse obter algumas respostas claras e objetivas. Ele levou duas canecas fumegantes para o sofá e entregou uma a Margaret.

— Em que posso ajudá-la?

— Tenciono concluir o trabalho que o Professor Davidson e eu viemos realizar em Darkover. Mas cada vez que me viro, deparo com um muro de pedra. Ou pelo menos é essa a sensação. Quando recebemos o aviso de que viríamos para cá, não consegui encontrar muitas informações nos arquivos centrais, o que achei muito estranho. Por quê?

— Quer uma resposta simples para uma pergunta complexa. Farei o melhor que puder. — Conover fez uma pausa, observando o vapor que se elevava de sua caneca. — Deve saber que Darkover é um planeta protegido, nem um membro pleno da Federação, nem apartado. A história por trás disso ocorreu antes de minha vinda para cá, mas conheço alguns fatos. Há cerca de vinte anos houve uma rebelião aqui, em que muitas pessoas morreram... pessoas importantes. Seu pai teve uma participação destacada. Ele partiu para se tornar a voz do planeta na Federação, enquanto Regis Hastur começava a tentar promover um acordo entre Darkover e os terráqueos. O que não tem sido fácil, já que a cultura darkoviana resiste a qualquer mudança. E uma das coisas que aconteceram depois da rebelião foi a restrição a várias informações sobre o planeta que em circunstâncias normais seriam acessíveis.

— Por quê? Tenho certeza de que Darkover não representa uma ameaça para a Federação.

— Não há como prever o que é percebido como ameaça, srta. Alton.

— Chame-me de Margaret, por favor.

— Claro... se me chamar de Brigham. Posso ver por sua expressão que não está satisfeita. O problema é que há muita coisa sobre Darkover que permanece em mistério para nós aqui no QG... e mistérios e segredos sempre criam desconfianças entre nações. Por isso, a Federação tornou secretas muitas informações sobre Darkover, e iniciou um jogo de espera. Aqueles que tomam tais decisões... e posso lhe assegurar que a maioria nunca esteve aqui... acham que Darkover vai acabar capitulando, abrir suas portas, revelar seus segredos, e se tornar apenas mais um membro da Federação. Ao mesmo tempo, os darkovianos permanecem obstinados. Não querem aceitar tudo o que é terráqueo, renunciando à maneira como vivem há milhares de anos. Estou no meio. Minha função é ser um etnólogo e recolher dados que serão usados pela Federação.

— Usados de que forma?

Margaret tomou um gole do chá e sentiu o gosto de mel. Não sabia se gostava da situação. Com um pequeno sobressalto, compreendeu que seu pai provavelmente mantivera a Federação à distância durante todos aqueles anos. Agora que Lew renunciara, ela se preocupava com o que poderia acontecer. Fora uma idiota por não ter prestado mais atenção, por não ter percebido que o pai fazia uma coisa importante. Enquanto ela refletia sobre tudo isso, Conover pensava um pouco, antes de responder.

— O que eles realmente querem é descobrir que fraquezas existem na cultura darkoviana que possam ser manipuladas em proveito da Federação. Confesso que tenho enormes restrições à interferência em grande escala em qualquer cultura local. Já observei os resultados muitas vezes. A história da Terra é uma história de culturas destruídas pelo progresso e arrogância.

— Mas então o que você faz? Não suprime os dados, não é mesmo? A mera idéia a deixava escandalizada, como uma acadêmica.

— Esse é um pecado que consegui evitar até agora, Margaret.
— Ele soltou uma risada curta, sem qualquer humor. — Não escondo os dados... apenas tomo muito cuidado com os assuntos que são estudados. Sou o encarregado de distribuir as subvenções para as pesquisas. Assim, aprendemos sobre a música darkoviana, os costumes conjugais no planeta e outros assuntos bastante inofensivos, mas não nos aprofundamos nos mistérios darkovianos essenciais.

— Por exemplo?

Conover refletiu por um momento.

— Não há tratados objetivos sobre o Dom de Alton e outros talentos peculiares que têm sido observados aqui, Margaret.

— Ainda não entendo por quê.

Ela estava surpresa. Conover sabia sobre os Dons. Parecia que em toda parte as pessoas sabiam de coisas que ela ignorava. Mas não importava. Margaret não se deixaria envolver nas questões locais. Quanto a seu suposto Dom... ora, que se danasse! Se tivera algum contato telepático ocasional, como acontecera pouco antes com Rafe, não permitiria que isso a perturbasse. Continuaría a se manter apartada, como sempre fizera. E tratou de ignorar a sensação de frio e tristeza que se avolumou em seu peito a esse pensamento.

— Há pessoas na Federação que fariam qualquer coisa para explorar esses talentos... e não seria em benefício de Darkover. É um caminho muito difícil.

O professor soltou um suspiro profundo.

— Mas se é um segredo tão grande, como você sabe sobre o Dom de Alton? Eu mesma nunca tinha ouvido falar, até ontem.

— Seu pai foi bastante gentil para me conceder várias entrevistas antes de minha vinda para cá. Não se mostrou reticente, depois que me avaliou. E foi assim que a reconheci quando entrou aqui... ele tinha um retrato seu no escritório.

— É mesmo?

Margaret sentiu que sua cabeça recomeçava a doer.

— É, sim... e sentia muito orgulho de você. Margaret fez uma careta.

— É uma pena que ele nunca tenha me dito isso.

Ela escondeu sua raiva da melhor forma possível. Lew confienciara uma porção de coisas a Conover, mas não tivera a consideração de contar a ela o que precisava saber sobre sua herança. Não confiava nela? Como podia. .. se mal se conheciam?

Margaret respirou fundo, devagar, fazendo um esforço para se acalmar. Assumiu uma posição mais confortável no sofá, forçou-se a dissipar a raiva. Foi uma luta e tanto, e a raiva quase venceu. Ela descobriu que tinha os olhos úmidos, de lágrimas não derramadas, e piscou para fazê-las desaparecer.

— Pode me dizer, Brigham, qual é a melhor maneira de realizar o trabalho que vim fazer aqui?

— Vai precisar de uma guia, já que viajará pelas Colinas Kilghard. É um território agreste e seus habitantes nem sempre são amigáveis. Você tem a vantagem de poder convencê-los, a um só olhar, de que é uma nativa de Darkover. Mas creio que precisará de mais do que isso.

Margaret soltou uma risada.

— Já tive essa experiência... quando fui comprar algumas roupas. Eles me trataram como se eu fosse a realeza. Quase fiquei louca. Insistiram que eu precisava de um vestido de baile para usar no Castelo, não de roupas de trabalho. Não ponho um vestido de baile desde que me formei na universidade. Não pude entender... e também não entendi por que faziam questão de me chamar de domna, em vez de mestra. Depois Ivor morreu, e fiquei tão absorvida com as providências para o funeral que não pensei mais a respeito. Pode imaginar minha surpresa quando esbarrei com Rafe Scott ontem e descobri que era uma herdeira, que tinha uma porção de parentes aqui. Ele me levou para o Castelo do Comyn, onde conheci Lorde e Lady Hastur... que também são primos meus. Esperavam que eu ficasse lá. Sentiram-se magoados quando insisti que precisava terminar o trabalho de Ivor. Foram corteses, mas tive a sensação de que sufocava.

— Você está acostumada à liberdade relativa que as mulheres têm na Federação, Margaret. As darkovianas são mais confinadas... e, exceto pelas Renunciantes, raramente viajam.

— Renunciantes? O que elas são... freiras? Conover sorriu, os olhos se iluminando.

— Não, não são freiras, pelo menos não no sentido em que você conhece a palavra. A Guilda das Renunciantes, ou Amazonas Livres, é um grupo de mulheres que optaram por se afastar das restrições da cultura darkoviana. Não casam, o que é quase inconcebível aqui, e, se geram uma criança, não lhe dão o nome do pai. Começaram a operar como guias e acompanhantes, depois expandiram suas atividades para incluir os papéis de educadoras e parteiras. Tornaram-se as principais agentes de divulgação dos conhecimentos terráqueos nos últimos vinte e cinco anos. São mulheres extraordinárias.

— Amazonas Livres? É esse o nome que elas usam?

— Você é mesmo muito perceptiva. Não, esse é um nome que foi ligado a elas mais tarde. A maioria das mulheres de Darkover não saberia distinguir um coelho-de-chifre de uma amazona. As Renunciantes constituem uma anomalia cultural, mulheres independentes numa sociedade patriarcal. Aprendem a ler e escrever, o que ainda é excepcional em Darkover, e não se curvam diante de nenhum homem, em qualquer questão. Daí o apelido de Amazonas Livres. Estudam tudo, de artes marciais a medicina. Várias terráqueas já se tornaram Renunciantes... para o imenso desprazer de pessoas como a Major Wintergreen.

— Está querendo dizer que elas se tomaram nativas?

— Essencialmente. Há alguma coisa em Darkover que atrai alguns de nós... Não sei explicar o que é, mas acontece. Em termos genéticos, os darkovianos são humanos... mas também são mais do que isso. Eles têm algo extra, que nos atrai ou repele. Se você se sente à vontade aqui, há uma boa possibilidade de que queira ficar para sempre em Darkover, o que deixa pessoas como Thelma bastante apreensivas.

— Qual é o seu caso, Brigham?

— Tenho uma esposa darkoviana e duas crianças. Se eu fosse mais jovem, poderia ter passado para o outro lado. Em vez disso, preferi seguir o exemplo de Magda Lorne e alguns outros, como o Capitão Scott, procurando me tornar uma ponte entre nossos

mundos. Não é fácil, mas sob alguns aspectos é a coisa mais satisfatória que já fiz. Agora, vamos resolver logo o nosso problema!

Quando Rafe voltou, Margaret sentia-se tão faminta que pôde comer os alimentos sem sabor do restaurante do QG sem reclamar. Aprendera muito com Conover, coisas importantes sobre o perigo dos incêndios florestais nas Colinas Kilghard e o problema persistente dos salteadores. Ele providenciara cópias de mapas e respondera às suas perguntas mais prementes. Só depois de sentar à mesa do restaurante é que ela compreendeu que não o interrogara sobre o Conselho Telepático, nem pedira detalhes a respeito do misterioso Dom de Alton. Era como se ela própria já tivesse ingressado na conspiração de silêncio que envolvia tantas coisas em Darkover.

— Vou levá-la até a Casa de Thendara — anunciou Rafe, quando acabaram de almoçar. — Vão lhe fornecer uma guia e ajudar com os suprimentos de que vai precisar. Por falar nisso, sabe andar a cavalo?

— Sei, sim. Tinha um cavalo quando vivia em Thetis; e o único esporte pelo qual me interessei na universidade foi a equitação. Já faz algum tempo que não monto, mas há coisas que a pessoa não esquece.

A menção a cavalos trouxe a lembrança das cavalgadas pela beira da praia, o vento contra seu rosto, o cheiro da maresia entrando pelo nariz.

— Os cavalos na universidade eram mansos demais, só que não consegui arrumar montaria melhor.

Rafe parecia divertido.

— Você faz adestramento? Margaret sacudiu a cabeça.

— Não. Saltava um pouco... e fazia muita corrida cross-country. Adoro deixar o cavalo disparar. É como voar.

— Concordo. Mas não tente fazer isso nas Kilghards. O terreno é acidentado demais para se correr... embora eles promovessem corridas em Armida quando eu era pequeno. Os cavalos de Armida são famosos em Darkover... valem o resgate de um rei.

Margaret não estava prestando atenção.

— Já acabei. Vamos logo embora. Não suportarei continuar aqui por mais um minuto sequer. O ar tem um cheiro esquisito e deixa minha garganta dolorida!

A Casa de Thendara era um prédio grande, poucos quarteirões depois dos limites do Setor Terráqueo. Por fora, não parecia nada especial. E, com certeza, não era o que Conover descrevera como "anomalia cultural". Era igual às outras construções na rua. Era de pedra, brilhando ao sol da tarde, um prédio simples e forte, sem janelas dando para a rua no andar térreo. Só a placa por cima da campainha dava a impressão de que era algo mais do que uma residência particular.

Rafe levou-a até o alpendre. Despediu-se ali, tornando a apertar seu ombro. Margaret observou-o se afastar, as costas empertigadas no uniforme escuro, tentando não se sentir muito desamparada. Tinha a sensação de que ele escondia um sentimento forte, um certo anseio, o que era desconcertante. Afinal, não era possível que quisesse ajudá-la em sua pesquisa! Margaret reprimiu as emoções confusas e tocou a campainha.

A porta foi aberta quase que no mesmo instante por uma mulher no final da adolescência ou início da casa dos vinte anos. Ela não fez uma reverência, como a maioria dos darkovianos que Margaret conhecera até agora. Fitou a visitante nos olhos, avaliando seu traje terráqueo com um rápido olhar. Tinha os cabelos curtos, em contraste com as outras mulheres que Margaret conhecera. Segurava um pano, com uma mancha escura de poeira na testa. Parecia feliz e bem-alimentada, cordial ao extremo. Não combinava com a imagem mental que Margaret fizera das mulheres que se intitulavam Renunciantes, o que a fez sorrir. Estava fazendo suposições... o que uma pesquisadora nunca deveria fazer.

— Eu gostaria de contratar uma guia — anunciou Margaret.

Ela desejou que Rafe não tivesse se retirado tão depressa, mas depois lembrou a si mesma, com firmeza, que tinha de viver por conta própria, era assim que queria. Não precisava de ninguém, não é mesmo?

— Entre — disse a moça. — Vou chamar Mestra Adriana... qualquer coisa para me livrar do trabalho de tirar o pó! Juntei-me às

Renunciante porque queria ser independente, mas ainda faço o serviço doméstico.

— A tecnologia nunca resolveu o problema da poeira — comentou Margaret, secamente.

— Quer dizer que as mulheres Terranan ainda fazem os serviços domésticos? Sempre pensei que havia máquinas para tudo.

— Nem tudo.

— Fique esperando na sala de visitas, enquanto vou chamar a Mãe. Eu não deveria abrir a porta, mas estava bem aqui, e achei que seria um absurdo esperar por uma das outras.

Ela levou Margaret para uma sala agradável e depois se retirou, apressada. Margaret ficou perplexa, sem entender por que a moça não deveria abrir a porta da frente. Olhou ao redor, enquanto esperava. A sala era bem mobiliada, embora tudo parecesse bastante gasto. Havia tapetes grossos no chão de pedra, poltronas confortáveis, com o estofado brilhoso de tanto uso. Havia ainda cartazes pendurados nas paredes. Margaret examinou-os com o maior interesse, porque eram obviamente feitos numa impressora com tipos móveis. A tinta era mais densa em alguns lugares do que em outros, o papel não passara por dentro de uma máquina. Ela olhou curiosa para o anúncio de um curso de parteira. Percebeu nesse instante que sempre encarara o parto como uma coisa simples. Notou outro cartaz. Relatava a história da Sociedade da Ponte, fundada por alguém que tinha dois nomes, Magda Lorne e Margali n'ha Ysabet. Lembrou que Conover mencionara Magda Lorne, e especulou se ela ainda era viva. Talvez pudesse responder a algumas perguntas de Margaret. Absorvida em sua leitura, ela quase não ouviu uma tosse gentil às suas costas.

Uma mulher na casa dos quarenta anos estava parada ali. Tinha cabelos escuros e olhos verdes, um queixo saliente que indicava determinação. O traje era verde-escuro. Parecia ao mesmo tempo cordial e formidável.

— Seja bem-vinda à Casa de Thendara. Sou Adriana n'ha Marguerida. Soube por Jillian que você deseja contratar uma guia.

Ela falava o Padrão Terráqueo como se torcesse a língua. Margaret respondeu em casta.

— Sou Margaret Alton. É verdade, quero contratar uma guia para me levar às Kilghards. Tenho todas as permissões e documentos necessários para...

— Documentos? Essa não! Como os Terranan conseguiriam viver sem suas permissões? Pensam que um pedaço de papel significa alguma coisa, como se uma pessoa pudesse ser medida por isso. Um total absurdo. Peço que me desculpe... mas não agüento mais tantos formulários, permissões e passes. E o tato não é uma das minhas virtudes. Minha mãe sempre comentava isso.

Margaret gostou sem hesitação daquela mulher tão franca.

— Também não tenho muito tato. Passei a manhã no QG, tentando encontrar meu caminho entre pilhas de papéis. Partilho sua aversão pela burocracia.

Mestra Adriana balançou a cabeça e sorriu.

— Eles parecem não compreender que Darkover passou muito bem durante séculos sem mil burocratas cuidando dessas bobagens que eles chamam de permissões. Agora, sente e conte o que quer fazer nas Kilghards.

Ela esperou, enquanto Margaret sentava.

— Alton? — Ela fitou Margaret atentamente. — Você não é uma terráquea.

— Não, não sou. Nasci aqui, mas fui embora quando ainda era bem pequena.

Não tão pequena que tenha esquecido os cheiros e cores de Darkover, pensou Margaret, sombria. A Casa de Thendara tinha um cheiro agradável de fumaça de lenha e ensopados saborosos. Um aroma que ela jamais conhecera em Thetis. Mesmo quando Dio cozinhava, nunca ficava tão apetitoso.

— Ahn...

Mestra Adriana tornou a estudá-la. Margaret teve certeza de que bem pouco escapava à atenção daqueles olhos verdes penetrantes. Fez um esforço para reprimir um suspiro, preparando-se para outra sessão frustrante de revelação de parentesco. Mas Mestra Adriana não fez perguntas pessoais, refutando assim a sua alegação de falta de tato.

— Você fala muito bem a língua — foi tudo o que ela disse.

— Obrigada. A impressão é que tudo me volta aos jorros. Mas às vezes ainda não entendo metade do que as pessoas dizem.

Margaret recostou-se na cadeira.

— Podia explicar por que deseja ir às Kilghards?

Alton! Será que ela quer voltar a Armida? Mas que velha intrometida que eu sou!

Margaret ouviu com absoluta nitidez esses pensamentos. Sentiu que o rubor subia por seu pescoço. Era como se estivesse bisbilhotando. Pior ainda, tinha a sensação de que não possuía o menor controle sobre isso. Seu estômago contraiu-se em torno da horrível comida do restaurante do QG, a tal ponto que chegou a pensar que poderia vomitar.

Armida... Rafe comentara que Armida era o baluarte de Alton... e que ela era herdeira de Alton. Era bem provável que fosse uma casa no meio de alguma aldeia em que havia muitos Alton, todos falando em enigmas. Mesmo que eles tivessem os mais lindos cavalos de toda a galáxia civilizada, ela não tinha a menor intenção de ir até lá! E voltou a se concentrar no assunto imediato.

— Fui enviada a Darkover por minha universidade para fazer pesquisas e coletar músicas... canções folclóricas e baladas. Vim com meu mentor, Professor Ivor Davidson, mas ele morreu inesperadamente. Tenciono completar seu trabalho. Planejáramos passar algum tempo aqui em Thendara, depois viajarmos pelo interior. Decidi que será melhor aproveitar a estação agora e fazer o trabalho rural primeiro. Afinal, a ser verdade o que me disseram, as viagens se tornarão muito difíceis depois que acabar o verão. As pessoas no QG tentaram me dissuadir. A Major Wintergreen declarou que era perigoso demais. Mas acabei obtendo a permissão de que precisava.

Graças a Rafe! Lembrei de agradecer a ele por tudo o que fez? Adriana soltou uma risada.

— Ah, a velha Thelma! Ela é muito difícil. Tem feito tudo o que pode para destruir o trabalho da Sociedade da Ponte. Uma mulher detestável.

Margaret hesitou por um momento.

— Ela me pareceu muito desagradável, embora só tenhamos ficado juntas por pouco tempo.

Ela refletiu que a intervenção de Rafe naquele momento fora mais do que oportuna, caso contrário teria perdido o controle numa explosão de raiva.

— A pobre Thelma fica pior a cada dia que passa. Música folclórica? É um estranho motivo para vaguear pelas colinas, Domna Alton.

Havia um tom de incredulidade na voz, com suspeita e cautela por trás.

— Não quando se é uma musicóloga, Mestre Adriana. Para mim, é a coisa mais lógica do mundo.

— Já fez isso antes?

— Claro. Estive em vários planetas com meu mentor, estudando as formas musicais das populações locais.

— É muito esquisito. Acho que nunca serei capaz de compreender essas coisas. Há algum tempo apareceu aqui uma mulher querendo saber tudo sobre as Renunciantes, para um livro que ia escrever. Disse que era antropóloga, mas achei que só estava à procura de um escândalo. Não sei se chegou a escrever o livro... foi embora depois de algum tempo, e nunca descobri o que aconteceu com ela. Essas coisas me parecem bem pouco práticas.

— Sou uma pesquisadora, e a coleta de fatos aparentemente inúteis é o meu trabalho. A verdade é que adoro música... e adoro o que eu faço.

— E deve adorar muito, se ousou desafiar o dragão que é Wintergreen em seu covil e escapou para contar a história. Como conseguiu?

Os olhos verdes faiscavam numa intensa curiosidade.

— Tive alguma ajuda do Capitão Rafael Scott, que é meu parente. Era de se imaginar que ele a ajudaria.

— Está certo. Deixe-me pensar na pessoa mais apropriada para acompanhá-la.

Margaret ouviu o pensamento e as palavras pronunciadas ao mesmo tempo. Todos em Darkover tinham as genealogias completas gravadas na mente? Ela se levantou, irrequieta de tanto tempo

sentada, e voltou a ler a história da Sociedade da Ponte na parede, enquanto Mestra Adriana pensava. Ficou um pouco surpresa ao constatar que a mulher não consultava uma lista. Compreendeu que apesar dos cartazes impressos nas paredes, aquela não era uma cultura que se baseasse na palavra escrita tanto quanto na memória.

— Ah, é isso mesmo! Rafaella é a pessoa certa!

Além do mais, ela precisa do trabalho. E talvez a convivência com uma jovem tão sisuda sirva para fazê-la se controlar mais um pouco.

Margaret ouviu os pensamentos tão claramente como se tivessem sido falados. Não pôde deixar de especular por que a tal Rafaella precisava se controlar.

— Ela é uma boa guia?

— Claro. Não seria bom para a reputação da Guilda se eu lhe indicasse alguém que não fosse capaz de fazer o trabalho. Mas eu a escolhi porque ela canta muito bem, e talvez compreenda seu trabalho melhor do que a maioria. Rafaella nasceu nas Kilghards e tem parentes por toda a região.

— Parece o ideal — murmurou Margaret. — Onde posso encontrá-la?

— Vá ao Mercado do Cavalo amanhã de manhã. Ela estará à sua espera.

— Como a reconhecerei?

Margaret sentiu-se ansiosa de novo. Não sabia onde ficava o Mercado do Cavalo. Ora, pediria a alguém para lhe indicar o caminho. Talvez até o jovem Jeremy tivesse tempo livre para acompanhá-la.

— Temos uma cocheira no Mercado do Cavalo. Basta perguntar pela cocheira da Guilda. E não poderá deixar de reconhecê-la. Rafaella n'ha Liriel é inconfundível.

Capítulo Nove

Ao deixar a Casa de Thendara, Margaret sentia-se cansada, mas não tanto quanto ficara durante os dias anteriores. Decidiu visitar a Rua da Agulha, na volta para a casa de Mestre Everard, a fim de verificar se Ethan ou Jeremy poderiam levá-la ao Mercado do Cavalo na manhã seguinte. Sabia agora se orientar na parte central de Thendara e não teve dificuldade para encontrar a rua dos fabricantes de roupas.

Aaron MacEwan estava parado no meio da loja, supervisionando um aprendiz, que cortava um traje, enquanto Manuella enrolava uma peça de fazenda, no momento em que Margaret entrou. Ambos cumprimentaram-na com a maior efusividade, sorrindo e oferecendo um chá. Margaret sentiu-se bem-vinda, depois dos corredores áridos do QG. Disse que faria uma viagem pelas Kilghards. O olhar que os dois trocaram representava vários volumes.

— Vai precisar de roupas quentes para isso, domna. E o vestido que lhe enviamos não serve para as colinas. Deve ter uma saia de montaria e uma túnica grossa.

Margaret sentiu-se um tanto surpresa ao ouvir isso, porque não pensara a respeito. Planejara viajar em seu lamentável uniforme, por mais que o detestasse. Antes que pudesse pensar, Manuella levou-a para a sala de prova e ofereceu um lindo traje, que cobria as pernas e permitia que montasse escarrapachada. Era marrom-escuro, elegante, quente e confortável. Uma túnica de um marrom mais claro foi enfiada por sua cabeça. Mais uma vez, Margaret teve a sensação de que tudo ali era absolutamente correto, como acontecera quando pegara a terra de Darkover à beira da sepultura de Ivor.

Ela concluiu as transações, depois perguntou se um dos rapazes poderia levá-la ao Mercado do Cavalo no início da manhã seguinte. Manuella prometeu que Ethan estaria na casa de Mestre Everard assim que o dia clareasse. Margaret pegou suas compras e seguiu para a Rua da Música, contente por um bom dia de trabalho.

A escuridão do vazio foi rompida pelo turbilhão da elipse galáctica, um giro de estrelas contra a noite. Ela flutuava entre as estrelas, sem o menor esforço. Era assim que se devia viajar, sem drogas e sem fétidas espaçonaves! Um vulto começou a se formar, primeiro os pés, depois pernas e troncos, braços e ombros, até que surgiu a cabeça. Lew Alton, feito de sóis, fitando-a furioso do vazio. Estendeu a única mão em sua direção, mexendo a boca, como se tentasse falar. Margaret sentiu que também estendia as mãos para o pai. Foi envolvida por um aperto gelado. Era tão frio que ela não pôde mais suportar o contato. Desvencilhou-se em agonia. As estrelas se apagaram, ela ficou sozinha na escuridão, gritando para a noite.

Quando a primeira claridade da manhã atingiu seu rosto, Margaret sentou na cama, o resquício do sonho se desvanecendo enquanto abria os olhos. Sacudiu a cabeça para desanuviá-la por completo, saiu de baixo das cobertas para o frio do quarto. Embalara tudo na noite anterior, exceto os artigos de higiene pessoal e o que vestiria naquela manhã. Escovou os dentes, lavou o rosto. Vestiu-se apressada, ansiosa em partir logo de uma vez. Enfiou a túnica pela cabeça, pôs a saia de montaria, puxando os cordões na cintura. Escovou os cabelos e prendeu-os com a travessa em forma de borboleta. Lançou apenas um olhar rápido para o espelho, a fim de se certificar de que estava razoavelmente arrumada. Mordeu o lábio em apreensão. Detestava qualquer superfície reflexiva.

Satisfeita com sua aparência, passou o cinto pela cintura estreita. Pegou suas coisas e desceu, com tanta pressa quanto a bagagem permitia. Só quando chegou lá embaixo é que compreendeu que deveria ter deixado esse trabalho para Raimon, ou um dos outros criados. Ela balançou a cabeça. Estava acostumada a ajudar, não a ser ajudada.

Anya já tinha se levantado. O aroma do mingau espalhava-se pela casa. Margaret foi encontrá-la na cozinha, junto com o jovem Ethan. Ele comia uma tigela de mingau, na maior concentração. Margaret desconfiou que era o seu segundo desjejum, e lembrou que houvera um tempo em que também comia com todo aquele apetite.

Ela sentou à mesa grande da cozinha. Anya serviu uma xícara de chá e uma tigela de mingau. Havia mel e um pote com creme no meio da mesa. Margaret acrescentou ambos à sua refeição, em quantidades generosas. Ela e Ethan sorriram um para o outro, enquanto comiam. Sentiu-se grata pelo silêncio do rapaz. Detestava conversar de manhã bem cedo, e ficou impressionada com a sensibilidade de Ethan. Os rapazes de sua idade só paravam de falar quando dormiam.

Mestre Everard entrou na cozinha quando os dois terminavam de comer, os cabelos brancos desarrumados do sono. Parecia uma velha tartaruga, piscando à luz da manhã, que entrava pelas janelas estreitas. Sentou um tanto rígido. Anya serviu-lhe uma caneca com chá.

— Quer dizer que vai para as colinas, chiya. Já faz muito tempo que vagueei por lá... muitos e muitos anos. Minha falecida esposa era das Kilghards. Nós nos conhecemos em uma das minhas visitas. Ela era adorável. — Ele soltou um pequeno suspiro. — Vou sentir sua falta... tem sido um prazer para mim a sua presença nesta casa. Meu filho já está nas colinas. Talvez você o encontre em sua excursão. É um bom homem, mas detesta a vida na cidade. Quase nunca o vejo.

Margaret ficou comovida pelo uso do termo carinhoso chiya, mas trouxe de volta um fluxo indesejado de lembranças. A mulher de cabelos vermelhos que era sua mãe costumava usá-lo, mas sem qualquer afeto. Aquele homem obsedante, de olhos e cabelos prateados, também usara o termo quando a deixara no orfanato. Era a primeira vez que ela recordava o incidente com tanta nitidez. Fez com que se sentisse muito pequena e assustada. E furiosa também, embora reprimisse o sentimento tão depressa quanto pôde.

— Também sentirei saudade, Mestre Everard. Adorei a estada em sua casa, e espero poder voltar, antes de deixar Darkover.

— Deixar Darkover?

— Isso mesmo. Assim que concluir o trabalho de Ivor, voltarei para a universidade.

Margaret disse as palavras, mas não acreditava nisso. Ao mesmo tempo, não podia imaginar a sua permanência naquele

mundo pelo resto da vida. Podia ser o lar de seu coração, mas ela era uma cidadã da Federação, não admitia viver num planeta quase primitivo. Não que precisasse tanto de chuveiro quente e computadores, mas já se acostumara com tais coisas.

— Mas pensei... confesso que presumi, depois de sua visita ao Castelo do Comyn...

Everard parou de falar, confuso e embaraçado. Margaret fitou-o em silêncio por um longo momento. Será que todos em Thendara já sabiam de seu encontro com Lorde Hastur? Parecia uma invasão intolerável da privacidade que tanto prezava. Mas logo ela compreendeu que era uma comunidade pequena, em comparação com as cidades em outros mundos. Não passava de uma pequena cidade, apesar de ter um espaçoporto e um setor terráqueo.

— Vou às Kilghards para concluir o trabalho de Ivor... e tenho certeza de que ele gostaria que eu fizesse isso... não para apresentar qualquer reivindicação ao Domínio de Alton, por mais que tentem me convencer do contrário.

O tom incisivo era quase descortês, e ela sentiu-se constrangida no instante mesmo em que falava. Ao mesmo tempo, parecia muito importante se distanciar dos sussurros sedutores de Darkover, a fim de não se envolver com questões que não lhe diziam respeito. O senso de sufoco que experimentara no jardim do castelo ressurgiu. Margaret fez um esforço para respirar fundo. A fim de esconder seu desconforto, tentou pensar em algo agradável para dizer.

— Entendo... — murmurou Mestre Everard, com uma cara triste. -A verdade é que nenhum homem pode fazer o destino de outra pessoa. Nem todo o desejo do mundo conseguirá isso. Deve seguir seu coração... embora eu pense que talvez você esteja fugindo de alguma coisa, em vez de correr em sua direção.

— É possível.

Margaret tinha a impressão de que o velho já a compreendera, sabia que ela fugira de coisas durante a maior parte de sua vida. Fugira de Thetis para escapar da tristeza do pai, embora sem saber quais os motivos. Tornara-se assistente musical de Ivor para não se ligar a qualquer pessoa mais próxima de sua idade. A perspectiva de

casamento a deixava toda arrepiada, e a idéia de ter filhos era horrível demais para sequer cogitar. Havia alguma lembrança, enterrada bem fundo, mas poderosa, que a fazia se abster de intimidade ou contato físico. Não sabia por que isso acontecia, mas sabia que era a verdade.

— O que devo fazer com o instrumento de seu professor? — perguntou Everard.

— A guitarra de Ivor? — Margaret quase a esquecera desde que a deixara com Mestre Everard, depois do funeral. Deveria despachá-la para Ida? Não parecia a atitude mais correta. — Pode guardá-la por enquanto? Acho que Ivor gostaria assim. E, se sua esposa vier buscar o corpo, então poderá levá-la. Prefiro não confiá-la a espaçonaves, sem uma pessoa para levá-la pessoalmente... o que é uma tolice minha, sei disso.

Sua mente, ela constatou, não estava interessada naquele assunto. Não tinha tempo para ir ao centro de comunicações, enviar uma mensagem, depois esperar pela resposta. Queria sair logo de Thendara, escapar das pessoas que a confundiam com alguém que ela não queria ser. Não permitiria que nada retardasse sua partida. O velho mostrou-se satisfeito.

— Eu me sentirei honrado em guardá-la por todo o tempo que for necessário, pois é um instrumento maravilhoso. Acha que a Mestra Doevidson virá a Darkover?

— Não sei. É possível, mas sairia muito caro. Obrigada por tudo. Adorei todo o tempo que passei aqui.

Margaret mal conseguia conter sua impaciência agora.

— Também gostamos de sua companhia... e, para ser franco, sentirei muita saudade. Esta casa precisa da presença de gente jovem, já que Erald quase não aparece.

Ele parecia um pouco triste, mas reanimou-se tão depressa que Margaret não pôde ter certeza. Poucos minutos depois, ela despediu-se de Anya e Mestre Everard. Saiu em companhia de Ethan, empanturrado e um pouco contido. O rapaz carregava uma de suas bolsas, enquanto Margaret levava a harpa e a outra. Já haviam percorrido três ruas, quando ela notou que o rapaz tinha um embrulho malfeito na mão livre.

— O que tem aí... seu almoço? — perguntou Margaret, com mais jovialidade do que sentia.

— Não. — Ele ofereceu um sorriso afável e levantou o embrulho pesado. — Seria demais, até para minha barriga. A mãe diz que como por três e que a deixarei na miséria antes de acabar de crescer. Mas não me importo muito, pois ela disse a mesma coisa sobre meu irmão mais velho, Jacob. Se as mães não conseguem repreender um filho por algo concreto, tratam de inventar, não é mesmo?

Margaret pensou um pouco a respeito, mas não encontrou nenhuma experiência que lhe permitisse responder. Dio jamais comentara qualquer coisa sobre seus hábitos alimentares, a maneira como se vestia, ou até mesmo as condições de seu quarto, que muitas vezes dava a impressão de ter sido o alvo de um dos mais violentos furacões de Thetis. Só recebera uma repreensão por ter empilhado os cabelos no alto da cabeça, deixando o pescoço à mostra, ou por fitar as pessoas nos olhos... uma grosseria, segundo Dio.

— Suponho que sim — respondeu ela, indiferente. — Mas ainda não me contou o que está carregando. Mas se é um segredo, então é diferente. Sempre guardo os segredos dos outros.

— Sei disso. Não comentou com Tio Aaron que eu queria ser um espaçonauta.

— Jamais contaria. Não é da minha conta. Além disso, pensei que ele não ficaria nem um pouco satisfeito, se tomasse conhecimento de suas ambições por intermédio de uma estranha. E desconfio que ele não aprovaria, se soubesse.

— Tem toda razão, domna. Aaron pensa que o mundo começa e acaba na Rua da Agulha. Sabia que ele nunca saiu de Thendara em toda a sua vida?

— Não, não sabia, mas isso não me surpreende. Ele ama seu trabalho, como eu amo o meu. Dá para perceber que ele não é capaz de se imaginar a fazer qualquer outra coisa. Isso acontece com freqüência.

— E fica melhor à medida que a pessoa envelhece?

Margaret pensou a respeito, enquanto continuavam a andar por ruas tão estreitas que o sol da manhã ainda não as esquentara. A pequena harpa pendurada no ombro esbarrava no quadril a cada passo, a bolsa parecia cada vez mais pesada. Ela se perguntou se ainda faltaria muito para o Mercado do Cavalo. Pensou em seu Tio Rafe e Lorde Hastur, nas expectativas dos dois de que ela assumiria sem hesitar o Domínio de Alton. Pensou também em Lew Alton, que nunca aprovara sua carreira musical, pelo que podia presumir. Ele jamais falara nada, mas Margaret sabia que o pai gostaria que ela se dedicasse à política ou ao jornalismo.

— Acho que não. Por mais que você envelheça, sempre há pessoas mais velhas que pensam que sabem mais.

— Foi o que pensei. Minha avó vive implicando com meu pai por continuar no ofício, em vez de tentar melhorar de vida.

Ah, as implicações sociológicas desse comentário! Margaret fez um esforço para não estremecer. Refletiu que todos os pais tinham planos para seus filhos, e muitas vezes ficavam desapontados. Por que a humanidade não aprendera ainda depois de tantos milhões de anos?

Entraram numa praça ampla, onde o cheiro intenso de esterco de cavalo, couro e palha úmida se elevava das pedras do calçamento. Havia dezenas de estrebarias, feitas com uma lona grossa, através da praça. Mesmo àquela hora já havia muita atividade, as vozes soando no tom animado das negociações ou apenas na conversa descontraída.

Margaret avistou uma cozinha ao ar livre no centro da praça. Ao passarem, ela viu uma mulher fritando roscas num caldeirão cheio de óleo. Tirava as roscas com uma pinça de madeira e espalhava sobre um pano. Um homem de calça larga e botas escarlates, com uma túnica estampada, estendeu-lhe uma moeda. A cozinheira entregou-lhe duas roscas. Pelo estranho chapéu que o homem usava, quase um turbante, Margaret calculou que devia ser um habitante das Cidades Secas.

Apesar de ter saído da mesa pouco antes, Margaret descobriu-se com a boca cheia de água. Lembrou-se da mão pálida de alguém lhe oferecendo uma rosca igual, viu sua mão roliça pegá-la. Sentiu o

sabor doce e delicioso, sua garganta se contraindo à recordação. No passado distante sabia qual era o nome daquela rosca, mas agora não conseguia lembrar.

Ethan levou-a para uma estrebaria no outro lado do Mercado do Cavalo. Várias mulheres, vestindo calça e túnica, cuidavam dos cavalos guardados ali. Tinham cabelos curtos, como a moça que abria a porta na Casa de Thendara, e usavam cintos com uma faca na bainha. Os rostos eram bronzeados devido ao trabalho ao ar livre. Pareciam competentes e formidáveis.

— Qual delas é Rafaella n'ha Liriel? — perguntou Margaret, em voz baixa.

Mas não deve ter sido tão baixa assim, porque uma mulher levantou-se do canto em que limpava o casco de um cavalo e virou-se para os dois. Tinha cabelos vermelhos extraordinários, quase como se sua cabeça estivesse em chamas. Parecia ser alguns anos mais moça do que Margaret. Avaliou Ethan e Margaret num rápido olhar, com uma expressão que indicava uma natureza voluntariosa, e adiantou-se.

— O que você está fazendo com a minha blusa? — indagou ela, apontando para o traje de Margaret.

— Sua blusa?

Por um momento, Margaret ficou completamente confusa. Depois lembrou que Manuella comentara que as roupas compradas em sua primeira visita à Rua da Agulha haviam sido feitas para uma mulher chamada Rafaella. Nunca lhe ocorrera que a pessoa indicada para ser sua guia era a mesma Rafaella, pois sabia que era um nome bastante comum em Thendara.

— Disseram-me que a roupa não lhe agradou quando ficou pronta.

— Mudei de idéia! — Ela ergueu o queixo, fazendo com que os cabelos cacheados balançassem alegremente. Tentou intimidar Margaret com o olhar, mas era um pouco mais baixa, o que a obrigava a esticar o pescoço. -Passei algum tempo viajando, e acabei chegando à conclusão de que gostava da roupa. Mas quando voltei, MacEwan disse que já tinha vendido. Inventou alguma desculpa, alegando que não podia ficar muito tempo com as

encomendas na loja... como se minha mãe e minha avó não fizessem roupas com ele há muitos e muitos anos!

Ethan franziu o rosto, a pele clara ficou vermelha.

— Não se pode esperar que o tio leia pensamentos. Ele não tem laran, Mestra Convencida. Domna Alton comprou as roupas de forma justa e honesta. Por isso, não deve ficar zangada.

O rapaz falou com firmeza, embora sua voz adolescente tremesse um pouco no meio da repreensão. Por trás das palavras, Margaret sentiu algo mais, uma qualidade emocional para a qual não tinha uma classificação imediata. Ninguém fala com minha domna dessa maneira

No instante seguinte, a palavra fidelidade aflorou em seu cérebro. Compreendeu então um elemento importante na cultura darkoviana que não percebera antes. Sentira a mesma coisa no paxman de Regis Hastur, Danilo, e também em Rafe Scott. Não era uma lealdade cega, sem pensar, como a princípio acreditara, mas sim um profundo orgulho da forma de governo representada pelo Comyn e os Domínios. Não era de admirar que os terráqueos falhassem em sua tentativa de converter Darkover em outra colônia do Império. Por razões só suas, o Império Terráqueo decidira que a democracia participativa era a única forma justificável de liberdade. Margaret sabia que havia muitas outras formas de governo na Federação e que eram tão viáveis quanto podia ser qualquer sistema envolvendo milhões de pessoas. Ainda assim, os terráqueos tentavam impor suas idéias a todos os outros planetas, muitas vezes com resultados desastrosos. Era evidente que os darkovianos gostavam da situação como era e não viam qualquer bom motivo para mudá-la.

Rafaella mostrou-se tão surpresa com aquela veemente defesa quanto a própria Margaret. Lançou um olhar furioso para o rapaz e disse:

— Guarde sua língua por trás dos dentes, Ethan MacDoevid, ou comprarei minhas roupas com o velho Isaac na próxima vez. Seu tio não ficaria nada satisfeito em perder minhas encomendas.

— Isaac? — murmurou Ethan, desdenhoso. — Ele não é capaz de fazer uma linha reta com uma régua. Vai parecer vestida por

um... um chervine.

A imagem que o comentário projetou na mente de Margaret era muito estranha. Rafaella pareceu achar também muito engraçada, porque desatou a rir. Passou os dedos pelos cabelos vermelhos, dando a impressão de que parecia ainda mais jovem do que antes. Margaret teve dúvidas se ela seria uma guia com a experiência necessária. Concluiu que a viagem devia ser menos perigosa do que haviam sugerido, se a deixavam partir com alguém comi Rafaella.

— Tudo tem dado errado nos últimos dias — queixou-se Rafaella, como se isso desculpasse sua grosseria. — Meu cavalo morreu a caminho do sul, e o substituto era lento demais. Atrasei no cumprimento do contrato, o que me custou caro. E quando fui pegar meu traje novo, descobri que havia sido vendido para uma estranha. Eu mesma tinha desenhado o bordado! Logo em seguida Mestra Adriana me avisa que fui contratada por uma Terranan.

Ela fez uma pausa nesse relato de pesares, corando um pouco.

— Não me importo de trabalhar para uma Terranan, mas elas podem ser muito difíceis de agradar.

— Ela não é mais Terranan do que você — murmurou Ethan, ainda vermelho de raiva.

— É demais! Não sei se me agrada mais trabalhar para uma comynara ou para uma Terranan! — Ela disse isso para Ethan. Tomava o cuidado de não ofender a pessoa que a contratara. — E agora que vestido vou usar no Festival?

E ainda nem a tive a oportunidade de vê-lo! Por que Mãe Adriana tinha de bancar a intrometida?

Margaret não tinha idéia de quem podia ser o homem, mas era evidente que ser uma Renunciante não excluía a aventura romântica, como ela presumira. E começava a compreender o que Mestra Adriana quisera dizer ao pensar que Rafaella precisava se controlar. Não tinha certeza se queria ir para as colinas com uma mulher de temperamento tão explosivo. Era o que ela precisava. .. uma guia emocional, nas garras do amor!

— Lamento muito se criei problemas, mas posso garantir que Mestre MacEwan agiu de boa-fé.

Margaret falou em voz suave, mas o estômago se contraiu ao sentir as fortes emoções da guia, mesmo sem desejá-lo. Rafaella soltou uma fungadela insolente.

— Não resta a menor dúvida de que ele prefere clientes do Comyn a meras Renunciantes. — Ela parecia determinada a se apegar ao senso de injustiça por tanto tempo quanto fosse possível. — Claro que sabia que eu pagaria. .. ou se alguma coisa me acontecesse, a Guilda pagaria.

Margaret cansou-se subitamente de toda aquela discussão. Se mais uma pessoa comentasse sua posição imaginária, ela ia gritar.

— Não sou do Comyn, mas apenas uma pesquisadora — declarou ela, sua paciência se esgotando. — Além do mais, não sei o que isso tem a ver com qualquer coisa.

— Não é do Comyn... essa é boa! Fica parada aí, com minha roupa, com uma cara de leronis, e espera que eu acredite em você! É verdade que a cor combina tão bem com você quanto comigo, mas eu mandei fazê-la para uma ocasião muito especial... — E para que uma pessoa muito especial me visse nela!-... e não quero que ninguém mais use! Não é justo... os mercadores são gananciosos e...

— E você é uma jovem muito grosseira. Talvez seja melhor eu voltar à Casa de Thendara e comunicar à Mestra Adriana que gostaria de ter outra guia.

Enquanto falava, Margaret descobriu que o rosto do Capitão Scott afluía em sua mente. Sentiu que seus olhos se arregalavam. Seria possível que Scott fosse o homem em quem aquela moça pensava, o que não teria tempo para ver durante sua estada em Thendara? Ora, Rafe tinha idade quase para ser pai dela! Isso não é da minha conta Mas quando me deixou na Casa de Thendara, ele se comportava... como se estivesse apaixonado! Ora, talvez apenas passasse mal daquele almoço horrível... e às vezes tenha a maior dificuldade para perceber a diferença entre as coisas. Não consigo entender toda essa bobagem de amor. Acho que jamais poderei compreender. E melhor permanecer sozinha, nunca me envolver com ninguém, não fazer muitas perguntas.

O pensamento era angustiante. A perplexidade de Margaret foi profunda. Era quase como se alguém em sua cabeça tivesse acabado de lhe dizer para ficar sozinha, não importava o que pudesse acontecer. Sentiu o frio espalhar-se por todo o seu corpo, apesar do calor no Mercado do Cavalo e das roupas confortáveis. Rafaella piscou os olhos, com uma expressão desesperada.

— Não faça isso! Preciso muito desse contrato. Perdi aquele cavalo e...

Margaret decidiu que já houvera lamentos e queixas em excesso.

— Se precisa do contrato, então trate de se comportar como uma profissional. Não tenho a menor intenção de viajar com uma garota mimada!

Ethan soltou uma risada ao ouvir essas palavras. Margaret fitou-o com uma irritação evidente.

— E você pare de provocar!

— Foi ela quem começou!

— Não é motivo para provocá-la, Ethan. Se você assumisse esse comportamento com um comandante de uma espaçonave, iria para a prisão no mesmo instante.

Margaret não tinha certeza nesse ponto, pois o máximo que sabia sobre a operação das naves estelares era aquilo a que assistia de vez em quando nos videodramas. Mas o rapaz precisava aprender a não permitir a perda do controle, se quisesse ter êxito. E, de repente, ela queria demais que o jovem Ethan consumasse suas ambições.

— Ahn... — O rapaz comprimiu seu embrulho malfeito contra o peito. Levantou os olhos para Margaret com uma expressão de adoração. -Desculpe.

Rafaella ignorou esse diálogo secundário, fitando-a com um ar quase insolente.

— Não é mesmo do Comyn?

Margaret não podia imaginar por que isso era tão importante para a jovem, mas decidiu esclarecer o assunto de uma vez por todas.

— Se compreendi direito o que me contaram, meu pai era do Comyn. Mas deixou Darkover há muitos anos. Nasci aqui, mas parti antes de completar seis anos. Fui educada bem longe, tenho vivido em outros planetas do Império por tanto tempo quanto posso me lembrar. Várias pessoas daqui já me confundiram com uma de suas aristocratas, mas só voltei a Darkover como uma pesquisadora musical da universidade. Não fui criada aqui e não tenho a menor intenção de ser qualquer outra pessoa que não eu mesma. Agora, se pudermos parar de discutir minha vida pessoal e a sua numa praça pública, talvez possamos partir antes de amanhã!

Ela falara num tom de autoridade, o que costumava reservar para fazer Ivor se aquietar, ou para dar uma orientação a novos estudantes. O som que saiu de sua boca foi surpreendente, como se estivesse controlada por uma força que nunca imaginara que possuía. E inquietante ainda por cima. Chamada à ordem dessa maneira, Rafaella disse:

— Mãe Adriana deve ter me escolhido porque sou também uma boa cantora. Ou pelo menos bem sonora. — Ela sorriu. — Não era bastante boa para estudar como artista na Guilda dos Músicos, o que de qualquer maneira não me serviria. Quando estou viajando, às vezes canto em tavernas por uma rodada de drinques.

Margaret disfarçou sua consternação. Uma cantora de taverna não era o que esperava.

— Tem uma voz bastante firme ao falar.

— Adoro o seu som — respondeu Rafaella, ácida.

Ethan começou a rir, mas tratou de tapar a boca com a mão e transformou o som numa tosse, enquanto Rafaella acrescentava:

— E conheço muitas pessoas nas colinas que ainda apreciam as canções antigas.

— Isso é maravilhoso! — exclamou Margaret, com mais entusiasmo do que sentia. — Sabe tocar algum instrumento?

— Posso tocar uma guitarra, e sempre levo minha flauta quando viajo. Você toca algum instrumento?

Rafaella parecia ter esquecido sua hostilidade.

— Toco vários instrumentos, mas nenhum tão bem que me dê vontade de me apresentar com uma orquestra. Sou mais uma

estudiosa e pesquisadora do que uma artista.

Margaret lembrou-se do incidente com a ryll encantada na casa de Mestre Everard, como ela tocara como se praticasse há anos. Não falou nada sobre seu canto, que exercitara durante toda a infância, porque o som sempre deixava seu pai de cara amarrada. Por um momento, ela recordou como cantava para si mesma nos cubículos áridos do orfanato. Quase que lembrou toda a letra do acalanto que murmurava para manter a solidão à distância. Tinha certeza de que a mãe de cabelos vermelhos que mal conseguia recordar costumava cantar aquele acalanto para ela. Entendia agora por que devia ser doloroso para o Senador ouvir. Com o maior esforço, ela baniu as lembranças.

— Será muito útil contar com alguém que conheça os moradores locais,

Rafaella. Vamos partir logo de uma vez?

— Vou aprontar os cavalos e a mula — respondeu a guia.

— Domna... — murmurou Ethan, tímido, lembrando-a de sua presença.

— O que é, Ethan?

— Isto é para você. Minha tia mandou. — Ele estendeu o embrulho, tornando a ficar com as faces vermelhas. — Um presente.

— Ora, Ethan, é muita gentileza...

Margaret dobrou um pouco os joelhos para ficar no mesmo nível dos olhos do rapaz, ignorando as expressões horrorizadas das várias pessoas que os observavam com o maior interesse.

— Nem todos os mercadores são gananciosos, não importa o que possam dizer a seu respeito.

Ele estava mesmo determinado a defender a honra de sua família.

— Sei disso, Ethan. Seu tio é um artista... e todos sabem que os artistas não entendem muito das questões de dinheiro, não é mesmo?

O rapaz soltou uma risada. Fitou-a nos olhos.

— Acha mesmo que posso ir para as estrelas?

— Como não tenho uma bola de cristal, não posso ver o futuro, Ethan. Mas acho que se você se empenhar a fundo, pode fazer o

que quiser. Só deve saber que é muito difícil, e terá de aprender coisas que nunca imaginou.

Ali em Darkover, especulou Margaret, o filho de um mercador poderia obter a instrução necessária para se tornar espaçonauta? E ela tinha algum direito de interferir na vida de Ethan? Os pais e os tios provavelmente não gostavam nem um pouco da idéia. Esperavam que ele vivesse como sua família sempre vivera, em vez de partir para o espaço. Como se acompanhasse sua seqüência de pensamentos, Ethan balançou a cabeça.

— Não tenho medo do trabalho duro... foi o que sempre fiz durante toda a minha vida. Mas onde posso aprender tudo que preciso saber?

Margaret mastigou o lábio inferior por um momento, depois se empertigou. Todo o seu material de escrever estava guardado nas bolsas. Mas ela avistou, no outro lado do Mercado do Cavalo, a cabina de um escriba público, cercado por todos os instrumentos de seu ofício.

— Venha comigo, Ethan.

Ela foi até o escriba público e disse:

— Quero que escreva uma carta para mim.

— A quem devo endereçar, domna?

Margaret estremeceu... aquele título honorífico outra vez! Parecia que não podia escapar a ser tratada assim.

— Ao Capitão Rafael Scott, Quartel-General Terráqueo.

O escriba levantou o rosto, curioso agora. Tirou uma folha de papel de uma caixa de madeira. A qualidade era superior ao papel que já estava em cima da mesa. Ele pegou sua pena, molhou na tinta, e escreveu o nome com as letras cheias de arabescos características da escrita em Darkover.

— Saudações — disse Margaret, começando a ditar. Seu domínio do casta melhorara bastante nos últimos dias para permitir que escrevesse uma carta. — O portador desta carta é meu amigo Ethan MacDoevid. Seu maior desejo é viajar entre as estrelas. Serei grata se ajudá-lo nessa ambição, tomando as providências para que ele receba toda a educação de que precisa.

Ela fez uma pausa, especulando se deveria acrescentar mais alguma coisa. Decidiu que era melhor não fazê-lo.

— Sua respeitosa sobrinha, Marguerida Alton.

Como não tinha a menor idéia da forma apropriada para um documento assim em Darkover, ela usou o que aprendera na universidade. Concluiu que Rafe compreenderia. De que adiantava ter parentes bem relacionados, se você não os usava? Com esse sofisma, Margaret persuadiu-se de que fazia a coisa certa.

O escriba demonstrava a maior curiosidade. Lançou um olhar inquisitivo para Margaret e para o rapaz. Espalhou uma areia fina sobre a tinta, enquanto ela abria a bolsa para pegar algumas moedas.

— Quanto custa? — perguntou Margaret.

— Três sekals, domna.

Ethan fora atordoado para o silêncio, por uma vez. Mas o princípio de um sorriso contraía os cantos dos lábios.

— Eu lhe darei cinco, se não partilhar o conteúdo com todo o mercado. O escriba ficou vermelho de embaraço e acenou com a cabeça.

— Claro, domna. Espero poder servi-la sempre no futuro.

— Poderá, se não se intrometer em meus negócios. — Ela entregou as moedas ao homem, pegou a carta, dobrou-a, e estendeu a mão para a pena. — Posso?

Ele se mostrou atônito. Margaret compreendeu que a maioria das mulheres em Darkover, mesmo as que pertenciam à aristocracia, eram analfabetas. Mas o homem acenou com a cabeça. Ela escreveu o nome e o posto de Rafe através da carta dobrada, depois acrescentou "Pessoal", e assinou por baixo, Margaret Alton, na escrita terráquea. Encostou o polegar na tinta e acrescentou sua impressão digital ao lado do nome. Assim, se houvesse qualquer dúvida, os registros terráqueos confirmariam que a mensagem era autêntica.

— E agora, Ethan, leve isto para o guarda no espaçoporto... aquele que você conhece. Ele vai procurar o Capitão Scott, que poderá verificar se você tem condições de conseguir o que deseja.

O rapaz piscava depressa, para reprimir as lágrimas nada viris.

— Obrigado, vai domna. — Ethan esfregou a mão no casaco e pegou a carta, como se fosse de ouro. Depois, entregou o embrulho a Margaret. -Pode abrir, para que eu possa dizer a Tia Manuella se gostou?

— Claro.

Margaret limpou o polegar com um pano fornecido pelo escriba. Desamarrou os cordões que prendiam o papel oleoso. Deparou com uma massa de lã marrom-escura. Tirou um manto grosso. Alguma coisa deslizou, quase caiu nas pedras do calçamento. Ethan pegou, sorrindo. Era a seda azul-verde, convertida num lindo vestido, que Aaron tentara persuadi-la a comprar na primeira visita. Folhas prateadas haviam sido bordadas no pescoço e mangas.

— Oh, Ethan, é lindo... mas eu nunca terei a oportunidade de usá-lo!

— A tia disse que pode precisar, na próxima vez que for ao Castelo. Margaret não pôde deixar de rir.

— Está bem. Se eu for ao Castelo, pode ter certeza de que o usarei. Todos em Darkover pareciam estar conspirando para transformá-la na

outra Margaret, a que chamavam de Marguerida, herdeira de um Domínio, quer ela assim desejasse ou não. Ela pegou o vestido delicado. Era preciso um esforço muito grande para resistir à gentileza dos MacEwans. Além do mais, sempre tivera um anseio secreto pelos trajes que Dio costumava usar nos jantares oficiais e outras ocasiões formais.

Os dois atravessaram a praça, de volta à estrebaria em que Rafaella aprontava os cavalos, num companheirismo agradável. Ethan e seu primo Jeremy haviam sido os primeiros amigos de Margaret em Darkover. Ela sabia que nunca mais os esqueceria.

Levou alguns minutos para abrir uma das bolsas e guardar o vestido. Depois, prendeu o manto por trás da sela, passando os dedos pela lã grossa com a maior ternura. O cavalo esperou, paciente. Assim que arrumou tudo, Margaret foi para a frente do cavalo, a fim de travar conhecimento com o animal. O baio grande ficou nervoso a princípio, revirando os olhos, mexendo com os

cascos. Margaret murmurou para o cavalo, como fizera com outros animais em Thetis e Coronis, deixou que ele absorvesse seu cheiro. O cavalo soltou um bufido, como se estivesse confuso com a mistura de cheiros darkovianos e algo exótico. Ela afagou o focinho, observou as orelhas se levantarem.

— Já vi que você entende de cavalos — comentou Rafaella. — O que é um alívio. Cumpri alguns contratos em que juro que meus empregadores não sabiam distinguir uma extremidade de um cavalo da outra... e não se importavam. Houve uma mulher Terranan que apareceu na Casa de Thendara com perguntas tão esquisitas! Todas achamos que ela era uma idiota, mas queríamos ser polidas. Isto é, não queríamos realmente ser polidas, mas Mãe Adriana mandou que fôssemos. Ela era uma pesquisadora, como você, mas era evidente que nunca havia visto um cavalo em toda a sua vida. Passou os braços em torno do pescoço do cavalo, aterrorizada, e não queria mais largar. Tivemos de tapar a boca para não rir.

— Os cavalos não são comuns na Terra, Rafaella.

— Imagino que as pessoas só andam em seus carros aéreos.

Ela soltou uma fungadela enquanto falava, indicando seu desprezo pelos veículos mecânicos.

— Nem todas, mas há muitos carros aéreos, calçadas rolantes e outras coisas.

Margaret decidiu que aquela discussão não a interessava.

— Já está tudo pronto. Vamos partir?

— Claro.

Depois de cavalgarem durante quase uma hora, por uma estrada bem cuidada, mas primitiva, deixaram Thendara para trás. Entraram numa região rural, com campos plantados e pomares. O ar era fresco e agradável, havia o cheiro de plantas crescendo por toda parte. Margaret ainda recuperava sua habilidade na equitação, ao mesmo tempo em que aprendia os hábitos daquele animal em particular. Há vários anos que não montava, mas tudo parecia voltar depressa. As pernas iam doer, os joelhos já informavam que começava a abusar deles, mas ela ignorou tudo isso, contente por se encontrar outra vez na estrada. Ah, se ao menos Ivor estivesse ali!

— Peço desculpas se fui grosseira no Mercado — disse Rafaella, interrompendo as reflexões um tanto mórbidas de Margaret. — Há um velho ditado que diz que nem todas as pessoas de cabelos vermelhos são do Comyn. Meu pai era um nedestro do Comyn, mas não me deu nem um pouco do laran de Dom Rodrigo. O que é uma boa coisa, ou estaríamos cheias de leroni até os ouvidos.

Margaret tentou decifrar as palavras. Laran e leroni não constavam do disco que ela estudara, mas sabia o significado, de maneira meio vaga. Tinham alguma relação com os Dons que Rafe e Lorde Hastur haviam mencionado, embora a ligação não fosse clara para ela. Por que não insistira no assunto, quando Rafe falara a respeito no dia anterior? Mais uma vez, ela teve o pressentimento de que não deveria fazer muitas perguntas... e também a sensação de que alguém no fundo de sua mente assim ordenava. Descartou o assunto, porque a especulação a deixava atordoada, e não queria ficar tonta em cima do cavalo. Em vez disso, procurou entender o resto das palavras de Rafaella. Nedestro significava "bastardo", embora parecesse não haver ônus atribuído a isso. Pelo menos a guia não parecia embaraçada pelo fato de seu pai ser ilegítimo. Margaret acabou perguntando:

— E você queria ter esse laran?

— Quis uma ocasião, quando era jovem e tola. Mas me testaram e constataram que não tenho nem um pingô. Aqui entre nós, nunca senti a falta. É um tremendo fardo prever o futuro ou ouvir os pensamentos dos outros, quer você queira ou não. E a doença? Uma coisa terrível. Ainda bem que fui poupada. Observei minha irmã mais jovem passar por isso, e não foi nada agradável. Sinto-me feliz por ter herdado a inteligência e a boa voz de meu pai, mas não os poderes que me deixariam doente.

— Qual é a doença?

— Quando o laran começa a se manifestar, é acompanhado por uma doença. Algumas pessoas até morrem. Você tem dores de cabeça horríveis, desmaios, não consegue manter nenhum alimento no estômago, a menos que tome medicamentos que a deixam faminta.

— Não parece nada atraente. Por que alguém faria isso?

— Quando você tem laran, ou passa pela doença do limiar, ou morre. Ninguém escolhe... é simplesmente uma coisa que nasce com você ou não nasce.

— Quando isso acontece?

— Quando a pessoa tem doze ou treze anos, talvez um pouco mais velha, mas não muito.

Margaret sentiu um profundo alívio. Era velha demais para ter esse problema. E Lorde Hastur insistira que ela tinha o Dom de Alton...

— O que aconteceu com sua irmã?

— Ela foi para Neskaya e estudou para ser mecânica da matriz por algum tempo. Mas acabou voltando e casou. Tem várias crianças agora, e parece muito feliz.

— E você se tornou uma Renunciante?

— Não queria ficar presa a um homem ou uma casa. — Rafaella hesitou por um instante. — Agora, já não tenho tanta certeza.

Margaret tornou a "ver" o rosto de Rafe Scott em sua mente, por uma fração de segundo. Era uma impressão forte, não apenas a sua imaginação. Adivinhara certo, mas descobriu que desejava não tê-lo feito. Que tipo de vida os dois podiam ter... com Rafaella percorrendo Darkover de um lado para outro, enquanto seu tio permanecia retido no QG? E agora que pensava a respeito, era óbvio que formariam um estranho casal. Rafe era firme e seguro, enquanto Rafaella era um pouco impulsiva.

— Quer dizer que você pode ser uma Renunciante e ainda casar? -perguntou ela, com todo o tato.

— Você pode ter um companheiro livre, mas não assume o nome dele. Nem as crianças que tiver. E algumas pessoas desaprovam essa atitude. Minha mãe não ficou nem um pouco satisfeita, quando prestei o Juramento das Renunciantes. Ela não queria e... Ora, é melhor esquecer! — Ela fez uma pausa, parecendo embaraçada. — Como você se sai em trilhas nas montanhas?

A brusca mudança de assunto indicou a Margaret que sua guia não queria mais falar de sua vida pessoal.

— Não sei. — Ela olhou para o horizonte, além dos campos ondulantes. Divisou os contornos das colinas e mais além as montanhas, ainda cobertas pelo branco da neve. — Nunca estive num mundo com tantas montanhas.

— E mesmo? É difícil imaginar uma paisagem diferente. Até mesmo na região das Cidades Secas há muitas colinas. Como é a Terra?

— Nunca estive na Terra. Fui criada em Thetis, um planeta de muitas ilhas e vastos oceanos. Quase tudo é plano. Eu costumava andar a cavalo pela beira da praia.

— Se você quer descobrir canções populares, vai encontrar algumas nas Kilghards. Mas as melhores estão nas Hellers... são aquelas montanhas que mal dá para se avistar daqui. Ficam a dias e dias de distância, embora possam parecer mais próximas. — Rafaella apontou para o horizonte. — As trilhas ali são estreitas e difíceis, com enormes precipícios. É um terreno acidentado, sem contar o perigo dos bandidos e banshees.

Além do mais, não quero passar tanto tempo longe de Thendara!

— Também não gosto muito das alturas, para ser franca — comentou Margaret, ignorando o pensamento ouvido.

— Há mulheres na Guilda que conheceram a fundadora da Sociedade da Ponte, Margali n'ha Ysabet. Foi muito antes do meu tempo. Dizem que ela tinha acrofobia... — Rafaella usou a palavra terráquea, para depois continuar em darkoviano. — ...mas isso não a impediu de mapear uma boa parte das Hellers. Dizem até que ela alcançou a Muralha ao Redor do Mundo, mas nisso eu não acredito. Margali n'ha Ysabet é uma autêntica lenda na Guilda.

— Por quê?

— Porque era corajosa e fazia coisas extraordinárias, mas acima de tudo porque nunca voltou de sua última viagem. — Rafaella soltou uma risada. — Ela foi para as Hellers e nunca mais foi vista. Algumas pessoas acham que ela descobriu o caminho para... Ora, não importa. É mais provável que tenha caído de um penhasco e morrido. Ela era como você, nascida em Darkover, mas educada em outro mundo.

Rafaella parecia entediada com o assunto. Margaret lembrou o cartaz que lia na Casa de Thendara, quando Mestra Adriana a interrompera. Mencionava uma mulher, Magda Lorne, que também era chamada Margali n'ha Ysabet, a fundadora da Sociedade da Ponte. Descobriu-se ao mesmo tempo curiosa e um pouco desaprovadora, como se parte dela achasse que os feitos de Magda Lorne não eram muito apropriados. O que vinha acontecendo com ela? Nunca tivera pensamentos assim! Sentia-se invadida, como se alguma nova personalidade afluísse em sua mente... e das mais desagradáveis. Censurou a si mesma, silenciosamente, por ser tão irascível, e obrigou-se a esquecer Magda Lorne.

— Quero realizar tanta pesquisa quanto puder, mas não tenho a menor vontade de quebrar o pescoço para aumentar minha contribuição ao saber.

Rafaella riu tanto que quase caiu do cavalo.

— Neste caso, vamos planejar uma viagem que não seja muito árdua para você — disse ela, assim que recuperou o fôlego. E não vai me manter longe de Thendara no Solstício do Verão!- Você monta muito bem, mas estará toda dolorida esta noite.

— Um pequeno preço a pagar por uma balada.

A resposta fez com que Rafaella desatasse a rir outra vez. — Você disse que conhecia algumas canções, Rafaella. Posso pegar meu gravador, para você cantar enquanto viajamos? [

A guia sorriu e corou de satisfação até as raízes dos cabelos vermelhos.

Acamparam ao ar livre na primeira noite. Margaret sentiu-se contente pelo manto grosso que Manuella lhe dera. Usou-o como cobertor extra, especulando como deveria ser o inverno ali, se o verão era tão frio. O pensamento fê-la estremecer, encolhendo-se ao lado da pequena fogueira. Seu sono foi perturbado por outra visão de Lew Alton. Parecia muito zangado com ela por ter vindo para Darkover. No sonho, ela também estava furiosa.

Ao pôr-do-sol do terceiro dia, saíram da estrada bem cuidada e começaram a subir pelas colinas, seguindo para leste, até onde Margaret podia determinar. Suas pernas haviam finalmente parado

de doer. Agora eram os pulmões que doíam, enquanto subiam a uma altitude maior do que estava acostumada. Passaram por uma ponte de pedra que cruzava um rio impetuoso. Rafaella informou que o rio se chamava Kadarin. O nome deixou-a arrepiada, assim como acontecera com a menção de Dyan Ardais, poucos dias antes. Ela tentou pensar no motivo, mas descobriu que sua mente resistia a qualquer indagação. Sentiu-se perturbada por isso até que deixaram para longe o barulho do rio. A tensão desapareceu, e ela pôde contemplar o terreno ao redor.

— Acho que é uma boa coisa você ter vindo até aqui para registrar as baladas antigas — comentou Rafaella, ao entrarem num povoado sonolento.

— É mesmo?

Era a primeira vez que a guia fazia uma referência ao trabalho de Margaret.

— Os velhos estão morrendo, e uma parte de nossa música se perdendo. Não temos bibliotecas como os terráqueos, exceto pelos arquivos dos cristoforos em Nevarsin. Eu nunca havia pensado nisso antes.

Margaret se perguntou o que mais teria se perdido em Darkover. As pessoas que conhecera até agora eram inteligentes, mas pareciam carecer do tipo de curiosidade que ela conhecera na universidade. Aquela tradição oral seria por causa de algum tabu que ela ignorava? Ou por algum outro motivo?

Era mais um enigma para frustrá-la... como fragmentos de memória que continuavam a assediá-la, quer estivesse dormindo ou desperta.

— Passaremos a noite aqui. Se a velha Jerana ainda não morreu, terá o maior prazer em cantar para você. Ela foi outrora a melhor cantora lírica de Thendara e conhece muitas canções. Mas casou com um fazendeiro e renunciou à música. Tenho a impressão de que se arrepende dessa decisão. Agora é uma velha avó desdentada, mas ainda possuía uma linda voz quando estive aqui pela última vez.

— A velha sabe alguma coisa sobre os terráqueos?

— O suficiente para não pensar que eles têm chifres e rabo como algum demônio — respondeu Rafaella, com a maior tranqüilidade. — Além do mais, ninguém a tomaria por uma Terranan.

Margaret sentiu-se mais aliviada do que podia dizer. Não queria ser percebida como um demônio, nem que seus preciosos equipamentos fossem considerados como artefatos mágicos que roubavam a alma das pessoas. Nunca passara por essa situação, mas o Departamento de Música abundava de histórias de horror sobre pesquisadores que haviam sido mortos por ignorância. Mas eu nasci aqui, pensou Margaret. Ninguém pode ter medo de mim.

Elas pararam os cavalos na frente de um chalé bem cuidado. Uma velha saiu lá de dentro. Era encurvada e desdentada, mas os olhos faiscavam e a voz era clara e firme. Cumprimentou Rafaella com evidente satisfação, depois olhou curiosa para Margaret. A guia apresentou-a à velha Jerana, que fez uma reverência ao ouvir seu nome.

— Uma Alton! Há muitos anos que nenhum Alton apareceu por aqui. Você tem a aparência do velho, aquele Kennard, e do pai dele. Pobre homem. Foi embora e morreu em algum planeta distante. Não me lembro direito. Minha mente anda muito confusa hoje em dia. Nasci no ano em que os Terranan chegaram a Aldaran.

Margaret sabia que Darkover fora redescoberto mais de cem anos terráqueos antes... o disco de história revelara pelo menos essa informação. Por isso, fitou Jerana com espanto. Poucas pessoas na Federação ficavam tão velhas sem o tratamento que prolongava a vida.

— Domna Alton deseja ouvi-la cantar, Jerana. E fazer uma gravação.

— É mesmo? Há muito tempo que não dou um recital. Já se passaram trinta anos, nem um dia a menos, desde a última vez em que me apresentei em público. — Ela parecia feliz. — Vamos entrar, meninas!

A velha esfregou as mãos encarquilhadas, enquanto gritava:

— Alan! Alan! Onde você está, seu preguiçoso? É o meu bisneto. Venha cuidar destes cavalos!

As três entraram no chalé. Sentaram ao lado da lareira. Enquanto mexia o conteúdo de um caldeirão fumegante, Jerana pôs-se a desfiar suas reminiscências.

Depois de uma saborosa refeição de ensopado e pão, Jerana acomodou-se num banco, enquanto Margaret arrumava os equipamentos de gravação. A velha se mostrava completamente à vontade. Quando tudo foi explicado, ela sorriu, mostrando as gengivas. Dava para perceber que a velha estava encantada com toda aquela atenção. Margaret sentiu-se contente por lhe proporcionar aquele prazer.

Rafaella pegou um violão na parede e afinou-o com a maior facilidade. Era um instrumento antigo, a madeira lustrosa por anos de uso. Seu lugar era num museu. Jerana riu ao falar do violão.

— Aquele menino do Everard esteve aqui há algum tempo. Queria levar meu velho amigo para Thendara, a fim de acrescentá-lo à coleção de Everard. Eu disse que não, pois desde que meu marido morreu que é meu único amante.

Ela pôs-se a cantar, uma voz firme e clara, que não combinava com sua idade. Margaret se perdeu na música, tão absorvida que nem notou quando as lágrimas começaram a escorrer por suas faces. As palavras fizeram aflorar alguma emoção, algo indefinido e precioso. Assim que a canção terminou, ela sentiu-se em paz, pela primeira vez em muitos dias.

Já era tarde quando Jerana parou de cantar. Margaret gravara duas dúzias de peças. A velha conduziu-as até uma cama grande, no fundo do chalé. Margaret escondeu seu desconforto por dormir na mesma cama com outra pessoa. Mas não tinha muita importância. Ela mal conseguia manter os olhos abertos. Rafaella também bocejava. Tirou as botas, a túnica e a calça, meteu-se debaixo das cobertas. Margaret fez a mesma coisa.

O sono veio quase que no mesmo instante... e, por uma vez, ela não sonhou.

Capítulo Dez

Margaret despertou à primeira claridade com uma sensação de opressão e um som que parecia de abelhas zumbindo junto de um ouvido. Ainda atordoada, virou-se por baixo das cobertas. Descobriu que Rafaella rolara na cama e apoiava a cabeça em seu ombro. Contemplou-a e sorriu. Rafaella roncava baixinho. Com toda a gentileza, ela empurrou a guia para o lado. A sensação de sufoco desapareceu. Ainda bem que jamais casei, pois partilhar uma cama com alguém me deixa no maior desconforto. Assim que o pensamento aflorou em sua mente, Margaret compreendeu que não era bem verdade. Não se importara nem um pouco de deitar na mesma cama com Rafaella na noite anterior.

Havia sons no cômodo principal do chalé. Ela ouviu a voz de Jerana empenhada numa canção. O cheiro quente e agradável do mingau espalhava-se pelo ar frio da manhã. Margaret podia sentir uma lassidão em todo o corpo. Apreciava essa sensação de relaxamento, quando Rafaella soltou um ronco mais alto, depois parou de repente. No momento seguinte, ela sentou na cama, puxando as cobertas no movimento.

— Estou sentindo o aroma de comida — anunciou Rafaella. Margaret riu. A guia tinha um saudável apetite. Não se podia deixar de especular como conseguia manter um corpo esguio, se comia tanto.

— Tem razão. Posso ouvir Jerana preparando tudo.

O ar frio fez Margaret estremecer. Ela empurrou as cobertas para o lado, levantou-se, vestiu as roupas descartadas, ajeitou os cabelos num arremedo de ordem. As roupas recendiam agora a cavalo, suor e os cheiros da trilha.

Margaret pensou com saudade na enorme tina na casa de Mestre Everard, a água perfumada com bálsamo e bastante quente para deixar a pele avermelhada.

Enquanto comiam o desjejum com Jerana e seu silencioso bisneto Alan, a velha cantora fez comentários sobre sua carreira, a incompetência dos cantores atuais e escândalos do passado.

Margaret lamentou ter guardado seu gravador, pois era fascinante ouvir aquelas histórias antigas, relatadas com a maior alegria.

Quando acabaram, Alan e Rafaella foram cuidar dos cavalos. Margaret continuou sentada e tomou o resto do chá. Sentia-se suja e ansiava por roupas limpas, mas tinha a barriga cheia de mingau quente, o coração descontraído. Era uma felicidade tranqüila, como há muito não experimentava.

— Acho que se for até a aldeia no outro lado da colina poderá descobrir que Gavin talvez seja útil — disse Jerana, interrompendo seus pensamentos.

— Gavin?

Jerana soltou sua risada inquietante e acenou com a cabeça.

— Gavin MacDougal foi um bom cantor em seu tempo, embora nunca ingressasse na Guilda. E um pouco rabugento, mas conhece música. E, por favor, não conte que eu disse isso! Ele já é orgulhoso demais sem o meu elogio. E devo adverti-la que ele não vai gostar nem um pouco de sua Rafaella.

— Mas por quê?

— Gavin acha que o lugar de uma mulher é em casa, e desaprova as Renunciantes. Como se elas precisassem de sua aprovação! Foi um jovem teimoso, e agora é um velho arrogante. Houve uma ocasião em que quis casar comigo... ele tem apenas noventa anos agora, e achei-o jovem demais naquele tempo... e nunca me perdoou por ter preferido Padric. Não vai imaginar ao me ver agora, mas antigamente eu tinha todos os homens aos meus pés. Era uma grande beldade. Ora, estou divagando de novo. Posso lhe garantir, Marguerida, que a idade é uma bênção, mas é também uma maldição. Há dias em que você quase não consegue se lembrar do seu próprio nome.

Margaret pensou em Ivor, ficando mais e mais fraco, diante de seus olhos.

— Meu mestre era assim. Era esperto e perceptivo em matéria de música, mas nas coisas do dia-a-dia sua mente se tornava um tanto... não sei... confusa?

— A palavra exata! Onde está seu mestre agora?

— Morreu na semana passada, logo depois que chegamos.

Ela descobriu que as lágrimas afluíavam. Piscou para contê-las, tão depressa quando podia.

— Isso é terrível! Pode-se ver que sente muita saudade dele. Chore tanto quanto quiser, minha cara. É sempre saudável chorar.

— Já chorei tanto que devo ter consumido todas as lágrimas que tinha.

Mas Margaret descobriu-se a chorar de novo, a bondade da velha tornando a desencadear sua dor ainda recente. Ela enxugou o rosto com a manga depois de alguns minutos, fungou ruidosamente.

— Viajamos juntos por muitos anos, indo a vários planetas para estudar a música local. Ele era muito precioso para mim.

— A morte é um caminho que todos nós percorremos, embora até agora eu não tenha chegado ao seu final. Sobrevivi a um marido, dois filhos, uma filha e três netos. Alan casou agora. Quando sua esposa tiver uma criança, serei tataravó. Continuo aqui. Às vezes penso que é antinatural viver tanto tempo.

Margaret decidiu que seria grosseria comentar que os cidadãos da Federação muitas vezes viviam até dois séculos, com a ajuda de tratamentos. Parecia injusto que isso não tivesse acontecido com Ivor.

— Quer dizer que Gavin é rabugento?

— E muito rabugento! Um típico velho ranzinza, mas também foi um jovem ranzinza. Mas conhece muitas canções, não posso deixar de admitir. E há também uma estalagem na aldeia. Assim, poderá ficar confortável.

Margaret ficou vermelha, especulando se Jerana sabia o quanto ela ansiava por um banho.

— Não tenho palavras para agradecer por sua hospitalidade, Jerana.

— Ora, o prazer foi meu. Cantar na noite passada fez com que eu sentisse que tinha outra vez setenta anos.

Rafaella e Margaret partiram pouco depois, os alforjes cheios de pão fresco, um pouco de queijo e carne salgada, o presente de despedida de Jerana. Já haviam deixado o pequeno povoado há cerca de uma hora, quando Margaret começou a se sentir nauseada.

O estômago doía, a cabeça latejava, mas ela não disse nada à sua companheira.

Pararam ao lado de um córrego murmurante para uma refeição ao meio-dia. Margaret mergulhou sua caneca de madeira na água e bebeu ansiosa. Depois sentou numa pedra, não se mexendo por vários minutos, o corpo dolorido e cansado. Levantou-se com um grande esforço, quase cambaleou.

— Você está bem, Marguerida?

— Acho que a altitude começa a me afetar. Passei a maior parte da minha vida no nível do mar. Embora estas colinas não sejam tão altas assim, meu corpo está reagindo. Não consigo recuperar o fôlego.

— Parece muito pálida.

— Não se preocupe. Estarei bem depois que comer um pouco de pão e queijo.

Mas tal não aconteceu. Haviam percorrido pouco mais de um quilômetro depois da parada à beira do córrego, quando seu estômago se rebelou, expelindo o almoço e grande parte do desjejum. Margaret mal conseguiu desmontar antes que acontecesse.

— Está doente — insistiu Rafaella, enquanto Margaret se afastava do vômito. A guia parecia muito preocupada.

— Claro que não. Já me sinto melhor. É apenas por causa da altitude... ou então meu estômago não gostou de alguma coisa que comi.

Ela enxaguou a boca com um pouco de água. Tornou a montar no cavalo.

— A aldeia de Gavin fica muito longe?

— Mais três horas de viagem, no mínimo. Talvez seja melhor acamparmos aqui.

— Não há necessidade. Já melhorei.

Era verdade. Margaret sentia muita sede, mas esvaziara o estômago, o que fazia com que se sentisse menos ofegante e fraca.

A trilha continuou a subir, tornando-se mais estreita e difícil depois de algum tempo. Alargou-se de repente, e Margaret compreendeu que se encontravam na crista. Olhou para trás,

contemplando o caminho que haviam percorrido. O Rio Kadarin era uma fita prateada distante, lá embaixo. A subida fora tão gradativa que ela não percebera direito.

O pôr-do-sol era iminente quando chegaram à aldeia. Era muito maior do que o povoado de Jerana, com várias casas de pedra espaçosas, entre chalés mais humildes. A estalagem era indicada por uma placa de madeira balançando, com o desenho de um animal que parecia um cervo. Pararam os cavalos na frente. Um rapaz de olhos brilhantes saiu para cumprimentá-las.

— Oi, Rafaella! Seja bem-vinda de volta!

— Obrigada, Valentine. Você cresceu uns cinco centímetros desde a minha última visita.

O rapaz estufou o peito e sorriu.

— É verdade. Uso agora as roupas de Tomas, mas as botas estão pequenas.

— Como vão seus pais?

— O inverno passado foi difícil para a mãe, pois as juntas doeram muito. Mas ela melhora quando o tempo esquenta, como sempre. E o pai é o pai. Entrem logo. Vou guardar os cavalos. A mãe acaba de arrumar o quarto da frente.

Margaret desmontou, a cabeça girando. Respirou fundo algumas vezes, esperou que a vertigem passasse. Vinha se sentindo cada vez pior durante a última hora, mas nada dissera a Rafaella. Não queria passar a noite na trilha. Estava ansiosa para tomar um banho e se estender numa cama. E jantar... Não! Sentiu-se outra vez nauseada só de pensar em comida. Precisava apenas dormir um pouco, para logo se sentir bem outra vez.

Entraram numa taverna com as vigas aparecendo no teto. Vários homens em túnicas malfeitas sentavam ao redor das mesas, tomando canecas de cerveja e conversando em voz baixa. Margaret podia ouvir as vozes, mas o dialeto era tão estranho que não dava para acompanhar a conversa. Olharam para Margaret com alguma curiosidade, mas não mais do que isso. Dois ou três cumprimentaram Rafaella com bastante cordialidade. Margaret sentiu-se contente pelo fato de sua guia ser bem conhecida ali.

A sala era enfumaçada pela lareira grande. O cheiro de lenha queimando e cerveja quase a derrubou. Teve de recorrer a um supremo esforço de vontade para se manter de pé e ignorar a cabeça girando. Já se degradara uma vez naquele dia, não permitiria que acontecesse de novo. Sentiu-se grata quando deixaram a taverna. Subiram uma escada estreita e foram conduzidas a um quarto grande e arejado.

Margaret arriou na cama, recostou-se no travesseiro, e deixou o corpo relaxar. À distância, podia ouvir a voz de Rafaella e de outra mulher, provavelmente a mãe de Valentine, mas sentia-se fraca demais para prestar atenção. Mãos fortes tiraram suas botas. Sentiu que a túnica era arrancada pela cabeça. Tentou protestar, mas não conseguiu falar.

— Só preciso dormir — balbuciou ela, fechando os olhos.

Uma larga planície coberta de neve estendia-se de horizonte a horizonte. O céu era branco de nuvens. O frio parecia congelar seus ossos. As nuvens se abriram, e uma lua branca surgiu no céu por um momento. Duas mulheres se aproximaram, iguais e diferentes ao mesmo tempo. Ambas tinham cabelos vermelhos, mas os de uma eram mais claro que os da outra. Moviam-se como uma só pessoa, os braços esguios balançando no mesmo ritmo, as pernas compridas deslocando-se com facilidade pela paisagem revestida de neve. Os trajes eram suaves e graciosos, brancos como a neve. Os cabelos estavam soltos, espalhando-se sobre os ombros.

As mulheres fitaram-na com olhos cor de âmbar, cheios de pontos dourados. Estenderam as mãos brancas. Ela sentiu que se encolhia ao contato. "Criança", disse uma. "Marja", murmurou a outra. Sabia que eram irmãs, e que uma era sua mãe, mas não podia determinar qual das duas, de tão parecidas que eram na aparência.

E de repente um homem apareceu entre as duas, forte, de cabelos escuros. Pôs as mãos nos ombros das irmãs, empurrou-as para o lado. E depois foi se tornando mais e mais alto, até que sua cabeça alcançava as nuvens no céu. Margaret contemplou o pai como nunca o conhecera, com as duas mãos e poderoso, bonito, sem cicatrizes. Eu tentei avisá-la! Disse que ser uma telepata

destreinada era perigoso! Por que você não me ouviu? Levante-se! Pare de fugir do seu dever! Pare de tentar evitar o seu Dom!

Margaret sentou na cama, a cabeça latejando. Olhou para as paredes brancas e as vigas de madeira por cima. Por um momento, sentiu-se desorientada. Depois se lembrou de que estava na estalagem com a placa do cervo, não acuada em alguma paisagem branca com a mãe, a tia e um Lew furioso. O alívio foi imediato, as mãos se abriram. O coração disparado voltou ao normal depois de alguns minutos.

Ela olhou ao redor e descobriu que Rafaella dormia num colchão no chão, ao lado da cama. Um enorme gato cinza se enrascara na curva de suas pernas. Olhou para Margaret e bocejou. A normalidade da cena acalmou-a. Ela estendeu as pernas para fora das cobertas. Descobriu que fora completamente despida e usava agora uma camisola darkoviana. O cheiro forte da trilha ainda aderira à sua pele. Ansiava por um banho. Foi nesse instante que Rafaella abriu um olho e examinou-a.

— Há uma tina para tomar banho duas portas adiante, no corredor. Mestra Hannah lavou suas roupas. Já devem estar secas. Como se sente agora?

— Muito melhor, obrigada. Deve ter sido a altitude.

— Ainda bem que se sente melhor. Fiquei preocupada. Vá tomar um banho, enquanto eu durmo mais um pouco. Deve ter tido alguns sonhos terríveis... porque chorou a noite inteira... quando não estava gritando.

— Desculpe ter perturbado seu sono, Rafaella.

— Não o meu... sou capaz de dormir com qualquer barulho... mas os mercadores de cavalos no quarto ao lado podem ser diferentes. — Ela sorriu, mostrando todos os dentes. — Eles mereciam... se são mercadores de cavalos, então sou um coelho-de-chifres.

Com esse comentário enigmático, ela virou-se para o outro lado e voltou a dormir.

De banho tomado e usando o primeiro traje que comprara de MacEwan, Margaret sentiu-se quase bem, pela primeira vez em mais de vinte horas. Persistia o senso de uma dor de cabeça a um palmo

de distância, mas o estômago parecia ser de novo o mesmo órgão confiável que costumava ser, capaz de consumir quase que qualquer coisa sem o menor sinal de desconforto. Mas ela decidiu não exagerar. Comeu um desjejum leve, com várias canecas de chá. Rafaella juntou-se a ela quando tomava chá, esfregando os olhos para afugentar o sono.

— Falei com o velho Gavin na taverna ontem à noite — informou ela. — Ele nos espera esta manhã. Não ficou muito satisfeito ao me ver, mas prometi alguns reis por suas canções. Disse a ele que você era Terranan.

— Por que fez isso?

Margaret estava um pouco surpresa, porque vinha se empenhando em parecer uma darkoviana.

— O homem é muito egoísta... ou egocêntrico. Insistia em dizer que não ia cantar, até que expliquei que seria ouvido em lugares distantes. E é o que vai acontecer, não é mesmo? Eu não gostaria de mentir para ele.

— Claro que é isso. Minhas gravações irão para os arquivos da universidade, onde serão ouvidas por estudantes de música. E depois... quem sabe?

— o que isso significa? — perguntou Rafaella, servindo-se de uma tigela de mingau.

— Há poucos anos alguns músicos populares pegaram canções folclóricas de Nova Hispaniola e as transformaram em grandes kits.

— Hits? Está querendo dizer que eles golpeavam as pessoas com as canções?

Margaret quase engasgou com o chá. A palavra darkoviana que ela usara significava "golpe", carecendo de qualquer outro significado. Fizera a tradução do Padrão Terráqueo, em que a palavra "hit", herdada do inglês antigo, significava ao mesmo tempo golpe e sucesso. Ela tossiu, demorou um pouco a recuperar o fôlego. Era uma lição merecida por traduzir o Padrão Terráqueo para o darkoviano sem pensar primeiro!

— Não, não é nada tão violento. o que eu quis dizer apenas foi que esses músicos gravaram as canções, que fizeram o maior

sucesso... sendo tocadas tantas vezes que todos na Federação acabaram se cansando. É o que chamam de hit.

— Então por que não explicou logo?

As duas mulheres chegaram ao chalé de Gavin MacDougal no meio da manhã. Ainda fazia frio, e a rua estava enlameada da chuva da noite anterior. Margaret carregava seu precioso equipamento numa bolsa pendurada no ombro. Olhou ao redor com interesse. Passara muito mal para notar qualquer coisa na tarde anterior.

O chalé de MacDougal era quase uma choupana. o pequeno jardim ao lado fora dominado pelo mato, uns poucos arbustos murchos aqui e ali. o caminho até a porta estava cheio de detritos. Margaret avistou um arado quebrado, uma sela que ficara exposta ao tempo por várias estações, e várias outras coisas que não foi capaz de identificar de imediato.

Rafaella abriu a porta um pouco torta nas dobradiças e entrou sem bater. o interior era escuro, com o ar abafado. Tinha o cheiro de um velho, fumaça de lenha, comida e roupas sujas. Margaret ficou chocada. Projetara em sua mente que todas as casas darkovianas eram limpas e recendiam a bálsamo e frescura. Como o velho podia viver naquela imundície?

Um vulto agachado ao lado da lareira se mexeu. Quando seus olhos se ajustaram à semi-escuridão, Margaret avistou Gavin. Era um velho pequeno e murcho, a cabeça inteiramente calva, os ombros encurvados pela idade. Ele tossiu e cuspiu no fogo. o som de chiado rompeu o silêncio por um momento.

— Sejam bem-vindas — resmungou ele, a voz rouca, fitando as mulheres com a vista quase míope. — Pensei que tinha me dito que ela era Terranan.

Rafaella arrastou as botas no chão, um pouco embaraçada.

— Ora, ela é, e não é.

— Não me venha com enigmas, menina. Posso ser velho, mas não sou senil. Ela é uma coisa ou outra.

Ele se adiantou. Margaret pôde sentir o cheiro de suor em suas roupas e cerveja no bafo azedo. Fitou-a de perto. Ela ficou aborrecida por ser discutida como se fosse invisível.

— Na verdade, sou as duas coisas. Nasci em Darkover, mas passei a maior parte de minha vida...

— Perdoe-me, domna, mas até mesmo estes olhos cansados podem ver que é do Comyn. Você honra a minha casa. — Ele lançou um olhar irritado para Rafaella. — Qual é o seu jogo... tentando me impingir essa mulher como uma Terranan? Você não presta, e terá um fim lamentável. E não vai demorar muito. Anda por aí como uma vagabunda, em vez de se comportar como uma moça decente.

Rafaella ficou furiosa. Já ia responder, à sua maneira franca e impulsiva, quando Margaret interveio:

— Meu pai era do Comyn, Mestru MacDougal.

— Eu sabia! E as pessoas ainda pensam que podem me enganar! Posso saber seu nome, minha jovem?

Ele conseguia combinar rancor e subserviência de tal maneira que Margaret achou extremamente desagradável. Podia entender por que Jerana não quisera casar com ele, pois devia ter sido também um jovem repulsivo.

— Meu pai é Lewis Alton, o Senador Imperial por Darkover.

Ela percebeu o espanto no rosto de Rafaella, e se lembrou de que nunca antes dissera o nome do pai. Ele podia ter renunciado, mas manteria para sempre o título de Senador. De qualquer forma, aquelas pessoas provavelmente nunca pensavam no Senado, ou na Federação Terráquea, se eram habitantes rurais atrasados como conhecera em outros planetas. Uma expressão de desagrado estampou-se no rosto de Gavin, que contraiu os lábios murchos.

— Só lhe desejo tudo de bom, domna, mas se estivesse no seu lugar não me apressaria em apregoar sua linhagem aqui nas colinas. Há muita gente com idade suficiente para lembrar a destruição de Caer Donn... e não são poucas as pessoas que guardam ressentimentos antigos.

— Não sei de nada a respeito — respondeu Margaret, censurando silenciosamente o Senador por ser um velho reservado... Ela cortou esse pensamento. — Nem mesmo sei o que é Caer Donn.

— Era, domna, era. Uma das cidades mais antigas do mundo. Os Terranan construíram seu primeiro espaçoporto ali, fazendo acordos com os malditos Aldarans. Estive lá, cantei as minhas

canções, mas nunca foi um lugar generoso. Aqueles Aldarans não oferecem um trago a um homem por sua canção. A cidade foi destruída há alguns anos.

— Fico triste em saber disso. Mas como eu ainda não havia nascido na ocasião, não tem nada a ver comigo. Não posso ser considerada responsável por algo que ocorreu há tanto tempo.

Gavin MacDougal soltou uma risada.

— Esse é um pensamento Terranan, sem dúvida. Aqui nas colinas temos uma memória longa, especialmente para essa ocasião. O nome Alton vai irritar muitos que não desejam se lembrar do incêndio de Caer Donn e da Torre Proibida.

— Está resmungando como um corvo da desgraça, velho — protestou Rafaella.

— Você é jovem demais e teimosa demais para falar sem saber de nada. Portanto, guarde a língua por trás dos dentes. Seu pai Lewis foi parte do motivo para a destruição de Caer Donn, embora fosse apenas uma criança quando os últimos membros da Torre Proibida foram abatidos. Não fazemos canções sobre essa época, mas lembramos muito bem.

Margaret tentou imaginar que papel o pai poderia ter desempenhado nos eventos a que o velho Gavin se referia, mas não conseguiu. As brumas da história darkoviana eram densas demais, impenetráveis para ela. Foi então que lembrou o sonho, em que o pai surgira entre as duas mulheres, ainda com ambas as mãos. Ela reprimiu um tremor com um grande esforço.

— Vim aqui para ouvi-lo cantar, Mestru MacDougal, não para escutar histórias antigas.

Não era toda a verdade, mas a parte dela que se mantinha fria e distante insistia que tinha de reprimir a curiosidade. Era um sentimento frustrante, porque as perguntas se formavam em sua mente, mas não encontravam um meio de chegar até a boca. Sentia-se silenciada, como acontecia quando era uma criança pequena. Foi dominada pela indignação.

Compreendeu que estava muito interessada naquela história, mas ao mesmo tempo não queria saber o que acontecera. Lembrava como Lorde Hastur e Brigham Conover haviam insinuado eventos

terríveis no passado. Concluiu agora que não haviam lhe contado tudo, porque sabiam que só serviria para afligi-la. Gravarei as canções deste velho e depois voltarei para Thendara! Rafaella ficará satisfeita, e eu poderei escapar de... deixar o trabalho inacabado? Não, não posso fazer isso. Tenho de continuar, por Ivor!

— Se é canção o que você quer, então é o que vai ter. — Ele foi até a parede e pegou uma velha ryll, acariciando-a gentilmente. — Vamos sair para o sol.

Sentaram em algumas pedras na frente do chalé. Gavin afinou o instrumento, enquanto Margaret preparava seu equipamento. Ele tinha uma voz fraca agora, o resquício de um bom tenor, mas a memória era prodigiosa. Enquanto o sol descia pelo céu, ele aumentou de maneira considerável os conhecimentos de Margaret sobre a música de Darkover. Seu traseiro doía de passar tanto tempo sentada numa pedra. Ficou contente quando se levantou e esticou todo o corpo. Agradeceu ao velho e ofereceu pagamento, mas ele sacudiu a cabeça.

— Eu aceitaria dinheiro de uma Terranan mais rápido que um coe-lho-de-chifres, mas vai contra a minha natureza aceitar pagamento de uma Alton. Cuide-se bem, minha jovem, e não deixe que Rafaella a meta em qualquer encrenca.

Em seguida, Gavin entrou no chalé e bateu a porta. Margaret guardou o equipamento. As duas começaram a voltar para a estalagem.

— Fale-me sobre a Torre Proibida.

Margaret decidiu ignorar seu senso de fadiga e um súbito ímpeto de vertigem. Conseguiu formular a pergunta antes que seu censor interior a silenciasse. o coração batia forte, o sangue parecia reverberar em seus ouvidos. Você não vai fazer perguntas! Ela engoliu em seco, para evitar que o estômago se rebelasse de novo. Rafaella continuou andando a seu lado, sem dizer nada. Alguns minutos se passaram antes que ela rompesse o silêncio:

— É melhor não falar sobre esses tempos, Marguerida.

Margaret ainda teve vontade de protestar, mas já aprendera que não adiantava argumentar, quando Rafaella se mostrava determinada assim. E a premência que ela mobilizara poucos

minutos antes desaparecera agora, deixando-a vazia. Transferiu a bolsa de um ombro para outro, sem insistir na conversa. o entusiasmo de ouvir novas canções se desvaneceu. o corpo começou a doer. Ficou feliz quando avistou a estalagem. Passaria um tempo transcrevendo algumas das canções e tomando anotações. Depois, iria para a cama. Pela manhã, voltariam para Thendara. Ela deixaria para trás a exaustão e a sensação de opressão. Outra pessoa poderia concluir o trabalho. Retornaria para a segurança do mundo universitário na primeira nave estelar em que pudesse embarcar!

Havia prédios ao seu redor, quadrados, insípidos, típicos da arquitetura terráquea. Era noite, as luas se elevaram pelo céu. Reinava um silêncio profundo. E de repente os prédios começaram a ficar vermelhos, um momento depois havia chamas por toda parte.

A manhã encontrou-a febril e atordoada, a cabeça girando como um pião, quando tentou sentar na cama. Ainda conseguiu, só para recair sobre os travesseiros no instante seguinte, engolindo em seco com a maior dificuldade. Tinha a garganta ressequida, o estômago embrulhado. Tentou de novo, mas chegou à conclusão de que seria impossível. Rafaella inclinou-se para ela, afastando os cabelos de seu rosto.

— Você está doente, Marguerida. Deve passar todo o dia na cama.

— É a altitude — balbuciou ela. — Preciso voltar para Thendara.

— Não vai a lugar nenhum hoje. Ficaré descansando, e eu trarei alguma coisa fria para você beber.

Margaret sentia-se fraca demais para argumentar. Por isso, permaneceu sob as cobertas. Tentou respirar devagar, para relaxar o corpo. Fechou os olhos, cansada. o rosto de Danilo surgiu por trás das pálpebras. Ele fitou-a com desdém. De alguma forma, Margaret teve certeza de que ele tinha alguma coisa a ver com sua doença. Mas logo refletiu que isso era um absurdo. Estou me comportando como uma idiota supersticiosa. Daqui a pouco começarei a pensar que fui enfeitiçada por um homem que se encontra a centenas de

quilômetros de distância. Basta continuar deitada por mais alguns minutos, e logo estarei boa!

A manhã passou, mas ela não se recuperou. A pele foi se tornando mais e mais quente, até dar a impressão de que se fundia nos músculos. o peso das cobertas tornou-se insuportável. Ela empurrou-as para o lado, e depois ficou imóvel, tremendo toda, esgotada pelo esforço. o crânio vibrava com uma dor que parecia aumentar a cada segundo. Tentou beber a mistura que Rafaella trouxe. Mas o estômago não agüentou, e vomitou várias vezes numa bacia. Sentia panos molhados sendo estendidos em sua testa. Perdeu por completo a noção do tempo.

Começou a tremer, apertando as cobertas com mãos geladas e secas. Chorava a todo instante. Cada movimento era uma agonia. Sentiu uma mão gentil tocar em seu rosto. As cobertas foram ajeitadas em torno de seu corpo.

— Dio... mãe!

E sentiu que caía num enorme vazio. Os dedos doloridos comprimiram as roupas de cama.

Tudo branco! Ela nunca vira tamanha brancura. Parecia preenchê-la da cabeça aos pés, era fria, árida e aterradora. Não havia nada ali, exceto o vazio. Parecia se comprimir contra seu peito, roubando a respiração superficial, sugando a vida de seu corpo. Lutou para se livrar, mas caiu ainda mais fundo no frio.

E de repente havia alguma coisa naquela terrível claridade — não, alguém — e ela tentou se encolher, desaparecer. Alguém a procurava. E seu medo era intenso. Seria o homem prateado? Ou Thyra de tranças vermelhas? Os mortos procuravam-na, tentavam atraí-la para seu mundo!

Um rosto fitou-a, diferente de todos os rostos que já vira antes. Os ângulos dos ossos eram errados. Não era um rosto humano. A pele do estranho ser brilhava contra a brancura. Os olhos contemplaram-na com uma infinita compaixão. Ela ia morrer! Ia se juntar a Ivor, Thyra, Marjorie Alton e o avô que nunca conhecera. O rosto se afligiu, como se soubesse de seus pensamentos. Houve um ligeiro aceno de cabeça, como se fosse para negar sua morte. o rosto inclinou-se mais e mais, enquanto ela tentava se afastar. Ao

final, sentiu os lábios finos se comprimirem contra seu rosto. O terror desapareceu por completo, como se nunca tivesse existido. Ela permaneceu imóvel, serena, esperando pelo fim.

Não pôde calcular por quanto tempo esperou. Depois, divisou o Senador avançando em sua direção. Estava velho, encurvado e trôpego, espiava pela brancura como se fosse cego. Margaret queria chamá-lo, mas sua voz perdera o poder.

O Senador finalmente viu-a. E ficou furioso.

— Levante-se! Não pode cair doente agora! Não permitirei que morra! Já perdi coisas demais! Não ouse morrer em meus braços, Marja! Levante-se!

Alguma coisa cresceu dentro do peito de Margaret, uma bolha de emoção. Subiu pela garganta e estourou.

Morrerei se eu quiser! E depois ela riu para o pai.

Margaret espantou-se ao despertar na cama na estalagem, a febre abaixada por enquanto. Sentia-se mais cansada do que podia imaginar, mas com a mente lúcida. Ergueu-se com as duas mãos, até sentar na cama. Com extremo cuidado, estendeu a mão para o copo que esperava ao lado da cama, tentando calcular a hora. Notou que se encontrava sozinha, e especulou onde Rafaella estaria.

Teve o medo súbito de que a Renunciante a tivesse abandonado naquela aldeia anônima, mas logo ouviu a voz de Rafaella no corredor. Ela entrou no quarto no instante seguinte, o rosto franzido. Ao ver Margaret desperta, as linhas da preocupação entre as sobrancelhas vermelhas se desanuviam. Ela deixou escapar um suspiro de alívio.

— Como se sente, chiya?

Margaret ouviu o termo carinhoso e teve a sensação de que era outra vez uma criança. A mente ainda protestou por um segundo, mas depois concluiu que não era tão ruim assim.

— Estou bem agora. Um pouco fraca, mas uma boa sopa deve resolver esse problema.

A simples menção de comida deixou-a nauseada outra vez. Teve de engolir em seco para se controlar.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

Margaret não tinha certeza de nada, mas não queria que Rafaella soubesse disso. Estava fraca demais para sair da cama, e não podia imaginar como ficara tão doente. Fora imunizada contra tudo que qualquer pessoa já tivera antes de deixar a universidade. Devia ser a altitude... tinha de ser!

— Acho que não sabe qual é o seu estado. Está mais branca do que sua camisola, e ainda tem um pouco de febre.

— É possível, mas tenho certeza de que estarei plenamente recuperada amanhã. Lamento se a preocupei... não pretendia ficar doente!

Ela soava como uma criança mimada para seus próprios ouvidos.

— Calma, calma. Sei que não pretendia ficar doente... e é um absurdo dizer isso! Acha que pode sair da cama para eu trocar os lençóis? Estão encharcados.

— Sinto muito!

Para sua surpresa, Margaret desatou a chorar. Enormes soluços sacudiam o peito, enquanto as lágrimas escorriam pelas faces.

— Não queria causar tanta confusão! — balbuciou ela. — Juro que tentei ser boa!

— Sei disso. — Rafaella tornou a franzir o rosto. Inclinou-se para a frente e enlaçou Margaret, puxando-a para seu peito. — Está tudo bem agora, chiya.

A Renunciante acariciou os cabelos encharcados de suor, enquanto Margaret continuava a chorar e se desculpar. A porta do quarto foi aberta. A dona da estalagem entrou, uma mulher corpulenta, com um ar de competência e objetividade. Tinha uma pilha de lençóis limpos num braço, uma camisola pendurada no outro. Balançou a cabeça de leve, largou as roupas, e foi até a cama. Margaret fez um esforço para não chorar mais. Quase conseguiu. Em vez disso, teve soluços, que provocaram ânsias de vômito.

Rafaella e a estalajadeira conseguiram tirá-la da cama. Acomodaram-na numa cadeira. Tiraram as roupas de cama suadas com a maior eficiência.

Margaret podia sentir o cheiro agradável dos lençóis limpos, embora estivesse com o nariz obstruído de tanto chorar. Também podia sentir o cheiro do próprio corpo, fedendo a suor e doença. Ficou toda arrepiada. Precisava de um banho.

A cama arrumada, as duas mulheres tiraram sua camisola, com toda a gentileza, mas sem hesitar. Ela tentou protestar, embaraçada por ficar nua na frente de estranhas, mas elas a ignoraram. Rafaella trouxe uma tigela com água quente e uma toalha pequena. Lavou o rosto e o corpo de Margaret como se ela fosse uma criança pequena. A pele parecia pergaminho, ressequida e rachada. A estalajadeira notou, saiu do quarto, e voltou um instante depois com um pote de unguento. Passou o creme na pele dolorida de Margaret, que se surpreendeu ao descobrir que a sensação era muito agradável. Devia haver na mistura alguma erva que aliviava as dores. Puseram uma camisola limpa em Margaret e ajudaram-na a voltar para a cama. Ela se recostou contra os travesseiros, exausta demais para se mexer. As vozes das duas mulheres pareciam soar a uma enorme distância.

— Não gosto da aparência da moça, Rafaella. Ela é só pele e osso. E vai ter febre de novo, ou meu nome não é Hannah MacDanil.

— Tem razão.

— Precisamos de uma curandeira, mas não há ninguém aqui desde que a velha Grisilda morreu, no inverno passado.

— Mas tem de haver alguém!

Margaret podia perceber o pânico na voz de Rafaella. Queria muito tranquilizá-la, dizer que não havia necessidade de uma curandeira. Era só o que faltava, ser tratada apenas com ervas locais! Por que viera para cá? Por que Ivor morrera? Não era justo. Se ao menos ela não fosse tão teimosa, se não insistisse em concluir o trabalho... Não podia estar doente ali, no meio do nada. Talvez fosse psicossomático, provocado pela morte de Ivor. Talvez os sonhos a deixassem doente. Ou talvez tivesse a Febre da Trilha, mencionada no disco. Não, não podia ser isso. Essa febre tinha um ciclo, e aquele era o ano errado. Seu crânio recomeçou a latejar. Ela tentou parar de pensar. Era mais simples apenas se recostar e desfrutar os lençóis limpos, a camisola macia.

— Acho que é melhor você ir até Ardais e pedir ajuda. Eu mandaria o garoto, mas não posso dispensá-lo neste momento. Não confio nesses mercadores de cavalos e não quero ficar sem um homem na casa. — A estalajadeira soltou um suspiro. — Se Emyn fosse outro tipo de marido... ora, não se pode desejar o que não se tem!

Margaret ouvia as palavras de Hannah a uma enorme distância, mas a menção de Ardais quase arrancou-a de sua prostração. Queria protestar, suplicar a Rafaella que não a deixasse, não fosse para o lugar em que os Ardais moravam. Mas a boca se mostrou incapaz de formular as palavras. Sabia apenas que estava apavorada, além de doente.

— Então é melhor eu partir imediatamente. É um longo percurso, e não quero viajar no escuro.

— Pode deixar que cuidarei da vai domna até sua volta.

As horas foram passando. Margaret entrava e saía do estado consciente, dormia, sonhava, revirava-se na cama. Tentava permanecer desperta, evitar as vozes que a perturbavam. Podia ouvir o Senador exortando-a a se levantar, Ivor dizendo que precisava dela. E havia também vozes de mulheres... discutindo ou chorando. Mas o sono persistia, conturbado e branco. E as vozes se alteavam como uma tempestade, uivando com uma crescente intensidade.

Em algum momento ela despertou, por um breve período, e ouviu o som da chuva e do vento contra as janelas fechadas. A estalajadeira sentava na cadeira ao lado da cama, tricotando, à tênue luz de uma vela.

— Onde está Rafaella? — A voz saiu rouca. — Tenho muita sede. Hannah serviu-lhe um líquido estranho, água com alguma coisa misturada, a julgar pelo gosto.

— Rafaella foi buscar uma curandeira.

Ela olhou para a janela. Espero que ela chegue a Ardais sã e salva. Nossas tempestades nas montanhas são terríveis.

— Oh, não...

Margaret bebeu tudo. Estremeceu antes de tornar a mergulhar nos sonhos. Tinha certeza de que ouvira os pensamentos de

Hannah, de que nenhuma palavra fora mencionada. E soube que alguma coisa a aguardava, algo que ela não queria encontrar. Quase que podia sentir o impulso nos músculos doloridos.

A luz incidiu em seu rosto. Doía! Ela ergueu a mão para proteger os olhos. Sentiu um movimento de balanço por baixo, e estendeu as mãos para se segurar na armação da cama. Não havia nenhuma cama, apenas tábuas grossas nos dois lados do seu corpo protestando. Podia ouvir o som de cascos, sentir o cheiro de cavalos. o lugar em que se encontrava deitada balançava para a frente e para trás. Seu corpo tornou a se rebelar. o estômago reclamou. Mas como não tinha mais nada a expelir, limitou-se a ter contrações. o rosto de Rafaella pairou acima dela.

— Marguerida!

— Onde estamos? O que aconteceu? Sinto tanta dor!

— Sei disso, *chiya*, mas chegaremos a Ardais em breve, e prometo que você voltará para a cama.

— Por que a cama está balançando?

— É uma padiola de cavalo. Não se preocupe. Chegaremos ao Castelo de Ardais daqui a pouco.

— A claridade dói em meus olhos! — As palavras de Rafaella penetraram em seu cérebro. — Ardais? Oh, não! Não deixe Danilo me fazer mal!

Margaret ouviu uma voz de homem, profunda e perturbada:

— Sobre o que ela delira?

— Não sei — respondeu Rafaella. — Parece assustada com alguma coisa. Vem se comportando assim há dois dias.

— É melhor prendê-la direito, mestra. Caso contrário, ela pode cair e se machucar.

Nada do que eles diziam fazia sentido. Margaret só podia pensar em Danilo, o paxman de Regis Hastur, e o medo irracional que tinha dele. Danilo vai me transformar em outra pessoa! Esse foi seu último pensamento coerente durante muito tempo.

Capítulo Onze

O balanço violento da padiola de cavalo mudou. Margaret estava consciente o bastante para perceber que haviam deixado o terreno acidentado, percorrendo agora uma superfície mais plana. Logo em seguida ouviu os cascos batendo em pedra, um som profundo e ressonante. Fez um esforço e abriu os olhos. A claridade intensa se desvanecera, era o crepúsculo, frio e agradável. Um passarinho cantava. Ela bem que gostaria de poder apreciar. Ao seu redor, o barulho de cascos e botas sobre pedra, vozes aflitas. Ela conteve um tremor ao virar a cabeça na direção das vozes.

Estavam num pátio largo. Ao redor, espalhando-se como os braços abertos de uma mãe, havia um prédio grande, de pedra cinzenta. Parecia preencher toda a paisagem, de horizonte a horizonte, andares sucessivos se projetando para o céu nublado. O líquen crescia nas pedras. As janelas dos andares inferiores eram mais estreitas.

Apesar de exausta e um pouco febril, Margaret se descobriu a tentar fazer anotações mentais sobre a arquitetura do castelo. Os hábitos de uma pesquisadora não eram fáceis de romper, refletiu ela, enquanto estudava o lugar. Era bem diferente do Castelo do Comyn. Mais parecia uma fortaleza. Ela se perguntou contra o que precisavam se proteger assim. Salteadores? Sentiu-se aliviada ao descobrir que parecia não ter memória anterior do Castelo de Ardaís. Apesar de sua forte aversão ao nome, decidiu que os estranhos medos eram infundados.

Quando os homens retiraram a padiola entre os cavalos, por mais gentis que fossem, Margaret não pôde evitar um grito de dor. Ainda mordeu o lábio para tentar evitá-lo, mas escapou apesar do seu esforço. Levaram-na para a porta principal do Castelo de Ardaís. Entraram num vestíbulo que se erguia por mais de dois andares. De sua posição na padiola, ela podia ver a luz passando pelas janelas superiores, povoando o vestíbulo com a claridade evanescente do dia. Lembrava um pouco a catedral na universidade. A diferença é que lá não se podiam ouvir as vozes estridentes que soavam aqui.

Podia ouvir Rafaella discutindo com alguém próximo. Desejou que todos ficassem quietos. Parecia haver várias vozes envolvidas, a maioria feminina, numa altura que doía em seus ouvidos. Uma voz de homem, firme e autoritária, interrompeu subitamente a confusão:

— Alguém pode me explicar o que significa tudo isso?

— Eu dizia a esta pessoa que Ardais não é uma casa pública para onde se pode levar...

— Já chega! Mestra Rafaella e sua companheira são esperadas, Martha. Não cabe a você questionar a presença delas. Se não tivesse descido até a aldeia para ver sua filha, saberia que aguardávamos a chegada das duas.

O homem parecia muito calmo, no controle da situação. Margaret especulou vagamente se seria o dono do castelo.

— Era quase a hora do parto, Julian, e eu não podia deixá-la sozinha!

— Ela estava em boas mãos, com a parteira, que tenho certeza que não apreciou sua interferência.

— Interferência? Essa é muito boa! Você é apenas um homem! Não pode compreender essas coisas!

Martha, quem quer que fosse, dava a impressão de que não desistiria tão cedo da discussão. Margaret viu um rosto de homem inclinar-se em sua direção.

— Eu lhe dou as boas-vindas ao Castelo de Ardais. — A expressão do homem era perplexa. — Sou Julian Monterey, coridom de Lady Marilla.

Margaret tentou recordar o que o termo significava, vasculhando o cérebro cansado. Era um cargo intermediário entre mordomo e capataz, mas era difícil determinar a distinção exata no estado em que se encontrava no momento.

— Obrigada por sua acolhida — balbuciou ela. — Peço que me perdoe por chegar neste estado precário. Não tinha a menor intenção de ficar doente.

— Sei que não tinha — murmurou o homem, gentilmente, como se a chegada de visitantes em padiolas de cavalos e com febre alta fosse uma ocorrência corriqueira.

— Por que o meu vestibulo fervilha de conversa? — interveio uma voz suave. — E por que, se me permitem perguntar, nossa hóspede ainda espera aqui? Ordenei que um quarto fosse preparado. Já está pronto?

Apesar do tom gentil, Margaret desconfiou que aquela mulher tinha uma vontade de aço.

— Domna Marilla, não fui informada de que esperávamos hóspedes — lamentou-se Martha. — Nem sabia que devia preparar um quarto.

— Desculpas não vão levar nossa hóspede para a cama — respondeu Marilla. — E Mestra Rafaella teve um dia cansativo, pois passou três vezes pela trilha, sem dormir e quase sem comer. Agora, parem de discutir e cumpram seu dever. Julian, quero falar com você.

Margaret ouviu o murmúrio da conversa de Julian com a dona do castelo. Também ouviu o farfalhar de saias, enquanto várias criadas se afastavam apressadas para fazer o que tinham de fazer. Os dois padioleiros esperavam pacientes. Margaret podia ver as costas daquele que se postava na frente. Uma preocupada Rafaella inclinou-se em sua direção. Sentiu o pulso de Margaret, depois pegou sua mão, com extrema ternura.

— Como se sente?

— Horrível. — Ela notou as manchas escuras por baixo dos olhos brilhantes da guia, a tensão que contraía a boca generosa. Experimentou uma pontada de culpa por se queixar. Rafaella tinha os cabelos crespos grudados no crânio, como se tivesse se molhado recentemente. — Continuo a perder e recobrar a consciência, tenho visões terríveis... e minha garganta dói.

— Não me surpreende. Gritou bastante alto para assustar um banshee por todo o caminho até aqui. Mas agora será bem cuidada.

— Deixei-a preocupada, não é mesmo? — Margaret parecia determinada a agravar ainda mais uma situação que já era ruim. — Não é nada divertido... e seu contrato não incluía serviços de enfermeira. Sinto muito, Rafaella.

— Não diga bobagem. Nada disso é culpa sua. Nunca vi nada parecido com sua febre. Se não tivesse me assegurado que não era

uma leronis, eu seria capaz de jurar que tinha a doença do limiar.

— Estou velha demais para isso... não é mesmo?

Um medo gelado dominou-a agora. Rafaella falara o suficiente sobre a doença do limiar, durante a viagem, para deixá-la apreensiva. Era uma doença de criança, e ela não era mais uma criança... mas não podia ter certeza de que a idade lhe proporcionava alguma imunidade. E Margaret sabia agora que pressagiava o início do misterioso laran. Sabia o que isso significava, de maneira vaga, e sabia também que não queria ter nada a ver com aquilo!

Uma mulher clara, em torno dos cinqüenta anos, foi se postar no outro lado da padiola. Tinha feições firmes, num rosto outrora bonito, agora alterado pela idade para um queixo estreito e um nariz afilado.

— Seja bem-vinda a Ardais. Sou Lady Marilla Lindir-Aillard. — Ela afagou a outra mão de Margaret. — Rafaella, vá se deitar! Parece que vai cair dormindo no chão a qualquer instante. Pode deixar que cuidarei de sua companheira. Qual é o seu nome, criança? Rafaella nada nos disse a seu respeito, a não ser que passava mal, com uma doença desconhecida.

— Sou Marguerida Alton — sussurrou Margaret, tão baixo que ela própria teve dificuldade para ouvir.

— Como? Diga de novo, por favor. Tenho um problema de audição.

Pela expressão de Marilla, o rosto franzido, os lábios um pouco contraídos, Margaret teve certeza de que ela ouvira muito bem, apenas não queria acreditar em seus ouvidos.

— Esta é Domna Marguerida Alton, Domna Marilla — respondeu Rafaella.

A mulher virou a cabeça para fitar a guia.

— Se bem me lembro, já a mandei ir se deitar.

Então esta é a filha de Lewis! Não pode ser nenhuma outra pessoa. Pensei que ela tivesse morrido durante a Rebelião... Não, lembro agora que foi outra. Lew levou-a embora quando partiu. Ela tem mesmo a aparência de sua família. Espero estar fazendo a coisa certa ao acolhê-la aqui. Por Zandru! Podia ser a irmã gêmea de

Felicia Darriell! Enquanto Lady Marilla tinha esses pensamentos, Margaret viu um rosto, envelhecido da melhor forma possível, tão parecido com o seu que não pôde deixar de estremecer. Não tinha a menor idéia de quem podia ser Felicia, mas não havia como negar a semelhança. Rafaella ainda hesitava, com uma relutância óbvia em abandonar Margaret, mas tremendo à beira da exaustão.

— Como quiser, domna.

A Renunciante largou a mão de Margaret e desapareceu. Ela está com uma cara horrível. Não quero abandoná-la, mas estou quase morta de exaustão. Por que essas coisas me acontecem? Ela passou a ser como uma irmã, mas sei que se encontra agora sob mãos competentes. E não vai adiantar nada para ninguém se eu também ficar doente! Lady Marilla sorriu, mostrando o que pareciam ser dentes muito afiados.

— Rafaella é uma boa mulher, mas não gosta de receber ordens. E agora vamos levá-la para a cama, descobrir qual é a sua doença.

— Lamento causar tantos problemas — balbuciou Margaret.

Ela sentia-se quente outra vez, a cabeça recomeçava a girar. A pele parecia fina como papel de seda; e tinha a impressão de que a luz que entrava pelas janelas altas podia passar por seu corpo. Doía demais.

— Não diga bobagem. Você não causa nenhum problema. Levem a dama para o Quarto da Rosa, rapazes, e tomem muito cuidado.

Problemas? Os Altons não têm feito outra coisa que não causar problemas, há várias gerações. Pobre coitada. Com a doença do limiar, e já deve ter pelo menos vinte e seis anos! Está além da minha capacidade. Não sei o que fazer... e olhe que eu sempre soube o que fazer! Mas sempre mesmo! É o que ganho por ser tão orgulhosa. Vou precisar de mais que uma curandeira... e depressa!

O tempo perdeu todo e qualquer significado. Havia vozes, várias mulheres diferentes, beberagens de gosto horrível que a faziam engasgar e cuspir. Havia compressas frias estendidas em sua testa, toalhas molhadas para lavar seu corpo. As mãos eram sempre gentis, mas Margaret ainda gritava quando encostavam em sua pele.

E, ofuscando todo o resto, havia os pesadelos. Ela via Lew e as duas irmãs, Marjorie e Thyra. Por trás deles surgia Felicia, cujo rosto ela parecia usar. Todos pareciam querer alguma coisa dela, algo que Margaret não conseguia entender. o que os deixava furiosos. Ela bem que tentava permanecer acordada para evitá-los, mas seu corpo sempre acabava por traí-la.

Durante os poucos momentos de lucidez, ela deparava com uma velha enrugada, que a obrigava a tomar líquidos de gosto horrível, Lady Marilla e Rafaella. Todas pareciam ansiosas. Margaret tentava lhes dizer que estava tudo bem, mas a garganta parecia em carne viva, e só saíam grunhidos. Depois de um longo tempo, ela ouviu uma voz dizer, com toda a nitidez:

— Sinto muito, Milady, mas isto está além da minha capacidade como curandeira. Terá de chamar uma leronis.

— Já chamei, Beltrana, mas ela não poderá chegar hoje. Faça o que puder. Uma pena que ela tivesse vindo para cá... seria muito mais simples se fosse para Armida.

A voz de Lady Marilla era cansada, com uma amargura inconfundível.

— Ora, Milady, não adianta desejar o que não aconteceu. Já devia saber disso a esta altura... mas sempre foi de querer o que não tinha.

Uma risada rouca arrematou o comentário... e foi acompanhada, de uma forma surpreendente, por uma sonora gargalhada.

— Tem toda a razão. Ainda acontece, depois de tantos anos e tantos desapontamentos. Ela começa a recuperar a consciência. Acho melhor dar outra dose.

— Está bem, embora isso não me agrada.

— Nem a mim, Beltrana, nem a mim...

O turbilhão em sua mente se dissipou. Margaret descobriu-se no meio de uma enorme cama. Olhou para as cortinas rendadas, sem saber onde se encontrava, por que se achava tão aconchegada nas cobertas. E depois tudo voltou, a febre súbita e a terrível viagem na padiola. E com essas lembranças também voltaram os sonhos.

Sentia-se muito fraca, mas tinha a cabeça lúcida pela primeira vez em vários dias. Ou pelo menos pensava que eram dias, porque tinha a impressão de recordar mudanças na claridade além das cortinas da cama, os dias se transformando em noites e voltando a ser dias. Com todo o cuidado, ela sentou na cama. Avistou uma mulher no assento largo na janela. Era muito velha, a pele parecia pergaminho, mas levantou a cabeça no instante em que percebeu o movimento na cama.

— Bom dia, domna. Sou Beltrana, a curandeira. Como se sente? Margaret não respondeu de imediato. Em vez disso, ficou escutando o barulho da chuva contra a janela. Estava tão sensível que ressoava como tímpanos em seus ouvidos, embora soubesse que era apenas um ruído comum. Então fora aquela mulher que lhe dera tantas beberagens horríveis. Deviam ter sido benéficas, mas ela ainda podia sentir na boca o gosto da última... e era repulsivo.

— Tenho a sensação de que percorri dez quilômetros da pior estrada do mundo, mas estou faminta. Isto é bom?

Só então Margaret compreendeu que falara em Padrão Terráqueo, não em casta. Passou a língua pelos lábios rachados e fez uma careta.

— Acho que estou faminta — repetiu ela, em casta. — Isto é bom? A velha balançou a cabeça e riu, parecendo aliviada.

— É um sinal da saúde voltando. O último remédio que experimentei deve ter acabado com a febre.

— Remédio? — Margaret teve uma lembrança nítida de se debater, enquanto outra beberagem era entornada por sua garganta. — Refere-se àquela coisa que tinha gosto de titica de passarinho?

Ela esticou a língua para fora e fez uma careta. Doeu demais. Cada músculo em seu corpo parecia muito sensível. Beltrana acenou com a cabeça. Os cabelos brancos brilhavam como um halo na luz. Margaret baixou os olhos, porque o movimento de cabeça da curandeira deixou-a tonta.

— Ninguém jamais descreveu assim antes, mas é isso mesmo.

— Quando posso me levantar?

— Não por algum tempo, domna. Teve febre alta por três dias e noites. Quase desesperei. Agora, deve descansar, comer e

recuperar as forças.

— Mas... eu já estava descansando!

Margaret sabia que se comportava muito mal. Mas sempre que ficava doente, quando criança, insistia que já melhorara e queria se levantar logo. Na verdade, porém, o mero ato de sentar deixara-a exausta de novo, mas recusava-se a admitir para qualquer outra pessoa.

— Chiya, estive muito doente e não pode deixar as cobertas de repente. Faça o que Beltrana diz, e voltará a ficar em forma como antes.

Sua aparência ainda não é boa. O rosto continua corado, e terá outro acesso de febre se não tomarmos cuidado... que mulher obstinada e determinada! Ainda não saiu da floresta... e quero que esteja melhor quando a Ieronis chegar.

Margaret ouviu as palavras que não foram pronunciadas e estremeceu. Por que isso está me acontecendo? Por que posso de repente captar coisas que não são ditas? Já acontecia um pouco antes, mas agora parece que ouço cada vez mais os pensamentos das outras pessoas. Não é certo! Não é justo! Não quero ficar doente, nem ouvir pensamentos! Não quero uma Ieronis, o que quer que isso seja! Quero voltar a meus aposentos na universidade, ir para qualquer outro lugar, desde que seja longe daqui! Se Ivor não tivesse morrido... eu gostaria de nunca ter vindo para Darkover!

As lágrimas brotaram nos olhos, começaram a escorrer pelas faces. A pele estava tão sensível que até o contato das gotas era doloroso. Margaret arriou sobre os travesseiros. Beltrana levantou-se, veio ajeitar as cobertas.

— Eu sei como se sente, menina. Mas deixe a velha Beltrana cuidar de você, e ficará boa num instante.

— Eu é que cuido das pessoas, não o inverso — soluçou Margaret. -Mas não cuidei direito de Ivor, e ele morreu. É tudo culpa minha!

Ela fechou uma das mãos e bateu com o punho na cama, sem muita força. A velha afagou seu braço gentilmente... mas mesmo assim doeu. Margaret estremeceu. Era desesperador... chorar como

um bebê e ficar doente. Mas parecia impossível se controlar, e depois de um momento ela desistiu de tentar.

— Rafaella, não agüento mais ficar doente! — protestou Margaret, na manhã seguinte. — Quero sair da cama!

A guia sorriu.

— Se quer ser mandona, terá de fazer algo melhor. Acaba de nos dar um terrível susto, Marguerida. Cheguei a pensar que Lady Marilla ia se borrar de medo... por mais vulgar que seja dizer isso a respeito de uma dama do Comyn.

Rafaella parecia esgotada, mas tinha nos olhos o brilho malicioso habitual. Os cabelos faiscavam por terem sido lavados há pouco tempo, as olheiras já não eram tão profundas e escuras como antes.

Margaret remexeu-se por baixo das cobertas, tentando encontrar uma posição confortável, mas não conseguiu. Invejava a limpeza de Rafaella. Sentia-se imunda, mesmo sabendo que tomara vários banhos de esponja e que a camisola fora trocada mais de uma vez. A perspectiva de um banho era extremamente desejável, mas sentia-se tão fraca que era bem provável que se afogaria se tentasse tomá-lo.

Desejou ser mais eficiente em não fazer nada... e descansar em seguida. Depois de alguns momentos, ela sentiu-se entediada, além de irrequieta.

Não devia haver nada para ler naquela enorme casa; e, de qualquer maneira, era bem provável que não conseguiria ler. Esquadrinhou a mente à procura de algum assunto para discutir. Decidiu que queria ouvir mais sobre a anfitriã. Afinal, ocupava um quarto em sua casa e devia dar bastante trabalho aos criados.

— Pode me falar um pouco sobre ela? Pareceu uma mulher formidável, pelo pouco que posso me lembrar.

— É uma boa palavra para descrevê-la. Ela tinha de ser, para suportar Lorde Dyan Ardais. Gostavam um do outro, o que é estranho. Ele era... diferente. — Rafaella parecia bastante constrangida agora, a voz baixa e tensa. — Morreu antes de meu nascimento. Por isso, não conheço a maior parte da história. As

peessoas não gostam de falar sobre ele. E não é apropriado comentar essas coisas aqui.

o rosto da guia exibia uma expressão conflitante, mas pelo menos Margaret ouviu apenas as palavras enunciadas. o que era um grande alívio. Talvez não fosse mesmo uma telepata, no final das contas. Talvez apenas tivesse ouvido coisas que pensava que as outras pessoas haviam pensado. Pare com isso! Pare de tentar se convencer de que imaginou tudo! Seja a pesquisadora treinada, aceite os fatos como são!

E foi então que ela absorveu as palavras de Rafaella. Arriou nos travesseiros. A mente encolheu-se, como se tentasse escapar. Conhecia aquele nome e tinha a lembrança de um rosto para acompanhá-lo. Podia ver um homem de rosto aquilino, bonito e impetuoso. E o nome Dyan Ardais desencadeou outra lembrança, de um quarto frio, e alguma coisa... "Não deve lembrar e não deve perguntar. Não permitirei que me destrua... você está doente agora, mas em breve não estará mais doente. Ficará livre da dor e do medo, menina. Apenas faça o que eu mandar, e logo tudo acabará."

Margaret não sabia quem falava em sua mente, mas descobriu que tremia toda. A voz era peculiar, familiar, mas ao mesmo tempo desconhecida. Havia alguma coisa ali que a fazia pensar em espelhos, e como os detestava. Não queria pensar a respeito, nem naquele homem, o tal de Dyan. Ele a pegara, fora isso mesmo, e levava-a para um lugar frio. A lembrança assustava-a ainda mais do que a memória do homem de olhos prateados. Teve vontade de correr. Só que suas pernas eram de criança, curtas demais para escapar ao perigo.

Uma visão familiar surgiu diante de seus olhos. Já a vira muitas vezes, mas sempre conseguira sepultá-la no fundo de sua mente. Margaret podia ver uma batalha, com luzes e espadas. Prolongava-se interminável, embora na verdade tivesse sido muito breve. Seu cérebro cansado não podia lidar com as contradições. Por isso, ela desistiu de tentar compreender.

Os eventos foram se desenrolando, como num antigo videodrama. Quando tudo acabou, ele havia morrido, o homem chamado Dyan Ardais. Ela tinha certeza... testemunhara de fato

aquela memória. Ele parecia bastante inofensivo na derrota, nada que pudesse assustar. Mas agora Margaret sabia por que se sentira tão apreensiva quando encontrara Danilo no Castelo do Comyn. Nada tinha a ver com o tranqüilo ajudante de Regis Hastur, exceto pelo de fato de que ele tinha um nome que a perturbava.

o corpo de Dyan estava estendido no chão. Havia outro corpo ao lado. Na memória, o rosto se achava virado para o outro lado, mas os cabelos vermelhos espalhados sobre as pedras revelavam que era Thyra. Margaret não vira a mãe morrer, mas vira-a morta. Por um momento, sentiu-se furiosa. Por que não fora protegida daquela situação? Onde Lewis entrava em tudo isso? Ela tinha certeza de que o pai se encontrava nas proximidades, mas a memória nada lhe dizia. A casca vazia que fora Thyra, que tanto a apavorara, parecia agora apenas uma coisa trágica, um vaso quebrado.

Ela queria rejeitar as lembranças, mas sabia agora que nunca mais poderia eliminá-las. Era inútil sequer tentar. Margaret deixou escapar um pequeno suspiro. Notou que Rafaella a observava, com algum alarme no rosto cansado. Margaret deu de ombros.

— Está tudo bem. Eu apenas lembrava uma coisa que queria esquecer.

— Você empalideceu... pensei que não poderia ficar nem um pouco mais branca, mas foi o que aconteceu. Parecia prestes a desmaiar.

— Não vou desmaiar, embora isso pudesse ser um ato de misericórdia neste momento.

Pela primeira vez, ela especulou o que mais esquecera deliberadamente, e por que fizera isso. Era muito pequena e vulnerável. As pessoas levavam-na de um lugar para outro. Se não eram cruéis, também não eram gentis. Era quase como se ela não tivesse a menor importância, a não ser como uma espécie de instrumento de negociação, para obrigar seu pai a fazer alguma coisa. Ele não era um velho então, mas sim mais jovem do que Margaret agora, já sem uma das mãos, talvez tão inseguro quanto ela sabia que era.

Os pensamentos de Margaret voltaram relutantes a Dyan Ardais, alto e severo. Fora um homem atraente, mas remoto e frio. O que o fizera assim? Ela podia se lembrar de seus movimentos, como Dyan nunca se apressava, como suas mãos eram duras e fortes quando a pegava. Por que ele fizera isso? Havia alguma coisa...

Dyan levara-a para um lugar que estava ao mesmo tempo vazio e ocupado, uma sala estreita, com vidro azul nas paredes. Mas não era vidro, era pedra, deixava passar a luz. E não eram as paredes apenas. o teto e o chão eram feitos do mesmo material. Era como estar dentro de um diamante azul... inteiramente impossível, é claro. A sala era fria demais, e ela tremia, porque só usava uma camisola. E porque tinha medo.

As impressões brotavam agora na mente de Margaret mais do que as lembranças concretas. A sala parecia vazia, exceto por uma cadeira de encosto alto, esculpida em pedra cinzenta, bem no meio. Era como um trono, pensou ela. Queria desviar o rosto, mas seus olhos pareciam atraídos para o lugar vazio. Quase que podia divisar uma presença, uma mulher muito pequena, com olhos que absorviam luz e som... e acima de tudo sentimentos. Quando a estranha entidade fitara-a, ela sentira-se vazia, não mais a menina chamada Marja, mas um nada sem identidade.

O nome Ardais desencadeara uma sucessão de lembranças. Então por que ela ainda tinha a sensação de que havia algo perigoso em Danilo Syrtis-Ardais? Era uma emoção nítida... bem diferente do medo lembrado na câmara cristalina. Seria porque ele faria qualquer coisa para proteger Regis Hastur? Mas isso nada tinha a ver com ela, não é mesmo? Talvez ele não fosse uma ameaça, mas apenas um homem que a lembrava do que ela não queria lembrar. Sabia desde o seu retorno a Darkover que os sons e os cheiros conjuravam todas as coisas que escondera nos recessos mais profundos de sua mente. Algo ocorrera que ela não queria lembrar, algo relacionado com a pequena mulher que tremeluzia num trono de pedra. Onde ficava aquela sala, aquele palácio de cristal? Margaret não queria saber... mas sabia que precisava descobrir!

Era mais do que desejar não recordar o passado, refletiu ela, com um sobressalto. Aquela voz! A voz fria que lhe dizia para não perguntar, para não lembrar! Não era de Dyan. Nem do outro homem, o prateado, que atormentava seus sonhos. Era a voz de uma mulher, ela tinha certeza, e tinha alguma relação com a sala de cristal azul. Só pensar a respeito já era suficiente para deixá-la tonta.

— O que houve, Marguerida? — indagou Rafaella, sacudindo seu pulso.

— Acho que não estou tão bem quanto pensava.

— Revirou os olhos, chiya, e pensei que ia ter outro ataque.

— Outro o quê?

— Um ataque... teve vários durante a viagem para cá. Pequenos, é verdade, mas nem por isso menos assustadores.

— É mesmo? Peço desculpas se a assustei.

Margaret falou calmamente, recusando-se a expressar o terror que comprimia seu coração. Nunca apresentara antes qualquer sinal de epilepsia, mas ninguém podia prever o que aquela estranha doença seria capaz de provocar. Depois de um momento, o medo dissipou-se um pouco. Ela refletiu que era terrível cair doente tão longe da ajuda médica terráquea. Desta vez me meti numa situação terrível, não é mesmo?

— As febres às vezes causam ataques.

— Eu não sabia.

Rafaella parecia tranqüilizada pelo aparente otimismo de Margaret. As linhas da preocupação em sua testa sumiram, a boca relaxou um pouco. Margaret fitou-a em silêncio, descobrindo que sentia uma profunda afeição por sua guia. Nunca tivera muitas amigas da sua idade. As colegas na universidade eram bastante simpáticas, mas ela sempre se mantinha à distância. Era quase como se relutasse em ter um contato mais estreito com outra pessoa. Os Davidsons haviam sido mais do que amigos, mas também eram duas gerações mais velhos, e não era a mesma coisa.

Margaret deixou-se mergulhar na sensação de amizade, em silêncio, apertando a mão calejada de Rafaella. Era um sentimento novo para ela, tão viçoso quanto flores da primavera. Queria

saboreá-lo ao máximo. Sabia, de alguma forma, que podia confiar completamente em Rafaella, em qualquer situação.

Não! Você tem de se manter apartada!

Ela se encolheu ao ouvir essas palavras, enunciadas por uma voz feminina, suave mas inflexível, uma voz que não pertencia a qualquer mulher que ela conhecia. Não era de Dio. Nem de Thyra. Por um instante, ela viu outra vez a sala azul. Sabia que a voz era da mulher cuja presença invisível ocupava o trono ali. Não dava para adivinhar como ela criara essa barreira contra a intimidade, quando Margaret era muito jovem para se proteger. Mas Margaret tinha certeza de que isso acontecera mesmo, era real, não imaginário. Sentiu que era atraída para o trono vazio, sugada contra a sua vontade. Quase gritou.

A visão desapareceu, ela se encontrava outra vez na cama, aconchegada sob as cobertas, tão segura quanto possível. Enquanto não se lembrasse — e não permitisse que ninguém se aproximasse — estaria sã e salva. Sua mente era repleta de salas trancadas, portas que deviam permanecer fechadas. Mas a cada momento em que ela permanecia em Darkover, tinha certeza, tornava-se maior a possibilidade de lembrar o que não devia. Não poderia escapar daquela terrível presença em sua mente, enquanto o corpo vivesse. Era isso o que significava quando a voz dizia que em breve seria livre.

Margaret sentiu o desespero subir pela garganta. Ia morrer. Quase queria morrer, em vez de continuar como prisioneira de sua própria mente, de memórias esquivas... e daquela coisa que habitava dentro dela. Outra parte sua, no entanto, assumia uma posição indignada. Por um instante, ela compreendeu que muitos de seus acessos de raiva, tão estranhos e poderosos, vinham dessa parte sua. E era uma parte que não apenas queria viver, mas também queria se vingar...

Ainda sentia-se muito fraca para controlar essas emoções conflitantes. Tinha vontade de chorar, gritar, saltar da cama, brigar com alguém, desmaiar, e várias outras ações que carecia de energia para nomear. Em vez de tentar enfrentar seu turbilhão, ela disse:

— Acho melhor tirar outro cochilo agora. Embora eu sinta que venho dormindo por toda a eternidade.

— Também acho melhor. Seu pulso está disparado, e Beltrana vai me arrancar a pele se acontecer alguma coisa com você, enquanto estiver sob os meus cuidados.

Rafaella inclinou-se e beijou o rosto de Margaret, com muita ternura. Margaret ficou surpresa e comovida com essa demonstração de afeição. Sentiu-se embaraçada. Retribuiu o gesto, depois virou o rosto para o lado, contra o travesseiro, a fim de que ninguém pudesse ver o rubor que se espalhava por suas faces.

Pobre coitada. Como será que ela teria reagido, se eu lhe desse um abraço apertado?

Capítulo Doze

Margaret sentia-se um pouco melhor na manhã seguinte, mas o pulso disparava se tentava levantar, os joelhos pareciam feitos de gelatina. Essa desagradável descoberta ocorreu quando Rafaella ajudou-a a ficar de pé, para que duas criadas trocassem as roupas da cama. Ela se criticou até não poder mais continuar. Também descobriu que entrava em pânico sempre que ficava sozinha no quarto.

Por sorte, Rafaella parecia disposta a lhe fazer companhia. Quase conseguiu se persuadir de que os súbitos ataques de medo, quando ficava sozinha, eram decorrentes da doença. Tinha o pressentimento de que recordara uma coisa no dia anterior que era ruim, muito ruim, mas não podia lembrar mais. Quase se sentia aliviada por ter esquecido por completo.

A fim de passar o tempo, ela pediu a Rafaella para falar sobre as aventuras que tivera em outras viagens. A Renunciante, depois de uma demonstração de modéstia, pôs-se a deliciá-la com histórias de tempestades de neve e enormes penhascos, salteadores e outros perigos que rondavam as trilhas. Era interessante, mas fez Margaret sentir que sua própria vida fora insípida em comparação. Não que ela se sentisse ansiosa por aventuras... não era esse tipo de pessoa.

Uma batida de leve na porta interrompeu uma boa história sobre um encontro com um banshee. Rafaella levantou-se para abrir a porta. Margaret ouviu o murmúrio de vozes, depois o som de dois conjuntos de botas aproximando-se da cama. Uma das vozes era de homem. Ela apressou-se em puxar as cobertas sobre o peito e enfiar os cabelos desgrenhados pela gola da camisola.

— Domna, quero lhe apresentar Lorde Dyan Ardais — disse Rafaella, o corpo rígido de indignação.

Que vergonha! Ele sabe que não tem o direito de entrar no quarto de uma mulher solteira que está doente! É típico de um Ardais reivindicar um direito que viola as boas maneiras!

o som do nome fez Margaret estremecer, mas sabia que aquele não era o homem em suas memórias. Ele morrera, não é mesmo?

Vira-o morto! Ela mal sentiu o tremeluzir da lembrança, pairando à beira de sua mente, e tratou de empurrá-la de volta para os recessos escuros, com todas as forças que possuía. Aquele devia ser um filho ou um neto, ou mesmo um parente de Danilo. Não havia motivo para temê-lo. Devia haver pelo menos dez pessoas com o nome de Dyan Ardais vagueando por Darkover. Provavelmente era um nome comum! Então por que ela não acreditava nisso?

Apesar da cautela, Margaret descobriu que a curiosidade se agitava em seu íntimo. Ouviu os pensamentos de Rafaella com alguma inquietação. Como nenhum outro incidente de ouvir os pensamentos de pessoas ocorrera durante a manhã, ela quase conseguira se persuadir de que não era uma questão importante, que não passava de um pequeno talento, como a capacidade de fazer malabarismo. Especulou agora: por que vinha e voltava? Por que acontecia em algumas ocasiões, mas não em outras? Seriam as emoções fortes que causavam? Tinha de haver uma explicação lógica, se ao menos ela pudesse descobrir. Contudo, por mais que quisesse perguntar, alguma coisa dentro dela a mantinha silenciosa e furiosa.

Começava a sentir outra dor de cabeça, tentando descobrir. Assim, deixou de lado o problema. Em vez disso, especulou o que a Renunciante teria pensado se a visse com Ivor em Relegan, coberta apenas por algumas plumas e flores. Rafaella ficaria escandalizada, embora Ivor tivesse idade suficiente para ser avô de Margaret. Pelo que ela pudera deduzir sobre os costumes darkovianos, isso poderia não ser um problema. Mas não tinha certeza. Eles pareciam ter algumas idéias muito estranhas sobre o relacionamento entre os sexos, que Margaret ainda não compreendia direito. Considerava-se com idade suficiente para não precisar de uma acompanhante, mas era evidente que Rafaella se mostrava disposta a defender sua honra. Se não estivesse tão fraca, ela teria soltado uma gargalhada.

O homem que a fitou entre as cortinas da cama era de estatura mediana, cabelos louros e surpreendentemente bonito. Parecia ser da idade de Margaret ou um pouco mais jovem. Os olhos eram tão claros que quase pareciam incolores. Não era igual ao outro Dyan, o de suas recordações, pois aquele homem tinha cabelos escuros, não

é mesmo? Ele apressou-se em desviar os olhos. Margaret lembrou que era considerado uma grosseria em Darkover fitar nos olhos as pessoas do sexo oposto.

Por apenas um segundo, ela viu o rosto mais velho de Dyan Ardais se superpor ao do jovem. Tremeu um pouco. Eram muito parecidos na estrutura óssea, mas afora isso o visitante parecia mais com Lady Marilla. Não havia a impressão de poder que ela lembrava do outro Dyan. o queixo era estreito, como o de Marilla, e um tanto delicado. Ele se remexeu irrequieto ao lado da cama, olhando para as paredes e cortinas com a maior ansiedade, como se não gostasse de ficar dentro de casa.

— Dom Dyan — murmurou Margaret — não tenho palavras suficientes para lhe agradecer e à sua mãe por terem cuidado de mim.

Ele pegou uma das cortinas da cama e começou a preeguá-la entre os dedos.

— Você é mesmo Marguerida Alton?

A pergunta saiu de seus lábios como se não pudesse evitá-la. Ela tem a aparência de uma Alton... com um nariz grande demais para a beleza. Eu gostaria que a mãe fosse menos ambiciosa. Se ela me disser mais uma vez que pode ser uma aliança vantajosa, vou cair sobre a espada, e acabar logo com isso!

— Até onde eu sei, sou mesmo Marguerida Alton.

Ela queria ter ignorado os pensamentos, por mais desagradáveis que fossem. Um nariz grande demais para a beleza! Ainda bem que ela não era vaidosa. o rapaz, concluiu Margaret, procurava de propósito distraí-la de seus próprios pensamentos e da ansiedade que a dominava. Parecia muito dramático, ainda sob o controle da mãe.

— E realmente viajou nas espaçonaves para a Terra?

— Nunca estive na Terra, mas já visitei diversos outros mundos.

— Ahn... — Ele deslocou o peso do corpo de um pé para outro, apreensivo. — Eu gostaria de fazer isso também, mas não posso, porque tenho de ficar aqui.

— Deve ser difícil para você.

— Já chega-interveio Rafaella. — Disse que queria verificar se Domna Marguerida estava melhorando, não que queria conversar sobre lugares aos quais não poderá ir.

— Eu... peço desculpas. Espero que melhore depressa. Rafaella diz que é uma grande música. Talvez possa cantar para nós, quando estiver se sentindo melhor. Meu avô era um bom cantor, pelo que dizem. Não cheguei a conhecê-lo. Não herdei seu talento, mas adoro música.

— Agora é demais — interveio Rafaella, firme. — Não pode continuar aqui. Ela está fraca demais para ser incomodada.

Especialmente por alguém como você! Ao que tudo indicava, o jovem Lorde Ardais estava acostumado a receber ordens de mulheres, porque fez uma reverência e se retirou.

— Qual é o problema? — perguntou Margaret, depois que ele saiu. Rafaella ofereceu uma de suas fungadelas reveladoras.

— Os homens! Pensam que todas as mulheres estão ansiosas para casar e ter filhos... como se não tivéssemos nenhum outro propósito no mundo!

Margaret estava achando engraçado, mas evitou o sorriso.

— Todos os homens... ou apenas este em particular?

— Ele! Tem três filhos nedestro, mas até agora ainda não conseguiu arrumar uma esposa. Quase casou com uma das gêmeas Lanart-Hastur há poucos anos, mas ela tinha laran e foi para uma Torre. Não me lembro se foi Ariel ou Liriel... não posso determinar qual das duas, embora para gêmeas elas sejam tão diferentes quanto água e vinho. Ele é irmão de adoção de Mikhail Lanart-Hastur e foi criado com as meninas. O Comyn tem alguma cautela em casar um Ardais, desde a Rebelião de Sharra.

Rafaella fez uma pausa, os olhos se contraindo ao perceber que falara demais.

— Mas tudo isso é história antiga. Foi uma longa manhã para você. Por que não tira um cochilo? Mais tarde eu lhe trarei uma bandeja com sopa.

O termo irmão de adoção despertou uma vaga lembrança na mente de Margaret. Sabia que era uma prática comum em Darkover criar uma criança em outra família. Podia lembrar que o Senador

mencionara algumas vezes seu irmão de adoção... e compreendeu agora que ele devia estar se referindo a Lorde Regis Hastur. Parecia-lhe um costume muito estranho dar um filho para parentes ou estranhos criarem, mas não era uma prática desconhecida em outras sociedades humanas. A idéia, ao que tudo indicava, era a de que estranhos podiam disciplinar adolescentes melhor que os pais, podiam ser mais objetivos. Margaret tinha opiniões firmes sobre a questão da objetividade. Achava que era ótima para as ciências, mas um total absurdo para pessoas reais.

Havia alguma coisa no que Rafaella dissera em que ela não queria pensar... que sua mente parecia evitar deliberadamente. Sempre que tentava se concentrar no problema, o cérebro recusava-se a cooperar. Havia uma palavra, apenas uma palavra, que insistia em se esquivar, o que a irritava. Já era bastante ruim ter na mente uma porção de salas trancadas, sem que palavras isoladas provocassem um desconforto mental. Margaret lembrou-se de repente da história do Barba Azul, o homem que matava suas esposas. Ele sempre dava à última cômjuge as chaves do castelo, com a advertência de que não deveria abrir uma sala determinada... e é claro que a mulher ia abrir, tendo uma curiosidade humana.

Qual era mesmo a palavra? Ela vasculhou a mente por um momento. Ah, sim... Sharra! Não, não era essa. Era outra palavra, muito parecida, mas completamente diferente. Tinha alguma relação com a enorme pedra com que ela sonhava... ou seria a pedra com a cadeira dentro? Margaret sentiu que tremia toda, enquanto fazia um esforço para absorver fragmentos de memória.

E agora voltou o que pensara no dia anterior, com menos nitidez do que antes. Por isso, ela foi capaz de pensar a respeito, apenas tremendo um pouco. A cadeira e a presença que sentava nela, naquela câmara gelada, representavam seu Barba Azul pessoal. Tinha certeza. As pessoas punham chaves em sua mão a todo instante, mas ela não sabia que portas abriam... e tinha medo do que poderia encontrar no outro lado. Para ela, devia ser algo pior do que os cadáveres de esposas mortas.

Gostaria de nunca ter vindo para Darkover, mas agora era tarde demais. Margaret forçou-se a aceitar o presente sem

arrependimento. Não gostava, mas tinha de enfrentá-lo, não importava o que acontecesse. Se ao menos não tivesse ficado doente...

Tudo ao seu redor, o cheiro das roupas de cama, o som da chuva caindo, o próprio ar, falava ao seu coração do lar que jamais encontrara em nenhum outro lugar. Sua vida segura como associada de Ivor Davidson desvanecia-se para uma espécie de sonho. O que a deixava ressentida. Fora uma vida simples e feliz, repleta de interessantes desafios intelectuais e estranhos planetas, sem as complicações da família.

Família! Essa palavra significava muito em Darkover. Pela primeira vez, ela tinha uma família, que antes ignorava por completo. Descobrira um tio que, como ela, tinha um pé no Império Terráqueo e outro em Darkover. Desconfiava que Rafe era apenas a ponta de um iceberg. Parecia que todos em Darkover — ou pelo menos as famílias do Comyn — eram aparentados com todos, pelo sangue ou lealdade. E os parentes de Dio? Ela podia ter uma dúzia de tios e tias, centenas de primos de que Margaret nunca ouvira falar. Estes podiam não ser parentes de sangue, mas eram também sua "família".

Pela primeira vez, ela pensou no Senador e Dio como os exilados que eram, isolados da cultura em que haviam nascido, longe das ligações que transformavam o Comyn num corpo político e social. Margaret jamais considerara que seus pais podiam ser infelizes, que Lew podia beber em excesso para esquecer os cheiros e sons de Darkover. E Dio? Margaret nunca a ouvira se queixar, mas havia noites em que ela ficava olhando para o fogo na lareira com uma expressão de profundo pesar. Atizava a lenha e fungava. Margaret sabia agora que ela devia estar ansiando pela agradável fragrância do bálsamo queimando, que parecia impregnar todos os lugares, da choupana de Gavin aos corredores do Castelo do Comyn. Se ela reagia com tanta intensidade aos odores e sons depois de deixar Darkover quando tinha apenas cinco ou seis anos de idade, o quanto fora terrível para Dio e Lew, que haviam passado tantos anos de suas vidas naquele planeta?

Margaret persistiu na empatia recém-descoberta pelos pais durante algum tempo. Mas logo admitiu que se sentia irritada por ter sido mantida na ignorância de sua herança. Não fazia o menor sentido! Tinha de haver uma razão para o silêncio, alguma causa racional. Seu pai representava Darkover no Senado, mas nunca falava sobre o planeta em casa.

Lew, não posso mais suportar! A voz de Dio soava tão nítida como se ela estivesse no quarto no Castelo de Ardaís. Cada vez que menciono Darkover, Marja começa a gritar! Ela se enrosca toda, esconde os olhos. Tenho medo que comece a ter convulsões ou qualquer coisa parecida.

Eu sei, meu amor, eu sei. E lamento muito que você tenha de lidar com isso. Ela estava bem quando partimos... uma criança normal, se bem que um pouco agressiva. Era muito pequena para saber como ser uma telepata polida, não é mesmo?

Jamais esquecerei! A garota atrevida observava cada vez que fazíamos amor... era pior do que impolida; era intrometida! Mas quer saber de uma coisa? Eu gostaria muito que ela voltasse a ser assim, em vez de uma adulta remota num corpo de criança. o que aconteceu com ela?

Acho que a viagem foi traumática — sua alergia às drogas da viagem espacial- mas creio que há também algo mais. De alguma forma, houve uma... interferência em seus canais. Eu era apenas um mecânico, não uma Guardiã, mas não é preciso ser uma leronis para saber que Marja manteve alguma espécie de choque profundo. É bem provável que ela acabe se livrando, com o passar do tempo. As crianças têm uma flexibilidade maravilhosa.

Não creio que isso venha a acontecer, Lew. Não passa tanto tempo com ela quanto eu e, por isso, não pode julgar...

Não posso mesmo! Cada vez que olho para ela, lembro de Sharra e como Thyra parecia pequena ao morrer, como os cabelos de Regis ficaram brancos...

Creio que deveríamos levá-la de volta a Darkover, Lew.

Não, Dio. Acho que voltar a mataria... e com certeza me mataria!

Margaret piscou, aturdida. Ouvira mesmo essa conversa, ou era uma criação de sua fértil imaginação? o pai queria mantê-la em segurança, embora se angustiasse cada vez que a contemplava. Devia ter sido ainda pior quando crescera, porque ela sabia agora que tinha uma grande semelhança com a mãe, Thyra. Como ele devia ter se sentido aliviado, quando Margaret partira para a universidade em Coronis. Sem dúvida pensara que ela permaneceria sã e salva ali. Como o Senador poderia imaginar que o trabalho da filha, tão simples e tranqüilo, acabaria por levá-la de volta ao lugar que era mais perigoso para ela do que qualquer doença conhecida? Ele não poderia saber, a menos que visse o futuro, o que ninguém podia fazer... ou será que eles eram capazes?

Naquele momento, ela sentia que não corria qualquer perigo imediato de morrer. E verdade que poucos dias antes não poderia acreditar que sobreviveria ao estranho vírus que a dominara. Parecia que os piores medos de Lew não seriam consumados. Mas ela sentia-se ameaçada, acima de tudo pelos ardis que a mente vinha lhe pregando. Havia coisas espreitando dentro dela que poderiam, se não fosse capaz de lembrá-las em breve, levá-la à loucura. O que faziam com as loucas em Darkover?

Sharra! A palavra ressoou em sua mente, como um enorme sino num dobre de finados. O pai também a usara quando conversara com Dio. Brigham Conover a mencionara, relacionada com alguma rebelião. O que seria? Parecia um nome de mulher, mas não havia a lembrança de nenhuma pessoa para acompanhá-lo. Espere! Havia algo mais... a palavra tentava escapulir em sua mente. Quase a pegara! o suor brotou em gotas na testa. Quase, quase! Um som similar. Ela era música e lidava com sons. Então por que não podia... Ashara! Era isso! Um lugar e uma pessoa ao mesmo tempo. Margaret quase soluçou em triunfo.

Por um instante, "viu" a figura indistinta entronizada naquela sala fria e horrível. E depois o estômago se contraiu, o coração quase parou. Margaret comprimiu as mãos contra as cobertas, apegando-se com todo o empenho à vida. As palavras que recuperara com tanto esforço afundaram em sua mente, fazendo passar a sensação da mão enorme apertando seu coração. Espero

que tenham um bom lugar para as loucas aqui, pensou ela, enquanto resvalava para a segurança da inconsciência.

No início da noite, Margaret quase que voltara a ser como antes. Rafaella acordou-a com a tigela de sopa e várias fatias de pão. Ela comeu tudo tão depressa que quase passou mal. Mas depois que o alimento assentou no estômago, começou a se sentir quase normal. A força retornava a seu corpo. Sabia que desataria a gritar, se tivesse de continuar na cama por mais um minuto sequer.

— Vou me levantar — anunciou ela.

— Estou vendo — respondeu Rafaella, desaprovadora, enquanto Margaret estendia as pernas pela beira da cama. — Acha que pode?

— Preciso me movimentar. Se permanecer na cama por muito mais tempo, começarei a contar os pontos nos bordados das cortinas, por puro tédio. Não há nada para ler aqui. Eu quase que seria capaz de vender minhas crianças que vão nascer por um bom romance e uma caixa de bombons. Rafaella mostrou-se escandalizada.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Não fala sério, não é? Só os habitantes das Cidades Secas vendem crianças.

— Claro que não falo literalmente. Onde estão minhas roupas?

— Ahn... — A guia ficou aliviada. — Vou buscá-las. Os Terranan não vendem crianças, não é?

— Não, Rafaella, não vendem, nem as devoram. Pelo menos não nos mundos civilizados. Mas ouvi falar de uns poucos lugares, planetas muito primitivos, em que isso ainda acontece.

— Que coisa terrível!

Rafaella, com uma expressão de incredulidade, foi buscar as roupas de Margaret. Estavam bem lavadas e perfumadas com bálsamo. Ela levou a túnica ao nariz e aspirou fundo. Foi então que notou seu próprio cheiro. Mesmo com os freqüentes banhos de esponja, ainda era bem forte.

— Quero um banho de verdade primeiro.

— Está bem. — Rafaella parecia em dúvida. — Mas é melhor eu acompanhá-la, para não se afogar.

A Renunciante pegou as roupas de volta, depois ofereceu a Margaret um roupão quente e um braço forte. Deixaram o quarto a que ela estivera confinada por vários dias. Atravessaram o corredor e entraram na sala de banho, cheia de vapor. Ao chegarem, os ouvidos de Margaret zuniam. Ela teve de sentar por um minuto. Não estava tão bem quanto pensara.

Rafaella ajudou-a a tirar a roupa, depois levou-a para a enorme tina. Inclinou-se, consternada, tentando amparar Margaret. Acabou dando de ombros, tirou as próprias roupas, e entrou junto na tina.

— Hum... está muito agradável — murmurou Margaret.

A água quente dissipava suas dores. Sentia-se grata por Rafaella ter entrado na tina, pois o calor deixara-a um pouco tonta.

— Quer que eu esfregue suas costas?

— Seria ótimo.

Margaret sentia-se mais relaxada a cada segundo. Nem mesmo a presença tão próxima de outra mulher a perturbava. Afinal, já haviam partilhado uma cama; então por que não tomarem um banho juntas? Mesmo assim, era um pouco inquietante estar tão perto de outra pessoa sem roupa.

— Você falou há pouco sobre alguns planetas em que vendem crianças.

— Falei?

— Falou. Estou curiosa... se não se importa de me contar. Margaret deu de ombros e sentiu a água quente deslocar-se de um lado para outro. Rafaella pegou uma esponja grande ao lado da tina e começou a esfregar suas costas, gentilmente. Quando acabou, ela entregou a esponja a Margaret, para lavar o resto do corpo. Enquanto se esfregava, Margaret sentiu que relaxava tanto que era difícil pensar com clareza. Gostaria de se dissolver por completo na água.

— Não me importo nem um pouco, mas é difícil explicar para alguém que nunca esteve em outro mundo. Qualquer coisa... e é mesmo qualquer coisa... proibida num mundo pode ser um costume em outro, até mesmo algo obrigatório. Uma das maravilhas do Império Terráqueo é o fato de tantos planetas conseguirem conviver com tantas noções diferentes do que é o ser humano. Há alguns

lugares... não muitos... em que um homem tem de casar com uma de suas irmãs ou primas mais próximas para que seus filhos herdem as propriedades. Há outros em que uma mulher só pode casar com alguém com quem não tenha qualquer parentesco. Há estudiosos que passam a vida inteira pesquisando costumes sociais e escrevendo ensaios sobre suas descobertas. Todos presumem que a maneira como fazem as coisas em sua terra é o comportamento universal.

— Como alguém pode suportar? — Rafaella estava perplexa e angustiada. Margaret virou a cabeça para trás e fitou-a. — Casar com a irmã... que coisa terrível!

Ela passou sabonete nos cabelos de Margaret e começou a ensaboá-los.

— Mais terrível do que se reproduzir pelo laran?

De onde tirara essa idéia?, especulou Margaret. Ah, sim... da conversa com Lady Linnea no Castelo do Comyn. Ela suspirou. A impressão era a de que isso ocorrera em outra vida, com outra Margaret. Ela fechou os olhos para evitar a espuma do sabonete, respirou devagar e continuou:

— Há muito tempo um cientista disse que todo o propósito humano era a preservação dos zigotos, e nada mais importava. — Ela usou a palavra terráquea, pois não havia nenhuma equivalente em casta, ao que soubesse.

— Ele acrescentou que a Natureza não se importa nem um pouco com amor, dever ou qualquer outra coisa... só está interessada na perpetuação da raça.

Rafaella soltou uma pequena risada nervosa.

— Não deve ter sido alguém de Darkover. o que é um zigoto? Margaret pensou por um momento.

— O início de um bebê.

— Entendo... Ora, talvez ele fosse um pouco darkoviano. Mas não muito, porque o dever tem a maior importância aqui. E o amor também, embora um pouco menos.

A pele clara tornou-se rosada. Margaret não precisava ser uma telepata para adivinhar que Rafaella estava pensando no homem que não tivera tempo de ver antes de deixarem Thendara. Especulou

se deveria perguntar à outra mulher se conhecia Rafe Scott, mas depois refletiu que isso não era da sua conta.

E de repente, como se ele estivesse na sala, ouviu a voz de Lew, curiosa e trovejante. Cumpri meu dever, durante toda a minha vida! Tentei fazer meu pai feliz e tentei proteger Darkover da estupidez e ganância da Federação. Tenho sido um escravo do dever, Dio, e não sei se conseguirei suportar por mais tempo!

Margaret não podia determinar se lembrava essas palavras, ou se as ouvia enquanto eram ditas. Mas continham um certo imediatismo, uma estranha proximidade. Deixaram-na abalada, mais do que deveria acontecer. Ela se perguntou se algum dia se acostumaria a essas intromissões em sua mente, ou se desapareceriam por completo. Torcia pela segunda hipótese, mas tinha a incômoda suspeita de que ficaria muito desapontada.

— Acho que é melhor sairmos do banho agora... pois me sinto bastante tonta.

— Deixe-me enxaguá-la primeiro. — A Renunciante despejou água quente sobre a cabeça de Margaret, enquanto ela se segurava na beira da tina. — Agora, vou sair primeiro, depois a ajudarei.

Rafaella saiu da tina, pegou uma enorme toalha numa prateleira. Estendeu-a sobre os ombros, depois inclinou-se para a amiga. Enfiou as mãos sob as axilas de Margaret e ajudou-a a sair da tina. Margaret conseguiu passar as pernas pela beira e quase se manter de pé sozinha. Por um momento, apoiou-se em Rafaella, sem nada para separá-las, a não ser a toalha. Pôde sentir a pulsação da outra mulher, aspirar a fragrância de sua pele limpa. Mas logo Rafaella envolveu-a com a toalha, depois pegou outra para si mesma. Margaret teve uma vertigem momentânea, mas em seguida a cabeça desanuviou. Sentiu alguma coisa em seu íntimo, uma força que nada tinha a ver com ossos e músculos. Nem sequer tinha certeza de que a força era mesmo sua... pois havia alguma coisa fria e remota. As pernas, trôpegas um instante antes, pareciam firmes de novo. Ela aspirou o ar aquecido do banheiro. Compreendeu que estivera prendendo a respiração, como se tivesse medo da proximidade de outra pessoa, como se o contato físico fosse perigoso.

— Posso me enxugar sozinha — murmurou ela.

E Margaret deu um passo para trás, a fim de se esquivar ao contato. Rafaella fez uma cara de dúvida, mas limitou-se a acenar com a cabeça. Margaret enxugou-se um pouco, estremecendo nos pontos em que a pele era mais sensível. Ao terminar, o fluxo de força já havia se dissipado. Tinha a sensação de que poderia cair de novo a qualquer instante. Rafaella já vestia suas roupas. Notou a aflição de Margaret.

— Vamos sentar. — Ela pegou o braço de Margaret e levou-a até uma cadeira perto da parede. Acrescentou, jovial: — Mas que menina boba!

Margaret sorriu ao ouvir isso. Compreendeu que precisava de ajuda, mesmo que a deixasse contrafeita. Deixou que Rafaella a ajudasse a se vestir.

— Desculpe causar tantos problemas.

— Não são os problemas que me incomodam, mas sim a preocupação.

— Como assim?

— Marguerida, chiya, tenho andado fora de mim de tanta preocupação com você há vários dias. É o que tem acontecido com todo mundo. Dos problemas posso cuidar... sempre enfrentei muitos na vida. E agora levante os braços, para que eu possa pôr sua túnica.

— Sinto-me como um bebê!

— Sei disso... e é tão independente que detesta a situação. Mas uma das coisas que aprendemos na Casa de Thendara é a de que não devemos ter vergonha de precisar de ajuda... que somos irmãs, e irmãs devem se ajudar. E pode ter certeza de que não é fácil, porque as mulheres que ingressam nas Renunciantes são galinhas assustadas que não conseguem tomar uma decisão, ou autênticos galos de briga, querendo mandar em todo mundo.

Margaret teve de rir da descrição.

— E que tipo você é?

Rafaella sacudiu a cabeça, fazendo esvoaçar os cabelos soltos.

— Ninguém jamais me assustou!

Eu não permitiria, e quem tentar vai se dar mal. Mas você me faz sentir uma galinha chocadeira com um ninho de um ovo só. Um ovo de galo! E demais!

— Eu já imaginava isso. — Margaret fez um esforço para se levantar, a fim de vestir a saia com mais facilidade. — Gosta de ser uma Renunciante, Rafaella? Afinal, há uma ênfase muito forte em Darkover para o casamento e a família.

— É verdade. Mas minhas irmãs são minha família. E as crianças são bem-vindas na Casa de Thendara, tanto quanto em qualquer outro lugar. Apenas não preciso de algum homem para me dizer o que fazer. — E "ele" me proporciona o sentimento de que nunca faria isso! Espero poder confiar nele... mas os homens são criaturas tão estranhas!- Agora, vamos voltar ao quarto. Você precisa deitar um pouco. Se estiver se sentindo mais forte depois de um descanso, poderemos jantar à mesa.

— É uma perspectiva maravilhosa. Quase esqueci como é comer à mesa. E, de repente, me sinto faminta!

— Um bom sinal, que me deixa bastante aliviada. — Rafaella sorriu. -Foi uma boa paciente, exceto pela insistência em querer se levantar a cada segundo!

Duas horas depois, Margaret desceu a escada comprida, apoiada no braço de Rafaella e segurando o corrimão com a outra mão. Sua energia parecia aumentar e diminuir a todo instante, sem qualquer padrão definido. Assim, ela sentia-se fraca num momento e forte no seguinte. Rangia os dentes, contente pelo braço forte de Rafaella para se apoiar, e apreensiva pelo contato físico ao mesmo tempo. Julian Monterey, o coridom, esperava na base da escada.

— É um prazer vê-la de pé e andando, domna — disse ele a Margaret. — Ficamos muito preocupados.

— Lamento muito se causei preocupações a alguém... que maneira para uma hóspede se comportar!

Ela fez uma careta, e ficou satisfeita quando o coridom riu.

— Vou conduzi-las ao salão de jantar.

— Obrigada. O aroma delicioso chega até aqui.

Agora que não estavam mais na escada, Rafaella largou o braço de Margaret. Mas permaneceu ao seu lado, pronta para

ampará-la, se cambaleasse. Era uma presença confortadora, confiável e forte. Margaret lançou-lhe um olhar afetuoso.

Julian atravessou o vestíbulo na frente. Entraram num salão grande, onde a mesa fora posta para a refeição noturna. Um fogo agradável ardia na lareira. Havia lindas tapeçarias penduradas nos lados da lareira. Uma delas mostrava um homem empunhando uma espada flamejante, a outra uma mulher com uma pedra cintilante nas mãos. Seus rostos eram obras-primas da arte dos tapeceiros. Contemplavam o salão dos fios com uma profunda serenidade.

Dois homens estavam de pé na frente da lareira. Um deles era o jovem Lorde Ardais, que invadira antes o quarto de Margaret, para a grande irritação de Rafaella. o outro era um estranho. Viraram-se ao som dos passos, observando as recém-chegadas com olhares de esguelha, a fim de evitar a grosseria do olhar direto.

Dyan Ardais adiantou-se e abriu a boca para falar, mas Julian Monterrey antecipou-se:

— Senhoras, permitam que lhes apresente Lorde Dyan Ardais e Mikhail Lanart-Hastur, seu irmão de adoção e pajem. Senhores, esta é Domna Marguerida Alton. Já conhece sua companheira, Dom Dyan, Rafaella n'ha Liriel. Mas não sei se já a encontrou antes, Dom Mikhail.

o tom de sua voz deixava claro que ele esperava que as formalidades apropriadas fossem respeitadas. Quase que certamente sabia da invasão do quarto de Margaret por Dyan, e não aprovava. Dyan lançou para o corredor um olhar de rebelião moderada, depois assumiu um ar de arrogância que fez Margaret estremecer. Era muito parecida com a atitude do outro Dyan.

— Mestra Rafaella e eu já nos conhecemos, mas é com prazer que dou as boas-vindas à Dama de Alton no Castelo de Ardais.

Ele fez uma pequena reverência. Margaret refletiu que Dyan podia ser um jovem mimado, mas tinha maneiras requintadas quando decidia demonstrá-las.

Apesar disso, ela mal o notou. Foi o outro homem que atraiu sua atenção.. . e atraiu com muito mais intensidade do que ela gostaria. Quase o fitou fixamente, e teve de fazer um esforço grande para desviar os olhos.

Mikhail Lanart-Hastur tinha alguma semelhança com Lorde Regis, mas era mais alto e, Margaret calculou, mais ou menos de sua idade. Tinha cabelos claros emoldurando uma testa larga, a boca feita para o riso, os olhos de um azul extraordinário. Ao mesmo tempo, havia algo hesitante em sua postura, como se não tivesse certeza de sua posição. Apesar disso, Margaret sentiu uma simpatia instantânea por ele, pois havia uma certa firmeza em Mikhail, uma qualidade de que Dyan carecia por completo.

— É um prazer conhecê-la — disse ele, com uma bela voz de tenor, embora não parecesse muito satisfeito.

Margaret sentiu-se ligeiramente repelida, o que aumentou seu interesse. Mas logo se repreendeu por ser uma idiota rematada. O que havia de especial nele? Já vira homens bonitos antes, pois não havia nenhuma deficiência de machos atraentes na universidade... e muitos tinham uma aparência melhor que a de Mikhail Lanart-Hastur. Ela contemplou a boca cheia, tão cautelosa apesar de sua generosidade, os olhos que exibiam uma certa tristeza. Observou-o deslocar-se de um pé para outro, irrequieto. Ela também fazia isso, quando não se sentia segura. Lady Marilla entrou no salão nesse instante, sorrindo, para interromper os pensamentos de Margaret.

— É um prazer vê-la de pé e recuperada, Marguerida. Espero que não se importe com esse tratamento íntimo... mas me parece um absurdo usar títulos e formalidades num jantar de família. Somos bem modernos aqui em Ardais, como sabe. Meu filho foi educado ao estilo terráqueo, e as mulheres da casa aprenderam a ler e escrever com alguém da Guilda de Rafaella... da Casa de Neskaya. Não que isso tenha sido de grande proveito. Elas ainda não conseguem perceber a vantagem da instrução. Mas vivemos isolados aqui, e pensei que deveríamos ser bem informados. Lorde Dyan... o pai de meu filho... deve estar se revirando na sepultura. Ele desaprovava tudo o que era terráqueo.

Ela gesticulou para que todos sentassem à mesa, enquanto continuava a falar:

— Além do mais, Marguerida, já tenho idade suficiente para ser sua mãe. Puxa, como você é alta! Eu não tinha percebido antes.

E uma pena que ela seja um palmo mais alta do que Dyan!

Margaret ignorou esse comentário silencioso. Há muito que desistira de se sentir angustiada por causa de sua altura, embora fosse um fardo terrível quando era garota.

— Meu pai é muito alto. Suponho que saí a ele.

Ela sentiu uma súbita dúvida, se seria capaz de suportar uma refeição inteira com esse tipo de conversa. Tinha a boca ressequida, com as primeiras indicações de uma tremenda dor de cabeça. Talvez se levantar não tivesse sido uma idéia tão boa, no final das contas.

Margaret sentou entre Manila, à cabeceira da mesa, e Mikhail, à sua esquerda. Rafaella sentou na sua frente, com Dyan no seu outro lado. A disposição, a julgar pelas expressões azedas, não agradou a ninguém.

— Julian, por favor, pode mandar trazer a comida — disse Manila. Poucos momentos depois um criado entrou no salão, carregando uma terrina com sopa. Erguia-a bem alto, como se fosse uma ocasião muito especial. Quase que estragou o efeito ao virar os olhos na direção de Margaret, como se estivesse na maior curiosidade. Julian tossiu de leve, fazendo-o recuperar o controle. Outro criado apareceu, com uma bandeja em que havia tigelas em azul e branco. Ficou segurando a bandeja, enquanto o primeiro servia a sopa em cada tigela, e depois a punha na frente dos comensais, com uma expressão solene.

Os vapores que se elevavam da sopa tinham um aroma delicioso. Margaret teve alguma dificuldade para conter sua fome, até que Lady Marilla pegou sua colher e começou a comer. Estava uma delícia. Só depois de tomar tudo é que ela examinou a porcelana. Era muito delicada. Margaret compreendeu que era a primeira vez que via artefatos para comer que não eram de madeira.

— São lindas tigelas, Lady Marilla. Ainda não vi nada igual em Darkover. Era um comentário polido, mas Margaret, animada pela excelente sopa, estava senso sincera.

— Muito obrigada.

A mulher quase transbordava de orgulho.

— Essa não! — murmurou Dyan, atraindo um olhar surpreso de Margaret. — Lá vamos nós outra vez...

— Esta louça foi feita em nossos fornos, aqui em Ardais — informou Marilla, como se o filho não tivesse falado.

— Terá de perdoar minha mãe. Ela tem uma obsessão por argila... uma coisa vulgar.

Ele fungou, como se estivesse embaraçado. Margaret começava a pensar que o jovem Lorde Dyan precisava corrigir suas maneiras. Sentiu Mikhail se remexer ao seu lado, e lançou-lhe um olhar rápido. Ele tinha algum rubor espalhado pelas faces, e olhava para Dyan com uma expressão dura nas feições simpáticas.

— Ao contrário, Lorde Dyan. Em alguns planetas, a boa porcelana é apreciada acima de pedras e metais preciosos. Não sou perita, mas estas tigelas são muito bonitas, com um ótimo padrão... e originais também.

Marilla tentou disfarçar sua satisfação, mas não conseguiu, pois o rosto se tornou radiante de prazer. O que tirou vários anos de sua idade, pois algumas rugas desapareceram, a boca relaxou, como não acontecia antes.

— É apenas um padrão antigo, mas fico feliz por você ter gostado. Já deve ter comido em peças muito melhores, com toda a certeza, sendo a filha do Senador.

Margaret riu e balançou a cabeça. Alguns fios de cabelos escaparam da travessa de borboleta na nuca. Rafaella prendera a travessa, mas os cabelos sedosos tinham o péssimo hábito de se soltar de qualquer restrição. Fizeram cócegas em seu rosto de maneira incômoda.

— Talvez meu pai usasse porcelana, mas na maioria das vezes eu comia em horrores de plástico inquebráveis... quando não usava folhas como prato em algum mundo estranho.

Ela largou a colher, compreendendo que se tomasse mais uma gota sequer não deixaria espaço para qualquer outra coisa.

— Folhas? — Dyan fitou-a através da mesa, depois baixou os olhos. — É um novo costume no Império?

— Não — respondeu Margaret, calmamente. — Apesar da posição de meu pai, eu não freqüentava os círculos mais elevados da Federação. Passei a maior parte da minha vida adulta visitando lugares da galáxia em que as pessoas ainda não haviam inventado...

ou não desejavam inventar... coisas como boa porcelana. Uma folha larga é um bom prato, pois não é preciso lavar depois do jantar.

Ela pôde sentir a incredulidade ao redor da mesa, exceto de Rafaella. Mas pelo menos não ouviu pensamentos, o que era um alívio.

Julian Monterey sentou ao lado de Dyan Ardais, quando o prato seguinte foi servido: peixe fresco frito com perfeição. Margaret ficou contente porque as cabeças haviam sido removidas. Detestava comer qualquer coisa que olhasse para ela. O criado serviu taças com vinho. Ela tomou um gole. Era seco, um bom acompanhamento para o peixe. Ela especulou onde em Darkover fazia bastante calor para se cultivar uvas. Quase perguntou, mas exigiria um grande esforço.

Não houve conversa por vários minutos, com todos concentrados em remover as pequenas espinhas, e depois comer a carne delicada. Margaret já se sentia satisfeita. Concluiu que seu estômago encolhera durante a doença, pois em circunstâncias normais tinha um saudável apetite... quando se lembrava de comer. Muitas vezes ficava tão absorvida em seu trabalho que pulava algumas refeições, compensadas depois. Ela deixou que a mente vagueasse no silêncio. Começava a relaxar, com o vinho e o calor.

Mikhail tornou a se remexer na cadeira. Margaret levantou os olhos da comida para fitá-lo. Ele também a fitou, os olhos contraídos, quase hostis. Abriu a boca para dizer alguma coisa, tornou a fechá-la. Mas um instante depois abriu de novo, obviamente decidindo fazer algo que achava que não deveria fazer.

— Quer dizer que voltou a Darkover para expulsar meus idosos pais de sua casa?

Margaret ficou tão surpresa que quase deixou cair o garfo.

— Como? Por que eu faria isso?

Ela podia sentir que Mikhail enfrentava algum conflito, uma tremenda aflição, mas não tinha idéia do que o causava. Detestava discussões. Costumava se afastar ao primeiro sinal de briga, a menos que envolvesse a burocracia terráquea. Como a maioria das pessoas na Federação, ela achava que tinha o dever de frustrar burocratas sempre que possível.

Para variar, no entanto, ela não experimentou o menor desejo de recuar ante a provocação. Mais do que isso, concluiu Margaret, até queria discutir com aquele estranho. Toda a sua raiva reprimida parecia ansiosa por encontrar um foco, alguma coisa para atacar. E, sem qualquer motivo que pudesse discernir, sentia-se bastante segura para discutir com ele. Era uma sensação intrigante, como se ele não fosse um estranho, mas alguém que ela quase conhecia. Um absurdo, é claro. Queria gostar de Mikhail, e não podia imaginar por quê. Sentiu um súbito afeto por ele, logo seguido por um calafrio que a envolveu por completo. Vai se manter apartada de todo mundo... não importa o que possa acontecer!

— Armida é sua, por direito, embora meu pai a tenha mantido há anos e anos.

Margaret ficou tão distraída pela súbita intromissão em sua mente que demorou um pouco para responder. Sentia o corpo frio e ameaçado, embora não soubesse se era pelo senso da presença estranha dentro dela, ou pelo homem furioso ao seu lado. Talvez pelas duas coisas. Havia algo intimidativo no olhar de Mikhail, pois ele fitava seu rosto diretamente, o que não combinava com as boas maneiras. Margaret baixou os olhos, porque havia alguma coisa nele que pressionava seu coração de maneira perturbadora.

Tornou a levantá-los um momento depois, incapaz de continuar a olhar para seu colo por mais tempo. Quem era aquele homem? E por que ela sentia que o conhecia? E como podia pressionar seu coração daquele jeito? Ela estava velha demais para ter a cabeça virada por um perfil bonito e olhos azuis fascinantes.

— Seu pai? — balbuciou ela. — Perdoe-me, Lorde Mikhail, mas não tenho a menor idéia do que está falando. Ou devo chamá-lo de Lorde Hastur-Lanart?

Ele se mostrou perplexo com a resposta, como se a ignorância de Margaret o pegasse de surpresa. Mexeu os ombros, como se fizesse um esforço para se controlar. Droga! Ela tem os olhos mais lindos que já vi! E esse queixo... nunca pensei que um queixo quadrado pudesse ser tão encantador numa mulher. Deve pensar que não passo de um caipira idiota... e sou o único culpado por isso!

— Não sabe realmente, não é? o que é espantoso. — Ele desviou os olhos, respirou fundo e continuou a falar, como se recitasse uma lição que detestava: — Sou o filho mais jovem de Gabriel Lanart-Hastur, que é parente de seu pai, e Javanne Hastur, que é a irmã mais velha de Lorde Regis Hastur. Tenho dois irmãos, Gabriel e Rafael. Nós três somos conhecidos como os "Anjos Lanart", porque temos os nomes dos arcanjos cristoforos. Também temos duas irmãs, Ariel e Liriel.

Havia um tom de sarcasmo em sua voz. Ele fez uma pausa e olhou para ela, esperando uma resposta.

— Deve ser ótimo. Sempre desejei ter irmãos e irmãs. Suas irmãs também são anjos?

Margaret sentiu-se como uma idiota, assim que as palavras saíram de sua boca. Mas ainda não conseguia encontrar o menor sentido no que ele dissera. Percebeu que Lady Marilla continuava a comer o peixe, em porções pequenas, enquanto Dyan a observava em evidente confusão. Só Rafaella parecia consciente de que havia algo fora do normal, pois alteou as sobancelhas para Margaret e ofereceu um rápido sorriso de apoio, como se dissesse "Não se preocupe". Mas Mikhail soltou uma risada. Margaret sentiu que a tensão dele se dissipava.

— Minha mãe não acha que qualquer um de nós seja angelical.

— As mães raramente acham isso — interveio Lady Marilla, secamente.

Ela lançou um olhar para o filho, como se estivesse infeliz por Dyan não conversar com Margaret, deixando que Mikhail conquistasse toda a sua atenção.

— Ainda não entendo nada — queixou-se Margaret, começando a se sentir ao mesmo tempo cansada e um pouco aborrecida com seus companheiros à mesa. — Devo ficar impressionada, intimidada ou apenas humilde?

— Todas essas coisas seriam convenientes — comentou Dyan, um tanto malicioso.

Lady Marilla silenciou o filho com um único olhar.

— Não pensei que você soubesse tão pouco sobre os Altons, Marguerida.

— Pouco? Às vezes acho que nem isso eu sei! Ela foi recompensada por risos.

— Deve admitir, Mik, que você confundiu tudo — comentou Dyan, ignorando a mãe.

— Tem razão.

— Então por que não começa do início? — sugeriu Margaret, com pena de Mikhail.

Podia sentir o embaraço de Mikhail, e não esquecera que ele gostara de seus olhos. Ninguém jamais os admirara antes. Ela descobria que gostava bastante de ser admirada. Era um estranho sentimento, no entanto, e Margaret notou a agitação irrequieta da presença fria dentro dela.

— Oh, não! Desde o início? — Mikhail fez uma pausa, organizando os pensamentos. — Não sei o que posso dizer.

Ela podia sentir o conflito do homem, embora os pensamentos de Mikhail não fossem bastante claros para causar uma impressão em sua mente. Concluiu que era melhor assim, porque havia alguma coisa nele que preferia não conhecer.

— Acusou-me de planejar despejar seus velhos pais na neve, como algum senhorio num melodrama. E depois desfia sua linhagem, como se isso explicasse tudo. Mas não explica... e ainda espero que me conte tudo direito.

Margaret tentava se manter calma e racional, mas ainda se sentia fraca demais para impedir que a voz se elevasse em estridência. Rafaella fitou-a, um pouco alarmada, e fez menção de falar. Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Mikhail perguntou, como se fosse uma coisa que ela devesse responder:

— Mas o que planeja fazer com Armida?

— Por que eu deveria fazer qualquer coisa com Armida? E por que todo mundo presume que vou reivindicar uma coisa que nem sequer me pertence? Meu pai continua vivo, pelo que sei, e portanto Armida é problema dele, não meu.

— Ele renunciou aos direitos que tinha, mas não aos direitos de sua filha — comentou Mikhail.

— Pode se intitular um anjo, mas suas maneiras não têm nada de angelicais, Lorde Mikhail. o que eu faria com Armida? Nada sei de

agricultura ou criação de cavalos. Sou uma pesquisadora da universidade, não a intrusa que todos insistem que eu deveria ser.

Margaret sentiu o rosto arder em sua fúria por não ser entendida. Não era justo.

— Perdoe-me se não acredito, damisela.

Quero acreditar, mas como posso? E o pai não vai me agradecer por defender seus interesses... não consigo fazer nada certo! Mas ela não pode ser tão ignorante quanto alega... é impossível!

— Pode acreditar no que bem quiser!

Margaret podia sentir que Lady Marilla a observava, de maneira que parecia mais desconfiada do que solícita. Sua cabeça recomeçou a latejar, o estômago se contraía, embora ela não pudesse determinar se era pelos efeitos persistentes da estranha doença ou em decorrência da conversa com Mikhail. Se as pernas estivessem mais firmes, ela teria se levantado e se retirado, tratando das conseqüências mais tarde.

A raiva fervilhava em seu corpo, e ela tentou silenciá-la. Projetou o rosto do pai em sua mente, tentando desviar a fúria para ele, já que achava que Lew era o culpado pela maior parte de seus problemas. Mas não conseguiu. Em vez disso, divisou apenas o rosto bonito de Mikhail, sendo deliberada-mente insuportável, por motivos que ela desconhecia. Margaret sentiu um desejo de esmurrá-lo no queixo forte, apenas para aliviar os sentimentos conflitantes de atração e repulsa.

Antes que alguém pudesse falar de novo, houve uma batida firme na porta da frente. Julian levantou-se, calmamente, e deixou o salão de jantar. No silêncio subsequente, Lady Marilla aproveitou a brecha quase com ansiedade:

— Acha que a nossa porcelana encontraria um mercado nos mundos em que as pessoas comem em folhas, Marguerida?

Havia alguma coisa na voz de Marilla que sugeria que ela achava que Margaret zombava ao falar das folhas. Era uma insinuação de humor que ela não percebera antes em sua anfitriã.

— É muito bonita e bem feita, e há uma grande demanda por produtos assim em muitos mundos.

Era um alívio ser capaz de entender uma pergunta e dar uma resposta racional. Aquelas pessoas eram mesmo estranhas. Mas o que mais ela podia esperar? Não sabiam praticamente nada a seu respeito, exceto que seu pai era Lewis Alton e que ela era a herdeira legal de um Domínio. Claro que não acreditariam que ela não queria a propriedade... pois não condizia com a experiência de todos ali.

Margaret podia ouvir duas vozes no vestíbulo, a de Julian e a de uma mulher. Tentou não prestar atenção ao que diziam, mas não foi capaz de se conter. Começava a sentir a nuca arrepiada. Teve certeza de que a recém-chegada era alguém que queria evitar.

Julian voltou, acompanhado por uma mulher pequena, com um manto de viagem por cima do vestido escarlate, que parecia cintilar à luz do salão de jantar. Apesar da estatura reduzida, ela irradiava um ar de enorme autoridade. Correu os olhos pela sala, fixando-os em Margaret. Por um instante, os olhos das duas se encontraram. Margaret se encolheu toda.

— A Ieronis Istvana Ridenow, Milady — anunciou o coridom.

Capítulo Treze

Margaret deu uma olhada na mulher, e o resto de seu apetite desapareceu por completo. Havia alguma coisa misteriosa na firmeza daqueles olhos cinza, uma impressão de implacável no jeito empinado dos ombros estreitos. Só a boca, larga demais para o rosto oval, oferecia uma insinuação de flexibilidade, pois havia rugas ali que falavam de um riso antigo.

Sua mente repetiu o nome da mulher — Istvana Ridenow — e Margaret começou a perceber uma ligeira semelhança com Dio, sua madrastra. Dio talvez fosse três ou quatro centímetros mais alta, mas tinha a mesma estrutura óssea. Os cabelos por cima da testa alta eram claros, prateados agora, mas com aquele tom amarelado que as loiras sempre conservam. Era o mesmo padrão dos cabelos de Dio. Há muito tempo que ela não via Dio, e não tinha um retrato recente. Era bem possível que ela também estivesse agora com a cabeça branca.

Por um instante, Margaret teve uma impressão do rosto de Dio, contraído pela dor e com um cansaço profundo. Parecia velha, muito velha. Margaret sentiu que estremecia e agarrou a beira da mesa com dedos gelados.

Lady Marilla levantou-se, deixando o guardanapo cair no chão de pedra. Um sorriso genuíno abrandou suas feições afiladas, enquanto atravessava a sala para cumprimentar a recém-chegada.

— Isty! Não esperava por você antes de amanhã! Julian... pegue o casaco, e ponha outro lugar à mesa! Você deve estar exausta.

— Pare com esse estardalhaço, Mari. Sabe que nunca me canso. — A voz era profunda, um suave contralto, firme e autoritária, de uma pessoa acostumada a ser obedecida. — Lorde Ardais, Lorde Hastur.

Ela cumprimentou os homens por um breve instante, mas seus olhos focalizavam Rafaella e Margaret.

— Ah, Isty, sempre a mesma! — Marilla Aillard não parecia nem um pouco intimidada. Balançou a cabeça, como se recordasse

algun incidente agradável. — Se não se sente cansada depois da viagem, devia estar. Os cavalos são muito mais cansativos do que trabalhar nas redes de transmissão.

Ela se inclinou e deu um beijo de leve no rosto da outra mulher. o gesto foi retribuído com carinho.

— Vim tão depressa quanto pude. Sua mensagem indicava que era urgente.

Istvana dava a impressão de que desconfiava que fora arrastada do lugar em que se encontrava sem um bom motivo, o que a deixaria aborrecida. Marilla mostrou-se um pouco ansiosa agora.

— E era mesmo, Isty.

Uma pena que ela tenha chegado agora, não amanhã, como eu esperava.

— Mas não é mais urgente?

Havia uma certa qualidade na voz de Istvana, uma tensão que contradizia a sua alegação de que não se sentia cansada.

— Deve julgar por si mesma — esquivou-se Marilla, a ansiedade aumentando, já não mais a grande dama como antes. — Quero lhe apresentar minhas hóspedes, Istvana.

Ela levou a recém-chegada, agora sem o manto, até a mesa, onde um criado já punha um prato limpo e talheres.

— Não me diga que continua a ser a mesma jovem volúvel que estive em Neskaya há tantos anos, Mari.

A Ieronis disse as palavras gentilmente. Margaret pôde perceber a profunda afeição por trás. Também percebeu que Mikhail e Dyan faziam um esforço para não rir do comentário, as faces se avermelhando da risada reprimida. Ela não podia culpá-los nem um pouco. Volúvel era uma palavra bastante apropriada para a anfitriã. Marilla ignorou o riso contido e a crítica, apressando-se em dizer:

— Istvana, eu gostaria de lhe apresentar Domna Marguerida Alton e sua companheira, Rafaella n'ha Liriel.

Os olhos cinza estudaram as duas mulheres. Margaret sentiu que fora examinada e considerada deficiente, sem que uma única palavra fosse pronunciada. Depois, especulou se a mulher sabia quem era quem. Afinal, ela e Rafaella eram parecidas na cor dos

cabelos, idade e altura, o suficiente para serem confundidas. Não... os cabelos mais curtos da Renunciante serviriam como um aviso para Istvana. Mas logo as palavras da Ieronis baniram a questão de sua mente. Ela fitou Margaret e disse:

— É uma honra conhecê-la, Lady Alton. É uma situação... inesperada. Esteve doente?

— A honra é minha — respondeu Margaret, a voz fria. — Ao que parece, as imunizações fornecidas pelos terráqueos não são tão eficazes quanto eles prometeram que seriam. Tive uma reação a organismos locais. Ou foi um problema da altitude.

Ela não acreditava em suas próprias palavras. Sentia-se fraca e doente, mas estava determinada a não deixar transparecer, por um instante sequer. A cabeça latejava e a boca começava a dar a impressão de que comeria limalha de ferro, não uma sopa excelente e um peixe fresco.

Istvana e Marilla trocaram um olhar eloqüente. Margaret observou, e sentiu a pele arrepiar. Baixou os olhos para seu prato. O resto do peixe estava frio agora, e ela sentia a garganta quase fechada. A simples idéia de comer mais alguma coisa a fazia estremecer. o impulso para levantar da mesa e voltar para seu quarto, tão depressa quanto possível, foi enorme. Só a certeza de que carecia da força necessária para subir a escada sozinha a manteve na cadeira. Em vez de se retirar, cruzou as mãos sobre o colo e tentou se fazer invisível, a atitude que assumia com freqüência quando era pequena.

Istvana, obviamente, concluíra que comer era uma boa idéia, pois tratou de sentar à mesa. Margaret fez um esforço para não observá-la, mas a todo instante seus olhos eram atraídos para a estranha. Seu peixe inacabado foi removido, e um prato de cereais, legumes e alguma carne servido. Ela contemplou-o, horrorizada, e mordeu o lábio.

A Ieronis comia com delicadeza, mas sem parar, com um apetite que Margaret achou extraordinário. Onde ela punha toda aquela comida? Silêncios prolongados entremeavam os poucos acessos de conversa que pareciam definir quase antes mesmo de começarem. A refeição foi se arrastando. Havia uma certa cautela ao

redor da mesa, a descontração fácil anterior e a discussão com Mikhail banidas pela presença da recém-chegada. Era evidente que todos procuravam fingir que não havia nada de extraordinário na presença da Ieronis. Mas Rafaella contara o suficiente, durante a viagem, para que Margaret soubesse que era raro para as Guardiãs deixarem suas Torres, o que quer que fosse isso. Ela sabia também que a presença da mulher fora motivada por sua doença, e que naquele momento Istvana e Marilla conferenciavam, sem trocar uma só palavra em voz alta. O que também a deixava arrepiada, mas não era capaz de pensar em nada que pudesse fazer. Poucas vezes, em toda a sua vida, sentira-se tão impotente e desamparada.

Lorde Dyan, depois de um olhar da mãe, iniciou um bravo esforço para animar a conversa. Fez uma pergunta sobre cavalos a Rafaella, que respondeu. Mikhail entrou na conversa, e os três passaram a discutir algumas linhagens famosas de cavalos. Era tudo incompreensível para Margaret, mas ela sentiu-se agradecida por não contarem com sua participação. Mal conseguia respirar naquele momento, seria totalmente impossível falar. Ela revisou sua opinião anterior sobre Dyan como um jovem fraco. Sentiu Mikhail remexer-se ao seu lado. Lançou-lhe um olhar rápido. Ficou surpresa quando seus olhos se encontraram. Ele exibia uma expressão indecifrável. Margaret apressou-se em baixar os olhos para seu prato, contemplando a comida repulsiva com crescente náusea. O olhar de Mikhail fora quase de compaixão, o que ela não podia suportar. Como ele ousava? Não passava de um idiota. E, se a fitasse de novo daquele jeito, ela lhe daria um tapa!

Margaret podia sentir que sua temperatura recomeçava a subir. Bebeu água, sedenta. O pensamento de tomar vinho era abominável. Ansiava por sua cama, o silêncio em vez do barulho de talheres contra o prato. O ruído penetrava até o fundo de seu cérebro, como lascas de vidro. Se não tivesse insistido em se levantar!

Istvana Ridenow largou o guardanapo ao lado do prato e levantou-se, abruptamente. Todos se apressaram a empurrar suas cadeiras para trás, levantando ao mesmo tempo. Margaret foi lenta na reação. Percebeu que Mikhail a observava com preocupação, o

que a agradou e irritou. De pé, foi dominada por uma vertigem que a fez balançar. Rafaella deu a volta à mesa com surpreendente rapidez, segurando seu cotovelo para ampará-la com firmeza. Depois, a Renunciante lançou um olhar furioso e acusador para todos. Margaret sentiu que a força e a lealdade da mulher envolviam-na como um cobertor quente.

— Pode usar minha sala de estar, Istvana — sugeriu Lady Marilla. -Não mudou muito desde a sua última visita.

Margaret olhou de Istvana para Marilla, constatando que ambas mantinham expressões neutras. Tinha certeza de que conversavam entre si sem que os outros ouvissem... embora dissesse a si mesma que isso era impossível. Não captou nenhuma indicação, pelo que sentia-se grata. Deveria ficar contente por não ouvir a conversa entre as duas, não é mesmo? Podia agora escapar para seu quarto e se meter na cama. E assim que estivesse recuperada, voltaria para Thendara e... a cabeça doía demais para pensar além disso. Mas sua esperança foi logo frustrada.

— Domna, se quiser me acompanhar — disse Istvana, calmamente -poderemos tentar descobrir a causa de sua doença.

— Eu disse que era apenas...

— Deve confiar em mim, chiya. Sei o que é melhor.

A Ieronis falou de tal maneira que não admitia discussão. Margaret não se sentia bastante forte para discordar. Por que todos pensam que sabem o que é melhor para mim? Nem sequer me conhecem direito! E pior ainda, nem eu mesma me conheço mais. Gostaria de nunca ter vindo para cá. Por que tinha de ficar doente! E quem é ela para dar ordens a todo mundo, inclusive a mim? Acho que todos têm um pouco de medo dela... sei que eu tenho. Mas por quê?

Rafaella ajudou-a a deixar o salão de jantar e atravessar o vestíbulo. Seguiram Istvana para uma sala modesta, onde um fogo crepitava na lareira. Havia ali um sofá confortável, várias poltronas, e uma armação de bordado, com um trabalho inacabado. As cores predominantes na sala eram azuis suaves e brancos cremosos. Era bastante aconchegante. Margaret teria gostado, se não se sentisse tão mal.

— Deixe-nos — murmurou Istvana para Rafaella, com uma expressão gentil. — Prometo que Marguerida estará em absoluta segurança comigo.

— Não a canse, vai domna. Só hoje é que ela saiu da cama.

A Renunciante deixou a sala, ainda relutante. Margaret arriou num sofá, exausta pela curta caminhada. Mas que mulher intrometida! Se ela fizer mal a Marguerida, eu vou... o pensamento não foi concluído, pois Rafaella não foi capaz de decidir o que faria. Margaret sentiu-se sozinha e assustada sem a presença de sua companheira.

Istvana Ridenow sentou na sua frente e ajeitou as dobras da túnica no colo. o silêncio entre as duas só foi rompido, quando um criado trouxe uma bandeja com um bule de chá, xícaras e uma garrafa delgada, com o que parecia ser um licor. Era de um azul surpreendente... ou então era essa a cor do vidro. Margaret olhou para a garrafa com uma certa cautela. Não queria ingerir nenhuma bebida alcoólica.

— Confesso que nunca imaginei que encontraria a filha de Lew Alton quando vim para cá — disse Istvana, servindo chá numa xícara e estendendo para Margaret.

Ela aceitou o chá porque sentia uma tremenda sede.

— Você e todas as outras pessoas que encontrei aqui. — A voz de Margaret era brusca. — Desde que desembarquei da espaçonave, as pessoas têm feito reverências para mim, oferecido vestidos de baile e... não sei o que mais. Tem sido desconcertante... e não gosto de me sentir confusa!

— O que me parece bastante razoável — respondeu a Ieronis, com uma surpreendente suavidade. — Não conheço ninguém que goste de ficar confusa. Talvez eu possa responder a algumas de suas perguntas.

— Aqui vai a primeira — declarou Margaret, amargurada. — Ninguém em Darkover parece disposto a me dar uma resposta objetiva para uma pergunta simples... apenas falam em termos vagos e dizem que é melhor não discutir "essas coisas". Ou presumem que já sei de tudo, ou me dizem que são meus parentes.

Juro que tenho vontade de gritar de raiva, só que minha garganta não deixa. Sou mesmo parenta de todas as pessoas em Darkover?

Istvana soltou uma risada.

— Essencialmente, é isso mesmo. É relacionada pelo sangue ou casamento com todas as famílias dos Domínios, que no seu caso é o que conta.

— Não conta para mim — protestou Margaret. — Prefiro Rafaella a qualquer desses "novos parentes", se quer saber a verdade.

— Entendo. Então provavelmente não devo lhe dizer que Diotima Ridenow é minha sobrinha, não é?

Havia um brilho jovial nos olhos da velha. Um pouco da tensão de Margaret se dissipou.

— Nem precisava dizer... parece muito com ela. E tem o mesmo sobrenome. Isso faz com que seja minha tia adotiva?

— Claro. Espero que não se importe demais.

A voz de Istvana era irônica, mas não indelicada.

— Não faria qualquer diferença se eu me importasse. Voltarei a Thendara, assim que puder montar num cavalo, e de lá seguirei para a universidade, que é o meu lugar.

— Marguerida, o que você sabe sobre os Dons dos Domínios?

— Sei que falam muito a respeito... embora eu ainda permaneça em dúvida sobre sua existência. Lorde Regis Hastur e meu tio Rafe Scott referiram-se ao Dom de Alton. Tio Rafe disse que era o "contato forçado". Mas nenhum dos dois se deu ao trabalho de explicar.

Também não lhes dei uma oportunidade de explicar, tenho de admitir. Tive medo de ouvir o que eles podiam dizer, e aquela... pessoa em mim... Não devo pensara respeito! Tenho de me manter apartada! Isso mesmo, é o que devo fazer!

Margaret sentiu que precisava impedir de alguma forma que a conversa se tornasse séria demais. Agora que tinha a oportunidade de ouvir as respostas para muitas de suas perguntas, descobria que não queria conhecê-las. Podia sentir que havia algum perigo para ela, que o conhecimento a transformaria de tal maneira que não a agradaria nem um pouco!

— Os Dons são talentos mentais que refinamos ao longo dos séculos. O Dom de Ridenow é o da empatia. Por isso, tenho uma idéia de como você se sente neste momento. Não posso evitar. Portanto, não pense que estou me intrometendo, por favor. Um dos problemas numa sociedade telepática é o da privacidade. Tentamos ao máximo não meter o nariz onde não devemos.

Uma sociedade telepática? Como aquela mulher podia dizer tal coisa como se fosse corriqueira e simples? Empatia? Dio tinha muita, embora Margaret tivesse dúvidas se chamaria isso de dom. Compreendia agora que Dio tentara ajudá-la, fazer contato com ela, mas vivia furiosa, não é mesmo? E fria. Ela especulou como seria sentir empatia junto de uma adolescente revoltada. Concluiu que devia ser horrível. Teve vontade de chorar pelo passado, mas se conteve. Istvana esperou paciente que Margaret falasse. Se ouviu os pensamentos que passou pela mente da jovem, não deixou transparecer.

— Acho que já tinha chegado a essa conclusão, mesmo não acreditando. Descubro-me a "ouvir" fragmentos dos pensamentos de pessoas. Pensei que estava enlouquecendo. E parece que não consigo evitar.

— Isso acontecia antes de sua vinda para Darkover?

— De vez em quando, mas não tanto quanto agora. E sempre disse a mim mesma que era apenas a imaginação.

— E Lew nunca lhe falou sobre os Dons? Margaret esvaziou sua xícara.

— Esse é outro problema. Todo mundo parece presumir que meu pai me contou uma porção de coisas... mas ele nunca me disse nada! Quase não nos falávamos, muito menos tínhamos conversas íntimas, mentais ou não. Tentávamos nos manter à distância um do outro, quando ele estava em casa.

— Você devia se sentir muito solitária.

Margaret ficou irritada. Não suportava que sentissem compaixão por ela! Mas aspirou o ar bem fundo, para os pulmões doloridos, e disse a si mesma para não se transtornar. Aquela mulher queria ajudá-la, não é mesmo?

— Nem tanto. Aprendi a não me sentir solitária quase antes mesmo de andar. No orfanato. E, com toda a sinceridade, não posso dizer que tenha sido uma coisa ruim. Tudo o que me aconteceu quando era pequena... os fatos sobre os quais ninguém quer falar... deixaram-me desconfiada.

Eu procuro me manter isolada e sou muito boa nisso!

— Posso sentir essa atitude. Mas só porque é cautelosa com as pessoas não significa que goste de ficar sozinha. Portanto, já sabe que o Dom de Alton é o contato forçado. Mas entende o que isso representa?

— A capacidade de fazer contato com as pessoas quer elas queiram ou não? Não é um Dom. Prefiro chamar de maldição... e me sinto contente por não tê-lo.

— Sem controle, pode mesmo ser uma maldição. Aprendemos ao longo dos anos que esses talentos... todos os talentos... devem ser treinados. Seu pai foi relapso ao não lhe ensinar...

— Não tenho nenhum Dom! — gritou Margaret para a Ieronis, observando-a recuar como se tivesse sido agredida. — Não quero saber o que as pessoas estão pensando ou sentindo. Quero apenas sair deste maldito planeta, ir para algum lugar onde não tenha parentes que querem...

— Já foi despertado, chiya. Você não pode mais voltar atrás. Ou aprende a usar seu Dom, ou vai mesmo enlouquecer. Devemos testá-la, para determinar a força de seu talento. Mas não pode se esquivar. É tarde demais.

— Você não pode saber disso! Margaret sentia que o desespero a sufocava.

— Posso, sim. Sinto o Dom de Alton em você neste momento, por mais fraca que esteja do pior acesso da doença do limiar que já encontrei. Em geral acontece quando a pessoa é mais jovem, no início da adolescência. Lembra de algo parecido quando era adolescente?

— Não. Fui uma criança absolutamente normal e nunca... Quando eu era pequena, aconteceu alguma coisa. Não consigo lembrar.

Ela me disse para não lembrar!

Quem disse a você para não lembrar, Marguerida?

o diálogo mental acabou num instante. Margaret sentiu uma pontada de dor por cima das sobrancelhas. Piscou os olhos, tentando contê-la. A respiração saía em ofegos curtos, como se estivesse correndo, sentia-se quente e suada. Estava apavorada, não com a mulher à sua frente, mas com outra coisa.

Istvana Ridenow pegou uma pequena bolsa, suspensa por um cordão. Margaret olhou e se encolheu toda. A mão que via era pequena, de criança, estendendo-se para outra bolsa de seda, como aquela. Ouviu uma voz lhe dizendo para não tocá-la. Sabia que havia algo na bolsa que era mais perigoso para ela do que veneno.

A Ieronis tirou uma pedra brilhante de sua bolsa. Era azul e facetada, refletia as chamas dançando na lareira em suas superfícies reluzentes. Istvana segurou-a nas mãos em concha. As chamas refletidas tingiram seu rosto com uma tonalidade alaranjada. Margaret baixou os olhos para seu colo e cerrou as mãos, cravando as unhas nas palmas com tanta força que a pele foi rasgada.

— Não tenha medo, chiya. Olhe para o cristal. Não tente tocá-lo... apenas olhe.

A voz de Istvana era baixa e compulsiva, mas Margaret recusou-se a fazer qualquer movimento. Continuou a olhar para suas mãos, observando um filete de sangue escorrer debaixo das unhas, enquanto o crânio latejava como se todos os tambores do demônio de Algol estivessem ressoando ao mesmo tempo. Concentrou sua atenção de tal maneira que só via e pensava nas unhas cravadas nas palmas.

Momentos passaram. Margaret podia ouvir o crepitar na lareira, o tamborilar da chuva contra as janelas, o murmúrio das árvores além. Sentia o cheiro do fogo, as roupas contra sua pele, as pedras antigas do Castelo de Ardais, e o tênue perfume da mulher sentada à sua frente, esperando com uma infinita paciência que ela olhasse para o cristal.

Margaret tentou não pensar no cristal, concentrando-se nas notas de uma música bastante complexa. Apesar dos seus esforços, descobriu que sua mente se deslocava para uma câmara fria, com um trono entre as cores cristalinas das paredes. A terrível presença

no trono esperava. E de repente inclinou-se para ela, com mãos quase visíveis... mãos pequenas, mas assustadoras. Vai se manter apartada!

Ela sentiu a voz ecoar por seus ossos, mais do que ouviu-a. Era como um choque de quartzo e metal... um som tão poderoso que teve vontade de fugir. Mas não podia... estava dentro dela! Se ao menos pudesse parar de ver aquela câmara em sua mente! Se ao menos pudesse escapar à voz que ressoava em sua carne! Mas era tarde demais!

— Guarde essa pedra antes que eu a destrua... e você junto com ela! Margaret disse as palavras em voz alta. Só que não foi a sua própria voz que deu a ordem, mas a de outra pessoa.

Ela também sentiu uma mudança, uma súbita alteração na sala. o fogo era o mesmo, assim como a chuva e as árvores, mas a energia ao seu redor estava agora impregnada de força, como se uma torre de pedra tivesse surgido em torno da leronis. A sensação de Margaret foi a de que se encontrava acuada entre duas forças, iguais em poder, batalhando pela posse de seu corpo dolorido.

— Parem com isso! Não serei um osso disputado entre dois cachorros!

Era sua própria voz agora, mas tênue, como a de uma criança, estridente. Mesmo assim, possuía uma estranha potência. A pressão em seu peito abrandou um pouco. Ela engoliu em seco, respirou trêmula, o mais fundo que conseguia. o ar parecia queimar seus pulmões.

— Acho melhor você guardar essa pedra, porque vou espatifá-la se olhar para ela.

A Margaret criança desaparecera agora, substituída pela voz que ela usava quando falava com alunos na universidade. Estava acostumada a essa voz, era a que melhor conhecia. Experimentou um tremendo alívio ao som de sua voz normal, que não era de uma estranha, nem de uma criança pequena. Ouviu um farfalhar de pano à sua frente.

— Já escondi minha matriz, Marguerida. Agora, por favor, olhe para mim. Diga-me, se puder, o que sentiu e viu... e quem falou através de sua boca.

— Não sei.

Margaret estendeu a mão trêmula para a xícara de chá. Olhou aturdida para as profundezas vazias, depois serviu-se de mais. Tomou um gole, antes de voltar a falar:

— Ou melhor, sei, mas não sou capaz de dizer.

Ela sentiu que liberava alguma coisa, uma espécie de tensão que sempre carregara, mas estava cansada demais para dispensar qualquer atenção.

— Sempre soube?

— De certa forma, sim. Era meio nebuloso, como um sonho, mas se tornou um pouco mais nítido durante a minha doença. — Margaret franziu o rosto. — Acho que Dio sabe... pois alguma coisa em mim a perturbava, quando eu era pequena. Ela contou a meu pai, e lembro que ele fez um comentário sobre meus "canais", o que quer que isso seja. Quando eu tinha febre, ouvia-os conversando muito... em minha imaginação, eu acho. Não consigo lembrar quase nada agora, mas algo me aconteceu depois que deixamos Darkover.

Parte de Margaret não queria falar, mas outra parte era compelida a descobrir os segredos ocultos em sua mente, qualquer que fosse o custo. Istvana Ridenow não seria a pessoa que ela escolheria para revelar seus segredos, mas um sentimento profundo confiava naquela mulher tão pequena... e Margaret sabia que não teria melhor oportunidade do que aquela. o ponto de tensão em seu íntimo cedeu mais um pouco. Ela decidiu que finalmente tomaria uma iniciativa. Descobriria que não se importava nem um pouco com Dons ou Domínios, mas queria saber qual era o segredo enterrado dentro dela. Era a coisa mais importante do mundo naquele instante.

— Seu pai sabia que havia uma interferência em seus canais, e não fez nada?

Istvana mostrava-se furiosa agora, indignada de tal maneira que animou Margaret, fazendo com que se sentisse protegida por um momento.

— Ele achava que eu me livraria de tudo ao crescer.

— Então Lew é um tolo maior do que eu pensava! Ninguém se livra de algo assim naturalmente. É preciso cuidar, reparar. — Istvana

fez uma pausa. — Acho que a melhor providência seria a sua ida para Neskaya comigo, por algum tempo.

Margaret captou a imagem de uma torre de pedra alta, brilhando contra a noite. Lá dentro havia pessoas se movimentando de um lado para outro. Ela divisou cristais em séries, as muitas facetas faiscando. Começou a tremer violentamente. Era outra sala como a que já conhecia, uma armadilha de cristal. A mão tremeu, derramando o chá sobre os cortes nas palmas, o que a fez soltar um grito de dor.

Não! Não me obrigue a voltar para dentro do espelho! Não quero morrer ali!

Istvana recuou, como se tivesse levado um tapa na cara. Esfregou a testa e flexionou os ombros estreitos, como se quisesse se desvencilhar de algum fardo.

— Pode me falar sobre o espelho, Marguerida? — perguntou a Ieronis, depois de um longo momento.

— Espelho? — Margaret olhou ao redor, aturdida. Largou a xícara e limpou a mão na saia, manchando de chá e sangue o tecido castanho avermelhado. — Não há nenhum espelho aqui, não é?

— Não, não há. Mas há um lugar em sua mente, um lugar cheio de espelhos ou cristais, um lugar que a deixa apavorada. Não é isso mesmo?

— É, sim.

— E minha matriz de cristal lembrou-a desse lugar?

— Acho que sim.

Margaret sentia-se cansada. Por que não podiam deixá-la em paz? Porque você é uma ameaça para si mesma e para todos os outros, até que essa questão seja resolvida. Era uma advertência firme, mas gentil.

— Pode contar o que lembra? Pare quando se sentir ameaçada.

— Eu me sinto ameaçada durante todo o tempo. Mas há palavras, palavras específicas, que são piores. Na maioria das vezes, não consigo lembrar as palavras. Só posso contorná-las, como se fossem barreiras. Rafaella fez um comentário hoje, sobre alguma Rebelião, e desencadeou alguma coisa em mim. Por um instante,

quase me lembrei, mas depois... ela me fez parar. Não Rafaella, mas alguém em minha mente. E muito frio no espelho, frio demais...

— Você possui uma mente poderosa, Marguerida, pelo que podemos ser gratas. Se fosse menos poderosa, já teria enlouquecido há muito tempo. Mas essa própria força a está prejudicando agora. Precisamos encontrar meios de ajudá-la a se curar. O que Rafaella disse exatamente?

— Não lembro direito. Era alguma coisa sobre os Ardaís... Dyan apareceu e falou comigo quando eu estava na cama, o que deixou Rafaella furiosa. Acho que a mãe quer que ele case comigo, ou algo parecido. E, assim que Dyan se retirou, ela disse que todo o Comyn era cauteloso com os Ardaís, desde a Rebelião... e depois acrescentou que era melhor não falar a respeito.

— Ótimo! — Istvana parecia muito satisfeita. — Já desconfiava que ela se referia à Rebelião de Sharra, mas agora tenho certeza. Eu era jovem naquele tempo, mas tinha idade suficiente para ouvir o que se dizia. Foi uma época terrível para Darkover. Mas eu não sabia que você esteve envolvida... não podia ter mais do que quatro anos na ocasião.

— Tinha cinco, quase seis, eu acho, quando deixamos Darkover. Depende do calendário que é usado.

Alguma coisa se debatia nas profundezas da mente de Margaret, tão terrível que ela não queria saber o que era. Sharra matou minha mãe e o homem prateado. Por que ela nunca me amou? Por que me mandou para o orfanato?

— É verdade, chiya, sua mãe morreu ao final da Rebelião. — Istvana falou com tristeza. Fez um esforço para se concentrar, ergueu os ombros, decidida. — Quando falei a palavra "Sharra", seu corpo reagiu, como está acontecendo agora. E quando pensou a respeito, um momento atrás, todos os músculos de sua garganta se contraíram. Pude sentir que sua voz era sufocada. E posso lhe garantir que sentir um estrangulamento não é nada agradável para uma pessoa que tem empatia!

Istvana enxugou o suor da testa com a manga. Margaret percebeu que as duas suavam, embora a sala não estivesse tão quente assim. Era um gesto normal, simples e humano. Acho que os

telepatas não são superpessoas, se ainda são capazes de suar. Era um pensamento confortador... e naquele momento ela precisava de todo o conforto que pudesse encontrar.

E de repente ela teve consciência de que esse pensamento fora quase gritado. Estremeceu no desconforto. Podia sentir agora a diferença entre a conversa interminável da mente consigo mesma e os pensamentos que de alguma forma eram comunicados àquelas pessoas. Como podiam suportar?

— Desculpe. Não queria pensar tão alto. A mulher mais velha soltou uma risada.

— Com o Dom de Alton, você não pode realmente evitar. E para ser franca, faz um bom trabalho de limitar suas transmissões, para uma telepata destreinada. Tem certeza de que seu pai nunca lhe disse como se comportar?

— Quando eu era bem pequena e me intrometia na intimidade deles, acho que me disseram para não fazer isso. Dio até se queixou que eu... sabe como é, quando eles faziam amor...

Margaret descobriu que suas faces ardiavam em constrangimento. Havia alguma coisa sutilmente virginal em Istvana Ridenow, e ela teve certeza de que violara um tabu desconhecido.

— A energia da paixão, *chiya*, é para um telepata como o néctar para uma abelha. Ainda mais quando as pessoas se amam. Mas deixe-me ver se entendi direito. Tinha cinco anos quando deixaram Darkover, mas já podia "ouvir" os pensamentos das pessoas ao seu redor. E, mais tarde, perdeu de alguma forma essa capacidade?

— Foi mais ou menos o que aconteceu. o Senador achou que talvez fosse por causa das drogas da viagem espacial... ele é alérgico, como eu também.

— Uma explicação superficial — comentou Istvana, secamente. — É típico de um homem pensar que foi uma causa simples, sem examinar todos os fatos.

— Creio que ele sofria muito ao se lembrar, vai domna.

— Tenho certeza de que sim, mas não é desculpa para não usar o cérebro. Seu pai é um grande homem, serviu muito bem a Darkover no Senado Imperial, mas isso não altera o fato lamentável

de que nunca teve a sensatez de pensar antes de agir nas questões pessoais. Eu o repreenderia com o maior prazer, se pudesse alcançá-lo.

— Dio disse a mesma coisa muitas vezes. Ele é irritante, não é mesmo? Sempre pensei que era apenas comigo, que fiz alguma coisa para torná-lo... como ele é.

— Lewis Alton já era um homem perturbado antes mesmo de você nascer, Marguerida. Jamais o encontrei pessoalmente, mas sabia o que ele fazia. A família não ficou muito satisfeita, quando Diotima decidiu casar com ele, mas ela sempre seguiu seu coração. Ela tem sido feliz?

Margaret descobriu que seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Não sei. Só posso dizer que ela tenta ser, mas não sei se alguém pode ser feliz com meu pai. Sempre desejei que eles fossem felizes. Havia algumas famílias em Thetis, nossos vizinhos, que eu visitava sempre que meus pais deixavam o planeta. Eles pareciam tão... serenos, suponho que é a palavra correta. Aqueles pessoas eram muito gentis comigo, e muitas vezes desejei que o Senador e Dio pudessem ser assim.

— Nunca o chama pelo nome?

— Raramente. E preciso conhecer a pessoa para fazer isso. Não conheço meu pai... jamais conheci.

— Creio que você o conhece melhor do que imagina... talvez melhor do que qualquer outra pessoa, mas não gosta do que sabe.

— E possível — murmurou Margaret, sentindo a exaustão dominar seu corpo.

Havia algo mais do que cansaço, porém, um certo conforto e alívio. Ela pensou por um momento e compreendeu que Istvana gentilmente removia suas defesas, que sua gentileza, compreensão e semelhança com Dio eram tranquilizantes e bastante agradáveis. Começava a confiar na Ieronis... o que era assustador.

Confiava em Ivor, mas ele morreu!

— Sei como é isso — murmurou Istvana.

— O quê?

— Confiar em alguém, para depois ver a pessoa morrer. Meu pai, Kester Ridenow, está morto há quase vinte anos, mas às vezes

ainda me sinto furiosa por ele ter me deixado. E nem sequer foi culpa sua... ele foi assassinado. Mas ainda penso, quando fico deprimida, que ele poderia ter evitado.

Margaret desatou a rir. Mas logo voltou a ficar séria.

— Estou sendo difícil? Sei que veio de muito longe para me ver, mas tenho a sensação de que não estou sendo muito cooperativa. Tanta coisa aconteceu desde que cheguei aqui que me sinto perdida... e, quando me sinto perdida, fico muito teimosa. É como se estivesse num piquenique. Começa a chover. Sento numa pedra, e me recuso a sair dali, até o sol voltar a brilhar. Deixo de me importar se vou ficar encharcada, se corro o risco de pegar uma pneumonia... Não me mexo até que tudo volte a ser como quero.

Istvana sorriu e balançou a cabeça.

— Não está sendo difícil, mas ergueu uma defesa muito forte. Controlou seus talentos da melhor forma possível, ao se tornar voluntariosa e determinada. É uma boa qualidade, mas também pode ser prejudicial. Uma fortaleza só é útil quando você pode deixá-la no momento em que quiser. E as barreiras não são suas, mas originárias daquele lugar com todos os espelhos que tenta não lembrar.

— O que posso fazer então? Queria me levar para a tal Torre, mas acho que seria um erro.

Margaret estremeceu. A idéia de ser trancada em qualquer lugar era insuportável... e havia alguma coisa numa torre que a fazia pensar numa prisão.

— Agora que sei mais a seu respeito, tenho de concordar. Seria prejudicial... e ainda por cima perigoso.

— Perigoso?

— Não perigoso para você, mas para os outros. É uma situação muito difícil. Não posso permitir que você vagueie por Darkover meio desperta, uma telepata destreinada, porque isso seria uma irresponsabilidade. Deixar Darkover também não resolveria o problema. Mas, se acha que pode confiar em mim, talvez consigamos libertá-la dessa sala que tanto teme.

— Sem cristais!

Margaret ainda podia sentir a pedra oculta por trás da roupa de Istvana.

— Está certo, sem matrizes. o que aconteceu com você fez com que se tornasse muito sensível a espelhos, vidros e matrizes. Acredito... e é apenas um palpite, mas acho muito possível... que foi acuada dentro de uma matriz, embora não tenha a menor idéia de como isso pode ser feito. As armadilhas de matriz não são desconhecidas em nossa história, mas há décadas que ninguém as usa. — Istvana fez uma careta, como se farejasse alguma coisa fétida. — Confesso que estou tateando neste caso. Nunca vi ninguém reagir como você a uma matriz.

— Pode me explicar o que são?

Istvana fitou-a em silêncio por um longo momento.

— Descobrimos ao longo de muitos anos que podemos usar certos cristais para focalizar a mente, a fim de aumentar os talentos natos e ampliar o alcance dos Dons. A matriz não é uma necessidade absoluta, mas é extremamente útil. A matriz é um instrumento, e cada uma é sintonizada para uma única pessoa.

Margaret não sabia o que deduzir daquela explicação, mas aceitou-a para o momento. Na verdade, era mais fácil acreditar em cristais do que aceitar a telepatia. Só que a idéia de telepatia podia apavorá-la, mas não deixava sua pele toda arrepiada como acontecera com a matriz de Istvana.

— O que posso fazer então... se não posso ir para uma Torre sem causar problemas, e você não pode usar a matriz sem... sem que a coisa em mim se manifeste? Cruzar os braços e esperar que o próximo episódio da doença do limiar acabe comigo? Não quero me iludir nesse ponto... houve duas ou três ocasiões na semana passada em que quase morri, além de outras em que desejei morrer.

Istvana contraiu os lábios, considerando algo que obviamente não lhe agradava. Olhou para o líquido azul na garrafa na bandeja.

— Temos outros recursos. Ao longo dos séculos, desenvolvemos certas substâncias que ajudam a reduzir as barreiras mentais. Há riscos, mas não posso pensar em qualquer outro meio de descobrir o que bloqueia seu Dom. Estaria disposta a tentar?

— Usar drogas? — Margaret franziu o rosto. — Experimentei algumas em meu primeiro ano na universidade, e não foi nada agradável. Tive visões, eu acho, que me fizeram sentir muito... vulnerável. Não tenho pensado a respeito há muitos anos, mas creio agora que talvez tenha lembrado o que não deveria lembrar quando as tomei. Nunca mais tornei a experimentar qualquer droga.

— É uma jovem muito sensata.

Por mais desesperadamente que precisasse da aprovação de Istvana, Margaret não podia concordar.

— Sou mesmo? Não me sinto nem um pouco sensata, apenas obstinada e um tanto estúpida.

— Nunca correspondemos a nossos padrões impossíveis, não é mesmo? Proponho que você tenha uma boa noite de descanso. Pela manhã, usaremos um pouco de kirian para descobrir se não podemos desobstruir alguns de seus canais.

Parecia muito simples e prático. Mas Margaret podia sentir a tensão na outra mulher, e concluiu que devia ser bem mais complexo do que imaginava. Pensou a respeito por um longo momento.

— Tenho medo de esperar. Tenho medo de ficar presa dentro do espelho se for dormir. Essa parte minha... a parte que falou antes, a que ameaçou você... está muito mais próxima do que antes, como se pudesse saltar e me devorar a qualquer instante. Posso mantê-la silenciosa enquanto estou consciente, mas não sei se serei capaz de controlá-la se voltar a dormir.

— É uma mulher muito corajosa, Marguerida Alton. Em outra época, teriam feito canções sobre você, que seriam cantadas ao longo das gerações.

— Corajosa? — Margaret soltou uma risada nervosa. — Só quero acabar logo com isso, para poder continuar em minha vida.

Ela pensou nas baladas que ouvira e se perguntou se realmente valia uma canção.

— Você é filha de seu pai, sem dúvida. Muito bem. Vamos experimentar o kirian, uma pequena dose, e ver o que acontece. Espere um instante. — Istvana fechou os olhos e recostou-se na

cadeira. — Pronto. Pedi a Marilla para monitorar... era muito boa nisso quando trabalhava na Torre... e ela concordou.

Margaret olhou para a porta, esperando que Lady Marilla entrasse na sala. Como isso não acontecesse, ela fitou Istvana Ridenow, o rosto franzido.

— Onde ela está?

— Na sala ao lado. Sua presença física não é necessária. Achei que seria melhor se permanecêssemos a sós.

— Obrigada. É muito gentil.

— Talvez.

Istvana inclinou-se para a frente e pegou a garrafa na bandeja de chá. Despejou uma quantidade mínima numa taça, tão pequena que parecia um brinquedo de criança. o líquido era de um azul extraordinário, com um perfume que se espalhou pela sala, misturando-se com os cheiros do fogo e da chuva. Ela estendeu a taça para Margaret.

— Agora, tente controlar sua mente, expulsando os medos. Respire devagar e fundo. Quando se sentir calma, pode beber. Não se apresse.

— O que é isto?

— É a destilação de uma planta. Usamos há gerações para suspender o controle da mente consciente.

— É exatamente o que quero evitar.

Margaret sentiu que seus medos a floravam. Tratou de repeli-los, da melhor forma que podia. Sua vontade era como um caniço delgado, uma coisa frágil que podia se partir com um sopro.

— Ora, vamos lá. Quem não arrisca não petisca. — Ela falou com mais confiança do que sentia. — O que vai acontecer?

— Não posso prever com precisão... cada pessoa tem uma reação diferente. Com a dose que lhe dei, você deve entrar num transe leve. Pode ver lugares estranhos, mas estará segura. Será como sonhar acordada.

Segura? Parecia maravilhoso, mas Margaret duvidava que seria assim. Ela respirou devagar várias vezes, um tanto superficial.

— Muito bem. Já tomei várias substâncias químicas. Portanto, sei o que esperar.

Ela fechou os olhos e tentou pensar em algo tranquilizador. o crepitar do fogo perturbava-a. Tentou excluí-lo de sua mente. Parte de Margaret queria descobrir por que o som do fogo a incomodava, mas ela silenciou a pergunta antes que a florasse. O ruído da chuva contra as paredes de pedra do Castelo de Ardais era agradável. Ela ficou prestando atenção, enquanto começava a respirar mais profundamente. Imaginou que se aprontava para cantar, em vez de se preparar para qualquer coisa alarmante. Sentiu-se um pouco tonta a princípio. Compreendeu como sua respiração era superficial antes. A garganta se abriu, relaxando. Ela pensou na letra de uma doce serenata que Ivor muito apreciava. Era um pensamento seguro e familiar.

Depois de algum tempo, os músculos do corpo relaxaram. Sua mente focalizou o som da chuva e a música que o acompanhava. Havia uma linguagem na chuva... não, ela não devia se permitir qualquer distração. Com um tremendo esforço, levou a pequena taça à boca e bebeu. O gosto era de flores e sol.

O tempo se tornou mais lento, os momentos se prolongavam por uma eternidade, de tal forma que ela podia ouvir cada gota de chuva que caía. Desceu por um corredor, cada passo mais lento do que o anterior, passando por portas, até alcançar uma escada que subia e subia em curvas. Ficou parada ao pé da escada por um longo tempo, sem se mexer, depois ergueu um pé para as pedras antigas.

Um degrau, outro em seguida, e logo ela subia correndo, sem que os pés tocassem em qualquer coisa. Ela estava voando, e era maravilhoso. Não queria parar, mas alguma coisa a continha, gentilmente, com extrema ternura, como se sua mão fosse envolvida por um aperto afetuoso. Olhou para baixo e viu outra mão, fantasma, reluzente, os dedos entrelaçados com os seus. Um medo de que não estivera consciente, de que voaria para o nada, se desvaneceu enquanto observava a mão que segurava a sua.

E de repente ela se descobriu numa planície indefinida, uma vasta extensão de vazio ao seu redor. Parou. Parecia se encontrar numa plataforma invisível, de onde podia divisar todos os lados. Fazia frio. Ela começou a tremer, mas logo um calor espalhou-se por

seu corpo. Tornou a olhar ao redor. A planície não estava vazia, como pensara a princípio, mas repleta de estruturas feitas coma luz das estrelas, faróis na noite.

Uma em particular atraiu sua atenção. Era antiga, as pedras estreladas que a compunham já se esfarelavam, a argamassa mal conseguia mantê-las juntas. Apesar de sua aparência de decadência, transbordava de energia e poder. Ao mesmo tempo a atraía e assustava. Ela se obrigou a permanecer imóvel, embora ansiasse por correr na sua direção. Havia uma presença naquela Torre que ela podia sentir, antiga e fraca, mas ainda bastante forte para ameaçá-la. E, como se soubesse de sua atenção, parecia brilhar ainda mais. As pedras foram se tornando mais densas, a argamassa mais espessa.

— Venha!

A ordem ressoou em sua mente, firme e peremptória. Ela se intimidou ao ouvi-la, resistindo e lutando para continuar onde estava. Mas o prédio distante começou a se aproximar, as pedras faiscando com uma luz fantástica, que doía em seus olhos. Eram como espelhos! Ela sentiu o coração vacilar, a garganta quase fechar. Mais e mais perto, a Torre projetava-se para ela através das extensões ilimitadas de tempo e espaço.

E de repente a Torre se encontrava ao seu lado, assomando por cima, arrastando-a para as pedras brilhantes. O poder da Torre pulsava em seu sangue, parando seu coração e sufocando a respiração, pelo que pareceu uma eternidade. Seria toda consumida! Era tão pequena e a Torre tão grande!

Ela sentiu sua mão direita ser apertada com mais firmeza. O terror diminuiu por um momento. Teve de recorrer a toda a sua vontade obstinada para permanecer imóvel. Sentia os maxilares se contraírem no esforço. A Torre começou a se inclinar para ela, movimentando-se como uma serpente.

— Venha!

— Não! — A sensação foi de levar uma eternidade para pronunciar a recusa, e foi a voz de uma criança que falou. Para seu espanto, a Torre parou. — Você não existe!

— Olhe para o espelho, Marja!

As pedras da Torre refletiam-se em seus olhos. Podia se ver mil vezes. Tantas Marjas fitavam-na que se sentiu perdida entre elas. Desejou poder fechar os olhos, excluir a multiplicação interminável de sua imagem. Devia haver outra coisa para olhar que não ela própria!

O que era aquela Torre? E quem ou o que a ocupava? Era muito antiga, e talvez tivesse existido antes de qualquer outra coisa naquele estranho reino. Ela seria capaz de jurar que podia sentir a idade daquelas pedras. Sabia que possuíam alguma coisa que proporcionava poder à voz que tentava comandá-la. O segredo está nas pedras, sussurrou algo em sua mente, alguém que se esgueirara para o seu lado, como um camundongo.

Desapareceu antes que ela pudesse pensar a respeito, tão depressa que quase acreditou que imaginara o sussurro. Podia sentir o pânico se avolumar em uma parte sua, uma calma fria dominando a outra, como se estivesse separada em duas pessoas. Aparte apavorada parecia prestes a prevalecer. Era com dificuldade que ela a mantinha sob controle. A outra parte, a fria, procurava frenética por alguma pista entre as pedras.

Quando finalmente encontrou a única pedra que não mostrava seu rosto nas facetas, ficou atônita, mais assustada do que acreditava que seria possível. Um semblante brilhava em sua superfície, um rosto pequeno, redondo como a lua, com olhos que pareciam poços vazios. Exceto pelos olhos, não havia nada de extraordinário ou mesmo assustador naquele rosto. Mas Margaret ainda sentia o impulso de gritar de medo. Tentou desviar os olhos do rosto, dos cabelos avermelhados ao redor, da pequena boca que lhe sorria. Não havia nada de afeição ou humano naquele sorriso. Ela estendeu as mãos pequenas para Margaret... mãos que eram como garras.

— Agora eu tenho você! Agora eu viverei de novo!

— Viver de novo? O que é você?

— Sou Ashara, e previ sua vinda. Não pode me destruir. Eu voltarei, e recuperarei meu poder!

A fome nessas palavras parecia corroer os próprios ossos, enquanto os olhos cinza e vazios se tornavam cada vez maiores.

— Largue-me!

Margaret deu um puxão para se soltar, para se afastar daqueles olhos, como espelhos escuros, que tentavam aprisioná-la. Sentiu que as garras deixavam seus braços. Sua imagem no resto das pedras encolheu. A coisa chamada Ashara tornou-se menos distinta, menos presente, enquanto ela se inclinava para trás, em sua tentativa de escapar. O segredo estava nas pedras e nos olhos! Se ao menos ela pudesse pensar em alguma coisa para fazer! Ofegava agora, um suor frio escorria pelos lados do corpo. Desviou o olhar, contemplou as outras Torres, à distância, através da planície. O tempo se tornou mais lento, quase parou. Ela não se mexeu. Podia sentir alguém pairando ao seu lado, protegendo-a, despejando força nela.

Depois, devagar, relutante, Margaret olhou mais uma vez para a Torre espelhada. Viu-se muitas vezes, pálida e trêmula. A mulher pequena fitava-a de um único espelho na Torre, os olhos cinza vorazes, as mãos agitadas, como se ela também estivesse presa nos incontáveis reflexos. Margaret ergueu as mãos para se defender. A direita foi segura num firme aperto fantasma. Com uma lentidão angustiante, ela estendeu a mão esquerda para os espelhos. Inclinou-se para a frente, na direção da Torre reluzente.

Projetou-se pelo vazio, esticou-se até sentir os dedos se fecharem em torno da única pedra que mostrava Ashara com nitidez. Ela comprimiu a palma contra o rosto, enfiando os dedos fantasmas nos olhos vazios, o polegar na boca horrível. Sentiu resistência, mas não a sensação de carne ou osso. Houve um som, um débil grito, enquanto seus dedos envolviam a pedra, apertavam com força. Nada podia sentir em sua mão, mas sabia que segurava alguma coisa, que não devia largar.

E agora? Ela não podia continuar a segurar a pedra para sempre. Estava cansada demais. Sentiu que os dedos semivisíveis começavam a afrouxar. Houve uma agitação de triunfo sob sua palma. Seu próprio rosto, pálido e suado, refletia-se ao redor, parecendo escarnecer.

Margaret recorreu a toda a sua força, ordenou que voltasse, e começou a puxar a pedra. A resistência era grande. Ela

compreendeu que não poderia puxá-la sozinha. Mas estava sozinha, seria em breve devorada por aquela coisa terrível, como já acontecera com outros antes. O desespero a invadiu, minando sua energia. A pedra gritava em sua mão.

Foi nesse instante que Margaret sentiu um fluxo de poder, proveniente de algum ponto além dos limites daquele lugar. Era estranho, nada tinha a ver com a presença de Istvana. E tinha algo muito masculino. Fortaleceu seus músculos, esquentou o corpo gelado.

— Puxe! Vamos, puxe com toda força! — Ela não reconheceu a voz, mas não era a de Istvana.

Puxou a pedra em sua mão, e sentiu que cedia um pouco. o som do grito em sua mente aumentou de intensidade, enquanto arrancava a pedra da parede da Torre de espelhos. Estava apavorada com a possibilidade de soltar a pedra, determinada a evitar que isso acontecesse. Era como arrastar alguma coisa através de um líquido denso, algo tão pesado que parecia uma montanha inteira.

NÃO! NÃO!

Dor! Uma angústia explodiu em sua mão, subiu pelo braço, penetrou no peito. Apontada no coração foi tão violenta que ela teve vontade de largar. Era como uma faca gelada cortando a palma da mão, cravada no coração. A boca se arredondou num grito que pareceu sacudir a estrutura espelhada e a planície enevoadas por baixo. Nesse momento a pedra em sua mão soltou, com um tremendo fluxo de energia. Margaret quase caiu para trás.

— Pare! Pare! Eu sou... A... sha... ra!

Ela continuou a cambalear para trás, até que de repente se descobriu longe da Torre espelhada, na plataforma onde emergira, agarrando a pedra com uma das mãos, enquanto a outra era segura pela mão fantasma. Sentia-se fraca e exausta, mas não ousava largar a pedra ou a mão.

— Você não existe!

As palavras saíram de seus lábios mordidos como um vendaval, enquanto a pedra queimava fria contra sua carne. Ela estava dominada pelo desespero e terror, ofegante e trêmula. Apertou a

pedra entre os dedos com toda a força que lhe restava. Parecia resistir para sempre, mas depois de uma eternidade começou a ceder e se espatifar. Houve um fluxo de som e luz nesse instante. o resto da Torre reluzente foi lançado para o vazio, explodindo numa claridade que a ofuscou por um momento. E muito longe, em algum lugar que Margaret não podia determinar, outra Torre balançou em suas fundações.

Margaret afastou-se da destruição daquela estranha Torre. Começou a cair, segura apenas, com firmeza, pela mão fantasma.

— Boa menina!- trovejou a voz masculina desconhecida. E, depois, isso também desapareceu.

Ela estava de novo na sala de Lady Manila, encharcada de suor, lágrimas escorrendo pelas faces, tremendo em todos os músculos do corpo exausto. Istvana Ridenow se encontrava arriada à sua frente, mal parecendo respirar, os cabelos prateados grudados na testa.

A porta foi aberta. Lady Marilla entrou correndo, os olhos arregalados, o peito subindo e descendo depressa. Foi se inclinar sobre a Ieronis, com todo o cuidado para não tocá-la.

— Eu nunca deveria ter deixado que ela fizesse isso!

Marilla lançou um olhar furioso para Margaret, depois se acalmou. Margaret queria se esquivar do olhar, mas sentia-se tão cansada que mal podia se mexer, muito menos protestar sua inocência. Tinha o cérebro abalado, os pensamentos eram um turbilhão. Mesmo assim, descobriu que tinha uma centena de perguntas. Se ao menos pudesse formulá-las com a boca ressequida. .. É bem provável que elas não respondam. E quem era o homem em minha mente?

Não esta noite, chiya. Tenha um pouco mais de paciência.

— Nunca deveria ter deixado que eu fizesse o quê, Mari? — Istvana disse num fio de voz, mas ainda assim com firmeza. — Providencie alguma coisa para eu comer.

Lady Marilla olhou de uma para a outra, balançou a cabeça, e gritou:

— Julian! Acorde a cozinheira! Imediatamente!

A Ieronis afastou os cabelos da testa larga e respirou fundo, várias vezes, com dificuldade.

— Pelos deuses, tenho pena de qualquer um que estivesse no mundo superior esta noite.

— O que aconteceu? — balbuciou Margaret.

— Você quebrou o espelho, chiya, você quebrou o espelho... Istvana e Marilla fitavam-na, incredulidade e exaustão estampadas em seus rostos. Por quê?

Margaret baixou os olhos para suas mãos. Constatou que eram as mesmas mãos familiares que conhecera durante toda a sua vida. A palma direita ainda exibia os cortes que ela fizera ao cravar as unhas na carne, mas a esquerda estava completamente lisa, como se alguma coisa tivesse removido as marcas. Ela estendeu a mão para o fogo, a fim de examiná-la melhor... e viu, gravada na carne, os contornos de uma pedra multifacetada.

Capítulo Quatorze

Mais tarde, Margaret nunca mais se lembrou de ter ido para a cama, por mais que tentasse. Pôde reconstituir apenas alguns fragmentos, como braços masculinos vigorosos levantando-a, embora nunca soubesse de quem eram; e vozes falando, muitas vozes, nenhuma das quais era identificável. Só tinha conhecimento de uma profunda exaustão e da sensação de ressaca sem a embriaguez anterior.

Entrava e saía da consciência normal, para um estado insone que era diferente de tudo o que já experimentara antes. Quando se encontrava "desperta", havia dor física, como se cada célula de seu corpo se rebelasse contra alguma coisa. Poderia suportar, se não fosse pelo terror. Tinha medo de alguma coisa. Não podia evitar, e também não era capaz de definir do que se tratava.

o outro estado era quase pior, pois embora a dor diminuísse, o medo era ainda maior. Margaret esforçava-se para permanecer acordada, a fim de não se afogar no terror. Quase que acolhia com satisfação a dor no corpo, porque podia focalizá-la e assim diminuir um pouco o medo.

o tempo perdeu o sentido. Nada mais restava, exceto o medo e o tormento. Havia uns poucos momentos de lucidez, quando sua mente parecia desanuviada, e o medo retrocedia. Durante esses períodos, ela sabia que tinha febres e calafrios, que se encontrava outra vez com a doença do limiar, e que as pessoas ao redor tentavam ajudá-la. Procurava cooperar, mas sempre vomitava as beberagens horríveis que despejavam por sua garganta. Podia sentir o desespero ao redor, os medos que alimentavam o seu. Sabia que estava sofrendo mais ataques, que deixavam todos alarmados. Não podia explicar a ninguém que eram na verdade pequenas bênçãos, porque durante os ataques não havia dor ou medo... apenas o vazio. Seu corpo parecia descansar, relaxar depois da violência. Por isso, quase que os acolhia com prazer. Quando se encontrava no estado de quase vigília, tudo doía. Tentava se enfiar nos travesseiros encharcados, a fim de escapar aos terrores. Às vezes sabia que se

encontrava no quarto Rosa, no Castelo de Ardais, em Darkover. Em outras ocasiões, porém, tinha certeza de que voltara a Thetis, ou mesmo que deitava em seu catre no orfanato. E onde quer que se imaginasse, Margaret ainda sentia a presença do terror... e do ser que o criara.

O contato gentil de mãos era uma agonia. A proximidade de várias mulheres era mais ameaçadora do que confortadora. Tentava se lembrar de que nenhuma daquelas mulheres era a criatura pequena, de olhos vazios, que por pouco a destruiria. Quase conseguiu. Pouco a pouco, compreendeu que não eram todas as mulheres que pareciam ameaçadoras, mas apenas Istvana, a Ieronis. Havia alguma coisa nela que lembrava Margaret da outra, a Ashara, embora soubesse que isso era um absurdo.

Nos raros momentos de coerência, quando sua mente parecia quase lúcida, ela tinha certeza de que ia morrer, como Ivor. Era uma perspectiva tentadora, escapar do sofrimento de seu corpo. Mas parte dela rejeitava essa possibilidade, furiosa. Não passei tudo isso para morrer! E não vou morrer! Que se dane a tal de Ashara!

A raiva era purificadora, quase revigorante, embora a deixasse ainda mais exausta. E as febres acompanhavam-na, o que ela notou de maneira um tanto remota, como se fosse alguma forma peculiar de música que clamava por sua atenção. Se pudesse parar de se sentir furiosa, as febres a deixariam, com toda a certeza.

Mas parecia haver muita coisa para provocar sua ira. Era como se tivesse adiado toda a raiva de sua vida até agora. De vez em quando ouvia os pensamentos da Ieronis concordando com isso, o que era ao mesmo tempo confortador e assustador. Não queria ninguém em sua mente... nunca mais! Margaret gritava com ela quando isso acontecia, embora nunca tivesse certeza de que falava pela garganta dolorida ou pela mente dolorida.

Às vezes relacionava todas as pessoas com que se sentia furiosa, porque isso parecia manter o medo à distância. Havia seu pai, sobre quem remoía com freqüência. Pensava nas várias coisas que lhe diria se tornasse a vê-lo... nenhuma delas agradável ou respeitosa. Por mais estranho que pudesse parecer, no entanto, descobriu que não sentia tanta raiva de Lew Alton quanto dos

outros... de Thyra, do homem de olhos prateados cujo nome não conhecia, de Dyan Ardais, que a entregara à sua algoz, Ashara, e acima de tudo de Ivor, por morrer e deixá-la abandonada em Darkover. Detestava sentir raiva de Ivor, embora soubesse que ele se encontrava além de ser atingido por sua fúria, mas não podia evitar.

Era impossível manter a raiva em caráter permanente. Quando se dissipava, Margaret voltava a ficar apavorada. Era um ciclo interminável, que ela parecia incapaz de romper. Tinha certeza, apesar da voz tranquilizadora de Istvana dizendo o contrário, de que Ashara voltaria e tornaria a capturá-la. Resistia ao sono com toda a força de vontade de que era capaz, pois sabia que o sono significava sonhos... e não queria sonhar. A lógica que restava em sua mente perturbada dizia-lhe que destruíra o ser na Torre de Espelhos, mas o resto dela não concordava. Como se podia destruir uma coisa que só existia naquele outro lugar, o mundo superior? Estava doente demais para acreditar em qualquer outra coisa que não o pior.

Até mesmo o som, seu aliado de confiança, tornava-se um inimigo, pois o menor ruído a fazia choramingar. O sussurro da chuva contra a janela, um som agradável de que gostava, tudo a fazia lembrar da voz de Ashara em sua mente. As vozes abafadas de Istvana ou Rafaella no quarto lançavam-na num frenesi de terror, até que finalmente elas desistiram de tentar conversar em voz baixa. Só falavam em tom normal, o que ajudava bastante, por mais estranho que pudesse parecer.

— Por favor, Marguerida, tente descansar.

— Não deixem que ela me pegue!

— Não há nada a temer.

— Ela vai voltar e me capturar!

— Não, chiyá, não vai. Ela se foi para sempre.

— Não acredito! Oh, faça com que a dor pare!

— Você mesma está se machucando com seu medo. Tente descansar. Tente dormir.

— Se eu dormir, ela vai me pegar!

Houve diversos diálogos assim. Durante os raros períodos de calma, Margaret sabia que a velha Beltrana e Istvana tinham razão. Mas não conseguia conter o fluxo de terror que a envolvia sempre

que começava a relaxar, por menos que fosse. Quase que lhe parecia que era alguma manobra final, uma última tentativa de Ashara: se não podia controlar Margaret, então a mataria.

Isty... o que está acontecendo? Já testemunhei alguns acessos da doença do limiar, mas nunca vi nada parecido.

Nem eu, Mari. Não sei direito o que está acontecendo, mas sinto que é uma coisa normal.

Normal? Ela não dorme há três dias. Teve ataques que matariam outra pessoa. Sei que você tem empatia, mas isso não pode ser normal.

Tem razão. Mas esta é uma situação excepcional, uma adulta passando pelo que só costuma acontecer com alguém no início da adolescência. Não sabemos quais são as reações do corpo.

Ela está desidratada e faminta! Havia um forte sentimento de indignação nessas palavras. Margaret, apesar da dor, concordou silenciosamente que era mesmo uma indignidade. Descobriu-se a começar a gostar de Lady Marilla, mas depois lembrou que devia se manter apartada, que as pessoas morriam se deixava que se aproximassem. Esse pensamento lançou-a num terror renovado, e ela fez um esforço para bani-lo. Voltou a prestar atenção ao diálogo, embora se sentisse um pouco culpada, como se estivesse bisbiIhotando. Como pode falar que é normal? Não é possível, Isty! Às vezes você consegue ser irritante. Não há nada que possamos fazer?

Ela está apavorada... e não posso culpá-la por isso. Só vi Ashara através de seus olhos, e ainda assim me deixou assustada. Mas ela vive com essa presença em sua mente há vinte anos. Pode imaginar como seria para uma menina de cinco ou seis anos ser controlada pela vontade de uma leronis morta? Se pudéssemos romper o ciclo de terror, creio que ela começaria a se recuperar.

Nenhuma das coisas que lhe demos até agora permanece em seu estômago por muito tempo. E não creio que seu pobre corpo ainda consiga suportar por um período mais longo. Ela perdeu muito peso... e já era magra antes de começar.

Sei que devemos fazer algo, mas não imagino o quê. Mas há uma coisa... Houve interferência em seus canais quando era muito

pequena! Sempre teorizamos que os canais ficavam impressos na mente durante a doença do limiar. Meu melhor palpite é o de que estamos testemunhando a criação de novos canais, que nunca existiram antes. Tem alguma relação com aquelas estranhas marcas em sua mão.

Novos canais? Sabe muito bem que isso é impossível!

Nada é impossível. Eu jamais teria acreditado que o espírito de uma Guardiã há muito morta poderia se projetar ao longo dos séculos para dominar a vontade de uma descendente, mas é exatamente isso o que aconteceu. Mari, você está exausta. E não me serve de ajuda quando só conta com metade de sua mente. Mande Rafaella vir falar comigo. E você trate de descansar.

Mas ela não pode monitorar! Poderia pedir a Mikhail, que é o único na casa que tem o treinamento apropriado, mas seria impróprio.

<Risos> Este não é o momento para se preocupar com escândalos, minha cara amiga. Chame Rafaella. Já notei que Marguerida fica mais quieta quando ela está presente. Acho que ela pode confiar em Rafaella mais do que em nós. As duas viajaram pela trilha juntas, o que cria um vínculo quase tão forte quanto o que aprendemos nas Torres.

Margaret ouviu a "conversa" e desejou ter a força para dizer que queria muito a presença de Rafaella. Os lábios rachados estavam inchados demais para que pudesse enunciar palavras inteligíveis. Sua garganta doía. Sentia o corpo todo dolorido. Notou que a mente estava lúcida naquele momento, nem irada nem assustada, uma condição que tratou de saborear.

Havia outra coisa, se ao menos conseguisse fazer o cérebro recordar o que era. Tinha relação com sua bagagem. Ela sentiu um pano molhado no rosto. A umidade em sua boca foi maravilhosa. Não doeu tanto quanto esperava. Suas pálpebras foram lavadas com tanto cuidado que depois ela conseguiu abrir os olhos.

A claridade era dolorosa. Margaret quase que tornou a fechar os olhos no mesmo instante. Só a visão do rosto de Rafaella fez com que os mantivesse abertos. A Renunciante tinha uma expressão de

cansaço, com rugas de preocupação entre as sobrancelhas. Não queria que Rafaella se angustiasse!

— Vou passar uma pomada nos seus lábios, chiya, e pode doer um pouco. Mas vai ajudar a fechar os cortes e diminuir a inchação. Farei tudo o que for possível para não doer.

— Está bem.

Doeu bastante para pronunciar essas palavras, mas Margaret já passara do ponto em que se importava. Se ao menos uma parte de seu corpo pudesse parar de doer tanto, ela ficaria contente. Estremeceu quando Rafaella passou alguma coisa em seus lábios, com a ponta do dedo, cuidadosa. Mas sentiu os lábios melhorarem quase que no mesmo instante.

— O que é isso?

— Para ser franca, é uma coisa que usamos em cavalos, para inchações e equimoses. Só que fiz uma mistura um pouco diferente.

— A dor vai passar?

— Não sei. Tem um pouco da erva da dormência. Por isso, não passe a língua pelos lábios, ou ela ficará dormente.

Erva da dormência... o cérebro cansado de Margaret repetiu as palavras. Recordou que tentava se lembrar de uma coisa em sua bagagem. — O kit médico! — balbuciou ela.

— Como?

Ela lambeu os lábios, em sua sede. A língua ficou subitamente dormente, como se não estivesse mais na boca. Margaret fez um esforço para enunciar as palavras.

— Na mochila. Kit médico. Emplastro.

A voz era engrolada a seus ouvidos, como se estivesse embriagada. Mas aparentemente Rafaella compreendeu, porque afastou-se no mesmo instante.

Margaret fechou os olhos ardendo, mas ouviu bastante barulho no outro lado do quarto. Parecia haver muitos passarinhos junto da janela, todos cantando. Ela queria pedir que ficassem quietos, mas não tinha energia nem para isso.

Depois de algum tempo, tornou a abrir os olhos. Descobriu Istvana e Rafaella inclinadas sobre a cama, pairando por cima dela como anjos ansiosos. Não sabia há quanto tempo as duas se

encontravam ali, porque vinha se esforçando para não ouvir os passarinhos e o sussurro do vento contra as pedras do castelo, o que lhe provocava calafrios.

— Encontramos seu kit médico — informou Rafaella.

— Emplastro.

A língua parecia um pouco menos dormente agora. Margaret calculou que o efeito da erva da dormência já começava a passar. Poderiam estar inclinadas sobre a cama há horas, sem que ela soubesse. Rafaella perguntou a

Istvana:

— O que será que ela quis dizer com isso? Não há pedaços de pano aqui dentro. Será que se refere a esses chumaços de gaze?

Marguerida, diga-me a que está se referindo. Ela sentiu a urgência na mensagem telepática de Istvana, mas recuou ao contato.

Não entre em minha mente!

Eu a deixarei em paz assim que me disser o que está querendo no kit médico.

Margaret esquadrinhou o cérebro, projetando o conteúdo familiar do kit médico. Era distribuído a todos os terráqueos que viajavam. Esquecera-o por completo, o que fora uma estupidez, já que continha uma ampla variedade de antibióticos, curativos, bandagens e até uma tala de espuma de borracha que podia ser usada para consertar um braço ou perna fraturados. Sentiu que Istvana observava suas imagens mentais sem uma verdadeira intromissão. Era quase como se a Ieronis se mantivesse a alguma distância, observando sua mente sem fazer com que tivesse vontade de gritar outra vez, no terror renovado.

A maioria dos medicamentos tinha a forma de pequenos quadrados, para serem aplicados na pele, da mesma maneira como se ministrava a hiper-drome nas viagens espaciais. Um deles era um eufórico, que atenuaria a dor e induziria um sono profundo e sem sonhos. Ela não queria dormir, mas sabia que morreria se continuasse acordada por mais algum tempo. Por isso, projetou uma imagem mental do emplastro e das letras nele. Depois, pensou na

aplicação em seu braço. o esforço foi extenuante. Sentiu que gotas de suor brotavam em sua testa, mas concluiu que valia a pena.

Margaret ouviu o barulho do kit médico sendo vasculhado, com murmúrios ocasionais de Istvana e perguntas de Rafaella. Não foi capaz de acompanhar direito a conversa, porque o terror começava a voltar. Tinha de recorrer a toda a sua força de vontade para não gritar e se debater. Manteve o corpo imóvel, dizendo a si mesma que em breve se sentiria diferente, se não melhor.

— Ah, aqui está! Nunca lamentei antes não conhecer a escrita Terranan, mas foi isso que ela imaginou.

— Mas ela está tão confusa, domna! E se for alguma coisa mortífera... um veneno?

— A imagem é muito nítida, Rafaella. o que faço com isto agora? Ah, sim... um expediente muito hábil.

— O que é isso?

Houve o som de plástico sendo rasgado.

— Pelo que pude deduzir da mente de Marguerida, esta coisa contém uma droga que penetra no sangue através da pele... o que é muito útil quando a pessoa não consegue manter nada no estômago. Tem um material adesivo num lado, para grudar na pele... assim.

Istvana parecia bastante satisfeita, além de aliviada. Margaret sentiu o emplastro ser comprimido contra sua pele, com extremo cuidado. Estremeceu um pouco. Depois esperou. Primeiro, o braço ficou dormente, em seguida os ombros e o outro braço. Depois do que pareceu uma eternidade, a dormência espalhou-se pelo resto do corpo. o terror sempre presente começou a se dissipar, a retroceder por uma longa distância mental. Não demorou muito para que ela mergulhasse num sono profundo e abençoado.

Ela despertou subitamente. Num momento flutuava numa paisagem branca, no instante seguinte se descobriu na cama. Abriu os olhos, ficou observando as cortinas. Havia silêncio no quarto, quebrado apenas pelo crepitar na lareira, um som suave e agradável. Seu primeiro pensamento foi o de que não sentia dor, o segundo de que tinha muita sede.

O quarto estava escuro, e ela concluiu que devia ser de noite. Que noite não dava para determinar, pois não tinha noção de quanto tempo passara com a doença. Não parecia ser importante. Nada era importante, exceto não ser uma massa de dor. E medo.

O simples pensamento fê-la gritar, o que trouxe o som de passos através do quarto. Istvana Ridenow surgiu das sombras em torno da enorme cama, parecendo exausta. Na semi-escuridão, sua semelhança com Diotima era ainda maior. Margaret sentiu um aperto no coração. Não percebera até aquele momento o quanto ansiava pela presença de sua madrasta.

— Sede.

Ela tinha vontade de falar mais, só que estava com a garganta muito ressequida. Istvana encostou a mão na testa de Margaret. Era um gesto tão parecido com o que Dio costumava fazer que Margaret teve vontade de chorar. Seus olhos se encheram de lágrimas, enquanto a Ieronis se inclinava para a frente e ajudava-a a sentar. Depois, Istvana encostou um copo em seus lábios. Ela bebeu um gole, depois outro.

— Não beba demais a princípio. Eu sei, eu sei, sua vontade é tomar toda a água do Kadarin. O que foi? Por que estremeceu desse jeito?

Kadarin!

Istvana recuou, mesmo contra a vontade.

— Não precisa gritar, chiya. Sei que não tive muito tato ao usar esse rio como referência. Confesso que não estou no melhor de mim neste momento. Agora, trate de se recostar. Eu lhe darei mais água daqui a alguns minutos, quando tivermos certeza de que não vai mais vomitar. A febre passou, os olhos estão claros. Você nos deu um tremendo susto.

— Sinto muito.

O cérebro de Margaret ainda não se encontrava em condições de formular frases longas, embora compreendesse muito bem tudo o que Istvana dizia.

— Não precisa se desculpar, pois sei que não fez isso para nos causar problemas. Tenho a impressão de que já passou pelo pior,

embora ainda possa haver uma recaída antes de se recuperar por completo.

— Não!

— É tão teimosa quanto seu pai, o que é ótimo. Acho que teria morrido se fosse diferente. — Ela afagou a mão de Margaret. — Não tenho palavras para dizer o quanto me sinto grata por você ter se lembrado do kit médico, e indicar o que precisava ali. Esse emplastro mudou tudo. Creio que já pode tomar mais um pouco de líquido agora.

Margaret compreendeu o quanto estava fraca, quando o esforço para beber deixou-a esgotada. Mas podia sentir que a água aliviava a garganta e seu corpo parecia apreciar. Embora soubesse que era impossível, imaginou as células individuais absorvendo a água... ou o que quer que as células fizessem.

Istvana manteve uma conversa amena, enquanto continuava a dar mais água para Margaret, um pouco de cada vez, até que a sede foi saciada. Margaret mal ouvia o que a Ieronis dizia, concentrando a mente em seu corpo.

Podia sentir o terror ainda à espreita, pronto para aflorar e envolvê-la. Se ao menos não estivesse tão fraca... Como podia lutar contra seus medos agora?

— Ashara!

Istvana fitou-a em silêncio, pensativa, por um longo momento.

— Ela se foi.

— Tenho medo.

— Sei que tem... e continuará a ter por algum tempo. Não vou enganá-la sobre esse ponto. Mas agora precisa recuperar sua força. Preparei um chá de galinha bem forte, e agora vou lhe servir uma caneca.

Não se pode fazer chá de uma galinha! Diga isso à galinha.

Margaret não se lembrou de ter dormido depois do chá. Mas pegou no sono logo em seguida. Acordou revigorada e tranqüila. o dia estava claro. A julgar pela inclinação do sol, devia ser de tarde. Sentia-se impaciente, ansiosa em se levantar, mas fraca demais para fazê-lo. Rafaella sentava numa cadeira ao lado da cama. Parecia cansada, mas sorriu para Margaret.

— Como se sente, sua preguiçosa?

— Acho que estou com fome.

— Domna Istvana avisou que teria fome. Ah, Marguerida, você me deu o maior susto! Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida!

A Renunciante franziu as sobrancelhas, formando sulcos profundos entre elas. Os cantos da boca se contraíram para baixo.

— Eu também não — murmurou Margaret. — Mas estou bem agora. Pare de franzir o rosto! Faz com que pareça uma fruta seca, e Rafe...

Ela parou de falar abruptamente, sentindo as faces ficarem vermelhas no embarço. o rosto de Rafaella refletiu o seu, também todo vermelho.

— O que você sabe sobre ele?

— Juro que não tinha a intenção de bisbilhotar. Acontece que duas ou três vezes senti você pensando nele. Como Rafe é meu tio, eu sabia de quem se tratava.

— Seu tio? Mas é claro! Por que não fiz a ligação antes?

Rafaella quase pulou da cadeira. Afastou-se da cama, murmurando para si mesma, quase feliz. Ao voltar, trazia uma tigela de sopa e uma fatia de pão numa bandeja.

— Tento não pensar muito nele, mas não consigo evitar.

Ela ajeitou a bandeja no colo de Margaret, depois começou a alimentá-la, como se fosse um bebê. A disposição para protestar foi abafada pela primeira colherada de sopa. Margaret decidiu que ainda não tinha condições de comer sozinha.

— Não importa, pois é bem provável que nada aconteça entre nós — comentou Rafaella.

Margaret engoliu a sopa.

— Por que não? Se você gosta dele e ele gosta de você... qual é o problema? Não poderiam ser companheiros livres?

— Não sei — murmurou Rafaella, hesitante. — Ainda não chegamos a esse ponto.

A porta do quarto foi aberta. As duas tiveram um sobressalto. Trocaram um olhar, como se tivessem sido interrompidas em alguma conversa indecorosa. A expressão de Rafaella era tão engraçada que

Margaret quase engasgou com a sopa, ao conter o riso. Ei! As costelas estavam bastante doloridas e doíam quando ela ria.

Istvana Ridenow aproximou-se da cama, o resto sereno e quase descansado. Sorriu e inclinou-se para Margaret pelo outro lado da cama. Estudou seus olhos, encostou a mão em sua testa.

— Muito bem, chiya, acordou de novo. Como se sente?

— Estou ótima, considerando tudo o que aconteceu. Gostaria de tomar um banho assim que fosse possível. Sei que me sentirei muito melhor quando estiver limpa.

— Veremos... — A Ieronis percebeu o rosto franzido de Margaret, e acrescentou: — Talvez esta tarde. Não quero que tenha uma recaída de tentar coisas demais, depressa demais. Esteve muito mais doente do que pode imaginar.

— É possível. Acontece que jamais gostei de ficar sem fazer nada. E acho que dormi o suficiente para passar algumas semanas acordada.

E ainda não quero dormir, entende? Quem era Ashara?

— Pode deixar que eu fico com ela agora, Rafaella. Vá descansar um pouco.

— Está bem, domna.

— Acho que não vou conseguir comer mais nada agora — informou Margaret a Rafaella.

A Renunciante pegou a bandeja e se retirou. Assim que a porta foi fechada, Istvana sentou na cadeira ao lado da cama. Ficou olhando em silêncio para Margaret por um longo momento.

— Você tem muitas perguntas a fazer. Posso responder algumas, outras não. Mas creio que precisa saber o máximo que for possível.

— Não será outra ocasião em que só ouço fragmentos, sem um relato coerente, não é mesmo? Porque se fizer isso, provavelmente terei uma febre alta de novo!

— Ah, ameaças! Um sinal seguro de recuperação. — A Ieronis parecia quase satisfeita. — Tentarei responder a todas as suas perguntas, mas o problema é que não sei as respostas para muitas. Há uma época na história de Darkover que nossos historiadores chamam de Era do Caos... um nome bem apropriado. Perdemos

muitos dos registros desse tempo, por causa das guerras que ocorreram. Alguns relatos sobre esse período estão mais próximos do mito que da história. É difícil distinguir uma coisa de outra.

— Isso acontece em muitos planetas, Istvana. Já ouvi histórias, durante minhas viagens, em que algum homem mortal se transformou no deus-sol porque fez coisas extraordinárias... coisas que não pareciam possíveis para um mero mortal.

— Perdoe-me. Sempre esqueço que você é instruída de maneira que não posso entender. Muito bem. Eu lhe direi o que sei sobre Ashara Alton... e não é muita coisa.

— Alton? Está querendo dizer que ela é uma ancestral minha?

Por algum motivo, Margaret não gostou nem um pouco de ouvir isso.

— Você descende de membros de sua família. Mas como Ashara era uma Guardiã, não se relaciona com ela diretamente.

— Por que não?

— Na época em que ela viveu, as Guardiãs não casavam, nem tinham filhos. Julgava-se que a virgindade era necessária para a função. Só recentemente é que isso foi refutado... num episódio doloroso em nossa história.

Istvana parecia perturbada, como se a lembrança dessa época a angustiasse.

— Mas pensei que as mulheres, para preservar os Dons, deviam casar e ter filhos... ou pelo menos ter filhos.

— Era essa a regra, mas as Guardiãs constituíam a exceção à regra. -Istvana limpou a garganta. — Ashara Alton era a Guardiã em Hali, que era na ocasião a principal torre de Darkover. Por tudo o que sabemos, foi a mais poderosa leronis de sua época... ou de qualquer outra. Em circunstâncias normais, uma Guardiã permanece na Torre pelo resto de sua vida. Mesmo quando se tornam velhas, não estão mais em seu juízo perfeito, continuam na Torre. Mas Ashara não ficou em Hali. Não conheço os detalhes... ninguém conhece. Mas ela foi expulsa de Hali.

— Ei, espere um instante! Se ela era tão poderosa, como a obrigaram a ir embora?

— Não sei, Marguerida. Meu palpite é de que ela foi desalojada com o esforço concentrado de vários telepatas... mas é apenas um palpite. Os registros da época foram destruídos. Temos apenas alguns relatos e fragmentos de histórias. É certo que não a mataram, porque sabemos que ela se retirou para Thendara. Tornou-se uma reclusa numa torre que ela mesma construiu. Foi na ocasião em que começaram a construir o Castelo do Comyn... não o que você visitou, mas um prédio anterior, oculto agora dentro do atual.

— O Labirinto!

— Como? — balbuciou Istvana, espantada.

— Quando o Capitão Scott levou-me para ver Regis Hastur, e entramos no pátio do Castelo do Comyn, senti que podia "ver" um padrão de... um padrão de luz, é a melhor descrição, estendendo-se por todo o prédio. Havia lugares em que esbarrava em paredes, mas a luz seguia em frente. Achei que era uma loucura na ocasião. Havia num lado uma torre alta, que me deixou toda arrepiada. A luz parecia começar ali. Só posso dizer que naquele momento tive certeza de que poderia encontrar o caminho pelo castelo com os olhos vendados... se fosse capaz de atravessar algumas paredes.

— Entendo. Há de fato uma lenda de que existe um labirinto dentro do Castelo do Comyn, embora eu nunca tenha ouvido falar de alguém que soubesse como parecia.

— Se essa... essa ancestral minha estava lá quando o primeiro castelo foi construído, e era tão poderosa quanto você diz, então não poderia... não poderia influenciar os arquitetos?

Margaret podia sentir seu terror, mas era uma emoção distante, porque estava muito interessada na história. Tudo se encontrava no passado... e o passado era seguro. Não, não era! Ela podia sentir sua agitação recomeçar. Engoliu em seco. Istvana soltou uma risada que carecia de qualquer divertimento, um som de desconforto.

— Com o Dom de Alton, chiya, influenciar outras pessoas não é difícil. Está na própria natureza do contato forçado ser capaz de fazer isso. E o pouco que sabemos sobre Ashara Alton nos diz que ela nunca hesitou em usar o Dom como desejasse.

— Mas o que aconteceu com ela?

— Sendo mortal, Ashara acabou morrendo. Isto é, seu corpo morreu. o resto dela persistiu em sua torre em Thendara. Sabemos que ofuscou várias Guardiães, de vez em quando.

— Ofuscou? Não sei exatamente o que isso significa.

Não era toda a verdade, porque Margaret tinha uma boa idéia do que significava... e não gostava nem um pouco. Mas a pesquisadora nela assumira o comando, e queria dados, dados concretos, se fosse possível obtê-los.

— É difícil descrever, mas significa que a personalidade de uma pessoa é... engarrafada, digamos assim, passando a ser dominada por outra.

— Foi o que ela fez comigo?

— Exatamente. Não posso imaginar o motivo. Afinal, você era apenas uma criança.

— Que coisa terrível! Estou contente... por tê-la matado!

A respiração de Margaret saía em pequenos ofegos. Istvana ficou alarmada. Inclinou-se e tocou na mão direita de Margaret. A calma começou a voltar. Dio fazia isso de vez em quando, apenas tocava-a e fazia com que seus medos se dissipassem. Devia ser uma habilidade empática.

— As Guardiãs podem ver o futuro?

— Uma estranha pergunta. Há algumas que podem, mas não é um atributo de Alton. Por que quer saber?

— Pode não ser nada, mas tive um sonho ou algo parecido. Seria capaz de jurar que ouvi sua voz dizendo que não me deixaria destruí-la... como se soubesse que eu tentaria. Provavelmente é apenas a minha imaginação outra vez. Já passou muito tempo, não é?

— Centenas de anos, Marguerida. — Istvana pensou por um momento. — Há menção de uma serva que veio de Hali com ela... da linhagem de Aldaran, cujo Dom é prever o futuro.

— Mas ela agora desapareceu para sempre, não é?

Margaret descobriu que se sentia desesperada por uma garantia, que tinha medo de que Ashara pudesse voltar e recapturá-la.

— Ela não existe no mundo material há séculos, Marguerida, mas apenas no mundo superior. E quando você tirou a pedra de sua Torre ali, destruiu o lugar em que seu espírito habitava. Ashara não pode mais lhe fazer mal. Mas eu me pergunto o quanto de sua memória permanece em você.

— Eu gostaria de poder acreditar no que você diz, que ela desapareceu para sempre. Quanto ao resto, nada posso dizer. Não tenho como separar minhas memórias das memórias de Ashara, se é que as tenho. Pelo menos neste momento, quando penso a respeito, descubro que não tenho nenhuma. Por isso, vou presumir que não há qualquer memória. Mas há outra coisa. Quando mencionou Kadarin... é um rio, não é mesmo?... fiquei apavorada. E verdade que foi um medo diferente do que Ashara me incutiu. Mas por que esse pavor?

— Robert Kadarin participou da Rebelião de Sharra — respondeu Istvana, comprimindo os lábios. — Era o amante de sua mãe.

— Como ele parecia?

— Era bastante alto, pelo que me contaram, tinha cabelos prateados e olhos reluzentes.

— Ah... então é isso! — Margaret experimentou um profundo alívio.

— Ele morreu, não é mesmo?

— Morreu, sim. Mas por que isso a perturba?

— Ele sempre apareceu em meus sonhos, junto com Thyra. Havia algo diferente nesse homem. Ele era como um pesadelo. Mostrava-se gentil comigo, como se gostasse de mim, mas também me usava. Levou-me para o orfanato...

— Pare! Começa a ficar transtornada, o que não pode acontecer. Margaret arriou nos travesseiros, compreendendo que havia o maior bom senso na recomendação de Istvana. Olhou para sua mão esquerda, com linhas azuis na palma. Fora coberta por uma bandagem, que se soltara, deixando à mostra as estranhas marcas. Ela ergueu a mão na direção de Istvana.

— O que é isto?

— É um enigma que terá de ser tratado em outra ocasião, chiya. Já conversamos demais por enquanto... e talvez você tenha ouvido mais do que deveria.

Margaret retirou a bandagem, ergueu a palma diante de seus olhos, examinou as linhas atentamente. Sentiu que ficava tonta. Toda a sua força começou a ser drenada, como se estivesse sendo sugada para a figura em sua mão. As linhas pareciam quentes e vivas. Ela tentou desviar os olhos, mas não conseguiu.

Istvana sacudiu-a pelos ombros, mas Margaret continuou a olhar para sua mão, tornando-se mais e mais fraca a cada momento. Ao final, a Ieronis pegou uma toalha úmida na mesinha ao lado da cama e estendeu-a sobre a cabeça de Margaret. O pano molhado atingiu suas faces com um certo impacto, fazendo com que a energia retornasse ao corpo.

Ela baixou a mão e meteu-a por baixo das cobertas, depois tirou a toalha do rosto com a outra mão. Deparou com Istvana de pé ao lado da cama, tensa e alarmada, inclinada em sua direção.

— Precisamos levá-la para a Torre o mais depressa possível. Não tenho capacidade para tratar desse problema sozinha.

— Não é necessário. Basta me arrumar uma luva ou algo parecido para cobrir a mão, e acho que poderei dar um jeito. O que quer que seja, é muito... poderosa, mas apenas se você der atenção. Acho que é a última armadilha dela, mas não a deixarei vencer de jeito nenhum!

Capítulo Quinze

Alguns dias depois, Margaret já estava se movimentando por toda parte, cansada de ser tratada pelas outras. Podia comer e se vestir sozinha, subir e descer a escada, sem ficar exausta. Mas todas insistiam em atendê-la como se fosse uma inválida, até que se sentia um pintinho com todo um bando de galinhas a segui-la, cacarejando. Precisava de privacidade... e uma privacidade total. Era extraordinário como isso era difícil de conseguir, até mesmo numa construção tão grande quanto o Castelo de Ardais.

Parte do problema era a sua independência. Passara muitos anos cuidando de si mesma, no máximo sendo assistente de Ivor, para aceitar com facilidade que lhe mandassem fazer isso ou aquilo. A outra parte era o fato de que todas pareciam presumir que ela as deixaria tomar as decisões, que seria uma mulher obediente. Istvana e Marilla queriam que ela fosse para a Torre de Neskaya. Nada do que ela dizia em protesto podia convencê-las de que não iria. Olhava de vez em quando para sua mão, agora coberta por uma luva de couro macio, e tentava pensar por que se mantinha tão intransigente. Era como se simplesmente soubesse que não iria para Neskaya ou qualquer outra Torre. Também não conseguia imaginar para onde mais poderia ir, exceto voltar a Thendara e deixar Darkover. E esse, ela sabia lá no fundo de si mesma, também não era o seu caminho.

Explorou o andar térreo do castelo, tentando encontrar um canto em que pudesse ficar sozinha. Acabou encontrando a sala que servia como biblioteca. A existência de um lugar assim no Castelo de Ardais lhe proporcionou uma imensa satisfação, pois os livros ainda eram seus companheiros prediletos. Embora a maior parte de suas leituras na universidade fosse em discos no computador, ela crescera com volumes encadernados. Os habitantes de Thetis fabricavam um excelente papel de algas marinhas: havia uma pequena indústria devotada à produção de lindos livros para colecionadores. Margaret sempre apreciara a sensação de um livro em sua mão. Afinal, os livros, ao contrário das pessoas, eram seguros.

Em matéria de bibliotecas, aquela era lamentável. Mas ela sentiu-se contente pelo silêncio na pequena sala, o ligeiro cheiro de mofo dos livros encadernados em couro. Era um ambiente aconchegante, seguro e familiar. Ela descobriu ali que podia se concentrar em seus próprios pensamentos, em vez de refletir sobre o mundo superior e o terror que ainda lhe reservava.

Numa parede havia uma pequena lareira, onde se acendia o fogo. Uma única estante se destacava na parede em frente, com outra menor ao lado da lareira. Além das duas estantes, a sala quase não era mobiliada, sugerindo que era pouco usada pelos moradores. Havia uma cadeira grande e confortável, onde ela sentava agora, com uma manta estendida sobre as pernas. O único outro lugar para sentar era um banco ao longo da janela, coberto por almofadas. Dava para os fundos do castelo. Podia-se contemplar um pequeno jardim, cheio de flores e passarinhos barulhentos. Era maravilhoso poder ouvir de novo o canto dos passarinhos sem qualquer desconforto. Margaret passava muitas horas sentada naquele banco, admirando as flores, sem pensar em nada em particular. As paredes estavam vazias, exceto por uma tapeçaria meio comida por traças pendurada por cima da lareira, tão escura da fuligem do fogo que as figuras eram quase invisíveis.

Pela quantidade de poeira nas prateleiras e nos quarenta e tantos volumes guardados ali, Margaret deduziu que os Ardais não eram muito afeiçoados à leitura. Ainda assim, ficou feliz por aquele material de leitura, porque aqueles eram os primeiros livros que encontrava desde que chegara a Darkover. Quando conferiu os títulos, ela compreendeu por que os livros não eram muito usados. Quase todos eram traduções de manuais técnicos escritos em Padrão Terráqueo. Era sem dúvida uma biblioteca de trabalho, não devotada ao prazer. Ela tentou imaginar o jovem Dyan Ardais deliciando-se com a leitura de Substituição de Fertilizantes por Nitrogênio em Climas Temperados, de C.J. Bandarjee; ou Lady Marilla lendo as quatrocentas páginas de o Trabalho de Parteira: Uma Pesquisa. Não pôde deixar de sorrir. Só olhar para os livros já a deixava sonolenta. Mas ela encontrou um livro que parecia ser de reminiscências, e concluiu que daria uma leitura agradável.

o que realmente queria, Margaret sabia, era uma história concisa de Darkover... ou melhor, uma obra em vários volumes, com muitas notas de rodapé. Não podia entender por que um livro assim não existia; se houvesse, tinha certeza, Istvana já teria lhe falado a respeito. Não se podia dizer que os darkovianos não tinham senso de história, pois era evidente que tinham; apenas ainda não a haviam escrito. Ou talvez houvesse registros no tal mosteiro, São Valentine das Neves, sobre o qual já ouvira falar várias vezes. Onde ficava mesmo? Ah, sim, Nevarsin, onde quer que isso fosse. Havia mapas em sua bagagem, mas ela sentia-se cansada demais para consultá-los. Mas lembrou a si mesma que deveria fazer isso em breve.

Margaret flexionou a mão esquerda, agora coberta pela luva de couro que Rafaella lhe dera, sentindo as linhas na pele. Istvana e Lady Marilla achavam aquelas linhas intrigantes, mas também inquietantes. Ambas concordavam que as estranhas marcas deviam permanecer cobertas, que as linhas se relacionavam com os cristais de matriz que elas usavam, embora nenhuma das duas quisesse arriscar qualquer palpite sobre o que podiam significar.

Ela não queria pensar nas linhas em sua mão, nem na estranha aventura que as produzira, mas encontrava a maior dificuldade para se concentrar em qualquer outra coisa. Baixou os olhos agora e por um instante pôde "ver" as linhas, através do couro macio. Era desconcertante. Margaret especulou se haveria algum material que impedisse isso. o couro não era a solução, embora lhe permitisse tocar em coisas sem perturbação. A palma parecia quente e coceguenta, a pele ainda era muito sensível.

Ela forçou-se a ignorar a mão. Olhou para a página do livro que finalmente escolhera. Era Memórias de uma Estudiosa Itinerante, de Paula Lazarus. Parecera promissor, mas se mostrou muito chato, a tal ponto que ela ainda estava na página sete depois de mais de uma hora. Olhava fixamente para um parágrafo que já lera várias vezes, sem qualquer prazer ou compreensão. Desviou os olhos para a pequena fogueira na lareira. Largou o livro no colo. Os olhos comichavam, apesar de todo o sono que tivera nos últimos dias.

Margaret fechou-os, cansada. Perguntou-se se algum dia voltaria a se sentir descansada. E resvalou para um leve cochilo.

Passos pesados no corredor despertaram-na abruptamente. A porta ficava por trás da cadeira. Ela ouviu-a sendo aberta. Uma aragem fria atingiu-a, quando se inclinou para ver quem era. Esperava Dyan, ou talvez Mikhail, pois os dois já haviam-na visitado na pequena biblioteca; ou então Julian Monterey, embora seus passos nunca fossem tão pesados.

Três homens entraram na sala, dois em uniforme cinza e verde. Eram típicos policiais, pois esquadriharam todos os cantos, empertigados em determinação e vigilância. o terceiro homem era corpulento, ombros largos, musculoso, queixo quadrado, com a aparência de quem estava acostumado a impor sua vontade a todo mundo. Margaret especulou se os guardas tinham vindo prendê-la por praticar a telepatia sem licença ou por causar a maior confusão no mundo superior. Teria achado graça dessa especulação, se os três homens não se mantivessem tão sérios.

O corpulento postou-se na sua frente e estudou-a por um momento. Tinha cabelos vermelhos, com fios brancos nas têmporas, uma barba bem aparada. Os olhos eram azuis, frios e penetrantes. Fitou-a diretamente, de tal maneira que Margaret sabia que era grosseira, pelos padrões darkovianos. Ela teve de fazer um esforço para resistir ao impulso de detestá-lo à primeira vista. Não fitou-o nos olhos. Em vez disso, observou o bordado em seus punhos.

— Domna...

Ele fez uma meia reverência, um movimento relutante. Olhe só para ela... uma mulher arrogante. Igual ao pai! Recende a laran, e nem sabe disso!

Arrogante? Margaret não podia entender por que ele a julgava assim, mas a comparação com o pai parecia estar na raiz do problema. Muito estranho. Ela pensara em muitas coisas pouco lisonjeiras de Lewis Alton, mas arrogância nunca fora uma delas.

— Vai dom...

Margaret respondeu tão suavemente quanto podia, copiando as maneiras de Lady Marilla, ao mesmo tempo em que procurava ignorar os pensamentos agitados do homem. Podia sentir que ele

tinha um pouco de medo dela, por algum motivo que ignorava. Medo e hostilidade. Pior ainda, ela desconfiou que o riso não fazia parte da personalidade daquele homem.

— Seu pai não está aqui? O que ele quer? Mandou-a para tomar seu lugar?

Não vou admitir! Mantenho Armida há vinte anos e não serei expulso por uma mulher, não importa quem ela seja!

Como acontecia com frequência quando se sentia ameaçada, Margaret refugiou-se no escárnio.

— Ele não está escondido debaixo de minha saia, com certeza. — Ela ficou satisfeita com a expressão chocada de um dos guardas. Acenou com a mão para as prateleiras. — Pode procurá-lo entre os volumes empoeirados ali, se quiser.

— Afinal, seu pai a mandou para tomar seu lugar?

— Não posso imaginar alguma pessoa tomando o lugar de meu pai, muito menos eu.

Ela estava alerta agora, sem qualquer resquício de sono na mente, sentindo-se mais e mais irritada, a cada segundo que passava.

Arrogante e de fala macia ainda por cima! Por que Javanne me enviou nessa missão inútil? Malditas sejam todas as mulheres!

— Sou seu tio... seu único tio vivo... Gabriel Lanart-Alton. Quero saber o que tenciona fazer com Armida?

Ele falava com evidente esforço, dominado por emoções poderosas. Margaret concluiu que era um homem de ação, não de palavras, e que se sentia tão constrangido quanto ela.

Ah, sim, era o pai de Mikhail, o homem idoso que ele presumira que Margaret tencionava expulsar para a neve das montanhas. Só que não era tão idoso assim, obviamente, muito menos fraco. Por que ela tivera a impressão de que os pais de Mikhail eram idosos? Sua resistência a detestá-lo enfraqueceu.

— Seria ótimo para você, mas creio que Rafe Scott contestaria sua alegação de que é o meu único tio vivo.

— Ele não conta. — o tom de Gabriel era quase desdenhoso. — É um Terranan.

Ela está tentando me confundir... a conversa não está acontecendo como planejei! E bem provável que ela seja tão esperta quanto o pai, e eu nunca fui desse tipo!

— E mesmo? Como irmão de minha mãe, ele conta muito para mim. Quanto a Armida, por que eu deveria fazer alguma coisa a respeito? Sem qualquer motivo que eu possa descobrir, metade das pessoas que encontro em Darkover presume que vou correr para lá... onde quer que fique... e exigir que me entreguem imediatamente a chave da despensa.

Por trás de Gabriel, um guarda tinha dificuldade para conter o riso.

— Por que outro motivo você viria para Darkover... e, antes que eu me esqueça, o que está fazendo aqui em Ardais?

Gabriel tinha a expressão atormentada de um homem levado ao limite da resistência por coisas além de seu controle. Javanne vai comer meu fígado no almoço, se ela casar com Dyan Ardais!

— Vim para Darkover como pesquisadora da universidade, a fim de coletar músicas folclóricas, sem saber que era uma herdeira. Quanto à minha presença no Castelo de Ardais, acho que é uma questão que só a mim interessa. Não é da sua conta.

Margaret começava a avaliar aquele novo tio. Já desconfiava que não era um homem ponderado, mas alguém que queria resolver todos os problemas na força bruta. Também tinha a impressão de que ele acalentava um ressentimento contra seu pai, embora não pudesse imaginar por quê.

O rosto de Gabriel ficou vermelho, os olhos esbugalharam na frustração reprimida a custo. Não sabia que era uma herdeira? Acreditarei nisso quando os infernos de Zandru derreterem! Qual será a manobra de Lewis? Ele sempre tramou alguma insídia. Até mesmo quando éramos jovens e amigos. Mas por que ele não veio pessoalmente?

— Como minha parenta, domna, tudo o que fizer é da minha conta. Não posso permitir que se aventure pelas Hellers...

— Não tenho me aventurado por lugar nenhum, Dom Gabriel. Vim para o Castelo de Ardais porque estava doente e precisava de

atenção médica. Era o lugar mais próximo. Lady Marilla tem cuidado de mim muito bem, e sempre terei uma dívida de gratidão com ela.

Aposto que sim. Ela ajuda, enquanto promove a causa daquele seu filho desfibrado. Não há nenhuma mãe nos Domínios que não queira esta jovem para seu filho, por mais malnascida que ela tenha sido. Se eu não ficasse de cama com a febre, tudo isso poderia ter sido evitado.

— Vim até aqui para levá-la a Armida, imediatamente.

— Dom Gabriel — começou Margaret, tentando ser conciliadora com o homem que dava a impressão de que sofreria um derrame, se ficasse um pouco mais furioso -, compreendo que está acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas, mas não sou uma pessoa que pode intimidar a fazer tudo o que mandar. Não planejei visitar Armida e não vejo qualquer motivo para me fazer mudar de idéia.

A perspectiva de montar num cavalo e partir era insuportável, pois ainda sentia dores em todos os músculos e ossos. o guarda por trás dele quase perdeu o controle e se desgraçou nesse instante. Jamais conheci alguém que pudesse enfrentar o Dom, com exceção de Lady Javanne! Se eu contar isso nos alojamentos, ninguém vai acreditar!

— Tem de me escutar, mocinha! Você está aqui, e seu pai não, o que significa que fará exatamente o que eu mandar, sem protestar! Sou o seu guardião legal na ausência de Lew Alton!

Os dois se fitaram furiosos por um momento.

— Como exatamente somos parentes? — perguntou Margaret, a voz suave.

— Minha mãe era irmã de seu avô Kennard Alton. Mas o que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Eu estava apenas curiosa. Desde que cheguei a Darkover que venho encontrando parentes que nem sabia que tinha, uma família que nunca imaginei. Mas duvido que você seja meu guardião, legal ou de qualquer outro tipo. Quando me encontrei com Lorde Hastur, ele não fez nenhuma menção a respeito. Por isso, acho que está querendo assumir uma coisa a que não tem direito.

— Sou o detentor do Domínio de Alton, o que me dá esse direito.

— Entra aqui e quer saber se eu vou reivindicar Armida, expulsando-o de sua casa. Não quer que isso aconteça... ninguém poderia gostar. Não acredita em mim quando lhe digo que não tenho a menor intenção de apresentar qualquer reivindicação. Pede que eu o acompanhe até lá, mas não deseja minha presença em Armida. Em suma, está se comportando muito mal, e estamos no lado errado...

— Cale-se!

Ele ficou vermelho outra vez, parecia à beira de um ataque. Margaret tentou sentir pena, mas não conseguiu.

— Não sou uma criança, nem sou sua escrava. Talvez possa dar ordens à sua esposa e filhas, mas não sou sua esposa, nem sua filha.

Ela sentiu os ombros tensos na fúria que ainda não explodira. O homem era irritante, e Margaret se perguntou como "Javanne" podia aturá-lo.

Ela é Kennard outra vez, tão teimosa quanto uma mula. Mais qualquer coisa que herdou daquela desgraçada que foi sua mãe. Por que ela tinha de voltar?

— Como é minha sobrinha, domna, é como se fosse minha filha. Desculparei sua grosseria porque compreendo que não conhece nossos costumes. Aqui em Darkover ainda é considerada uma criança, porque não é casada. Assim, passa a ser como uma filha para mim, enquanto eu mantiver o Domínio.

— Não diga bobagem. Ou sou uma herdeira e o Domínio de Alton é meu por direito, ou não sou, mas sua dependente é que jamais serei. Agora, trate de se retirar. Acaba de chegar, deve estar tão cansado quanto eu. Não acha melhor continuarmos a conversa mais tarde?

Margaret surpreendeu-se pela veemência com que falou, uma qualidade de voz que não sabia que possuía. Não parecia sua própria voz, mas sim a de outra pessoa. Ela tremeu um pouco. Torcia para que fosse sua imaginação, não algum resquício de Ashara, pois não queria que qualquer coisa daquela terrível mulher permanecesse nela. Para seu espanto, Gabriel moderou um pouco o seu tom.

— Não pode permanecer aqui em Ardais.

— Assim que estiver em condições de viajar, tenciono voltar a Thendara e deixar Darkover.

Era uma mentira clamorosa, mas ela não se importava mais.

— Deixar Darkover? Não pode fazer isso!

Resolveria meu problema por enquanto, mas seria a coisa errada. Lew Alton tinha de criar essa confusão e me deixar para endireitar tudo! Onde ele está? Renunciou a seu cargo sem pedir autorização a ninguém e...

— Pois então espere para ver! — exclamou Margaret, agressiva. Gabriel fez um esforço para se controlar, respirando fundo e empinando os ombros.

— Você não compreende. Deve ir para Armida. Há pessoas que precisa conhecer.

Estraguei tudo. Javanne e Jeff ficarão furiosos. Por que ela não podia ser uma doce menina, em vez dessa megera indomável?

— Devo?

Dom Gabriel Lanart virou-se e saiu da biblioteca, batendo a porta com toda a força. Deixou seus guardas para trás. Um deles foi abrir a porta e seguiu-o. o outro fitou Margaret por um momento, exibindo um sorriso tão grande que quase rachava o rosto. Depois também saiu, deixando-a sozinha e exausta.

Talvez uma hora depois houve uma batida na porta.

— Entre — disse Margaret.

Esperava que fosse Rafaella ou Lady Marilla. Mas quem entrou na sala foi Mikhail Lanart-Hastur, parecendo desesperado. o coração de Margaret palpitou de forma inesperada ao contemplá-lo. Ela censurou a si mesma. Estava velha demais para se comover com um rosto bonito.

— Soube que meu velho chegou para levá-la para Armida — disse ele. Margaret piscou, aturdida.

— Velho? Está se referindo a Dom Gabriel? É engraçado, porque também chamo meu pai de Velho. Não na sua frente, é claro.

Mikhail soltou uma risada. A expressão angustiada desapareceu. o que foi terrível, porque o riso o tornava ainda mais

bonito... e fez com que Margaret se sentisse ainda mais atraída. Ela tinha a sensação de que já o conhecia, embora soubesse que isso era impossível. Sentiu a frieza familiar dentro dela, um desejo de não ficar próxima de ninguém, de se manter apartada. Istvana lhe dissera que isso era parte do encantamento feito por Ashara Alton, quando ofuscara a criança Margaret. Ela mordeu o lábio, porque detestava o sentimento de separação. Ao mesmo tempo, era seguro, e a esta altura já estava acostumada.

Mikhail fazia um bom trabalho de perturbar o sossego de sua mente, sem ter a menor idéia dos sentimentos dela, como Margaret desconfiava. Ainda bem que era assim, concluiu ela. Provavelmente Mikhail não era nem um pouco parecido com o homem que ela imaginava, o homem que sentia que já conhecia. Ela desejou poder descartar esse sentimento, pois deixava-a desequilibrada.

— Nunca na frente, é claro. Meu pai detesta envelhecer. Era capaz de cavalgar por três dias seguidos, sem parar para comer ou dormir, ou qualquer outra coisa... a se acreditar em suas histórias. Agora, um dia na sela deixa-o exausto e irritado. E tem estado doente. Como era um homem que nunca tinha uma doença, fica furioso com a recusa do corpo em obedecer às suas ordens. Já teria vindo para cá há dias, se não fosse por isso.

— Está explicado o comportamento dele. E devo dizer que me sinto grata por seu pai não ter vindo antes, porque acho que invadiria meu quarto e exigiria que eu me levantasse e o seguisse para Armida, como uma boa menina.

Mikhail balançou a cabeça, com um ar de tristeza.

— Ele foi muito grosseiro?

— Tive a impressão de que está acostumado a impor sua vontade.

— Ele é sempre assim, quer esteja ou não viajando.

Mikhail cruzou as mãos nas costas e olhou para o fogo. Tenho de fazer o maior esforço para não fitá-la! Nunca me senti tão atraído por alguém em toda a minha vida! Ela me conquistou com um olhar, e a segui por toda parte.

— Ele era o Capitão da Guarda até o ano passado. Adquiriu o hábito de dar ordens. Ou talvez sempre tenha sido assim. Não

somos muito ligados, pois fui o herdeiro de Lorde Regis durante muito tempo. Fui criado no Castelo do Comyn. Passei muitos anos ali. Depois que Lady Linnea teve seu filho, o jovem Danilo, deixei de ser o primeiro na linha de sucessão, e voltei a Armida. Mas como me tornei o paxman de Dyan, não passo muito tempo lá. Acho que, no fundo, ele gosta de mim... à sua maneira.

Se gosta, eu não sei. Ele sempre me olha como se tivesse vontade de me estrangular.

— Quando você vai embora? — acrescentou Mikhail.

Margaret estava tão absorvida a definir os sentimentos que a alcançavam de uma forma espontânea, a atração que ele sentia e seu distanciamento do pai, que não respondeu de imediato. Quando o fez, disse apenas:

— Não vou.

— Como? — Mikhail fitou-a diretamente por um instante, mas logo baixou os olhos. O olhar dele fez Margaret tremer com um anseio que nunca experimentara antes. — Está querendo dizer que o desafiou de verdade? Deve ter provocado uma explosão.

— Ele bateu a porta com tanta força que quase quebrou as dobradiças. Parecia pensar que eu faria automaticamente tudo o que mandasse. Declarou que era meu guardião legal na ausência de meu pai. Tentei explicar que não era mais uma criança, mas ele não me ouviu.

— O pai é um bom homem, mas não gosta de ouvir. Toma uma decisão e segue em frente de qualquer maneira. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. Não podemos controlar o modo como nossos pais se comportam. Pode fazer o favor, se souber, de me explicar por que ele quer que eu vá para Armida? Ele receia que eu reivindique a propriedade. Então por que deseja a minha presença ali? E quem é Jeff? E Javanne? Tenho a sensação de que me meti no meio de um romance russo.

— O que é isso?

— Um romance russo? Uma história em que há milhares de personagens, e todos eles têm pelo menos quatro nomes diferentes.

Mikhail riu de novo.

— Parece bastante confuso.

— Pode ter certeza de que não é mais desconcertante do que tentar entender as linhagens darkovianas.

— Como convivi com isso durante toda a minha vida, não me parecem confusas. Mas posso entender como deve ser difícil para você. Javanne é minha mãe... Javanne Hastur, irmã de Lorde Regis.

— Ah, isso explica alguma coisa. Sabia que ela era sua mãe, mas esqueci que era irmã de Lorde Regis. Você me deu a impressão de que ela era velha... e seu pai também, naquele jantar que nunca terminei. Já se passaram muitos dias, não é mesmo? Meu cérebro ainda está um pouco atordoado... e não ajuda nem um pouco conhecer tantos parentes que nem sequer sabia que existiam.

Uma tênue lembrança aflorou em sua mente. Margaret acrescentou:

— Acho que meu pai falou sobre ela uma ocasião... alguma coisa relacionada com uma festa e uma briga de arranhão... não, de mordida. Ele tem uma pequena cicatriz num braço. Quando perguntei o que acontecera, ele me disse que Javanne o mordera. É a mesma pessoa?

Mikhail soltou outra risada.

— A mãe adora contar essa história. Tinha nove anos na ocasião, e já era estourada. Ela e Lew tiveram alguma discussão infantil. Minha mãe exigiu que ele se retratasse. Como Lew se recusasse, ela jogou-o no chão, sentou em cima de seu peito, e mordeu seu braço quando ele tentou derrubá-la. Não era a atitude de uma dama, mas a mãe sempre foi impetuosa, a julgar pelos relatos de Lorde Regis. Ele até comentou uma vez que era uma pena que ela tivesse nascido mulher e ele homem. Como estava um pouco embriagado, não lhe dei crédito.

— Sua mãe parece formidável. Ou será que os anos a abrandaram? Mikhail sorriu.

— Se isso aconteceu, não dá para notar. É uma mulher maravilhosa, mas determinada.

— Posso imaginar. E como seu pai é tão obstinado, presumo que se dão muito bem.

— Se gritar um com o outro e dar socos na mesa são sinais de amor e harmonia, então eles formam um casal perfeito.

Margaret ficou surpresa ao constatar como se sentia à vontade agora na companhia de Mikhail. Era como se pudesse lhe dizer qualquer coisa. Tratava-se de uma experiência nova, que lhe permitia relaxar. E de repente o calafrio voltou, aquele sentimento de que devia se manter apartada, nunca permitir que alguém se aproximasse. Fazia com que se sentisse puxada em direções opostas, dividida por desejos conflitantes. Sempre fora capaz de dizer qualquer coisa a Ivor ou Ida Davidson, mas agora era diferente. Afinal, estava com um homem atraente, de sua idade, uma circunstância em que nunca se sentira à vontade antes.

Foi então que ela sentiu, mais do que ouviu, uma emoção na reação de Mikhail, como se ele também se sentisse mais à vontade em sua companhia do que com qualquer outra pessoa que conhecera antes. Era uma sensação maravilhosa, mas inquietante para os dois. Ele poderia ser meu amigo! Nunca tive um amigo homem antes, exceto Ivor, mas ele era diferente. Só que não devo. Alguma coisa vai acontecer, uma coisa terrível, se eu me permitir ser atraída para ele.

Por um momento, ela ficou tensa, à espera de algo. E depois compreendeu que a voz em sua cabeça, que sempre a isolara das outras pessoas, não se manifestara agora. A profunda importância de seu trabalho com Istvana Ridenow, durante a lenta recuperação, começou a se definir em sua mente consciente. Não era uma percepção tranqüila. Ao contrário, ela sentia raiva, porque algo na presença de Ashara dentro dela a levava a não fazer amizades, como as outras pessoas. Para se distrair desses pensamentos desconcertantes, ela perguntou:

— E quem é Jeff?

Mikhail pôs-se a andar de um lado para outro, na frente do fogo.

— Jeff é Lorde Damon Ridenow — informou ele, como se isso explicasse tudo.

— Ridenow? Outro tio?

— Isso mesmo. Mas tendemos a considerar tios e tias as pessoas da geração imediatamente anterior. Jeff é da outra geração. E é seu parente duas vezes, porque descende de Ellemir Lanart, que

é da linha de Alton, e de Arnad Ridenow, que tem parentesco com a esposa de seu pai.

— Quer saber de uma coisa? Estou começando a lamentar não ser o tipo de pessoa que tem um acesso histérico a todo instante. Todos esses novos parentes estão me levando à loucura. Mas se ele é Lorde Damon, por que é chamado de Jeff?

Por mais confusa que estivesse, Margaret ainda era extremamente curiosa. E queria que Mikhail continuasse a conversar com ela, porque desejava a sua proximidade por mais algum tempo. Ao mesmo tempo, outra parte dela preferia ficar sozinha, a fim de não se sentir atraída por aquele homem.

— Ninguém jamais lhe falou sobre a Torre Proibida?

— Istvana pode ter comentado alguma coisa, quando respondia às minhas perguntas.

— O que ela contou?

— Deixe-me pensar... Aconteceu há cerca de setenta ou setenta e cinco anos, não é mesmo? Ei, foi quando ouvi antes o nome de Damon Ridenow! Sabia que já o conhecia. Mas esse Jeff não pode ser o mesmo homem... teria mais de cem anos agora!

— Não, não são a mesma pessoa. É uma história antiga, e não muito feliz. — Mikhail soltou um pequeno suspiro. — Durante séculos só houve mulheres como Guardiães, todas celibatárias. Damon Ridenow foi o primeiro homem que se tornou Guardião desde a Era do Caos. Era casado com Ellemir Lanart, mas tinha uma filha de outra mulher, Jaelle n'ha Melora.

— N'ha Melora? Quer dizer que ela era uma Renunciante, como Rafaella?

— Isso mesmo. Por favor, não me interrompa, porque a história já é bastante complicada sem isso.

— Sinto muito.

Margaret não se lamentava, porque Mikhail não estava nem um pouco aborrecido com ela. o que lhe proporcionava uma intensa satisfação.

— Leonie Hastur, que era Ieronis na Torre de Arilinn, onde seu pai foi treinado, ficou consternada, porque ela e Damon eram muito ligados. Sentiu-se traída, tanto por ele se tornar um Guardião quanto

por gerar filhos. As Guardiãs exerciam um tremendo poder, praticamente o único poder que as mulheres tinham na ocasião. Por isso, eram muito zelosas da prerrogativa.

— Posso compreender essa posição, considerando como as mulheres são arrastadas para o casamento tão jovens.

Mikhail sorriu para ela, depois sacudiu um dedo, como um professor censurando uma aluna travessa.

— Não quero entrar numa discussão com você sobre a maneira como tratamos nossas mulheres, Marguerida.

Ela pensou que seu nome nunca soara tão bonito na voz de qualquer outra pessoa.

— Nem eu quero. Não tive a intenção de criticar.

Pelo que Rafaella me disse na trilha, há muito para criticar, mas não é da minha conta. Ninguém vai me pressionar para o casamento!

— Vamos voltar à história. Damon Ridenow criou uma Torre em funcionamento em Armida, com sua esposa, a irmã gêmea dela, Callista, e um Terranan chamado Ann'dra Carr. Não foi bem aceita, mas não havia muita coisa que se pudesse fazer para evitá-la, sem muito derramamento de sangue. A filha de Damon e Jaelle recebeu o nome de Cleindori. Dizem que foi uma das mulheres mais lindas que já viveram em Darkover. Se o único retrato dela que existe hoje serve como base para julgamento, então é a pura verdade. Ela foi para Arilinn e tornou-se uma Ieronis. Começou a criar uma ciência formal usando as matrizes, o que não fazíamos há séculos. — Ele suspirou. — Perdemos muita coisa durante a Era do Caos, muito conhecimento, e ainda não recuperamos tudo.

— Por quê? Não compreendo essas matrizes, para começar, embora saiba que funcionam como focos. Se os darkovianos as usam há séculos, era de se esperar que já tivessem desenvolvido uma ciência formal há muito tempo.

— Tem toda a razão. Mas a destruição que ocorreu durante a Era do

Caos fez com que todos nos tornássemos cautelosos... houve muitos usos errados, e ficamos com medo de voltar aos costumes de nossos ancestrais.

— Mas o que aconteceu com Cleindori?

— Ela violou as regras. Acho que saiu ao pai. Casou com Arnad Ridenow... o que era sem precedentes, uma Guardiã casar. Como se isso já não fosse bastante ruim, ainda por cima ela manteve seu laran. O que também não foi aceito, porque há muito tempo já se decidira que só uma mulher virginal podia ter o laran de uma Guardiã. Ela continuou tão poderosa quanto antes, o que perturbava todas as convicções antigas.

— Dá para perceber que você se sente embaraçado ao falar sobre isso.

Não entendo o motivo.

— Nunca discuti a virgindade com uma mulher da minha idade. Parece muito estranho. Não se sente embaraçada?

— Por que deveria? Não posso dizer que nada sei sobre sexo, Mikhail. — Ela fez uma pausa, antes de acrescentar, jovial: — Afinal, estive na universidade.

Ele soltou uma risada, a cabeça se inclinando para trás, de tal forma que o fogo cintilava contra os cabelos dourados.

— Mas é claro! Você é uma mulher sofisticada, enquanto eu não passo de um matuto ignorante!

— Não diga bobagem. Você é muito inteligente, e é isso que importa. Mikhail sorriu e soltou um pequeno suspiro.

— É verdade, sou o mais esperto na família. Talvez seja por isso que o pai e eu não nos damos bem. o velho é muito desconfiado das pessoas inteligentes.

— Pessoas como meu pai.

— Exatamente!

— Por quê? Pelo que imagino, seu pai e o meu já foram amigos, há muito tempo.

— É verdade. Mas meu pai vivia à sombra de Lewis Alton, o que o deixava ressentido. Isso é apenas um palpite meu, não uma coisa de que tenho certeza. Meu pai nunca imaginou que ficaria com o Domínio de Alton. Só aconteceu porque seu pai deixou Darkover. O velho sempre teve a sensação de que era apenas secundário. E sua volta deixou-o um pouco transtornado.

Por favor, tente ser paciente com ele. É um bom homem, mas muito teimoso e antiquado.

Margaret não entendia muito bem o que podia significar antiquado, mas descobria agora que queria agradecer Mikhail. Era um sentimento surpreendente, porque ela jamais quisera agradecer a qualquer pessoa, a não ser com seus conhecimentos de música, desde que era criança e se sentira rejeitada em casa.

— Farei o melhor que puder. Mas você ainda não acabou de explicar esse tal de Jeff, que é meu tio distante, ou meu primo... ou as duas coisas. Todas as famílias darkovianas são complicadas assim?

— A maioria. Lembre-se de que casamos entre nós há gerações. Por isso, todos os Domínios estão interligados pelo sangue, tanto quanto pelas lealdades. Agradeço por se mostrar disposta a ser paciente com meu pai. Sei como ele pode ser exasperante, mas sua devoção a Darkover é tão profunda que às vezes o torna intolerante.

Mikhail ofereceu um sorriso insinuante, como se fossem cúmplices, antes de perguntar:

— Onde era mesmo que eu estava?

— Falava de Cleindori e Arnad.

— Tiveram uma criança, outro Damon Ridenow, em homenagem ao avô, mais tarde adotado e levado para a Terra, onde recebeu o nome de Jeff Kerwin Jr. Isso aconteceu depois que Cleindori e Arnad foram assassinados por alguns fanáticos, que não eram capazes de compreender que não tinha a menor importância se uma Guardiã permanecia virgem ou não.

— Uma história muito triste.

— Foi pior do que triste... um evento estúpido e trágico! Ele estava indignado, como se o caso tivesse acabado de ocorrer.

— Tem razão.

— Jeff voltou a Darkover há alguns anos e descobriu quem era. Tinha um laran muito forte e foi para Arilinn, a fim de receber o treinamento necessário. Mas manteve o nome com que cresceu. Como descendente do Damon anterior, ele era o herdeiro legal do Domínio de Alton. Renunciou a esse direito em favor de seu pai,

porque queria permanecer em Arilinn. Depois da Rebelião de Sharra, quando deixou Darkover para se tornar nosso Senador, seu pai também renunciou a seu direito sobre o Domínio, porque nossas leis determinam que o chefe de um Domínio deve residir aqui. Foi assim que meu pai acabou com Armida. E tem sido um bom administrador. Adora a propriedade. Seu retorno deixou-o angustiado. Em termos técnicos, Jeff pode reclamar seu direito outra vez, embora não queira fazê-lo. No fundo, é uma situação muito complicada, e a sua presença aqui a torna ainda pior.

— Eu gostava mais antes da sua explicação. Não acha que há pessoas demais com direito ao Domínio de Alton? É tanta gente que me deixa confusa. — Margaret franziu o rosto. — De onde vem o nome Lanart?

Ela tentava encontrar algum sentido em toda aquela genealogia, mas não conseguia.

— Os Lanarts formam um ramo menor da linhagem de Alton.

— Então por isso seu pai é um Lanart-Alton?

— Exatamente.

— Mas parece que esse Jeff não está relacionado com todo mundo... é o neto de Jaelle e do Damon Ridenow mais antigo, mas não de sua esposa, Ellemir Lanart. É isso?

— Mais ou menos. Acontece que Marcella Ridenow casou com Esteban Lanart, e suas filhas foram Callista, Ellemir e...

— Pare! — protestou Margaret, com um súbito cansaço. — Meu cérebro não será capaz de absorver mais nenhum fato! Aceitarei apenas que esse Jeff... Lorde Damon Ridenow... é uma espécie de tio, só que ele não é de fato. Se eu não conhecesse os padrões de parentesco em algumas outras culturas, diria que vocês são todos loucos!

— Eu jamais havia percebido que era tão complicado até tentar explicar para você. — Mikhail fez uma pausa. — Uma pena que só haja uma cadeira aqui. Minhas pernas começam a ficar cansadas.

Se ela fosse qualquer outra pessoa, eu sentaria no chão. Mas não seria uma demonstração de boas maneiras. É curioso. Só nos encontramos pela primeira vez há poucos dias, mas tenho a impressão de que sempre a conheci.

— Posso compreender. Não é uma sala estranha... com tão poucos móveis? Mas ainda não compreendo por que seu pai acha que preciso conhecer Lorde Damon. Por falar nisso, não compreendo a metade do que aconteceu desde a minha chegada.

Margaret ignorou o fluxo de pensamentos de Mikhail, tão desconcertante quanto sua explicação sobre as complexidades da família. Por que ele não devia sentar no chão?

— Meu velho insiste no protocolo certo, quando lhe convém. Por isso, é bem provável que ele tenha convidado Jeff para vir de Arilinn a fim de cumprir todas as convenções, como um disfarce para sua verdadeira intenção.

— E qual seria?

— Casar você com um dos meus irmãos o mais depressa possível.

— Seus irmãos? Não com você?

— Meu pai tenta não pensar em mim sempre que possível, a não ser quando me dá ordens para fazer alguma coisa que eu não quero. Como eu já disse, não temos sido muito ligados desde que Lorde Regis designou-me para seu herdeiro. Por isso, ele e a mãe devem querer você para Gabriel ou Rafael.

Não sou sequer considerado. Tratam-me como um forasteiro. Se Regis não tivesse me criado, talvez a situação fosse diferente. o velho não confia em mim.

— Por quê?

Margaret podia compreender a lógica na iniciativa de Regis Hastur designar um dos filhos da irmã para seu herdeiro, até que tivesse seus próprios filhos. Com a obsessão darkoviana por manter os Domínios intactos, qualquer outra coisa seria considerada um absurdo.

— Sou o mais jovem.

— Mas é mais ou menos da minha idade. Ou seja, seus irmãos são mais velhos e continuam solteiros? Não é um tanto estranho?

Mikhail quase amarrou a cara, o que tornou seu rosto forte e interessante, não o contrário.

— É quase um escândalo, se quer saber. Cada vez que vou a Thendara, Lady Linnea me apresenta uma jovem de boa família

ansiosa para me conhecer. Ou Regis sugere, com todo o tato, que eu deveria conhecer essa ou aquela moça. Tenho sido caçado por mulheres durante a maior parte de minha vida, desde que me tornei herdeiro de Regis, por minha posição ou pelo potencial que tinha. o que me deixou com uma péssima opinião sobre as mulheres, porque nunca sei se estou sendo procurado pelo que sou ou pelo que represento. Afinal, se alguma coisa acontecesse com Gabe e Rafael, eu também herdaria o Domínio de Alton. Mas agora que você está aqui, tudo mudou.

— Você quer o Domínio? Mikhail deu de ombros.

— Sei que é difícil para você compreender, porque nossos costumes são extremamente complexos... até mesmo para mim, que conheço essas histórias desde que comecei a andar. Regis prometeu que legaria sua regência para um dos filhos de Javanne. Fui escolhido em detrimento dos meus irmãos mais velhos. Tio Regis instruiu-me na arte do estadista e em muito mais.

— Como assim?

— Regis obteve a regência quase que por acaso. Aconteceram muitas coisas que ninguém previa. Quando a poeira assentou, ele era tudo o que restava. Não estava preparado para exercer o cargo, e não quis que isso também acontecesse comigo. Meu pai não ficou nem um pouco satisfeito, pois Regis me fez aprender muita coisa que não era darkoviana. Li muito da história e filosofia terráquea, porque Regis achava que era importante. Na opinião de meu pai, não passava de besteira.

— Mas nada adiantou.

Mikhail balançou a cabeça, deslocando o peso do corpo de um pé para o outro.

— Regis conheceu Linnea. Casaram e tiveram filhos. Em termos técnicos, ainda sou o herdeiro, porque tio Regis não indicou oficialmente seu filho mais velho, Danilo, até agora. Seja como for, o fato puro e simples é que fui preparado para reinar, mas não tenho um reino. E minha vida é uma chatice. Há um grande poder em potencial nas minhas mãos, o que deixa as pessoas... não apenas meu pai... bastante apreensivas.

— Mas por que Regis Hastur ainda não acertou a situação... designando seu filho para herdeiro? Parece que há um certo relaxamento.

Mikhail soltou uma risada.

— É uma boa palavra para descrever o problema. Não sei por que Regis ainda não designou Dani para seu herdeiro. Não me consultou a respeito, e seria impolido de minha parte perguntar. Meu tio não é um homem que tome decisões rápidas. Mas se alguma coisa acontecesse com ele, eu me tornaria o regente; e se alguma coisa acontecesse com meu pai e irmãos, eu poderia reclamar o Domínio de Alton. Isto é, antes de você aparecer. É uma questão de equilíbrio de poder, Marguerida. Não quero a regência, e nunca pensei no Domínio de Alton, porque sempre foi uma possibilidade remota. Mas ninguém acredita nisso, especialmente meu pai. Todos imaginam que estou ansioso por subir ao trono ou tomar posse do Domínio. Ninguém tem a menor idéia do que realmente desejo.

Margaret gostava de sua franqueza e senso de humor, da maneira como ele guardava seus pensamentos para si mesmo, a não ser quando alguma coisa vazava. E podia sentir sua paixão por Darkover. Era um homem disciplinado e admirável, concluiu ela, completamente diferente de todos os outros que conhecera antes.

— E qual é o seu sonho?

— Viajar para as estrelas e conhecer outros lugares. Regis prometeu que me ajudaria, depois que o jovem Danilo se tornasse seu herdeiro oficial. Ele compreendia, porque sempre desejou também voar para as estrelas, mas nunca pôde. Não quero ficar aqui e casar com uma boa moça, ser pai de um bando de crianças... embora saiba que é esse o meu dever. Faz com que eu me sinta...

— Um animal reprodutor?

Mikhail corou. Margaret compreendeu que acertara em cheio.

— Isso resume muito bem a situação. Li alguns livros terráqueos, conheço histórias românticas. o problema é que não há romance em Darkover, pelo menos entre as famílias dos Domínios. Não casamos por amor. Muitas vezes nem conhecemos nossos cônjuges até o dia do casamento. Houve algumas exceções, é claro, mas tornam tudo pior, porque tendem a confundir o problema. Seu

pai e Marjorie Scott, por exemplo, são apresentados como um mau exemplo do que acontece quando as pessoas deixam de cumprir seu dever.

— Foi um casamento romântico? Não sei nada a respeito. Meu pai nunca fala sobre ela, muito menos minha madrasta.

— Não sei direito o que aconteceu, mas parece que foi bastante dramático. O costume habitual, até minha geração, foi o de os pais arrumarem um bom casamento, e ponto final. A mãe casou com o pai quando tinha quinze anos... e só o tinha visto duas vezes antes do casamento! Ela não fez nenhum protesto. Às vezes o amor acontece... sei que Jeff realmente amava Elorie, sua esposa. Ela morreu e nenhuma de suas crianças sobreviveu. Toda a idéia do amor romântico é considerada aqui como... uma coisa esquisita. As crianças são o que mais importam.

— Tudo isso me parece muito impessoal. Não que eu seja fascinada por romance... li alguns livros românticos e achei-os um tanto tolos. E Darkover não é tão diferente assim de vários outros mundos, porque os casamentos arrumados são comuns em muitos lugares. Mas não pelas crianças, eu acho. Pelo poder e propriedade.

— Isso também. Os Domínios controlam Darkover há gerações, e não vêem qualquer motivo para mudar.

Margaret permaneceu em silêncio por um momento.

— Será que eu gostaria de seus irmãos?

— Gabe é uma cópia do velho, firme e decidido, seguro de si.

— Mikhail fez uma careta. — Tentamos evitar um ao outro.

— E Rafael?

— Ele adora caçar e se dedica à criação de cavalos.

— Tenho a impressão de que nenhum dos dois seria conveniente para mim.

— Não está pensando a sério...

— Que importância isso tem para você?

Mikhail pensou sobre a pergunta, com uma expressão um pouco perturbada.

— Eu não gostaria que você fosse infeliz. Parece com... hum... é diferente de todas as pessoas que já conheci. É inteligente, e não esconde isso. É instruída e conhece "romances russos", laços de

parentesco e lugares de que nunca ouvi falar antes. Acho que casar com Gabe ou Rafael seria terrível para você. Gabe não suportaria ter uma mulher mais inteligente do que ele, e Rafael não é muito de conversar.

E você é muito independente, muito parecida comigo. Por que não podia ser feia e estúpida? Tornaria tudo muito mais fácil!

Margaret sentiu um ímpeto malicioso dominá-la.

— Então por que não você?

Antes que ele pudesse pensar numa resposta, os dois ficaram tensos, como se houvesse uma presença estranha na biblioteca. Margaret pôde sentir alguma coisa se agitando. Depois de um momento, concluiu que não se encontrava na sala, mas em algum local próximo do castelo. As paredes impediam que ouvisse vozes, mas ela sabia que estava ocorrendo uma discussão. .. e das mais veementes.

— Droga!

— O que foi? — perguntou Margaret.

Acho que o velho e a Ieronis estão brigando aos gritos. Por que será? O velho idiota! Por que se meter numa briga com Istvana?

— Desconfio que sou a causa, Mikhail. — Ela deixou escapar um suspiro profundo. — Seu pai quer que eu vá para Armida, e Istvana insiste que devo fazer um treinamento na Torre... e ninguém se importa com o que eu quero!

— E o que você quer, parenta?

Margaret podia senti-lo se distanciar, o que a deixou mais sozinha do que jamais se sentira antes.

— Com toda a sinceridade, não sei mais. As coisas estão muito confusas. Parte de mim quer partir imediatamente, mas outra parte quer permanecer em Darkover. Não tenho nenhuma habilidade para viver aqui. O que eu poderia fazer... virar fazendeira ou estalajadeira? Ninguém em Darkover precisa de uma estudiosa de música, não é mesmo? Também não quero casar, o que parece ser a principal ocupação das mulheres aqui... a menos que se tornem Renunciantes.

— Pode experimentar a cultura de cogumelos — sugeriu Mikhail, com um brilho nos olhos azuis que Margaret percebeu no

mesmo instante. -Não creio que haja necessidade de qualquer habilidade especial.

— É uma idéia.

Margaret fez uma pausa, para depois acrescentar, ansiosa por entrar no espírito de humor, a fim de evitar uma conversa sobre assuntos mais sérios:

— E excelente, diga-se de passagem! Mas não tenho qualquer habilidade com plantas. Confesso que nunca pensei em cogumelos antes... de onde vêm e de que maneira crescem. Limito-me a comê-los, sempre que tenho a oportunidade. Para ser franca, sou até gulosa em matéria de cogumelos. Mas sempre pensei que cresciam... ora, cresciam como os cogumelos devem crescer.

Ela falava sem parar porque não queria que Mikhail interrompesse a conversa. Estava ansiosa para retornar ao clima de camaradagem anterior.

Ele ficara perturbado com a discussão distante, mas também se retraía um pouco.

— Há várias fazendas de cogumelos nas Kilghards. Eu poderia provavelmente conseguir para você uma que tenha sido abandonada. Acho que é muito simples... você encontra uma árvore morta e colhe os cogumelos que encontra ali. Nunca soube de alguém que os plantasse. Portanto, devem crescer naturalmente. Você espera que fiquem maduros... ou o que acontece com os cogumelos... e faz a colheita. Ponto final. Não há mato crescendo para ser arrancado, não há passarinhos para espantar.

Havia um tom incisivo e sarcástico na voz de Mikhail, como se ele lutasse consigo mesmo por algum motivo. Margaret sentiu-se quase tentada a usar o seu recém-encontrado laran para descobrir o que era, mas resistiu. Especulou como os darkovianos conseguiam se manter fora das mentes uns dos outros. Devia se lembrar de perguntar a Istvana.

— E também não precisa correr para o estábulo no meio da noite para ajudar uma égua a parir.

— Exatamente! Vai precisar de uma faca afiada, alguns cestos e... Os dois desataram a rir tanto que se formaram lágrimas em seus olhos.

A porta da biblioteca foi aberta nesse instante. Gabriel Lanart-Hastur e Istvana Ridenow entraram, ambos com o rosto vermelho. Olharam para os dois. Margaret teve a sensação de que fora surpreendida em alguma travessura. Mikhail ficou vermelho até as raízes dos cabelos dourados. Trocaram um rápido olhar, o que foi um erro, pois quase que voltaram a cair na gargalhada.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Gabriel, ríspido, ao filho mais jovem.

— Contava para minha parenta as maravilhas de Armida — respondeu Mikhail, a voz ríspida, o humor desaparecido.

— Isso não é da sua conta! Eu direi tudo o que ela precisa saber! E agora saia daqui!

Mikhail empertigou-se com essa rude dispensa. Lançou para o pai um olhar em que não havia a menor afeição, e depois deixou a biblioteca. Não vou discutir com ele! Mesmo que isso me mate!

Margaret ouviu o pensamento e sentiu a raiva fervilhando por trás. Queria tomar uma iniciativa, pular em defesa de Mikhail, dizer ao velho tirano que fizesse uma coisa que seria impossível em termos anatômicos. A força de sua emoção a surpreendeu. Era quase como se ela e Mikhail fossem aliados. Era mais do que mera simpatia, refletiu Margaret, sentindo um frio interior se avolumar, em reação a um senso de afinidade que nada tinha a ver com sangue. A intensidade do anseio em defender Mikhail conflitava com a atitude habitual de se manter sempre apartada. Nenhum dos dois impulsos prevaleceu. Ela mordeu o lábio, fitou o tio com uma expressão furiosa. Ficou sentada em silêncio, as mãos cruzadas no colo, até que Gabriel começou a se remexer, em nervosismo.

— Quero que vá comigo para Armida, Marguerida, o mais depressa possível.

Ele iniciou com uma voz calma, que logo se transformou num urro autoritário.

— Acho que seria uma péssima idéia — protestou Istvana. — Você precisa muito ir para a Torre, a fim de aprender a usar alguns de seus talentos. É verdade que removemos a maior parte da obstrução para seu Dom, mas sem treinamento você ainda é tão impotente quanto uma recém-nascida. E perigosa ainda por cima. Já

Ihe expliquei isso. Pensei que havia compreendido. Mas agora Dom Alton diz que você vai partir imediatamente para Armida e...

Margaret olhou de um para o outro. Gostava da Ieronis; e mais do que isso, depois dos dias e noites juntos, confiava nela. Sentia-se quase segura na presença de Istvana, tão segura quanto se sentia com Dio. Não gostava nem um pouco de Gabriel Lanart-Alton, embora achasse possível que ele tivesse algumas virtudes escondidas dentro do vasto peito. Estava propensa a concordar com a sugestão de Istvana, mas apenas para contrariar seu arrogante parente. Ao mesmo tempo, sabia que tal decisão seria uma tremenda estupidez, porque um conhecimento interior lhe dizia que seu caminho não passava por Neskaya. Se ao menos tivesse uma pessoa imparcial para conversar... se Ivor ainda estivesse vivo! Qual seria a conclusão de seu amado mentor?

Ela pensou em discutir o problema com Rafaella. Confiava na Renunciante agora, além de apreciar sua companhia. Intuitivamente, sabia que Rafaella a acompanharia até o fim do mundo. Mas Margaret também sabia que sua amiga era jovem e voluntariosa. Quase tão voluntariosa quanto eu, pensou ela, irônica.

— Marguerida não precisa ir para a Torre de Neskaya — declarou Gabriel à Ieronis, mais uma vez indignado porque sua vontade era contrariada.

— Minha filha Liriel e meu parente Lorde Damon Ridenow podem cuidar dela. Marguerida já passou pela doença do limiar, e não vejo motivo para mimá-la como se fosse...

— Tenho o maior respeito por nosso parente — interrompeu Istvana, enfatizando o seu próprio relacionamento com Lorde Damon, — mas ele sozinho não é um círculo de Torre completo. Nem com Liriel, apesar de ser uma excelente técnica.

Istvana fez uma pausa, depois acrescentou:

— Você não pode imaginar o que Marguerida passou. Também não sabe de que tipo de cuidados e treinamento ela precisa. — Istvana lançou um olhar maternal e sorridente para Margaret. — Tenho certeza de que até você pode compreender que faz sentido a sua ida para Neskaya, Lorde Lanart.

Margaret compreendeu o insulto velado. Ao usar um título menor, não Dom Alton, Istvana sutilmente punha o homem em seu lugar. Insinuava que Gabriel não tinha sequer o bom senso para sair da chuva. Ele ficou furioso.

— O lugar de Marguerida é com sua família! Ela tem de aprender nossos costumes e cumprir seu dever como uma Alton!

— Os dois se mostram tão ocupados a planejar meu futuro que parecem nem se importar com o que eu quero. — A voz de Margaret era suave. Eles fitaram-na espantados, como se ela tivesse de repente criado uma segunda cabeça. — A impressão é que nunca lhes ocorreu que tenho minha própria vida, meus planos e ambições, que podem não incluir nem Armida nem Neskaya.

— Não me venha outra vez com esse absurdo de deixar Darkover! Não vou permitir! Seu lugar é aqui, e você vai ficar aqui!

Mandarei meus homens prendê-la, se for necessário! Não quero que ela parta com essa bruxa — o laran é uma maldição! — e não ousa deixá-la aqui!

Margaret compreendeu que seu parente fazia o que acreditava ser o melhor, que ele não podia entender por que ela resistia. Gabriel não era um idiota, apenas um homem determinado a impor sua vontade, com base em sua noção do certo e errado. Com um pequeno choque, Margaret chegou à conclusão de que ele tinha boas intenções, que queria fazer o melhor que pudesse. Uma ligeira e relutante admiração pelo homem começou a se formar, pois ela sabia que não era fácil para ele se opor à vontade de Istvana.

A Ieronis, por outro lado, estava preocupada com a possibilidade de Margaret criar problemas, agora que fora removido o bloqueio a seu potencial, em decorrência de sua vasta ignorância. O pobre Gabriel acreditava sinceramente que ela pertencia a Armida, casada com um dos seus filhos, gerando tantas crianças quanto pudesse. Ele não conhecia qualquer outro modo para uma mulher viver. Margaret podia sentir que Gabriel considerava anormal qualquer outra opção que não fosse o casamento e a maternidade.

O que ela queria, então? Mikhail lhe perguntara isso. Era uma pergunta de extrema importância. Não tinha quase noção do que podia ser a vida numa Torre, mas não parecia nem um pouco

atraente. Sabia que envolvia o uso de matrizes, e descobria que o simples fato de pensar nelas já a deixava angustiada.

As Renunciantes eram uma alternativa. Mas ela sabia que não era nenhuma Magda Lorne, que a vida restrita de uma Amazona Livre não era o caminho que gostaria de seguir. Quanto a casamento e filhos, nunca pensara realmente a respeito até agora, mas achava que não lhe convinham. Com o homem certo, podia ser maravilhoso, mas jamais conhecera alguém que parecesse o parceiro ideal. Gostaria de alguém culto como Ivor, forte como o pai, mas que também soubesse rir com frequência. Poderoso e divertido pareciam ser uma combinação impossível. Já viajara muito, e tinha certeza de que nunca poderia ser completamente feliz em Darkover.

Marja!

Seu apelido parecia ressoar em sua mente. Por um momento, achou que Gabriel ou Istvana havia pensado no nome. Mas depois refletiu que nenhum dos dois a trataria assim; era íntimo demais para dois quase estranhos, apesar do parentesco. Dio a chamava assim, como também o Senador de vez em quando. Mas não fora uma voz de mulher que ouvira.

Pela primeira vez em muitos anos, ao que podia se lembrar, Margaret desejou a presença do pai. Descobriu-se a pensar numa ocasião, quando era muito pequena, em que sentara no seu colo, encostara a cabeça em seu peito, e escutara as batidas firmes de seu coração, com absoluta confiança. Lew Alton tinha um certo cheiro que era confortador.

Havia um vazio interior que ela ansiava em preencher, não com o homem que conhecera em Thetis, mas com o outro Lew Alton, o que existira quando ela era criança. Sabia que nunca mais poderia ser uma menininha, aconchegando-se nos braços do pai, mas isso não significava que não gostaria. E Margaret desejou que ele estivesse ao seu lado, não a anos-luz de distância. Embora não tivesse experiência direta de sua força e sabedoria, tinha certeza de que o pai poderia lhe indicar o que fazer.

O tempo pareceu parar por um instante. Ela esqueceu a presença na biblioteca de Gabriel e da Ieronis. Recordou um episódio que ocorrera durante a doença. Tivera a sensação de que Lew se

encontrava no quarto, conversando com ela. Pensara que fora um sonho induzido pela febre, mas agora não tinha certeza. Talvez o pai não estivesse no outro lado da galáxia.

Margaret recordou a surpresa que mais de uma pessoa experimentara ao saber que Lew não se encontrava em Darkover, como era esperado. Havia coisas acontecendo que ela ignorava. E o senso da presença do pai era muito forte. Ela não precisava de laran para senti-lo. Quase que podia farejar o pai!

Marja! Vá para Armida! Tudo vai dar certo, chiya! Finalmente, tudo vai dar certo!

O efeito dessas palavras foi quase opressivo, pois foram acompanhadas por tamanho fluxo de sentimentos, de anseio e afeição, que Margaret até pensou que seu coração ia se partir. Não acreditava que os pensamentos do Senador viessem de muito longe. A lógica, sua fiel servidora, sugeria que ele estava em Darkover. Mas, com toda a certeza, Gabriel e Istvana saberiam se ele estivesse.

Não importava. Ela tinha certeza de que era de Lew Alton a voz que ouvira. Pedira por orientação, e ele dera, como um pai devia fazer com uma filha, por mais teimosa e insubmissa que ela fosse. Por um instante, Margaret ressentiu-se por lhe ser dito de novo o que fazer... o fato de que outra pessoa decidia o que era melhor. o pai quisera que ela saísse de casa quando crescia para se tornar uma mulher. Agora, queria que ela fosse para Armida. Mas, de alguma forma, tudo parecia fazer sentido. Margaret não tinha palavras para descrever a certeza que sentia naquele momento.

Gabriel Lanart preparava-se para outra de suas tiradas autoritárias, enquanto Istvana fazia um esforço para conter sua profunda irritação. Antes que ele pudesse falar, Margaret acenou com a cabeça.

— Irei para Armida. Tenho certeza de que Rafaella poderá me escoltar até lá.

— Não diga bobagem. Vai me acompanhar.

— Irei quando eu quiser, tio.

— Mas... ora, está bem!

Gabriel parecia disposto a tirar o melhor proveito. Ela ficou satisfeita ao constatar que ele não tripudiava por sua vitória.

— Fico feliz por você ter demonstrado pelo menos o bom senso de fazer o que mandam — acrescentou ele. — Ainda bem que desistiu de falar que vai deixar Darkover, ir para uma Torre ou qualquer outra idéia tola que pudesse acalentar.

O corpo vigoroso relaxou. Pela primeira vez, Margaret percebeu a semelhança com Mikhail. Gabriel devia ter sido muito bonito quando era jovem.

— Cuidaremos para que esteja assentada antes do Solstício do Inverno. Margaret sorriu.

— Não estou fazendo isso porque me mandou, Dom Gabriel, e duvido muito que me veja assentada, no Solstício do Inverno ou em qualquer outra ocasião. Não tem nenhuma autoridade sobre mim. Espero que tire da cabeça a idéia de que tem.

— Tiraremos de você todas essas idéias de Terranan, e passará a fazer tudo o que mandarem.

— Por favor, não faça com que eu me arrependa da minha decisão — respondeu Margaret, com mais suavidade do que sentia, cansada demais para continuar a discutir. — Farei o que eu quiser, não importa o que você possa pensar.

Gabriel Lanart se entregou a um acesso de raiva silencioso por um momento, depois tornou a sair furioso da biblioteca. Istvana olhou para Margaret.

— Tome muito cuidado. Gabriel pode parecer um velho tolo e pomposo, mas é astuto e poderoso, Marguerida.

— Sei disso. Acontece que o comportamento dele me irrita. Não estou acostumada a ser mansa e submissa, a fazer o que me mandam, como ele espera.

Istvana soltou uma risada.

— Dom Gabriel é da velha guarda. Recusa-se a admitir que Darkover mudou bastante desde que seu pai foi embora. Também não me sinto muito feliz com as mudanças, mas sei que são inevitáveis, por mais que desejemos o contrário. E pode ter certeza de que muitas vezes eu desejo o contrário.

— Por quê?

— Metade dos jovens que iniciam o treinamento nas Torres tem uma porção de idéias sobre deixar Darkover, enquanto os outros

esperam por um retorno ao passado. É uma situação muito difícil para todos nós.

— Posso entender. Acha que fiz a opção certa? Istvana hesitou.

— Também o ouvi. Desconfio que muitas leroni em Darkover também o ouviram. — Ela esfregou a testa, como se quisesse aliviar uma dor súbita. — Estou preocupada, mas acho que você vai fazer o que é certo. Confio que Jeff dará um jeito para que nada de mal lhe aconteça. Pode confiar nele.

— Obrigada por tudo.

— Fiz o melhor de que era capaz, meu dever, mas confesso que gostei. Quando eu for uma velha, já senil, pode ter certeza de que vou aborrecer os jovens contando a história de Marguerida Alton e a Torre dos Espelhos. -Istvana estremeceu. — E precisarei de todo o tempo até a senilidade para me recuperar da experiência!

Depois ela riu, parecendo anos mais jovem, e arrematou:

— Eu lhe desejo tudo de bom, chiya. Você merece.

Capítulo Dezesesseis

Margaret concluiu que sentar para jantar com Dom Gabriel Alton e Istvana Ridenow lançando olhares furiosos um para o outro não seria bom para sua digestão. Alegou cansaço e retirou-se para seu quarto, para onde um servo levou uma bandeja. A luva de couro dificultava o ato de comer, e por isso ela tirou-a. Não podia ouvir as vozes no andar inferior, mas podia sentir duas energias conflitantes. Ficou contente por ter optado pela solidão em vez da companhia. Além do mais, tinha muito em que pensar.

Seus primeiros pensamentos foram para Mikhail. Censurou-se por ter bancado a idiota. Parecia que não era capaz de se controlar. O homem conseguia passar por suas defesas. Era ao mesmo tempo charmoso e inteligente. Era mais do que evidente que ele tinha alguns dos mesmos sentimentos, mas havia algum motivo pelo qual não podia segui-los.

O que ele dissera? Um comentário sobre manter intacto o equilíbrio do poder? Mas era isso mesmo! Se ela era a herdeira do Domínio de Alton, e ele ainda estivesse na fila para tomar o lugar de Regis, então os dois juntos teriam uma posição excepcional. Por um momento, Margaret entregou-se à fantasia de governar Darkover, criando escolas, hospitais e outros aspectos da civilização terráquea. O único problema é que ela não queria esse tipo de vida... e sabia disso.

O que aconteceria se simplesmente renunciasse a seu direito? Agradaria a Dom Gabriel. E também a Lady Javanne, pela impressão da mulher que obtivera através da mente de Mikhail. No final das contas, sabia muito pouco sobre Darkover, e não tinha condições de comandar um Domínio, apesar do que todos presumiam. É verdade que o Velho seria diferente, e naquele instante ela se achava mais interessada em agradá-lo do que àqueles estranhos. Não tinha informações suficientes; e como pesquisadora, conhecia o perigo de teorizar sem os dados necessários. Além do mais, só porque Mikhail gostava dela não era motivo para acreditar que queria casar com ela, não é mesmo?

Alguma outra coisa assediava sua mente. Era algo que Mikhail dissera... não, um pensamento solto. Margaret tinha a maior dificuldade para distinguir o que ouvira com os ouvidos e o que ouvira na mente. Algo sobre segui-la a toda parte. O que ele queria dizer com isso?

E depois ela se lembrou dos momentos finais no mundo superior, quando lutara com a pedra cujas linhas agora marcavam sua mão. Havia alguém ali, alguém que não era Istvana nem Ashara... um homem. Poderia ter sido Mikhail? Ela teve vontade de perguntar, mas para isso teria de descer e participar do jantar, em vez de permanecer em seu quarto. Não parecia muito provável, porém... por que ele a ajudaria, e como entrara no mundo superior? Era tudo muito confuso, e não tão importante assim, não é mesmo?

Relutante, ela se obrigou a parar de pensar em Mikhail. Era um homem muito simpático, mas devia ter péssimos hábitos, que ela acharia insuportáveis quando o conhecesse melhor. Então por que sentia aquela estranha ânsia no peito? Pare com isso!

Margaret tratou de se concentrar na mensagem mental que recebera do pai, ainda um pouco cautelosa. Por que Lew queria que ela fosse para Armida? Havia urgência nas palavras, e por trás alguma tensão, um estresse que a perturbava. Outra vez, não tinha informações suficientes. Começava a se sentir frustrada com sua própria ignorância, e pela maneira como as pessoas se esquivavam a dar respostas diretas às suas perguntas.

Queria saber mais sobre os Dons, o seu e o dos outros. Istvana fora irritantemente indireta e vaga no assunto, limitando-se a explicar a natureza do Dom de Alton. Mesmo assim, ela não dera muitas informações úteis, como Margaret podia compreender agora. Estivera muito doente para perceber que suas perguntas só eram parcialmente respondidas, ou adiadas para outra ocasião. Istvana insistira em dizer que Margaret saberia mais quando fosse para a Torre.

Sabia que o Dom de Alton era o contato forçado, mas isso não passava de palavras. o que realmente significava? Margaret sabia agora que o Dom de Ardais era da telepatia catalisadora... isso se tornara evidente em algum momento. Era a capacidade de fazer

com que outra pessoa despertasse para o seu potencial telepático. Mas o jovem Dyan Ardais não o tinha, até onde ela podia saber, e Lady Marilla era uma Aillard, não uma Ardais. Margaret ignorava os Dons que sua anfitriã possuía, exceto que ela sabia monitorar. Parecia ser uma coisa que as pessoas treinadas nas Torres aprendiam. Mas Istvana explicara que seus sentimentos de apreensão na presença de Danilo Syrtis-Ardais estavam provavelmente relacionados com sua capacidade de catalisar talentos ainda não despertados. Ela dissera que Danilo era o mais poderoso telepata catalisador vivo em Darkover.

E o Dom de Ridenow era a empatia, que ela vira bem demonstrada durante sua recuperação, sob o olhar vigilante da Ieronis. Compreendia um pouco melhor agora por que era tão difícil para ela e Dio permanecerem juntas por qualquer período mais prolongado. Devia ser extenuante para Dio conviver com uma jovem revoltada, com um bloqueio mental que a tornava fria e hostil.

Amanhã ela tornaria a interrogar Istvana sobre os Dons. Com essa decisão, Margaret sentiu-se melhor, terminou de jantar e bocejou. E amanhã encontraria Mikhail para conversarem de novo!

Os planos meticulosos de Margaret não se concretizaram. Primeiro, ela dormiu até tarde, cansada do dia anterior. Quando finalmente acordou, tomou um banho, vestiu-se e desceu, encontrou o vestíbulo do castelo cheio de bagagem e atividade. Tanto Istvana quanto Gabriel preparavam-se para partir. A Ieronis adiantou-se para falar com ela, com um sorriso gentil.

— Devo voltar para Neskaya e meus deveres ali, chiya, mas estou contente por você ter despertado antes da minha partida.

— Quer dizer que iria embora sem se despedir?

Margaret ficou atordoada, mais do que um pouco magoada. Istvana deu de ombros.

— Já dissemos tudo o que era necessário dizer, por enquanto. Havia um ligeiro tremor em sua voz, como se ela não se sentisse muito satisfeita em partir. Como se eu pudesse usar minha influência sobre ela! Dom Gabriel não passa de um velho tolo, desconfiado e pomposo. Mas ele a teria levado à força, se eu não concordasse em partir também. Sei como ele é, um homem que não respeita

opiniões além da sua. Terei de contar com Mari para cuidar bem dela, e rezar para que não haja problemas adicionais.

Isso explicava algumas coisas. Margaret lançou um olhar furioso para as costas largas de Dom Gabriel. Sentia-se abandonada por Istvana, desapontada ao constatar que a mulher carecia da força necessária para resistir a seu tio. Mas, de certa forma, podia compreender. E ainda contava com Rafaella, Mikhail e até o jovem Dyan, se assim quisesse. Portanto, não ficaria totalmente sozinha. Então por que tinha vontade de chorar?

— Mas ainda tenho muitas perguntas! — protestou Margaret.

— Terão de esperar, chiya.

Istvana virou-se e deixou a mente vazia. Margaret teve de tomar a decisão consciente de não se enfurecer. Estava sendo descartada, como acontecera quando fora deixada no orfanato. Era apenas um instrumento, um peão nas manobras dos outros, não uma pessoa de qualquer importância, por mais Domínios de que pudesse ser herdeira. Era tudo "venha para cá, vá para lá, faça isso, faça aquilo". Seria uma boa lição para todos se ela voltasse para Thendara e embarcasse na primeira espaçonave indo para qualquer lugar.

Furiosa e frustrada, ela virou-se para voltar a seu quarto. Antes que pudesse escapar, Dom Gabriel interpôs-se em seu caminho. Fitou-a, seus olhos azuis se encontrando com os dourados de Margaret.

— Está com uma aparência muito melhor hoje, Marguerida. Talvez seja melhor eu adiar minha volta para Armida e escoltá-la pessoalmente amanhã.

— Duvido que eu venha a ter condições para viajar amanhã, Dom Gabriel. Ainda me canso com muita facilidade.

— Mas tenho certeza de que se você quiser...

Volte logo para Armida, seu velho intrometido! Não quero que me escolte! Basta me deixar em paz! Margaret passou por ele, recusando-se a notar sua expressão chocada. Subiu a escada, batendo com os pés nos degraus. Havia um gosto de ferro em sua boca, tanta era a raiva que sentia. Perdurou por todo o percurso até o alto da escada. Lá em cima, ela virou-se e olhou para baixo.

Gabriel e Istvana observavam-na, os rostos pálidos. Margaret odiou-os naquele instante. Não, não voltaria para Thendara. Em vez disso, iria para Armida, despejaria Gabriel e Javanne... era uma pena que estivessem no verão e não no inverno, pois ela gostaria que a neve caísse quando isso acontecesse. Mas Mikhail não a perdoaria... e ela sabia, no fundo de seu coração, que jamais tomaria uma atitude tão precipitada. Bem que gostaria, até ansiava por isso. Estava realmente cansada de ser pressionada.

Naquela tarde, depois que se recuperou um pouco do ressentimento, Margaret tornou a descer, à procura de Mikhail. Verificou no salão de jantar vazio, na biblioteca, em várias salas cuja utilidade ignorava. Parou na porta da sala de visitas, onde mais de uma semana antes saíra de seu corpo para subir ao mundo superior, a fim de travar uma batalha com uma Guardiã há muito morta. Pensar em Ashara ainda lhe provocava calafrios. Ela sentiu que a sala estava ocupada. Por isso, bateu na porta. Uma voz suave disse:

— Entre.

Lady Marilla estava inclinada sobre uma armação de bordado. Sorriu quando a viu.

— E uma agradável interrupção, Marguerida. Entre, entre...

— Estou à procura de Mikhail. Quero conversar mais sobre Armida.

Não era toda a verdade, mas servia.

— Ele partiu.

— Partiu? Para onde?

— Não tenho a menor idéia. Foi embora de repente, antes do jantar de ontem. Creio que queria evitar novas confrontações com o pai. — Marilla suspirou e largou a agulha. — Os dois não conseguem ficar na mesma sala por mais de cinco minutos sem começarem a brigar. Por isso, fiquei bastante aliviada, para ser sincera. o jantar se torna muito mais digestível sem uma briga, não concorda?

— Ele simplesmente partiu? Não disse para onde ia, ou quando poderia voltar?

Margaret tentou resistir ao sentimento de perda, pelo abandono tão recente da partida de Istvana, e da raiva que sempre aflorava quando alguém ia embora.

— Ele pode ter informado a Dyan sobre seu destino, mas meu filho foi visitar algumas de nossas fazendas. Estamos com um problema de felinos atacando o gado.

— No verão? — Margaret não pôde conter a incredulidade em sua voz. — Pensei que os felinos só atacavam o gado no inverno, quando a caça se torna escassa.

Onde fora mesmo que ela adquirira essa informação? Ah, sim, com Rafaella. Quase que tinha medo de perguntar onde estava a Renunciante, pois ela podia ter partido também, sem se despedir. Mas podia sentir sua companheira em algum lugar nas proximidades... no estábulo, conversando com os cavalos. O que era mais tranqüilizador do que ela julgaria ser possível. Lady Marilla deu de ombros, como se soubesse que fora apanhada numa mentira leve, mas não se importasse.

— Teremos de nos contentar com a companhia uma da outra, chiya. Sente. Esteve tão doente desde que chegou que mal tive a oportunidade de conhecê-la melhor.

— Eu gostaria que todos parassem de partir correndo pela manhã — resmungou Margaret, com mais veemência do que tencionava.

Ela sentou num pequeno sofá, não na poltrona em que enfrentara Ashara. Não havia poder no mundo que pudesse obrigá-la a sentar ali de novo.

— Já lhe agradei por sua hospitalidade? — indagou ela, no esforço de se corrigir pelo mau humor.

— Várias vezes, Marguerida. Você é muito cautelosa. Sabia que encara tudo com desconfiança, como se pudesse mordê-la?

— Não, não sabia, mas acho que tenho bons motivos para isso. Sempre pensei que a vigilância fosse uma boa característica de sobrevivência. E houve algumas ocasiões em que veio a calhar. Como aconteceu em Relegan. Houve uma guerra intertribal; se eu não estivesse vigilante, teríamos entrado no meio. Ivor e eu não viveríamos para contar a história.

— E muito difícil para mim imaginar como seu pai permitiu que viajasse em circunstâncias tão perigosas, Marguerida. Se fosse um

homem, tudo bem, mas uma filha precisa ser protegida, resguardada de qualquer mal.

Ela cortou uma linha com os dentes pequenos e começou a enfiá-la na agulha.

— Ninguém pensa que uma musicóloga pode correr algum perigo. Parece uma ocupação muito segura... e é mesmo, a menos que você faça trabalho de campo. Mas é o que sempre gostei, e meu pai nunca pensou em interferir.

E se ele tentasse, eu não permitiria!.

— Assim que estiver assentada em Darkover, ficará segura. Margaret queria argumentar, mas decidiu não fazê-lo.

— Pode responder a algumas das minhas perguntas... as que Istvana deixou de lado?

No mesmo instante, Lady Marilla mostrou-se cautelosa e apreensiva.

— Talvez.

— Sei um pouco sobre os Dons... sobre os de Alton, Ardais e Ridenow. Ah, sim, os Aldarans podem prever o futuro, não é mesmo? Mas eu gostaria de saber mais. Há algum livro que eu poderia ler?

— Há alguns textos escritos, mas são guardados nas Torres. Não é o tipo de coisa que se pode deixar ao acesso de qualquer pessoa, entende?

— Não, não entendo.

— Se a verdadeira extensão dos nossos poderes fosse conhecida pelos Terranan...

— Eles iam querer explorá-los. Entendo isso. Qual é a natureza do Dom de Hastur?

— Quando plenamente realizado, um Hastur pode trabalhar sem matriz, como se seu corpo fosse tudo de que precisa.

— Como... como esta coisa em minha mão?

— Não. Isso é inteiramente novo, além do nosso conhecimento. Nem Istvana nem eu sabemos o que pensar a respeito.

Lady Marilla tornava-se mais e mais agitada a cada segundo. Margaret captou seu desconforto. Sentiu pena da mulher mais velha.

Devia ser terrível ter em casa uma hóspede com um poder desconhecido e destreinado. Margaret decidiu que queria mais informações do que se preocupava em perturbar sua anfitriã. Por isso, voltou ao assunto anterior.

— Há mais alguma coisa no Dom de Hastur? Marilla mostrou-se bastante aliviada.

— Em alguns casos, eles podem manipular mentes... embora isso seja antiético, é claro. É parecido com o Dom de Alton, sob alguns aspectos, mas muito diferente em outros. E como não possuo nenhum dos dois, não posso lhe dizer mais nada.

Margaret digeriu tudo o que ouvira até agora. Recordou seu senso de inquietação ao andar no jardim do Castelo do Comyn em companhia de Lorde Regis Hastur. Lembrou também como sentira que devia ser muito cuidadosa, pois ele tentava manipulá-la. Isso teria mesmo acontecido, ou apenas ela fora cautelosa demais? Suspirou baixinho e seguiu adiante.

— o que me diz dos Aldarans? Cada vez que os menciono, as pessoas reagem como se eu tivesse dito algo... sórdido.

— É uma boa palavra para descrever. Não merecem confiança, nenhum deles!

— Mas eles constituem um dos Domínios?

— Não são mais! Podem ficar sentados lá em cima e apodrecerem, por tudo o que nos importamos!

Mas o que estou dizendo? Por que Istvana foi embora e me deixou sozinha com esta mulher extraordinária? Ela, me assusta... e não gosto de me sentir assustada! Não sei o que dizer e o que não dizer a ela ! Isty tem razão... sou uma mulher volúvel, embora administre Ardais tão bem quanto qualquer homem! Mas pensar nos Aldarans sempre me deixa nervosa... e ela é uma Aldaran pelo lado da mãe!

Margaret tentou ignorar os pensamentos que ouvia, sabendo que deixara Lady Marilla perturbada, mesmo sem ter essa intenção. Gostava de sua anfitriã, que em geral se mostrava muito calma. Por trás de toda a agitação, Margaret teve a vaga impressão de um tremendo castelo, com picos nevados ao redor, homens e mulheres fortes, de cabelos vermelhos. o assunto era obviamente delicado,

como tantos outros. Ela fez um esforço para não se sentir frustrada com a resposta indireta de Marilla, enquanto lamentava mais uma vez a ausência inexplicada de Mikhail. Desconfiava que ele responderia às suas perguntas muito melhor, com menos aflição.

Ela recostou-se na cadeira. Como exatamente relacionava-se com os Aldarans? E por que todos se mostravam hostis à mera menção do nome deles? Considerando o índice de casamentos entre os Domínios, ela devia ter um parentesco no mínimo distante com todos os sete, de alguma maneira.

— Não tive a intenção de afligi-la, Lady Marilla. Tente compreender que sou uma pesquisadora treinada, e que fazer perguntas é minha ocupação.

— Sei disso. E tenho certeza de que sua curiosidade continua insatisfeita. — Lady Marilla recuperava a calma, como se sentisse que o perigo passara. — Mas terá de esperar um pouco mais pelas respostas. Talvez, quando for para Armida, Lorde Damon lhe explique tudo.

E quanto mais cedo, melhor! Nunca me senti tão embaraçada com uma hóspede em toda a minha vida!

Mais dois dias passaram, cada um parecendo um pouco mais longo que o anterior. Margaret comia e dormia. Recuperou um pouco do peso que perdera. Fazia curtas caminhadas pelos jardins com Rafaella, visitava os cavalos no estábulo, foi à fábrica de porcelana com Lady Marilla. Ainda se cansava com facilidade, mas o sono era tranqüilo, e não teve qualquer recorrência da doença do limiar.

Na terceira noite o jovem Dyan voltou do lugar em que estivera. o jantar foi bastante festivo, como se ele tivesse se ausentado por um mês, não por três dias. Era evidente que Lady Marilla o mimava. Assim que a refeição terminou, a anfitriã perguntou se Margaret não gostaria de cantar. Como sua garganta não era mais uma massa em carne viva, ela concordou, contente por ter alguma coisa para retribuir a hospitalidade.

Enquanto seguiam para o grande salão, Margaret avaliou mentalmente as músicas de Darkover que conhecia. Escolheu uma balada que ouvira Jerana cantar; como escutara a gravação naquela tarde, ainda estava fresca em sua memória. Dyan pegou uma

guitarra maravilhosa, que pertencera a seu avô, Kyril — Valentine Ardais. Margaret começou a afiná-la com a maior cautela, lembrando a ryll Mas o instrumento não era encantado, apenas uma boa guitarra, que precisava ser tocada. Rafaella foi pegar sua guitarra, e acompanhou Margaret muito bem. Quando instada a cantar também, a Renunciante não hesitou, apresentando-se com uma voz mezzo, destreinada mas firme. Depois foi a vez de Dyan, com uma canção maliciosa, para consternação da mãe. Ao final, Julian Monterey, o coridom, apresentou o que parecia ser um canto fúnebre, num *basso* profundo. Foi uma noite agradável, mas Margaret descobriu que sentia falta de Mikhail, pois tinha certeza de que ele também cantaria.

Na manhã seguinte ela anunciou que já tinha condições para viajar, que se sentia quase como era antes. Rafaella suspirou, aliviada.

— Já aceitamos a hospitalidade aqui por mais tempo do que seria razoável, Marguerida, embora Lady Marilla seja capaz de morder a língua para não admiti-lo.

— Há dias que deveríamos ter partido. Ela ficará contente em nos ver pelas costas, não é mesmo? E, para ser franca, embora me sinta contente por sua hospitalidade, acho que prefiro dormir sob as estrelas... ou até mesmo sob as nuvens... do que me deitar de novo naquele quarto. Acho que rosa é uma cor depressiva.

Rafaella foi cuidar da bagagem e dos cavalos, enquanto Margaret procurava Lady Marilla para comunicar sua decisão. Foi aceita com um alívio indisfarçado, e com o oferecimento de ajuda para arrumar tudo. Margaret agradeceu, mas disse que não havia muita coisa a providenciar. Depois, ela foi vestir seu traje de viagem, com mais satisfação do que imaginaria que fosse possível.

Ao descer a escada pela última vez, Margaret avistou Mikhail entrando no vestíbulo. Dava para perceber, mesmo à distância, que sua túnica estava suja e amarrotada. A impressão era a de que ele não dormia há vários dias. Ao alcançá-lo, ela sentiu o cheiro de cerveja exalando das roupas e pele. Torceu o nariz.

— O que andou fazendo?

— Como? Ah, sim, devo estar fedendo... Tinha de escapar, antes de fazer uma coisa imperdoável com o velho. Acabei perdendo a noção do tempo.

— Onde esteve?

Margaret tinha vontade de repreendê-lo, mas decidiu que não era da sua conta.

— Há uma estalagem a uma manha de viagem daqui. Fui para lá.

— Sobrou alguma cerveja para os freqüentadores habituais? Mikhail sorriu... e o coração de Margaret disparou.

— Não muita... nem vinho. Dyan me contou que o velho convenceu-a a ir para Armida.

Ele afastou da testa uma mecha de cabelos dourados, num gesto que seria casual se não estivesse tão agitado. Trocaram um olhar agressivo por um instante.

— Dom Gabriel não me convenceu a fazer nada- respondeu Margaret, ríspida. — Foi outra coisa que me levou a tomar essa decisão.

— Não faz diferença — murmurou Mikhail, consternado. — Você acabará fazendo o que meu pai quer. Ele sempre vence.

— Não diga bobagem. Ninguém vence sempre.

Margaret estava irritada com ele por fugir e se embriagar, pois isso a lembrava do comportamento do pai. Ao mesmo tempo, não suportava vê-lo tão desanimado.

— Você não o conhece tão bem quanto eu!

— Pelo que sou extremamente grata, Mikhail, pois não posso imaginar a possibilidade de ficarmos na mesma sala por mais de dez segundos sem brigarmos. Com o tempo, posso passar a respeitar seu pai, mas nunca gostarei dele.

Esse comentário pareceu animar Mikhail.

— Ele é insuportável, não acha?

— Acho que os pais são sempre insuportáveis, até mesmo os melhores.

— Devo adverti-la que, se ele não submetê-la à sua vontade, minha mãe o fará. Ela sempre consegue o que quer.

— Ainda pensa que eles vão querer me casar com um dos seus irmãos?

— Será a maior alegria na vida de minha mãe, depois de mimar as crianças de Ariel. Ela costuma dizer que é muito feliz no casamento com meu pai, embora não se possa acreditar quando eles começam a gritar um com o outro.

— Devo presumir que você costuma tentar beber toda a cerveja da cidade?

— Claro que não. Na verdade, sou abstinente. Você pode não acreditar, mas é o primeiro porre que tomo em toda a minha vida.

— Fico aliviada em saber disso. Agora, antes de minha partida, pode me falar um pouco sobre sua mãe?

— Ela é uma força que não se pode ignorar. — Mikhail baixou os olhos para as botas sujas por um momento. — Se meu pai não for capaz de persuadi-la, ela vai conseguir, pois nunca permite que sua vontade seja frustrada. Ela sempre consegue o que quer. Por isso, é de espantar que só Ariel, entre todos os irmãos, seja a única casada e com filhos.

— Como são suas irmãs?

— Mal posso dizer, porque não mais as conheço direito. Ela casou Ariel assim que pôde. Quando Ari protestou que não podia casar com um homem que não conhecia, a mãe limitou-se a dizer "vai conhecê-lo em breve". Acho que ela realmente sabia o que estava fazendo, porque Ari é tão feliz com Piedro que até se pode pensar que foi ela mesma quem o escolheu.

Mikhail suspirou. Margaret podia sentir que ele gostava muito da irmã Ariel, apesar de sua alegação de não conhecê-la direito.

— Mas Ariel é um pouco nervosa e prefere que os outros tomem decisões por ela. Não tem mais que um resquício de laran, ainda menos do que Gabe, o que significa muito.

— E Liriel?

— Ah, Liri! Ela é como minha mãe, sob muitos aspectos. Eu fazia uma brincadeira ocasional com Ariel, mas nunca usei com Liri. A mãe tentou casá-la também, mas ela é muito determinada, e insistiu que preferia ir para a Torre de Tramontana. Acho que ela é mais parecida com você, embora isso não tenha me ocorrido antes.

Mas pode ter certeza de que Javanne vai dominá-la antes que possa...

Margaret sacudiu a cabeça.

— Se ela tentar arrumar um parceiro para mim, terei o maior prazer em lhe informar que não sinto a menor disposição para casar. Sou uma adulta, não uma garota de quinze anos. Imagino que ela teria dificuldade em encontrar um homem em Darkover disposto a casar com uma mulher tão velha.

Ela não acreditava no que dizia, mas queria animá-lo, fazer com que sorrisse de novo. Mikhail ofereceu-lhe um sorriso meio desanimado, o que já foi recompensa suficiente para sua tentativa de jovialidade.

— Não sei, não... Posso pensar em dois ou três. E, se tiver Armida como seu dote, muitos outros estarão dispostos a ignorar sua idade e a maneira como olha diretamente para as pessoas.

Seus olhos são como os de uma águia, e vão direto para o meu coração!

— Sei que é um erro aqui. Não tenho a intenção de ser grosseira, mas é um hábito difícil de romper.

— Não me importo. Acho até revigorante, depois de todas as moças de boa família que baixam os olhos para o chão sempre que nos encontramos. Muitas pessoas, no entanto, acharão constrangedor. Por isso, deve tomar cuidado. Pensarão que você tenta ler suas mentes, mesmo que seja inocente.

— Tentarei me comportar melhor.

Margaret teve de reprimir um súbito impulso para rir. Não dava para entender, mas cada vez que se encontrava com Mikhail um riso espontâneo subia por sua garganta.

— Se não estou enganado, querem que você case com meu irmão Gabriel.

Mikhail franziu o rosto.

— Pelo que você me disse na biblioteca, acho que não fomos feitos um para o outro.

— É verdade, mas isso é irrelevante, prima. A harmonia não entra nos cálculos. Mas se você realmente quer Armida...

Margaret apressou-se em interrompê-lo:

— Não quero! Não aceitaria todas as Colinas Kilghard se me oferecessem. E por que presume que seus pais vão querer me casar com um dos seus irmãos? Por que não você?

— Não gosto desse tipo de brincadeira. Ele ficara tão sério, tão sombrio e determinado, que Margaret não pôde deixar de provocá-lo.

— Por que acha que estou brincando?

Mikhail empertigou-se.

— Não estou sendo considerado, domna. Não posso ser. — Ele irradiava suas emoções, intensas e confusas, de tal maneira que Margaret não podia deixar de captar. — Se é Armida que você quer...

— Por que não consegue meter nessa cabeça dura que não estou interessada em Armida?

O homem estava sendo deliberadamente obtuso, e ela não podia compreender.

— ...Seria melhor escolher o velho Damon — continuou Mikhail, como se ela não tivesse falado. — Ele nunca mais tornou a casar depois da morte de Elorie, mas ainda não é bastante velho para ser incapaz de gerar algumas crianças. Isso deixaria o velho furioso.

Mikhail sorriu, com uma brutal satisfação, antes de acrescentar:

— Ele renunciou ao seu direito ao Domínio, mas creio que pode conseguir uma reintegração.

— É possível, mas não parece que ele queira uma esposa. Chamou-o de "velho"... que idade ele tem?

— Velho bastante para ser seu pai... não, seu avô! — exclamou Mikhail, furioso.

É obsceno até pensar a respeito! Mas não tão obsceno quanto Rafael ou Gabe! Margaret não podia entender a fúria de Mikhail, mas sentiu que o assunto era um tabu, não se podia discutir. Tinha experiência suficiente para saber que os costumes locais quase nunca faziam sentido para as pessoas que não haviam crescido naquela cultura.

— Por que está com tanta pressa de me ver casada?

— Tem de casar com alguém. Não há opção.

Ela mal podia suportar as emoções poderosas que Mikhail experimentava.

— Mikhail, não estou interessada no velho Jeff... ou Damon, ou qualquer outro homem que você possa imaginar. Posso lhe garantir que não casaria com ele mesmo que fosse o último homem solteiro em todo o universo civilizado. Mesmo que fosse tão rico quanto Creso, ou qualquer que seja a expressão que vocês usam em Darkover para indicar o homem mais rico do mundo.

— Dizemos "rico como o lorde de Carthon" — informou ele. — Se não quer casar com Jeff, então deve se resignar a um dos meus irmãos.

— Não vou me resignar a coisa nenhuma!

Um brilho que parecia de esperança surgiu nos olhos azuis.

— Pois então prometa que não vai deixar meu pai... ou minha mãe... casá-la com quem eles quiserem.

— Nada poderia ser mais fácil. Vou a Armida por motivos pessoais, e não estou pensando em casamento.

— Não me importo com o que esteja pensando — disse Mikhail. Apenas não case com o homem que eles escolherem!

Capítulo Dezesseete

Depois de quatro dias de uma viagem tranqüila, Margaret e Rafaella chegaram às terras do Domínio de Alton. Margaret não percebeu que haviam cruzado uma fronteira invisível, pois a paisagem continuava igual ao território que tinham percorrido nos dias anteriores. Havia pequenas aldeias, onde as crianças corriam para olhar as estranhas, até que eram afugentadas de volta para suas casas pelas mães. Existiam comunidades maiores, com estalagens para os viajantes ocasionais, ou casas de fazenda isoladas, com galinhas ciscando no terreiro e chervines pastando. Mas, quando Rafaella informou-a que se encontravam agora nas terras de Alton, ela olhou ao redor com um renovado interesse.

Era uma região de colinas, com muita vegetação crescendo por toda parte. Tudo estava verde agora, mas Rafaella informou-a que tudo estaria ressequido no auge do verão. Havia plantações bem cuidadas, pomares arrumados. Por mais ignorante que fosse da vida rural, Margaret percebeu que os galhos mais baixos das árvores haviam sido cortados, os arbustos ao redor removidos. Seu tio Gabriel podia ser pomposo e arrogante, mas parecia ser um bom administrador. Ela já estivera em mundos que tinham um sistema social não muito diferente do que prevalecia em Darkover, mas onde os latifundiários não se preocupavam com os recursos da terra. Limitavam-se a cobrar taxas altas dos camponeses ou deixavam por fazer as coisas que preservariam a terra. Ela ficou feliz ao constatar que a propriedade da família era bem cuidada. Não podia pensar na terra como sua, por mais que insistissem que lhe pertencia.

— Lá está Armida! — anunciou Rafaella subitamente, erguendo-se na sela e apontando para a distância.

Margaret contraiu os olhos por causa da intensa claridade do sol. Avistou uma vasta estrutura de pedra cinzenta e madeira, numa dobra das Colinas Kilghard, como um ovo num ninho. Era muito menor que o Castelo de Ardais... menor, mais feio e carecendo de qualquer pretensão. Havia vários piquetes, com cavalos pastando. Ela contou cerca de vinte: éguas com cria, e vários animais mais

velhos, ali pastando ou esperando para serem montados. Subiram pelo largo caminho de terra entre as cercas, observando os animais mais jovens correrem de um lado para outro.

Era um lugar muito bonito. A princípio, Margaret nada sentiu além de curiosidade e um interesse geral. Nunca estivera ali antes, até onde sabia, e por isso nenhuma lembrança a perturbava. Mas o formato da casa parecia familiar. Ela calculou que captara impressões do lugar de seu pai, quando era muito pequena, antes de ser bloqueada. Lew adorava aquele lugar, e um pouco de sua emoção antiga se agitou na filha. Uma ligeira ardência nos olhos indicou-lhe que se sentia mais comovida do que imaginava. Desviou os olhos da casa, sabendo que ainda não era capaz de lidar com emoções fortes.

Em vez disso, olhou para os cavalos, que davam voltas num piquete ao lado da estrada. Um garanhão cinzento, enorme, o focinho branco da idade, esticou a cabeça pela cerca e observou as mulheres. Margaret olhou para ele, e o cavalo relinchou. Ela inclinou-se e estendeu a mão, na qual o cavalo resfolegou. Depois virou-se e saiu correndo pelo campo, de tal maneira que contestava sua idade.

— Acho que devo ter um cheiro errado ou outra coisa parecida — comentou ela.

Rafaella soltou uma risada.

— Não é o caso, Marguerida. Acho que você tem o cheiro certo. o velho castrado ficou contente em vê-la. Olhe só para ele.

A Renunciante já não usava mais qualquer título. o relacionamento entre as duas era de intimidade. o que deixava Margaret satisfeita, porque ser tratada como "Domna Alton" ainda fazia com que se sentisse muito estranha.

Mas Margaret não prestava atenção. Avistara no outro lado do campo uma égua graciosa, cinza escura da cor do pewter, com a crina e o rabo negros como a noite. Não era grande, como o castrado, mas de tamanho médio, com uma excepcional agilidade. Os cascos quase dançavam sobre a pastagem enquanto corria. Aproximou-se da cerca e ergueu as orelhas para Margaret. Bateu com as patas na terra, impaciente, olhando para ela e bufando.

Margaret nunca vira um animal tão bonito e não pôde deixar de se perguntar a quem pertencia. Teve vontade de cavalgá-la, apesar de seu cansaço. Sabia que a pequena égua correria como o vento, que seus cascos mal tocariam no solo. Mas era um absurdo. Afinal, ela já estava velha demais para ansiar ter uma égua.

Mas, subitamente, Margaret compreendeu que a égua seria sua, se fosse a herdeira do Domínio de Alton. Por um momento, até considerou a possibilidade de aceitar o Domínio só para ficar com a égua. Mas logo riu, divertida. Não era uma coisa que alguém pudesse compreender, refletiu. Além do mais, cavalos eram viajantes espaciais ainda piores do que os Altons. Fora por isso que só haviam sido transportados para uns poucos planetas da Federação. E não ia ficar em Darkover, não é mesmo?

— O que é tão engraçado? — perguntou Rafaella.

— Acabo de me apaixonar por aquela égua. Não é ridículo? — Margaret gesticulou para a égua cinzenta, que relinchou. — Desculpe, querida, mas estou sem cenouras.

Rafaella balançou a cabeça.

— Todo mundo cobiça os cavalos de Alton, domna. São os melhores dos Domínios, talvez com exceção apenas dos cavalos de Serrais.

Margaret lançou um olhar afetuoso para sua companheira. Serrais? Istvana o mencionara... era o lugar em que os Ridenows tinham seu Domínio. Ainda havia muita coisa que ela não sabia.

— O que aconteceu? Pensei que havíamos combinado que você me chamaria de Marguerida.

A Renunciante fez uma careta.

— Não creio que Lady Javanne gostaria de me ouvir...

— Respeitarei os costumes darkovianos enquanto for capaz, Rafaella. Mas se você começar a me fazer reverências ficarei magoada. Com toda a franqueza, não me importo com o que Javanne possa pensar... ou qualquer outra pessoa, diga-se de passagem. Ela parece muito intrometida, e não gosto de ninguém interferindo em minha vida. Cuido apenas do que me diz respeito e espero que os outros se comportem com a mesma cortesia.

Rafaella sorriu.

— Sei disso. Mas é melhor se preparar para vários aborrecimentos, porque acho que todos na casa tentarão se meter na sua vida, quer você goste ou não. Eles acham que têm esse direito.

— Infelizmente, creio que você tem razão. Mas eu não preciso gostar, não é mesmo?

— Não, não precisa.

Pobre Marguerida. Não tem idéia do comportamento de uma dama, mas é o que todos esperam dela.

Elas chegaram ao pátio na frente da casa e desmontaram. Dois garotos vieram correndo para pegar os cavalos e ajudar a descarregar a bagagem da mula, sorrindo enquanto trabalhavam. Margaret deu outra olhada na casa em que seu pai nascera e vivera durante a juventude. Agora que estava bem perto, podia verificar que algumas pedras eram translúcidas, de uma cor clara maravilhosa, quase prateada.

No momento em que os garotos levavam os animais, um homem corpulento desceu os degraus da frente. Tinha os cabelos escuros, mas afora isso era uma versão mais jovem de Gabriel Lanart. Margaret calculou que ele devia ter trinta e poucos anos. Só podia ser o irmão de Mikhail, um dos Anjos Lanart. Se era um anjo, era um anjo moreno. Margaret presumiu que o louro Mikhail saíra à mãe. Avançou para ela, muito sério e sóbrio.

— Seja bem-vinda a Armida. — Ele tinha uma voz agradável, profunda e ressonante. — Sou Rafael Lanart, e você deve ser minha prima Marguerida.

Ele fez uma reverência. Ignorou a Renunciante, mas Rafaella não deu a menor importância.

— O pai nos disse para esperá-la.

— Obrigada pela recepção — respondeu Margaret, formalmente.

— Estamos contentes em vê-la. Meu irmão Gabriel saiu a cavalo pela propriedade, mas deve voltar em breve. Vai conhecê-lo esta noite. E Mikhail foi chamado... mas já o conheceu em Ardais, não é mesmo?

— Conheci. — Margaret pensou que não deveria dizer, por uma questão de boas maneiras, que Mikhail não viria. — Ele teve a gentileza de tentar explicar todas as ramificações da família Alton, mas não tenho certeza se entendi.

— Ele procurou explicar? Nunca soube que Mikhail se interessava por essas coisas.

Rafael ficou um pouco tenso. Mikhail deve estar tentando nos passar para trás, a mim e a Gabe! Mas não importa. O pai não vai permitir. Ele finalmente percebeu que ignorara Rafaella. Ofereceu-lhe uma pequena reverência.

— Mestra, seja bem-vinda a Armida. Tenho certeza de que se sente contente por ver minha prima no seio de sua família, aliviando-a da responsabilidade de guardá-la.

Margaret sentiu-se indignada pela maneira como sua amiga e companheira era quase descartada, mas depois achou graça da arrogância do primo. Ele não chegava a ser tão grosseiro quanto o pai, mas eram obviamente vinho da mesma pipa.

— Guardar-me? Contra o quê? — indagou ela, rindo. — Rafaella foi minha guia e ainda cuidou de mim quando caí doente.

Apesar da jovialidade em sua voz, Margaret deixava bem claro que não gostava da interferência de Rafael. A Renunciante acompanhou o diálogo com os olhos brilhando, reprimindo a custo um sorriso. Margaret desconfiou que ela adorara ver Rafael Lanart ser posto em seu lugar, embora fosse muito bem educada para deixar transparecer. Depois, Rafaella fitou-a e piscou um olho. Tome cuidado, Marguerida. Os dragões muitas vezes sorriem antes de jantar.

Margaret teve de fazer um esforço para evitar que sua surpresa transparecesse. Era a primeira vez que Rafaella lhe falava mentalmente de uma forma deliberada. A sugestão de afeto e lealdade deixou-a comovida.

A salvação de Rafael veio por intermédio de uma atraente mulher de meia-idade. Não era alta, mas movimentava-se com o jeito de uma pessoa acostumada a impor sua autoridade. Os cabelos outrora escuros haviam desbotado para uma tonalidade castanho-avermelhada. Estavam penteados com o maior esmero, como se ela

tivesse passado muito tempo empenhada nisso. A gola do vestido era toda franzida, e por isso não se podia perceber de imediato o queixo quadrado, que insinuava uma personalidade forte. Ela estendeu a mão bem branca para Margaret. Tinha seis dedos.

A semelhança com Regis Hastur era inconfundível. Margaret refletiu que reconheceria Javanne Hastur Lanart-Alton como irmã dele onde quer que a encontrasse. Olhos cinzas determinados fitaram os seus por um instante. No momento seguinte, Margaret foi envolvida por um abraço perfumado, um beijo de leve roçando suas faces, os ombros apertados com extrema gentileza. o perfume era inebriante, quase sufocante. Ela soltou Margaret, deu um passo para trás, contemplou-a de alto a baixo, como se examinasse um cavalo antes de comprá-lo.

— Seja bem-vinda a Armida. Sou Javanne. Meu Gabriel já falou muito a seu respeito.

Aposto que sim, e nada me foi favorável, pensou Margaret, irônica. Ela avaliou a tia antes de falar, notando como Mikhail era ao mesmo tempo parecido e diferente. Já Rafael herdara o rosto forte da mãe, mas os olhos porcinos do pai.

— Obrigada por me convidar.

— Não precisa ser tão formal. Está com sua família agora, o lugar a que pertence. Mal posso esperar para que conheça minhas filhas... elas são mais ou menos da sua idade. Será maravilhoso.

Não havia afeto nem entusiasmo em sua voz. Margaret desconfiou que ela não se sentia muito satisfeita por sua presença ali. O conflito interior era bem contido, mas vazava o suficiente para deixá-la cautelosa. A tranquilidade que ela experimentara na viagem se dissipou, permitindo que a tensão voltasse.

— Vamos entrar. Deve estar exausta da viagem. Rafael, não fique parado aí como uma estátua. Pegue as coisas de Marguerida.

Margaret fez menção de protestar, mas depois viu que Rafaella pendurara em seu ombro a preciosa harpa, além de pegar a bolsa com o equipamento de gravação, deixando o desventurado filho do meio para cuidar do resto da bagagem. Ela sorriu para a Renunciante, pelas costas de Javanne, recebendo um aceno de cabeça em resposta.

Além da porta, havia um vestíbulo grande, com bancos nos lados. Javanne levou-as para uma sala grande e confortável, onde havia um fogo aceso. A lareira era bastante grande para assar um boi. Depois do dia ameno lá fora, a sala estava bastante quente. Era até um pouco desagradável, com o corpo aquecido da cavalgada, mas Margaret tentou ignorar.

Havia vários sofás ao longo das paredes, estofados em tons de cinza e verde-escuro. Ela contemplou as tapeçarias penduradas nas paredes. Desejou ter se lembrado de falar com Lady Manila sobre as duas em seu salão de jantar. Pelo menos seria um assunto que não deixaria Marilla transtornada, como acontecera com a conversa sobre os Dons. Havia também quatro ou cinco poltronas grandes. As pernas de alguém se destacavam em uma, os pés estendidos na direção do fogo, o resto do corpo oculto.

Ela observou as pernas serem recolhidas, enquanto o som de passos deixava a madeira dura do assoalho do vestíbulo e entrava no tapete grosso. Mãos fortes se apoiaram nos braços da poltrona para levantar o corpo. Um momento depois, Margaret deparou com um homem extraordinariamente alto, corpulento e grisalho. Os cabelos outrora vermelhos estavam quase que brancos por completo, mas os olhos eram brilhantes e alertas. Ele se adiantou um pouco devagar, embora não devesse ter mais de sessenta anos, e pegou a mão de Margaret, com extrema gentileza.

Ficaram se olhando. Ela sentiu um incrível fluxo de emoções ao contato. Havia alguma coisa naquele homem que a lembrava de seu pai, não a aparência, mas alguma qualidade que não podia definir. Ao entrelaçar os dedos com ele, Margaret sentiu todo o seu anseio reprimido pelo Velho subir por sua garganta. Engoliu em seco e disse a si mesma para não bancar a idiota. Era apenas o fato de estar na casa do pai que a deixava assim emocionada.

Era uma experiência de afinidade, como a que experimentara com Mikhail, mas muito diferente na qualidade, ela concluiu. Não havia pressão sobre o coração naquele contato, apenas a sensação de força e de absoluta confiança.

— Como vai? Sou seu parente, Jeff Kerwin... ou Damon Ridenow, se preferir. Seja bem-vinda a Armida, Marguerida Alton. —

Ele estudou-a atentamente, como se procurasse alguma semelhança com o pai. — Você tem o bico-de-viúva de Lew, mas afora isso não parece muito com ele. E como nunca conheci sua mãe, não sei se parece com ela.

— Tento parecer comigo mesma — declarou Margaret, mais incisiva do que tencionava, ainda dominada pelas emoções. Ofereceu um sorriso tímido a Jeff. — Lady Marilla achou que eu parecia com minha avó, Felicia Darriell, mas não posso ter certeza. Nunca vi um retrato de minha mãe, e a memória não é confiável, não é mesmo?

Jeff acenou com a cabeça e suspirou.

— Não, não é. As pessoas que lembro como altas são com freqüência mais baixas quando torno a vê-las. — E Elorie se torna mais linda a cada ano que passa. — Lew não voltou com você, não é?

Margaret já não agüentava mais as pessoas pensarem que trouxera o pai escondido em uma de suas bolsas. Quase desejou que isso tivesse acontecido... embora a idéia do pai enorme metido numa das mochilas de lona fosse absurda. Mas desde que ouvira a voz de Lew em sua mente, no Castelo de Ardais, ela também passara a ficar na expectativa de sua presença. Assim, a ausência era quase irritante. Por onde ele andava? Parecia bem próximo quando lhe dissera que devia ir para Armida, mas ninguém sabia de seu paradeiro. E Margaret não deixaria transparecer para ninguém que isso era importante para ela.

— Ele estava no meu bolso, mas caiu quando atravessamos o rio, e agora não tenho idéia de onde se encontra.

O velho riu, enquanto Javanne parecia um pouco escandalizada.

— Você é uma garota desrespeitosa — disse ele, em Padrão Terráqueo, -, bem a filha de seu pai.

Jeff passou um dedo comprido pelo queixo de Margaret. Ela gostou do som de sua risada. Por um momento, desejou que o pai fosse menos sóbrio e mais jovial. Teria gostado de ter alguém como Jeff para pai. Sentiu-se desleal por esse pensamento. Especulou por que se sentia assim, e chegou à conclusão de que era porque Jeff

parecia ser o tipo de homem com quem poderia conversar, o que jamais conseguira com o Senador.

Ela ignorou o ligeiro turbilhão que partia de Javanne. Em vez disso, sentiu a presença firme de Rafaella. Era tranquilizador contar com pelo menos uma pessoa em quem podia confiar. Talvez pudesse confiar também naquele novo parente. Sentia-se apreensiva, ao contrário do que ocorrera em Ardais. Havia ali sentimentos e impulsos que sabia que não podia compreender, o que frustrava todo o seu treinamento. Não apenas era ignorante de tudo, mas também não sabia quais eram as perguntas certas. É isso mesmo, você pode conversar comigo, se quiser. Em voz alta, Jeff disse, em Padrão Terráqueo, em vez de casta:

— Tente não ser muito dura com Lew. Ele nunca foi bom em conversar com os outros, muito menos com mulheres.

Tenho certeza de que você é uma boa filha... se qualquer das minhas tivesse sobrevivido, eu gostaria que fosse tão forte e independente como desconfio que você é. Havia um certo pesar no pensamento, além de profunda afeição. Margaret ficou embaraçada, inquieta com a afeição que sentia que não merecia.

Foi então que ela ouviu Javanne limpar a garganta, e compreendeu que era falta de educação continuar a falar em Padrão Terráqueo, embora desconfiasse que a tia entendia muito bem. Apenas era mais agradável falar em Padrão Terráqueo, uma língua em que não tinha a preocupação de dizer alguma coisa impolida. Seu casta era bastante fluente agora, mas havia sutilezas que se esquivavam, de vez em quando. Ela se perguntava se algum dia seria capaz de falar sem pensar antes no que dizia.

Podia sentir de novo sua crescente ambivalência. Parte dela desejava ter um bom começo com os parentes recém-descobertos, enquanto outra queria se livrar das formalidades, ser a mulher que chegara a Darkover com Ivor poucas semanas antes. Sabia que isso era impossível, o que não a impedia de sonhar com a simplicidade que desfrutara com seu mentor e amigo.

— Sei que é meu parente, mas é um tio ou um primo? Mikhail tentou me explicar, mas não fazia muito sentido, para ser sincera.

Margaret pôde sentir a tia entristecer ao ouvir o nome do filho mais jovem, junto com uma profunda afeição. Era desconcertante. O que havia de errado com Mikhail para que os pais se irritassem quando alguém o mencionava?

— Em termos estritos, sou seu primo. — Jeff seguiu sua indicação, e Margaret sentiu que Javanne relaxava. — Ambos descendemos de Esteban Lanart, que era o tataravô de Lew. Mas estamos distanciados por quase duas gerações, o que me torna mais um tio.

— Por que essa distinção?

— Os primos em Darkover podem casar, o que em geral não acontece com tios e sobrinhas.

— E eu que pensava que o parentesco arturiano era complexo!

— Esteve lá?

Ele parecia sinceramente interessado, indiferente à crescente inquietação de Javanne.

— Não, mas li alguns ensaios a respeito.

Por que será que tios e sobrinhas não podem casar aqui? No passado, *chiya*, qualquer homem com idade suficiente para ser seu pai podia!

Era uma resposta surpreendente, porque Margaret tinha a noção de que as mulheres em Darkover eram muito bem protegidas, que a obsessão pela genealogia tornava impossível a permissividade sexual que Jeff acabara de insinuar. No passado, dissera ele. Isso devia explicar. Ela se lembrou do que Mikhail dissera a respeito da Torre Proibida. Percebeu que as coisas ali não eram tão organizadas quanto imaginara. O sexo entre as gerações era tabu. Convencida de que compreendia o problema, ela achou que entendia por que Mikhail reagira com tanta veemência à sua sugestão jovial de que resolveria a questão do Domínio se casasse com o homem alto à sua frente. Não, era mais do que isso. Mikhail achava-a atraente, mas, por algum motivo que ela não podia entender, não queria se sentir assim. É verdade que ele quase se comportava como se estivesse com ciúme. Mas como não tinha experiência direta do ciúme, Margaret não podia ter certeza. E, de qualquer maneira, não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Forçou seus pensamentos a se afastarem de Mikhail, do enigma da atração mútua entre os dois. Não era uma boa idéia acalentar tais pensamentos na companhia de telepatas. Javanne já se mostrava hostil, predisposta para uma briga. Ficaria contrariada se descobrisse que Margaret pensava afetuosamente no filho mais jovem. E Margaret não tinha a menor idéia da extensão em que seus pensamentos eram audíveis para os outros, embora Istvana tivesse dito que não irradiava demais.

Tinha de torcer para que estivesse mantendo a mente bastante opaca, a fim de preservar sua privacidade. Por uma vez em sua vida, o hábito de se manter apartada, o terrível legado de Ashara, parecia um trunfo. Mas re-moer os problemas não ia ajudar. Em vez disso, ela procurou desfrutar o senso de segurança que experimentava na presença de Jeff. Sentia-se tão segura com ele quanto na companhia de Ivor Davidson.

— Não devo monopolizá-la, Marguerida. Javanne deseja vê-la assentada — murmurou ele, soltando a mão de Margaret quase com relutância.

Aposto que é isso mesmo o que ela quer... assentada com um dos seus filhos! Margaret tinha certeza de que a tia podia ter ouvido isso, mas de repente sentia-se cansada demais para se importar. Não seria pressionada a fazer qualquer coisa, se pudesse evitar.

— Claro. Haverá muito tempo para conversarmos mais tarde. Jeff inclinou-se e beijou-a no rosto. Ela sentiu a fragrância de sua pele lavada.

— E até que seu pai chegue, serei como um pai para você — acrescentou Jeff, em voz baixa, perto do ouvido de Margaret. — Pode me procurar para fazer suas perguntas. Combinado?

Margaret ficou tão surpresa que se limitou a acenar com a cabeça, em silêncio. Sentiu a irritação de Javanne e ouviu-a pensar: Velho intrometido! Gabriel foi um tolo ao convidá-lo! Eu poderia ter feito tudo sozinha, pois ele ficará do lado dela!

— Ficaria feliz se assumisse o lugar do Senador. Tenho certeza de que ele também gostaria, se soubesse.

Por que o Velho mandou que eu viesse para cá? É tudo muito confuso. Por que vim para este planeta de loucos? Puxa, como estou

cansada!

Margaret virou-se e seguiu Javanne Hastur. Deixaram a sala e se encaminharam para a escada. Ela não precisava ser telepata para saber que sua anfitriã fervia de raiva por dentro. Um olhar para os ombros empinados de Javanne era tudo de que precisava. Enquanto subia a escada, atrás da mulher mais velha, Margaret compreendeu que ao estabelecer o relacionamento filha/pai com o velho Jeff, cujo direito ao Domínio de Alton era tão válido quanto o seu, escapara para todos os efeitos ao controle de Gabriel Lanart. Não era o que Javanne tencionava. Sua nova tia tramara alguma coisa... ou será que não? Margaret tentou dizer a si mesma que era apenas um caso de paranóia desnecessária, que seus parentes só se preocupavam com os interesses dela, mas não foi capaz de acreditar nessas palavras. Ao chegarem à porta do quarto, Javanne já se acalmara o suficiente para tentar ser graciosa:

— Espero que não se importe de partilhar o quarto. Sei que os Terranan estão acostumados a ficar sozinhos em pequenos quartos, o que eu acho muito esquisito.

Margaret correu os olhos pelo enorme quarto. Havia uma cama grande para quatro pessoas, um armário enorme e um lavatório. Duas cadeiras de encosto reto estavam encostadas na parede, com duas poltronas junto da pequena lareira. O vermelho das poltronas não combinava com o azul do quarto, o que a levou a pensar que deviam ter vindo de outro cômodo.

A cama tinha cortinas de linho azul, bordadas com figuras estilizadas que podiam representar montanhas. Havia várias mantas em cima, sobre uma colcha de folhas prateadas. A janela era grande, dando para os pastos na frente da casa. Em tudo e por tudo, era um quarto agradável. Margaret não sabia se Rafaella partilharia de novo a sua cama. Sentia-se ambivalente diante da perspectiva. Não achara desconfortável dormir ao lado da Renunciante na casa de Jerana, e a cama era bastante grande para as duas.

Quando Rafaella abaixou-se e puxou uma cama de rodinhas de baixo da outra, largando em cima o equipamento de gravação, Margaret sentiu-se aliviada. A Renunciante se tornara como uma

irmã para ela durante a viagem, uma irmã que nunca tivera e pela qual sempre ansiara. Mas ainda mantinha um estado de espírito que exigia a privacidade. Era sempre incômodo ficar muito perto de uma pessoa, em termos físicos ou outros. Era parte também do legado de Ashara, como Istvana explicara. Embora uma parcela de Margaret se ressentisse, ainda havia um forte impulso para se manter apartada das outras pessoas, até mesmo daquelas que amava e nas quais confiava.

— Rafaella e eu já partilhamos o mesmo quarto, Lady Lanart, e estamos acostumadas aos hábitos uma da outra. Quando estive em Relegan e diversos outros planetas com meu mentor, Ivor Davidson, muitas vezes partilhamos alojamentos que eram bem menos confortáveis do que este quarto.

No momento mesmo em que acabou de falar, Margaret percebeu que dissera uma coisa chocante. Javanne ficou vermelha, enquanto Rafaella se ocupava em arrumar o resto da bagagem. A criada que subira com as bolsas, gorda, na casa dos sessenta anos, parecia muito interessada. Margaret não duvidou que ela contaria tudo para os outros assim que descesse.

— Que tipo de alojamentos, Marja?

Javanne conteve sua indignação, a curiosidade prevalecendo sobre o pressentimento de um escândalo. Não se interessava pelos detalhes, mas era evidente que queria saber mais. Provavelmente especulava se Ivor fora seu amante, além de mentor. Nas circunstâncias, compreendeu ela, ninguém em Darkover seria capaz de compreender que uma jovem podia viajar por toda a Federação com um homem na maior inocência.

Margaret ficou distraída por um momento pelo uso do nome de sua infância, mas depois se perguntou se deveria dizer a verdade ou dissimular.

— Cabanas de um só cômodo, feitas de palha, lugares assim — respondeu ela, decidindo ser provocante.

Se caísse em desgraça aos olhos dos outros, refletiu ela, talvez Javanne abandonasse o plano de casá-la com um dos seus filhos, o que faria com que a visita se tornasse menos desagradável. A criada soltou um murmúrio de espanto. Javanne virou-se para ela, furiosa.

— Largue essas coisas e vá cuidar do seu trabalho! E não quero que conte histórias para ninguém! Não admito comentários sobre a domna!

Javanne voltou a fitar Margaret, com um olhar frio, e acrescentou:

— Não sei como você se comportava em outras planetas, mas espero que se lembre do seu lugar e aja como uma dama, enquanto estiver sob o meu teto.

— Ivor era um velho, na casa dos noventa anos, mal podia...

— Já chega! Posso desculpar suas maneiras, porque ainda não conhece nossos costumes, mas isso vai mudar imediatamente. Está me entendendo?

O cansaço de Margaret era tão grande que ela acabou perdendo o controle. Aquilo era mais do que podia suportar.

— Pode me dizer, tia, se todo mundo em Darkover tem a mesma mente suja?

Javanne ficou vermelha por baixo dos cosméticos. Tremeu da cabeça aos pés. Bateu a porta ao sair. Que garota mais atrevida! Como pode vir para cá e se comportar como uma prostituta vulgar?

— Não posso deixar de me perguntar se ainda há portas no lugar em Armida, com Dom Gabriel e Domna Javanne gostando tanto de batê-las — comentou Margaret, adorando sua tola vitória.

Rafaella caiu na gargalhada, tentando abafar o som na manga, mas não conseguindo muito bem. Pequenas lágrimas escorreram de seus olhos.

— Acho que foi uma impertinência provocá-la desse jeito — murmurou a Renunciante, assim que recuperou o fôlego.

— Ela me põe num quarto com uma cama bastante grande para uma orgia, e espera que eu não pense em sexo. Não faz o menor sentido.

— Javanne é muito respeitável, Marguerida, e não quer que as pessoas falem. No passado...

— Não faça isso! Vou gritar se me disser alguma coisa que não for relevante para a conversa. Por que ela é tão sensível?

Rafaella soltou um longo suspiro, depois deu de ombros.

— Quando a Torre Proibida operava aqui, em Armida, aconteceram coisas que foram chocantes.

— Refere-se a Damon Ridenow gerar uma criança numa mulher que não era sua esposa? Mikhail me falou a respeito. o que há de tão horrível nisso? Os homens geram crianças em suas amantes desde tempos imemoriais, Rafaella. Até mesmo homens bons e decentes.

Inclusive meu pai.

— Tem razão. Mas você precisa compreender que é um assunto muito sensível para ela.

— Por quê? Acho melhor me explicar, para que eu não cometa erros maiores do que já cometi.

A Renunciante pensou por um longo momento, parecendo dividida, sem saber se devia ou não contar.

— Está bem. Dom Gabriel descende de Ellemir Lanart, que era a esposa de Damon Ridenow, e de Ann'dra Carr, o Terranan que era parte da Torre Proibida. o que é muito impróprio.

— Por quê? Porque o pai de Gabriel era nedestro, ou porque ele é em parte terráqueo?

Margaret não podia deixar de recordar a hostilidade expressa do tio contra os terráqueos. Talvez fosse esse o motivo. Explicaria muitas coisas.

— As duas coisas, se não me engano. Mas creio que Lady Javanne sabe que as ocorrências em Armida foram muito chocantes.

— Não vamos exagerar. Isso aconteceu há muitos e muitos anos. Dom Gabriel é um descendente legítimo dos Lanarts, ou pelo menos tanto quanto eu própria sou legítima. Será que todos têm medo de que genes do mau comportamento sexual estejam à espreita?

A Renunciante abriu uma de suas bolsas e começou a tirar as roupas.

— Não, mas... é muito difícil explicar. o problema, no fundo, relaciona-se com o laran. Por anos incontáveis, centenas e centenas, o laran só existia nas famílias do Comyn. o que era ótimo para o Comyn, e não de todo ruim para os outros. o Comyn passou a casar entre si, para manter o laran forte e preservar os Dons dos Sete

Domínios. Alguns desses costumes mudaram um pouco desde que os Terranan chegaram a Darkover, há cerca de cem anos. Mas ainda não é apropriado que uma mulher casada gere uma criança de outro homem que não seu marido. É muito... irregular.

— Posso imaginar. Mas se os lordes do Comyn saem por aí fazendo filhos nedestro nesta ou naquela mulher, é de se esperar que o laran se espalhe pela população em geral. Como aconteceu com sua irmã.

— Tem razão. Mas ainda assim não é considerado certo.

— Certo? Parece conveniente para os homens, mas terrível para as mulheres.

Rafaella deu de ombros, como se dissesse que era essa a situação. Depois, foi até a janela e deu uma espiada.

— Lá vem o jovem Gabriel, a galope. E Mikhail o acompanha.

— É mesmo?

Margaret correu até a janela. Ele devia ter partido no mesmo dia que as duas, ou então viajara mais depressa. Provavelmente a segunda opção, já que elas não forçaram a marcha, por causa de sua tendência a ficar exausta com qualquer esforço maior. Margaret observou os cachos dourados, os ombros empinados, a maneira como Mikhail controlava o cavalo. Ele é bom de montaria. Ela corou no mesmo instante, ao perceber que não pensava em Mikhail montado num cavalo.

Ele dissera que não voltaria a Armida, ao se despedirem em Ardais, mas lá estava. Margaret lembrou que Rafael dissera que o irmão fora "chamado", o que a deixou um pouco desapontada. Talvez Mikhail não fosse o homem que ela presumia, se vinha correndo quando era chamado. Devia estar mais sob o controle do pai do que alegava.

Margaret refletiu, no entanto, que não devia ser precipitada em seu julgamento. Sentia-se contente pela presença de Mikhail, qualquer que fosse o motivo. Permitiu-se um momento de especulação, admitindo que seu retorno a Armida podia não ter qualquer relação com obediência ou dever. Talvez Mikhail não conseguisse se manter longe dela. o pensamento chocou-a mais do

que um pouco. Ela sacudiu a cabeça. Mas até que gostava da idéia. Não podia deixar de agradá-la, não é mesmo?

Mas não tinha importância, não é mesmo? Ela apenas fazia uma visita de cortesia à propriedade da família... e só porque o Senador lhe dissera. Não se encontrava ali por sua livre e espontânea vontade, não é mesmo?

Enquanto observava, ela viu a égua cor de pewter atravessar o pasto em disparada, relinchando alto. Empinou ao chegar à cerca. Margaret viu Mikhail acenar para a égua. Devia ser dele, ou então corria para saudar todas as pessoas. Ela observou o sol faiscar na crina escura. Era sem dúvida uma linda égua. E admirá-la evitou que Margaret especulasse sobre Mikhail.

Os dois cavaleiros desapareceram no lado da casa. Margaret arriou na cama. Que se danassem o Velho, Mikhail e todos os homens, em toda parte, pensou ela. Ou queriam dar ordens a você, ou mentiam, ou morriam. Por que as mulheres aturavam criaturas em quem não se podia confiar? Ela pensou em Dio, e como ela suportara paciente todos os momentos de depressão do Senador, suas bebedeiras. Chegou à conclusão de que devia haver alguma falha no caráter feminino.

Quando desceram a escada, na hora do jantar, Margaret e Rafaella encontraram a maior parte da família reunida na sala grande em que ela se reunira com Jeff Kerwin, naquela tarde. Javanne trocara de roupa, e usava agora um vestido menos modesto. Ainda tinha uma gola franzida cobrindo o pescoço. Margaret decidiu que sua tia era muito vaidosa. Mas só porque ela própria não era vaidosa, não havia razão para julgá-la por isso, disse Margaret a si mesma. E pensou que estava procurando motivos para não gostar de Javanne. Não era uma admissão agradável, e Margaret sentiu-se constrangida.

Javanne levantou-se quando elas entraram, sorrindo com muitos dentes. Estudou Margaret com olhos frios.

— Espero que esteja descansada e revigorada, Marja-chiya. Tem tudo de que precisa?

De banho tomado e vestindo o primeiro traje que comprara de MacEwan, Margaret sentia-se mais à vontade do que na chegada.

Mesmo assim, ainda mantinha uma certa cautela em relação a todos ali. Jeff Kerwin cochilava ao lado da lareira, Mikhail e Rafael discutiam alguma coisa com a maior veemência. Ela percebeu logo que Mikhail fazia um esforço para não olhar em sua direção, prestando uma atenção quase desesperada ao que o irmão dizia. Muito bem... duas pessoas podiam fazer aquele jogo.

Dom Gabriel estava junto do filho mais velho, ambos em silêncio. Eram tão parecidos que podiam passar por irmãos. Era evidente que se sentiam contrafeitos, talvez achando que os trajes formais eram muito apertados.

Num dos sofás sentava uma mulher, baixa e esguia, cercada pelo que parecia ser um rebanho de crianças pequenas, todas clamando por sua atenção. Ela podia ter sido bonita no passado, mas agora tinha o rosto tenso, a pele seca e pálida, os cabelos vermelhos opacos e desarrumados. Margaret calculou que a mulher devia ter mais ou menos a sua idade, embora parecesse estar com cinqüenta anos.

Outra mulher levantou-se de uma poltrona, usando um vestido verde que se projetava ao seu redor como uma barraca. Era tão alta quanto Margaret, ossos grandes, sob uma carne firme. A impressão de grandeza, força e dignidade era enorme. Carregava pelo menos vinte quilos extras, na rápida avaliação de Margaret, mas ficavam muito bem nela. Os olhos que faiscavam no rosto redondo eram inteligentes, inquietos no interesse, com uma insinuação do mesmo humor que ela encontrara em Mikhail. Os cabelos vermelhos eram grossos, não finos como os de Margaret. Caíam além dos ombros, presos na nuca por um ornamento em forma de borboleta. Javanne acompanhou seu olhar.

— Marguerida, quero apresentá-la às suas primas. Creio que já conheceu Mikhail, e também meu filho Rafael. — Ela levou Margaret para o sofá. — Esta é minha filha Ariel, e meus netos. Ariel, pare de brigar com Kennard e cumprimente sua prima.

Relutante, Ariel desviou a atenção das necessidades das crianças e estendeu a mão para Margaret. Mal fitou-a, com olhos sem brilho, e tornou a se concentrar nas crianças, que brigavam, se empurravam e gritavam. Margaret constatou que a mão da prima

era flácida e seca. o contato transmitiu uma ansiedade tão intensa que ela quase sufocou.

— Seja bem-vinda a Armida — murmurou Ariel, para depois retirar a mão e se virar para as crianças irrequietas.

Nas sombras por trás do sofá, Margaret percebeu um homem de pé, vestindo roupas tão escuras que era quase invisível. Ele também pairava em torno das crianças com uma expressão apreensiva, como se esperasse que Margaret seqüestrasse uma, ou fizesse alguma outra coisa altamente improvável.

— Este é meu genro, Pedro Alar.

o homem fez uma reverência formal, mas não tomou a iniciativa de nenhum outro gesto para cumprimentá-la. Margaret não pôde deixar de se

perguntar como duas pessoas tão ansiosas conseguiam sair da cama pela manhã. Mas não fez qualquer comentário a respeito. Era insensato julgar pelas aparências; e, por outro lado, era bem possível que eles se mostrassem mais joviais e animados longe da vista de Javanne.

— E agora, Marguerida — disse Javanne, afastando-a do casal depressivo -, esta é sua prima Liriel. Ela e Ariel são gêmeas, embora muitas pessoas se recusem a acreditar.

— Então você é Marguerida Alton! — A mulher grande sorriu, o rosto radiante. — Onde a mãe a pôs? Espero que não tenha sido no quarto azul... o teto tem um vazamento, a menos que tenha sido consertado desde a última vez em que estive aqui. É lá que a mãe instala as pessoas que não quer por muito tempo na casa.

Javanne lançou um olhar furioso para a filha. Margaret compreendeu no mesmo instante que as duas não se davam muito bem. Lembrou que Mikhail descrevera aquela irmã como a decidida, a que se recusara a casar com o homem escolhido pela mãe. Por esse motivo apenas, Margaret já se sentia propensa a gostar dela. Liriel parecia feliz e animada... e cordial ainda por cima.

— Não sei qual é o quarto, mas parece confortável — respondeu Margaret, muito polida. o quarto tinha paredes azuis, a mesma cor das cortinas da cama. Ela olhou para Javanne, assim

como Liriel. A mulher mais velha corou, embaraçada. — Eu não sabia que Armida era tão grande.

— Já fez uma excursão pela casa? — disse Liriel. — Tive a impressão de que foi direto para o quarto ao chegar.

— E fui mesmo, mas a casa parece grande por fora.

Margaret sentia-se atraída por aquela prima. As duas trocaram um olhar divertido. Havia malícia também nos olhos azuis, além de uma grande inteligência. Ela comprimiu os lábios numa expressão mais sóbria, como se reprimisse uma pilhéria secreta.

— As aparências muitas vezes enganam — declarou Liriel, com uma irônica solenidade.

Javanne quase que arrastou Margaret para longe da filha.

— Marguerida, este é meu filho Gabriel.

O homem ao lado de Dom Gabriel fez uma reverência formal. Margaret teve certeza de que o filho mais velho era o predileto de Javanne. Ele era corpulento como o pai, os olhos um pouco esbugalhados. Ela desconfiou que também tinha a mesma disposição colérica.

— Seja bem-vinda à minha casa — disse ele, a voz rouca.

— Saudações, primo Gabriel. Fico contente por finalmente conhecê-lo.

Margaret sabia que não parecia nem um pouco contente, mas torceu para que ninguém notasse. Javanne parecia exausta de seus deveres como anfitriã. Afastou-se, deixando Margaret e Gabriel a olharem um para o outro. Ela tentou pensar em algum tópico de conversa que pudesse ser interessante para ambos, mas nada lhe ocorreu. Dom Gabriel olhou de um para o outro, esperando que se mostrassem sociáveis. Como o silêncio persistisse, ele soltou um grunhido e anunciou, com a expressão de quem oferece um grande privilégio:

— Convidei alguns cantores para depois do jantar.

— Isso é ótimo.

Margaret tinha dúvidas se conseguiria suportar pela noite inteira uma não-conversa polida. Gostaria de ter a desfaçatez necessária para alegar uma dor de cabeça e se retirar. Mikhail apareceu ao seu lado nesse instante, com um sorriso jovial.

— E então, prima, o que achou de Armida até agora? Agradecida por ser salva da obrigação de tentar conversar com Dom Gabriel e seu filho mais velho, Margaret virou-se para ele, feliz.

— Achei adorável tudo o que já vi. Os cavalos são maravilhosos. Gostei muito de uma égua que tem um pêlo cinza-escuro.

— É Dorilys. Uma boa égua, mas um pouco arisca.

— Um lindo nome.

Margaret pensou que sua língua abriria um buraco no céu da boca antes de chegar à mesa do jantar, se continuasse a emitir ruídos sem sentido. Era o que Dio tinha de suportar nos jantares oficiais? Sua admiração pela madrasta aumentou ainda mais.

— Ela nasceu durante a mãe de todas as tempestades — explicou Mikhail. — Sei disso porque estava no estábulo, à sua espera. Não é um nome apropriado, porque significa "dourada". Mas há muito tempo existiu uma mulher chamada Dorilys que era capaz de invocar as tempestades, pelo que dizem. Como ajudei no parto da égua, tive o privilégio de escolher seu nome. Por isso, é Dorilys. Fico contente que você tenha gostado dela.

— É mais do que gostar. Apaixonei-me por ela. Poderia montá-la, durante minha estada aqui?

— Dorilys não é um animal para uma moça — protestou Dom Gabriel.

— Mas não sou mais uma moça, tio — murmurou Margaret, tão doce quanto podia. — E há muitos anos que ando a cavalo.

Por sorte, o coridom anunciou o jantar, antes que o homem mais velho tentasse dizer a Margaret o que fazer. Todos foram para o salão de jantar, que parecia bastante grande para abrigar um exército. Margaret hesitou, sem saber onde sentar. Percebeu que Javanne e Dom Gabriel também estavam inseguros. Pelo costume, os lugares à cabeceira e no outro lado da mesa pertenciam aos dois. Mas com a presença de Jeff Kerwin, o membro mais velho do clã de Alton, a situação não era normal. Antes que todos hesitassem até a carne esfriar, Jeff resolveu o problema, pegando Margaret pelo cotovelo e conduzindo-a à cabeceira da mesa.

— Este é o seu lugar, chiya.

— Mas Lady Javanne... — Ela deve ceder. Margaret reprimiu o riso.

— Não posso imaginá-la jamais fazendo isso, tio Jeff — sussurrou Margaret.

— Então tem de aprender agora. Todos devem ceder de vez em quando. Nunca é agradável, mas é uma lição de vida necessária.

Jeff puxou a cadeira e ajudou-a a sentar. Depois, sentou à direita de Margaret, enquanto o resto da família observava num fascínio horrorizado. Houve um barulho de cadeiras arrastadas quando todos se acomodaram. A comida foi servida.

A presença das crianças Alar tornou o jantar ruidoso. A comida era simples e saborosa, um pouco menos formal do que as refeições que ela fizera em Ardais. O barulho dos talheres e louça parecia ensurdecedor depois do silêncio da viagem. Margaret trocou um olhar com Rafaella. A Renunciante acenou com a cabeça, depois voltou a se absorver em sua conversa com Liriel Lanart.

o jantar finalmente acabou, os criados tiraram a mesa. Ariel conduziu seu rebanho de crianças para a cama. Piedro foi atrás, sombrio e ansioso. A saída deles animou o clima da reunião. Poucos minutos depois o coro chegou. Eram quatro irmãs, tão parecidas que poderiam passar por quadrigêmeas, e um irmão que claudicava bastante.

Afinaram seus instrumentos, uma ryll e uma coisa que parecia ser uma mistura de harpa e guitarra, e começaram a cantar. Várias canções eram agora conhecidas de Margaret, mas outras não. Ela lamentou não ter descido com o equipamento de gravação. Depois compreendeu que todos ficariam chocados se o tivesse feito. Sorriu para si mesma. Podia ser uma herdeira, mas nunca perderia os hábitos de pesquisadora que adquirira durante o tempo todo na universidade.

Os irmãos iniciaram outra canção, e Margaret sentiu que seus braços se arrepiavam.

— Como surgiu esse sangue em sua mão direita, irmão, conte-me, conte-me...

Ela cantara essa música em seu segundo dia em Darkover, ao pegar na ryll encantada que pertencera à mãe que ela nunca

conhecera. Quase não pensara em Thyra desde que deixara o Castelo de Ardais. Descobriu agora que a balada deixava-a angustiada.

— Não é uma boa canção para se apresentar a irmãos e irmãs — resmungou Dom Gabriel, deixando claro que sentia-se contente por ter alguma coisa em que descarregar sua crescente frustração.
— Sempre dá azar.

— Não somos supersticiosos, pai — protestou Liriel. — Ou pelo menos eu não sou... Ariel já se retirou.

O tolo se sobressalta com folhas caindo.

Uma das irmãs cantoras deu de ombros, e o irmão apressou-se em dizer:

— Cantaremos outra coisa se assim desejar, vai dom. Margaret olhou para Liriel.

— Já ouvi essa canção antes... até a cantei. Há alguma história ligada a ela?

Seu instinto de pesquisadora fora despertado, e ela ignorou o olhar de Javanne. Liriel Lanart soltou uma risada efusiva.

— Conta a história de uma maldição de família, aqui nas Colinas Kilghard. Alguns dizem que dá azar para uma irmã cantá-la na presença de um irmão. Temos muitas superstições nas montanhas. Mas onde aprendeu a canção? Tenho certeza de que não a cantam em Ardais. Margaret franziu o rosto.

— Quando eu estava na casa de Mestre Everard, na Rua da Música, ele me mostrou uma velha ryll, dizendo que ninguém conseguia tocá-la. É um lindo instrumento, feito por um luthier famoso, segundo ele. Peguei a ryll... com minha curiosidade habitual. A canção foi saindo, como se tivesse sido deixada nas cordas pela última pessoa a tocá-las. — Ela hesitou por um instante.
— Descobri mais tarde que a ryll havia pertencido a Thyra Darriell, minha mãe.

Dom Gabriel amarrou a cara e Javanne ficou furiosa, enquanto Jeff assumia uma expressão pensativa. Um silêncio opressivo persistiu por um longo momento.

— Cantarei uma canção ainda mais proibida — anunciou Mikhail, levantando-se de repente. — Guerras foram desencadeadas em Darkover por menos do que isso, mas não sou supersticioso.

Ele respirou fundo, empinou os ombros e começou a cantar:

— Meu pai foi Guardiã da Torre de Arilinn, Seduziu uma chieri com a flor do kireseth, Dessa união três nasceram, Dois eram o Comyn e o outro fui eu...

Mikhail tinha uma boa voz, destreinada, mas firme e profunda. Margaret sentiu-se grata por ele distrair os outros da referência à sua mãe. Era evidente pela expressão de Javanne que Thyra era um assunto proibido. O que era ótimo para Margaret, porque ela também não queria falar sobre a mãe. Por que mencionara a ryll encantada?

Liriel soltou uma risada.

— Está atrasado, irmão. Nada mais é proibido, exceto o mau gosto. Também aprendi essa canção, em Arilinn, quando fazia meu treinamento. — Ela olhou para Jeff. — E imagino que você também aprendeu, primo.

— Claro. Começamos a aprender a rir de nós mesmos, o que é uma coisa muito saudável.

— Seu pai alguma vez cantou isso para você, Marguerida? Ele é lembrado em Arilinn como um dos melhores técnicos que já passaram por lá... o que todo mundo faz questão de me recordar. — Liriel fez uma careta. — É sempre deprimente ser comparada com alguém que você nunca conheceu.

— Jamais ouvi o Senador cantar essa canção. Ele vivia ocupado com seus deveres para me contar muita coisa. — Quanto à Torre de Arilinn ou qualquer outra, o mero pensamento deixava Margaret toda arrepiada, depois de sua aventura na Torre dos Espelhos. — Para ser franca, eu nem sabia que ele havia sido treinado numa Torre.

Ele deixou de me informar sobre uma porção de coisas. Estou ansiosa por cobrar tudo... o que farei muito em breve, eu espero!

— Quer dizer que seu pai nunca lhe contou... — Liriel parecia chocada e furiosa, como acontecera com Istvana Ridenow. — Passou

todos esses anos com o Dom de Alton, com laran quase escorrendo de seus ouvidos, se me permite ser tão brusca...

— Não quero falar sobre isso! — declarou Margaret, rispidamente. Ela podia criticar Lew Alton, mas não admitiria que pessoas que nunca o haviam conhecido falassem mal de seu pai. A reação surpreendeu-a, porque não sabia até aquele momento que, apesar do abandono e rejeição, apesar de tudo, tinha uma lealdade profunda e persistente pelo pai. Se ao menos tivesse a afeição para acompanhar essa lealdade, pensou ela, poderia se sentir satisfeita.

— Perdoe-me, prima — murmurou Liriel. — Tenho a típica falta de tato dos Altons.

Margaret sabia que ela era sincera. Gostou ainda mais de Liriel por saber que ela era capaz de admitir um erro. Concluiu que o tato era uma característica ausente em Armida, que se usava uma polidez rígida porque todos eram instáveis e agressivos. Dom Gabriel e Javanne pareciam ser pessoas que diziam o que pensavam, mesmo que pudessem magoar os outros.

— Não está um pouco abafado aqui dentro? — interveio Javanne, como se quisesse afastar a conversa de Lew Alton o mais depressa possível. — Você parece sentir muito calor, Marja. Rafael, por que não leva sua prima ao jardim dos perfumes?

A sugestão foi recebida com uma expressão contrariada do filho do meio... e com um brilho nos olhos de Mikhail.

— Claro, mãe. Talvez precise de um agasalho... está um pouco frio lá fora.

Margaret levantou-se tão depressa que nem houve tempo para Jeff ajudá-la com a cadeira.

— Acho que é uma ótima idéia.

Ela queria sair logo dali, com ou sem um xale. Rafaella sorriu-lhe, e Margaret acenou com a cabeça em resposta. Podia contar com Rafaella para mantê-la de bom humor.

Uma criada trouxe um xale todo bordado. Rafael conduziu-a por um corredor e saíram para a noite nublada. Havia no ar o cheiro de chuva por cair, junto com uma fragrância que quase dominava todos os sentidos.

— Estou tão acostumada a ver as estrelas que não sei se algum dia me acostumaría com tantas nuvens durante a maior parte do tempo — comentou Margaret na escuridão, consciente da proximidade do primo.

— Já ouvi um Terranan dizer isso antes. Como devo tratá-la... prima, Marguerida ou Marja?

— Qualquer coisa que quiser, mas creio que estou um pouco velha para ser tratada por Marja. Prima parece mais seguro, não concorda?

— Está certo.

Ele parecia meio desorientado, sem saber o que dizer.

— Que perfume maravilhoso é esse? — indagou Margaret, aconchegando-se no xale.

— É o jardim dos perfumes da mãe. Há muitos antes, antes dos Terranan chegarem a Darkover, havia uma Guardiã em Arilinn que era cega. Ela fez um jardim de flores perfumadas, que exalavam sua fragrância tanto de dia quanto de noite, pois era sempre noite para Fiora. A mãe gostou tanto desse jardim, quando era treinada ali, que resolveu fazer outro igual aqui.

— É maravilhoso. — As nuvens se entreabriram e uma das luas surgiu no céu. — Eu gostaria de ver as quatro luas no céu ao mesmo tempo.

Uma tênue lembrança surgiu em sua mente. Podia ouvir o pai e Dio rindo sobre as coisas que acontecem sob as quatro luas. Por sua perspectiva adulta atual, o tom das palavras era sexual. Por isso, ela compreendeu que o comentário fora impróprio. Para ocultar seu embaraço, apressou-se em acrescentar:

— Deve ser uma ocorrência astronômica rara.

— Tem razão. — Rafael balançou para a frente e para trás. — Aqui em Darkover não falamos sobre isso... Mas que droga! Não saímos para conversar sobre o tempo, as luas, ou se a chuva vai estragar as colheitas!

— É verdade.

Margaret podia sentir o desconforto do primo, mas não podia pensar em nada para atenuá-lo. Rafael respirou fundo e soprou, como um homem sob um pesado fardo.

— A mãe não é muito sutil, não é mesmo?

— Nem um pouco. Mas eu diria...

— Prima, sou solteiro e saudável — interrompeu-a Rafael, como se tivesse de continuar a falar. — Portanto, sou livre. Seria uma grande honra para mim se quisesse reunir nossos ramos da família ao casar comigo.

Margaret virou-se para fitá-lo, aturdida.

— Não pode estar falando sério — murmurou ela. — Nunca nos vimos até esta tarde.

— Em Darkover, isso não é importante. A mãe e o pai casaram um dia depois de se conhecerem. Seria uma boa coisa e...

Ele não foi capaz de continuar. Margaret declarou, sem rodeios:

— Jamais me passou pela cabeça casar com você. Não me importa quais são os costumes aqui. o casamento é uma decisão muito importante para ser tomada por outras pessoas que não o homem e a mulher que vão casar.

E a maneira como seus pais maltratam as portas não é uma indicação favorável ao fato de só se conhecerem no dia anterior ao casamento!

Tem toda razão, não é mesmo. Rafael soltou uma risada, um pouco inquieto.

— Muito obrigado. Prometi à minha mãe que tentaria. Creio que não seria tão terrível assim, mas você é... um tanto determinada, como minha mãe, e desconfio que não se daria bem comigo. Mas podemos ser amigos?

— Sua mãe é uma mulher muito intrometida — respondeu Margaret, gostando de Rafael por sua franqueza, e ainda mais ressentida contra a tia.

— É possível. Ela cumpre o seu dever, da maneira como o considera. E quer muito que os Altons voltem a ser uma só família, como antes.

— Ela terá de conseguir isso sem a minha participação. Está esfriando cada vez mais. Vamos entrar... ou você prefere escapar sem enfrentar sua mãe?

— Não vai fazer a menor diferença. Bastará um olhar para o seu rosto, e ela saberá que me recusou.

Neste caso, irei direto para o meu quarto. Não tenho a energia necessária para passar mais uma hora tomando cuidado com minhas palavras... e com minha expressão!

— Como quiser, prima.

Capítulo Dezoito

Margaret acordou à primeira claridade da manhã. Virou-se na cama imensa. o som suave e firme dos roncos de Rafaella, na cama de rodinhas, era um ruído normal, tranqüilizador. Não dava para imaginar como ela poderia dormir sem isso. O pensamento fê-la rir silenciosamente. Não podia levar a Renunciante para fora de Darkover. Que idéia! Ela especulou como Rafaella se comportaria. Decidiu que a amiga era bastante adaptável para enfrentar quase que qualquer coisa. Como haviam se tornado tão íntimas, tão depressa? Margaret não sabia direito, mas com certeza gostava de ter ao seu lado uma mulher em quem podia confiar, com quem se sentia segura. Ao contrário de seus novos parentes, que faziam com que se sentisse ameaçada, apesar das boas intenções óbvias. E se, por acaso, Rafaella se tornasse companheira livre do Capitão Rafe Scott, então seria também tia de Margaret! Ela não pôde evitar uma risada. Torceu para que aquilo acontecesse, a fim de poderem se divertir com o absurdo da situação. Pelo menos seriam felizes.

Margaret comparou Rafaella com o clã de Alton. Concluiu que a diferença era o fato de que a Renunciante não tinha planos ou ambições para ela. Não queria nada de Margaret, o que lhe proporcionava uma certa segurança. Ela se descobriu um pouco perdida, e disse a si mesma, com firmeza, para não entrar em depressão.

Olhou para o teto e notou uma enorme mancha escura num canto. Era de umidade, embora não estivesse pingando. Parecia evidente que o vazamento a que Liriel se referira não fora consertado. Margaret começou a se sentir um pouco irritada. Seu tio Gabriel andava tão ocupado a se meter na vida de outras pessoas que deixava Armida no abandono. Sua casa! Não, não sua casa... mas ainda assim sentia um certo apego. Que coisa terrível! A veemência do pensamento surpreendeu-a, e ela exclamou:

- Mas que droga! — Hem? O que foi?
- Desculpe, Rafaella. Eu não queria acordá-la.

— Não importa. Minha bexiga teria me acordado de qualquer maneira.

A Renunciante empurrou as cobertas para o lado, levantou e saiu do quarto. Quando voltou, poucos minutos depois, Margaret estava sentada no lado da cama, tentando definir seus sentimentos. Ela remexeu os dedos dos pés no ar frio da manhã, enrolou uma mecha de cabelos num dedo.

— Pensando ou remoendo? — indagou Rafaella.

— As duas coisas, eu suponho. Rafael pediu-me em casamento ontem à noite, quando saímos para o jardim. Calculo que hoje, em algum momento, o jovem Gabriel fará a mesma coisa.

— O que você respondeu?

— Disse que não, é claro. o que pensei que eu diria?

— Ele não seria o pior marido do mundo, e pensei que talvez optasse pelo menor de muitos males. — Rafaella soltou uma risada. — Desde que você mencionou Rafe Scott, lá em Ardais, venho pensando que poderia ter um companheiro livre, se quisesse.

E talvez eu tenha mesmo.

— Nunca considerei realmente a possibilidade até agora, Marguerida. Não sei se daria certo. Mas você teria de casar di catenas, e não sei se seria capaz de suportar.

— Não estou entendendo.

— Notou aquela pulseira que Javanne usa? E a de Lady Ariel?

— Notei a de Javanne, mas não a de Ariel. O que significa?

— Foi posta em seu braço quando casou com Dom Gabriel. Nunca mais será removida, nem mesmo na morte. Ele também usa uma pulseira, mas é menor. Não dá para notar porque os homens costumam esconder por baixo da manga. Di catenas é para sempre. É só assim que o Comyn casa. Significa que uma mulher pertence a um homem, não a si mesma.

Margaret fez uma careta.

— Ou seja, Dom Gabriel pode sair por aí gerando filhos nedestro por toda parte... embora eu tenha a maior dificuldade para imaginá-lo... mas Lady Javanne tem de ser uma boa esposa e manter as saias arriadas?

A Renunciante caiu na gargalhada. o som parecia ressoar pelas vigas do teto e iluminar todo o quarto.

— É mais ou menos isso — murmurou ela, quando conseguiu recuperar o fôlego.

— Tem toda a razão, isso não me conviria nem um pouco. Meu pai e Dio são bem casados, até onde eu sei, fiéis um ao outro. Mas Dio nunca pertenceu a ninguém, a não ser a si mesma. Como uma mulher pode "pertencer" a um homem? Afinal, ela não é uma propriedade, como terras e cavalos.

— É quase isso. Muitas mulheres do Comyn... e nas outras classes também, diga-se de passagem... não passam de propriedade, só existem para gerar filhos. É um dos motivos pelos quais o Juramento da Renunciante proíbe qualquer forma de casamento, exceto a união como companheiros livres... porque não queremos ser propriedade de nenhum homem.

— Isso não tem nada a ver comigo. Você tem toda a razão. Eu não suportaria ser a égua reprodutora de algum homem. Por falar em éguas, eu bem que gostaria de ter uma oportunidade de montar Dorily, aquela égua cinza-escura, enquanto estou aqui.

Margaret mudou de assunto porque se sentia bastante contrafeita com a conversa sobre casamento. Parecia assomar à sua frente, como um monstro no armário, pronto para saltar e agarrá-la pela garganta. E nesse instante ela sentiu de novo o calafrio que desaparecera por vários dias. Experimentou um eco de Ashara, que fazia o monstro do armário parecer simpático na comparação. Mesmo com todas as garantias de Istvana de que liquidara a antiga Guardiã, ela ainda não tinha certeza de que as manipulações de Ashara não a influenciavam mais, por qualquer forma... e detestava essa possibilidade.

— Se permanecer em Darkover, Marguerida, acabará sendo casada, quer deseje ou não. E mudar de assunto não vai alterar as circunstâncias. Para uma mulher inteligente, você pode às vezes ser muito tola!

Havia impaciência na voz de Rafaella, mas também afeição. Margaret sentiu que seu medo de Ashara tornava a se desvanecer.

— É por isso que não ficarei aqui. É bem provável que renuncie a meu direito ao Domínio de Alton. E depois voltarei para a universidade, que é o lugar a que pertença.

Margaret tentava permanecer otimista diante das condições mais adversas. Sabia disso. Mas estava determinada a não se envolver mais na estranheza da vida em Darkover, a não usar uma pulseira que convertia uma mulher numa escrava. Ainda não sabia o que faria com o problema de ser uma telepata funcional. Se ao menos pudesse ir embora imediatamente!

— Tem certeza?

Não, não tenho, e você não devia perceber!

— Vamos nos vestir e procurar alguma coisa para comer. Estou faminta.

Liriel era a única pessoa na sala de jantar. Tinha uma tigela vazia à sua frente, e dava a impressão de que considerava a possibilidade de se servir de mais. Levantou os olhos e sorriu quando Margaret e Rafaella entraram.

— Bom dia. Dormiram bem?

— Muito bem, obrigada, mas acho que aquele vazamento no teto continua.

Liriel soltou uma risada.

— A mãe quis me matar por essa referência. Aliás, volta e meia ela quer me matar. Foi um dos motivos pelos quais preferi a vida na Torre. Podemos assim nos manter à distância uma da outra. Ariel vive a cerca de trinta quilômetros daqui. Ela e a mãe estão sempre se visitando. Mas Ariel se dá bem com a mãe, o que nunca foi o meu caso. Somos muito parecidas, a mãe e eu, e duas mulheres determinadas sob o mesmo teto é a receita para a desgraça, não concordam?

— Nunca pensei a respeito, mas tem razão — respondeu Margaret. Ela gostava cada vez mais da prima. Pensou que poderiam se tornar amigas, se permanecesse em Darkover. E até encontrar algum meio de conviver com sua telepatia teria de continuar ali, por mais que quisesse partir. As duas sentaram e uma serva trouxe cereais e frutas. Liriel estendeu sua tigela para uma segunda porção.

— Eu esperava a oportunidade de conversar com você a sós — anunciou Liriel, depois de esvaziar a tigela em tempo recorde. Ela lançou um olhar rápido para a Renunciante, que também a fitou. — Deve permanecer, Rafaella... quando falei a sós, referia-me à minha família intrometida.

— Conseguiu agora — comentou Margaret, cautelosa.

Espero que ela não tente promover a causa de um dos seus irmãos, porque acho que não poderia suportar.

— Nem pensei nisso — declarou Liriel, obviamente captando seu pensamento. — Tenho certeza de que vai ouvir muito isso antes do dia terminar.

o tom era seco, mas a expressão com que fitava Margaret era de simpatia.

— Fui para a Torre a fim de evitar um casamento forçado... com o jovem Dyan Ardais, o amigo de Mikhail. Deve tê-lo conhecido no Castelo de Ardais.

— Conheci, e acho que foi sensata por não aceitá-lo. Ele parece... não estar à altura de seu caráter forte. Mas também é possível que eu o tenha julgado errado, já que conversamos pouco... e mesmo assim apenas sobre coisas triviais.

— É uma maneira gentil de dizer que eu poderia devorá-lo no café da manhã, e ainda pedir um pedaço de carne para completar a refeição.

Todas riram. Um pouco do cereal desceu pelo lado errado da garganta de Rafaella. Margaret bateu vigorosamente entre os ombros, contente por ter uma vazão para suas emoções conflitantes.

— Você está bem? — perguntou Margaret.

— Estou, sim... mas, por favor, não tentem ser engraçadas quando eu estiver de boca cheia.

— Sei que é muito difícil para você compreender nossos costumes — continuou Liriel. — Mas há séculos que funcionam. Considera minha mãe uma inimiga. Não deve pensar assim. Ela cumpre seu dever, conforme o vê. o que nem sempre convém a mim ou a meu irmão Mikhail. Apesar de eu estar absorvida no trabalho de técnica em Tramontana, ela não pára de sugerir que nunca é tarde demais para casar e ter crianças adoráveis.

— Todos em Darkover parecem preocupados demais com o casamento — comentou Margaret. — Fico pensando que a qualquer momento um sacerdote pode pular de um canto escuro e me casar sem pedir licença.

— É uma apreensão equivocada. Temos bons motivos, por nossa história, por nossos costumes, Marguerida. Muitos do Comyn, inclusive meu pai, recusam-se a compreender que os tempos mudaram, que Darkover é diferente do que era no passado. Mas não quero falar sobre nossa movimentada história... embora possa perceber que é um assunto que a interessa. Tive uma longa conversa com tio Jeff ontem à noite, depois que todos se retiraram. Ambos sabemos que você possui o Dom de Alton, em alto grau.

— Como sabem disso?

Margaret sentia-se inquieta, como se alguém a tivesse visto sem a proteção das roupas.

— Chiya, para qualquer telepata é tão óbvio quanto a cor dos seus cabelos. Jeff e Istvana Ridenow já conversaram a respeito. Por isso, sabíamos antes de sua chegada aqui que tinha o Dom.

Mas que coisa! Falam pelas minhas costas, e não há nada que eu possa fazer para evitar! Portanto, há mais do que Armida no desejo de Javanne de me casar com um dos seus filhos... querem ter certeza de que esse maldito Dom não se perderá no turbilhão genético. Eu me sinto como uma vaca premiada, como aconteceu em Mantenon, quando aquele chefe ofereceu a Ivor uma manada por mim. Foi divertido naquela ocasião, mas agora tenho vontade de gritar de raiva!

Margaret conseguiu controlar suas emoções com um esforço que a privou do resto do apetite.

— Sei que você tem razão, mas não acho que isso seja da sua conta — respondeu ela, incisiva, os sentimentos anteriores de cordialidade desaparecendo.

Liriel tinha uma expressão firme, o que proporcionava a seu rosto uma surpreendente grandeza.

— O laran é da conta de todo mundo em Darkover que o possui. Não é igual a outros talentos, como pintar ou compor música, que a pessoa pode aceitar ou ignorar. Se você tem, deve

lidar com isso e aprender a usar da maneira apropriada. Caso contrário passará a ser um perigo para si mesma e para todas as outras pessoas que encontrar. Isso acontece ainda mais com o Dom de Alton, porque a capacidade de forçar um contato com outro é como andar com uma flecha na besta. Se alguma coisa a surpreende, você pode disparar sem perceber que não é um cervo, mas a sua própria espécie.

— Compreendo essa situação, e prometo que terei muito cuidado. Mas aonde está querendo chegar?

— Jeff acha que seria sensato se eu a monitorasse. Istvana já a testou, mas sente que seus canais ainda não estão completamente desobstruídos. Ela acredita que você abria novos canais durante sua doença... uma teoria extraordinária. Istvana chegou ao máximo que podia ousar no tempo que passou com você.

— Sei disso. Ela queria que eu fosse para a Torre em sua companhia, mas não posso ir. E não sei explicar por quê.

— Não há necessidade de explicar, prima. — Liriel soltou um suspiro profundo. — Pessoalmente, eu gostaria que você tivesse ido para Neskaya, como ela sugeriu, porque tenho o maior respeito pelas habilidades de Istvana como leronis. Jeff pode fazer o que é necessário, é claro, mas não seria apropriado.

Ela soltou uma risada que era nervosa demais para ser de humor.

— E que os céus nos livrem de fazer qualquer coisa imprópria! Margaret sentia-se sufocada, como se não houvesse ar suficiente na sala para respirar direito. Todos queriam que ela casasse com qualquer homem que tivesse duas pernas, ou encerrá-la numa Torre, a fim de evitar que causasse algum mal. Liriel corou e disse:

— Nossos costumes podem lhe parecer estranhos, Marguerida, porque nunca viveu numa comunidade telepática como a nossa. Temos muitas regras que só fazem sentido em Darkover. Monitorar é uma atividade de intensa intimidade, e não é uma coisa que um homem deva fazer com uma mulher que poderia ser sua filha.

— Está querendo dizer que só fala com seu pai vocalmente?

— Claro que não. Temos muitas discussões em que nenhuma palavra é pronunciada. Mas ele morreria de embaraço antes de me

monitorar. Mente a mente não é muito diferente de cara a cara, mas monitorar é muito mais.

— Começo a entender agora. Pensei que Istvana tivesse pedido a Lady Marilla para me monitorar, naquela noite em Ardais, porque já haviam trabalhado juntas antes. Ou talvez eu tenha presumido que não havia mais ninguém na casa que pudesse realizar a tarefa. Mas Mikhail também poderia fazê-lo, não é mesmo?

— Meu irmão é um bom telepata, mas não a teria monitorado, nas circunstâncias, assim como também não a teria despido em seu quarto. Numa Torre é diferente, pois muitas dessas regras não se aplicam, quando se trabalha num Círculo por muito tempo. Jeff é como um pai para fazer o trabalho, e Mikhail... ora, ele tem um problema.

Margaret corou até as raízes dos cabelos. Lembrou outra vez da súbita intervenção de um homem, quando lutava com a pedra da torre de Ashara, como sentira que a segurava, os braços em torno de sua cintura. Desconfiava que fora Mikhail, embora não pudesse imaginar como ele ingressara no mundo superior ou por quê. E era cautelosa demais para perguntar. Ela e Mikhail haviam trocado pensamentos, mas com uma certa prudência, algum constrangimento. Embora tivessem chegado perto da intimidade algumas vezes, não entraram em nada particular. Os dois se encontravam, logo se separavam, como se ambos tivessem medo dos sentimentos que acalentavam.

Ela se perguntou como seria a intimidade com alguém que era capaz de ler seus pensamentos. Como Dom Gabriel escondia sua irritação de Javanne? E como Javanne ocultava sua raiva do marido? Ela concluiu que devia haver um autocomedimento. Refletiu que seu pai e Dio deviam ter muito essa virtude.

Finalmente ela tinha noção do motivo pelo qual o pai parecera se afastar, quando ela se tornara uma moça. Doera, e ela descobria que ainda doía. Quando era pequena, ela adorava Lew. De repente, sem qualquer razão aparente, o pai se tornara frio e remoto. Ficara com medo de tê-lo desagradado de alguma maneira. Por que ele não lhe contara o que estava acontecendo? Por que Dio não dissera nada?

Dio, não podemos cuidar disso sem um Círculo! Não posso me intrometer em sua mente, não quando ela está fechada desse jeito. Nós dois sozinhos não temos condições. E não podemos voltar para Darkover. Aceitei o cargo e vou continuar até o fim, não importa o que aconteça. Pelo menos terei feito alguma coisa certa em minha vida!

O som da voz do Senador ressoou por seus nervos. Liriel também ouviu, pois acenou com a cabeça.

— Você devia captar fragmentos.

— Como era possível? Tive a impressão, pelo que Istvana disse, que eu estava completamente fechada.

— Até mesmo pessoas sem laran captam pensamentos enunciados com uma forte emoção. Achamos agora que é uma característica humana normal, talvez anterior à época em que adquirimos uma linguagem formal. Os Terranan se mostram céticos, mas temos mais compreensão do que eles. — Liriel soltou uma pequena risada, que transmitia com muita clareza seu desdém pelos terráqueos. — É verdade que por gerações acreditamos que o laran era uma coisa especial, limitada ao Comyn. Mas descobrimos nos últimos cem anos que muitas outras pessoas possuem esses talentos em algum grau.

— Mas ainda não entendo por que quer me monitorar.

Rafaella quase que se contorcia em desconforto ao seu lado. Margaret ofereceu-lhe um pequeno aceno de cabeça, e a Renunciante apressou-se em deixar a mesa. Não se sentia muito feliz em ver a amiga se retirar, mas compreendia que Rafaella devia pensar que estava se intrometendo.

— Você foi ofuscada quando era muito pequena. Alguns dos canais foram desobstruídos, mas o dano persiste. Jeff e eu achamos que é muito importante ficar atenta a você, ter certeza de que está curando.

— Curando? Fui deixada no orfanato até que pudesse ser útil. Depois, fui mantida na ignorância de tudo, porque o Senador decidiu que era mais importante cuidar de Darkover do que de mim. E de repente o Destino me traz para cá, sou a mulher mais desejada para

o casamento no planeta, e você quer ter certeza... ora, que se danem todos!

Para surpresa de Margaret, Liriel não ficou nem um pouco consternada com sua explosão.

— E por essas razões, exatamente por essas razões, que eu quero monitorá-la, Marguerida. Fica furiosa, e tem motivos para isso. Mas não é capaz de perceber que essa raiva é perigosa, não apenas para você, mas com qualquer pessoa para a qual possa liberar esses sentimentos, por uma palavra ou um olhar. Sou treinada e por isso bem protegida, mas o mesmo não acontece com outras pessoas, como sua amiga Rafaella. Você pode literalmente matá-la com sua raiva.

— Eu nunca faria mal a Rafaella. Ela é minha amiga... como a irmã que eu sempre desejei. — Margaret respirou fundo, meio trêmula. — Desculpe. Não quis demonstrar autocompaixão. Sei que ninguém quis me magoar... não intencionalmente.

— Marguerida, sabe o que acontece quando alguém põe água num caldeirão fechado e mete no fogo?

— Conheço o suficiente de física para saber que, se não houver um meio para o vapor escapar, o caldeirão vai explodir.

— Eu não a chamaria de caldeirão. É mais como um alambique refinado, transparente e frágil, mas também forte. Mas, se você pára de abrir um alambique, também acaba explodindo.

— E, para continuar sua metáfora, vai atingir todas as pessoas que estiverem nas proximidades. Eu gostaria de nunca ter vindo para Darkover.

— Mas, como você disse, era seu destino. E gosta daqui, embora nos ache esquisitos.

Margaret suspirou. Permaneceu em silêncio por um longo momento.

— Tem razão. Sempre desejei alguma coisa que não podia definir. Mas quando vi o sol se pondo por trás da cidade e senti o aroma da comida, descobri do que se tratava. Era Darkover. Passei a maior parte da minha vida no exílio, e agora voltei para casa. Se eu soubesse, poderia ter voltado há muito tempo, mas... mas Liriel, não quero ser uma telepata!

— Não é mais uma coisa que você possa querer ou não querer. É o que você é. E para o seu próprio bem... e dos outros... vai precisar de um monitoramento constante. Porque agora que o Dom foi despertado, vai crescer, aumentar e mudar. E você vai mudar. Sinto muito, mas será mesmo assim.

— Não sente tanto quanto eu. Muito bem... faça o que for necessário. Serei uma boa menina.

Margaret não se sentia nem um pouco como uma boa menina. Era mais como uma tempestade prestes a desabar.

— Vamos para o meu gabinete. A mãe me reserva uma sala, embora relutante, para que eu possa ficar sozinha. Ninguém vai nos interromper ali.

— Nem precisam. Podem muito bem meter o nariz sem...

— Não diga bobagem, Marguerida. — A mulher enorme levantou-se, com uma agitação do tecido verde. — Meu pai, que é muito rigoroso e correto, nem ficará dentro de casa enquanto trabalhamos, e Jeff não é nem um pouco bisbilhoteiro.

— E sua mãe?

Margaret sentia-se repelida pela perspectiva de Javanne tomar conhecimento de seus pensamentos. Liriel sorriu.

— Ela ficará curiosa, porque é a sua natureza, mas não vai se intrometer.

— Por que não? Boas maneiras?

— Em parte. Mas é mais bom senso. Você é tão forte que poderia quase abater qualquer pessoa nos próximos dias, se por acaso se sentir ameaçada.

— Eu poderia?

Margaret seguiu a prima pelo vestíbulo, considerando essa possibilidade. A idéia de que tinha o poder de fazer mal às pessoas sem levantar um dedo sequer era ainda mais aterradora do que ser uma telepata.

A sala em que as duas entraram um instante depois era pequena, dando para um pátio aberto, diferente do que havia na frente da casa. As pedras estavam dispostas num padrão circular, em vez de retangular. Mas, antes que Margaret pudesse dar uma boa olhada, Liriel fechou a cortina. Ela correu os olhos pela sala. Havia

almofadas que pareciam macias sobre um grosso tapete verde. Ao longo de duas paredes havia prateleiras com livros. As paredes revestidas de madeira refletiam a luz dos lampiões. Margaret foi ver os livros.

— É a sua biblioteca pessoal?

— Isso mesmo. Comecei com os livros que haviam sido deixados na casa, alguns de seu pai, outros do avô Kennard, embora ele não fosse um leitor habitual. Há livros que Ann'dra Carr importou quando viveu aqui, em Padrão Terráqueo, e outros que mandei trazer de Thendara. A mãe sempre disse que eu estragaria a vista com a leitura, mas até agora isso não aconteceu.

Era uma coleção eclética, de volumes de histórias para crianças a trabalhos de mapeamento e levantamento topográfico, além de romances de toda a Federação. Margaret viu uma coleção de poesias, como um livro da Terra na era pré-espacial, de Rupert Brooke, e outro de Gala Montaral, que vivera e morrera em Tau Ceti V duzentos anos antes. Como amava os versos de Gala, ela pensou muito bem de Liriel por encontrar um espaço para aquele volume em sua biblioteca. o brilho da lombada indicava que era lido com freqüência; já a ausência de poeira revelava que fora manuseado há pouco tempo.

— Eu já começava a pensar que não havia ninguém em Darkover que gostasse de ler.

— De um modo geral, não é um passatempo tão comum como cantar, costurar ou caçar, mas nem todos nós somos caipiras ignorantes.

— Nunca imaginei que fossem, mas me surpreendi ao encontrar tão poucos livros aqui. Havia alguns no Castelo de Ardais, mas estes são muito mais interessantes. Isso é tudo.

— Vamos sentar ao lado do braseiro.

Margaret obedeceu, ignorando sua apreensão. Tinha a sensação de que consultava um médico; seria sondada, medida e examinada. Era uma sensação que não lhe agradava nem um pouco. Ela acomodou-se numa almofada grande e observou Liriel jogar um punhado do que parecia ser ervas daninhas no pequeno braseiro. Irromperam em chamas assim que encostaram nas brasas,

projetando uma nuvem de fumaça clara. Um cheiro agradável espalhou-se pela sala, uma fragrância que induzia à sonolência, como ervas sob um sol quente de verão. Ela notou que um pouco de sua inquietação começou a se desvanecer. Perguntou a Liriel:

— O que está queimando?

— Apenas algumas flores secas. Têm um efeito calmante, um pouco parecido com o incenso. E uma criação minha, e admito que me sinto um pouco orgulhosa. Um dos livros aqui é um herbário, o Koolpipper, e me deu a idéia. Colhi algumas ervas, consultei algumas velhas que costumavam usá-las, e experimentei até obter o efeito que queria.

— Koolpipper? Ah, sim, está falando do Culpepper.

— É assim que vocês dizem? Conhece o livro?

Ela sorria, parecendo bastante satisfeita. Margaret estava surpresa. A rima era uma incessante fonte de surpresas. Nunca esperara encontrar alguém como ela em Darkover.

— Conheço. Fiz um curso de botânica exótica quando estava na universidade, para obter parte dos créditos em ciências. O Culpepper era parte das leituras opcionais. É um livro antigo, anterior à época em que os terráqueos se aventuraram pelo espaço. Por algum motivo, continua a ser republicado e traduzido. Devo sentir que meu corpo se torna leve como uma pluma?

— Deve se sentir relaxada — respondeu Liriel, um pouco preocupada. Margaret soltou uma risada.

— Se eu ficar mais um pouco relaxada, acabarei dormindo. Já me sinto sonolenta, mas não demais. Com a sensação de que nada no mundo importa. É bastante relaxado para você?

— Está ótimo. Você é muito tensa, Marguerida. — Liriel fez uma pausa. Vigilante talvez seja uma palavra melhor. Ou superalerta? Sabe por que isso acontece?

— Posso adivinhar. Quando eu era Marguerida Kadarin...

— Quando você era o quê!

Liriel teve um sobressalto, depois assumiu uma expressão estranha. Margaret não respondeu de imediato, dominada por estranhos sentimentos, todos remotos.

— Era chamada assim no orfanato. Estranho... Não me lembrei até que você perguntou por que estou sempre ansiosa. Havia uma garota ali, da minha idade, mas maior do que eu, que gostava de beliscar, arranhar e morder. E parecia adorar me beliscar. Mais tarde, quando deixei o orfanato, estava. .. estava com minha mãe, ela se mostrava alegre num momento, desatou a chorar no instante seguinte. Eu tentava me fazer bem pequena, para que ela não me visse. — Margaret soltou uma risada trêmula. — Acreditava que podia me tornar invisível, se tentasse com todo o empenho.

E ele era ao mesmo tempo gentil e indiferente... Robert Kadarin.

— Entendo. Foi o que tentou no jantar ontem à noite, não é mesmo... se tornar invisível?

— Acho que sim. Sua família parecia de repente um tanto opressiva.

— Nossa família, Marguerida. E você tem toda a razão, ainda mais quando Ariel se acha presente com todas as crianças. Ela não suporta deixar as crianças longe de sua vista. Não sei o que minha irmã fará quando elas crescerem e quiserem sair de casa. Ela e Pedro Alar vigiam as crianças como se tivessem medo de que algum falcão possa levá-las. Somos gêmeas, mas muito diferentes na disposição. Ariel está sempre desanimada e preocupada, enquanto eu vivo alegre. Sempre foi assim.

— Sei que há um alto índice de mortalidade infantil em Darkover. Ariel perdeu algumas crianças... é por isso que ela vive tão preocupada?

Liriel sacudiu a cabeça, o que fez os cabelos compridos esvoaçarem.

— Minha irmã tem sido extremamente afortunada. Todas as suas crianças sobreviveram. Jamais vi um bando de pirralhos tão saudável. Mas ela considera que não tem nenhum valor pessoal, exceto como mãe. Não creio que saiba o quanto Pedro a adora. Minha mãe pode ter promovido a união, mas escolheu bem para Ariel. Ela está grávida de novo, embora ainda não dê para perceber. Uma menina, finalmente. Espero que ela pare depois disso, pois está se matando, tendo uma criança a cada dois anos.

— Como sabe que é uma menina?

— Sou uma técnica, Marguerida. Além disso, Ariel e eu passamos meses juntas na barriga da mãe, antes de respirarmos o ar de Darkover. Sempre sei quando Ariel concebeu, e também conheço o sexo da criança. É parte do meu laran.

— Não entendo direito toda essa história de laran. É mais do que apenas telepatia, não é mesmo? Istvana Ridenow me disse que o seu dom era o da empatia. Embora compreenda do que se trata, em termos intelectuais, não tenho a menor noção emocional. E passava muito mal para prestar mais atenção a qualquer coisa que ela dizia, a não ser que se referisse diretamente a mim. Que egoísmo!

Margaret teria querido sumir de vergonha, mas o incenso fazia com que todas as suas emoções parecessem vagas e distantes.

— Tem razão, prima, é mais do que telepatia. Cada família dos Domínios possui um Dom, isto é, um talento que está no sangue. O Dom de Alton é o do contato forçado, o que significa a capacidade de entrar na mente de alguém, quer seja ou não telepata. Por esse motivo, os outros Domínios sempre desconfiaram de nós. O contato forçado pode matar, e é por isso que Jeff e eu achamos tão importante monitorá-la. Os Ardais são catalisadores, e podem despertar o laran dos outros. Os Aldarans possuem o Dom da precognição... e você pode tê-lo também.

— Ah, assim é demais! Já não basta poder me intrometer nas mentes das outras pessoas quer elas queiram ou não. Agora, sou capaz também de prever o futuro. Mas espere um pouco... por que eu teria o Dom de Aldaran? Lady Marilla pensou alguma coisa, quando lhe perguntei sobre os Dons. Não me disse muito, e ficou nervosa quando falei sobre os Aldarans.

— O pai de Thyra Darriell foi Kermiac Aldaran. A mãe de seu pai foi Yllana Aldaran, que era meio Terranan. Portanto, você tem a linhagem de Aldaran pelos dois lados.

— Já entendi. Mas acho que não tenho o Dom de Aldaran. Se tivesse alguma precognição, nunca teria vindo para Darkover.

Mesmo enquanto falava, Margaret já sabia que não era bem assim.

— A capacidade de prever o futuro não é a mesma coisa que ser capaz de evitá-lo, Marguerida. Agora, vamos começar.

Liriel tirou um cordão de baixo da túnica. Margaret viu uma pequena bolsa, parecida com a que Istvana usava. Ela tirou alguma coisa lá de dentro. Removeu várias camadas de invólucro até o cristal aparecer.

Margaret teve de fazer um esforço para reprimir o impulso de se levantar e sair correndo da sala, tão grande era o seu terror da pedra reluzente nas mãos da prima. Contraíu os ombros e comprimiu os dentes, à espera da voz odiada e familiar que a dominara em Ardais. Como a voz não se manifestasse depois de vários minutos, ela relaxou um pouco.

— Tenho de lhe dizer, Liriel, que não gosto dessas coisas.

— Sei disso. Mas basta olhar calmamente. Não tente tocar. Nunca deve tocar na matriz sintonizada de outra pessoa. Pode lançá-la num choque profundo, até mesmo causar sua morte.

Em vez de olhar para o cristal, Margaret abriu a mão esquerda e lentamente removeu a luva. Estudou sua palma. Sentiu a surpresa de Liriel por sua ação... surpresa, mas não alarme.

As linhas azuis em sua pele pareciam um pouco esmaecidas agora, mas ainda dava para divisar o padrão. Se ao menos ela pudesse entender o que aquelas linhas significavam... Sentiu uma tênue pulsação por baixo da pele, como o movimento de alguma energia que não era exclusivamente de seu corpo. Margaret estremeceu quando as linhas começaram a escurecer, num azul cada vez mais intenso.

A sala ao seu redor tornou-se vaga, um lugar de sombras. A técnica sentada à sua frente não parecia com Liriel. Era mais uma imagem de luz, sem muita definição, linhas de energia sem qualquer carne ao redor. Abruptamente, até mesmo isso desapareceu. Margaret mergulhou em sua própria mente, uma visão escura.

Um corredor sinuoso estendia-se à sua frente. Uma mulher gritou em algum lugar. Foi um som terrível. Ela sabia que a fonte era aquela mulher, a desconhecida que se chamava Thyra Darriel, sua mãe. Havia uma certa loucura no grito. Ela sentiu que encolhia,

tornava-se pequena e ansiosa, cada vez mais cautelosa. Uma voz, uma voz de homem, ressoou em sua mente:

— Ela está louca... perdeu o controle!

Soaram mais gritos. Ela reconheceu a voz de Lew Alton e uma outra... o homem prateado. Conhecia-o agora, sabia que era Robert Kadarin, que lhe dera seu nome por algum tempo e a levara para o orfanato, afim de protegê-la da instabilidade de Thyra. Ela lembrou a travessia do rio que se chamava Kadarin, como se tornara assustada. Agora sabia por quê.

E se eu ficar louca como minha mãe?

Abruptamente, a escuridão de sua mente se dissipou. Ela voltou à sala aconchegante, com um cheiro agradável e cheia de livros, na companhia da prima Liriél. O crânio ainda latejou por um minuto, mas a dor de cabeça logo cessou, como se nunca tivesse existido. Descobriu que ofegava um pouco, como se tivesse corrido. Num esforço deliberado, normalizou a respiração, o treinamento como cantora ajudando mais uma vez.

A questão da loucura persistia em sua mente, ainda mais assustadora do que o medo do fantasma de Ashara. Ela estremeceu e encolheu os ombros, olhando para a mão sem luva com ódio e raiva. Se ao menos não tivesse arrancado aquela pedra da Torre dos Espelhos! Nada disso estaria acontecendo, se não tivesse mexido na pedra. Mas, se ela não o fizesse, então Ashara ainda continuaria presente, ordenando que ela se mantivesse apartada, impedindo-a de ser tocada ou tocar as outras pessoas.

Quando finalmente olhou para Liriél, descobriu que a técnica estava guardando a matriz. Percebeu um brilho de suor na testa larga de Liriél. Os ombros vergados indicavam um extremo cansaço.

— Você é muito forte para mim, Marguerida.

— Não tive a intenção de esgotá-la.

Margaret sentia-se envergonhada, mas tão envolvida por emoções conflitantes que sua manifestação de pesar foi mais em tom gracioso do que qualquer outra coisa. Sua vontade era fugir, se esconder, morrer. o que lhe permitisse escapar de tantos sentimentos, nenhum dos quais era agradável, e todos se opo-

uns aos outros. Era uma sensação terrível ser apanhada no turbilhão de sentimentos que não podia controlar nem reprimir.

— Não me esgotou. Estarei bem daqui a pouco. Mas você é muito poderosa. .. deve ir para uma Torre, receber algum treinamento.

A perspectiva fez com que o ar ficasse retido nos pulmões, Margaret sentiu que sufocava.

— Não posso!

Se as pessoas não pararem de me dizer o que devo fazer, vou acabar enlouquecendo. .. e não haverá mais nenhuma dúvida de que sou mesmo parecida com Thyra! Como se ela não tivesse falado, Liriel continuou:

— Acho que Arilinn é a melhor opção. Jeff trabalha ali, e tenho certeza de que eu poderia obter permissão para...

— Não vou para nenhuma Torre!

— Seu pai esteve em Arilinn.

— Não ouviu o que eu disse? — gritou Margaret. — Não sou meu pai, e não vou para nenhuma Torre! Não quero ser Rapunzel!

Liriel fitou-a impávida por um momento, antes que um sorriso se espalhasse por seu rosto.

— Rapunzel! Há anos que li essa história. Tinha esquecido que ela ficou presa numa torre. Não, Marguerida... não é nem um pouco parecido. Não estou sugerindo que seja trancafiada, deixando crescer os cabelos para escapar. Precisa ser treinada, aprender a usar seus talentos.

Margaret não pôde mais conter as lágrimas.

— Sei disso, mas não consigo suportar a idéia de ficar trancada de novo!

Ela sentiu que seu coração liberava alguma coisa, uma estranha partícula de energia, um fragmento congelado que nem sabia que existia até o momento em que desapareceu. A tensão diminuiu um pouco, e ela fez um esforço para não relaxar por completo. Só mantinha o controle pela contração do corpo, a tensão da mente e dos músculos!

— De novo?

A Torre dos Espelhos se destacava na Planície, fria sob o céu sem estrelas. Mais uma vez inclinou-se em sua direção, mais uma vez espatifou-se em incontáveis fragmentos.

— Não voltarei para lá!

— Esse lugar desapareceu, Marguerida. Só existe em sua memória... embora eu tenha a impressão, pelo volume com que transmitia, que todo telepata em Darkover tem a mesma imagem agora. Você destruiu essa construção. Não precisa mais temê-la.

Margaret ergueu a mão esquerda e virou a palma para Liriel.

— Pode ver as linhas?

— Vejo alguns traços azuis quase apagados. o que é isso... uma tatuagem? Fez em outro mundo? Notei a luva que usava na noite passada, e não pude deixar de especular. Parecia deslocada, com seu lindo vestido.

— Adquiri as marcas aqui. Descobri que estavam gravadas em minha mão, quando voltei do mundo superior. Eram mais intensas antes. Têm os contornos exatos da pedra que arranquei da Torre dos Espelhos. Istvana não contou nada?

Liriel afastou uma mecha de cabelos do rosto, com uma expressão pensativa.

— É muito mais do que eu imaginava. Entendi errado. Claro que Istvana informou, mas não disse que a coisa tinha uma forma física. Talvez ela não tivesse certeza do que era na ocasião.

A técnica ficou em silêncio. Margaret teve certeza de que ela conferenciava com alguém fora da sala.

— Você fez uma coisa extraordinária, prima — comentou ela, depois de um longo momento. — Trouxe uma matriz de sombra do mundo superior.

Margaret removeu as lágrimas do rosto com a manga.

— o que eu sempre desejei... uma matriz de sombra. Como se já não fosse bastante ruim o fato de minha mãe ser uma lunática e meu pai não suportar me ver, também tenho o Dom de Alton, e agora, ainda por cima... Como posso me livrar desta coisa?

— Acho que não pode. Tem de aprender a conviver e usar. Se não me engano, a marca em sua mão é o que resta de Ashara Alton.

— Istvana falou-me um pouco sobre ela em Ardais. Não o suficiente para satisfazer minha curiosidade... mas nada jamais a satisfaz. Passei anos com essa Ashara dentro de mim. Agora você diz que posso tê-la destruída, mas ela ainda persiste, gravada para sempre em minha mão. Pois cortarei minha mão!

Margaret sentiu que a histeria subia por sua garganta. Ela acrescentou, amargurada:

Afinal, não ter uma das mãos é quase uma tradição na família, não é mesmo?

— Pare com isso!

— Não quero uma matriz de sombra! Não quero qualquer tipo de matriz! Detesto todas essas coisas! Não quero ser uma telepata ou todo o resto exceto Margaret Alton, uma pesquisadora!

— Pode ter certeza, Marguerida, que eu compreendo sua posição. É tudo muito novo para você. Ainda não pode perceber que não é um fardo, mas algo...

— Não tente me convencer de que é uma dádiva! É uma maldição, como você sabe muito bem!

Ela podia sentir que a raiva fazia seu sangue ferver. Ficou surpresa e um pouco satisfeita ao constatar que não perturbava Liriel nem um pouco. Margaret sempre temera sua própria raiva. Era uma experiência nova encontrar alguém que podia aturá-la sem mandar que se calasse ou ordenar que se retirasse imediatamente.

— Não, chiya, não é uma maldição, embora talvez passe algum tempo antes de você compreender que não é. Mas é uma coisa de que não pode se livrar. E melhor começar a aceitar isso, para sua paz de espírito.

— Paz de espírito? Esqueci por completo o que é isso... se é que algum dia eu soube!

O cheiro persistente do incenso e a calma de Liriel fizeram com que as emoções de Margaret começassem a se dissipar, como se fossem a fumaça que se elevava do braseiro. Um resquício de serenidade insinuou-se em sua mente, contra a sua vontade.

— Pode pelo menos me falar mais sobre Ashara. Creio que eu poderia lidar melhor com o problema se soubesse mais... minha mente de pesquisadora quer dados, o máximo que puder.

— Lamento, mas não sei muito mais do que Istvana já contou. Temos poucos registros daquela época. Ela foi uma Guardiã, há muitos séculos, na época em que as Ieroni eram virgens. Foi exilada de Hali... os motivos se perderam... e despachada para Thendara. Morreu, mas de alguma forma conseguiu continuar... permaneceu depois que seu corpo desapareceu, passando a ofuscar outras Guardiãs. Pensávamos que Callina Aillard tivesse sido o último recipiente.

— Quem foi ela?

— A Guardiã de Neskaya durante a Rebelião de Sharra — respondeu Liriel, sem prestar muita atenção. — Não consigo entender. Jeff terá de levá-la para Arilinn imediatamente.

Chiya, não deixe que a mandem embora as pressas! Permaneça em Armida. E não tenha medo, minha Marja. Não tenha medo.

A intromissão repentina de Lew Alton em sua mente surpreendeu-a, pois ele parecia muito próximo, mas ao mesmo tempo distante. Foi um gesto tão confortador, tão tranquilizador, que Margaret sentiu um profundo alívio depois da surpresa inicial. Era como se ele estivesse na sala, ou nas proximidades. Ela acreditou no pai e sentiu-se protegida. Sem qualquer motivo tinha certeza de que ele acertaria tudo de novo. Mas logo se criticou por suas ilusões. Lew Alton nunca cuidara dela antes. Por que deveria confiar nele agora?

Margaret considerou todas as suas opções, com toda a objetividade possível, apesar do coração disparado e da mente repleta de conflitos. Podia deixar Darkover e assumir o risco do contato forçado com algum estranho que a aborrecesse... o que parecia ser uma possibilidade bem palpável, sem qualquer treinamento real. Compreendia a necessidade de disciplina formal. Afinal, não aprendera música em um dia ou um mês.

Podia ir para uma Torre e se arriscar a lesionar alguém como Liriel com as energias que agora possuía, mesmo contra a sua vontade. Sabia que Liriel não fazia idéia do poder latente na palma de sua mão. Margaret também não sabia, mas calculava que havia um tremendo potencial. Podia casar com um homem apropriado de

Darkover e torcer para que seu laran desaparecesse com a virgindade, como parecia ter ocorrido no passado. Ou podia confiar no Velho.

Entre todas essas possibilidades igualmente repelentes, confiar no pai parecia ser a menos desagradável. Lew podia não ter sido um bom pai, mas Margaret tinha certeza de que ele sempre se preocupara com os melhores interesses da filha. Nunca a encarara como um meio para alcançar o poder, um trunfo a ser possuído e usado. No momento, era o melhor que ela podia fazer. Depois de decidir esse problema, Margaret teve um senso de lucidez. Havia coisas além do seu controle, o que detestava, mas não tinha como evitar. Teria de tirar o melhor proveito de uma situação terrível.

Não vou argumentar com você, Liriel. Já chegou a uma conclusão, e eu também... só que nossas posições não combinam. A menos que você planeje pedir aos guardas de seu pai que me levem à força para Arilinn...

Nunca faríamos isso, Marguerida. — Liriel estava chocada e consternada, além de magoada. — Como pode pensar numa medida tão absurda?

Margaret soltou uma súbita risada e sentiu que a pressão em seu peito se abrandava.

— Chega de discutir. Já li muitos romances ordinários, e neste momento minha opinião sobre a humanidade é a pior possível. Vamos sair daqui antes que eu perca o controle de novo, está bem?

Ela tornou a pôr a luva de couro na mão, enquanto levantava.

— Você tem razão, Marguerida. Não podemos fazer mais nada. Liriel se mostrava triste, com uma expressão de pesar nos olhos azuis.

Nós, Altons, somos sempre obstinados. Não posso imaginar por que pensei que ela concordaria sem hesitar. Terei de torcer para que Jeff possa persuadi-la a fazer a coisa certa.

Capítulo Dezenove

Ao saírem da sala, Margaret descobriu que sentia muita fome e sede. Não queria vinho, chá de ervas ou cerveja. Acima de qualquer outra coisa, queria naquele momento um bule de café bem forte, com creme e muito açúcar. Ela riu de si mesma. Liriel lançou-lhe um olhar inquisitivo, sem entender a causa daquela erupção divertida. A fonte mais próxima de café era Thendara, uma viagem e tanto.

— Vocês não têm condições de teleportar para mim um quilo do café Montanha Negra de Aldebaran, não é mesmo? Ninguém jamais mencionou um Dom assim... mas também não conheço todos, não é mesmo?

— Não, não conhece. Mas talvez Jeff tenha trazido um café. Ele jamais perdeu o fascínio pelo café... uma bebida horrível, na minha opinião, mas não há como explicar as preferências pessoais. Tenho certeza de que ele ficaria contente em partilhar com você.

Liriel não respondeu à pergunta sobre teleportação. Margaret decidiu não insistir, pelo menos por enquanto. Não era importante, desde que ela não tivesse de começar a fazer. Ergueu os braços acima da cabeça e esticou-os. Ouviu o estalo na coluna.

— Não quero ir para Arilinn, prima, mas poderia até considerar a possibilidade por uma xícara de café.

Liriel fitou-a, os olhos faiscando.

— Muito estranho. Nunca me passou pela cabeça que você poderia ser subornada.

— E porque nunca ninguém tentou me subornar antes.

As duas desceram pelo corredor, rindo juntas, na harmonia da experiência partilhada e do respeito mútuo. Margaret gostava daquela prima quase tanto quanto gostava de Rafaella, o que era muito. Ao se aproximarem da sala de jantar, foram recebidas pelo cheiro de café fresco. Margaret sorriu.

Diversas vozes soavam na sala de estar, várias estridentes. Margaret compreendeu que sua prima Ariel se encontrava ali, com as crianças. Ela suspirou e deu de ombros. Gostaria de se sentir tão amiga de Ariel Lanart-Alar quanto era de Liriel, mas nada podia

fazer. A desanimada prima deixava-a arrepiada, enquanto as crianças eram enigmas para ela.

A mesa fora posta para a refeição. As crianças comiam e falavam de boca cheia. Margaret notou a ausência de Dom Gabriel e seus filhos à mesa. Especulou onde eles estariam. Sentiu uma pontada de desapontamento por não encontrar Mikhail ali. Talvez ele tivesse partido de novo, mas Margaret torcia para que não.

Logo, no entanto, as exigências de seu corpo prevaleceram sobre todos os pensamentos. Ela examinou a mesa. Ficou muito satisfeita com a seleção. Havia bandejas com carnes frias, travessas com frutas, vários tipos de pão. Tudo aquilo, combinando com o aroma do café, deixou-a com água na boca. Javanne presidia da cabeceira da mesa. Assim que avistou Margaret, fez menção de levantar. Margaret sacudiu a cabeça para a tia, que tornou a sentar.

Ela ocupou uma cadeira vazia entre Javanne e um dos meninos pequenos. Ele parecia ter sete ou oito anos de idade, com os mesmos cabelos escuros do pai. Foi logo anunciando, com a boca cheia de fruta:

— Sou Donal Alar.

— Não fale de boca cheia, Donal — repreendeu Javanne.

A voz era tão suave que Margaret ficou espantada. Nunca desconfiara que a tia pudesse ser tão terna. O menino engoliu depressa.

— Tenho quase sete anos — informou ele, com o maior orgulho. — E já sei montar a cavalo... isto é, num pônei.

— Isso é ótimo.

Margaret não sabia como conversar com o menino. Tivera contato com inúmeras crianças, em muitos mundos, mas nunca aprendera a se sentir à vontade com elas. Perguntou-se agora por que isso acontecia. Desconfiava que alguma coisa na maneira como Ashara a ofuscara era a causa. Tinha uma longa lista de ressentimentos para cobrar da antiga Guardiã. Sentiu-se melhor ao se imaginar sacudindo um dedo para aquela monstruosa criatura, enquanto lhe passava uma descompostura. Talvez algum dia ela deixasse de ter medo.

Jeff entrou na sala com uma bandeja nas mãos. Javanne fitou-o com uma expressão infeliz. Uma serva o acompanhava, tentando pegar a bandeja mas Jeff ignorou-a. Pôs uma caneca na frente de Margaret. O aroma do café envolveu-a. Ele também largou na mesa um pote com creme e outro com mel, sorrindo.

— Lamento, mas não é Montanha Negra... você já bebeu esse café? Às vezes penso que não passa de um mito, de tão fantásticas que são as histórias a seu respeito. Este é o Novo Queniano, e acho que vai agradar a seu paladar. Não temos açúcar, infelizmente, mas o mel de tomilho é um bom substituto.

— Obrigada, tio Jeff. Adoro o Novo Queniano.

— Então providenciarei para que haja sempre um suprimento aqui em Armida à sua disposição.

— É muita gentileza sua, mas a oferta presume que continuarei aqui, não é mesmo? — Margaret fitou-o com uma expressão dura, e ele teve a cortesia de desviar os olhos. — Já tomei o Montanha Negra... uma vez. Houve uma grande recepção formal na universidade, com um jantar que se prolongou por horas. Serviram depois da refeição. É de fato tão extraordinário quanto dizem as histórias a seu respeito. É diferente de todos os outros cafés que já experimentei. Faz a pessoa se sentir... Não dá para descrever. Quando serviram o café, todos no salão ficaram em silêncio. Um velho professor emérito, Doctoran Hildegard, famoso por seu agnosticismo, tomou um gole e declarou que tinha agora uma prova concreta da Divindade.

Margaret riu, ao se lembrar.

Era tão saboroso assim? — Jeff também riu. — Fico contente por ter alguém na família que partilha meu prazer por um bom café. Em Arilinn, todos se comportam como se eu tivesse um vício secreto por gostar de café.

Margaret despejou creme e mel em sua caneca, mexeu bastante. E bebeu. Estava delicioso, feito com perfeição.

— Faz um excelente café, tio.

Ela começou a empilhar carne em seu prato. A fome era enorme, embora tivesse comido o desjejum há menos de três horas.

— Obrigado, Marguerida.

Donal puxou a manga de Margaret.

— Sabe montar a cavalo?

— Sei, sim, Donal.

— Não perturbe sua prima, enquanto ela estiver comendo — protestou Ariel, balançando um bebê nos joelhos. — Kennard, você já comeu demais! Vai passar mal se comer outro pedaço de bolo, e eu ficarei muito zangada!

O menino em seu colo parecia ter dois ou três anos. Lançou um olhar desdenhoso para a mãe, depois estendeu a mão roliça para a bandeja com os pedaços de bolo.

— Como consegue se arrumar com tantas crianças? — perguntou Margaret, tentando encontrar um terreno comum para conversar com Ariel.

— Tantas? — Ela contemplou sua prole com uma expressão ao mesmo tempo presunçosa e ansiosa. — São apenas cinco... Kennard aqui, com dois anos. Lewis, que recebeu esse nome em homenagem a seu pai, tem agora quatro anos.

Ela apontou para um menino corpulento ao seu lado, enquanto tentava evitar que o caçula pegasse outro pedaço de bolo.

— Há ainda Donal, ao seu lado, mais Domenic e Damon. Estão com oito e dez anos. Espero que a próxima criança seja uma menina. Ou talvez duas. É muito triste para você chegar à minha idade sem ter filhos. Deveria casar o mais depressa possível. Não há nada mais importante para uma mulher do que ter filhos.

Margaret não pôde pensar em nenhuma resposta que não fosse grosseira. Por isso, apenas comeu mais um pouco de carne e tomou mais café. Sentia-se cansada do tempo que passara com Liriel na sala de estar. o café servia para revigorá-la. Não podia imaginar que uma mulher com cinco crianças desejasse mais, mesmo que dispusesse de babás e criadas para ajudar a cuidar dos filhos. Mas, pela maneira como Ariel se devotava aos meninos, Margaret desconfiou que ela recusava qualquer ajuda, preferindo se consumir no trabalho.

— Qual dos meus irmãos vai escolher... Rafael ou Gabriel?

Ariel fez a pergunta na mais completa inocência, aparentemente sem saber que Margaret já recusara o pedido de

Rafael. Ela notou a ausência do nome de Mikhail e experimentou uma pontada de raiva. Todos tratavam-no como se ele não existisse. Margaret perguntou-se por que Mikhail os aturava. Era evidente que Mikhail era mais submisso do que ela. Irritava-a que ninguém jamais o mencionasse como um possível marido para ela. Embora compreendesse vagamente os motivos, ainda assim ela os considerava estúpidos.

— São bons homens, firmes e confiáveis — continuou Ariel, com a intenção óbvia de enaltecer as virtudes dos irmãos.

— Tenho certeza de que ambos são extremamente virtuosos, Ariel, mas não estou pensando em casamento.

Ariel ficou chocada.

— Mas seu dever é claro! Deve casar, o mais depressa possível, pois senão estará muito velha para ter crianças saudáveis!

Javanne, ao lado de Margaret, parecia prestes a explodir. Lançou um olhar furioso para a filha, mas Ariel parecia alheia à ira da mãe.

— Dever? — repetiu Margaret, contendo seus sentimentos tão bem quanto podia.

— Exatamente! Lewis, não belisque Kennard! A mãe diz que você tem o Dom de Alton, e precisa ter filhos para que não se perca. E agora me diga: qual dos meus irmãos você gostou mais? Admito que Gabe não é muito de falar. Mas, como você fala demais, talvez um homem quieto seja o mais conveniente.

Aquilo já passara dos limites. Margaret disse, um tanto ríspida:

— Será que ninguém em Darkover pensa em outra coisa que não conservar o laran? Vocês parecem obcecados por isso.

Ariel inclinou-se para trás, como se tivesse sido agredida. Margaret sentiu-se estúpida e mal-educada. Claro que a prima era irritante, mas isso não era motivo para ser grosseira.

— Não tive a intenção de ofendê-la, prima. Mas, com toda a sinceridade, não consigo entender seu comportamento.

Obcecados por laran? Como ela ousa dizer isso? Está zombando de mim porque tenho tão pouco? Eu seria capaz de matá-la por sentar aí, com seus olhos dourados, fitando-me como se eu fosse um inseto! Por que todos são contra mim?

Ariel falou com mais veemência do que Margaret julgava que ela fosse capaz, as faces pálidas se tornando vermelhas no arrebatamento. Parecia quase transformada, uma mulher muito diferente. Havia um brilho em seus olhos que fez Margaret ter vontade de se encolher em apreensão, pois não era de absoluta sanidade. Mas logo as faces voltaram a ficar pálidas, e Ariel acrescentou:

— Suponho que você é apenas egoísta, como seu pai. Deve ser seu sangue Terranan. Se fosse criada direito, já teria casado e gerado várias crianças... e saberia qual é o seu lugar.

— Ariel!

Javanne falou em tom brusco. A pele entre o queixo saliente e a gola de rufos amarelada tremeu em fúria. Eu não deveria tê-la convidado para ficar aqui! Ninguém pode controlá-la quando ela está assim!

— O que foi? Estou cansada de ver todo mundo pisando em ovos e tratando Marguerida como se fosse uma princesa. Se ninguém mais vai lhe explicar suas obrigações, então eu o farei. Ela é um pouco melhor do que uma criança mimada. É tempo de Marguerida começar a se comportar direito, em vez de passear pelas colinas com uma Renunciante e ouvir velhas cantarem. Não é uma ocupação apropriada para uma mulher. Jeff diz que ela é uma estudiosa. Mas o que isso representa? Ler livros e ter pensamentos sem a menor importância!

Margaret podia sentir a indignação da prima, embora não fosse capaz de imaginar por que Ariel sentia-se tão provocada por sua presença. Depois de um momento, compreendeu que provavelmente não tinha nada a ver com ela o que perturbava sua nova prima. Margaret correu os olhos pela mesa, tentando encontrar alguma solução para o enigma. Jeff parecia aflito, Javanne dava a impressão de que se encontrava prestes a matar alguém, embora Margaret não pudesse determinar se a vítima visada era ela ou Ariel. As crianças ficaram imóveis e preocupadas com a estridência na voz da mãe. Só Liriel se mantinha inabalável, comendo sem parar.

Mamãe está tendo outros dos seus ataques. Margaret teve a impressão de que o pensamento vinha de Donal, mas também podia

ser de qualquer dos outros meninos.

A culpa é minha! Não havia qualquer equívoco de que essa voz mental era de Javanne. O profundo pesar também não deixava qualquer margem para dúvidas. Nunca deveria tentar confortá-la por ser quase desprovida de laran ao insistir na nobreza de gerar crianças. Acredito sinceramente nisso, mas acontece que a mente de Ariel é muito frágil. Tentei ser uma boa mãe, mas...

Margaret daria qualquer coisa para não captar esses fragmentos de pensamentos. Mas as emoções da tia eram muito poderosas, e ela não sabia o suficiente de telepatia para erguer os bloqueios necessários. Ao mesmo tempo, descobriu-se a recair em seus hábitos acadêmicos, avaliando as informações que recebia. Lamentava por Ariel. Devia ser terrível carecer de um talento tão apreciado, e presente nas outras pessoas da família.

Ninguém me compreende! Todos pensam que sou estúpida e imprestável! Mas tenho filhos, e no fundo isso é tudo o que importa. Se alguma coisa acontecer com minhas crianças...

Esse medo era tão forte que deixou Margaret atordoada. Sabia que era uma coisa que atormentava Ariel em cada momento de vigília, talvez no sono também. Não era de admirar que ela parecesse tão velha e consumida. Não era ter filhos que acarretara a velhice prematura. Era o medo. Isso, pelo menos, era uma coisa que Margaret compreendia, com a qual tinha alguma empada.

Mas por quê? Os meninos pareciam bastante vigorosos... apenas crianças normais, do tipo que ela vira em muitos planetas. E num planeta com elevado índice de mortalidade infantil, cinco meninos saudáveis era uma realização maravilhosa. E Liriel dissera que a irmã estava grávida de novo, desta vez com a menina com que sempre sonhara. Por que ela se preocupava por antecipação?

Os olhos de Margaret deslocaram-se de um menino para outro. Fixaram-se no rosto de Domenic Alar. Ele tinha a pele pálida e olhos grandes, com os cabelos escuros do pai. Devia ter herdado alguma coisa da ansiedade dos pais, porque olhava para a mãe com uma expressão angustiada. Não podia ser fácil para os meninos, concluiu Margaret, ter uma mãe que grudava neles durante todo o tempo.

Sem ter uma consciência real do que fazia, Margaret olhou dele para seu irmão Damon. Soube nesse instante que Domenic nunca alcançaria a idade adulta. Foi uma sensação chocante, não muito diferente da maneira como ela se sentira quando olhara para Ivor no dia de sua morte. Margaret ficou perturbada com o sentimento. Quando se transformou numa visão, abruptamente, ela teve vontade de sair correndo da sala. A impressão era a de que Domenic murchava diante de seus olhos. Por um momento, ela viu a pele pálida manchada de sangue; e depois, enquanto Margaret continuava a olhar, horrorizada, ele se tornou um esqueleto, as mãos pequenas virando ossos, sem qualquer pele para cobri-las.

Ela ouviu o súbito ofego de Liriel, no outro lado da mesa, ao mesmo tempo em que Javanne falava:

— Ariel, não cabe a você falar sobre essas coisas. Seu pai é que decidirá tudo.

— Lady Javanne, Dom Gabriel não vai decidir a minha vida!

Margaret ficou contente em focalizar a declaração da tia, a fim de se desviar da terrível visão. Se fosse necessário, decidiu ela, provocaria uma briga com a formidável tia, apenas para não pensar mais no que imaginara. Porque só podia ter sido imaginação, não é mesmo? Claro que fora! A ansiedade de Ariel a levava a ver alguma coisa, o que desencadeara uma lembrança de Ivor, com todo o pesar que ainda sentia por sua morte.

— Liriel! Marguerida viu alguma coisa, não é? Quero que me conte tudo agora mesmo! — A voz de Ariel prevaleceu sobre a de Margaret e Javanne. — Quero que me conte imediatamente o que viu, sua... você não passa de um monstro! Tem o Dom de Aldaran, não é? Não é? E vai fazer mal aos meus filhos, porque sou a única que tenho coragem para lhe dizer...

— Pare! — A voz de Liriel era profunda e autoritária. — Está se tornando histérica, Ariel.

— Não estou, não! Ela viu alguma coisa! Obrigue-a a dizer! Margaret suspirou. Ansiava pelo sossego da estrada, em companhia de Rafaella. Ali, pelo menos, as refeições não eram abaladas pelas tensões dos relacionamentos.

— Prima, eu não faria mal a seus filhos por nada neste mundo. Liriel! Eu apenas imaginei aquilo, não foi? Diga que eu apenas imaginei... por favor!

Não, você não imaginou. Posso lhe garantir que percebo a diferença entre predição e imaginação. Marguerida, você possui o Dom de Aldaran. Já desconfiávamos que você poderia ter, é claro. Você realmente viu. Agradeço por tentar acalmar minha irmã. Domenic não viverá para gerar crianças. E agora deixe-me cuidar disso, por favor.

Obrigada, Liriel. Estou fora da minha área aqui... o Dom de Aldaran, além do Dom de Alton! Prima, é mais do que posso suportar. Trocaria tudo isso por uma espaçonave rápida para qualquer destino. Devo deixara casa? Isso ajudaria?

Não há nada que possa ajudar Ariel agora. Quando ela fica transtornada, perde o pouco bom senso que ainda possui. Sempre foi assim. A mãe esperava que ela se tornasse um pouco mais calma depois que assentasse com Piedro e as crianças. Pensávamos que ela se livraria desses ataques.

Poderia se livrar... já conheço essas histórias muito bem!

Sei disso, prima.

Margaret surpreendeu-se com a facilidade com que ela e Liriel conversavam. Encontrava um grande conforto na prima. Parecia ser uma pessoa firme e sensata, ao contrário de sua irmã gêmea. Agradava-lhe muito, mesmo com a crescente agitação das emoções que partiam de Ariel, que houvesse alguém em Darkover capaz de responder a algumas de suas perguntas, alguém que poderia até compreender seus sentimentos. Ariel, ignorando o diálogo entre as duas, gritou:

— Acha que posso dispensar um filho porque tenho muitos? Piedro! Onde está Piedro? Não vou passar mais um momento sequer sob o mesmo teto com essa mulher!

— Pare de se comportar como uma camponesa supersticiosa!
— exclamou Liriel.

— Ariel, você sabe muito bem que as primeiras experiências de laran não são confiáveis.

Foi Jeff quem falou, com a serena autoridade da idade e experiência. Mas Ariel não estava escutando.

— Não, não sei! Liriel ficou com todo o laran de nós duas!

Ela roubou tudo no útero! Não é justo! Estabeleceu-se pelo resto da vida, em Tramontana, enquanto eu sou a única da família sem laran! Mas tenho filhos, e ninguém vai amaldiçoar meus bebês. É tudo culpa de Marguerida. Ela deveria ter morrido. Sei que Piedro só gosta de mim porque lhe dou filhos, e tenho de cuidar muito bem de todos...

— Pare de bancar a tola, irmã.

Pode me jurar que a visão dela é falsa? Ela tem a marca da maldade, trouxe para cá as idéias dos Terranan e toda a sua maldade.

Ariel levantou-se de um pulo, quase jogando no chão a criança em seu colo. Javanne segurou o neto mais novo, enquanto Ariel se punha a bater com o punho na mesa. o prato cheio da comida que ela não comera caiu no chão, logo seguido pela taça.

— Sente-se, Ariel.

Javanne falou em tom incisivo. Tinha os olhos arregalados, com um profundo desespero, como se só mantivesse o controle pela força de vontade. Não posso detê-la! Nunca pude! Sempre tive pavor dela, quando ficava transtornada. Agora me sinto velha demais para controlá-la. E ela foi uma criança tão meiga!

Piedro entrou correndo na sala de jantar nesse momento, angustiado e preocupado.

— o que aconteceu, minha querida?

— Marguerida previu uma coisa terrível, e não quer me contar o que foi! Arrume tudo. Vamos partir agora mesmo. Os meninos irão comigo, para que eu possa cuidar deles.

Ariel inclinou-se para a mãe. Arrancou Kennard dos braços de Javanne com uma expressão furiosa. Depois, virou-se para Liriel, o rosto pálido e furioso.

— Quem ela viu, Domenic ou Damon? Diga-me!

— Minha amada... — murmurou Piedro, segurando o braço da esposa. — Uma tempestade aproxima-se sobre as colinas. Não

devemos partir agora. E você não deve ficar tão excitada. Pense na criança dentro de você.

— Arrume a carruagem imediatamente! — Ariel estava desesperada agora. — Não ficarei sentada aqui esperando que Marguerida preveja outra coisa, ou se digne a escolher um dos meus irmãos. Vocês todos estão conspirando contra mim.

Piedro compreendeu a inutilidade de tentar argumentar com a esposa. Apertou o braço de Ariel com mais firmeza, balançando a cabeça.

— Ninguém está conspirando contra você, chiyá — interveio Jeff. Eu não fazia idéia de que o problema ainda era tão grave. Pobre mulher!

Seus medos serão a morte para ela.

— Sei o que vocês pensam de mim, que sou uma estúpida que só serve para gerar crianças. Não preciso de laran para saber que todos me desprezam.

Javanne se mostrou profundamente chocada com essas palavras, além de magoada.

— Isso não é verdade, Ariel. Como pode pensar numa coisa tão horrível?

— Nunca se importou nem um pouco comigo. Portanto, não finja agora. Mal podia esperar para me mandar embora de Armida. E você! — Ela virou-se para Jeff. — Não estou surpresa que tenha tomado o partido dela. Apesar de todos os anos em que viveu em Darkover, ainda é apaixonado pelos Terranan. Se ela previsse a morte de uma das crianças de Elorie, você continuaria tão calmo? Pode jurar para mim que a visão dela é falsa?

Jeff tinha uma expressão triste, idosa e cansada.

— Só Deus conhece o nosso destino, Ariel.

Os olhos de Ariel se contraíram, cheios de ódio e desespero.

— Nunca saberão o quanto desprezo todos vocês!

Ela apertou o pequeno Kennard contra seu peito. Depois, com a mão livre, agarrou Lewis. Desvencilhou-se do abraço do marido e encaminhou-se para a porta, levando os filhos. O som de seus gritos, enquanto subia a escada, ressoou na sala de jantar, onde

Margaret, Javanne, Jeff e Liriel permaneciam num silêncio atordoado.

— Jamais percebi o quanto ela se ressentia de não ter laran — murmurou Javanne, depois de um longo momento. Ela parecia anos mais velha, bastante abatida. — Só agora compreendi. Marguerida, peço desculpas pelo tolo comportamento de minha filha. Ela foi uma criança nervosa. Pensei que casar e ter filhos poderiam consolidar um equilíbrio. Nunca desejei livrar-me dela, apesar do que ela possa imaginar.

Não havia a menor insinceridade no pedido de desculpas. Pela primeira vez, Marguerida quase que gostou da tia.

— Não há nada de que se desculpar, tia. Eu deveria ter mantido meu rosto sob um controle melhor.

— Não, Marguerida, não foi seu rosto que revelou tudo, mas o meu e o de Liriel. Seu único erro foi o de não ser capaz de resguardar melhor seus pensamentos. — Javanne deu de ombros. — Vou subir e tentar acalmá-la. Mas acho que não conseguirei. Ariel é muito teimosa, depois que toma uma decisão.

Ela se retirou. Margaret desejou estar a anos-luz de distância, em algum planeta no qual o laran fosse desconhecido. Se ao menos Ivor não tivesse morrido! Se ao menos ela nunca tivesse vindo para Darkover! Se ao menos o

Senador não tivesse lhe dito que deveria ir para Armida! Não havia como evitar seus sentimentos. Teria de suportar até o momento de poder ir embora. .. conquanto não tivesse a menor idéia do lugar para onde iria. Se ao menos houvesse alguém com quem pudesse conversar, alguém para aconselhá-la...

Margaret olhou para Liriel e balançou a cabeça. Depois, fitou o velho Jeff. Descobriu que ele a observava, com os olhos tristes. Ela sentiu o impulso de confiar naquele homem, conversar com ele. Mas os hábitos de sua vida inteira prevaleceram. Ela tratou de recuar, voltou a ser fria e distante. Continuará a se manter apartada, de forma a não prejudicar ninguém. Mas por que seu coração doía tanto? E por que sentia tanta vontade de chorar?

Capítulo Vinte

Em apenas uma hora, Ariel, com uma extraordinária demonstração de Organização para uma mulher que quase parecia fora do seu juízo normal de tanta preocupação, mobilizara todos os servos e arrumara a bagagem. Levou as crianças para a porta da frente, seguida por Pedro, que tinha uma expressão desesperada. Lá fora esperava uma carruagem de um tipo estranho, que Margaret só vira em museus. Era alta e quadrada, sobre seis rodas, puxada por quatro cavalos fortes. Os meninos embarcaram com evidente relutância, os mais velhos olhando para trás, os menores choramingando em protesto.

Bagagens de todas as espécies foram empilhadas no alto da carruagem. Aos olhos destreinados de Margaret, a arrumação não parecia muito estável. Dois homens sentaram num banco na frente, olhando apreensivos para as nuvens que se acumulavam por cima das colinas. Margaret não sabia o suficiente sobre o tempo em Darkover para calcular quanto tempo ainda levaria para a tempestade desabar, mas achou que seria muito antes de a família Alar percorrer os trinta quilômetros até sua casa. Ela suspirou, balançando a cabeça, enquanto ouvia Javanne suplicar a Ariel que reconsiderasse seu comportamento precipitado. Mas Ariel simplesmente bateu com a porta da carruagem na cara da mãe. Pedro Alar, com uma expressão ainda mais desanimada do que a habitual, montou num belo cavalo. Margaret achou que ele não era um bom cavaleiro, porque sua postura era ruim. Se ao menos ela não tivesse aquela visão!

Javanne, angustiada, ficou parada nos degraus, enquanto a carruagem se afastava. Balançava de um lado para outro, sob a pesada carga no teto. Desequilibrada, pensou Margaret, como sua ocupante. No mesmo instante ela se repreendeu por fazer um julgamento, e torceu para que ninguém a tivesse ouvido. A carruagem foi descendo pelo caminho, levantando poeira.

Num movimento abrupto, Javanne virou-se e começou a subir a escada. Avistou Margaret parada logo depois da porta aberta.

Parou na frente dela.

— Não deve se culpar por isso, Marguerida. Mas vai se culpar, é claro, sendo a filha de seu pai.

Lew sempre se imaginou muito mais importante do que era. E tentava ser alguém que não era! Kennard nunca deveria tê-lo imposto ao Conselho! Deveria ter feito com que meu Gabriel fosse seu herdeiro, e assim não teríamos agora todo esse problema! Sei que não era culpa sua, mas não posso evitar como me sinto! Ele foi um menino mórbido e orgulhoso, e você é igual!

A mulher mais velha seguiu adiante, deixando Margaret atordoada e magoada por esse comentário agressivo. Não entendia o ressentimento da tia. Embora dissesse a si mesma que nada tinha a ver com ela, ainda se sentia magoada. Não era culpa sua o fato de Lew ser insuportável, não é mesmo?

Margaret ficou observando Javanne Hastur subir para o segundo andar, como se fosse uma deusa secundária. Dava para perceber o orgulho na maneira como a tia se empertigava, mas também podia-se sentir seu desespero e raiva. Javanne estava preocupada com Ariel, além de frustrada por sua incapacidade de controlar a filha. Margaret refletiu que a tia era uma mulher que não gostava de ver sua vontade contestada por qualquer pessoa. Talvez isso explicasse em parte o modo como ela encarava Lew Alton. Independente dos outros defeitos que ele pudesse ter, Margaret sabia que o pai sempre fazia o que julgava certo. Desconfiou que ele e Javanne deviam ter discordado em diversas questões que ela ignorava.

Ela já ia subir a escada, em busca da segurança de seu próprio quarto, quando ouviu o barulho de botas se aproximando dos fundos da casa. Mikhail saiu da sombra da escada assoviando alegremente, recendendo um pouco ao estábulo. Seu rosto se iluminou quando a viu, e o coração de Margaret disparou. Por mais que argumentasse consigo mesma, por mais que formulasse razões lógicas e convincentes, ainda assim não podia deixar de exultar com a visão de Mikhail Lanart-Hastur.

— Marja! Você era justamente a pessoa que eu procurava!

— Não me chame assim. — o apelido com que o pai a tratava se tornava inquietante nos lábios de Mikhail. — Faz com que eu me sinta uma criança.

— Perdoe-me, prima, por presumir. Como devo chamá-la, então?

Marguerida é muito comprido. — Ele sorriu, os olhos azuis faiscando. — Sempre me sinto como uma criança nesta casa. Então por que você deveria ser diferente?

— Desculpe. Eu não deveria ter gritado com você. Foi uma manhã infernal. Primeiro, Liriel quis me monitorar, depois disse que eu deveria ir para Arilinn. Pouco depois, surgiu um problema na sala de jantar. Ariel pegou os meninos e foi embora, com medo de que eu pusesse um mau olhar neles.

Margaret suspirou.

— Ouvi a história enquanto Piedro aprontava a carruagem. o pobre coitado está desesperado. Lamento que minha irmã seja tão tola... sem laran e com emoção suficiente para seis pessoas... assim é Ariel. Mas vim procurá-la para perguntar se não quer dar uma volta a cavalo por Armida. Posso até deixá-la montar Dorilys.

Margaret pensou na égua cinza-escura. o princípio de um sorriso se insinuou em seus lábios.

— Eu adoraria. Para ser franca, um bom passeio a cavalo ajudaria a me livrar do sentimento que tenho... Fiz uma coisa horrível. Mas Dom Gabriel acha que Dorilys não é uma montaria apropriada para uma "simples" mulher. Além disso, uma tempestade se aproxima.

Ela experimentava algum prazer pela mera idéia de fazer uma coisa que o tio não aprovava... e ainda por cima na companhia de Mikhail.

— Sei disso. Mas não vamos demorar. E meu pai acha que todas as mulheres, inclusive minha mãe, só deveriam montar velhos matungos cansados, incapazes de galopar, mesmo que sua vida dependesse disso. Mas ele não está aqui. Por isso, vamos aproveitar sua ausência e fazer uma travessura.

Mikhail sorriu. Ela é linda, e acho que não sabe disso! Pensar a respeito evitou que Margaret especulasse onde Dom Gabriel estava.

Ninguém jamais a chamara de linda antes. É verdade que enquanto trabalhava com Ivor Davidson quase nunca pensava em sua aparência, a não ser para se manter limpa e arrumada. Sua aversão a espelhos a impedira de passar muito tempo na frente deles. Além disso, sempre pensara que Dio era a epítome da beleza, não ela.

— Durante a ausência do gato, acho que um pouco de ar fresco me faria muito bem. Vou trocar de roupa. Onde nos encontraremos?

— Vá para os fundos da casa, passe pelo covil de Liriel, e encontrará uma porta dando para o pátio do estábulo. Ficarei esperando ali.

Esprei durante toda a minha vida... uns poucos minutos a mais não farão diferença.

Margaret não se permitiu refletir sobre os pensamentos de Mikhail. Eram inquietantes demais, pois ela sabia que sentia uma emoção intensa em resposta, um desejo terno e recente pelo primo. Que confusão! A situação já era bastante complicada sem, acrescentar esse novo problema!

Quando entrou no quarto, Margaret encontrou Rafaella sentada na cama de rodinhas, os olhos remelentos, o nariz brilhante e vermelho.

— O que aconteceu?

A Renunciante fungou.

— Acho que peguei um, tremendo resfriado.

— Pois então trate de se despir e fique na cama. Vou dar um passeio a cavalo com o primo Mikhail, mas não devo demorar.

— Tudo indica que começará a chover em breve, Marguerida. Quer mesmo sair?

Passear a cavalo com Mikhail? É como saltar o gato no meio dos pombos! Ah, eu deveria ir junto! Lady Javanne vai querer minha cabeça numa bandeja se descobrir. Mas sinto a corpo todo dolorido. Margaret tirou a saia de montaria do armário.

— Tenho certeza de que acabarei enlouquecendo, se continuar dentro desta casa por mais um momento sequer. Sair me fará bem. E sinto falta da estrada. Um pouco de chuva não vai me fazer mal, e pode até esfriar minha raiva. Que manhã!

Enquanto vestia a saia, Margaret começou a rir.

— Nunca pensei que renunciaria de bom grado aos confortos de telhados e banheiros apropriados pela vida ao ar livre. Neste momento, porém, eu ficaria muito satisfeita se nós duas pudéssemos continuar a viajar, como fizemos antes do início da doença. Você é uma companhia maravilhosa, Rafaella. E agora trate de deitar.

— Sou mesmo? Ninguém j amais me disse isso antes. — A Renunciante espirrou. — Tenho a sensação de que a cabeça está três vezes maior.

— Vou procurar uma criada e pedir que lhe traga um chá antes de sair.

— Obrigada. Você também é uma boa companhia, Marguerida.

Por favor, tome cuidado! Ignorando o risco de contágio, Margaret inclinou-se e deu um longo abraço em Rafaella. Afastou uma mecha de cabelos do rosto da amiga, apertou seu ombro num gesto tranqüilizador, e deixou o quarto apressada.

* * *

Ao chegar ao pátio do estábulo, Margaret constatou que era o lugar que vira da janela da sala de Liriel. Como fora mesmo que Mikhail chamara a sala? o covil de Liriel? Um bom nome. Margaret podia sentir o cheiro agradável de cavalos, estrume e pedras molhadas, enquanto atravessava a área aberta. Havia vários cavaleriços ocupados em suas tarefas, limpando cavalos com rascadeiras, verificando cascos. Era um profundo alívio, depois da tensão na casa, das exigências de sua nova família e do que todos esperavam dela.

Um rapaz numa túnica avermelhada saiu do estábulo com Dorilys, acompanhado por Mikhail. A égua quase que dançava sobre as pedras, obviamente ansiosa pela expedição, tanto quanto a própria Margaret. Ela se adiantou e deixou Dorilys sentir seu cheiro. Falou em voz baixa. A égua ergueu as orelhas e bufou, escarvou o pátio com as patas, impaciente.

Outro cavaleriço trouxe o cavalo de Mikhail, um lindo baio, com uma estrela branca entre os olhos e meias brancas nas patas

dianteiras. o primo aproximou-se para ajudar Margaret a montar. Quando ele estendeu a mão, Gabriel veio do interior do estábulo, com uma expressão taciturna. Empurrou Mikhail para o lado, segurou o braço de Margaret e disse:

— Caia fora, Mik. Não cabe a você mostrar a propriedade a Marguerida.

Ele não vai tomar meu lugar! Margaret desvencilhou-se do braço de Gabriel.

— Obrigada, mas prefiro montar sozinha — disse ela, friamente. — E meu plano era passear a cavalo com Mikhail, não com você.

Ela pôde sentir Mikhail fervendo de raiva, antes que descartasse o irmão de forma tão brusca. Compreendeu que havia algo mais acontecendo que não podia saber o que era. Captou um fragmento de pensamento do homem mais jovem. Nunca pensei que poderia gostar tanto de alguém. Nenhuma mulher jamais. .. mas é como desejar as luas! Nunca poderei ter o que quero, nem mulher, nem reino. É verdade que neste momento eu renunciaria ao reino por... ora, nem adianta pensar!

— Não me importa quais são os seus planos, prima. Eu é que vou lhe mostrar Armida, mais ninguém. Asa, leve Dorilyls para o pasto. Deve estar louco, Mik, ao entregar uma égua como Dorilyls a uma simples mulher. Ela é muito...

— Gabe, suas maneiras são vergonhosas.

Mikhail falou em tom contido, mas sua voz ecoou contra as pedras. Havia uma certa autoridade, uma segurança que Margaret nunca ouvira antes, algo da mãe ou do tio Regis. Ela ficou surpresa e satisfeita. Começava a desconfiar que Mikhail Hastur era muito mais independente do que qualquer um imaginava. Refletiu que era uma pena que ele fosse o filho caçula, não o mais velho.

— Quero montar Dorilyls — declarou Margaret, antes que qualquer dos dois irmãos tivesse a oportunidade de falar. Os dois pareciam dispostos a uma briga, se ela não fizesse alguma coisa para evitar. Já tivera temperamentos exaltados em demasia por um dia. Era incrível como aquela família conseguia conviver, com todos

sempre sensíveis durante todo o tempo. -Mikhail disse que eu posso... e, se bem compreendi, Dorilys é dele.

Gabriel lançou um olhar furioso para o irmão.

— É uma égua arisca demais para qualquer um, ainda mais para uma mulher delicada como você, prima. Eu sei o que é melhor. Deve confiar em meu julgamento. E Mikhail está se intrometendo no que não é da sua conta.

— Não sabe nada a meu respeito, Gabriel, absolutamente nada.

Com isso, Margaret pôs o pé no estribo e montou em Dorilys, que dançava de um lado para outro. Ela olhou para os dois irmãos. A égua relinchou de satisfação e sacudiu a cabeça, numa alegria evidente. Gabriel parecia prestes a explodir. Em vez disso, deu um empurrão em Mikhail, derrubando-o nas pedras do pátio, e montou no cavalo baio.

— É melhor aprender a fazer o que mandam, prima! — berrou ele, com raiva.

Margaret pôde sentir as emoções agitadas de Gabriel, enquanto virava sua égua. Ela tinha tanta raiva que sua vontade era gritar. Por que não podiam deixá-la em paz e sossego? Ansiara por conhecer Armida na companhia de Mikhail, mas Gabriel estragara tudo. Foi nesse instante que ela sentiu a égua reagir às suas emoções e decidiu que era melhor se acalmar. Respirou fundo e devagar, deixou Dorilys conduzi-la por um momento. A égua desatou num trote, relinchando de alegria. A crina preta ondulava.

Ela podia ouvir o barulho dos cascos do cavalo que a seguia, mas tratou de ignorá-lo. Gabriel gritava com sua montaria. Margaret olhou para trás. O baio resistia a seu cavaleiro, parecia relutante em alcançá-la. O laran também existia em animais? Ou o enorme baio simplesmente detestava seu cavaleiro?

Margaret entrou numa trilha entre pastos largos, subindo pelas colinas. Podia ver as nuvens se concentrando lá em cima. Era um lindo espetáculo. O ar era puro e fresco. Nem mesmo a ameaça distante das trovoadas diminuía seu prazer pela liberdade do espaço aberto. Dava para divisar os bosques densos mais além, depois das pastagens e campos cultivados. Era uma terra rica e fértil, bem

cuidada por seu tio Gabriel. Ele podia ser formal e pomposo demais para seu gosto, mas sabia como administrar a terra. Era óbvio que levava suas responsabilidades muito a sério.

Margaret chegou a uma trilha mais larga e seguiu por ali, ainda ignorando a companhia de Gabriel em seu encalço. Descobriu o ritmo da égua, e levou-a num meio galope. Dorilyls tinha uma boa andadura, obedecia com facilidade ao comando mais leve, embora Margaret percebesse que a égua também tinha sua determinação. Moviam-se como uma só entidade. Depois dos horrores da manhã, aquilo era tudo que Margaret desejava.

Ela estava tão absorvida no prazer do passeio que teve um sobressalto, quando uma mão forte segurou as rédeas e deu um puxão. Ouviu o protesto da égua e acrescentou o seu:

— Pare com isso!

Dorilyls empinou um pouco. Ela virou-se para Gabriel.

— Se você cortou a boca da égua, eu vou...

— Vai o quê? — Ele tinha a respiração pesada, um brilho furioso nos olhos. — O que pensa que pode fazer comigo, sua gata selvagem?

— Tire a mão das rédeas!

— E melhor se acostumar a fazer o que eu mandar, prima. Tornará nosso casamento muito menos difícil.

— Casamento? Mesmo que fosse o último homem no universo conhecido, eu não casaria com você!

— Não tem opção — insistiu Gabriel, presunçoso. — A mãe e o pai decidiram que você vai casar comigo. Para ser franco, não posso dizer que a idéia me agrada mais do que a você. Não quero uma mulher que não obedeça a ordens. Mas conheço meu dever, e você aprenderá o seu!

É o único jeito de manter Armida! Margaret arrancou as rédeas da mão de Gabriel. A égua pulou para longe, com um relincho nervoso. Ela bateu com os calcanhares nos flancos. Dorilyls disparou para a frente como uma flecha. Partiram a galope pela trilha de terra batida, a caminho do bosque mais próximo. Margaret inclinou-se pelo pescoço da égua, sentindo seu cheiro. Podia ouvir, não muito

atrás, Gabriel praguejando e gritando, no esforço para acompanhar os cascos voando da égua cor de pewter.

Ela entrou pelas árvores. Percebeu logo que Dorilys conhecia o caminho. Os galhos eram bastante altos para que passasse por baixo. A égua ia se desviando para um lado e outro. Era evidente que pensava que era um jogo, e estava determinada a aproveitar o máximo.

A claridade entre as árvores passou de repente de dourado para prateado. Margaret olhou para o céu. As nuvens que avistara sobre as colinas haviam se deslocado. o céu estava escuro e ameaçador. Ela podia sentir a eletricidade no ar. Um momento depois, ouviu o estrondo sinistro de uma trovoadas. Ficaria encharcada, mas naquele momento não se importava. Se pegasse o resfriado de Rafaella, poderia ir para a cama e evitar a família inteira!

Um raio iluminou o céu por um instante. Margaret ouviu o barulho próximo do cavalo de Gabriel. Dorilys relinchou e ergueu as orelhas pontudas, mas não parecia muito perturbada pela tempestade. Ainda assim, diminuiu a velocidade para um trote. Margaret afagou seu pescoço. Que égua maravilhosa! Gabriel, ofegante, alcançou-a.

— Foi uma estupidez o que você fez! Poderia ter quebrado o pescoço!

— O que seria muito conveniente para todos, não é mesmo?

— É isso o que você pensa de mim... de mim e de meus pais? Deve ser tão louca quanto seu pai! Para não mencionar sua mãe!

— Deixe o Senador fora disso! E não ponha as mãos na minha égua. Não receberei ordens suas, Gabriel. E muito menos casarei com você.

Ela ignorou a referência a Thyra, mas transtornou-a mais do que um pouco. Não tinha a menor intenção de discutir com aquele idiota. Como ele ousava?

— Você não compreende. Tem de casar comigo. Não tem opção.

— Não, é você que não compreende. Não sou um bem material com que pode fazer o que bem quiser. Pertença a mim mesma, não

a você, ou seus pais estúpidos, ou Armida, ou qualquer outra coisa.

Por um instante, Margaret teve uma visão de união com Gabriel. Foi tão repulsivo que ela quase deu um puxão nas rédeas. Melhor morrer virgem do que ser tocada por um homem assim. Gabriel apertou seu braço, quase como se ouvisse seus pensamentos. Comprimiu os dedos fortes contra os músculos. Margaret soltou/um grito.

— Está vendo? — disse ele, exultante. — Você não tem o poder para me rejeitar!

E finalmente conseguirei o que quero! Levarei a melhor sobre meu insidioso irmãozinho e terei Armida só para mim\ Margaret virou-se para fitar a expressão triunfante do primo com a maior incredulidade, enquanto a chuva os encharcava.

— O que está planejando? Vai tentar me estuprar?

Ela não conseguiu evitar que o desdém transparecesse em sua voz. Nem a raiva. Se estivesse a pé, teria usado as técnicas de autodefesa que aprendera na universidade. Mas não tinha como usá-las a cavalo. E fez um esforço para controlar suas emoções. Dorilyls sacudiu a cabeça e se movimentou, de uma forma tão brusca que Gabriel teve de largar o braço de Margaret. Ele respirou fundo, toda a cor se esvaindo de seu rosto.

— Claro que não!

Gabriel parecia horrorizado, como se tivesse acabado de perceber que suas ações podiam ser interpretadas dessa forma.

— Ainda bem, porque eu não gostaria de testar meu laran com você. Ele tornou a se empertigar.

— Está querendo dizer que você poderia mesmo... mas isso é demais! Sua vaca idiota... sua vaca bastarda! Vou acabar com você, e vou adorar fazer isso!

Eu seria capaz de matá-la!

Margaret não tinha a menor idéia do que impelia o homem, que forças em seu passado o levavam a perder o controle daquele jeito. Ela tentou pensar em alguma maneira de acalmá-lo, mas nada lhe ocorreu. A tensão em seu peito era quase insuportável. Só encontrou alguma descarga no riso, para seu grande espanto e vergonha.

— É mesmo? Você é um idiota, Gabriel. Tenho certeza de que uma tele-pata bem-educada nunca pensaria em se defender com seu Dom, mas eu não sou constrangida por suas regras. Acha que pode me vencer, me forçar à submissão? Será que é mesmo tão cego que imagina que seria capaz?

Gabriel inclinou-se e deu um tapa em seu rosto. A pele ardeu. Margaret sentiu alguma coisa aflorar dentro dela, algo forte, antes desconhecido. As têmperas latejaram, a trovoadas distante parecia ressoar por seus ossos. Tinha vontade de matar Gabriel por tocá-la, por agredi-la.

Um rosto de mulher, contorcido pela raiva, assomava à sua frente. Mãos pequenas e fortes davam tapas em seu rosto, num lado e no outro. Alguém arrastou a mulher aos berros. Ela viu o homem de olhos prateados segurando-a. Thyra e Robert Kadarin estavam engalfinhados, o homem tentando controlar a mulher sem machucá-la. Ela podia ouvir seus próprios soluços, sentir sua raiva infantil. Tivera vontade de matar a mulher.

Houve um relâmpago e a imagem desapareceu. Uma raiva antiga guerreou dentro dela por um segundo. Depois, Margaret virou Dorilys de lado, pondo um pouco de distância entre os dois. A chuva caía ruidosa, uma trovoadas ressoou pelas colinas.

— Se alguma vez me tocar de novo, vou queimar seu cérebro!

Ela não sabia se podia mesmo fazer uma coisa tão terrível, mas sentia-se tão furiosa que quase imaginou que podia. Gabriel recuou.

— Sinto muito, Marguerida. Eu devia estar louco. — A chuva grudava seus cabelos no crânio, e ele parecia totalmente angustiado. — Eu pretendia ser simpático, pedir com toda a gentileza que casasse comigo. Não sei o que deu em mim.

Mikhail! É tudo culpa dele, o desgraçado! Querendo se meter onde não deve! Tenho de resolver esse problema de qualquer maneira, se não a mãe ficará furiosa comigo! Ela tem de me escolher, porque já rejeitou Rafael e não há mais ninguém!

— Não adiantaria nada, Gabriel. Você podia ser o homem mais simpático de Darkover, e ainda assim eu diria não.

E você não é nem um pouco simpático, pensou Margaret.

— Por que está sendo tão teimosa? Não percebe que já me pertence, por direito? Por que não pode parar de ser tão... acha mesmo que vamos deixá-la fazer o que bem quiser? Se for necessário, meu pai irá à Corte do Comyn e pedirá que você seja declarada sua tutelada. Descobrirá então que não pode fazer o que quiser, mas apenas o que lhe mandarem. É independente demais, não sabe o que é bom para você. Eu sei. Sou mais velho e mais sensato. Será muito mais fácil se fizer o que mandarem, e parar de tentar evitar seu dever.

Margaret especulou se ele poderia estar certo nesse ponto. As leis de Darkover poderiam obrigá-la ao casamento, mesmo contra a sua vontade.

— Você não tem sabedoria suficiente para encher um dedal, Gabriel. Não pode me ameaçar num instante, para no seguinte dizer que sabe o que é melhor para mim.

Outro clarão de um raio iluminou o rosto de Gabriel nesse momento. Margaret compreendeu que era assim mesmo que ele pensava. Havia em seus olhos uma expressão diferente, um olhar interior, sugerindo que raramente escutava outra pessoa que não fosse ele próprio. Ela já vira esse tipo de solipsismo antes, em acadêmicos apaixonados por uma ou outra teoria. Mas nunca num homem adulto, forte e saudável. Havia também algo mais. Margaret sentia uma certa instabilidade, uma determinação de negar qualquer coisa que não combinasse com o que ele imaginava que era correto. Gabriel não era tão estúpido quanto ela pensara, mas havia algo errado nele, como também acontecia com sua irmã Ariel. Não dava para definir se fora um excesso de endogamia ao longo dos séculos, ou apenas um lamentável narcisismo. Ela só podia ter certeza de que Gabriel não era o tipo de homem que pudesse aceitar sua rejeição de bom grado. Montada em Dorilyns, sob a chuva, Margaret pressentiu um sopro de loucura desesperada em Gabriel. Era patente em seus olhos, na maneira como se inclinava em sua direção, como se nada tivesse acontecido, como se ele não a tivesse ameaçado e Margaret nem tivesse falado.

— Preste atenção, Marguerida. — A voz soava mais alta que o rugido da tempestade. — Serei seu marido de qualquer maneira, e é

melhor você aceitar esse fato. Terei você e Armida, e ponto final!

O baio remexeu-se, inquieto.

— Verei você no inferno antes!

Um raio atingiu uma árvore, a menos de cem metros de distância. Dorilys decidiu que já era demais. Empinou um pouco, depois disparou entre as árvores, espirrando lama em todas as direções. Margaret segurou firme as rédeas com a mão direita, enquanto a esquerda agarrava a crina. Inclinou-se para a frente, contra o pescoço da égua. Dorilys tornou-se ainda mais veloz, quando as árvores se tornaram mais esparsas. Margaret manteve-se firme na sela, comprimindo os joelhos enregelados contra a égua. Não teve mais nenhum pensamento sobre o desafortunado primo. Tinha de se concentrar em continuar montada. Passou sob um galho baixo que quase a derrubou, e depois se descobriu em terreno aberto.

Ali, Dorilys alongou ainda mais as passadas, de tal maneira que seus cascos mal pareciam tocar no solo. O vento lançava a chuva contra as costas de Margaret como um látego, deixando-a completamente encharcada. Era assustador e emocionante ao mesmo tempo. Margaret torcia para que a égua conhecesse o caminho e não pisasse em nenhum buraco. No instante em que o pensamento surgiu em sua mente atordoada, ela sentiu uma segurança presunçosa por baixo, como a dizer "Sei exatamente o que estou fazendo".

Houve uma pausa momentânea entre as trovoadas. Ela ouviu o barulho de outros cascos. Devia ser Gabriel em sua perseguição. Margaret descobriu que estava com medo. Sabia que podia se proteger, mas também sabia que era um perigo para o homem obstinado que vinha em seu encalço. Desconfiava que seria mesmo capaz de queimar seu cérebro, mas não queria fazer isso. E Gabe ficara furioso demais para perceber o perigo que ela representava.

Meu pai foi um desgraçado por me manter na ignorância, Liriel, Jeff e Istvana por estarem certos. Não quero ir para uma Torre... qualquer Torre! Não quero ser uma herdeira. Não quero ser uma telepata... mas sou. Não é culpa de mais ninguém. Apenas minha, por ser o que sou. Tenho de encontrar um meio de me impedir de

fazer mal aos outros. Não posso continuar assim. Poderia tê-lo matado, lá atrás, e Gabriel é obtuso demais para compreender isso. Tenho de deixar Darkover imediatamente, ou aprender alguma maneira de controlar meu Dom. O que significa que talvez deva ir para uma Torre.

Dorilyls bufou, levando Margaret de volta ao momento. As nuvens eram baixas, com a neblina ao redor tão densa que não dava para ver mais que uns poucos passos à frente. A égua hesitava. Leve-me para casa, disse-lhe Margaret. Dorilyls avançou pela neblina num ritmo mais moderado.

Com as trovoadas e a neblina densa, os outros sons se tornaram distantes e difusos. Era um crepúsculo ao redor. Margaret tremia de frio e medo. Se Gabriel a alcançasse, ela não saberia o que fazer.

Um vulto a cavalo surgiu à sua frente. o coração de Margaret disparou, dominado pelo terror. Torceu para que a neblina a ocultasse. Foi nesse instante que Dorilyls soltou um relincho estridente, o tipo de som que os cavalos fazem para cumprimentar os amigos. Margaret compreendeu que o baio de Gabriel era companheiro de estábulo da égua. Sentiu um aperto no coração. Os cavalos eram maravilhosos, mas não eram bastante inteligentes para distinguir amigos de inimigos no caso dos cavaleiros.

Ela apertou as rédeas, agora escorregadias e traiçoeiras da chuva, preparou-se para correr mais do que Gabriel. Queria evitar uma nova confrontação com o primo obstinado, mesmo que tivesse de cavalgar durante a noite inteira. o cavaleiro aproximou-se. Margaret divisou seus contornos, envoltos por um manto, uma aparência um tanto sinistra. o clarão de um raio ofuscou seus olhos, mas não antes que percebesse os cabelos louros do cavaleiro. Experimentou um profundo alívio ao compreender que o homem que surgia da neblina era Mikhail, não Gabriel.

Nunca me senti tão contente em ver alguém em toda a minha vida! Diria a mesma coisa se estivesse seca?

Margaret ouviu a risada agradável, ainda mais alta do que a tempestade. Sentiu que relaxava um pouco. O coração batia forte, no fluxo de adrenalina pela corrente sanguínea. Mikhail emparelhou.

— Como demorasse a voltar, comecei a ficar preocupado.

— Por quanto tempo me ausentei?

— Não muito... uma hora, no máximo... mas com esta chuva...

Não posso imaginar o que Gabriel pensava. Ele é muito sensato em geral.

— Tivemos uma discussão.

— Ahn... — Mikhail virou seu cavalo, um enorme animal preto, quase invisível na tempestade, na direção da qual viera. Dorilys foi junto. — Imagino que ele informou que você seria sua esposa, e que teve o mau gosto de protestar.

— É uma descrição bastante acurada. Ameacei transformar seu cérebro em cinzas, se me tocasse de novo. Não sei quem mais me assustou, se ele ou eu mesma. Todos me dizem há dias que uma telepata destreinada é perigosa, mas eu não compreendia a extensão do perigo até esse momento. Fiz com que hesitasse, mas... Lá vem ele! Creio que não consegui convencê-lo de que não vou casar com ele. Gabriel parece pensar que lhe pertença por direito, ou algo parecido. Eu sabia que deveria ter aceitado a oferta do chefe de Amhax.

Margaret estava determinada a ignorar o barulho dos cascos do cavalo que se aproximava. Sentia-se segura na presença de Mikhail.

— Como assim?

Ela riu, apesar de tudo, descarregando um pouco a tensão no corpo.

— Há alguns anos, fui com meu mentor, Ivor, para Mantenon. Eu fingia ser a filha de Ivor. Dependendo dos costumes locais, eu me apresentava como sua esposa, irmã ou filha. Uma ocasião, numa tribo em que os homens contavam muito pouco, fui sua dona. Estudávamos em Mantenon o sistema musical de Amhax, que é extraordinariamente complexo para uma cultura tão primitiva. o chefe ofereceu a Ivor quarenta cabeças de gado... os animais eram azuis, com dois rabos e chifres enrascados... por mim. Era um preço excelente para comprar uma esposa. Todas as mulheres da tribo ficaram com inveja.

— Está inventando essa história, não é?

— Eu nunca mentiria para você, Mikhail.

Assim que as palavras saíram, Margaret compreendeu que era a pura verdade. Foi uma sensação estranha, ter certeza de que sempre tentaria dizer a verdade para aquele homem. Ela não sabia direito o que isso significava. Mas era uma descoberta confortadora, e naquele instante ela precisava de todos os confortos que pudesse obter.

Gabriel alcançou-os. Parou o baio com um puxão violento. Lançou um olhar furioso para o irmão. Respirava com dificuldade, como se tivesse acabado de lutar com o cavalo. Amarrou a cara para Margaret, e estendeu a mão para as rédeas de sua égua.

— O que está fazendo aqui, Mik? Eu sabia que Dorilys era égua demais para Marguerida. Partiu em disparada, sem que Marguerida conseguisse contê-la.

Ele estava totalmente encharcado, de mau humor, os pensamentos caóticos. Por isso, Margaret não teve impressões precisas, apenas uma porção de emoções confusas.

— Por favor, primo, pare com isso. Dorilys e eu galopamos juntas... e por bons motivos. — Margaret puxou a cabeça da égua para o lado, fora do alcance de Gabriel. — E este não é o lugar para termos outra discussão. Vamos voltar para casa.

— Não tivemos uma discussão! — berrou Gabriel, como se pensasse que podia desfazer o malfeito.

— E também não está chovendo muito — murmurou Margaret.

— Mikhail, eu lhe ordeno que nos deixe! Levarei Marguerida de volta para Armida.

— Não é possível, Gabe. Parece que nossa parenta não deseja sua companhia.

— Desgraçados... os dois!

Gabriel chutou com toda a força os flancos do baio. O animal partiu em disparada.

— Ele vai acabar quebrando o pescoço, se não tomar cuidado — disse Mikhail, fazendo seu cavalo seguir o irmão.

— Eu ficaria espantada se isso acontecesse — comentou Margaret, também indo atrás do primo. — Homens como Gabriel raramente têm o fim que merecem.

A chuva diminuíra um pouco, quando os três entraram no pátio do estábulo. Era óbvio, no entanto, que não passava de uma pausa na tempestade. As trovoadas ressoavam pelas colinas, enquanto os cavaleiros pegavam os cavalos encharcados, levando-os para serem escovados e cuidados. Ao desmontar, Margaret pisou numa poça funda. Parecia um final apropriado para um dia angustiante.

Ainda não acabou. Há mais uma coisa para acontecer... e não é apenas a tempestade. Algo está chegando... uma coisa terrível! Não houve raciocínio que pudesse livrá-la desse senso de desastre iminente que se aproximava de todos eles, uma tragédia que ela não tinha poder para controlar ou alterar.

Entraram pelos fundos da casa, a água escorrendo dos cabelos e roupas. Mikhail abaixou-se e tirou as botas encharcadas. Margaret decidiu seguir o exemplo. Gabriel, empertigado em sua indignação, avançou pelo corredor, deixando pegadas molhadas em sua esteira. Dartan, o coridom, apareceu como se tivesse sido chamado. Olhou para as roupas molhadas de Margaret e Mikhail, balançando a cabeça.

— Eu me pergunto se Liriel se incomodaria se eu ficasse em sua sala — murmurou Margaret para o primo. — Não sinto a menor disposição de enfrentar a família neste momento.

— Acho que ela concordaria, Marguerida. Mas deve perguntar antes, porque ninguém entra lá sem convite.

— Perguntar a ela?

Margaret fitou-o aturdida por um momento, antes de compreender que a técnica não precisava estar presente para que pudesse se comunicar. Ainda não se acostumara à telepatia. Perguntou-se, cansada, se um dia isso aconteceria. E como se falava com uma pessoa específica? Era irritante ter uma capacidade e não saber como usá-la. Se ao menos houvesse um manual, um livro de instruções!

Antes que ela pudesse organizar seus pensamentos, no entanto, Javanne apareceu, com uma expressão mais preocupada do que zangada.

— Venha comigo, Marja. Precisa trocar de roupa imediatamente, ou vai pegar um resfriado. — Ela acrescentou para

Mikhail: — Não deveria tê-la levado para um passeio com esse tempo.

— Não fui eu. E, se o tivesse feito, voltaríamos antes da tempestade. -Ele fitou a mãe nos olhos. — Receio que Gabriel tenha feito uma besteira, à sua maneira desastrada habitual.

— Como assim?

A preocupação de Javanne se desvaneceu com a súbita irritação. Olhou de um para o outro, as sobrancelhas claras franzidas.

— Ele está querendo dizer que Gabriel derrubou-o no pátio do estábulo e tentou me apresentar uma proposta de casamento... se é que se pode chamar de proposta a declaração de que eu casaria com ele de qualquer maneira, quer eu quisesse ou não... num passeio a cavalo. Ele é sempre tão estúpido assim, ou apenas quando o tempo é ruim?

Javanne soltou um suspiro.

— Gabriel faz o seu próprio tempo — respondeu ela, numa voz que não pressagiava nada de bom para o filho mais velho. — Lamento muito, chiya.

— Lamenta que ele tenha me pedido em casamento, ou lamenta que ele tenha fracassado? Não importa, tia. Já agüentei o suficiente de minha afetuosa família para durar por muito tempo. Voltarei para Thendara assim que o tempo melhorar.

— Mas sua companheira está doente!

Margaret esquecera por completo que Rafaella caíra de cama, com um tremendo resfriado. Mas ergueu o queixo, determinada a não permanecer em Armida além da manhã, mesmo que tivesse de partir sozinha. Não era longe, ela sabia, e tinha certeza de que poderia fazer a viagem sem qualquer ajuda. Um dia de viagem, ou pouco mais, e estaria de novo no Setor Terráqueo, onde ninguém a assediaria com exigências conjugais, ou insistindo para que se metesse numa Torre.

— Darei um jeito de voltar sozinha — resmungou ela, frustrada, sentindo-se mais acuada do que em qualquer outra ocasião.

Javanne contemplou-a com uma expressão de profunda aversão. Depois, deu de ombros.

— Este não é o momento para tomar decisões. Venha comigo. Precisa trocar de roupa, tomar uma xícara de chá.

— Não vai me fazer mudar de idéia!

— Veremos.

Espero que Gabriel já tenha chegado a Thendara a esta altura e que Regis tenha concordado em fazer com que essa garota seja nossa tutelada. Não podemos permitir que ela saia andando por aí sem alguém para acompanhá-la. Por que ela é tão difícil? E por que meu filho tem de ser tão idiota? Preciso fazer tudo sozinha, como sempre.

Margaret ouviu esses pensamentos. Ficou furiosa. Então Gabriel não estava inventando quando lhe dissera que um juiz darkoviano poderia transforma-la numa tutelada, entregando-a àqueles parentes que só a queriam pelas crianças que poderia gerar. Haviam agido pelas suas costas, todos eles.

Nunca se sentira tão traída em toda a sua vida. Liriel a distraíra, enquanto o pai partia ao encontro de Regis Hastur... que quase com certeza a entregaria a Gabriel, como se não passasse de um saco de roupa suja.

Ela seguiu Javanne pelo corredor, mordendo o lábio. Podia sentir Mikhail logo atrás, fervendo de raiva. Compreendeu que ele estava quase tão indignado quanto ela. Mais do que isso, sentia-se envergonhado pela maneira como seu pai e sua mãe se comportavam.

— Javanne! — o grito de Margaret fez com que a mulher mais velha parasse no mesmo instante. — Não pense que pode me obrigar a fazer qualquer coisa com seus juizes. Sou uma cidadã terráquea, e se tentar me deter contra a minha vontade...

A mulher virou-se para fitá-la.

— Estamos em Darkover, não na Terra. Você fará o que mandarem. Não tem direitos aqui, exceto...

— Acho que os terráqueos não vão gostar nem um pouco se uma de suas cidadãs for detida contra a vontade — insistiu Margaret.

Os lábios de Javanne se contraíram, desdenhosos, o rosto ficou vermelho sob os cosméticos.

— Nem mesmo os Terranan seriam tão estúpidos a ponto de começarem uma guerra por causa de uma mulher.

— Pode pensar de maneira diferente, quando deparar com uma companhia de Fuzileiros Imperiais acampada em seu pasto.

Margaret blefava apenas em parte. Já haviam ocorrido alguns raros incidentes em que a Federação entrara em ação para proteger um de seus cidadãos, com força suficiente para derrubar um governo planetário. Era quase sempre no interesse da Federação, quando essas coisas ocorriam. Depois, sempre se abafava o incidente. Margaret não sabia se a Federação procurava um meio de mudar a posição de Darkover; mas, se era esse o caso, aquela seria uma oportunidade perfeita.

— Não acredito em você! Está bancando a mimada e voluntariosa, e não vou admitir! Esta é a minha casa, você é a minha sobrinha, e fará o que mandarmos!

Com isso, Javanne virou-se e continuou pelo corredor, furiosa. Margaret foi atrás. Ao chegarem ao vestíbulo, ela gritou, também com raiva:

— Não, esta casa não é sua, mas minha! Seus próprios pensamentos e

ações confirmam essa verdade. Meu pai renunciou a seu direito a Armida, mas não podia renunciar ao meu direito. Por que outro motivo você estaria tão ansiosa para me casar com um dos seus filhos?

Margaret tinha consciência de uma energia vibrando em seus nervos, uma raiva terrível, perigosa demais. Tentou diminuir a ira, respirando fundo, enquanto Javanne limitava-se a fitá-la... chocada para um silêncio atônito. Margaret sentia medo do que podia fazer, mas a tia sentia um medo ainda maior.

Ariel tinha razão... ela é um monstro. o que vou fazer? Nunca vi um laran tão poderoso e sem controle. E ela sabe disso! Quando Gabriel voltar, devemos obrigá-la a ir para uma Torre... é a única maneira de ficarmos a salvo dela!

As duas mulheres continuaram a se fitar, agressivas, em silêncio, até que ouviram cavalos entrando no pátio. Por um momento, Javanne mostrou-se aliviada. Margaret especulou se Dom Gabriel já conseguira voltar de Thendara. Não podia ser, pois ficava longe demais. Javanne murchou ao compreender que não era o marido vindo em seu socorro.

O barulho de homens gritando e cavalos relinchando em terror passaram pela porta fechada. Acima de tudo, podiam-se ouvir os gritos de uma mulher, estridentes e histéricos. Golpes pesados foram desferidos contra a porta, fazendo-a tremer, até que Dartan correu para abri-la.

Ariel estava parada ali, segurando alguma coisa e chorando. Entrou no vestíbulo. Margaret divisou o corpo inerte do pequeno Domenic nos braços da prima. Por trás dela, os rostos dos outros meninos estavam pálidos de terror, os olhos arregalados.

— Você tentou matar meu filho! — gritou Ariel.

Capítulo Vinte e Um

Um terrível silêncio se sucedeu às palavras de Ariel. Todos no vestíbulo pareceram ficar paralisados por um momento. A criança no colo se mexeu, flexionando um braço. E depois todos se puseram a falar ao mesmo tempo, criando um caos. Ariel tremia, desatou a gritar em histeria, enquanto Javanne e Piedro tentavam acalmá-la. Margaret tinha a sensação de estar com os pés enraizados no chão, até que Mikhail pôs a mão em seu cotovelo. Ela sentia-se mortificada; e mais do que isso, tinha raiva. Naquele momento teria o maior prazer em despachar todo o clã de Lanart para os cantos mais distantes do inferno, sem o menor arrependimento.

— Fiquem todos quietos!

O velho Jeff veio da sala de estar e berrou essas palavras ao entrar no vestíbulo. Todos fitaram-no espantados, como se nele tivessem crescido chifres e um rabo.

— O que está acontecendo?

A irritação de Jeff era evidente. Margaret sentiu-se tão contente em ver o rosto decidido do tio que teve vontade de chorar. Tinha certeza de que tio Jeff daria um jeito de controlar a situação.

— Ela matou meu bebê! — berrou Ariel.

Ela comprimia contra o peito o corpo agora inerte de Domenic. Margaret ouviu um pequeno grito de protesto. Javanne tentou em vão arrancar o menino da filha, mas isso só serviu para deixar Ariel ainda mais histérica. Piedro tentou falar, mas as vozes da esposa e da sogra eram estridentes demais.

— O que aconteceu? — perguntou Jeff.

Piedro abandonou a tentativa de confortar a esposa. Sua voz tremia quando respondeu:

— A tempestade. Eu sabia que não deveríamos partir. A culpa é minha, não de Marguerida.

— Duvido que seja culpa de alguém, Piedro — comentou Mikhail.

— Seguíamos para casa quando começou a trovejar — continuou

Piedro, como se o cunhado não tivesse falado. — Um raio atingiu uma árvore no momento em que os cavalos passavam por baixo. Eles dispararam. Jedidiah tentou contê-los, mas foi derrubado do banco do cocheiro. Caiu sob as rodas. A carruagem virou, enquanto os cavalos continuavam a correr. Devem ter arrastado a carruagem por cem metros, antes de pararem. Ouvi Ariel e os meninos gritando, mas não podia fazer nada. Meu filho está ferido. Jed, o cocheiro, morreu.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Piedro. Ele parou de falar, enquanto os ombros sacudiam nos soluços. Os meninos assustados olhavam para ele. Damon, o mais velho, enxugou as lágrimas e ergueu os ombros.

— Estávamos todos lá dentro com mamãe, quando a carruagem virou. Estava escuro e a chuva caía pela janela quebrada. Havia cacos de vidro por toda parte.

Ele ergueu a mão pequena. Margaret viu que tinha vários cortes.

— Parecia que tudo ficaria certo quando os cavalos pararam. o pai abriu a porta. Levantei Kennard para ele, depois Lewis. Donal saiu sozinho. Inclinei-me para pegar Domenic. o corpo ainda estava quente, mas tinha um jeito esquisito.

Pietro balançou a cabeça.

— Acho que o pescoço quebrou. Ele deve ter caído de maneira errada, quando a carruagem virou.

— Neste caso, devemos levá-lo imediatamente para a cama — declarou Jeff. — Se o pescoço está lesionado, o fato da mãe apertá-lo desse jeito será prejudicial.

Margaret teve vontade de se encolher nas sombras, escapar para longe daquele horror. Não sabia o que podia ser feito por um pescoço quebrado com a tecnologia médica primitiva de Darkover. Ervas e substâncias químicas simples eram ótimas para distúrbios estomacais, mas o problema aqui situava-se além desse tipo de remédio. Se ela pudesse pensar em alguma coisa para ajudar, poderia escapar ao sentimento sufocante de que era responsável pelo acidente.

E de repente ela se lembrou da tala de espuma de borracha no kit médico. Não vinha com instruções para imobilizar ossos fraturados? Claro que sim... os terráqueos tinham instruções para tudo. Era assim que faziam as coisas. Mas pareciam inexistentes as chances de transmitir essa informação no meio do tumulto, ou chegar bastante perto da criança lesionada para aplicar a tala.

Ariel ficara gemendo durante todo esse tempo. Agora, recomeçou a gritar.

— Caí por cima dele! Senti que ele ficou embaixo de mim! Mas a culpa não é minha! Adoro meus filhos! Foi você quem fez isso, sua...

Ela apontou um dedo acusador para Margaret, que se comprimiu contra a parede, arrasada. Liriel apareceu por trás do grupo no vestíbulo, esfregando os olhos, como se tivesse acabado de despertar de um cochilo. Avaliou a cena com um olhar. Enquanto a irmã gritava, ela adiantou-se e deu um tapa vigoroso em seu rosto.

— Já chega! Se você não tivesse saído de forma precipitada, mesmo sabendo que uma tempestade era iminente, nada disso teria acontecido.

— Ela me assustou — balbuciou Ariel. — Fiquei apavorada com Marguerida. A culpa é dela, não minha.

— Acidentes não são culpa de ninguém, Ariel — interveio Jeff, a voz firme. — Sabemos que você ama suas crianças, chiya, e que cuida muito bem delas. Isto é uma tragédia terrível para todos.

Em vez de se acalmar, Ariel ficou vermelha de fúria.

— O que você pode saber, velho? Está do lado dela. Todos se voltam contra mim. Todos acham que não passo de uma idiota. Mas sei de coisas que vocês nunca saberão. Sei que não podem compreender o que é ser mãe. — A explosão de Ariel terminou em soluços. — Meu filho... meu filho...

Liriel contraiu os lábios polpudos e fitou Jeff por um momento. Ela vai perder a criança em seu ventre se não se acalmar, e isso poderá liquidá-la. Temos de levá-la para a cama antes que ela comece a passar mal. Minha pobre irmã. Se ao menos eu tivesse percebido antes como ela era infeliz...

Margaret achou que sua presença era mais um estorvo do que uma ajuda. Fez menção de deixar o vestibulo. A mão de Mikhail em suas costas deteve-a. Não saia ainda.

Por que não? Ariel fica transtornada só de olhar para mim.

Não é bem assim. Sei que ela a culpa, mas também sabe que o ferimento de Domenic é culpa sua tanto quanto de qualquer outra pessoa. Margaret podia sentir a força de Mikhail a seu lado... a força e a lucidez. Era maravilhoso... ou teria sido se ela não se sentisse tão abalada.

Liriel acha que ela vai abortar se não se acalmar. Não sei como minha presença aqui poderá ajudar, Mikhail. E, se eu subir, posso pegar meu kit médico, Há uma tala ali que talvez possa ajudar.

É mesmo? Sempre é bom saber que alguém está pensando em fazer alguma coisa... em vez de apenas ter um acesso de histeria. Vou buscar... tenho a imagem do kit em minha mente agora.

Mas eu posso encontrar mais depressa.

Não, prima. Posso voltar num instante. Você deve permanecer aqui... confie em mim. Liriel tem razão ao pensar que ela nunca mais voltará a ser sã se perder a criança em seu útero. Ariel se encontra à beira de um colapso. Pode dizer alguma coisa para ela... qualquer coisa?

Claro que posso... mas prevejo que só servirá para deixá-la ainda mais transtornada. Farei qualquer coisa para ajudar.

Mikhail virou-se e subiu a escada, de dois em dois degraus. Margaret engoliu em seco, tentando pensar em alguma coisa para dizer. Por que ela? Não conhecia Ariel direito. Ela ouviu os passos de Mikhail no assoalho de madeira do segundo andar. Sacudiu a cabeça para clarear os pensamentos.

Liriel tentou fazer com que a irmã largasse o corpo inerte. Domenic não emitiu nenhum protesto, mas Margaret sabia que o corpo não estava morto, pelo menos ainda não. Se a mãe não o largasse, porém, logo morreria. Ariel resistia, continuando a proclamar que a família a odiava, que ninguém a compreendia, e muitas outras coisas. Era patético, mas era também doloroso. Javanne parecia à beira das lágrimas, enquanto Jeff se mostrava impotente.

Margaret engoliu em seco, a boca ressequida, também próxima das lágrimas. Aproximou-se de Ariel, com o maior cuidado, para não assustá-la.

— Prima, você deve pensar na criança dentro de você. — As palavras saíram de algum lugar lá no fundo de Margaret, um lugar devotado, que ela nem sabia que existia. — Não vai querer fazer mal a ela, não é mesmo?

— Ela?

A voz de Ariel era fraca e rouca, a garganta dolorida de tanto gritar.

— Isso mesmo, a filha pela qual tanto tem ansiado.

— Como sabe?

Os olhos de Ariel estavam desfocados. Ela não parecia perceber que falava com a mulher que considerava a causa de todos os seus pesares.

— Liriel me contou.

— E verdade?

Ariel virou-se para a irmã, os braços começando a baixar. Liriel tratou de aproveitar a vantagem, estendendo os braços por baixo do corpo inerte do menino. O peito de Domenic ainda subia e descia, sem muita força.

— É, sim. Eu ia lhe dizer, mas você foi embora antes que eu pudesse falar.

Ela aconchegou o corpo do sobrinho contra seu peito generoso. Um momento depois, Jeff estendeu os braços compridos para pegar o menino, amparando sua cabeça com extremo cuidado.

— Uma menina. Finalmente terei uma menina para me amar. — Ariel parecia ter recuperado o controle. Pôs-se a afagar a barriga ainda lisa, em movimentos sensuais. — Sempre quis ter uma filha para me amar.

— E terá — murmurou Liriel, lançando um olhar de aprovação para Margaret. — Mas deve se manter calma por ela.

Subitamente, Margaret teve o mesmo senso de visão que experimentara à mesa de jantar poucas horas antes.

— E ela será linda — disse Margaret, sem pensar nas conseqüências de suas palavras.

Ariel, que estivera quase atordoada apenas um momento antes, fitou-a com a maior ansiedade.

— O que você vê? Conte-me!

— Não creio que seria sensato — respondeu Margaret, embora não houvesse nada de alarmante na visão.

— Não me importo com o que você pensa! — gritou Ariel. — Tem de me contar... e agora!

— Ela será linda e saudável... o que mais uma mãe pode pedir?

— Não tem importância para mim se ela for linda — sussurrou Ariel.

— Só quero que ela me ame.

Ao ouvir essas palavras, Margaret viu a criança por nascer da prima como uma jovem, alta, cabelos vermelhos, uma beleza extraordinária. Tinha alguma coisa de Javanne, o mesmo queixo forte e olhos determinados. Havia um imenso poder na expressão com que fitou os olhos interiores de Margaret.

— Claro que ela vai amá-la. É uma boa mãe, e sua filha não poderá deixar de amá-la.

Enquanto falava, Margaret sabia que mentia. Ariel estava fadada a se desapontar com a filha. Especulou se haveria algum meio de melhorar a situação, de evitar que aquela criança por nascer se tornasse a mulher impetuosa, arrebatada e perturbadora que previa.

— Vai chamá-la de Alanna, em homenagem à sua avó.

o que não será uma escolha das mais apropriadas. Ela deveria ser Deirdre, por todo o infortúnio que vai trazer para Darkover. Talvez ela estivesse enganada. Margaret torceu para que fosse isso mesmo, porque o futuro que podia contemplar agora falava de uma mulher que não podia amar a mãe como Ariel desejava ser amada.

Javanne lançou um olhar angustiado para a sobrinha. Eu lhe agradeço por ser tão gentil com minha filha. Espero que esteja enganada em sua visão. Nunca me senti tão... tão indesejada e desamada até hoje.

A culpa não é sua, mãe. A voz mental de Liriel era firme e clara. Fez o melhor que podia por ela. Sempre fez o melhor que podia por todos nós.

E muita gentileza sua dizer isso, Liriel, mas eu me culpo. Sou a mãe e deveria saber como ela se sentia por não ter laran. Ou talvez a culpa esteja em dar muito valor a isso. Para ser franca, não fiquei muito satisfeita ao ter gêmeas. Talvez não a quisesse bastante.

Pare de se censurar. A ordem mental de Jeff surpreendeu Javanne. É um total desperdício de tempo. Fez o melhor que podia, e não poderia ter feito mais. O pesar não vai mudar coisa alguma.

Detesto quando você tem razão, respondeu Javanne, com um pouco do seu vigor normal. Mas temos de cuidar do menino. Ele pode não estar tão ferido quanto imaginamos, mas o perigo agora é de que venha a ter uma inflamação nos pulmões.

Já o monitorei, mãe, tão bem quanto pude. Uma das vértebras, logo abaixo do pescoço, encontra-se em péssimo estado.

Pedi a Mikhail para buscar meu kit médico. Ele deve estar voltando. Há um dispositivo ali que pode ser útil. Margaret sentiu-se aflita por oferecer alguma esperança, mas sabia que era a coisa certa a fazer. Javanne fitou-a com uma expressão mais favorável do que em qualquer outra ocasião desde a sua chegada.

Piedro pegara as mãos da esposa e lhe falava em voz baixa, com tanta gentileza que Margaret sentiu alguma inveja. Enquanto ele levava Ariel para a escada, Margaret se perguntou se algum dia poderia despertar tanta ternura de outra pessoa. Observou-os subirem, sentindo-se exausta e angustiada. As roupas molhadas grudavam na pele, deixando-a enregelada. Notou que formara uma enorme poça no chão.

Mikhail quase esbarrou no casal ao descer correndo a escada, mas Ariel e Piedro nem o notaram. Ele trazia o kit médico, o rosto um pouco vermelho de embarço. Claro... Rafaella estava dormindo no quarto! Se não estivesse tão cansada e transtornada, Margaret teria achado engraçado.

Jeff ajoelhou Domenic no chão do vestíbulo, esticando seus braços e pernas. A cabeça estava torta por cima do pescoço fino.

— Este não é o melhor lugar para um hospital improvisado, mas não quero mexer no menino ainda mais — disse ele. — Quero que alguém vá buscar cobertores... ele entrou em estado de choque,

o que não é nada bom. Mik, dê-me esse kit. Já faz muito tempo que não vejo um assim. Hum... acrescentaram algumas coisas.

Ele começou a separar o conteúdo. Margaret ajoelhou-se ao seu lado. Os outros meninos acompanhavam tudo com os olhos arregalados. Javanne parecia dividida entre a vontade de acompanhar a filha pela escada acima e a ansiedade para cuidar dos netos. Ao final, ela inclinou-se e apertou o ombro de Damon.

— Sua mãe ficará bem agora. Mas seu pai tem de cuidar dela. Por isso, espero que você nos ajude com seus irmãos.

A voz soou mais alta do que o barulho da tempestade lá fora. Por uma vez, Javanne não parecia muito segura. Damon estufou o peito, com uma expressão orgulhosa. Esse gesto admirável fez com que os outros adultos sorrissem, apesar das circunstâncias.

— Não se preocupe. — Ele virou-se para Donal. — Pegue Lewis. Eu levarei Kennard.

Donal fitou o irmão com um olhar momentâneo de rebeldia, depois deu de ombros. Entre todos os meninos, ele parecia o menos perturbado. Margaret descobriu-se a invejá-lo por sua capacidade de recuperação.

— Vamos, Lewis. Você precisa trocar de roupa, ou vai ficar doente e terá de tomar um chá de kamfer.

Ele estendeu a mão para o irmão menor, que a pegou, com uma careta indicando que faria quase que qualquer coisa para evitar a ameaça do remédio. Agora sou o segundo. Aprenderei a ler, como Dom, e serei muito sábio, como Mikhail e Marguerida.

Javanne ficou chocada com essa demonstração de oportunismo infantil, mas Mikhail quase riu.

— Ele não pode evitar, mãe. Ser terceiro não é nem um pouco divertido.

Margaret tirara a tala de espuma do kit, e lia as instruções que a acompanhavam. Parecia bastante fácil, mas ela se sentia apavorada com a possibilidade de causar mais mal do que bem. Ah, se pudessem levar Domenic para um hospital de verdade! Se pudessem chamar um avião ou helicóptero para levá-lo ao QG Terráqueo! Sentia os dedos gelados. Deixou a tala cair em seu colo. Apressou-se em pegá-la de novo, praguejando.

Jeff, ao seu lado, mantinha-se calmo, o que a firmou. Mas persistia em sua mente uma espécie de trovoadas, que nada tinha a ver com a tempestade lá fora. Era como os cascos de um enorme cavalo se aproximando mais e mais. Isso e mais o tumulto geral no vestíbulo tornavam difícil a concentração. Margaret desejou conhecer uma maneira de bloquear o transbordamento de pensamentos. Dartan, o coridom, voltou com uma pilha de cobertores. Ele e Jeff estenderam um sob o corpo do menino, enrolando-o em seguida.

Margaret achou que já compreendia as instruções agora. Enquanto Jeff levantava a cabeça do menino, ela ajeitou o dispositivo sob o pescoço de Domenic. Ele parecia tão pequeno e desamparado que Margaret sentiu um aperto no coração. Depois de posicionarem a tala da melhor forma possível, com a orientação de Jeff, que parecia usar o laran para determinar onde era a lesão, ela comprimiu o botão no lado. A tala foi se expandindo devagar, cercando o pescoço, sem qualquer pressão na garganta. A cabeça de Domenic ergueu-se do chão por alguns centímetros. Jeff pôs um cobertor enrolado por baixo da cabeça. Todos soltaram um suspiro de alívio. Agora pelo menos seria possível levar o menino para uma cama sem lesionar ainda mais a coluna. Era o máximo que Margaret podia fazer. Só que não parecia suficiente.

Subitamente, houve uma violenta batida na porta. Margaret ergueu os olhos, enquanto Dartan se levantava do outro lado do menino e corria para atender. Ela sentiu uma repentina pressão em seu coração, uma presença forte, maravilhosa e inesperada.

Antes que pudesse imaginar o que seria, Dartan abriu a imensa porta. Um vulto todo molhado entrou no vestíbulo. O vento soprava contra o manto e capuz, ocultando o rosto do estranho. No instante seguinte, um braço sem mão projetou-se além do manto. Margaret levantou-se de um pulo e correu pelo vestíbulo, indiferente às poças. Quase escorregou duas vezes, na curta distância até a porta. Abraçou o recém-chegado.

— Pai! — foi tudo o que ela conseguiu dizer, antes de desatar a chorar. Lew Alton empurrou o capuz para trás, fazendo com que uma chuva de gotas caísse sobre a cabeça da filha. Comprimiu-a contra seu peito com os dois braços. Margaret sentiu a tia se

empertigar, irradiando uma onda de emoções conflitantes. Javanne estava zangada, chocada, insatisfeita e resignada ao mesmo tempo.

Pare de ser tão intransigente, Javanne. Não a vejo há mais de dez anos. Os costumes que se danem.

Está bem, mas ainda assim não me agrada. E continuo a não gostar de você, Lew.

Não foi então um ato de misericórdia que nunca tivéssemos casado? Javanne, apesar de sua indignação, não pôde evitar uma risada.

— Você ainda é um patife, Lew, e um corvo da tempestade.

— Ora, Javanne, não pode me culpar pelo clima darkoviano. Calma, Marja, calma. Sei que se sente contente por me ver... está contente, não é?... mas assim vai acabar me estrangulando. Uma linda recepção. Por que todos estão parados aqui, encharcados, no vestíbulo?

Margaret não entendia o homem a que se abraçava. Ele gracejava, e ela podia se lembrar que Lew Alton não tinha esse hábito. Também zombava de Javanne, que não era mulher de admitir essa atitude. Mais até: Javanne parecia estar gostando. O pai se mostrava diferente, quase jovial. E, no entanto, ela podia sentir lá no fundo um pesar profundo, não um antigo, mas recente.

— Claro que estou contente. Por que demorou tanto?

Lew riu e desmanchou os cabelos ainda úmidos da filha. Não fazia isso desde que ela era criança. O contato de seus dedos quase a deixou transtornada. Em vez disso, Margaret aconchegou-se contra seu ombro. O pai recendia a chuva e tecido darkoviano... mas, acima de tudo, tinha o cheiro certo. Ela não imaginara até aquele momento quanta saudade sentia do cheiro do pai, do som de sua voz forte, e da sensação de seu braço ao redor dos ombros.

— Se eu pudesse vir mais cedo, chiya, já estaria aqui.

— Sei disso. Falou que viria, mas não pude acreditar que era verdade. Tantas coisas estranhas aconteceram...

— Tenho sido um lamentável arremedo de pai, não é mesmo?

— Tem razão — sussurrou Margaret. — Mas sei que não podia evitar.

Lew Alton olhou para a cabeça da filha, encostada em seu ombro. Margaret pôde sentir a tristeza aflorar no peito do pai. Você tem um coração generoso, Marja. Não posso imaginar de onde o tirou. Não foi de mim nem de... Ele não podia se permitir pensar em Thyra.

Acho que foi de Dio, pai. Onde ela está?

Ficou em Thendara, com Regis e Linnea.

Margaret podia sentir que ele ocultava alguma coisa. O braço em torno de seus ombros se contraiu um pouco, até a voz mental parecia tensa. Depois de um momento, ela teve certeza de que era a fonte do pesar profundo que sentira pouco antes. Seu coração ficou gelado. Estremeceu com o calafrio físico e emocional. Qual é o problema? Ela está doente?

Está, sim, chiya, muito doente. Foi a última gota. Eu a trouxe de volta para casa, embora pensasse que nunca mais tornaria a ver o sol de Darkover.

A última gota?

Mais tarde, chiya. Eu não deveria chamá-la assim, porque é uma mulher agora, mas sempre será minha pequena Marja.

Eles romperam o contato, relutantes.

— Quero roupas secas, comida quente, e quero tudo agora.

Lew falou como se esperasse que tudo aparecesse no mesmo instante. Margaret viu-o como um monarca, acostumado a dar ordens. Nunca vira o pai se comportar daquele jeito antes.

— E depois podem me contar por que estão todos parados aqui, parecendo ratos encharcados — acrescentou Lew.

Dartan supervisionava dois criados que levantavam o corpo de Domenic do chão, usando os cantos do cobertor. Os movimentos eram cautelosos, a fim de não sacudirem o paciente. Lew avaliou a situação, enquanto tirava o casaco pingando e pendurava num gancho próximo. O que aconteceu?

Margaret relatou o acidente, informando quem era a criança, sem palavras e mais depressa do que julgaria possível. Confessou sua participação involuntária no caso. Lew deu um suspiro profundo. As coisas não têm sido fáceis para você, não é mesmo, criança? A culpa é minha, por não ter lhe falado sobre sua história, mais do que

de qualquer outra pessoa. Devemos torcer para que a criança tenha uma plena recuperação.

Mas eles não têm a menor idéia de como reparar uma lesão na coluna. Há coisas na ciência da matriz que vão deixá-la espantada, Marguerida. Eu a conheci durante toda a minha vida, e continua a me surpreender.

— Mikhail, leve Lew para seus aposentos, por favor. Creio que suas roupas podem caber nele. — Javanne mostrava-se calma agora, quase resignada. — Encontrou Gabriel no caminho? Ele seguia a cavalo para Thendara. Lew revirou os olhos para Javanne.

— Não, não encontrei, e não posso dizer que lamento. Não nos vemos há muitos anos, embora outrora fôssemos amigos.

Ele foi pedir a Regis para me tornar sua tutelada, afim de poder me casar com seu filho do mesmo nome... que é um rematado idiota! O resmungo mental de Margaret continha toda a sua frustração e raiva pelos acontecimentos da tarde.

Neste caso, ele só vai ficar molhado e desapontado, respondeu Lew, calmamente. Ele parecia firme, de tal maneira que Margaret jamais conhecera. Embora soubesse que o pai estava preocupado com Dio, ela sentiu uma imensa tranqüilidade interior.

Meia hora depois os adultos se reuniram na sala de jantar. Era um grupo desolado. O aroma agradável das carnes cozidas e outros pratos não aliviava nem um pouco o clima depressivo.

Mais uma vez, houve um momento de hesitação, enquanto todos consideravam qual deveria ser o seu lugar. Lew, os cabelos prateados secos e um pouco encrespados, parecia à vontade quando sentou à cabeceira da mesa, como se nunca tivesse lhe ocorrido ocupar qualquer outro lugar. Usava uma túnica rosa, com montanhas prateadas bordadas nas mangas e gola, e uma calça azul. Olhou ao redor, com uma confiança absoluta. Margaret nunca o vira tão no comando de si mesmo e da situação. Sentiu ao mesmo tempo um vasto alívio e um pouco de raiva. Seu prazer anterior pela chegada do pai era agora atenuado por aquele ar de segurança. Como ele ousava se mostrar tão jovial?

Ela sentou na cadeira ao seu lado, Jeff ocupou o lugar à sua frente. Javanne sentou na outra extremidade da mesa, ladeada

pelos filhos Gabriel e Rafael. Era como se a mesa fosse o campo de batalha de dois exércitos adversários, com Javanne como general num lado, e Lew Alton no outro. Quando Mikhail sentou ao lado de Jeff, aliando-se silenciosamente a esse lado do conflito sem palavras, Javanne fitou-o com uma expressão que falava em traição. Liriel entrou na sala um momento depois, os ombros um pouco vergados.

— Acalmei Ariel e mandei Piedro para a cama. Os outros meninos estão em seu quarto. Creio que ainda não absorveram direito o que aconteceu. Nossa velha babá está cuidando de Domenic por enquanto. Não posso pensar em outra pessoa melhor. Aquela coisa que você pôs nele parece ter aliviado a pressão, Marguerida. O maior perigo agora é uma pneumonia, não a coluna. Precisaremos levá-lo para Arilinn tão depressa quanto ele puder viajar.

Ela foi sentar ao lado de Mikhail, aparentemente alheia ao olhar hostil a mãe. Correu os olhos pela mesa, parou em Lew Alton. E arregalou os olhos. Virou-se para a mãe em seguida. As palavras que elas trocaram então foram mantidas em particular, mas ficou evidente para Margaret que Javanne estava mais preocupada com a filha e o neto do que com o repentino aparecimento do Velho, o que era compreensível. Apesar disso, Javanne mantinha-se hostil. Margaret teve certeza de que ela gostaria que Lew Alton estivesse em qualquer outro lugar do universo que não ali, sentado à sua frente, na outra extremidade da mesa. Donal apareceu na porta no instante em que Liriel sentou, usando o camisolão de dormir. Sentou na cadeira vazia ao lado de Margaret.

— Não quero mingau — anunciou ele, fitando-a com um sorriso cativante.

— Posso imaginar — respondeu Margaret. — Eu também não gostava de mingau no jantar, quando era pequena.

— Obrigam a gente a comer quando se fica doente. Não estou doente. A presença do menino pareceu atenuar um pouco a tensão ao redor da mesa. Os criados trouxeram a comida. Havia um miasma de preocupação que parecia preocupar a todos, exceto o menino. Por isso, em vez de conversar, todos concentraram sua

atenção numa sopa grossa, seguida por uma carne assada e um prato de frutas secas com creme. Margaret surpreendeu-se com sua fome. Sentiu-se um pouco envergonhada. Não parecia certo ter tanta fome com uma criança lá em cima com uma fratura na coluna. Se Domenic sobrevivesse, provavelmente ficaria paralisado pelo resto da vida. Era uma perspectiva insuportável. Não dava para imaginar como seria a vida de um entrevado em Darkover.

Mas logo ela notou que todos, inclusive a tia, jantavam com um bom apetite. Sentiu-se um pouco menos culpada. Concluiu que não era porque estivessem indiferentes ao acidente... muito ao contrário. Apenas já haviam feito o que era possível por enquanto, e precisavam manter as forças para o que teriam de enfrentar depois. Jeff finalmente rompeu o silêncio:

— Nunca pensamos em vê-lo de volta a Darkover, Lew.

— Eu mesmo nunca pensei em voltar... mas nunca é uma palavra que costuma voltar para me atormentar. Desisti de ser um diplomata. Não era dos mais competentes, mesmo nas melhores circunstâncias, e se tornou insuportável agora que Dio ficou doente.

— Dio está doente?

A voz de Jeff expressava preocupação, mas Lew balançou a cabeça, indicando que o assunto não deveria ser discutido no momento.

— Mas quem vai nos representar agora no Senado, Lew?

Javanne fez a pergunta com um interesse genuíno. Depois, lançou um olhar para Mikhail, como se imaginasse que o filho poderia assumir o cargo.

Margaret quase engasgou com a comida. Podia imaginar a seqüência de pensamentos da tia sem precisar de telepatia. Isso resolveria o problema do que fazer com o terceiro filho, não é mesmo? Tirá-lo do planeta — como sabia que Mikhail gostaria- e de suas preocupações. Mas Margaret, por algum motivo, não gostou da idéia.

Ela demorou um pouco para decifrar sua confusão. Sabia agora que devia passar algum tempo estudando numa Torre, por mais que detestasse. Mas Mikhail era seu amigo, e queria que ele permanecesse em Darkover, enquanto ela tivesse de continuar no

planeta. Era bastante simples... e ao mesmo tempo muito complicado.

— Herm Aldaran, que integra a Câmara dos Deputados há seis anos, vai tomar meu lugar. Ele é objetivo e experiente, sabe como lidar com os terráqueos melhor do que eu. Além disso, ainda é bastante jovem para realizar um trabalho eficiente. Eu me sentia cada vez mais cansado e frustrado.

— Um Aldaran no Senado? — Javanne parecia bastante alarmada, mas Margaret experimentou um enorme alívio. — Ele vai entregar Darkover aos Terranan numa bandeja! Vocês enlouqueceram?

— Ao contrário, Javanne. Herm pode ser o único homem na galáxia que pode nos salvar neste momento.

Margaret lançou um olhar de lado para o pai. Nunca ouvira falar de Herm Aldaran, mas calculava que ele devia ser um parente, como todos os outros. Sabia que os Aldarans não mereciam qualquer confiança dos Ardais e de seu tio e sua tia, mas ignorava o motivo.

— Salvar-nos... como assim?

— O Partido Expansionista conquistou o controle da Câmara dos Deputados na última eleição.

— O que é isso? — perguntou Rafael, antes que a mãe pudesse falar. Lew fitou o parente em silêncio por um momento.

— O governo da Federação segue uma antiga fórmula terráquea de um sistema com dois organismos. A Câmara dos Deputados formula as políticas, e o Senado cuida para que não haja distorções. Há diversos partidos políticos na Federação neste momento, mas os maiores são o Partido Expansionista e os Liberais. Nas últimas décadas, os Liberais, que acham que os planetas devem escolher o tipo de governo que desejarem, foram a maioria nos dois corpos legislativos. Mas agora isso mudou. Eles só contam com maioria mínima no Senado para impedir que os expansionistas mudem a orientação política. Se isso acontecer, as necessidades da Federação passarão a ter precedência sobre os desejos de qualquer planeta individual. Se os expansionistas prevalecerem, nenhum mundo ficará a salvo da ganância dos terráqueos.

— E você foi embora no meio dessa confusão! É um tolo maior do que imaginei, Lew! Deveria ter ficado para nos proteger, em vez de deixar tudo nas mãos de um Aldaran. Conheço Herm. Fui contra a sua indicação para a Câmara dos Deputados, quando Regis o escolheu, há seis anos. Embora quase não tenhamos qualquer contato com os Aldarans, precisamos ficar de olho neles. Ele parece ser bastante decente, para um Aldaran, mas mesmo assim não acredito...

Javanne quase engrolava a língua de tanta fúria. Lew interrompeu-a: — Independente do que você possa pensar de Herm, Javanne, ele defende com o maior empenho os interesses de Darkover. A atual situação vem se desenvolvendo há algum tempo, e Herm tem a vantagem de conhecer muitos homens e mulheres na Câmara dos Deputados. — Lew soltou uma risadinha. — Ele é melhor negociante de cavalos do que eu jamais fui.

— Essa não! Se é assim, é bem possível que ele negocie Darkover por um carro aéreo. Deve haver homens mais velhos, experientes e competentes nos Domínios. Não posso admitir que Regis tenha concordado com essa insanidade. Os Aldarans são covardes e trapaceiros!

— Mãe, acho que você não sabe do que está falando — interveio Mikhail. — Herm Aldaran é um dos melhores homens que já conheci.

Javanne não aceitou a censura de bom grado. Como tinha pavio curto, sua raiva explodiu, agora que tinha um alvo.

— o que você sabe a respeito? Só porque sabe ler a escrita dos Terranan não faz com que seja um conhecedor de qualquer coisa!

— Confio em Herm.

Mãe e filho trocaram olhares furiosos. Para surpresa de Margaret, foi Javanne quem baixou os olhos, não Mikhail. A tia fechou a mão sobre uma fatia de pão, passando a esmagá-la entre os dedos.

Donal, alheio às tensões em torno da mesa, empurrou seu prato para trás e soltou um pequeno arrotto. Esfregou a barriga com a mão.

— O que tem de sobremesa?

Liriel olhou para o sobrinho.

— Ainda resta espaço para alguma coisa?

— Sempre guardo um lugar para a sobremesa — respondeu o menino,

|com toda a calma. — Eles têm boas sobremesas na Cidade Comercial?

— Não são muito boas — respondeu Margaret. — Por que pergunta?

— Porque se Domenic morrer, eu serei o segundo, aprenderei a ler e me tornarei instruído como tio Mikhail. Sempre desejei isso... pelo menos desde o último Solstício do Inverno. — Ele parecia pensar que seu lugar na família lhe proporcionava certos direitos, e estava determinado a obtê-los. — Quero ir para Thendara e aprender tudo!

Javanne sacudiu a cabeça.

— Em primeiro lugar, Donal, não admito que fale na morte de Domenic! Em segundo, sua mãe nunca permitiria que fosse para Thendara, não agora. Vai para Neskaya, assim que tiver idade suficiente, e até mesmo isso já será difícil para ela. Vai aprender ali tudo que precisa saber.

— Não vou, não! — Ele virou-se para Margaret. — Tia Liriel diz que você pode ler todos os livros em sua biblioteca. É verdade? Diz que você pode ler todos ali e muito mais.

— É verdade, sim. Já li muitos livros.

— Não precisa encorajar o menino, Marguerida — interveio Javanne, irritada. — Você não sabe nada sobre os nossos costumes, e não vou mais admitir sua interferência. Acho que já causou problemas suficientes por um dia.

Lew sempre nos traz problemas, e sua filha é igualzinha! Sei que estou certa. Devemos manter os Domínios como sempre foram. Nunca devemos permitir que os Terranan ampliem sua posição em Darkover. Se eu fosse Regis... Por que nasci mulher?

Eles pensam que não sei o que está acontecendo? Posso perceber como meu filho olha para Marguerida... só que não vai adiantar! Deve haver algum meio de tirar Herm Aldaran do Senado e

pôr Mikhail em seu lugar. Seria a melhor solução. Falarei com meu irmão, e ele terá de me ouvir. Farei com que me ouça.

— Meu pai não sabe ler direito — comentou Donal, com a voz aguda de menino. — E minha mãe não sabe ler nada. Domenic queria ajuda com algumas palavras difíceis, e eles... eles não puderam ajudar. Dizem que ler não tem nenhuma utilidade. Mas Domenic me falou que é maravilhoso saber ler e aprender coisas.

A voz tremeu um pouco, quando ele falou do irmão ferido. Depois de uma pausa, Donal acrescentou:

— Eu sempre quis ser como Dom, e agora vou ser, quer ele melhore ou não!

Margaret ficou um pouco chocada. Sabia que a alfabetização era rara em Darkover, mas presumira que pelo menos os membros das famílias dos Domínios sabiam ler. Refletiu agora que sempre encarara a alfabetização como um fato corriqueiro, exceto nos planetas mais primitivos. Sentiu-se um pouco envergonhada, porque o lugar em que nascera parecia ter feito uma opção deliberada pela ignorância, em detrimento da educação formal. Era bem provável que Rafaella lesse melhor do que a maioria das pessoas à mesa. Gabriel decidiu dar seu palpite.

— Tenho ouvido todos os argumentos de Liriel, de que a leitura torna a pessoa mais sábia, e acho que não passam de bobagens. Não há motivo para que as pessoas confundam seu cérebro aprendendo o que nunca precisarão saber.

— E a voz de um homem que mal consegue assinar o próprio nome — murmurou Mikhail, bastante alto para que Margaret pudesse escutar, mas não o suficiente para ser ouvido no outro lado da mesa.

Jeff interveio na conversa, bastante sereno:

— Acho que estamos nos antecipando aos fatos. Primeiro, devemos torcer para que Domenic tenha uma recuperação completa, para que o pensamento rápido de Marguerida sobre a tala faça a diferença. Por outro lado, é óbvio que Donal tem uma grande agilidade mental e vai precisar de uma educação apropriada. Atende aos melhores interesses de Darkover que nossos filhos e filhas sejam

instruídos. Ariel vai resistir, mas não podemos permitir que prenda os filhos com os cordões do avental. Não é saudável nem sensato.

As Torres têm nos servido muito bem, mas agora precisamos mais do que isso. Temos de mudar com os tempos ou perecer.

— Os melhores interesses? — repetiu Gabriel, desdenhoso. — Gosto disso! Metade dos homens sonha em partir para as estrelas... e algumas mulheres também. Os costumes antigos são suficientes para meu pai e para mim... e devem ser para Donal também. Ele é muito pequeno para saber do que está falando. Ficaria entediado até a morte em poucos dias, se começasse a ler.

— Eu não! — protestou o menino.

— Não sabe o que é bom para você — insistiu Gabriel, franzindo o rosto e contraindo os olhos.

Ele olhou para a mãe, em busca de apoio, mas Javanne estava absorvida em seus pensamentos.

— Gabriel — disse Margaret, um tanto ríspida -, você parece pensar que sabe o que é bom para todos... e não sabe!

Enquanto eles se fitavam, com raiva, Jeff tentou ser razoável:

— Não podemos mudar Darkover em um dia, nem mesmo em uma geração. Mas, se nossas crianças não forem instruídas, não poderão tomar decisões objetivas sobre o futuro de nosso mundo. — Ele suspirou. — Há muito que desejo que tivéssemos um plano, algum programa, para ensinar aos jovens mais do que podem aprender nas Torres ou entre os cristoforos.

Margaret olhou para o homem mais velho. Compreendeu que ele falava tanto para si mesmo quanto para ela. Jeff, como ela, era um homem de vários mundos. Amava Darkover, como ela também começava a amar. Ambos sabiam que sem instrução Darkover seria vulnerável a forças como o Partido Expansionista, que considerava os planetas além da Terra como fontes de recursos naturais a serem exploradas, não como lares de seres humanos diferentes, com seus próprios objetivos e ambições. Sabia o suficiente sobre os expansionistas, através de noticiários ocasionais, para compreender a ameaça que representavam, não apenas para Darkover, mas também para alguns dos outros planetas que ela visitara... como Relegan e Mantenon, para citar apenas dois.

O que significa, minha cara Marja, que gostaria de ficar aqui e criar escolas? Eu a "ouvi", quando me aproximava de Armida, desejando escapar, estarem qualquer outro lugar que não Darkover. Não a culpei nem um pouco por isso. Mas agora parece que mudou de idéia.

Não sei. Com Istvana Ridenow, Liriel e tio Jeff tentando me levar para uma lorde, com Javanne tentando me forçar a casar com um dos seus horríveis filhos, com a doença do limiar e a morte de Ivor, mal tive tempo para pensar. Ela sentiu que Mikhail se afligia mentalmente com seus pensamentos. Não seja idiota, Mik. Eu não me referia a você. E sabe disso muito bem!

Obrigado, prima. Eu já começava a temer que o lamentável comportamento de Gabriel tivesse me prejudicado também.

Não diga bobagem. Até que você é bastante sensato, para um Lanart. Ah, que elogio! Acho que é o máximo que posso esperar! Havia um quê de zombaria em sua mente. Por trás da jovialidade, no entanto, havia também um sentimento que era ao mesmo tempo atraente e assustador. O que ela faria se Javanne conseguisse despachar Mikhail para longe de Darkover? Margaret não suportava nem pensar a respeito.

O Senador acompanhou esse diálogo paralelo com um interesse que Margaret achou inquietante. Sentiu que suas faces ficavam vermelhas. Lew estudou Mikhail com evidente curiosidade. Alteou uma sobrancelha para o homem mais jovem. Depois fitou a filha, os olhos arregalando um pouco. Pai, não fique pensando que tenho qualquer intenção de casar! Já tive pessoas demais me sugerindo isso, o suficiente para durar duas vidas. Sabia que o jovem Dyan Ardais entrou em meu quarto querendo se tornar um pretendente? Rafaella ficou horrorizada. Ela sentia-se acuada, a respiração saía em ofegos curtos.

Quem?

A voz de Lew era de curiosidade. o pânico de Margaret começou a se desvanecer.

Rafaella nha Liriel, minha guia e grande amiga. Ela está lá em cima, com um tremendo resfriado.

Uma Renunciante? Você tem andado muito ocupada, não é mesmo, criança? Passou por mais aventuras do que eu imaginava. E saiba que não estou nem um pouco preocupado com casamento, já que fui um tanto infeliz com as mulheres em meus primeiros anos. Seja como for, qualquer pessoa pode ver que mantém um excelente relacionamento com seu primo, o que me surpreende, já que não gosta de sua tia Javanne. Lew deu de ombros. Quase não a conheço, não é mesmo?

Não, não me conhece, mas isso não importa agora. Só quero que não me entregue ao primeiro homem que se apresentar para pedir minha mão, porque sou muito exigente. Não quero passar os próximos trinta ou quarenta anos batendo as portas de Armida para arrancá-las das dobradiças, como fazem tia Javanne e tio Gabriel.

Lew Alton sorriu para a filha, um sorriso em que o rosto todo se desmanchou, tirando dez anos de sua idade. Margaret ficou aturdida, porque não podia se lembrar de jamais ter visto o pai exibir um sorriso assim. Não podemos, é claro, deixar de considerar as portas de Armida.

Ela ficou boquiaberta. Só podia ser caçoada do pai! Ele gracejava agora como se nunca tivesse sido um homem deprimido, que bebia muito, tinha terríveis acessos de cólera. Margaret se descobriu dividida entre o impulso para abraçá-lo e outro igualmente forte, de dar um tapa em seu rosto. Acha que eu poderia começar uma espécie de escola em Darkover? Venho pensando nisso de vez em quando, sempre que não estou empenhada numa batalha com Guardiães há muito mortas ou vomitando.

Como?

Lew estava aturdido.

Contarei tudo mais tarde.

Espero que sim, porque agora fiquei muito curioso. Mas respondendo à sua pergunta, filha, creio que pode fazer tudo o que desejar. Nunca pude detê-la depois que toma uma decisão. Sabe disso.

Nunca pôde me deter? Eu não sabia.

Donal estava entediado com a súbita interrupção da conversa ao redor da mesa, além da ausência de sobremesa.

— Pode me ensinar a ler, Marguerida? Pensei em pedir a Liriel, mas ela logo terá de voltar para a Torre.

— Não sei, Donal. Nunca tentei ensinar alguém a ler antes. Não é tão fácil quanto você imagina.

— Tio Jeff disse que eu era inteligente. Assim, devo aprender depressa.

Donal ofereceu-lhe outro sorriso cativante. Ela pensou que o menino seria muito charmoso quando crescesse. Mas, antes que pudesse responder, Javanne interveio:

— Acho que já falamos demais sobre essa bobagem por uma noite. Gabriel tem razão... Donal é pequeno demais para saber o que quer. Ele apenas pensa que ler é emocionante porque Domenic aprendeu. Não sabe do que está falando.

Jeff balançou a cabeça.

— É inútil fechar a porta depois que o cavalo fugiu, Javanne. Nós em Darkover devemos escolher o nosso destino, talvez mais cedo do que você imagina. Vamos precisar que todos os jovens Donals sejam tão bem informados quanto for possível, para não sermos absorvidos pela política expansionista... ou algo pior.

Javanne Hastur tremia de raiva, mas por uma vez conteve a língua. Contentou-se em olhar furiosa para Jeff, Lew e Margaret. Depois de um momento, seu rosto desanuviou-se. Margaret teve certeza de que ela tramava alguma coisa de novo. Sua aversão pela tia era cada vez maior. Teve de se forçar a pensar em outra coisa, a fim de evitar que o rosto deixasse transparecer a raiva que sentia.

A sobremesa foi finalmente servida, um pudim vermelho em tigelas de vidro claro. Houve um silêncio tenso em torno da mesa. Margaret detestou aquela energia chiando um pouco aquém do ponto de fervura, pois podia captar os sentimentos de Javanne e Gabriel, não apenas os pensamentos dos dois. Ambos estavam furiosos, e ela concluiu que podiam se tornar perigosos. o pudim doce tinha um gosto ácido em sua boca. Ela empurrou a tigela para o lado sem comer tudo.

Depois, recostou-se na cadeira e refletiu sobre os dois lados de Darkover representados à mesa. Javanne, o filho mais velho e o marido ausente eram representantes do passado. Não tinha certeza

se ela própria representava o futuro. Sentia-se pressionada por forças que não podia controlar. o calafrio, o desejo de se afastar de todo e qualquer contato humano, aumentou ainda mais. Podia sentir o resquício de Ashara cravando as garras em sua mente. o desespero começou a apertar sua garganta. Teve de fazer o maior esforço para reprimir as lágrimas que afloravam em seus olhos.

Ela olhou para o pai e constatou que ele estava muito cansado. Sabia que não era apenas por causa da longa viagem desde Thendara, mas principalmente pelos anos de exílio. Nunca pensara no pai como um homem corajoso, nunca o vira como outra coisa que não o Velho perturbado. Agora, no entanto, descobria que o pai era muitas coisas que ela jamais imaginara.

Mas os efeitos de um dia longo e cansativo começaram a se manifestar no corpo de Margaret. Ela descobriu que mal conseguia manter os olhos abertos. As pernas doíam da terrível cavalgada. Estremeceu toda, não de frio, de fadiga. Descobriu que não seria capaz de permanecer ali por mais um nuto sequer. Levantou-se, sem dizer nada, e saiu da sala. No meio da escada, Margaret percebeu que não estava sozinha. Virou-se, esperando deparar com o pai, talvez com Mikhail. Surpresa, viu que era Donal quem a seguia. Ele exibia uma expressão séria e determinada.

— O que é, Donal?

— A vovó me mandou ir para a cama.

— Pois vamos logo. A babá sabe que você desceu?

— Não. Ela dormiu na cadeira. Não é muito esperta.

Ele estendeu a mão um pouco suja e pegou a de Margaret, sorrindo.

— Sempre achei que minhas babás também não eram muito espertas.

— É mesmo? — o sorriso do menino desapareceu. -Não me importa o que diz a avó... nem Gabe, porque todo mundo sabe que ele é um tolo. Vou aprender a ler e escrever, a fazer tudo.

— É uma ótima ambição, Donal, mas não vamos mais pensar nisso esta noite. Você teve um dia muito cansativo... e eu também.

— Vou me cansar mais depressa, quando estiver velho como você?

— Não sei.

Ninguém jamais a chamara de velha antes, mas era como se sentia naquele momento. Entre ficar encharcada na chuva e o retorno do pai, tivera excitação suficiente para durar vários anos. Ela acompanhou o menino até a porta de seus aposentos, depois foi para seu quarto, os pés quase se arrastando nas tábuas do assoalho.

Capítulo Vinte e Dois

Margaret aprontou-se para deitar, contente por Rafaella estar num sono profundo, porque não queria responder a nenhuma pergunta. Meteu-se sob as cobertas, levantou os joelhos, e ficou observando o fogo faiscar na lareira. o movimento das chamas era um pouco hipnótico. Ela descobriu-se a entrar num transe de luz, e sacudiu a cabeça para se livrar.

Apesar da exaustão, estava ligada demais para dormir logo. Pensou na chegada do pai, o que não a surpreendera. Não pôde deixar de sorrir. Como fora mesmo que tia Javanne o chamara? Corvo da tempestade? Especulou até que ponto seria grave a doença de Diotima. Ah, como ansiava por vê-la! Era um sentimento novo. Por tantos anos só quisera a companhia de Ivor Davidson que quase esquecera como era a sensação de saudade. Agora, queria ver Dio. Descobria que também queria a presença de Mikhail. Gostaria que ele fosse outro homem, mais comum, que pudesse ser seu amigo sem provocar a irritação dos pais.

Mas, acima de tudo, ela pensou em Lew Alton, o homem que controlara um jantar difícil, evitando que a água na chaleira fervesse. E todo o calor partira de Javanne, não dele. Margaret jamais respeitara o pai como diplomata antes, mas percebia agora que ele possuía habilidades que jamais imaginara. No dia seguinte, ela decidiu, haveria de se encontrar a sós com Lew, para uma longa conversa. E não o deixaria escapar até que todas as suas perguntas fossem respondidas! Satisfeita com esse plano, ela recostou-se nos travesseiros e mergulhou no sono.

Foi despertada de repente, ao luar. Por um momento, não sabia onde se encontrava. Sonhara com seus aposentos na universidade, onde procurava alguma coisa. Depois, ouviu um barulho no corredor. Pensou que era uma criada, e começou a fechar os olhos.

Um grito trêmulo fez com que ela sentasse na cama no mesmo instante, atordoada do sono. Avistou um vulto branco se erguendo ao pé da cama. Balançou ao luar, repetiu o grito assustador. À

claridade difusa, o espectro era insubstancial e ameaçador ao mesmo tempo. o coração de Margaret disparou, enquanto ela especulava, vagamente, se Armida tinha fantasmas.

Mas, de repente, ela ouviu uma risadinha e compreendeu que não havia nenhum fantasma ao pé da cama. Era apenas um menino Alar tentando assustá-la. Ficou furiosa por ter sido acordada.

— Caia fora! Saia daqui agora mesmo!

A voz vibrava na garganta contraída. Margaret compreendeu que falara além da veemência. Era um eco da voz que ameaçara Istvana com a morte em Ardais. Ela estremeceu.

O pequeno vulto virou-se ao ouvir suas palavras e encaminhou-se para a porta. Avançava devagar, meio desajeitado, quase como uma máquina. Margaret sentiu que o medo ressurgia nos nervos tensos.

— Ela não gritou — disse uma voz fora do quarto.

Margaret reconheceu-a como sendo do pequeno Damon Alar. Ele parecia muito desapontado.

— Eu sabia que você não podia assustar a prima Marguerida!
— Houve o som de um corpo batendo no chão. — Ui! Por que você me derrubou, Donal?

Ela ouviu passos no corredor, afastando-se do quarto.

— Ei, seu idiota, para onde está indo? Volte aqui!

As palavras aumentaram a sensação de que havia alguma coisa errada. Margaret empurrou as cobertas para o lado, levantou-se e saiu para o corredor. Estava escuro ali, iluminado apenas por dois pequenos lampiões nas paredes. Por um momento, ela não viu nada com que se preocupar. Depois, Damon saiu das sombras, no camisolão de dormir, esfregando o braço. Fitou-a aturdida, depois olhou para a escada.

— O que foi que disse, prima? Ele me empurrou... nunca soube que Donal era tão forte... e saiu correndo como se todos os demônios estivessem em seu encalço.

O som da porta da frente da casa sendo batida ressoou no silêncio.

— Eu disse a ele para sair — respondeu Margaret, confusa. — Acordei sobressaltada, e por isso gritei.

Ela se abaixou e pegou um lençol descartado.

— Brincando de fantasma! Não acha que está um pouco velho para esse tipo de brincadeira, Damon? Não foi nada engraçado.

— Teria sido se você soltasse um grito de medo, como deveria.

-Damon remexia-se, apreensivo, enquanto falava. — Mas por que ele saiu de casa? Estava esquisito... como se não me conhecesse.

Soaram passos na extremidade do corredor, por trás deles. Margaret e Damon viraram-se para deparar com Jeff, também de camisolão.

— o que aconteceu? Será que um velho não consegue mais dormir em paz?

— Sinto muito, tio Jeff — disse Margaret. — Donal decidiu que seria engraçado brincar de fantasma no meu quarto. Mandei-o sair. Ele obedeceu, mas foi lá fora. Não sei por quê.

— Para fora? Fora da casa?

— Isso mesmo.

— o que você fez... usou a voz de comando com o menino?

Jeff não parecia muito alarmado, o que atenuou um pouco o medo de Margaret.

— Usei o quê?

— A voz de comando. — Jeff observou-a por um instante, percebeu sua confusão, e sacudiu a cabeça. — É parte do Dom de Alton, Marguerida. Impõe a quem escuta a compulsão de obedecer.

Ela ficou consternada.

— Está querendo dizer que posso obrigar as pessoas a fazerem coisas que não querem apenas com uma ordem? Mas isso é um absurdo! — Margaret podia ouvir, em sua mente, a voz de Ashara Alton dizendo-lhe para não deixar ninguém se aproximar e esquecer. Teve vontade de gritar. — Eu apenas disse "Saia daqui". Como isso pode ser uma compulsão?

— Chiya, você tem o Dom de Alton pleno e não sabe como fazer para não usá-lo. Não a culpo, já que foi arrancada do sono num sobressalto. Você e seu irmão não deveriam ter feito isso, Damon. Ambos sabem que é melhor não assustar as pessoas. Agora, é melhor eu ir atrás do menino, antes que ele caia no lago... ou coisa pior.

Jeff encaminhou-se para a escada. Mas parou e virou-se antes de chegar lá.

— Compreende agora por que deve ir para Arilinn e receber algum treinamento? E se dissesse a ele para cair morto?

Sei que ela não pôde evitar. Mas se acontecer alguma coisa com Donal, Ariel vai perder o juízo por completo. Não é culpa sua, mas o desgraçado do Lew deveria tê-la mandado de volta para cá há muitos anos! Não sei se o treinamento na Torre poderá ajudar a esta altura.

Margaret ficou consternada, depois furiosa. Nunca pedira para ter o Dom de Alton, e naquele momento o trocaria com o maior prazer por um doce, se fosse possível. A raiva fervilhava em seu peito. Ninguém, nem Istvana, Liriel ou Jeff, falara antes sobre vozes. O que era indesculpável. Claro que haviam lhe recomendado que fosse para uma Torre, mas não se referiram às coisas que ela precisava saber. Como seu pai!

Todas as suas antigas fúrias, mágoas e ressentimentos subiram pela garganta. Possuía a capacidade de impor sua vontade a qualquer pessoa, ouvir seus pensamentos ou ordenar que pulassem no lago, mas todos só se interessavam em encontrar um meio de evitar que suas capacidades fossem perdidas para a família. Darkover precisava mais de escolas e instrução, decidiu Margaret. O planeta inteiro precisava de uma injeção de bom senso! Os engenheiros genéticos podiam produzir dentes que nunca tinham cáries e artérias que nunca ficavam obstruídas, mas ela duvidava que alguém jamais tivesse descoberto uma maneira de reproduzir pelo bom senso.

Margaret desceu a escada atrás de Jeff, os pés descalços sentindo o frio nos degraus. A porta foi aberta no instante em que o velho a alcançou. O luar iluminou um homem que carregava alguma coisa nos braços. Era tão parecido com Ariel segurando o corpo lesionado de Domenic que Margaret quase gritou. Depois, o fardo se mexeu, e ela ficou aliviada ao constatar que Donal estava bem. Lew Alton mudou a posição do menino em seus braços, meio desajeitado.

— Vi o menino lá fora. Quando o alcancei, ele parecia não me conhecer. Pus a mão em seu ombro. Ele ficou inerte. Compreendi que estava em transe. Nunca tinha visto uma criança num transe tão profundo.

Ele parecia perplexo e cansado.

— Marguerida usou a voz de comando com ele, Lew, quando o menino arrancou-a do sono com um susto — explicou Jeff.

— O que você disse, Marja?

— Mandei que ele saísse. Só isso.

Como aquelas poucas palavras podiam ter tamanho efeito? Ela transferiu o peso do corpo de uma perna para outra, enquanto o frio da noite entrava pela porta aberta.

— Feche a porta, Jeff, antes que todos peguemos um resfriado. Acho que o mandou para fora do corpo, filha?

— Fora do corpo?

— Para o mundo superior.

Lew falou numa voz suave. Margaret sentiu o coração gelar. o mundo superior! Era incrível como essas duas palavras tinham o poder de transformar seus joelhos em gelatina e fazer desaparecer o resto de calor que persistia em seu corpo. Gostava de Donal, e a idéia de despachar o menino tão inteligente para aquele lugar terrível era quase mais do que ela podia suportar. Sabia que o mundo superior a assustava, mas até aquele momento não imaginara a extensão do medo. Istvana tentara explicar que o reino do mundo superior não era terrível, apenas um lugar diferente, mas Margaret não acreditara. Jamais quisera voltar, e era um dos motivos pelos quais resistia à sugestão de ir para uma Torre. Istvana informara que era uma parte normal do trabalho das pessoas nas Torres ingressar no mundo superior de vez em quando.

— Vamos levar Donal para algum lugar quente. Não está frio, para a época do ano, mas ele pode pegar um resfriado. Além disso, todos nós precisamos de uma sopa quente — disse Jeff. Ele parecia calmo, mas Margaret percebeu sua preocupação e estremeceu. — Damon, pode voltar para sua cama.

— Mas meu irmão...

— Donal será bem cuidado. Você não pode ajudar, e só vai nos atrapalhar. Agora, trate de subir.

Damon correu os olhos pelos rostos dos adultos, depois começou a subir, com evidente relutância. Margaret desejou poder subir também, refugiar-se em seu quarto, ouvir os roncões tranquilizadores de Rafaella. Mas fora ela quem causara aquela confusão, e tinha de ajudar a resolvê-la. Parecia um clímax apropriado para o pior dia de sua vida.

Não diga bobagem! A voz de Lew, incisiva, soou em sua mente. Não sabe o que é pior, chiya.

Pare de tentar me animar!

Está bem. Vamos levar esse membro de Zandru para a sala de estar, antes que ele fique mortalmente doente. E não pense que a culpa é só sua, Marja. Passei boa parte da minha vida pensando que era o culpado por todos os males do mundo. Isso só me proporcionou algumas terríveis ressacas e muita autocompaixão. Dio tentava me dizer para não ser tão rigoroso comigo, mas nunca lhe dei atenção. E acho que você também não vai me escutar.

A amargura nos pensamentos do pai era estimulante. Margaret sentiu sua tensão, seu sentimento de responsabilidade por coisas sobre as quais não tinha qualquer controle. Havia pesar também, em grande parte por ela, como se distanciara da filha. Margaret sentiu-se ainda mais envergonhada por pensar em si mesma, por sua autocompaixão. Ela não era importante. Donal era importante, como Dio, como seu pai.

Pare de bancar a tola, Marja! Este não é o momento para um voto de altruísmo! O pensamento incisivo de Liriel a fez estremecer. Ela virou-se para ver a técnica descendo a escada. A prima usava apenas uma camisola de linho claro, mas não demonstrava a menor inibição. Apenas parecia um pouco aborrecida por ter sido despertada depois de um dia longo e cansativo. Também se mostrava disposta a enfrentar qualquer coisa. Que mulher! Margaret gostava e respeitava Istvana, mas Liriel tinha uma firmeza que não era evidente na Guardiã de Neskaya. Ela calculou que Jeff devia tê-la chamado, sem acordar o resto da casa. Refletiu que a telepatia tinha

algumas vantagens em que ainda não pensara. Continuava a não gostar, mas podia compreender agora que era extremamente útil.

No momento em que Liriel chegava à base da escada, Mikhail apareceu lá em cima. Os cabelos claros estavam desgrenhados. Ele piscou aturdido, contemplando as pessoas lá embaixo, depois começou a descer.

— Ouvi vozes. O que aconteceu?

Margaret sentiu que relaxava à visão do primo Mikhail. Mais uma vez, ficava muito contente ao vê-lo, menos insegura. Era quase como se a presença de Mikhail lhe proporcionasse uma confiança que de outra forma carecia. Embora soubesse que isso era improvável, ainda assim gostava da sensação. E, como admitia para si mesma, havia mais do que contentamento pela presença do primo.

Ao mesmo tempo, o prazer por ver Mikhail deixava-a apreensiva. Os anos do domínio mental de Ashara haviam cobrado um tributo que só agora ela começava a entender. Era quase um reflexo manter-se apartada das outras pessoas, e ela descobria que tinha de fazer um esforço para superar o problema.

Jeff explicou tudo, enquanto Liriel se adiantava e tirava dos braços de Lew o corpo inerte de Donal. Foram para a grande sala de estar. Puseram o menino no sofá mais próximo da lareira. Liriel envolveu-o com o xale pendurado no encosto do sofá. Ajeitou-o numa posição confortável. Lew atizou as brasas quase apagadas na lareira, enquanto Jeff acrescentava mais lenha, e Mikhail acendia os lampiões. Todos se mostravam eficientes e calmos, como se aquilo fosse uma ocorrência normal, não algo terrível ou assustador.

Margaret sabia que a aparência exterior de todos escondia uma profunda preocupação. Despachara Donal para o mundo superior com umas poucas palavras mal escolhidas. Jamais desconfiara que seria capaz de fazer isso, que não era nada trivial. Como o trariam de volta? Ela se perguntou o que poderia fazer para ajudar. Ainda se sentia meio tentada a voltar para seu quarto, já que carecia do treinamento para ser de alguma utilidade.

— Não, Marja. Você mandou Donal sair de seu corpo — declarou o pai. — Agora tem de ser a pessoa que vai chamá-lo de

volta.

Pobre criança! Se eu a enviasse para cá, em vez de deixá-la ir para a universidade, tudo isso poderia ser evitado. Ou se eu a tivesse trazido de volta para casa... Ora, é tarde demais para lamentar o que passou. Agora, temos de fazer o melhor que pudermos.

— Devo chamá-lo de volta? Como?

— Devemos ir ao mundo superior, encontrar Donal e trazê-lo de volta — respondeu Liriel, como se estivesse sugerindo um piquenique à beira do lago. — Compreendo sua relutância, Marguerida. Mas a Torre dos Espelhos desapareceu, e não há nada no mundo superior que possa temer. Ainda bem que você tem um relacionamento pessoal com o menino, o que tornará tudo mais fácil.

— É fácil para você dizer isso, Liriel.

— Tio Lew, ainda é capaz de operar como um técnico?

— Estou bastante enferrujado, mas acho que sim. — o rosto cheio de cicatrizes abrandou. — Não esqueci meus anos em Arilinn... foi um período de felicidade para mim.

— Ótimo. Vou monitorar, enquanto você e Jeff evitam que Marguerida faça alguma besteira.

— Não me deixe de fora, irmã — murmurou Mikhail. — Não tenho todo o seu treinamento, mas também passei algum tempo em Arilinn, e sou competente.

— Sei que é, Mik, mas...

— Não é apropriada a minha participação, fora de uma Torre, mas Marguerida e eu somos grandes amigos, e tenho certeza de que posso ser útil.

Ela pode confiar em mim. Já confia, embora eu não possa dizer se sabe disso. É uma pena que eu seja o filho errado, mas nada se pode fazer para mudar essa situação. Somos amigos, e assim continuaremos, independente do que possa acontecer. Mas eu bem que gostaria que pudéssemos ser ainda mais.

Amigos? Margaret experimentou um imenso alívio ao ouvir essas palavras e os pensamentos de Mikhail. Um pouco do medo começou a se dissipar. Mas o frio interior, o medo da intimidade,

ainda a afligia. Uma coisa era trocarem comentários incisivos, caçoarem um do outro, falarem sobre terceiros. Era algo que poderiam fazer sem telepatia, se tivesse um pouco de privacidade. Outra muito diferente era entrar naquele tipo de intimidade que tivera com Istvana Ridenow durante sua primeira incursão ao mundo superior. Embora soubesse que a Guardiã fora bastante discreta, Margaret também estava consciente de que não havia quase nada sobre ela que a Guardiã ignorasse, depois da batalha com Ashara.

A idéia de seu pai ou Jeff entrarem em sua cabeça, de maneira tão íntima, já era bastante difícil de cogitar. A idéia da presença de Mik ali era muito diferente. Era uma coisa ao mesmo tempo desejável e ameaçadora. Não queria que Mik soubesse como ela se sentia, como confiava nele, adorava o som sua voz, a maneira como os cabelos encaracolados caíam sobre a testa, como a boca se curvava quando sorria. Não queria especialmente que ele soubesse como seu corpo esquentava pela proximidade dos dois.

Depois da sessão com Liriel, ela sabia que podia ter uma confiança total na prima. Fora mesmo apenas naquela manhã? Jeff também merecia confiança, embora ela não o conhecesse direito; e seu pai era quase um estranho. Uma situação incrível. Conhecera Lew Alton por toda a sua vida, mas não tinha a menor idéia de seu caráter. Sentia-se mais segura com Mikhail, a quem conhecia há menos de um mês, mais do que com qualquer outra pessoa na sala, à exceção de Liriel. A presença de Mikhail seria tranquilizadora, decidiu Margaret, lutando com suas emoções conflitantes.

Margaret percebeu que todos a fitavam, esperando que dissesse alguma coisa. Com o devido respeito, não escutavam seus pensamentos tumultuados. Dava para sentir a ambivalência na sala, como se fosse uma coisa palpável.

— Acho que ajudaria se Mikhail... Não sei como um círculo funciona. Istvana tentou me explicar, mas eu me sentia tão decidida a não ir com ela para Neskaya que... não prestei atenção! De qualquer forma, parece-me que mais pessoas é melhor do que menos.

Desde que mais não incluía tia Javanne, pensou ela.

Margaret sentiu a risada mental do pai. Pode ter certeza, Marja, que todos desejamos evitar que Javanne se junte a nós. Ela é muito competente, mas não gosta de você, e isso seria um problema.

Sei disso. Tentei me controlar, mas ela sempre me deixava na maior irritação.

Javanne pode fazer que até um cristoforo se irrite, chiya. Não me surpreenderia se soubesse que isso já aconteceu. Creio que você a faz lembrar de mim, e nunca nos demos bem.

Não, tio Lew, acho que está cometendo uma injustiça com minha mãe, interveio Mikhail. Apesar de seu forte senso de lealdade familiar e de seu desejo de acolher Marguerida como uma filha, ela não pode sentir afeto por minha prima. Nada tem a ver com você, Lew. o problema é ter outra mulher determinada sob o mesmo teto.

Chega de conversa!, declarou Liriel. Vamos começar logo a trabalhar!

— O que devo fazer? — perguntou Margaret. Istvana me deu kirian na outra vez em que estive no mundo superior. Prefiro não tomar de novo. Fez com que eu me sentisse muito estranha.

— Não tinha ainda pleno conhecimento do seu Dom, Marguerida -explicou Liriel, calmamente. — Pelo que pude verificar quando a monitorei hoje, tenho a impressão de que pode entrar em transe com bastante facilidade. o maior problema é seu medo.

Margaret soltou uma risada apreensiva.

— Esse sempre foi o problema. — Ela viu que o pai tinha uma expressão séria e angustiada. — Um pouco daquele incenso que você costuma fazer ajudaria muito... deixou-me bem calma esta manhã.

— Devo ter deixado minha inteligência no travesseiro.

Liriel deixou a sala numa agitação da camisola volumosa. Margaret estremeceu. Tinha os pés gelados. Ela olhou para Donal, estendido no sofá. Inclinou-se para ele. Pegou sua mão e constatou que também estava gelada. Teve vontade de pegá-lo no colo, comprimí-lo contra seu peito, esquentá-lo com o calor de seu corpo.

Ele parecia muito pequeno ali. Margaret sentiu-se impotente. Se não tivesse aquela terrível visão, se Domenic não ficasse ferido

com tanta gravidade... Por que ninguém se dera ao trabalho de lhe explicar que seria capaz de compelir as pessoas a fazerem coisas só pela força de sua voz? Era uma cantora treinada; portanto, era lógico que tinha uma voz poderosa, não é mesmo? Todos insistiam em lhe dizer que era perigosa, mas ninguém parecia disposto a lhe relatar o que precisava saber sobre seus talentos recém-descobertos. Limitavam-se a afagar sua cabeça e garantir que poderia aprender o que precisava saber numa Torre! Jeff, ela se lembrou, manifestara a intenção de conversar a sós com ela, só que não tiveram tempo.

E se ela não conseguisse chamar Donal de volta? Sabia que nunca se perdoaria, se fosse esse o resultado de sua ignorância. Mas não tinha a culpa exclusiva, não é mesmo? Margaret lançou um olhar furioso para Jeff e seu pai, aquecendo-se junto ao fogo enquanto esperavam o retorno de Liriel. Gostava de Donal mais do que imaginara. Apreciava sua perspicácia e sua inteligência. Era um menino muito seguro para sua idade. Margaret imaginou se algum dia demonstrara tanta confiança em si mesma. Duvidou dessa possibilidade.

Lew sustentou o olhar da filha com uma expressão solene. Ela corou, furiosa, desejando não ter olhado para o pai daquela maneira. Sem perceber, Margaret tentou se fazer invisível, como acontecia quando era criança. Poderia ter conseguido, se não fosse pela presença de seu pai e de Mikhail. o homem mais jovem postava-se a alguns passos de distância, mas ela tinha a sensação de que ele se encontrava a seu lado, tão perto que podia sentir seu cheiro. Era uma sensação perturbadora. Sua pele parecia pequena demais para o corpo. Havia a impressão de que parecia prestes a explodir com a tensão.

Que tremenda confusão ela criara! Os Lanarts haviam-na acolhido em Armida da melhor forma possível, mas ela insistira em ser obstinada. Se ao menos pudesse ter gostado mais de Gabriel ou Rafael, ou se a família não estivesse tão empenhada em casá-la com um deles... Se Mikhail fosse seu pretendente, poderia ser diferente.

Margaret surpreendeu-se tanto com esse rumo de seus pensamentos que quase engasgou. Tinha certeza de que os Lanarts

ficariam contentes agora que ela decidira não casar com um dos seus filhos. Javanne se sentiria feliz ao saber que nunca mais a veria. De qualquer forma, ter tia Javanne como sogra seria horrível.

Se você tivesse escolhido qualquer um dos meus irmãos, prima, ela teria abrandado. Mas não está acostumada a não impor sua vontade.

Ainda não entendo por que...

Por que não sou um dos seus ardentes pretendentes? Pode ter certeza de que eu seria, sem a menor hesitação, se pudesse. Somos capazes de rir juntos, o que é maravilhoso.

Então qual é o problema? Tenho certeza de que você não sente medo de seus pais.

Pense um pouco. Minha mãe é irmã de Regis Hastur. Se ela se decidisse contra uma união, acho que conseguiria prevalecer. E meu pai e irmãos provavelmente nunca me perdoariam. Sentem inveja de mim desde que Regis escolheu-me para seu herdeiro. Cresci sabendo que meu pai não gostava de mim, e que meus irmãos achavam que eu roubara alguma coisa que por direito lhes pertencia. É verdade que Rafael nem tanto, mas Gabe...

Eu sei. Ele é o tipo de homem que sempre acha que não tem o suficiente, por mais que tenha.

É uma justa avaliação. E agora que seu pai voltou, tudo se torna ainda mais difícil. Por direito, Armida é dele, o que leva meu pai de volta a oposição de parente pobre que ocupava antes de Lew deixar Darkover. Não pode imaginar como ele invejou seu pai durante a vida inteira.

Mas meu pai nunca os expulsaria de Armida! Ele não é desse tipo. Margaret olhou para o pai, mas ele se achava absorvido numa conversa com Jeff, parecia não prestar qualquer atenção. Agora que pensava a respeito, ela não tinha certeza se Lew não despejaria Dom Gabriel e Lady Javanne. Não o conhecia; até onde podia saber, ele seria capaz de qualquer coisa.

Acho que você tem razão, Marguerida, mas meus pais desconfiam de Lew. Quando minha mãe o chama de corvo da tempestade, não está totalmente errada.

Ainda não entendo por que seria certo para mim casar com seus irmãos, mas não com você.

Pensei que não queria casar.

Sempre posso mudar de idéia. Sou uma mulher, no final das contas, e as mulheres...

Sei que é uma mulher, Marguerida. Esse fato não saiu de minha mente desde a primeira vez em que a vi... e compreendi que era o único homem em Darkover que nunca poderia tê-la. Meu pai quer Armida para Gabe, e minha mãe sempre o preferiu, em detrimento dos outros filhos.

Não diga bobagem. Gabe é como seu pai, e ela não gosta dele nem um pouco. Margaret hesitou, no momento em que Liriel voltava à sala com uma pequena bolsa. Suponho que também não poderia fugir comigo, não é? Ela sentiu as faces ficarem vermelhas com sua ousadia, mas não se arrependeu. Era a primeira vez em sua vida em que se sentia audaciosa diante de um homem. Saboreou a emoção.

Que idéia mais incrível! Eu concordaria sem a menor hesitação, se não fosse pelas conseqüências. Mikhail não parecia nem um pouco chocado, mas sim satisfeito pela sugestão. Mais do que isso, parecia até rir gentilmente. Margaret sentiu calor, apesar dos pés frios e do medo pelo que a aguardava.

Lew e Jeff pararam de conversar. Liriel mandou que todos sentassem. Jogou suas ervas na lareira. o cheiro forte e adocicado espalhou-se pela sala. Margaret começou a se sentir menos assustada. Também se sentia menos cansada, como se a fumaça lhe proporcionasse energia. Fechou os olhos e ouviu o sussurro de tecidos. Sem precisar abrir os olhos, sabia que as pedras estavam sendo desembrulhadas. o pequeno grupo foi se tornando mais e mais unido.

Era uma curiosa sensação, de aconchego e intimidade, como braços acolhedores. À medida que aumentava, Margaret compreendeu que sempre desejara essa união, que a ausência em sua vida fora um vazio que jamais conseguira preencher. Sentiu o pai, forte como um carvalho antigo, uma força que nunca desconfiara que ele possuía. Havia mais do que força em Lew. Como ela pudera ignorar que o pai era um homem apaixonado e dedicado?

Nunca o conhecera! Por que haviam se mantido apartados durante tanto tempo? Pesar e perda a sufocaram, e ela quase chorou.

Eu sei, Marja, eu sei. Mas agora estou aqui, e devemos encontrar um meio de compensar o passado.

O cheiro do incenso abrandava suas emoções. Relutante, Margaret retirou a luva de couro da mão. A umidade fizera com que o couro se tornasse duro e ressequido. Os traços azuis quase invisíveis na palma começaram a esquentar. Não era uma sensação agradável, mas também não era dolorosa. Como Liriel dissera? Uma matriz de sombra. No momento em que Margaret pensou essas palavras, o padrão de linhas em sua mão flutuou em sua mente, de maneira um tanto nebulosa. Ela tentou se concentrar nisso. As linhas se tornaram mais sólidas, densas e fortes.

Nas facetas do padrão, ela "viu" o pai, Mikhail e o velho Jeff; não seus rostos, mas algo dinâmico, como uma luz sem qualquer fonte. A energia de Jeff era forte, mas um tanto avariada. A de Jeff era tão clara que quase doía em seu olho interior. Mas foi a luz de Mikhail que mais atraiu sua atenção.

A energia do primeiro era forte, tão forte quanto a de qualquer dos outros homens, mas anuviada pela dúvida e desapontamento, por tanta solidão, que ela teve vontade de chorar. Os vapores das ervas de Liriel haviam-na acalmado tanto que não houve lágrimas, mas o desejo de chorar deixou sua garganta com a sensação de fechada. Queria tocar a luz de Mikhail e deixá-la clara, mas sabia que não podia. Tinha de deixar como estava, por mais que ansiasse por curar todas as mágoas do primo.

Fora do padrão tremeluzindo em sua mente, Margaret teve consciência da presença de Liriel, guardando o grupo silencioso. Sua luz era suave, como a lua cujo nome recebera, mas tão clara e focalizada que Margaret se sentiu linda mais calma do que antes. Relaxou sob o controle seguro de Liriel. A percepção de seu corpo se desvaneceu. Por um momento, nada aconteceu. Depois, ela sentiu que subia... subia... para a planície do mundo superior. Num instante estava num sofá, no seguinte pairava sobre a vastidão além. O mundo superior estendia-se em todas as direções. Margaret divisou as reluzentes Torres de Darkover, refletidas na luz daquele outro

lugar. Aqui e ali havia sonhadores em movimento, procurando seu caminho para objetivos desconhecidos. Era um lugar tão vasto que ela se perguntou como poderia encontrar alguém, ainda mais um menino pequeno, exilado de seu corpo.

Para onde Donal teria ido? O que significara "fora" para ele? Margaret esquadrinhou as Torres astrais, procurando o menino. Não encontrou o menor vestígio. Olhou para caminhantes sonhando, mas mesmo destreinada já sabia que não eram o que buscava.

O desespero começou a corroê-la. Desespero e culpa. Se tivesse ido para uma Torre, como Istvana insistira, nada daquilo teria acontecido. Se, se...

Acalme-se, Marja. Está indo muito bem.

A voz de Lew surpreendeu-a um pouco, porque esquecera que não se encontrava sozinha. Era uma sensação aterradora. Margaret passara tanto tempo sozinha que aquele senso de intimidade era estranho e ameaçador. E não apenas isso, porque era também a primeira vez em que se sentia em estreita união com o pai. Era o fim de um exílio que ela não sabia que sofria, e quase abalou seu precário equilíbrio emocional.

Eu sei, criança. Mas procure agora onde já estive antes.

Como assim?

Esta não é a sua primeira visita ao mundo superior. Procure onde estive antes.

Mas destruí a Torre de Espelhos!

No mundo superior, nada jamais é completamente destruído.

O medo, que ela mantivera à distância até então, veio correndo nesse momento, à idéia de que ainda pudesse existir algum resquício do terrível lugar em que, num certo sentido, estivera cativa durante tantos anos. A última coisa que Margaret queria era outro encontro com a sombra de Ashara Alton. Ela ficou paralisada, e o mundo superior também se imobilizou.

E nesse instante ela sentiu que alguma coisa dissipava seu medo, algo calmo e sereno. Compreendeu que não era o pai, mas Mikhail. Foi como o roçar de um beijo em seu rosto. Embora não houvesse nada de erótico no contato, havia tanta paixão que ela sentiu o coração disparar dentro do peito. E agora, ao sentir a

energia do primo ao seu redor, teve certeza de que fora ele quem a acompanhara na outra ocasião, exortando-a a arrancar a pedra da Torre de Espelhos. Margaret soube que sempre se lembraria daquele momento, que fora a intimidade mais preciosa que já experimentara.

Sentiu a alegria disparar por seu sangue, o coração bater muito alto, muito depressa. Mas Liriel logo tornou a contê-lo, pelo que sentiu-se grata à prima. E ao primo também. Mikhail atenuara o fardo de seu terror, enquanto Liriel firmava sua pulsação.

Margaret mais uma vez esquadrinhou a planície. Ignorou os sonhadores e as Torres fantasmas. Procurou o único lugar para onde não queria ir. A princípio, foi uma busca inútil, porque a planície parecia vazia. Não havia um único fragmento de espelho. Isso dissipou mais um pouco seus medos ainda persistentes.

Maggie... Maggie... por aqui.

Ouvir o nome pelo qual Ivor a chamava, a única pessoa que a chamava assim, foi chocante. Margaret virou-se na direção do som, mas não havia nada para ver. Flutuou para lá. O mundo superior parecia passar por baixo como um borrão.

Ivor! Margaret chamou com uma voz que não era uma voz. Um ar que não era ar entrou em seus pulmões. Onde você está?

Não posso dizer com certeza. Acho que estou no limbo. Mas não me importo, porque a música é excelente.

Este não é o momento para brincadeiras, Ivor.

Sei disso. Mas nunca me permiti brincadeiras antes. Ah, você está perto agora!

Por que não posso vê-lo?

Não sei. Também não posso me ver. Portanto, talvez seja esse o problema. Tenho pairado aqui há bastante tempo, ouvindo as canções da estrela. Sempre soube que havia uma música das Esferas Celestes e agora a descobri.

Ivor, se você não pode ver a si mesmo, então não posso encontrá-lo. Margaret não entendia como sabia disso, mas tinha certeza absoluta. Pior ainda, queria desesperadamente "ver" seu mentor mais uma vez. Não se despedira de Ivor, e agora tinha a oportunidade de fazê-lo. Quase esqueceu Donal e o propósito de sua presença no mundo superior em sua ansiedade de rever Ivor.

Tem toda a razão, Maggie. Mas Ida sempre diz que mal posso ver minha mão diante do rosto, quando estou absorvido na música. Puxa, como isto é difícil! Sinto-me ainda mais vago do que o habitual. Ah, aqui está minha mão... estranho, parece que me livrei da artrite.

A mão brilhou na claridade do mundo superior. Um vulto começou a se delinear por trás. Ivor Davidson apareceu, um pouco indistinto, tremeluzindo. Não era o velho que morrera e fora enterrado no cemitério terráqueo em Thendara. Era um homem na casa dos trinta anos, cabelos escuros, empertigado e forte. Margaret nunca o vira nessa idade, mas não teve a menor dificuldade para reconhecê-lo. Ele sorria para ela, que retribuiu. Em algum lugar, bem distante, ela sentiu uma pontada de sentimento insidioso, inveja ou qualquer coisa parecida, mas tratou de ignorar.

Nunca pensei que você tivesse sido tão bonito, Ivor.

Como acha que conquistei um grande prêmio como Ida? Você está perdida? Eu estou perdido?]â tentei encontrar o caminho de volta para a casa de Everard, mas não consigo chegar lá. Gosto deste sonho, mas há coisas...

Ivor, estou procurando um menino. Por algum motivo, Margaret não foi capaz de dizer a seu amado que ele estava morto, não sonhando. Ele tem seis ou sete anos, cabelos escuros, veste um camisolão de dormir.

O que você quer com esse menino? Ora, não importa. Sempre estive à procura de alguma coisa, durante todos os anos que passamos juntos. Eu sabia que você procurava algo, mas nunca imaginei que fosse um menino.

E uma criança perdida, Ivor. Se eu não o encontrar e levá-lo para casa, ele vai morrer.

Isso é diferente. Encontrou o que procurava... a outra coisa? Espero que sim, porque sempre desejei que você fosse feliz.

Serei feliz depois que levar Donal são e salvo para a cama.

Já falei que me sinto contente por vê-la, Maggie? E muito. Você foi uma luz em minha vida.

Oh, Ivor! Também me sinto contente em vê-lo.

Agora, vamos ver o que posso fazer. O nome é Donal? Ele sabe cantar?

Não que eu saiba. A obsessão de Ivor pela música podia ser irritante. Preciso muito encontrá-lo, Ivor.

Experimente naquela direção. A figura apontou. Há escombros ali, e acho que vi um movimento. E difícil ter certeza. A direção não faz muito sentido por aqui.

Ivor! Por um momento, as palavras faltaram a Margaret. Não sabia como expressar sua afeição e gratidão. Foi nesse instante que ela se sentiu amparada, voltou a ter segurança. Não teve a menor dúvida de que foi a presença de Mikhail. Você foi o melhor amigo que já tive, Ivor querido! Deu-me tanta coisa!

Ahn... entendi agora. É por isso que a artrite desapareceu... não estou mais em meu corpo. Que pena! Eu já pensava em escrever um ensaio sobre a música das Esferas Celestes. Estou achando muito interessante, porque não é o que se espera que a morte seja. Como está Ida?

Triste, é claro. Sente saudade... e eu também, mais do que tenho palavras para dizer. Sinto tanta a sua falta! Era o lamento de uma criança.

Não deve lamentar, Margaret. É uma perda de tempo. Agora, vá procurar seu Donal. As Esferas iniciaram outra música e quero ouvir. Não tem idéia da complexidade, não é mesmo? Uma pena, porque poderia escarnecer do velho Verlaine, ao voltar à universidade, se pudesse lhe falar a respeito. Mas ninguém jamais acreditaria que os mortos podem ouvir as estrelas em suas harmonias. Fico feliz em vê-la aqui, Maggie. A música é incrível.

Obrigada, Ivor. Obrigada por tudo. E adeus. Ele sumiu, e Margaret ficou outra vez sozinha. Sentiu a ausência de seu mentor como uma lâmina fria cravada em seu coração, mas apenas por um instante. Logo passou, e ela compreendeu que nunca mais tornaria a ver Ivor, a não ser em sua memória. Sentiu que seu pesar se dissipava, ao compreender que o mentor tinha uma vida posterior que era tão perfeita quanto qualquer coisa que ele poderia desejar. Ivor sentia-se contente. Lamentava apenas não ser capaz de publicar suas descobertas. Um autêntico acadêmico, sempre. Era

uma conclusão confortadora. Ela sentiu que alguém a observava, divertido e comovido. Seu pai ou Jeff, calculou, porque não parecia nem um pouco com Mikhail.

Tratou de se concentrar de novo na missão que tinha ali. Seguiu na direção indicada. Tinha de concordar que o mundo superior era mesmo desconcertante. Depois do que podia ter sido um instante ou uma hora, avistou o que parecia ser um monte de pedras antigas, pedras de construção, dando a impressão de terem sido separadas pela mão de um gigante. Sua palma latejou, e ela compreendeu que fora sua própria mão. Não era um sentimento fácil. Margaret ficou tensa, apesar da influência de Liriel e do incenso.

Ao alcançar as ruínas, ela compreendeu que era o lugar que temia, mas também o lugar que procurava. Havia fragmentos de vidro entre as pedras, refletindo estrelas que não brilhavam lá em cima. Margaret evitou um olhar direto, pois tinha certeza de que os pedaços de espelho eram perigosos. Os restos da Torre astral de Ashara pareciam vazios, mas as linhas de matriz pulsaram sob a pele fantasma. Ela meio que esperou que o fantasma da mulher surgisse dos escombros e lhe falasse.

Donal! Donal Alar... venha até aqui imediatamente!

Estou com medo. A resposta era fraca. Margaret não pôde determinar de onde vinha.

Agora estou aqui. Não precisa mais ter medo, Donal. Ela desejou ter mais experiência em falar com meninos... e também não se sentir tão apavorada. Ainda está zangada comigo?

Não, Donal, não estou zangada com você. Apenas preocupada. Este não é um lugar apropriado para nós dois. Venha até aqui.

Desculpe ter dado um susto em você. O vulto do menino apareceu, como se tivesse se materializado de um caco de vidro. Parecia assustado.

Está tudo bem agora. Não houve nenhum mal, exceto que você veio parar aqui, em vez de ir para a cama, que é o seu lugar.

Eu não sabia para onde ir.

Nem podia saber. Pegue minha mão, Donal. Assim está bom. Margaret puxou-o. Um momento depois, comprimiu-o contra o peito

com a mão que não tinha qualquer marca. Sentia que tocá-lo com a outra mão seria fatal. Seu coração batia forte, a exaustão corria pelas veias como um veneno insidioso. Como vou sair daqui?

Ela correu os olhos pela Planície e avistou as Torres. Por um momento, parecia não haver mais nada ali. Margaret sentia-se perdida e sozinha. Depois de um longo momento, no entanto, divisou uma coalescência que não era uma Torre, mas um aglomerado de luz. Compreendeu que era sua família em Armida, amparando-a, à sua espera.

Margaret flutuou na direção dessa luz, aumentando a velocidade, ao mesmo tempo em que quase não se mexia. Logo experimentou a sensação de que era puxada por mãos fortes, firmes e afetuosas. Sentiu a determinação de Jeff, a força de seu pai. Acima de tudo, porém, o que a atraiu foi o senso de Mikhail Lanart-Hastur. Carecia da força do pai e da segurança de Jeff, mas o que tinha em grande quantidade era o amor que ela não sabia que ansiara por tanto tempo.

Capítulo Vinte e Três

O mundo superior desapareceu abruptamente, sem qualquer transição. Margaret descobriu-se arriada no sofá, ao lado de Donal. Os rostos preocupados de sua família a cercavam: o pai, solene e sério; Jeff, com uma aparência de extremo cansaço; Mikhail sorrindo e fitando-a nos olhos; e Liriel com uma expressão indecifrável. Quando ele sorri, pensou Margaret, parece mesmo com um anjo.

Margaret sentou, bem devagar. o rosto estava molhado de suor, as mãos e os pés pareciam pedras de gelo. A camisola grudava nos seios com a umidade fria, mas ela não teve pensamentos de recato. Havia um gosto horrível na boca. Ela estremeceu e desejou ter vestido um roupão antes de começar, mas agora era tarde demais para pensar nisso. Liriel desapareceu. Voltou logo em seguida com um xale de lã, recendendo a lavanda. Margaret ajeitou-o em torno dos ombros. Era um imenso conforto, como as pessoas ao redor.

Ela baixou os olhos para a mão esquerda, curiosa. As linhas estavam escuras, mas esmaecendo, como se recuassem para dentro da pele. Margaret detestava aquela matriz de sombra, embora lhe proporcionasse uma coisa que nunca tivera antes. Relutante, ela tornou a cobrir a mão com a luva repulsiva.

Donal também sentou no sofá. Olhou para os adultos, esfregando os olhos. Ao que tudo indicava, não fora afetado pela aventura. Como vim parar aqui? Estou morrendo de fome!

Isso fez com que todos rissem, inclusive Margaret.

Você está sempre com fome. Lembra o que aconteceu?

Ela flexionou a mão contra o couro enrijecido. Deve haver alguma coisa que eu possa usar que não seja tão horrível.

— Lembro que tentei dar um susto em você, e mais nada.

Ele tornou a esfregar os olhos. Depois, aproximou-se de Margaret, confiante, e aconchegou-se. Ela olhou para os cabelos despenteados e sentiu uma coisa que nunca experimentara antes. Donal parecia limpo e saudável, não havia qualquer indicação de que

acabara de vaguear por aquele lugar. Que menino maravilhoso! Talvez a maternidade não fosse tão ruim quanto ela imaginara.

Quando levantou o rosto, Margaret descobriu que Mikhail a observava, indiretamente, com uma expressão indecifrável no rosto cansado. Toda a sua energia anterior desaparecera, ou fora abafada. Ela lembrou como Mikhail lhe parecera quando estava de olhos fechados, um homem extraordinário e ao mesmo tempo perturbado. E depois ela se perguntou que impressão causara, não o seu eu físico indecoroso, mas aquela outra Margaret que ainda mal conhecia.

Você foi esplêndida, prima! o pensamento em resposta de Mikhail animou-a, embora se censurasse pela vaidade, por precisar de aprovação. — Estou com fome! Posso comer alguma coisa? A voz estridente de Donal interrompeu os pensamentos de Margaret. Ela descobriu que também sentia muita fome. Perguntou-se se algum dia voltaria a ter um pensamento ou sentimento particular. Olhou para o pai. Lew ergueu os braços e esticou o corpo. Deu para ouvir os estalos na coluna. Ele parecia diferente. Só que não era a mesma diferença que ela notara durante o jantar. o que teria mudado?

Agora eu a conheço como nunca conheci antes. o pensamento em resposta era impregnado de uma afeição serena, com uma certeza que deixou Margaret exultante. Era uma sensação intensa, ao mesmo tempo íntima e profundamente respeitosa. Ela gostara da intimidade que experimentara no círculo de sua família, mas fora ao mesmo tempo um pouco opressiva. Havia se acostumado a ficar sozinha e apartada. Não sabia o que era ser conhecida, muito menos aceita. Algum dia me sentirei à vontade com isso?

— Entre as pessoas com o Dom de Alton, lamento dizer, o que você considera como privacidade é quase desconhecido — murmurou Jeff, em resposta à pergunta tácita. — Quando casei com Elorie, isso me deixava bastante ressentido. Não que adiantasse. As coisas são como são. Ou você se acostuma, ou não se acostuma. Mas tem de aprender a conviver com o fato.

E ponto final.

— Que maravilha! — resmungou Margaret, cansada demais para ser polida.

Jeff riu.

— A vida não é justa, Marguerida, e nunca é fácil. Pense como seria chata se fosse.

— Juro que neste momento eu ficaria muito contente com dez anos de chatice. Já tive aventuras em quantidade suficiente, desde que cheguei em Darkover, para durar pelo resto de minha vida. Até aprenderia a bordar, se pudesse ter certeza de que minha vida não seria mais emocionante.

Foi a vez de Liriel rir.

— Nunca ouvi ninguém ansiar tanto por uma vida insípida, Marguerida.

— Neste momento, eu trocava Armida e o Dom de Alton por um bom banho quente e a promessa de constante tranqüilidade.

Lew fitou-a com um meio sorriso.

— o banho pode ter de graça, Marja, mas o resto... acho que não. Tenho um forte pressentimento de que suas aventuras mal começaram.

— Essa não! Eu lhe agradeceria se guardasse só para si todo e qualquer presságio de Aldaran, pai! Já causaram problemas demais por hoje. Vamos fazer uma excursão à cozinha, Donal, antes de desmaiarmos de fome.

Enquanto levantava-se com o menino e deixava a sala, Margaret teve certeza de que Liriel, Jeff e Lew falavam a seu respeito silenciosamente. Forçou-se a não "ouvir" a conversa, porque só serviria para deixá-la irritada naquele momento. Sabia muito bem que quase não tinha opção além de ir para uma Torre receber treinamento, quer quisesse ou não. Não sabia se seria uma boa técnica, como Liriel ou seu pai, e como seria trabalhar na intimidade de um círculo completo. A perspectiva a assustava. Conseguira se ajustar à família, mas não tinha certeza se aceitaria com a mesma facilidade os pensamentos de estranhos.

Mas Margaret logo riu para si mesma. Apenas um mês antes ela achava que toda aquela história de telepatia era absurda. Agora, tentava encontrar um meio de se ajustar.

Mikhail alcançou-a quando ela e Donal entraram na enorme cozinha. Era imensa, com duas lareiras, um forno que parecia uma

colméia, e três mesas compridas estendidas no centro. Painéis brilhantes estavam penduradas nas paredes e empilhadas nos balcões. O lugar recendia a limpeza e os cheiros persistentes da comida ali preparada.

— Falou sério quando sugeriu que fugíssemos, prima, ou estava caçoando de mim outra vez?

A pergunta surpreendeu-a, mas foi uma surpresa agradável. Mikhail atravessou a cozinha e abriu um armário. Tirou uma travessa com carnes que sobrara do jantar e pôs numa mesa. Encheu um bule com água e pôs na lareira ainda quente. Donal sentou à mesa. Parecia ansioso quando tirou um pedaço de carne da travessa, pôs em seu prato e começou a devorar.

— Eu não estava caçoando de você, Mik, mas falava de brincadeira. Sei que criaria muitos problemas, e neste momento não tenho certeza do que quero fazer com a minha vida.

— Exceto aprender a bordar e ter uma existência insípida. Saiba que eu a invejo. Como já estive em outros mundos, pode agora pensar em assentar.

Margaret sentiu-se um pouco alarmada pelo tom de suas palavras. Estava cansada demais para querer discutir o futuro, qualquer futuro. Seu único interesse no momento era comer e voltar a dormir. Seus olhos comichavam um pouco. Tentou focalizar alguma coisa que não tivesse maior importância, que não tivesse emoções inerentes. Não queria pensar na aparência de Mikhail no mundo superior, como ela própria devia ter parecido para ele. — Mikhail, se alguma vez me visse costurando, saberia que nunca seria capaz de aprender a bordar. Dio fez o melhor que podia para me ensinar, mas nunca consegui dar um ponto francês, e meus pontos cruzados nunca eram iguais.

A arte feminina do bordado era o assunto mais seguro que ela podia imaginar.

— Sei o que é um ponto cruzado, pois Liriel e Ariel costumavam fazê-lo quando eram mais jovens. Mas nunca ouvi falar de um ponto francês. o que é isso?

Margaret sentou ao lado de Donal e tentou lembrar. Ao que tudo indicava, Mikhail também preferia falar de um assunto neutro.

Margaret fitou-o e compreendeu que ele não fizera a pergunta porque era segura, mas sim porque estava mesmo interessado. Mikhail daria um esplêndido pesquisador, se tivesse ido para a universidade. E que contraste com o pai e os irmãos, que pareciam não ter qualquer interesse além de criar cavalos e fazer filhos! Ocorreu-lhe que encontrara bem poucas pessoas em Darkover interessadas por coisas que ainda não sabiam. O analfabetismo de Ariel e Gabe não era uma questão de leitura, mas uma ausência de curiosidade.

— Você levanta a agulha, passa o fio em volta duas vezes, depois enfia a agulha bem perto do ponto por que passou antes. Só que eu sempre voltei para o primeiro buraco, e meus nós se desfazem. É uma coisa irritante.

— Ah, isso... Nós chamamos aqui de Ponto de Guardiã.

Mikhail meteu algumas folhas num bule para um chá. Pôs pratos vazios na mesa, pegou pão, mel e creme grosso.

— Liriel também detestava, mas Ariel adorava. Fez centenas desses pontos.

Foi nesse momento que Lew e Liriel entraram na cozinha, com Jeff logo atrás. Suas expressões eram solenes, um pouco conspiradoras. Margaret observou-os, enquanto cortava uma fatia de pão e passava mel.

— Decidiram o que pensam que vão fazer comigo?

Ela falou em tom de desafio, porque era verdade. Poderia ir para uma Torre, mas continuaria a mandar em sua vida, a fazer suas opções. Precisava ter o mínimo de controle que ainda restava em sua vida. Lew e Liriel trocaram um olhar, enquanto Jeff se mostrava contrafeito, como se tivesse sido surpreendido com a mão no pote de biscoitos. Lew esfregou a nuca com sua única mão.

— Não, mas discutimos o assunto.

— Um café a manteria acordada por mais algum tempo, Marguerida? — perguntou Jeff, antes que ela pudesse responder ao pai.

— Nada poderá me manter acordada, mas um café seria bem-vindo. E então, pai, devo casar com o jovem Gabriel, ou ir para uma Torre e ficar trancafiada ali?

Lew sentou ao lado da filha.

— Sua propensão para o dramático não diminuiu com o passar dos anos.

— Pelas histórias que eu ouvi desde que cheguei a Darkover, você também era dramático antes de partir.

Istvana fizera um relato da Rebelião de Sharra e a participação de seu pai, bastante censurado, ela desconfiava, mas ainda assim com detalhes suficientes para levá-la a pensar que Lew Alton devia ter sido uma figura e tanto na juventude. Ele suspirou, parecendo ter todos os seus anos no cansaço.

— E constato que ainda tem o hábito inquietante de dizer o que pensa. Não achamos que deve casar com Gabriel... para resguardar as portas de Armida.

Margaret riu, enquanto o pai continuava a falar:

— Pode fazer bastante café para que eu também possa tomar, Jeff? Eu gostaria que houvesse algum lugar no planeta em que se pudesse cultivar o café. Mas achamos que seria uma irresponsabilidade total se não a levássemos para treinamento em Arilinn.

— Concordo, mas não tenho certeza sobre Arilinn.

— Como?

Margaret não pôde determinar se o pai se surpreendia com sua repentina capitulação ou por sua relutância em considerar a Torre na qual ele fora treinado.

— Concordo que preciso ser treinada. Nunca, mas nunca mesmo, quis fazer com alguém qualquer coisa que a pessoa não quisesse. O mundo superior me apavora. Ser uma telepata me apavora. Preferia ter os cabelos crespos ou um busto maior, se pudesse escolher.

Esse comentário fez com que todos à mesa rissem, exceto Donal, absorvido em tentar comer toda a carne em seu prato com duas mordidas.

— Mas por que não Arilinn? É a principal Torre de Darkover. Todo mundo vai para lá.

— Foi o que me disseram. Mas tenho o pressentimento de que devo começar em Neskaya, com Istvana Ridenow. — Margaret fez

uma pausa, franzindo o rosto. Não sabia disso até falar, mas agora tinha certeza. — É contra as regras?

Jeff virou-se do balcão em que mexia o café moído num filtro de papel.

— Não é contra nenhuma regra, Marguerida, embora eu deva dizer que rompe um pouco com a tradição. Para ser franco, nenhum de nós pensou a respeito. Tem alguma objeção a ser treinada por mim?

— Claro que não, tio Jeff. — Margaret mastigou o pão por um instante. — Mas acho que o Dom de Alton é tão forte, tão poderoso, que trabalhar com uma pessoa que tem empatia o tornaria mais controlado.

E tenho um vínculo com Istvana que não existe com qualquer outra pessoa.

Houve um silêncio prolongado na cozinha. Jeff pegou a chaleira com água fervendo na lareira, foi despejar no bule de café. O aroma agradável impregnou o ar. Mikhail trouxe mais comida para a mesa, olhou para Margaret e ofereceu-lhe um maravilhoso sorriso de apoio. Neskaya não fica muito longe de Ardais. Posso ir até lá sempre que seus deveres permitirem.

Pode me ver até mesmo quando meus deveres não permitirem, seu bobalhão!

Como posso resistir a pensamentos tão ternos?

O que o faz pensar que quero que resista?

Esse diálogo secundário só despertou comentários de Liriel. Ela olhou do irmão para Margaret, franziu o rosto, depois deu de ombros. Então é assim que o vento sopra entre vocês, hem? Deveríamos ter percebido, adivinhado tudo, é claro. Confesso que me sinto satisfeita, mas também agoniada, porque nossos pais não demonstrarão a menor disposição para apoiar essa união, como sabe muito bem, Mik.

Sei, sim... mas o que posso fazer? Não é culpa se tanto potencial de poder se concentra em minhas mãos e nas de Marguerida.

Está sendo lógico, Mik, como costuma ocorrer com frequência. A situação, porém, não tem nada de lógica. Liriel conseguia manter

uma expressão severa. Nosso pai nunca permitiu que a lógica o guiasse, enquanto a mãe... ora, sabe muito bem que ela está determinada a manter Armida em suas mãos. É quase obcecada pela propriedade, como se fosse sua terra ancestral, não a de seu marido. Creio que posso explicar, interveio Lew. Javanne é ambiciosa. Já era ambiciosa quando era jovem. Queria comandar tudo, mesmo quando éramos crianças. Mas havendo muito pouca oportunidade para uma soberania feminina em Darkover, ela foi forçada a se contentar com casar na mais poderosa família que pôde conseguir. Mas trocaria Armida pelo Castelo do Comyn sem hesitar, se surgisse a chance. Não é bom, como descobri em meu tempo na Federação, manter um sexo confinado, deixando o outro fazer o que bem lhe aprouver.

Você fala como se ela quisesse a posição de Regis, o que é impossível! A voz mental de Liriel tinha uma certa rispidez.

Na imaginação, Ariel, qualquer coisa é possível... absolutamente qualquer coisa!

Houve silêncio na cozinha. Jeff serviu o café. Donal, empanturrado, soltou um sonoro arrote, sem a menor inibição. Limpou a boca com o dorso da mão. Esticou-se no banco, usou a coxa de Margaret como travesseiro, e caiu num sono profundo.

— Marguerida tem razão num certo sentido. — Liriel falou suavemente, como se tivesse posto de lado os pensamentos perturbadores a respeito da mãe, preferindo se concentrar em coisas que podia entender. — Istvana é a Guardiã mais inovadora que temos em muitos anos... desde Cleindori, para ser mais precisa. Sei que você tem tentado mudar as coisas, Jeff, mas vem nadando contra a correnteza. Qual é a sua opinião, tio Lew?

— Tenho a sensação de que fui sugado através de um ralo de volta ao passado, se quer saber a verdade. A viagem de Thendara demorou mais tempo do que eu imaginava. Há muitos anos que não passava um longo período num cavalo. Mas qual é a minha opinião sobre Neskaya em vez de Arilinn? Estive ausente durante muito tempo para ser capaz de julgar. E, para ser franco, ando tão angustiado pela preocupação com Diotima que não confio em meu julgamento mais do que o necessário. Gostaria de discutir o

problema com Regis. — Ele apertou de leve o ombro da filha. — Mas Marja pode estar certa, e um Dom de Alton mais controlado e sábio me parece uma excelente idéia. Não sei por que ninguém pensou nisso mais cedo.

— Obrigada.

Margaret não podia se lembrar de qualquer elogio anterior do pai. Teve vontade de chorar de alegria. Afagou os cabelos de Donal, sentindo-se mais contente do que jamais imaginara que fosse possível.

— Marguerida pode partir para Neskaya... — começou Liriel.

— Não irei para lugar nenhum, enquanto não me encontrar com Dio! Agora que decidira seu curso de ação, ela queria adiar o início pelo máximo possível.

— Claro que deve se encontrar com Diotima, chiya. — Jeff acenou com a cabeça, como se aprovasse seus sentimentos. — Enquanto estiver em nossa companhia, creio que nada de mal poderá acontecer. Amanhã... ora, já é amanhã... depois que descansarmos partiremos para Thendara.

Jeff fez uma pausa, tomando um gole do café em sua caneca.

— Há mais alguma coisa perturbando-o, Lew, algo que não tem nada a ver com a doença de Diotima.

— É verdade, mas terá de esperar. Estou tão acostumado à urgência do nado, em que o destino de mundos é decidido em horas, que esqueci como o tempo passa devagar aqui onde nasci.

O lugar em que nasci! Voltei para casa, o exílio terminou, mas nada é como imaginei. Minha filha é uma mulher adulta, e é o futuro de Darkover, Eu sou o passado, mas finalmente estou em casa. Agora, quero voltar para Dio. E quanto mais cedo puder reunir Marja e Dio, depois de tanto tempo... minha família!

Já era o final da tarde quando Margaret finalmente abriu os olhos. Sentia muita fome. Esfregou os olhos, enquanto refletia que parecia comer muito mais em Darkover do que jamais ocorrera antes. Só que toda a comida não aparecia na cintura. Especulou sobre o que acontecia. Concluiu que os alimentos a mais deviam ser consumidos pelo laran. Ela procurou por Rafaella, mas não a encontrou no quarto. o que significava que a amiga devia ter

melhorado do resfriado. Tentou ordenar as lembranças da noite anterior, mas acabou desistindo. Foi para o banheiro.

De banho tomado e vestida, Marguerida desceu. Ainda na escada, ouviu vozes furiosas lá embaixo. Reconheceu as vozes do pai e de Javanne, quase se engalfinhando, enquanto Jeff e Liriel tentavam apaziguar.

— Você prometeu que nunca voltaria, Lew, mas não cumpriu sua palavra! Não pode entrar aqui depois de vinte anos, pensando em recomeçar de onde parou!

Javanne parecia cansada, como se estivesse argumentando há muito tempo.

— A última coisa que eu gostaria, Javanne, seria recomeçar de onde parei. Lembro com mais intensidade do que você imagina os acontecimentos que precipitaram minha partida.

— Não era a isso que eu me referia, como sabe muito bem! Nem mesmo você é bastante tolo para promover outra rebelião em Darkover. Mas não pode reivindicar Armida. Não vou permitir. Temos cuidado da propriedade durante todos esses anos. E se quer mesmo saber, você não a merece.

— Não me lembro de ter pedido Armida de volta.

Lew falou num tom de voz que Margaret reconheceu como perigoso.

— Mãe, acho que está sendo irracional.

— Fique calada, Liriel. Não posso imaginar por que é tão desleal, mas não é mais do que eu esperava. Sempre foi voluntariosa.

Margaret entrou na sala de estar, o mesmo lugar em que poucas horas antes deixara seu corpo e fora para o mundo superior. Correu os olhos pela sala. Havia mais pessoas ali do que imaginara. Gabe postava-se diante do fogo, com uma expressão furiosa, enquanto Piedro Alar sentava numa das poltronas, cansado e angustiado. Depois ela divisou Mikhail, meio escondido nas sombras numa extremidade da sala, e seu coração disparou.

— Boa tarde — disse Margaret. — Parece que dormi o dia inteiro.

— Boa tarde, prima — respondeu Mikhail, sorrindo. — Espero que tenha descansado bastante.

Javanne fitou-a, irritada. Parecia que não sabia o que fazer.

— Não me parece pior por suas aventuras em minha casa, Marguerida.

— Um pouco de chuva não me incomoda — murmurou ela, oferecendo um sorriso provocante à tia.

O queixo quadrado de Javanne destacava-se por cima da gola de rufos.

— Eu não me referia a isso, e sabe muito bem.

— Tem razão. Sei também que não gosta de mim, que só me aceitaria como filha para manter Armida, e que acredita que sabe o que é melhor para todos. Pois não sabe. Ninguém sabe.

Houve um silêncio chocado a essa declaração tão franca. Margaret ficou um pouco vermelha. Não adiantava fingir, pensou ela, que estava tudo bem, que Javanne gostava dela. Percebeu que Mikhail ficava tenso. Lamentou deixá-lo perturbado, mas não tinha a menor intenção de se retratar.

— Soa tenho tratado com gentileza, Marguerida. Mas sua própria existência representa um problema... um problema que acho que pode ser resolvido por seu casamento com Gabriel, o mais depressa possível. Quando isso acontecer, o direito de seu pai a Armida está liquidado de vez.

— Os anos não diminuíram sua arrogância, Javanne — comentou Lew, rindo.

O mais terrível é que posso compreender sua posição. Sou o intruso, como também aconteceu quando éramos crianças. E ela nunca foi capaz de entender que o seu jeito não era o único jeito. Eu teria pena dela, se não tivesse vontade de torcer seu pescoço.

— Seria uma boa solução para você, tia, mas nunca serviria para mim... e também não favorável para Gabriel. Eu seria uma péssima esposa para ele, como sabe muito bem. Em menos de uma semana de casamento, já estaríamos com vontade de assassinar um ao outro.

— Tenho certeza de que, se tentasse, descobriria como meu filho é um homem bom.

— Posso falar por mim, mãe! — Gabriel franziu o rosto, deslocou o peso do corpo de um pé para outro. — Acho que Marguerida tem razão. E não creio que duraria sequer uma semana.

Javanne parecia prestes a contestar, mas o filho deu de ombros, e ela se conteve.

— Neste caso, talvez seja melhor todos partirmos para Thendara o mais depressa possível. Deixaremos que a Corte resolva os dois problemas, a propriedade de Armida e o casamento de Marguerida.

Ela exibiu uma súbita presunção, como se soubesse de alguma coisa que todos os outros ignoravam. Piedro Alar remexeu-se nesse instante, desesperado e constrangido, olheiras profundas da falta de sono.

— Vocês se mostram muito preocupados com a terra e o casamento, mas o que vai acontecer com meu filho? — Havia uma repentina determinação em seu queixo fraco, como se soubesse que falava fora de sua vez, mas estava decidido a dizer o que queria. — E minha esposa, cuja mente está quase transtornada?

Todos se mostraram embaraçados, com exceção de Gabe. Margaret mordeu com força o lábio inferior. Quase esquecera por completo o menino ferido e sua mãe perturbada lá em cima.

— Eu o monitorei antes de descer — anunciou Liriel, falando bem devagar. — Ele está descansando... e parece até dormir muito bem. Mas deve ser removido para Arilinn o mais depressa possível. Será seguro levá-lo amanhã.

Não gosto nem um pouco do som de sua respiração.

— Creio que será melhor a mãe e eu levarmos Domenic e Ariel para

Arilinn — acrescentou Liriel.

— Mas... — disse Javanne, em protesto, pois parecia pensar que uma vantagem lhe fora tirada.

— Ninguém pode controlar Ariel tão bem quando você, mãe — interrompeu-a Liriel. — E ela vai precisar do seu apoio. Sabe como Ariel fica ansiosa ao menor problema.

— Está resolvido — declarou Jeff, calmamente. — Amanhã, à primeira claridade do amanhecer, voltaremos para Thendara. Quero

ver Diotima antes de seguir para Arilinn. Por isso, irei com vocês. Não vai se incomodar, Marguerida? E você, Lew? E você, Mikhail?

— Como? Não há a menor razão para que Mikhail vá com vocês! — Javanne estava indignada, mas Gabe ofereceu um pequeno aceno de cabeça ao irmão caçula, como se estivesse aliviado. — Não vou admitir! Mikhail tem de voltar para Ardais!

Margaret lançou um olhar rápido para Mikhail, porque não entendia o motivo para a súbita mudança de atitude de Gabe. Ele não era um homem propenso a aceitar a voz da razão. O que acontecera?

Falei a Gabe de nossa pequena aventura com Donal. Ressaltei que ele, se não a mantivesse amordaçada, teria de viver com medo da Voz pelo resto de sua vida. E considerando como vocês dois irritam um ao outro, seria uma vida breve. A voz de Mikhail na mente de Margaret tinha um tom de satisfação, como se ele tivesse acabado de saldar várias dívidas em um único momento. Mas eu não faria isso, Mikhail! Isto é, acho que não faria. Sei disso, e você também sabe, mas meu irmão não pode imaginar que alguém tenha uma vantagem sem usá-la. Ele aceitou minha sugestão como um fato incontestável.

Mik" Não se sente envergonhado? Margaret mal conseguia conter o riso. Nem um pouco. Fiz isso pelo bem de Gabe.

— Isso é inadmissível — insistiu Javanne, — e não vou...

— Mãe, pare de bancar a tola — interveio Liriel, com firmeza. — Os acontecimentos escaparam ao seu controle. A melhor coisa que pode fazer agora é aceitar isso. Passou a ser mais do que uma questão de terras e casamento. Muito mais.

Javanne fitou a filha, a boca entreaberta. Parecia tão furiosa e frustrada que Margaret quase sentiu pena.

— Não compreendo mais coisa alguma! Não sei o que vai acontecer com Darkover!

Não suporto ficar de lado e deixar que aconteça. Por que Ariel tinha de partir de maneira tão precipitada e ferir meu neto? Alguma mulher já enfrentou mais provações do que eu? Oh, não! Não devo perder o bom senso. Estou me comportando tão mal quanto Lew sempre se comportou. E ele sabe disso!

— Creio que Darkover está chegando a seu futuro, Javanne —
murmurou Jeff. — E acho que será emocionante.

Capítulo Vinte e Quatro

Era o dia mais quente que Margaret já vira desde que chegara a Darkover. Era como se a tempestade tivesse afugentado o frio, deixando um calor abençoado em sua esteira. Embora Jeff se queixasse um pouco do calor, ela estava gostando. E estar longe da influência amarga da tia ajudava muito. Javanne continuara a argumentar durante um longo jantar e pela noite afora, até que ninguém podia mais agüentar, inclusive o leal Gabe.

O céu estava claro, uma tigela rosa por cima de suas cabeças. Soprava uma brisa leve, desmanchando os cabelos de Margaret de maneira agradável. Rafaella seguia ao seu lado, satisfeita por estar de volta a Thendara. Lew e Jeff seguiam à frente, conversando.

Embora tivessem planejado sair todos de Armida ao mesmo tempo, Javanne e Liriel tiveram de ficar. Ariel se mostrara mais resistente do que qualquer um imaginara. Não queria deixar os meninos menores aos cuidados da babá. Várias horas passariam antes que seguissem para Arilinn. Margaret não ficara infeliz com essa mudança nos planos.

Lamentava, no entanto, que Mikhail não estivesse no grupo que viajava para Thendara. Javanne fora intransigente nesse ponto. Ordenara que ele voltasse imediatamente para Ardais. Dera a impressão de que desejava que ele nunca tivesse nascido. Mikhail, o rosto vermelho de raiva, pegara seu cavalo e deixara Armida antes mesmo da partida de Margaret. Ele não se despedira. Montara no enorme baio e saíra a galope, como se o demônio estivesse em seu encalço.

Em vez de remoer a ausência de Mikhail, porém, ela concentrou-se em desfrutar o dia quente, o prazer tranquilo de se encontrar outra vez na estrada em companhia de Rafaella. A Renunciante ainda fungava de vez em quando, não parecia muito propensa a conversar. Mas de vez em quando sorria para Margaret, partilhando o bom ânimo, que era quase irresistível com aquele tempo, sob o céu aberto.

— Sente-se contente por voltar a Thendara, não é? — perguntou Margaret.

— Mas claro que sim! Já estive em algumas situações terríveis... enfrentando bandidos nas montanhas e avalanchas, um ou outro banshee à procura de uma refeição. Mas confesso que prefiro deparar com tudo isso ao mesmo tempo do que sentar para outra refeição à mesa de Domna Javanne. Nunca

I me senti tão constrangida em toda a minha vida! Margaret riu.

— Somos duas. Até meu pai, que é um formidável oponente, ficou um pouco...

O som de cascos de cavalo por trás fez com que Margaret parasse de falar e virasse a cabeça. Mikhail, as faces rosadas do galope, surgiu na trilha. Conteve o cavalo para um trote. Os olhos faiscavam divertidos, tinha os cabelos desgrenhados pela brisa. Ela se surpreendeu ao vê-lo, mas não muito. Mikhail tinha um talento para aparecer em momentos inesperados. Sorriu para Margaret, que retribuiu, como se partilhassem um prazer secreto... o que, ela decidiu, era o que de fato ocorria. Ela sentiu-se um pouco culpada por ser prazer, mas não muito. Mikhail parou o cavalo ao seu lado.

— Saudações, prima. E um prazer tornar a vê-la tão depressa. E você também, Mestra Rafaella. Espero que seu resfriado tenha melhorado.

— Saudações para você também — respondeu Margaret, adorando o jogo. — Tive a impressão de que você se mostraria um filho obediente e voltaria para o Castelo de Ardais.

— Nunca se deve julgar pelas aparências. — Mikhail forçou o rosto jovial a assumir uma expressão de seriedade que não iludia a ninguém. — Se dei a minha mãe a impressão equivocada de que voltaria para Ardais, como ela ordenou, então ela foi enganada. E sinto-me horrível por enganá-la, como não poderia deixar de ser.

Ele não parecia nem um pouco envergonhado. Ao contrário, dava a impressão de que estava se divertindo muito. Afagou o pescoço do cavalo, com um sorriso largo. Jeff e Lew notaram sua chegada e voltaram para cumprimentá-lo.

— Ela já deveria saber a esta altura que você sempre faz o que quer — comentou Jeff, calmamente, como se a presença de Mikhail ali não fosse nenhuma surpresa. — Depois de tantos anos, era de se esperar que ela desistisse de tentar lhe inculcar uma noção dos seus deveres, deixando-o seguir seu caminho.

— É uma triste reflexão sobre o meu caráter, tio Jeff, saber que sou considerado insubmisso e desobediente. Talvez ela me repudie, e terei de aprender a viver de minha inteligência.

Há sempre uma fazenda de cogumelos, como último recurso! Margaret quase caiu na gargalhada ao ouvir esse pensamento. Sentia-se contente por Mikhail ter força para resistir a Javanne, embora desconfiasse que isso causaria problemas no futuro. Sabia que não era a primeira vez que ele fazia isso. Tinha a impressão de que Mikhail sempre fora muito mais independente do que a família gostaria. Especulou de onde viria isso, a capacidade para se rebelar sem perder o controle. Refletiu que devia ser da exposição às idéias terráqueas. Não era de admirar que o pai e a mãe o desaprovassem tanto. Como ele devia se angustiar por ser o paxman de Dyan Ardais, quando lhe fora prometido muito mais... e sem perder a curiosidade e o senso de humor! Margaret decidiu que aprovava essas qualidades no primo, e desejou tê-las com mais intensidade. Depois, riu de si mesma. Mikhail não precisava de sua aprovação.

Não, não preciso, mas fico feliz ao recebê-la.

i,
Bisbilhoteiro!

Não foi assim. Você estava irradiando com muita força. Começo a me sentir como um satélite de comunicações, irradiando informações quer queira ou não.

Para quem não teve treinamento, Marguerida, até que você se sai muito bem em guardar seus pensamentos para si mesma. Creio que uns poucos meses numa Torre lhe mostrará como controlar o Dom. Estou um pouco enferrujado, como descobri quando procurávamos pelo garoto de Ariel. Acho que devo voltar e também estudar um pouco o laran.

Enferrujado? Pude sentir enquanto operava, e me pareceu muito bem.

Usar o laran exige uma vida inteira de estudo, Marguerida.

Espero que não. Não tenho a menor intenção de passar tantos anos trancada numa Torre.

O que você quer?

Era a terceira vez que ele lhe fazia essa pergunta. Margaret pensou a respeito mais uma vez. Na adolescência, só queria se afastar da casa em que se sentia desamada e indesejada. Na universidade, experimentara o jornalismo, pensando que queria se tornar uma escritora. Depois, encontrara Ivor Davidson e a música. Escolhera a música, mas sabia agora que nunca chegara a ser consumida por ela, não com a paixão que Ivor sentia por seu trabalho. Era uma coisa que podia fazer muito bem, que gostava de fazer, mas j apenas um trabalho, não uma vocação.

A interferência de Ashara em sua mente impedira-a de querer um marido ou uma família. Forçara-a a ficar sozinha, quer quisesse ou não. Agora que a restrição desaparecera, ficara um vazio, um espaço em branco no qual a poderosa personalidade da Guardiã há muito morta a mantivera cativa. Muitas coisas haviam acontecido para que ela tivesse tempo para pensar no que gostaria de fazer com a sua vida. E ainda era muito difícil deixar que qualquer pessoa se aproximasse, por mais que ansiasse por intimidade.

Com um pequeno sobressalto, Margaret compreendeu que a causa parcial de sua antipatia em relação à tia Javanne derivava dos sentimentos por Ashara. As duas não eram parecidas, é claro, mas ambas pensavam que podiam controlá-la e comandá-la para alcançar seus objetivos. Ela compreendeu que tinha muito pouca tolerância para ser dominada de novo. Por ninguém, nem mesmo por Mikhail.

Por um momento, ela sentiu que se encontrava num ponto crítico. Não podia mais negar seus sentimentos pelo primo, não podia mais negar que apenas gostava dele. Todos, inclusive Javanne, sabiam de seus verdadeiros sentimentos por Mikhail. Margaret sabia que o amava, mas será que o amava bastante para ser subserviente a ele? Não era o que se esperaria dela, se casasse com Mikhail ou qualquer outro homem darkoviano? Acabara de se

livrar de Ashara, e não queria outro amo no lugar da Guardiã morta. Nem mesmo alguém tão bom quanto Mikhail.

Creio que devo permanecer em Darkover e estudar meu Dom. Não parece muito animada com a perspectiva.

Você viveu numa sociedade telepática durante toda a sua vida, Mik, mas para mim é uma novidade... e não é maravilhosa. Tinha minha vida planejada, até Ivor morrer. Continuaría a ser sua assistente. Num futuro distante, haveria de me tornar uma catedrática, e continuaria a realizar pesquisas. E difícil para mim abandonar tudo isso e me transformar numa boa darkoviana que faz o que os outros mandam.

Não estou sugerindo nada disso, e você sabe muito bem! Nunca será mais obediente do que eu. Em que você é competente, além de música? Creio que sou muito competente em fugir das coisas. Seguir pelo caminho de menor resistência? Eu também faço isso. Nunca pressionei tio Regis a tomar uma decisão, porque tinha medo do resultado. Sei que ele espera para verificar se o jovem Dani possui ou não o Dom de Hastur. Por mais vergonhoso que seja, confesso que desejei algumas vezes que ele não tivesse... uma atitude lamentável!

Não, apenas muito humana. Acho que tive a idéia de que os telepatas deviam ser uma espécie de super-homens. Fico um pouco desapontada ao constatar que ainda são totalmente humanos, transbordando de paixões por poder e glória, como todas as outras pessoas.

Adoro o fato de que você é capaz de dizer coisas que ninguém mais diz, Marguerida!

Como assim?

Uma das características de viver com outros telepatas é um grau de repressão... uma espécie de desonestidade, afim de evitar que os conflitos terminem em brigas.

E mesmo? Pensei que todos tinham de ser totalmente honestos, durante todo o tempo, não importando o que acontecesse!

Se fosse assim, respondeu Mikhail, rindo na mente de Margaret, não haveria mais ninguém vivo hoje, pois já teríamos nos

matado há vários séculos. o que quase aconteceu, com as nossas paixões exacerbadas, diga-se de passagem. Não queremos lembrar a Era do Caos, porque tivemos o pior comportamento possível, durante um longo período. Só enfrentando o problema é que encontramos meios de ser quem somos sem destruir uns aos outros.

Vejo que tenho muito para aprender... o que não faz com que meu coração bata mais depressa em alegria. Margaret fez uma pausa, refletindo sobre a tranqüila presença de Rafaella a seu lado. A Renunciante parecia imersa em seus pensamentos. o pai e Jeff haviam se adiantado de novo, como se quisessem deixá-la com um mínimo de privacidade, pelo que sentia-se grata. Acho que eu gostaria de fazer alguma coisa significativa, o que quer que seja.

Não é o que todos queremos?

Como assim?

Pensa que esperar pela morte de Regis ou ser paxman de Dyan Ardais tem alguma importância para mim?

Eu não havia pensado, mas creio que seria uma vida bastante vazia.

É uma boa palavra para descrever a situação. Não que eu estivesse consciente alguma vez de me sentir vazio. Apenas vivia descontente e era um pé no saco para a família.

Diga isso de novo! A voz mental de Jeff interrompeu a conversa, o pensamento jovial. Sua irmã Liriel foi a afortunada. Queria ir para uma Torreecon — seguiu... embora não sem muitos protestos de Javanne. Sempre achei que era uma pena que sua mãe não fosse uma telepata bastante poderosa para se tornar uma Guardiã, pois nada menos poderia satisfazer suas ambições.

Margaret ficou um pouco surpresa com a intromissão de Jeff. Também sentiu-se um pouco embaraçada ao descobrir que sua conversa com Mikhail, que julgava ser particular, fora ouvida por outra pessoa. Como não pensara nada excessivo, não havia problema. Mas tinha a impressão de que nunca se acostumaria com a telepatia, por mais tempo que fosse treinada numa Torre. Ela olhou para as costas do pai, largas e empertigadas, cavalgando ao lado de Jeff. Concluiu que se Lew podia ser um telepata, ela também era capaz. Como se a ouvisse, ele virou-se na sela e lhe ofereceu um

sorriso tão encorajador que ela teve de fazer um esforço para não chorar. Por que o pai não fora assim, pensou Margaret, furiosa, quando ela era mais jovem?

Os viajantes pararam numa pequena estalagem ao meio-dia. O estalajadeiro, um homem gordo, na casa dos cinquenta anos, cumprimentou Lew Alton com a maior alegria, mas com uma espécie de deferência que deixou Margaret embaraçada. Enquanto comia pão fresco, queijo e frutas, ela se perguntou se algum dia seria capaz de se sentir como uma aristocrata, uma comynara. Passara tanto tempo no ambiente relativamente democrático da universidade, onde a deferência era concedida por mérito, não como um direito hereditário, que achava toda aquela pompa mais do que um pouco desagradável. Com o passar do tempo, sem dúvida, acabaria se acostumando, talvez até esperasse, por mais que torcesse para que isso nunca acontecesse.

Continuaram a viagem depois do almoço. Margaret sentia-se mais relaxada quanto mais se afastavam de Armida. Rafaella apontou vários pontos interessantes do percurso, mas não a cansou com uma conversa interminável. Por isso, Margaret pôde apreciar a cavalgada e se concentrar em seus pensamentos. Era a primeira vez em dias que tinha uma certa tranqüilidade, o que estava adorando. Até mesmo Mikhail pareceu compreender que ela precisava de sossego, pois apressou seu cavalo para se juntar aos outros homens. Ela contemplou as três costas largas e fortes... três gerações de darkovianos. E, pela primeira vez em sua vida, descobriu-se orgulhosa de seu nascimento.

Depois de algum tempo, Jeff veio para o seu lado. Margaret podia sentir sua gentil proteção e sorriu. Ele acrescentava algum comentário ocasional às informações de Rafaella sobre os lugares por que passavam. Margaret escutava os dois trocando versões de histórias antigas. Parecia que cada palmo de Darkover tinha uma história. Em outra ocasião, ela ficaria fascinada. Mas o calor do dia provocava uma agradável falta de foco. Além disso, Margaret precisava pensar em sua conversa com Mikhail. Inesperadamente, sua mente acadêmica parecia ter saído de férias.

Perto do final da tarde chegaram a um lago, vasto e um pouco enevoado, ao sol suave. A neblina era insólita num dia tão bonito. Margaret ergueu-se nos estribos para ver melhor. Avistou à distância uma Torre reluzente, alta e branca, as pedras descoloridas pelo sol. Era muito parecida com as estruturas que ela vira no mundo superior, só que mais sólida e real do que qualquer coisa naquele estranho lugar.

— E Arilinn, tio Jeff? O lugar em que você vive?

Ela apontou para a construção. Jeff virou-se para ela, surpreso.

— Como? — Ele olhou na direção indicada. — o que você vê ali, Marguerida?

— Vejo uma Torre, como as que avistei no mundo superior. É Arilinn?

— Não, chiya. Este é o Lago Hali. Ali ficava a Torre de Hali.

— Ninguém mencionou isso antes. Não, espere um instante... Istvana disse que Ashara foi Guardiã na Torre de Hali. Não pode vê-la?

Margaret não conseguiu evitar um arrepio à menção do nome de sua algoz morta. Sentiu que sua respiração se tornava tensa e superficial. Jeff sacudiu a cabeça.

— A Torre de Hali foi destruída, há mil anos ou mais, numa guerra durante a Era do Caos. Nunca foi reconstruída, embora eu não possa entender o motivo.

— Posso vê-la com tanta nitidez quanto minha mão diante do rosto.

A voz de Margaret era estridente, o sangue correndo nas veias dava a impressão de estar gelado. Era uma Torre linda e parecia chamá-la. Mas era mais como um canto de sereia, deixando-a apavorada.

— Tenho certeza de que pode, mas lhe asseguro que não há mais nada ali, exceto algumas ruínas. E uma espécie de memorial daquela guerra. Pode dizer que é o fantasma de uma Torre.

Jeff fez o comentário final num tom jocoso, mas Margaret percebeu que ele ficara perturbado. Ela própria sentia o corpo todo gelado, apesar do sol quente em sua pele. Estremeceu. Via a Torre com absoluta nitidez, sólida e real.

— o que aconteceria se eu fosse até lá e batesse na porta? Jeff fitou-a, chocado, em silêncio, por um longo momento.

— Não sei, e acho que não quero descobrir. O fato de que você é capaz de ver Hali já é bastante perturbador, Marguerida, mesmo sem ir até lá e bater na porta. Eu não aconselharia.

— Mas o que aconteceria?

Por baixo da luva, Margaret sentiu que as linhas na mão esquerda começavam a pulsar. Foi dominada por uma curiosidade irresistível. Não, era mais do que isso. Era quase uma compulsão. Ela não pôde deixar de especular se Ashara, de alguma forma, lhe preparara outra armadilha.

— Ao que eu saiba, outras pessoas já viram Hali, de vez em quando, mas ninguém jamais tentou entrar na Torre fantasma. Portanto, não sei o que aconteceria. — Jeff estava preocupado, como se pensasse que ela podia sair correndo para tentar entrar no prédio ilusório. — Se você entrar, Marguerida, provavelmente não conseguiríamos acompanhá-la.

— Está me assustando, tio Jeff... é como se falasse sobre contos de fadas, duendes ou coisas assim.

Continuaram a andar. Jeff demorou um pouco para responder ao comentário.

— Não é má analogia — murmurou ele, enquanto virava o cavalo para longe do Lago Hali, seguindo pela trilha. — Não tenho pensado em duendes há muito tempo. Adorava suas histórias quando era pequeno e vivia na Terra. Os Kerwins eram de origem irlandesa, e a mãe de meu pai adotivo conhecia uma porção de histórias... sobre Oisín, Fionn mac Cool e o Rei Arthur, que ela insistira ter sido roubado dos irlandeses pelos ingleses. Eram histórias fascinantes.

O murmúrio da voz do velho acalmou-a. O medo começou a se desvanecer enquanto escutava. Conhecia algumas histórias mencionadas por Jeff, além de muitas outras. Onde quer que os humanos assentassem, ao que parecia, levavam histórias de outras raças, de fadas, duendes e anões. Muitas vezes se mantinham até mesmo em lugares onde tudo era diferente.

Margaret virou-se na sela e olhou para trás. A Torre sumira, como se nunca tivesse existido. Ela podia ver apenas as ruínas das pedras da fundação, não brancas como as vira antes, mas enegrecidas, como se tivessem sido atingidas por um raio. Não era a coisa mais absurda que já lhe acontecera desde que chegara em Darkover, mas era sem dúvida uma das mais inquietantes.

— Desapareceu agora — anunciou ela, com um profundo pesar. — Como se nunca tivesse existido. Mas tenho um estranho pressentimento em relação a este lugar.

— Que pressentimento? — perguntou Jeff, relutante.

— Não sei dizer... exceto que um dia ainda baterei na porta de Hali. Por que acha que posso vê-la, quando você não é capaz?

Apesar da ausência da Torre que vira poucos minutos antes, Margaret continuava a sentir uma tremenda atração, uma pressão que preenchia todo o seu peito. Especulou se encontraria Ashara ali, uma mulher ainda feita de carne e osso... ou apenas se veria numa sala vazia.

— Você tem uma parte forte do Dom de Alton, Marguerida, a precognição.

— Sei disso... e gostaria de não ter! Mas precognição é ver o futuro, enquanto eu olhava para o passado. É totalmente diferente.

— A metafísica nunca foi um dos meus interesses, e assim posso apenas tentar adivinhar. — Jeff pensou por um momento. — Só porque nós pensamos que o tempo é constituído por passado, presente e futuro, isso não significa que o tempo também pensa nesses termos. Mas posso confiar que não fará nada absurdo, *chiya*, como saltar do cavalo e sair correndo para lá?

— Não, não farei. Acho que já tive aventuras suficientes. Não preciso entrar em Torres fantasmas. Para alguém que alega não ser um metafísico, você tem uma boa noção do assunto. — Margaret soltou uma pequena risada, embora não se sentisse alegre. — o tempo como uma questão de ponto de vista da realidade... estudei um pouco o assunto na universidade... é um tema capaz de levar qualquer pessoa à loucura. Não há pontos de referência, nada faz sentido. Algum Aldaran já viu o passado?

— Agora que penso a respeito, lembro de uma ocorrência. Jeff parou de falar, um pouco perturbado.

— Vai contar logo ou me deixar morrer de suspense?

Margaret falou em tom jovial, sentindo a necessidade de romper o clima sombrio. Olhou para o pai, seguindo um pouco à frente, em companhia de Mikhail. Não sabia se algum dia poderia brincar com Lew Alton daquela maneira, como fazia às vezes com Ivor, como já fazia com frequência com Mik. Descobriu que queria isso, que era uma maneira fácil de expressar afeição.

Haviam se aproximado em Armida, mas os hábitos de uma vida inteira ainda os mantinham um pouco formais e distantes. Lew podia se mostrar jovial de vez em quando, mas logo recaía em seus silêncios pensativos. Margaret sabia que ele estava preocupado com Dio, transtornado porque não podia conversar com ela a respeito. Lembrou que Jeff comentara que seu pai tinha muita dificuldade para se abrir com outra pessoa. Sabia que o tio tinha razão. Apesar de tudo, porém, ainda ansiava por se sentir à vontade com o pai, e sentia-se impaciente em alcançar uma certa intimidade. Margaret tratou de se livrar desses pensamentos e concentrou-se no que Jeff dizia agora.

— Meu avô, o velho Damon Ridenow, cujo nome me orgulho de ter, realizou uma pesquisa do tempo durante a era da Torre Proibida. Teve algum êxito, mas era muito perigoso. Você vai precisar de muito treinamento para isso, mas torço para que nunca o faça.

Não quero pesquisar o tempo... quero ir para a Torre de Ha/i, não sei por quê. O que eu faria se Ashara estivesse lá? Talvez já tenha estado lá e encontrado Ashara. Talvez fosse por isso que ela estava determinada a me ofuscar. Gostaria de nunca ter visto aquele lugar.

Também vi, Marguerida. Nunca me aconteceu antes, e já passei pelo lago centenas de vezes. Espero que não esteja planejando fazer alguma coisa...

Mikhail vira a Torre de Hali? Ela ficou tão aturdida que não respondeu de imediato. Depois, sentiu-se irritada. Não ouse dizer "estúpida", Mikhail. Não irei correndo para lá... de qualquer forma, já

desapareceu... mas algum dia ainda baterei na porta. Tenho certeza. Posso sentir nos ossos, o que me deixa apavorada.

Talvez eu vá com você... Mikhail parecia feliz, no seu jeito alegre habitual.

Margaret especulou sobre o que Mikhail e Lew haviam conversado, enquanto viajavam juntos. Pensei que queria deixar Darkover e conhecer as estrelas.

Queria... e continuo querendo. Mas Darkover hoje em dia me parece muito mais interessante do que era. Não posso imaginar por quê.

Margaret percebeu a insinuação em suas palavras. Sabia que Mikhail flertava com ela. Era uma estranha sensação. Gostaria de ter mais experiência com os homens. Dois ou três jovens na universidade haviam tentado atrair sua atenção, mas a presença de Ashara, como ela sabia agora, fizera com que se afastasse de maneira brusca. A maior parte do seu conhecimento de flerte vinha dos livros, e sempre lhe parecera uma coisa tola e um tanto embaraçosa quando lia. Agora, porém, provocava um estranho calor e excitação. Talvez Mikhail fosse mesmo à Torre de Hali com ela um dia. Por trás de seu tom jovial, havia um elemento de seriedade. Eu a seguiria até o fim do mundo, Marguerida. Nunca duvide disso. Ela tinha sua resposta agora, e deixou-a emocionada de tal maneira que não podia descrever... e não tinha a menor idéia do que deveria fazer.

Capítulo Vinte e Cinco

O grupo avistou Thendara na manhã seguinte, depois de uma noite agradável numa estalagem. Margaret divisou a ponta do enorme edifício no Setor Terráqueo, o que trouxe lembranças de seu tio Rafe Scott, o velho etnólogo Brigham Conover e Ivor Davidson. Especulou se ele continuava no mundo superior, ouvindo música, ou se já fora para outro lugar.

Era o meio do dia. O céu estava nublado, um vento gelado soprava das Kilghards. Margaret observou Jeff fazendo um esforço para esconder a dor das articulações, ansioso por um banho quente. Sentiu que Rafaella, ao seu lado, tornava-se mais e mais animada. A Renunciante também ficou em silêncio e tensa à medida que se aproximavam de Thendara. Margaret sentia falta de sua conversa jovial, mas sabia que a amiga pensava em Rafe Scott e como resolveria o que havia entre os dois, o que quer que fosse.

Ao chegarem aos portões da cidade, Rafaella se mostrou ainda mais ansiosa, os olhos faiscando. Era evidente que estava ansiosa por ir logo para a Casa de Thendara, e depois procurar o Capitão Scott. Margaret gostaria que sua situação fosse tão fácil de resolver. Afinal, Rafaella podia optar pela posição de companheira livre. Mas Margaret, se permanecesse em Darkover, não poderia fazer a mesma coisa, por causa das rígidas normas sociais do Comyn.

— Rafaella, como se faz a corte em Darkover?

— Hem? — A guia, absorta em seus pensamentos, ficou perplexa por um momento com a pergunta. — Quase que não existe, pelo menos no Comyn. Até os artesãos e mercadores costumam acertar casamentos pelo lucro, não por amor ou romance. É verdade que nos bailes e outras ocasiões similares há algum flerte, pelo que ouvi dizer, mas creio que não temos a corte e namoro como acontece em outros lugares.

— Eu deveria ter imaginado, com todos os casamentos sendo como são.

Margaret suspirou. Sabia agora o que queria, e também sabia o que Mikhail queria. Sabia ainda que Gabriel Lanart e Javanne Hastur

se oporiam a seu casamento com o filho mais novo, e duvidava que seu pai tivesse poder suficiente para influenciar o resultado. A posição de Lew, pelo que ela podia compreender, era ambígua, já que há muito tempo ele tivera de renunciar a seu direito sobre o Domínio de Alton. Ela não conhecia a lei darkoviana para calcular o que podia acontecer. Portanto, era inútil especular a respeito.

A situação parecia desesperançada e um tanto irônica. Finalmente encontrara o homem que conquistara seu coração, mas parecia ser o único que não podia ter.

Ao passarem pelo portão largo da cidade, Margaret olhou para o pai, cavalgando à frente, imerso em seus pensamentos. Sabia que ele estava preocupado com Dio, ansioso por voltar para o seu lado. E ela bancava a egoísta, só pensando em Mikhail, quando Dio se achava doente. Sentiu raiva de si mesma.

Lew Alton mantivera-se calado sobre a doença de Dio, o que a deixava com medo. Até partir para a universidade, nunca houvera ninguém que ela amasse ou em quem confiasse mais do que a madrasta. Logo depois da morte de Ivor, a mera idéia de que Dio podia morrer também era inconcebível. Ela tentou se preparar, fazer-se forte para enfrentar qualquer coisa. Por dentro, porém, sua vontade era se entregar à angústia, começar a chorar.

Queria muito conversar com o pai. Mas depois daquele maravilhoso jantar em Armida, quando pareciam tão à vontade um com o outro, Lew tornara a se afastar. Não era tão ruim quanto no tempo de sua infância, mas lembrava tanto o passado que ela hesitava em lhe fazer as muitas perguntas que a atormentavam dia e noite. Só que seus problemas, naquele momento, não tinham muita importância em comparação com a doença de Diotima Ridenow Alton.

Margaret se acostumara a guardar tudo para si mesma. Compreendia agora que era um hábito que aprendera com o pai, ao mesmo tempo bom e mau. Tornava difícil pedir ajuda, fazer perguntas de caráter pessoal. Tinha a impressão de que o pai gostara muito de Mikhail. Embora ele tivesse indicado que compreendia os sentimentos da filha pelo primo, não demonstrara

aprovação nem desaprovação. Talvez não gostasse da idéia mais do que kvanne, ou talvez sua indiferença fosse genuína.

Ela se repreendeu por pensar um absurdo. Lew Alton nunca era indiferente. Podia ser quase um estranho para ela agora, mas Margaret sabia que era um homem forte e impetuoso, que fazia o que fazia pelo que acreditava ser bons motivos. Teria de confiar no pai para ser seu defensor — ele lhe devia pelo menos isso — e parar de se afligir com coisas que não podia controlar. Margaret comprimiu os dentes. Era muito difícil confiar no pai... ou em qualquer outra pessoa, diga-se de passagem.

Foram avançando pelas ruas estreitas da cidade, a caminho do Castelo do Comyn. Margaret se achava agora num estado de sombrio desespero por seu futuro. Ficou tão absorvida em seus pensamentos que mal notou quando Rafaella parou seu cavalo.

— Acho que vou deixá-la agora e voltar para a Casa de Thendara. Irei pegar a mula no estábulo do Castelo mais tarde.

— Precisa mesmo ir?

Margaret sentia-se perdida sem a amiga. Subitamente, não queria que Rafaella a deixasse. Detestou a si mesma por ser tão estúpida e egoísta.

— Não tenho o que fazer no Castelo.

Tenho de resolver meu problema em outro lugar, e já protelei por tempo demais!

— Tem razão. Eu não estava pensando direito. Por favor, apresente meus cumprimentos a Mãe Adriana. Diga que eu mandei avisar que você foi uma excelente guia e companheira. Não sei o que teria feito sem você.

Margaret sentiu as lágrimas aflorarem em seus olhos. Sei o que me aconteceria. Morreria se não fosse por você, Rafaella. Ela piscou com força.

— Transmita também meus cumprimentos a Rafe Scott.

Ela forçou um arremedo de sorriso, mas doeu. Rafaella, conhecendo bem suas expressões àquela altura, não se deixou enganar.

— Não fique tão triste, Marguerida.

— Sentirei muita saudade!

Desejo a você toda a felicidade do mundo... e também desejo a mesma coisa para mim!

— Eu também... mas não vamos nos separar para sempre. Sempre pode me encontrar, deixando um aviso na Casa de Thendara.

Ela inclinou-se na sela e abraçou Margaret. Depois virou-se, bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo e afastou-se por uma das estreitas ruas transversais.

Margaret ficou desconsolada com essa partida abrupta. Conteve seus sentimentos e empinou os ombros. Mikhail veio se postar ao seu lado, com um relincho do baio.

— Para onde ela foi?

— Para casa.

A resposta parecia expressar tudo o que Margaret jamais teria. Ela fez um esforço para se animar. Sentia-se cansada. A viagem fora agradável, mas ainda assim extenuante. Estava contente por Rafaella, independente de todo o resto. Nem por isso era menos angustiante.

— Acho que ela deseja muito ver uma certa pessoa.

— É mesmo? As pessoas dizem muitas coisas grosseiras sobre as Renunciantes, como se elas não fossem civilizadas. Esse misterioso amante tem um nome?

— É capaz de guardar um segredo?

— Claro.

— Creio que ela e meu tio, Rafe Scott, estão... gostando um do outro. — Margaret sabia que falava com alguma inconveniência. Era um assunto particular, e sentia-se estranhamente embaraçada ao falar a respeito, até mesmo com Mikhail. — Você o conhece?

— Rafe? Claro que sim. Tem certeza? Afinal, ele é muito mais velho do que Rafaella e... ora, parece improvável. Um estranho romance.

— Eu não tinha certeza no início. Comecei a perceber que havia alguma coisa, quando ele me levou à Casa de Thendara, para me encontrar com Mãe Adriana e contratar uma guia. Enquanto ele se afastava, ouvi-o pensar em alguém ali com muito... muito anseio. Não pensei mais a respeito na ocasião, porque não tinha certeza se

estava mesmo captando pensamentos. Além do mais, ainda me encontrava angustiada pela morte de Ivor e todo o resto. Tanta coisa acontecera! Não imagina como é chegar a um planeta e descobrir que as pessoas fazem reverências para você, ou alguém anuncia que é um tio que nem sabia que tinha.

O senso de ultraje tornou a aflorar. Margaret franziu o rosto. Era bom ter um foco para isso, mesmo que fosse apenas por um momento.

— Alguém já disse que seus olhos ficam mais dourados, quando se zanga?

— Pare com isso!

Margaret perdia o controle, quando Mikhail começava a se comportar assim. Afinal, Mikhail sabia como flertar, o que não acontecia com ela. É bem provável que ele tenha muita prática, disse ela a si mesma, corando e tentando recuperar o comando de seus pensamentos. Sempre detestara seus olhos de cor estranha. Alguém elogiá-los era uma experiência nova. Até que agradável, mas provocava um desequilíbrio emocional... e ela já se encontrava um pouco perturbada. Sentia alguma coisa iminente — uma premonição — e não gostava nem um pouco da sensação.

— Perdoe-me, prima. Acontece que nunca vi nada parecido com a maneira com que seus olhos quase pegam fogo. Gostaria de saber qual é a causa. Seria talvez um fenômeno químico?

Assim era melhor. Os elementos químicos eram seguros. Ninguém podia flertar com a bioquímica.

— Eu diria que a adrenalina é o agente, mas não sei muita coisa sobre a química do corpo. Fiz os cursos básicos na universidade e memorizei o suficiente para passar nos exames. Mas, com toda a franqueza, esqueci a maior parte.

— Sabe mais do que eu.

Havia uma certa ansiedade nessa resposta, quase como se ele invejasse os conhecimentos de Margaret. Ela pensou que devia ser angustiante para um homem inteligente e curioso ficar limitado por uma cultura que não atribuía um alto valor à educação, como ela a compreendia. Mikhail recebera o melhor que Darkover tinha a

oferecer, mas não era a mesma coisa que passar uma década nas salas de aula da universidade.

— Fale-me mais sobre esse romance de sua guia.

Margaret hesitou, mas o segredo já vazara. Refletiu que Rafaella não se importaria.

— Quando me encontrei com Rafaella, ela se mostrou aborrecida porque não poderia ver alguém antes de deixarmos a cidade. Somei dois mais dois e cheguei a cinco. Não lhe perguntei nada por algum tempo. Mas, quanto tive a doença do limiar, em Ardais, nós duas nos tornamos bastante íntimas. Finalmente perguntei, e ela admitiu que Rafe Scott não saía de seus pensamentos.

— Tenho de reconhecer que você tem mais controle do que eu num caso assim. Eu não resistiria a perguntar por mais que um dia. Tio Regis sempre disse que eu queria saber de tudo. Sempre o assediava com perguntas sobre os Terranan e a história de Darkover, enquanto ele se empenhava em ser um bom soberano. Deve ter ficado feliz ao se livrar de mim. Margaret surpreendeu-se com a amargura na voz de Mikhail. — Mas por quê? A curiosidade é uma característica saudável num jovem. Como você é muito inteligente, não é de surpreender que queira saber de tudo. Por que acha que ele queria se livrar de você?

Ela só estivera com Regis por pouco tempo, mas ele não lhe parecera uma pessoa que pudesse detestar a curiosidade em seu herdeiro. Talvez quisesse que Mikhail se interessasse apenas pelas coisas que precisava saber, não por tudo no universo.

— Eu... quando Regis e Linnea tiveram o jovem Danilo, resolvendo o problema da linhagem de Hastur... tornei-me desnecessário. Creio que era um pouco mimado, porque todos me dispensavam a maior atenção, como herdeiro de Regis. Ressenti-me de Danilo... o que foi uma atitude mesquinha. Ele era apenas um bebê, mas seu nascimento mudou tudo. Senti-me in-desejado, de certa forma, e absolutamente desnecessário.

Nunca contei isso a ninguém em toda a minha vida, nem mesmo a Dyan Ardais. O que ela vai pensar... que eu era uma criança lamurienta?

Margaret descobriu-se a pensar no tempo em que ainda era Marja Kadarin, no Orfanato John Reade. Sabia o que era se sentir indesejada, abandonada e sozinha. Embora soubesse agora que fora amada e desejada, isso não mudava a mágoa nem um pouco. Ela constatou que podia agora recordar esses eventos sem muita angústia, mas desconfiava que sempre a deixariam triste. Permitted-se sentir uma suave aflição por Mikhail, e compreendeu que tinham muito mais em comum do que imaginara antes.

— Primo, acho que você pode ter julgado a situação de maneira incorreta.

Ela queria muito confortá-lo, atenuar seu senso de perda. Gostaria de estender a mão para Mikhail, mas ele seguia à sua esquerda, e ela não gostava de tocar em ninguém com a mão esquerda, mesmo quando estava coberta por uma luva.

— Por que pensa assim?

Ele fitou-a nos olhos por um instante. Margaret encontrou a necessidade em seus olhos, a necessidade de ser útil, de ter alguém se importando com ele. Mas Mikhail logo baixou os olhos para a crina do cavalo, e o momento passou.

— Sempre pensei que Lew não suportava me ver, mas agora descobro I que não era verdade. Estava enganada. Interpretava as coisas de um ponto de I vista adolescente. Passei anos pensando que meu pai nunca me amou. Que I idade você tinha quando Danilo Hastur nasceu?

— Hum... Cerca de quatorze anos, ou um pouco mais. Tento não pensar a respeito.

— Está vendo? A mesma coisa que eu... um adolescente rebelde! Começava a se tornar um homem, com os hormônios descontrolados, talvez I enfrentando a doença do limiar. Subitamente deixou de ser o centro das atenções. Tenho certeza de que Regis não mudou os sentimentos que tinha por você apenas porque passou a ter um herdeiro natural.

— É bem provável que você tenha razão. Acontece apenas que às vezes me sinto completamente inútil. Eu era jovem quando Danilo Hastur nasceu, mas não tão jovem que ainda não tivesse feito planos para o momento em que assumisse o lugar de Regis. E você

tem razão sobre os hormônios... embora não seja polido falar dessas coisas. Aprendi a ser o paxman de Dyan Ardais, mas não posso dizer que me agrada. Não é um cargo que represente um desafio. Não é preciso muita inteligência para ser um companheiro, apenas uma infinita paciência.

— E você tem essa paciência?

Mikhail caiu na gargalhada. Lew virou-se na sela para olhar.

— Não. Sempre me irrita, como um cavalo meio domado, querendo minhas cenouras, mas relutando em suportar o peso de um cavaleiro. Sou dessas pessoas que exigem que os deuses lhe dêem paciência, e depois acrescentam: "E quero isso agora!"

Margaret não pôde deixar de rir. Mikhail ficou radiante. Mais uma vez, haviam conseguido dissipar a depressão um do outro. Era como se fossem duas metades de uma coisa, como se equilibrassem um ao outro com perfeição. Ela pensou de repente que Lew e Dio eram assim. O pensamento da madrasta ameaçou deixá-la deprimida de novo. Decidida, ela tratou de pôr de lado as conjeturas sobre a doença de Dio.

— É um pouco estranho. Tive a impressão, em Armida, de que você era bastante paciente. Eu tinha vontade de gritar com as pessoas na metade do tempo. Sempre detestei quando alguém me dizia que sabia o que era melhor para mim, quando não sabia de nada. Havia uma conselheira em meu primeiro trimestre na universidade que estava convencida de que eu deveria me dedicar ao estudo de economia. Era a sua especialidade, e ela gostava que outros se interessassem pela matéria. E é um curso muito popular, porque os terráqueos parecem ter uma constante necessidade de pessoas que possam provar, com números, que há uma necessidade de mais cereais dos produtores rurais... mesmo que os padeiros estejam deixando a farinha de trigo apodrecer, porque não há compradores para seu pão. É um assunto sombrio, e eu não queria nada que pudesse me deprimir. Ela olhou para Lew enquanto dizia isso.

— O que você fez?

— Disse a ela que não queria ser economista porque detestava matemática, e porque achava que a estatística não passava de um

meio de mentir em larga escala. Ela ficou furiosa comigo e me transferiu para outra conselheira... o que foi um tremendo alívio para as duas.

— Eu gostaria de ter feito isso... declarado a alguém que não queria o que me era dado, pois preferia fazer outra coisa. Mas meu pai está convencido de que é o homem mais sábio do mundo, mesmo quando não é. Tive a maior parte do que passa por uma boa educação terráquea em Darkover. Fica muito aquém de sua educação, mas foi melhor do que muitos outros receberam. Só que não pude concluir os estudos, porque meus pais acharam que não havia necessidade, depois que o herdeiro de Regis nasceu. Despacharam-me para Ardais, como se não quisessem minha presença em Armida. Senti que ninguém me queria. Regis teria me despachado para fora do planeta, mas meu pai e minha mãe não permitiram. Se deixassem, eu poderia tê-la conhecido na universidade.

E agora não haveria toda esta confusão.

— Mas pensei que Regis era... o Rei de Darkover!

— Sim e não. Tecnicamente, ele apenas ocupa o lugar do rei. Pela tradição, nossos reis vêm do Domínio de Elhalyn, não de Hastur. É muito complicado, até mesmo para mim, que convivi com isso durante toda a minha vida.

— Elhalyn? Ainda existe algum? Creio que alguém mencionou o nome.

Desculpe, mas fico um pouco confusa com todas essas famílias.

— Ainda há Elhalyns, mas o último representante masculino da linhagem, Derik, morreu antes de assumir o cargo. Só resta agora sua irmã, Priscilla, e as crianças que teve. Todos sempre foram bastante instáveis. Pelo que dizem, Derik era mais do que apenas um pouco louco. Se ainda tivéssemos o Conselho do Comyn, Priscilla poderia participar, porque os Elhalyns permitem que suas mulheres tenham esse poder. Eu os conheço, é claro, conheci durante toda a minha vida, mas os Elhalyns se mantêm um pouco apartados. Priscilla sempre teve uma disposição retraída. E, depois de Derik,

ninguém demonstrou qualquer entusiasmo em deixar que um Elhalyn tenha qualquer autoridade.

— Posso entender. Mas isso não explica por que seu tio não é o rei total. Fiquei confusa quando li o texto a respeito no disquete de história.

— Somos um planeta muito tradicional, Marguerida. Só abandona-|mos os nossos costumes com a maior relutância, se é que o fazemos. Tivemos reis Elhalyns durante séculos. São um ramo menor dos Hasturs, mas consagrados pela tradição. Regis teve de promover várias mudanças depois da Rebelião, e depois que os Destruidores de Mundos vieram para cá e assassinaram vários membros dos Domínios... Vários filhos de Regis foram mortos. Foi um período terrível... com bebês assassinados no berço, num esforço para provocar um grande desequilíbrio, a fim de que as pessoas gananciosas por trás dos Destruidores pudessem assumir o controle. Por isso, como me explicou, Regis assumiu a posição de regente, em vez de rei, a fim de preservar alguma coisa do passado, ao mesmo tempo em que continuava a nos levar para o futuro. Até isso é tradicional: os Hasturs serviram como regentes para os Elhalyns durante séculos.

— Você diz que conhece os filhos de Priscilla Elhalyn. Eles não são os herdeiros legítimos do trono? Mikhail deu de ombros.

— Não são descendentes diretos da linha masculina. Mas como o costume dos Elhalyns é conceder a situação de comynara às suas mulheres, eles podem se tornar. É uma questão legal complicada.

— E Regis está esperando, torcendo para que um de seus filhos tenha capacidade para assumir o trono?

— É o que tudo indica. Regis é esperto. Tem de manter as coisas em andamento. E não gosta de ser pressionado a tomar decisões. Prefere esperar até que a situação se resolva por si mesma... ao contrário de minha mãe, que gosta de fazer com que as coisas aconteçam. Os dois se amam, mas vivem brigando, porque minha mãe sempre pensa que pode obrigar Regis a fazer o que ela quer, como acontecia quando eram pequenos. E, com toda a certeza, ela teve bastante influência para me manter em Darkover.

— É mesmo? Não tive a impressão de que Regis Hastur podia ser influenciado com facilidade, a não ser talvez por sua consorte e pelo paxman.

Mas isso explica por que ela pensou que podia fazer com que Mikhail se tornasse o Senador, no lugar de Herm Aldaran, que todos parecem considerar um monstro, com exceção de meu pai. O que eu faria se isso acontecesse?

Mas que história é essa? De onde você tirou a idéia...

Quando meu pai anunciara que passara seu lugar para Herm, sua mãe ficou furiosa. Pude ouvir uma parte de seus pensamentos. Ela concluiu que todos os seus problemas poderiam ser resolvidos, se Regis o mandasse para o Senado. Ela pode fazer isso?

Então era por isso que ela parecia com um gato com penas na boca! Eu deveria ter imaginado, Ela é uma intrigante famosa, Marguerida. Em particular desde que todos nos tornamos adultos, e ela não tinha mais nada em que concentrar sua inteligência que não controlar nossas vidas. Pensando bem, é uma idéia muito hábil. Eu deixaria o planeta, algo com que venho sonhando há muito tempo, e poderia ser tentador demais para resistir. o único problema é que não tenho nem a mais remota noção do que um Senador deve fazer, enquanto Herm sabe de tudo. E, para ser franco, não quero mais viajar tanto pelas estrelas como acontecia antes. A menos...

Que eu fosse com você?

Isso mesmo.

Não posso. Sei disso agora. Tenho de ser treinada numa Torre. E me resignei a isso, embora a idéia me faça estremecer, sempre que penso a respeito. Não posso deixar Darkover até aprender a controlar meu Dom, e não imagino quanto tempo pode levar.

Anos! Mikhail parecia outra vez extremamente angustiado. E quando você acabar, vão dar um jeito de casá-la tão depressa que ficará com vertigem. Poriam o Domínio de Alton em suas costas, e nunca mais teria permissão para deixar o planeta!

Então é melhor torcermos para que meu pai tenha alguns trunfos escondidos na manga!

É possível. Gosto dele, Marguerida. Conversamos muito durante a viagem. Achei-o completamente diferente das histórias

que se contam a seu respeito. Pelo que ouvi, era um homem teimoso impetuoso. Não é verdade. Ao contrário, é muito ponderado, e não creio que tenha entregue o cargo a Herm por algum capricho, embora tenha certeza de que Javanne discordaria de mim. O problema é que ela ainda pensa em seu pai como ele era há vinte ou trinta anos, como se nada tivesse acontecido durante esse tempo, como se nada mudasse em decorrência de seu trabalho com os Terranan por anos a fio. E, provavelmente, Lew ainda pensa nela como a garota mandona que conheceu quando era um jovem.

E uma boa análise, Mikhail. Meu pai não é mais o homem de que me lembro. .. e a todo instante tenho de me lembrar disso. É uma situação muito difícil! Mikhail soltou um breve suspiro.

— Quer saber de uma coisa? Durante toda a viagem tive o pressentimento de que aconteceria alguma coisa que seria... muito importante para mim. E para você e todos os outros. Foi se tornando mais e mais forte. Desde que você viu a Torre de Hali ontem, e eu também, ficou enorme. E como uma dor de cabeça que ainda não começou.

— Eu entendo. A presciência é uma coisa terrível. Não que eu tivesse qualquer impressão nítida, como aconteceu quando fiz Ariel partir às pressas, causando o ferimento no pobre Domenic.

— Não foi culpa sua. Pare de tentar assumir a responsabilidade por coisas que não são da sua conta. Ariel sempre foi histérica, e se torna ainda mais quando espera uma criança. O que é esquisito, porque a gravidez supostamente acalma a mulher. Mas nunca acontece com minha irmã. Se há alguma culpa, é de minha mãe, por não impedi-la de partir de maneira tão precipitada, como uma idiota.

— Mikhail fez uma pausa. — Mas ainda penso que há alguma coisa além do horizonte, e torço para que seja para o bem de todos, não para o mal.

— Concordamos nesse ponto — comentou Margaret. — Se vou ter uma premonição, quero que seja clara e precisa, não essa sensação vaga de uma dor de cabeça iminente. O que é uma boa metáfora. E exatamente assim que me sinto.

— Tenho a impressão de que vamos descobrir o que é, quando chegarmos ao Castelo do Comyn. — Ele parecia impaciente e

preocupado. — E torço para que não seja algo tramado por minha mãe.

— Como ela poderia fazer qualquer coisa? Neste momento se encontra a quilômetros de distância, em Arilinn, com Liriel e o pobre Domenic.

Mikhail exibiu uma expressão de surpresa.

— Ainda não entendeu realmente o que significa viver numa comunidade telepática, não é mesmo?

— Como assim?

— Se bem conheço minha mãe... e pode ter certeza de que a conheço muito bem... ela vem usando o sistema de transmissão para enviar mensagens a Regis. Não precisa da presença física, embora isso seja preferível. Pode se comunicar à vontade sem chegar perto de Thendara.

Margaret ficou quase desesperada ao ouvir isso. o que podia fazer? Nada! Era frustrante e assustador. Havia pessoas que decidiriam sua vida, e ela não podia opinar na questão.

Chiya, pare de se atormentar!

Como posso fazer isso, pai, quando tudo indica que...

Sei como se sente... muito mais do que pode imaginar. Mas Javanne não vai se intrometer em sua vida. Pode confiar em mim para fazer o que é certo por você?

Posso tentar... mas não é fácil.

Sei que não é. Mas tem de acreditar que Regis não será pressionado a tomar qualquer decisão que afete o reino sem uma cuidadosa consideração. Há anos que ele vem conseguindo manter Darkover em seu atual curso, e não será desviado de seu propósito pela irmã ou qualquer outra pessoa.

Por trás dessas palavras confortadoras, Margaret sentiu a preocupação de Lew Alton com a esposa. Lamentou por se preocupar tanto consigo mesma. Por que não podia pensar apenas em Dio, obrigando a mente a se afastar do homem que cavalgava ao seu lado? Onde estava sua disciplina? Se ao menos não soubesse quão bem ela e Mikhail ajustavam-se um ao outro! Não era justo! Mikhail balançou a cabeça.

— Fale-me, prima, se puder, sobre essa pequena preocupação no fundo de sua mente.

— Por quê?

— Sei que você tem alguma coisa do Dom de Aldaran. Há algo no passado que a perturba, e eu gostaria de saber o que é.

— Jamais desejei essas coisas. Por que não podia ser como Ariel, sem telepatia? Não compreendo por que tenho. Também não entendo por que Rafaella não tem, por exemplo, enquanto sua irmã tem o suficiente para ir trabalhar numa Torre.

Mikhail tornou-se pensativo.

— Temos especulado sobre isso há muitos anos... talvez há séculos. Sabe que precisamos, até certo ponto, controlar a reprodução para preservar os Dons.

— Sei disso, e acho que é lamentável, porque reduz os seres humanos a animais, como cavalos ou vacas.

— Mas não tem objeções à engenharia genética dos Terranan para promover dentes saudáveis ou uma boa vista?

— É um argumento. Mas não sou contra, porque acho que são coisas boas para toda a espécie, não apenas para uns poucos.

Mikhail soltou uma risadinha.

— Já entendi... nós, dos Domínios, somos egoístas. Não é a primeira vez que nos fazem essa acusação, e não será a última. Mas, apesar de nossos conhecimentos e esforços, nunca conseguimos determinar como o processo funciona. Tudo indica que a tendência é voltar a uma pessoa sem qualquer Dom. Por isso, os que têm os Dons passaram a ser valorizados, talvez demais, como pudemos observar no desespero de Ariel.

— Pobre mulher... Ela deve se sentir como uma surda para os tons numa família de músicos excepcionais. — Margaret balançou a cabeça. — Mas exceto pela súbita visão sobre Domenic e a outra...

— Que outra?

— Sobre Alanna Alar, sua futura sobrinha.

— Ahn... Achei que estava sendo apenas gentil com minha irmã, dizendo o que ela queria ouvir, com base no conhecimento de Liriel de que ela esperava uma menina. Não sabia que teve uma forte impressão sobre o futuro da menina.

— Tive e não gostei, porque... prefiro não dizer nada. Não me agrada a idéia de conhecer o futuro. Acho que sempre o imaginamos em termos do que sabemos. Depois, quando temos o futuro real, tentamos fazer com que se enquadre em nossa interpretação, em vez de lidar com a realidade. Já li muitas coisas que vários profetas escreveram. São repletas de ambigüidades e sujeitas ao tipo de crenças que levam a guerras. Não quero o Dom de Alton, mas detesto ainda mais a capacidade de espiar através do véu do futuro.

— Mas ainda ontem você se mostrava disposta a correr para a porta da Torre de Hali, e no fundo de seu coração sabe que algum dia entrará ali.

— Isso é diferente! — exclamou ela, tentando explicar. — É o meu futuro, e somente eu terei de enfrentá-lo... se algum dia chegar a esse ponto. Mas me recuso a fazer predições sobre a vida de uma criança por nascer! É errado! É cruel!

— Isso nada tem a ver com a filha de Ariel, não é mesmo?

— Não, não tem. — Margaret fez uma pausa, organizando seus pensamentos. — Creio que Ashara Alton me previu, não a mim em particular, mas a possibilidade de Marguerida Alton em algum futuro indefinido. Pelo menos, quando Istvana me contou que ela ofuscara outras mulheres, assumi a premissa de que antecipava minha existência... que sabia, de alguma forma, ser uma ameaça para a dela.

Ela estremeceu à menção do nome, mas recusou-se a deixar que os medos a dominassem. A massa do Castelo se encontrava mais perto agora, visível acima das casas na rua. Margaret tinha uma vista desimpedida da torre em que Ashara continuara a residir por muito tempo depois de sua morte.

Ela compreendeu agora o que a perturbava ao se aproximarem. Sacudiu, a cabeça, tentando desanuviar a mente. Recordou como a Torre lhe parecera, como provocara um calafrio, quando a vira na primeira visita. Fora uma linda estrutura de pedras brancas, como o resto do Castelo do Comyn. O que havia agora era uma ruína enegrecida, toda a parte superior derrubada, como se atingida por um raio. Nenhum dos telhados nas proximidades

apresentava qualquer sinal de ter sido queimado ou danificado. O que acontecera?

Mikhail acompanhou seu olhar e se mostrou aturdido por um segundo.

— A Torre de Ashara...

— Parece que foi destruída num incêndio. Eu gostaria de saber o que aconteceu.

— Não sei. Mas posso especular. Quando você tirou a pedra fundamental da Torre no mundo superior, também destruiu a física que existia em Darkover. O que foi ótimo!

— Mas... alguém poderia ter morrido, Mikhail. Se eu adivinhasse o tipo de dano que poderia causar, não sei se estaria disposta a...

— Minha cara prima, você fez o que tinha de fazer. Ninguém a culpa por isso. — Ele sorriu para Margaret, que sentiu uma profunda ternura. — Há um momento, antes de vermos as ruínas da Torre Antiga, você dizia alguma coisa sobre Ashara. Sobre a interpretação do futuro. Continue, por favor.

Margaret apertou as rédeas com mais força.

— O nome dela ainda me deixa um pouco desamparada. Às vezes não tenho certeza se ela desapareceu para sempre, apesar do que dizem os outros.

Ela fez um esforço para respirar devagar, recuperar a calma.

— Ainda não sei exatamente o que aconteceu, mas tenho certeza de que ela fez Dyan Ardais me levar à sua presença. Tudo é bastante vago e indefinido em minha mente. Quando ela me viu, acho que soube que era a pessoa que devia temer. E tomou providências para que jamais soubesse que tinha o Dom de Alton. Deve ter sido uma mulher extraordinária... não admirável, mas muito poderosa.

Mikhail acenou com a cabeça.

— Por tudo o que dizem, ela foi isso e muito mais. Posso agora entender um pouco melhor suas objeções ao Dom de Aldaran. Fazem sentido. Mas você tem o suficiente para receber indicações ou algo assim.

— o que tenho agora é o mesmo sentimento de presságio que experimentei a caminho de Darkover. Talvez mais forte agora... é tudo subjetivo, e tenho uma imaginação muito ativa. Acho que é bem possível que não se possa realmente ver o futuro com nitidez. É isso que causa problemas... quando se tenta manipular as visões para atender aos interesses pessoais.

— Mas todo mundo tenta manipular as coisas em seu próprio benefício, Marguerida!

— Eu não!

— Claro que você também! Se não fosse assim, você e minha mãe não estariam em conflito. Sei o que você quer... e eu também quero. Nós dois faremos tudo o que pudermos para ter certeza de que tudo acabará como desejamos. Não pode negar isso.

Acuada de novo, Margaret sorriu.

— Não, não posso. Ou melhor, até que poderia, mas seria falso. E, embora haja várias para as quais eu poderia dissimular com a maior satisfação, você não é uma delas.

— Sei disso. Desde a primeira vez em que nos encontramos, compreendi que nunca poderíamos mentir um para o outro.

A voz era afetuosa e terna. Margaret sabia que ele falava em vez de usar a telepatia, porque a conversa agora era muito íntima. Sentiu-se grata por sua polidez, mas também comovida com a paixão contida.

— Que tipo de capacidade você possui?

— Tenho laran, é claro, mas nenhum dos Dons. Sou apenas um telepata comum, bastante bom para participar do Conselho Telepático, que tem sido nosso governo durante a maior parte da minha vida. Liriel tem uma capacidade maior, e é por isso que ela é uma excelente técnica. Minha mãe também tem laran, assim com Gabe e Rafael, embora o deles, como o de meu pai, seja bem modesto.

— Quando fomos ao mundo superior para buscar Donal, tive a impressão de que você era bastante competente, mas não conheço o suficiente para julgar. Todos falaram tanto sobre o Dom de Alton que não prestei muita atenção aos outros. Sei que há um Dom de

Hastur... Lady Marilla tentou me explicar, mas não fazia muito sentido na ocasião. Você o tem?

— Claro que não! — Mikhail parecia chocado e um pouco transtornado. — Desculpe. Não queria ser ríspido com você. Admito que esperava tê-lo quando me tornasse mais velho. Fiquei um pouco desapontado por não acontecer. o Dom de Hastur é o da matriz viva... permitindo que a pessoa trabalhe sem necessidade de uma matriz física.

Margaret fitou-o em silêncio por um longo momento, depois olhou para sua mão esquerda.

— Mas não uso um cristal... e acho que nem poderia.

— Sei disso. Liriel tentou me explicar... sua matriz de sombra... mas apenas me deixou com dor de cabeça, porque a descrição era técnica demais. Mas ela disse que era diferente do Dom de Hastur. Ela e Jeff avisaram Arilinn. o arquivista ali, ao que parece, está ficando louco na tentativa de encontrar qualquer referência a isso no passado.

— Pode me falar mais sobre Conselho Telepático? Tio Rafe o mencionou, mas nunca ouvi uma explicação objetiva... ou pelo menos não entendi o que me disseram.

— Darkover foi governada durante séculos pelo Conselho do Comyn, formado por um membro de cada um dos Domínios, todos os homens, à exceção de Aillard, mais as Ieroni das Torres. O Domínio de Aldaran também integrava o Conselho, mas foi expulso. É uma longa história, com muitos atos de traição. Deixarei para contá-la em outra ocasião. O Conselho reunia-se no verão. Tomava decisões sobre o comércio com os Terranan e vários outros problemas. Mas, quando seu avô Kennard partiu, levando seu pai, o Conselho parou de funcionar. Poucos anos depois da Rebelião de Sharra, deixou de existir. Regis criou o Conselho Telepático para substituí-lo, mas na verdade essa solução não satisfez a ninguém. É menos exclusivo do que o Conselho do Comyn, mas realiza menos, porque há agora muitas vozes, quando antes havia poucas. Além disso, o povo não está feliz.

— o povo? — Margaret olhou para os artesãos em suas lojas ao longo da rua. Eram mulheres e homens envolvidos nas atividades

cotidianas da vida. Não pensara muito neles, porque os poucos que conhecera até aquele momento pareciam contentes e em boa saúde. Não se viam mendigos em Thendara, nem qualquer evidência óbvia de abuso aristocrático, embora ela tivesse certeza de que havia alguns casos. A natureza humana ainda estava longe da perfeição.

— Como sabe o que o povo pensa?

— Ouvindo. Como paxman de Dyan Ardais, ouço coisas que jamais chegariam a seus ouvidos. Como o filho caçula de meu pai, também tenho ouvido mais do que pode imaginar de camponeses, artesãos e outros. Muitos não têm interesse por qualquer coisa além de suas próprias vidas, é claro, mas há também os que consideram que o Conselho Telepático não mais serve a Darkover como deveria.

— O que eles querem em seu lugar?

— Não posso responder. Há uns poucos, com educação Terranan, entre as famílias dos Domínios, que acham que deveríamos ter um governo como o da Federação. Mas o que tenho ouvido das pessoas comuns é que preferem restaurar o Conselho do Comyn.

— Não seria voltar ao passado, Mikhail?

— É possível. Mas não somos a Terra e não temos a tradição de um sistema democrático. Não acha que eleições aqui, com uma população em grande parte analfabeta, seriam muito difíceis?

— Ainda não considerei o problema, mas dá para perceber que você pensou muito a respeito, Mik.

— É verdade. A princípio porque era meu dever, como herdeiro titular de Regis. Agora penso no assunto porque me interessa muito. E tenho muito tempo para pensar no futuro de Darkover, mesmo que não possa vê-lo.

— Não acha que talvez seja melhor assim... não ver o futuro?

— Acho que não preciso vê-lo... porque, como disse tio Jeff, estou a caminho do futuro, quer queira ou não.

Capítulo Vinte e Seis

O sol baixava por trás deles, matizando as pedras brancas do Castelo do Comyn com um rosa deslumbrante, quando finalmente deixaram as ruas estreitas e sinuosas de Thendara. Os guardas com as cores azul e prateada dos Hasturs, nos dois lados do portão, bateram continência para Lew, quando ele entrou no pátio externo. Era uma entrada diferente daquela por que passara com Rafe Scott, em sua visita anterior, e por isso Margaret olhou ao redor com interesse.

O cheiro agradável de cavalos impregnava o ar. Vários cavaleiros se adiantaram. Havia num lado um enorme estábulo, e no outro o que ela desconfiou ser um alojamento. Na extremidade do pátio havia alguns degraus, onde um rapaz de treze ou quatorze anos esperava, vestindo uma túnica azul e calça cinza. Margaret especulou quem poderia ser o rapaz, pois não parecia um servo.

Um cavaleiro ajudou-a a desmontar. Ela se sentiu muito contente ao pisar de novo em terra firme. Observou o cavaleiro levar o animal, pensando como iria devolvê-lo a Rafaella. Pensou em seguida na adorável Dorilyls, em Armida, e suspirou. Sentia-se cansada, e muitas coisas se sucediam em sua mente.

O rapaz de cabelos brilhantes e um tanto franzino desceu os degraus e fez uma reverência para Lew, outra para Margaret. Ofereceu um sorriso para Mikhail, e só depois se lembrou de que estava sendo formal.

— Sou Danilo Hastur, herdeiro de Hastur — anunciou ele, cortês, como se tivesse ensaiado enquanto esperava. — Meu pai envia saudações.

Lamenta não poder estar presente para recebê-los. Ele se acha ocupado no momento com questões de estado, mas convida-os a jantar conosco.

A voz se tornou estridente uma vez, enquanto ele falava, o que deixou seu rosto um pouco rosado.

Então aquele era o rapaz que tomara o lugar de Mikhail, pensou Margaret. Parecia inteligente, mas tenso e inseguro. Talvez o

peso do fardo de Hastur fosse demasiado naqueles pequenos ombros.

Ela olhou para a Torre que observara à distância, o lugar em que Ashara mantivera sua presença em Darkover por tantos séculos. Estava em ruínas, como Hali, desmoronada e enegrecida. Margaret experimentou um fluxo de prazer culpado, uma alegria secreta por ter destruído a Torre... embora torcesse desesperadamente para que ninguém tivesse se ferido. De qualquer forma, outro dos vínculos de Ashara Alton com o mundo real fora cortado.

Antes que pudesse se estender em seus pensamentos, Margaret sentiu a mão do pai tocar de leve em seu cotovelo.

— Vamos embora, direto para a Suíte de Alton. Quero tomar um banho. .. e tenho certeza de que você também quer. E quero ver Dio agora mesmo!

Margaret sentiu um súbito cansaço e uma profunda ansiedade. Agora que tinha a oportunidade de ver a madrastra, descobria que relutava em procurá-la. Não queria ver Diotima doente! Não queria vê-la morrer, como Ivor!

Lew estava calado, pensativo, como era no passado. Margaret sabia que era a preocupação. Obediente, seguiu-o pelo castelo. Percorreram vários corredores e subiram três lances de escada. Lew se achava meio corredor à sua frente, quando finalmente alcançaram a suíte. Apesar de todas as voltas, ela não se sentia perdida ou desorientada. Nos recessos de sua mente ainda havia um mapa do labirinto que era o Castelo do Comyn. Margaret tinha certeza de que poderia encontrar o caminho para a Suíte de Alton mesmo vendada.

Lew Alton abriu a porta alta e entrou no cômodo além. Era o que Margaret passara a pensar como a sala de estar típica, com muitos tapetes, tapeçarias nas paredes, enormes sofás. Dio cochilava num deles, coberta por uma leve manta. A primeira visão da madrastra fez com que Margaret prendesse a respiração, a garganta quase fechando. Nada do que Lew dissera a preparara para a realidade.

Dio estava tão pálida que era quase incolor. Os cabelos dourados haviam se tornado frágeis e sem qualquer lustro. As mãos

outrora bonitas pousavam no colo, inertes e murchas. Ela se mexeu um pouco quando os dois entraram, mas não acordou até que Lew foi se inclinar sobre o sofá e roçou os lábios pela face encovada.

— Eu sonhava com você — sussurrou Dio, através dos lábios rachados.

— Espero que tenha sido um sono agradável.

Lew tentou parecer jovial, mas se mostrava preocupado e cansado.

— Mais agradável do que muitos outros que já tive. Seus cabelos eram escuros, e você brilhava como Aldones.

— Ah, como você continua a ser romântica, depois de tantos anos, minha querida! Veja quem eu trouxe comigo!

Margaret reprimiu o terror frio em sua garganta e adiantou-se. Tocou nas mãos de Dio. Estavam geladas, a pele escamada e seca.

— Olá, Dio.

Ela sentia-se angustiada, como se fosse uma criança pequena, ao contemplar a única mãe que conheceria.

— Marja! — Um tênue sorriso surgiu no rosto de Dio. — E maravilhoso você ter vindo. Estava ansiosa para vê-la. Quando chegou?

Como ela está adorável agora! Minha linda filha, minha menina... uma mulher agora, não é?

— Há mais de um mês. Mas parece que foi uma vida inteira. O pai encontrou-me em Armida. Lady Javanne não ficou nada satisfeita, quando ele surgiu na tempestade.

— Tempestade? Andou tendo aventuras de novo sem que eu soubesse? — Dio falava como era no passado, dando a impressão de que tentava ocultar a doença. — Cada vez que eu a deixava sozinha, Marja, você se metia em alguma travessura. Lembra a ocasião em que construiu uma casa na árvore com as crianças de... não consigo recordar seus nomes... e você roubou madeira da serraria? — Lew disse:

— Que história é essa? Nunca ouvi falar de uma casa na árvore.

As feições de Lew mantinham-se firmes, como se ele combatesse o desespero com toda a sua tremenda força de vontade.

— Nem podia ouvir. Guardamos o segredo, não é, Marja? Foi divertido. E era uma casa na árvore muito bem feita!

Um espasmo de tosse interrompeu-a. Margaret olhou para o pai, apavorada. Sua pulsação disparou no medo. Mas Lew não parecia perturbado com a tosse de Dio.

— Ainda bem que fizemos uma casa resistente, porque você subiu para tomar chá conosco — respondeu Margaret, imprimindo à voz uma jovialidade que não sentia.

Como o pai conseguia agüentar? o respeito recém-descoberto pelo pai apartado aumentou ainda mais, quando ela observou-o se comportar como se tudo estivesse normal. Margaret mordeu o lábio e continuou:

— Fiquei espantada quando você levantou a saia e subiu para a plataforma, como se já tivesse feito aquilo uma centena de vezes. E as crianças Weevus acharam que era maravilhosa. Daren queria viver conosco, ter você como mãe. Ele tinha uma ótima mãe, mas não era do tipo que subia em árvores.

— o que mais aconteceu sem que eu tomasse conhecimento? — perguntou Lew, parecendo divertido, embora a filha percebesse uma certa angústia em sua voz.

— Muitas coisas. Não queríamos incomodá-lo. — Dio ofereceu um sorriso fraco ao marido. — Você se tornou linda desde que nos deixou, chiya. Era uma menina magricela, só pernas e olhos, e agora é uma mulher.

Esse discurso pareceu esgotá-la. A mão que Margaret segurava se tornou inerte.

— Na próxima vez em que construir uma casa na árvore, Marja, é melhor me convidar também para o chá. Creio que ainda consigo subir numa árvore.

Eu deveria tê-la preparado melhor para Dio. Como posso bancar o tolo idiota! Mas não fui capaz de dizer nada! Ainda assim, ela está se saindo muito bem. Como os deuses me favoreceram em minha filha! Como pude permitir que ela me deixasse... que se mantivesse distante por tantos anos?

Pare de se lamentar, pai. o passado é passado... e temos de cuidar do presente!

— Claro, pai. Vi uma árvore em Armida que seria perfeita. Não posso imaginar por que ainda não existe uma casa ali.

Lew soltou uma risada.

— Mal posso esperar para ver a cara de Javanne. Como se sente hoje, minha querida?

— Quase a mesma coisa. Um dos curandeiros de Regis deu-me um medicamento que atenuou os espasmos, o que me permitiu descansar um pouco. Querem que eu me torne bastante forte para agüentar o transporte até Arilinn, onde será efetuado o tratamento.

— Então é o que faremos, Dio. Vamos torná-la forte para a viagem.

— Você sempre acha que pode dar um jeito em tudo. E por isso que o amo.

Margaret ficou embaraçada por essa demonstração ostensiva de profunda afeição. Sentiu-se excluída pela intimidade. Especulou se algum dia diria palavras tão ternas para um homem. Descobriu que queria isso mais do que poderia imaginar antes.

— Eu gostaria de tomar um banho e me aprontar para o jantar — murmurou ela, para ocultar seus sentimentos. — Regis convidou-nos para jantar com ele, o que parece bastante formal.

— É tão formal quanto qualquer outra coisa em Darkover, Marja. Mas não precisa se preocupar. — Lew balançava a cabeça enquanto falava. Apontou uma porta. — Seus aposentos são ali. Um dos servos já deve ter levado sua bagagem.

Margaret não pôde pensar em nada para dizer. Por isso, retirou-se em silêncio. Qual seria o problema de Dio? E por que ela não fora tratada com a tecnologia médica terráquea? Ou talvez recebesse o tratamento terráqueo, mas não adiantara. Ela precisava perguntar a alguém, mas não queria perturbar o pai.

Depois de vários minutos frustrantes, ela se lembrou da consorte de Regis Hastur, que se mostrara tão gentil e cordial em sua última visita. Lady Linnea?

Não precisa gritar! Não havia irritação no pensamento em resposta, apenas bom humor e uma agradável recepção. O que é,

Marguerida? A serenidade nos pensamentos de Linnea atenuou um pouco os medos de Margaret.

Minha mãe, Dio, está muito doente. Eu gostaria de saber o que pode ser feito aqui em Darkover que não pode ser realizado pela medicina Terranan. Meu pai vai se desesperar se ela não melhorar.

Uma boa pergunta. Os terráqueos são muito eficientes com suas máquinas e todo o resto, mas uma boa leronis pode conseguir o que você acharia ser um milagre.

Como?

Lembra quando foi monitorada?

Como Linnea sabia disso? Não tinha importância. Claro que lembro.

Dio está sendo monitorada da mesma maneira, até as células. E o que pode ser percebido pode ser alterado, entende?

Mais ou menos. É um pouco difícil de acreditar.

Não precisa acreditar, Marguerida. E não deve se preocupar. Diotima está nas melhores mãos. E será feito tudo o que for possível.

O contato mental foi gentilmente interrompido. Margaret respirou fundo várias vezes, um pouco trêmula. Tentou ignorar o desespero que a dominava. Correu os olhos pelo quarto. Sua bagagem continuava fechada. Ela começou a abri-la, quando uma camareira gorducha entrou. Adiantou-se para ajudá-la, mas Margaret acenou com a mão para que ela se afastasse, ansiosa por ter alguma coisa com que ocupar a mente e as mãos.

Era fácil lhe dizer para não se preocupar, mas ela não podia evitar. A morte de Ivor ainda era recente em sua mente e coração. A idéia de que Dio poderia morrer também era mais do que ela podia suportar. Não conseguia deixar de pensar a respeito, por mais que tentasse. Durante a viagem, dera um jeito de repudiar seu medo. Mas, agora que vira Dio, isso era impossível. E o dever exigia que se comportasse exatamente assim. Era a coisa mais difícil que ela já tivera de fazer. A admiração pelo pai, que provavelmente tinha de fazer muitas coisas que não desejava, aumentou ainda mais. Ele não era mais o homem de que se lembrava. Sentia-se ansiosa para conhecer o Lew Alton como ele era agora. Mas ele também não a

conhecia. Teriam de começar tudo de novo, ainda sobrecarregados pelo fardo do passado. Em seu ânimo atual, isso foi suficiente para deixar os olhos de Margaret cheios de lágrimas.

Ela piscou para reprimir as lágrimas, irritada por sua falta de controle. Concentrou-se em arrumar suas coisas. Por baixo do precioso equipamento de gravação, Margaret encontrou o vestido de seda verde que Manuella lhe enviara como um presente. Estava todo amarrotado, mas continuava lindo.

Esquecera-o por completo durante a viagem. Agora, ao sacudi-lo, especulou se seria apropriado para um jantar formal.

— Pode passar este vestido? — perguntou ela à criada.

— Claro, domna. Será um prazer. É lindo. — A criada levantou o vestido. — Trabalho de MacEwan?

— Como soube?

— Ninguém tem a mão igual com um tecido. Ele é o melhor mestre alfaiate de Thendara. Arrumarei o vestido enquanto toma banho.

Depois que se despiu, Margaret passou um longo momento contemplando a mão esquerda. Na maior parte do tempo, ela a ignorava, assim como a luva que cobria as marcas. Tentou determinar agora se as linhas estavam diferentes. Teria de usar uma luva de couro pelo resto de sua vida?

As linhas pareciam um pouco diferentes hoje. Ela se perguntou se isso tinha alguma relação com sua incursão ao mundo superior. Uma pedra de matriz era um foco para talentos inatos, pelo que Liriel e Istvana haviam explicado. Guardada num saco de seda, só funcionava quando tirada e usada. Portanto, era muito diferente de ter uma matriz de sombra gravada na própria carne. E era diferente de tudo o que as outras pessoas conheciam.

Se o pai não estivesse tão transtornado por causa de Dio, poderia conversar a respeito com ele. Mas não queria incomodá-lo agora. De qualquer forma, não poderia mesmo fazer coisa alguma naquele momento. Desviou a mente do assunto com alguma dificuldade. Passou a pensar em Mikhail. Concluiu que era algo ainda mais perigoso para a sua paz de espírito do que tentar decifrar a telepatia sem todas as informações necessárias.

Um banho quente e perfumado contribuiu em muito para restaurar a energia e acalmar a mente de Margaret. Foi com extrema relutância que ela saiu da banheira, enxugou o corpo com o maior cuidado, vestiu o roupão macio, pendurado à sua espera, e pôs a luva de couro. Estava tão rígida agora que ela detestou o contato com a pele, mas não ousava tocar em alguém sem sua cobertura protetora.

Quando voltou ao quarto, Margaret encontrou a criada cantando baixinho, enquanto alisava as roupas de cama e afofava o travesseiro. A canção distraiu-a da preocupação com Dio, os pensamentos sobre Mikhail e outras coisas com que sua mente hiperativa parecia determinada a assediá-la. — o que você está cantando... Desculpe. Nem perguntei seu nome.

— Sou Piedra, domna. Não é grande coisa... apenas um antigo acalanto que minha mãe sempre cantava para mim. Sempre canto quando arrumo a cama. É uma tolice, mas acho que as pessoas têm um sono mais profundo, quando deixo um acalanto no travesseiro.

— Parece-me uma boa idéia — comentou Margaret. — Pode cantar tudo para mim? Gostaria de conhecer a letra inteira.

Ela pegou o gravador. Verificou se as baterias ainda funcionavam e ligou-o. Queria uma coisa segura ao seu redor, e a música era a mais segura que conhecia. A música não mentia ou morria. A criada se mostrou um pouco surpresa, depois divertida.

— Como quiser, domna.

A jovem recomeçou a cantar, uma voz de soprano, sem treinamento, mas doce e simples, como a própria canção. A letra era encantadora, sobre diversos animais terrestres e aves que iam dormir. Margaret desconfiou que tinha uma quantidade interminável de versos. Já ouvira canções similares em outros mundos, mas nenhuma, ela concluiu, era tão bonita.

Margaret agradeceu quando Piedra terminou. Depois, vestiu as roupas de baixo, de algodão macio. Enfiou o vestido pela cabeça, deixando que se acomodasse nos ombros. Ajustava-se com perfeição. Os dedos ágeis de Piedra prenderam os muitos botões que se estendiam pela coluna. Ela fez Margaret sentar em seguida. Desfez o nó nos cabelos que Margaret fizera para o banho. Escovou-

os com o maior cuidado. Margaret relaxou com os suaves movimentos e, por algum tempo, quase que esqueceu suas preocupações. A criada arrumou e prendeu os cabelos, ajeitou a travessa de borboleta, sorrindo.

— Tem lindos cabelos, domna.

— É mesmo? Nunca pensei assim... são muito lisos e finos, esvoaçam com a menor brisa.

Ela estudou a mulher no espelho. Era uma estranha. Margaret não era vaidosa. Quase nunca se contemplava no espelho por mais que o necessário para verificar se deixara pasta de dente nos lábios, ou se havia manchas de poeira nas faces. Detestara espelhos por tanto tempo quanto podia se lembrar. Embora nem mesmo Ashara estivesse mais ali para atormentá-la, ela ainda se sentia um tanto apreensiva ao ver sua imagem.

A pessoa no espelho era bem pálida, com olhos dourados que pareciam enormes e radiantes. Compreendeu que sua semelhança com Thyra Darriell era muito grande, embora os cabelos de Thyra fossem mais escuros, e os olhos cor de âmbar, não dourados como os de Margaret. Mas os ossos delicados por baixo da pele clara eram iguais aos de sua mãe. Ela sentiu que devia ser grata por não ter herdado também a assustadora instabilidade de Thyra.

Não conhecia a mulher bela e aristocrática no espelho. Ela olhou para a luva de couro, destacando-se contra a seda suave, e os pés metidos em meias, projetando-se por baixo da bainha bordada. Ia parecer muito estranha, comparecendo a um jantar formal com uma luva de couro e um dos seus dois pares de botas. Tinha ainda as suas amadas chinelas, tão surradas que deveriam ter sido substituídas há séculos. As botas eram aceitáveis em Armida, mas agora ela estava no Castelo do Comyn. Estranho... queria muito causar uma boa impressão em seu pai. Nunca desejara isso antes. Depois de pensar um pouco, decidiu que gostava da idéia.

— Não tenho nada para calçar. Piedra ficou radiante.

— Notei que não tinha quando guardei suas roupas. Por isso, fui buscar sapatos emprestados. Espero que não se importe.

— Se me importo? Claro que não! Mas onde encontrou os sapatos? Piedra balançou a cabeça, as faces um pouco rosadas.

— O Castelo do Comyn está cheio de coisas... como um sótão, domna... que são deixadas e esquecidas, ou simplesmente descartadas. É terrível. Os empregados devem manter tudo limpo e arrumado. Por isso, sei mais sobre armários do que gostaria. E na Suíte de Aillard há um armário inteiro cheio de sapatos e sandálias. Foram deixados por Jerana Aillard. Dizem que ela era muito vaidosa e adorava sapatos elegantes. Acho que estes vão caber nos seus pés.

Como uma conspiradora, a criada estendeu um par de sandálias prateadas, ornamentadas com penas. Couberam sem qualquer dificuldade, pois o couro macio se ajustava aos pés.

— Ela devia ser uma mulher muito alta para que seus sapatos coubessem nos meus pés.

— Não sei, domna. Apenas ouvi dizer que ela levava os criados à loucura com suas exigências quando estava aqui, o que era a maior parte do tempo, pois casou com Aran Elhalyn, que esquentava o trono naquela ocasião. Tudo isso aconteceu antes do meu tempo. Desculpa, domna, mas vai mesmo usar essa luva? Não combina com o vestido.

Foi dito com o devido tato, mas confirmou todas as dúvidas de Margaret.

— Preciso manter a mão coberta, e não disponho de qualquer outra coisa. Se eu soubesse que teria de comparecer a jantares formais, teria tomado as providências necessárias.

Ela se imaginou com uma vasta bagagem, contendo lindos vestidos, sapatos elegantes e todo o resto. A imagem era tão ridícula que não pôde evitar uma risada.

— Então vou procurar uma coisa mais bonita. Confesso que adoro um pretexto para vasculhar os armários... é muito mais divertido do que tirar o pó dos móveis. Ou varrer os tapetes... só de pensar me dá vontade de espirrar!

Piedra deixou o quarto. Margaret calçou os sapatos de uma mulher há muito morta. Uma rainha, ao que parecia. Era muito difícil entender direito as complexidades das famílias darkovianas. Os Elhalyns. Mikhail os mencionara como os verdadeiros reis de Darkover. Mas ela não queria pensar na história darkoviana naquele

momento. Para se manter ocupada, guardou o equipamento de gravação.

A criada voltou com várias caixas nos braços. Sorria, obviamente feliz por ajudar Margaret a se preparar para o jantar. Largou as caixas e começou a tirar pares de luvas, compridas e curtas, de couro e de pano. Devia haver três dúzias de pares.

— Mais despojos da Suíte de Aillard?

— Despojos? Nunca pensei assim, mas acho que se pode falar nesses termos. Hum... Estas luvas de seda têm uma cor que combina muito bem, se couberem.

Margaret pegou as luvas estendidas. Experimentou na mão direita, para verificar se cabia. As luvas eram compridas, quase alcançando os cotovelos, feitas com a mesma seda delicada do vestido, mas com uma tecedura diferente, esticando nos dedos. Havia um lindo bordado e pequenas plumas prateadas na extremidade aberta. Ela quase que lamentou o fato de que as mangas do vestido esconderiam as luvas. o tamanho era perfeito. Margaret ficou feliz em remover a luva de couro da mão esquerda, substituindo-a pela de seda, mais leve.

Assim que a seda deslizou sobre as marcas em sua palma, Margaret sentiu uma mudança. O senso de energia em movimento na sua pele diminuiu. Ela compreendeu que a seda era um escudo melhor que o couro. Refletiu que estivera resistindo inconscientemente à energia, o que não precisava mais fazer. Era um alívio tão grande que ela quase chorou. Em vez disso, respirou fundo para se controlar, agradeceu outra vez a Piedra, e voltou à sala de estar para se encontrar com o pai.

Os cabelos de Lew ainda estavam um pouco úmidos do banho. Ele vestira uma túnica cor de bronze e calça marrom. Era um traje antigo, pensou Margaret. As roupas deviam ter permanecido guardadas ali durante todos aqueles anos. E ainda cabiam com perfeição! Margaret achou-o muito bonito, a não ser pelas rugas de preocupação entre as sobrancelhas. Lew fitou-a, naquele traje em que nunca a vira, e balançou a cabeça em aprovação.

— Está maravilhosa nesse vestido. Onde o conseguiu... num dos armários?

— Também me sinto maravilhosa, o que é estranho. Tenho sentido muitas coisas desde que cheguei, mas maravilhosa não era uma delas. E a história do vestido é curiosa... foi um presente de Manuella MacEwan quando deixei Thendara, o que parece ter acontecido há séculos. Ela insistiu que eu precisaria de uma roupa elegante para usar numa ocasião formal no Castelo. Pensei que ela era louca. Mas também tenho pensado que todos em Darkover são loucos de vez em quando.

— Quem é Manuella?

— É a esposa do mestre alfaiate Aaron MacEwan, da Rua da Agulha. Ela foi muito gentil comigo. Tenciono fazer todas as minhas roupas com eles... mesmo que os Altons sejam clientes de algum outro costureiro desde tempos imemoriais!

Lew soltou uma risada.

— É esse o espírito! Desafiar a tradição. o que eu sempre quis fazer, mas tive poucas oportunidades. Creio que meu pai, Kennard, fazia roupas com outro, quando precisava de alguma coisa que não era produzida em Armida. Mas não me lembro o nome agora.

o sofá em que Diotima deitara antes estava vazio.

— Onde está Dio?

— A Curandeira e eu a levamos para a cama. Ela dorme agora.

— o que exatamente ela tem, pai?

Margaret não queria fazer a pergunta, mas não podia mais evitá-la.

— É uma boa pergunta, Marja. Ela tem uma doença que no passado era chamada de "câncer". Costumava matar milhões de pessoas, todos os anos, na antiga Terra. Mas a engenharia genética resolveu o problema. Agora, ninguém sabe direito como tratar dele. No passado, usavam radiação, e até algumas coisas que eram venenosas, em quantidades mínimas, que podiam às vezes ser piores do que a doença em si. Hoje, não há praticamente mais ninguém que saiba como usar esses métodos, embora tenha tentado. Dio disse que, se a morte era inevitável, queria morrer sob o sol de Darkover, não em qualquer outro lugar. Foi por isso que eu a trouxe de volta. O que mais podia fazer?

Ela não deve morrer. Ainda não. Preciso tanto dela!

— Fico contente que tenha voltado, embora desconfie que preferiria permanecer no Senado, ou em algum outro cargo que demonstrasse sua abnegação.

Lew fitou-a em silêncio por um momento, depois riu.

— Você sempre foi capaz de me entender, como... Tenho uma coisa para você. — Ele virou-se para uma mesa e pegou uma caixa pequena. -Isto era de minha mãe, Yllana Aldaran. Dio nunca usou, pois não gosta de jóias. Acho que estava destinado a você.

Margaret pegou a caixa de jóia estendida, o veludo consumido pelo tempo. Continha uma enorme pérola, no formato de uma gota, uma lágrima negra sobre o cetim claro que forrava a caixa. Pendia de uma corrente de prata bem fina, formando um colar deslumbrante. Margaret prendeu a respiração por um instante, depois pegou o colar.

— Por que me estava destinado?

— Seu nome significa "pérola", como sabe. Deixe-me ajudá-la, antes que desmanche seu penteado.

Lew postou-se atrás dela, passou o colar por seus ombros, afastou os cabelos com todo o cuidado, e prendeu o fecho. Margaret sentiu a respiração contra seus cabelos e começou a compreender por que as darkovianas mantinham a nuca coberta.

Como se também estivesse consciente da proximidade física, Lew apressou-se em dar um passo para trás. Margaret ajeitou os cabelos e depois contemplou a enorme pérola negra, repousando um pouco acima da curva dos seios. Brilhava graciosa sobre o vestido verde, como se gostasse de ser usada de novo. Ela largou a caixa.

— Obrigada, pai. É a coisa mais linda que já vi.

— Parece ter sido feita de encomenda para você. Mas por que está usando as plumas de Aillard nos pés?

— É mesmo? Como não tinha sapatos, apenas botas, Piedra tomou estes emprestados de um armário. Ela diz que o Castelo do Comyn é como um enorme sótão. Estes sapatos pertenceram há muito tempo a uma mulher chamada Jerana. Estou usando suas luvas também... com penas bordadas, mas que não se podem ver por causa das mangas do vestido. Fiquei surpresa por encontrar

sapatos bastante grandes para caber nos meus pés. Se não fosse por isso, teria de ir ao jantar só de meias ou com minhas velhas chinelas. Espero que não seja um problema tomar coisas emprestadas... ninguém vai se incomodar, não é?

— Usar os sapatos de uma rainha... — murmurou Lew. — Tem razão, ninguém vai se importar. E agora vamos para o jantar. Estou com fome. E quero descobrir o que Regis andou fazendo durante a minha ausência. Espero que sirvam coelho-de-chifre defumado. É uma carne que nunca exportam, e venho ansiando por comê-la há mais de vinte anos.

Margaret fitou o pai com alguma curiosidade. Nunca soubera que ele tinha qualquer interesse por comida, a não ser para encher o estômago. Lew comia as ostras de Thetis ou o pão de algas marinhas com a mesma indiferença. Não duvidava que ele estivesse sendo sincero. Mas era um lado de Lew que jamais conhecera, e que o tornava mais humano. Teria de saber quem ele realmente era. Seu coração se animou com a perspectiva. o pai ofereceu-lhe o braço. Margaret pôs a mão enluvada em sua manga. Sentia-se quase inebriada quando entraram no corredor.

A sala de jantar era confortável, com uma mesa comprida entre duas lareiras acesas. As cadeiras tinham encosto alto, com uma árvore alta esculpida, pintada de prateado contra a madeira escura. Um servo circulava com uma bandeja cheia de taças, oferecendo vinho às pessoas. Outro carregava uma bandeja com hors d'oeuvres, pequenos pastéis recheados com carne temperada.

Jeff se encontrava perto da porta quando eles entraram, conversando com Gabriel Lanart. o pai de Mikhail amarrou a cara ao ver Lew e Margaret. Ela desconfiou que os dois conversavam sobre o Domínio de Alton, e que Gabriel não gostara nem um pouco do que ouvira. Mas logo Lady Linnea se aproximou, cumprimentou Margaret com uma afeição sincera, ofereceu a Lew um dos seus sorrisos cativantes.

— Este é um momento maravilhoso para mim. Fico contente que você tenha voltado para Darkover, Lew, mesmo que as circunstâncias não sejam das mais felizes. Como está Diotima?

— Como dizem os curandeiros, descansa com todo o conforto. O que significa que caiu num sono profundo, induzido por drogas, e não sente qualquer dor neste momento.

— Ainda bem. Ela praticamente não dormia desde que você partiu para Armida, há quatro dias. Lew balançou a cabeça.

— Jamais desejei tanto estar em dois lugares ao mesmo tempo como nos últimos dias.

Ele olhou para a mesa, quase rangendo ao peso das travessas.

— Ele está querendo descobrir se tem coelho-de-chifre defumado — comentou Margaret, jovial.

— Claro que tem — respondeu Lady Linnea. — Regis me disse que você gostava muito.

Linnea também usava um vestido de seda, azul, todo bordado, o que deixou Margaret aliviada sobre o traje apropriado para a ocasião. Linnea não usava luvas, já que não precisava. Afora isso, porém, Margaret achava que estava vestida como a consorte, e por isso não se destacaria.

Ela ouviu um murmúrio aturdido às suas costas. Virou-se para deparar com Mikhail. Vestido no azul e prateado da casa de Hastur, ele a fitava fixamente, a boca entreaberta. Ela é bonita demais!

Antes que Margaret pudesse dizer qualquer coisa, Regis entrou na sala, acompanhado por Danilo Syrtis-Ardais e o jovem herdeiro Dani. O Regente se mostrava ao mesmo tempo preocupado e exultante, enquanto cumprimentava as pessoas com acenos de cabeça. Parecia diferente do que era no seu primeiro encontro com Margaret, como se algum fardo tivesse sido removido de seus ombros, e não soubesse como se comportar em sua ausência. Ele gesticulou com a mão e todos se encaminharam para a mesa. Estava um pouco quente na sala. Margaret sentiu-se contente por ter escolhido aquele lindo vestido, que era mais leve do que suas outras roupas. Regis aproximou-se e pegou sua mão, sorrindo.

— Parenta, eu lhe dou as boas-vindas em seu retorno ao Castelo do Comyn. Está adorável e menos confusa do que em sua visita anterior.

— Obrigada, Lorde Regis. Não estou menos confusa, mas apenas mais acostumada a estar confusa.

Ele riu.

— Isso é ótimo. A confusão é natural, mas se sentir à vontade com ela é difícil. E você, Lew, parece menos com um dos demônios de Zandru do que no momento em que voltou a Darkover, há poucos dias.

— Bredhu, tenho minha esposa e filha em segurança, tanto quanto é possível, e me sinto contente. Você também parece muito satisfeito. Andou visitando pote de creme outra vez?

Regis riu de novo. Margaret calculou que devia ser uma piada antiga, do tempo em que eram meninos e irmãos de adoção. O Regente não respondeu, mas ela pensou que se ele fosse um gato, estaria com a boca cheia de penas. Depois que todos sentaram, Regis sorriu e disse:

— Parece que a sorte nos sorri, pois Lew Alton finalmente voltou, embora as circunstâncias que o trouxeram para casa sejam muito tristes. Devemos todos torcer para que as nossas leroni possam fazer o que a medicina terráquea não conseguiu, Lew. Mas agora os Domínios são de novo como deveriam. Vamos nos reunir na Câmara de Cristal depois de amanhã, para reformar o Conselho do Comyn.

Esse anúncio fez com que Lew e Dom Gabriel levantassem a cabeça abruptamente. Margaret quase que pôde ouvir as engrenagens em movimento no cérebro do tio. o rosto de Lew, no entanto, permaneceu indecifrável. Ela refletiu que o pai devia ter uma longa prática de se manter impassível, adquirida durante seus anos no Senado.

— É estranho como o pesar muitas vezes nos reúne — continuou Regis, como se nada tivesse dito de momentoso. — Jeff me contou sobre o terrível acidente com o pequeno Domenic Alar. Já me comuniquei com minha irmã. Ela chegou sem problemas a Arilinn. Está se fazendo tudo o que é possível. Devemos torcer para que ele recupere a plena saúde. Regis fez uma pausa, soltou um suspiro.

— Pelo menos ele não está perdido, como aconteceu com meus filhos mais velhos, sem nenhuma chance, vítimas de assassinos, quando os Destruidores de Mundos vieram para

Darkover. o tempo não atenuou minha tristeza, embora aquela época tenha me levado à união com a minha Linnea. Ele ofereceu um sorriso para a consorte, na outra extremidade da mesa. Linnea retribuiu. Pareciam dois jovens em sua afeição.

Margaret já testemunhara um olhar assim entre Dio e seu pai. Mais uma vez, sentiu a ausência de um vínculo mais forte em sua vida. Não tivera consciência do problema enquanto Ivor vivia, mas sua morte deixara um vazio no coração de Margaret. Ela sentia uma ânsia profunda, para a qual não tinha um nome. Isto é, tinha um nome, é claro, mas temia deixar que sua mente o expressasse. A julgar pela expressão furiosa de Dom Gabriel, era bem provável que ela acabasse desapontada e frustrada.

Foi nesse instante que ela percebeu que Mikhail a fitava fixamente, de uma forma grosseira pelos padrões darkovianos, como se tentasse atrair sua atenção. Eu não disse que ia acontecer? Há anos que não há uma reunião do Conselho do Comyn!

Se você é tão esperto, diga-me o que será tratado na reunião, respondeu Margaret. E eu pensei que você havia dito que existia agora um Conselho Telepático.

Não sei o que é, mas tio Regis parece mais excitado do que em qualquer outra ocasião anterior. Portanto, deve ser muito importante. O Conselho Telepático não se reúne, prima, apenas acontece.

Posso entender agora por que não é muito satisfatório. Ele está excitado? Não parece.

Não o conhece como eu. Pode ter certeza de que Regis está muito excitado, e que alguma coisa importante vai acontecer em breve.

Confio em você, Mikhail. Sem qualquer razão objetiva, confio totalmente em você.

Margaret notou nesse momento que Dom Gabriel a observava, furioso. Ele sentava ao lado de Lady Linnea, no outro lado da mesa. Ela corou até a raiz dos cabelos, como se tivesse feito alguma coisa errada. Gostava de Mikhail — mais do que gostava — mas não gostava de seu pai, por mais que quisesse.

— Uma reunião do Conselho? — perguntou Dom Gabriel, ríspido.

— Isso mesmo — respondeu Regis, calmamente. — Mas como esta é uma ocasião festiva, com a volta de Lew e a presença de sua filha, não vamos permitir que o assunto prejudique a nossa digestão. Sei que vai concordar, Gabriel.

O tom era jovial, mas não havia como se equivocar sobre a autoridade de Regis. Por um momento, Dom Gabriel deu a impressão de que ia protestar. Mas Linnea passou-lhe uma travessa de legumes nesse instante. Ele deu de ombros e serviu-se.

Margaret ficou aliviada, pois sentia-se cansada e a perspectiva de uma discussão era insuportável. Levantou os olhos, descobriu que Mikhail a observava discretamente, tornou a baixar os olhos para seu prato. Lady Linnea perguntou sobre sua pesquisa musical. Margaret falou sobre os cantores que conhecera nas colinas.

Como ela consegue se controlar, mesmo com a expressão furiosa de meu pai! O pensamento fez com que Margaret levantasse os olhos de novo. O sorriso de Mikhail era tão radiante que ela pensou que seu coração explodiria. Quase que engasgou com a comida.

Comporte-se... todos à mesa vão perceber que você está olhando para mim!

Como quiser, prima, mas não é fácil!

Margaret não pôde evitar um sorriso. Era maravilhoso sentir a admiração de Mikhail, captar os profundos sentimentos por ela. Mas também deixava-a apreensiva, com vontade de se retrair. Havia um conflito entre a tensão do comportamento a que se acostumara e o anseio recém-descoberto por intimidade. Sentiu um aperto na garganta. o apetite diminuiu. Ela notou que Lady Linnea a observava atentamente.

Respirou fundo várias vezes, impôs-se a disciplina, concentrou-se no excelente jantar. Tentou não pensar no homem bonito que a fitava de vez em quando, nem em qualquer outra coisa desconcertante. Regis levou a conversa para o tempo e as colheitas. Como Margaret nada sabia a respeito, pôde ouvir sem se sentir

sufocada. Mas ficou contente quando o jantar terminou, e pôde voltar para seu quarto.

Despiu-se, com a ajuda de Piedra. Vestiu uma camisola fornecida pelo Castelo. Acomodou-se na enorme cama, exausta. Mas o sono não veio. Estava preocupada com Dio. Pensou no que poderia acontecer na reunião convocada por Regis. Mas, finalmente, seu corpo rendeu-se, e ela mergulhou num sono sem sonhos.

Capítulo Vinte e Sete

Quando acordou, na manhã seguinte, Margaret pôde sentir toda a intensa atividade no Castelo do Comyn. Compreendeu que dormira até tarde. Continuou deitada na enorme cama, tentando encontrar um sentido para os últimos dias, especialmente para o jantar na noite anterior. Sentira correntes e contracorrentes, mas estava cansada demais para analisar a maior parte. Além do mais, concentrava-se em tentar pensar direito com Mikhail sentado tão perto, enviando pensamentos ocasionais que perturbavam o pouco equilíbrio emocional que ainda lhe restava.

Era evidente que Dom Gabriel ficara surpreso com o anúncio de Regis, que parecia ter a maior importância para ele. Seu pai, por outro lado, não demonstrara muita surpresa, dando a impressão de que previa o movimento. Era tudo muito complexo. Embora soubesse que o evento provavelmente teria um impacto direto em sua vida, Margaret gostaria que nada acontecesse.

Ela se levantou, tomou um banho e vestiu-se. Verificou as caixas de luvas que Piedra trouxera na noite anterior, até encontrar um par de luvas de seda curtas. Depois, saiu à procura de Dio, mal notando que seu estômago roncava de fome.

A Suíte de Alton consistia em muitos agrupamentos de cômodos que se estendiam pelos dois lados da sala de estar por onde ela entrara na primeira vez. Margaret descobriu que conhecia a disposição dos cômodos sem precisar perguntar a ninguém. Foi batendo nas portas fechadas, abrindo-a se não havia resposta. Encontrou Diotima num quarto na outra extremidade da suíte. Ela cochilava no meio de uma enorme cama, o corpo pequeno parecendo ainda menor.

Margaret engoliu em seco. Sentia-se pequena, desamparada e assustada, o que não devia acontecer. Dio tinha empada, e qualquer sentimento seu poderia ser captado pela madrasta. O que seria bastante prejudicial. Ela duvidou da sensatez de sua visita.

Houve um movimento no canto do quarto. Uma mulher levantou-se das sombras. Tinha altura mediana, talvez sessenta

anos de idade, com rugas nos cantos dos olhos e da boca. Encaminhou-se para Margaret sem fazer qualquer ruído no tapete grosso.

— Domna?- sussurrou ela.

— Vim ver como está minha mãe.

— No mesmo estado... não melhor, mas também não pior. Gostaria de sentar um pouco com ela? Tenho certeza de que seria um conforto.

Margaret não tinha certeza, pois seus medos angustiantes continuavam a atormentá-la.

— Gostaria, sim.

— Neste caso, vou deixá-las a sós. Estarei no quarto ao lado, se precisar de mim. Basta chamar.

— Mas qual é o seu nome?

— Sou Katerina di Asturien, uma Curandeira.

— Obrigada. Ficarei sentada com ela.

Margaret puxou uma cadeira para o lado da cama e sentou. Podia ouvir a respiração de Dio, suave, sem qualquer dificuldade, o que a tranqüilizou um pouco. Deixou a mente vaguear. Depois, decidiu que precisava se concentrar em coisas boas. Pensou em Thetis, no vento que soprava do mar, a fragrância das azurinas que cresciam na frente da casa. Com uma pontada de saudade, compreendeu que provavelmente nunca mais tornaria a ver aquela casa. Experimentou um profundo anseio pelo mar e o cheiro da maresia. Uma das canções que os ilhéus costumavam cantar voltou à sua mente, sobre a volta de uma longa viagem oceânica numa pequena canoa. Cantarolou-a baixinho, porque era agradável e confortadora. Dio mexeu-se na cama, abriu os olhos, murmurou irrequieta, puxando os lençóis sobre os seios:

— Sonhei que estava de novo em Thetis. Podia sentir o perfume das damas-da-noite e o cheiro da maresia.

— Eu estava pensando em nossa casa, Dio, e você deve ter me sentido.

— Marja! Você está mesmo aqui! Tive medo de ter apenas sonhado com você, embora Lew me assegurasse que sua presença aqui era real. Tenho a boca ressequida.

Havia um jarro com um líquido cor-de-rosa ao lado da cama, junto com um copo. Margaret encheu o copo pela metade. Ajoelhou-se na cama enorme com todo o cuidado, levantou a cabeça da mãe, e levou o copo aos seus lábios. Dio bebeu, sedenta, depois encostou a cabeça no ombro de Margaret.

— Por que usa luvas dentro de casa, Marja?

— É uma longa história. — Margaret pôs o copo na mesinha, mudando de posição para continuar a amparar Dio. Era estranho ter a mãe em seus braços, ser a confortadora, em vez da confortada. Margaret não queria largá-la. Mais do que isso, queria restaurar a saúde da madrasta pela força de sua vontade. — Eu a contarei em outra ocasião, quando você não estiver tão cansada.

— Posso não ter outra ocasião, chiya.

— Não diga isso! Você não pode morrer!

Todo mundo morre, Marguerida. E uma das poucas coisas certas na vida. E, pelo menos, você se reconciliou com seu pai, o que tem sido o desejo do meu coração por anos.

Diotima Ridenow- Alton, se você morrer, nunca mais falarei com você!

É o que vai acontecer mesmo, embora eu continue a falar com meu pai de vez em quando. Acho que ele pode me ouvir... onde quer que esteja agora. Mas fale-me de suas aventuras. Não quer me deixar morrer de curiosidade, não é?

O tom de brincadeira era tranqüilizador. Margaret acomodou-se numa posição mais confortável e passou a contar à mãe tudo o que acontecera desde que chegara a Darkover. Ainda não chegara ao meio da narrativa, quando Dio adormeceu em seus braços. Era um sono profundo e sereno, que parecia normal, muito melhor do que o estado em que Margaret a encontrara ao entrar no quarto. Seu braço ficou dormente, mas ela não se mexeu, para não perturbar a mãe. Pensou em todas as coisas boas de que podia se lembrar, na esperança de que fossem transmitidas para a mente de Dio e ajudassem-na a superar a doença.

Lew encontrou-as ali ao final da tarde. Margaret pôde sentir o fluxo de emoções do pai, a alegria e o terror, tudo misturado num caldeirão de sentimentos. Ela levantou a cabeça e fitou-o, ignorando

as lágrimas no rosto do pai e também as que escorriam por suas faces.

Na manhã seguinte, Margaret foi com o pai para a Câmara de Cristal. Faltava pouco para o meio-dia, e a refeição comida pouco antes parecia pesar como chumbo em sua barriga. Não queria ir, e não podia entender por que sua presença era necessária. Ou melhor, achava que compreendia tudo muito bem, mas não queria sentar ali para ouvir um bando de quase estranhos tomar decisões sobre o seu futuro.

Apesar da agitação e da raiva em ebulição, ela quase soltou uma exclamação de espanto, quando entraram na sala. Nada em sua memória a preparara para aquele cenário. Era uma enorme sala circular, no alto do Castelo. Tinha enormes janelas de vidro colorido, dando a impressão de que estava em chamas. Havia uma mesa redonda no centro da sala. As cores dos vidros desenhavam padrões deslumbrantes sobre a madeira. Margaret sabia que nunca estivera ali antes, mas ainda assim a sala lhe parecia familiar. Lew informara que a sala fora construída muito depois da morte de Ashara. Por isso, ela achava que captara o senso de familiaridade do pai, não da Guardiã há muito falecida. De qualquer forma, a sensação de conhecer um lugar em que nunca estivera antes a perturbava, aumentando sua apreensão.

Havia alguma coisa fantástica na sala. Margaret ponderou sobre o que poderia ser. Olhou ao redor, para as cadeiras com as insígnias dos Domínios esculpidas, e nada encontrou ali que a perturbasse. Levantou os olhos para o teto abobadado, em que haviam sido pintadas as quatro luas e várias estrelas. Compreendeu que era mais do que um mero teto. Havia algo escondido por trás dos desenhos, o que a deixou toda arrepiada.

A sala inteira tinha um cheiro agradável, de cera de móveis e tapetes varridos. Pelo que Mikhail lhe dissera, Margaret sabia que não era usada para seu propósito original há muito tempo. Por que então se sentia tão apreensiva?

— Por que esta sala parece tão estranha? — sussurrou ela para o pai.

Ele fitou-a nos olhos por um instante.

— Há amortecedores telepáticos por toda parte. Por isso não é usada há anos. Foram instalados para impedir que todos os Altons, passados ou presentes, usassem seu Dom para impor uma concordância ao resto do Conselho.

— Entendi. Não se poderia usar esta sala para uma reunião de um Conselho Telepático porque não funcionaria. Não gosto daqui.

— Ninguém gosta, Marja. Não tenho lembranças felizes desta sala.

Dom Gabriel entrou nesse momento. Franziu o rosto para os dois, depois se encaminhou para a cadeira esculpida com a insígnia de Alton, o penhasco com uma águia em cima, que o pai dissera a Margaret ser o símbolo da família. Ele puxou a cadeira para trás com um movimento brusco, batendo-a em seus joelhos. Sentou e apoiou os braços na superfície reluzente da mesa, quase que os desafiando a questionar seu direito ao Domínio de Alton.

Era evidente que as cadeiras de encosto mais alto estavam reservadas aos chefes dos Domínios, mas havia muitas outras cadeiras menores. Margaret não sabia se deveria ocupar uma dessas, ou se afastar até as cadeiras comuns ao longo das paredes da vasta sala. Há tantos anos não experimentava esse sentimento de deslocamento que se descobriu a retomar o esquema da invisibilidade que costumava usar na infância. Lew percebeu seu retraimento. Apertou seu ombro, num gesto rápido e confortador, depois acenou com a cabeça para a mesa. Era óbvio que o pai conhecia o lugar da filha, mesmo que ela não soubesse, o que a tornou menos hesitante.

Margaret lembrou a tarde anterior, quando Lew a encontrara abraçando a madrastra, e as lágrimas escorreram pela cicatriz em seu rosto. Haviam deixado Dio aos cuidados da Curandeira logo depois, e passado para a sala de estar. Ali, pela primeira vez na vida adulta de Margaret, os dois conversaram, um pouco sem jeito a princípio, depois com mais facilidade. Fora um momento maravilhoso, ao mesmo tempo repleto de angústia e de cura. Enquanto falavam, alguma coisa dentro de Margaret começara a derreter, um lugar gelado em seu coração, que ela mal sabia que existia até que desapareceu. Independente do que acontecesse agora, Margaret

sabia que o pai a amava, sempre a amara, que podia confiar nele como sempre desejara. Era uma estranha sensação, inquietante e nova. Ela a acalentava, ao mesmo tempo em que temia que fosse irreal.

Houve uma agitação na porta. Lady Javanne entrou na sala, usando suas roupas de viagem e parecendo um tanto irritada. Os cosméticos aplicados com o maior esmero haviam se tornado um pouco borrados. Os cabelos em geral bem arrumados estavam sujos e despenteados. Em vez de recender a perfumes, exalava um intenso odor de cavalos.

O jovem Dyan Ardais entrou logo em seguida, ao lado de Lady Marilla. Dyan parecia apreensivo, mas Marilla não parava de sorrir. Ela se aproximou de Margaret, envolveu-a num abraço gentil e murmurou:

— É bom vê-la de pé e em boas condições.

Ela cheirava a água de colônia, uma combinação floral de que Margaret gostou. Quando olhou por cima do ombro de Lady Marilla, ela avistou Mikhail, usando as cores de Hastur, muito bonito sob as janelas coloridas. O primo piscou para ela. Margaret sorriu. Gostaria que estivessem em qualquer outro lugar que não naquela sala, porque tornara-se um hábito terem pequenas conversas particulares, que ela muito apreciava.

Margaret queria saber quando Dyan e a mãe haviam chegado, pois não os vira na noite anterior, quando todos se reuniram para o jantar. Sabia que a viagem a cavalo de Ardais a Thendara levava vários dias, mesmo com o máximo de pressa. Por isso, concluiu que eles haviam sido convocados com bastante antecedência. Regis já devia ter planejado aquela reunião antes mesmo de sua partida de Armida. E Javanne viera direto da Torre de Arilinn assim que entregara o neto aos cuidados das curandeiras ali.

Depois, ela começou a ponderar por que haviam se reunido na Câmara de Cristal, em vez de usarem uma das muitas salas grandes que ela sabia existirem no Castelo do Comyn. Era evidente que havia um significado na escolha daquela sala em detrimento de todas as outras do Castelo. Tinha de haver uma razão para a presença de todos ali. Margaret tinha a sensação de que as peças do quebra-

cabeças se encontravam embaralhadas à sua frente, mas ainda não conseguia encontrar algum sentido. Não compreendia como as coisas funcionavam, mas desconfiava de que estava prestes a descobrir mais sobre o governo de Darkover do que jamais quisera saber.

Margaret notou que a tia olhava fixamente para Dyan Ardais e Lady Marilla. Quase que desejou poder ouvir o que a mulher mais velha estava pensando. Havia suspeita em seu olhar, e mais alguma coisa. Ocorreu de repente a Margaret que Javanne não contava com o pessoal de Ardais, e que a presença deles a inquietava por algum motivo. Regis não devia ter avisado com antecedência à irmã que tencionava convocar o Conselho do Comyn. Ele jogava com as cartas junto do peito, concluiu Margaret, até mesmo com a irmã. Javanne, sem dúvida, viera a Thendara na expectativa de uma reunião familiar para decidir o destino de Margaret, e talvez para propor que Mikhail fosse designado o Senador de Darkover, no lugar de Herm Aldaran. Margaret reprimiu uma risada e percebeu que Mikhail fazia a mesma coisa.

Regis entrou na sala nesse instante, acompanhado por Lady Linnea. Ele olhou ao redor. Viu Gabriel sentado na cadeira de Alton, e uma expressão curiosa estampou-se em seu rosto. Não parecia zangado; em vez disso, dava a impressão de estar achando muito engraçado. Sua eterna sombra, Danilo Syrtis-Ardais, vinha logo atrás. Margaret especulou se Regis e Linnea conseguiam ter alguma privacidade, nem que fosse para fazer seus filhos. Que mente vulgar eu tenho!, pensou ela, contente porque ninguém podia ouvir seus pensamentos naquela sala.

Regis ocupou seu lugar, uma cadeira alta com a árvore prateada esculpida. Sua irmã Javanne sentou ao seu lado. Como a tia era uma Hastur, Margaret presumiu que era esse seu lugar correto. Olhou para o pai, em busca de uma indicação do lugar em que deveria sentar, já que era evidente que ele pretendia levá-la para um lugar junto da mesa, em vez de deixá-la ficar numa cadeira junto da parede.

Dyan, com alguma relutância, sentou na cadeira de Ardais. Mikhail puxou outra cadeira e ajudou Lady Marilla a sentar. Era uma

das cadeiras mais altas, indicando-a como detentora de um Domínio. Margaret lembrou que Marilla se apresentara como Aillard, não Ardais, quando haviam se conhecido... séculos antes, assim parecia. Depois que a mulher sentou, Mikhail foi se postar atrás da cadeira de Dyan, imitando a postura de Danilo.

Lew, ao lado de Margaret, ficou imóvel por um momento, imerso em seus pensamentos. Depois, pegou o braço da filha e levou-a para um lugar a duas cadeiras de Dom Gabriel. Havia uma figura esculpida atrás da cadeira, mas ela não teve tempo de dar uma olhada. Lew sentou entre ela e o tio, pôs a única mão em cima da mesa, com um ar presunçoso.

Dom Gabriel abriu a boca para um protesto, mas um olhar da esposa silenciou-o. Em vez disso, ele resmungou baixinho, lançando olhares furiosos para todos. Era evidente que Gabriel também não entendia a situação... e Margaret teve certeza de que ele não estava gostando nem um pouco.

Regis limpou a garganta. Antes de começar a falar, olhou para a porta da sala, como se esperasse por mais alguém. Depois, deu de ombros.

— Quando Lew Alton deixou Darkover, o Comyn estava em ruína. As linhagens de Aillard e Elhalyn se encontravam quase extintas. Dyan Ardais morrera, e seu filho ainda era um bebê. Com isso, restaram os Aldarans, que há gerações não têm lugar aqui, os Hasturs e os Ridenows. O Domínio de Alton foi entregue a Dom Gabriel, pela decisão de Jeff Kerwin de permanecer em Arilinn.

Ele soltou um pequeno suspiro, como se pensar nesses acontecimentos lhe proporcionasse alguma angústia.

— Sofremos em seguida um período conturbado, quando os Destruidores de Mundos vieram para cá. Muitas pessoas foram assassinadas, apenas por serem percebidas como uma ameaça para seus objetivos. Meus próprios filhos foram mortos, assim como os de outras pessoas, de maneira furtiva e covarde, que nunca perdoei. Sobrevivemos, mas perdemos algumas pessoas excelentes, de que precisávamos para governar.

Regis suspirou de novo, mais longo desta vez. Linnea afagou sua mão. Em resposta, ele ofereceu à consorte um olhar de

gratidão, com uma afeição tão profunda que Margaret sentiu-se ao mesmo tempo embaraçada e invejosa.

— Depois da derrota dos Destruidores de Mundos, tentamos reorganizar tudo. Usamos como veículo o Conselho Telepático. Era a melhor solução na ocasião. Os terráqueos não interferiram. E essa situação persistiu por uma geração. o Conselho Telepático não é perfeito, mas tem atendido às nossas necessidades de maneira adequada.

Javanne remexeu-se na cadeira ao seu lado, franziu as sobrancelhas, impaciente.

— Há dez dias, porém, recebi uma delegação, um grupo surpreendente de homens, representando as guildas das cidades e os habitantes rurais. Exigiam que o governo fosse entregue de novo ao que restava do Conselho do Comyn. Acham, com alguma determinação, que o Conselho Telepático não é bastante darkoviano, que é terráqueo demais e que não representa nossas necessidades. Foi uma ocasião extraordinária, talvez a mais extraordinária num reinado que não careceu de eventos de extrema importância. Regis fez uma pausa, como se refletisse sobre a reunião.

— Eles pensavam em si mesmos e em seus filhos. Não temos tradição de democracia em Darkover, mas parece que o contato com os Terranan tem levado as pessoas a acalentar algumas idéias insólitas.

— Eles exigiram de você? — o rosto de Dom Gabriel ficou vermelho de raiva. — Mas isso é um absurdo! Espero que os tenha despachado com...

— Mas o que restou do Conselho? — indagou Javanne, os olhos se contraindo, numa expressão pensativa, interrompendo o marido, antes que ele bancasse o idiota rematado. — O Príncipe Derik Elhalyn morreu sem deixar filhos.

— É verdade — respondeu Regis. — Derik não deixou herdeiros de seu corpo, e as crianças de sua irmã ainda eram bebês ou não haviam nascido. Priscilla Elhalyn é uma mulher retraída. Afastou-se de Thendara com seus filhos, pelo que foram certamente bons motivos, em sua opinião. Mas o filho mais velho é agora um pouco mais jovem do que Dyan. Embora não tenham o nome Elhalyn,

mantêm a linhagem. E, como os Elhalyns sempre concederam a posição de comynara às suas mulheres, creio que é possível restaurar a dinastia através de uma dessas crianças... É claro que teremos de testá-las e verificar qual é a mais estável. Solicitei a Priscilla que participasse da reunião, mas ela se recusou.

Ele suspirou mais uma vez.

— Talvez eu não tenha sido bastante persuasivo. Mas creio que podemos continuar sem ela.

Isso criou uma comoção, com várias pessoas falando ao mesmo tempo. Margaret perguntou ao pai, em voz baixa:

— Qual é o problema dos Elhalyns? Por que eles não seriam estáveis?

— Uma endogamia em excesso acarreta inúmeros problemas — sussurrou o pai em resposta.

Ela acenou com a cabeça. No empenho em preservar o laran, as principais famílias de Darkover não haviam levado em consideração os efeitos a longo prazo de seus programas de reprodução. Margaret ainda não entendia por que os Elhalyns eram tão importantes, nem por que Regis se mostrava tão determinado a reviver essa linhagem em particular. Mas ela o avaliara nos últimos dois dias, e tinha o maior respeito por sua calma e sensibilidade. Darkover tivera a sorte de contar com aquele homem para guiá-lo depois da Rebelião de Sharra.

A porta da sala foi aberta nesse instante. Um estranho entrou. Era alto, cabelos vermelhos. Margaret concluiu que devia ser um Ridenow, por causa de seus olhos característicos. Era um tanto jovem para ser um dos irmãos de Diotima, mas talvez fosse relacionado, em vez disso, com Istvana.

— Perdoem meu atraso. Meu cavalo ficou manco, e demorei mais tempo do que deveria.

Ele fez uma reverência para Regis, que não parecia nem um pouco surpreso com sua chegada. Já Gabriel e Javanne estavam aturdidos. Se qualquer coisa, Regis parecia aliviado. Lady Javanne lançou um olhar de traição para o irmão. Margaret refletiu que ela devia ter vindo a Thendara na expectativa de presidir sua própria reunião.

Pela expressão do rosto do pai, ele também estava surpreso, mas não insatisfeito.

— Quem é ele? — sussurrou Margaret.

— Não sei, chiya. Só posso dizer que é um parente de Dio. Como é parecido com Lorde Edric Serrais, acho que pode ser um filho. Mas agora sei por que Regis percorria furtivo os corredores do Castelo do Comyn, como se tivesse creme no bigode. — Lew recostou-se na cadeira, divertido com a presença do recém-chegado. — o velho demônio é mais esperto do que eu pensava.

Dom Gabriel ouviu esse comentário. Lançou para Regis um olhar indecifrável. Depois, olhou através da mesa para a esposa. Margaret acompanhou o olhar. Viu o rosto da tia se contrair em cálculos. Regis levantou-se, sorrindo.

— Seja bem-vindo, Lorde Ridenow. Fico satisfeito que tenha chegado agora. Mal começamos a reunião. Lew, creio que você ainda não conhece Francisco Ridenow, sobre quem lhe escrevi algumas vezes.

— Mas é claro! Eu deveria ter imaginado! — Lew levantou-se e cumprimentou o recém-chegado, com uma satisfação evidente, como se já fossem amigos... ou talvez aliados. Levou Francisco para a mesa. — Esta é minha filha, Marguerida Alton.

Margaret empurrou sua cadeira para trás, meio sem jeito. Fez uma pequena reverência e sorriu para o homem. De perto, ele parecia um pouco mais jovem do que ela. Era muito bonito.

Houve uma pausa na reunião, enquanto Francisco sentava, e Lew e Marguerida voltavam para seus lugares. Ela olhou para Mikhail e descobriu-o com uma expressão severa. Só depois compreendeu que ele observava Dom Francisco com uma certa cautela. Pensou que talvez fosse ciúme. o que lhe proporcionou um estranho sentimento, um calor no peito que não era desagradável, mas uma novidade total. Ninguém jamais tivera ciúme dela antes, e não sabia como reagir.

— Eu falava sobre o nosso passado recente, Francisco, principalmente em benefício de Marguerida, que não conhece nossa história. — Regis lançou um olhar sugestivo para Lew, que ficou um pouco vermelho. — Depois da Rebelião de Sharra, eu era o único

herdeiro adulto de Hastur ainda vivo. Depois de mim, vinham os filhos de minha irmã. Na ocasião, eu ainda não conhecia Linnea, e só tinha filhos nedestro. Por isso, designei Mikhail para meu herdeiro.

Regis tornou a limpar a garganta. Lady Linnea, ao seu lado, entrelaçou os dedos com os dele, num gesto tão terno e íntimo que foi quase chocante.

— A situação permaneceu assim por vinte anos. Embora eu não tivesse certeza de que era a melhor possível, também não me sentia impelido a tomar decisões precipitadas. Tem sido muito difícil para Mikhail, pois ainda não formalizei nada. Ele continua como meu herdeiro designado, embora eu tenha agora dois filhos para me sucederem. Só posso dizer que depois de perder meus filhos mais velhos para o destino, eu não me sentia ansioso para converter o pequeno Dani em meu herdeiro. Aprendi que a vida é muito mais arriscada do que eu imaginava, o que me deixou uma marca profunda.

— Portanto, vai designar Dani para seu herdeiro.

A expressão de Javanne era quase jovial. Regis lançou-lhe um olhar estranho, como se ela fosse uma estranha, e não muito simpática. A expressão de Javanne mudou. O prazer demonstrado um momento antes desapareceu por completo.

— Pensei muito sobre minha reunião com a delegação. Também pensei nas mudanças que estavam ocorrendo na Federação. Não eram um bom presságio para Darkover. Com os expansionistas no poder, era bem provável que tivéssemos de enfrentar o desafio de mais saqueadores, mais Destruidores de Mundos. Essa era a opinião de Lew, mas confirmava a minha, através de informações obtidas também de outras fontes. E me pareceu que a reconvocação do Conselho do Comyn neste momento seria um passo à frente, não um retrocesso. Mas uma das coisas em que a delegação dos comuns insistiu foi na restauração de um Elhalyr no trono. Como essa era uma idéia que eu já acalentava, estava propenso a concordar.

Ele sorriu, cativante. Margaret lembrou que os Hasturs supostamente possuíam, como parte de seu Dom, a capacidade de manipular as pessoas. Isso explicava por que Regis escolhera a

Câmara de Cristal para a reunião; se os amortecedores impediam que o Dom de Alton fosse usado, também mantinha os Dons de Regis sob controle.

Ainda assim, ela continuava um pouco perplexa. Regis era rei em tudo, menos no nome, mas parecia querer abdicar de sua posição. Margaret não sabia muito sobre poder, além dos jogos insidiosos e triviais em que os acadêmicos se empenhavam, mas tinha certeza de que aquele movimento de Regis não tinha precedentes. Sua única satisfação era saber que todos na sala também estavam perplexos.

— Portanto, temos um Ardais, e tenho certeza de que o jovem Dyan servirá com a maior competência. Lady Manila é uma Lindir, e uma das últimas na linhagem de Aillard. Todos nós conhecemos sua capacidade. Espero que ela possa se afastar de seus fornos de vez em quando para se juntar a nós nas deliberações.

Ele ofereceu a Marilla um sorriso irresistível. Margaret observou-a relaxar em satisfação.

— Dom Francisco está disposto a representar os Ridenows. Encontraremos um Elhaly para servir no Conselho, embora possa demorar um pouco.

— Mas qual é o seu propósito em tudo isso, Regis? — perguntou Dom Gabriel, apesar dos sinais de Javanne para que permanecesse calado, enquanto ela avaliava a nova situação.

— Meu propósito é oferecer a Darkover as melhores pessoas que temos aqui, a fim de guiar nosso mundo para o futuro. E esse futuro não está em minhas mãos ou nas suas, velho amigo, mas nas mãos desses jovens... nas mãos de Mikhail, Dyan, Francisco e Marguerida. Não viverei para sempre, nem Lew, Javanne ou você... e não podemos nos comportar como se fôssemos eternos. Esse foi o erro que cometi ao não resolver o problema antes.

— Mikhail? O que ele tem a ver com tudo isso? Afinal, não vai herdar Hastur. — A raiva de Dom Gabriel era evidente, como se a proposta daquelas mudanças fosse culpa do filho mais novo. — Mikhail é apenas o filho menor, paxman de Dyan Ardais... e mais nada!

— Acha então que devo desperdiçar todo o seu treinamento e inteligência?

— Treinamento? Refere-se à educação terráquea que lhe deu? Acho que isso o torna impróprio para qualquer coisa relacionada com o governo de Darkover... ele foi corrompido! — Dom Gabriel bateu com o punho na mesa enquanto falava. — É evidente que você tem planos para ele, mas quaisquer que sejam, saiba que não vou permitir!

— Cale-se, Gabriel! — interveio Javanne, ríspida. — Mikhail pode ser aproveitado de uma maneira, e sei qual é. Regis, quero que você mande Mikhail ocupar o lugar de Lew no Senado. Ele sempre desejou viajar pelas estrelas, e agora seria uma ocasião perfeita. Não podemos permitir que um Aldaran nos represente no Senado... eles não merecem a menor confiança, e você sabe disso. Tenho certeza de que Lew fez o que julgou melhor, mas estava enganado.

A expressão de Mikhail era uma combinação de alarme e raiva. Margaret não o culpava por isso. Falara com ele sobre o esquema de Javanne, mas nenhum dos dois dera maior credibilidade. E ele não queria deixar Darkover agora, como Margaret bem sabia. Era muito triste, refletiu ela, sonhar com a viagem pelas estrelas durante toda a sua vida, mas só ter a oportunidade quando não mais queria isso. Compreendia agora que Javanne e Gabriel achavam que haviam perdido Mikhail há muito tempo, para as idéias Terranan, assustadoras e perigosas, mas mesmo assim encorajadas por Regis. Ela tentou não se sentir assustada ou triste com a perspectiva. Mas conhecia-o bastante bem, a esta altura, para saber que ele partiria, se Regis assim quisesse. Mikhail poria Darkover à frente de sua felicidade pessoal, pois era esse tipo de homem. E ela o amava por isso, concluiu Margaret, mesmo sabendo que sua vida seria arruinada, no momento mesmo em que começava.

— Não! — Regis balançou a cabeça. — Isso não combina com meu plano. Mikhail não tem a experiência necessária para ser um Senador. Herm Aldaran continuará no cargo. Mandei-o para a Câmara dos Deputados há seis anos com a intenção de que ele um dia tomasse o lugar de Lew. É verdade que eu não esperava que fosse tão cedo.

— Mas isso é um absurdo! — protestou Dom Gabriel. — Nunca aprovei essa indicação, e continuo a não aprovar! Acho que você perdeu o juízo, Regis!

Regis manteve o controle e respondeu com toda a calma, numa atitude extraordinária:

— Não, não perdi. Tomei a decisão depois de muita consideração, porque Herm é um político hábil e compreende o que precisa ser feito para proteger nosso mundo. — Ele fez uma pausa, respirou fundo, e olhou para Lady Linnea, em busca de apoio. — E tem mais: é minha intenção convidar os Aldarans a voltar ao Conselho do Comyn num futuro próximo. Não podemos continuar divididos, quando precisamos de todos os nossos recursos para manter Darkover intacto!

Várias vozes se elevaram em protesto, a mais alta sendo a de Dom Gabriel:

— Ficou louco? Ninguém jamais sentará num Conselho ao lado de um maldito Aldaran... nem eu, nem ninguém!

— Não diga bobagem. o mal que os Aldarans causaram em Darkover aconteceu há várias gerações. Devemos curar a ferida, em vez de deixá-la aberta e sangrando. Já teremos inimigos suficientes entre as forças expansionistas para nos manter ocupados, sem precisar de outro espreitando em nossas costas! Com os Aldarans aqui, podemos ficar de olho neles!

— Se imagina que pode me forçar a participar dessa loucura, quero que saiba que está completamente enganado — declarou Dom Gabriel. — Você não tem mais condições de guiar Darkover, Regis. Dani é muito jovem para assumir suas responsabilidades... mas é preciso designar outro regente.

Ele empinou os ombros, estufou o peito e acrescentou:

— Com a orientação de homens mais velhos, como eu, tenho certeza... Dyan Ardais agitou-se em sua cadeira. Estendeu a mão para o cabo de sua pequena espada.

— Essas palavras parecem bem próximas da traição aos meus ouvidos, Dom Gabriel — disse o jovem, surpreendendo muitos dos presentes. — Sou leal a Regis, Hastur e Darkover. Não ficarei sentado aqui em silêncio, deixando-o falar desse jeito.

— Cale-se, garoto! Só está interessado nos interesses de Mikhail. Sei disso, mesmo que você não saiba. Ele o enfeitiçou, como faz com todo mundo. Sei que é um homem perigoso, não merece a menor confiança. Mikhail pensa demais!

— E é exatamente isso de que Darkover precisa... homens que pensam. o rosto de Regis estava vermelho de raiva, mas a voz continuava calma e controlada. Por trás dele, Danilo estava tenso, pronto para se adiantar em defesa de Regis. Os guardas na porta também se mantinham alerta. Margaret se perguntou se algum sangue já fora derramado antes naquela sala. Torceu para que o sangue do tio não fosse o primeiro. Um olhar para o rosto de Mikhail revelou que ele pensava a mesma coisa, que se angustiava ao ver o pai e o tio brigando daquela maneira. Se não fosse tão grave, se não houvesse tantas espadas e punhais na sala, seria ridícula a idéia de dois homens na casa dos cinquenta anos se metendo numa briga. Mas o caso era sério, e ela sabia disso.

Mais ainda, Margaret sabia que se encontrava no meio da confusão. Como herdeira do Domínio de Alton, não era mera observadora, mas uma participante de um jogo que não entendia direito. E era um jogo mortal, a julgar pelas expressões dos homens. Ela não podia mais continuar sentada em silêncio, passiva. Lançou um rápido olhar para Lew, que acenou com a cabeça, como se estivesse acompanhando seus pensamentos, embora isso fosse impossível naquela sala.

— Sei que não me cabe falar, mas...

— Então fique calada! — disse Javanne, ríspida.

— Não, não vou ficar. Primeiro, como pesquisadora treinada na universidade, devo dizer que estou convencida de que Regis ainda não revelou todos os seus planos. Teorizar sobre dados incompletos é sempre uma insensatez.

— Olhem só como ela fala! — Dom Gabriel tinha o rosto tão vermelho que as orelhas estavam roxas. — Uma pesquisadora treinada na universidade! Essa mulher não conhece o seu lugar, que é o de fazer o que mandarem, e permanecer calada durante o resto do tempo. Ela não tem condições de herdar o Domínio de Alton! É

muito Terranan, muito independente! Ora, ela é pouco melhor do que uma Renunciante!

Por algum motivo, esse último comentário, que Gabriel obviamente acrescentara como um supremo insulto, fez com que Margaret desatasse a rir. Todos a fitaram, até mesmo Mikhail, como se ela tivesse perdido o juízo.

— Eu me orgulharia de ser uma Renunciante, se não fosse pelo fato de que não desejo ser.

Ela compreendia melhor o tio agora. Gabriel tinha um tremendo sentimento de inferioridade, por razões que ela ignorava. Vivera durante décadas com uma mulher autoritária, que só raramente fazia o que ele queria. Margaret percebeu que ele achava o seu comportamento muito parecido com o da esposa. Por isso, mais do que qualquer outra coisa, queria controlá-la, quanto menos não fosse porque não podia controlar Javanne, nunca fora capaz. Isso explicava sua oposição imediata a qualquer união entre ela e Mikhail, pois ele também não podia controlar o filho mais novo.

— Não pode ter as duas coisas, tio — continuou ela, tão calma quanto podia. — Ou eu sou importante, ou não sou. Não posso ser importante apenas para atender a seus interesses, e ficar calada no resto do tempo.

Gabriel olhou para Lew.

— A culpa é sua! Lew sorriu.

— É bem provável. Não tentei fazê-la mansa e submissa... sempre houve muita coisa de mim e de sua mãe nela para que isso fosse possível. — Havia uma profunda emoção em sua voz, como se fosse capaz pela primeira vez de pensar em Thyra sem dor ou arrependimento, como se descobrisse que ela fora algo mais do que a mulher que lembrava. — Mas creio que ela tem razão. Regis tem mais alguma coisa a dizer. E confesso que estou ansioso por ouvir.

— Eu também — acrescentou Dyan, claramente disposto a ficar do lado de Lew Alton.

— Até agora, não ouvi nada que me perturbe — declarou Francisco Ridenow. — Sendo assim, espero que Lorde Regis continue em suas revelações.

Lady Marilla limpou a garganta.

— Como Dom Gabriel, não posso gostar da perspectiva de qualquer Aldaran sentado nesta sala. Mas também compreendo a sabedoria de mantê-los sob a nossa vista, em vez de permitir que façam o que bem quiserem em nossas costas. Tenho pensado muito a respeito, desde que Marguerida me perguntou sobre eles há algum tempo. Concluí que talvez eu tivesse um preconceito pelo passado... que não conheço essas pessoas, e que talvez não sejam os monstros que imaginamos.

— Este não é um Conselho pleno, e por isso nada do que dissermos terá importância. — Javanne fungou, lançando um olhar ostensivo de desprezo para Lady Marilla. — Há muita pompa, mas não vai dar em nada.

Ela parecia muito segura, acreditando que poderia influenciar o irmão em particular.

— É muita deslealdade de sua parte, Javanne — respondeu Regis, secamente. — Seria chocante, se eu não a conhecesse tão bem.

Ele fez uma pausa, suspirando.

— A decisão nunca foi o meu forte, pois sempre vejo muitas possibilidades. Mas tenho pensado nessas questões por muito tempo. Não creio que possa agora ser influenciado por argumentos. Até mesmo minha irmã vai admitir que levei muito tempo para me decidir. Mas, agora que o fiz, defenderei minhas opções.

Ele fez outra pausa, olhando para Linnea, em busca de apoio, antes de continuar:

— Ainda há vários problemas a serem resolvidos. Um deles é o que fazer com o Domínio de Alton, uma questão fundamental. o problema não é termos poucos pretendentes legítimos, mas o contrário, um excesso. Dom Gabriel acha que tem um direito legítimo, pois ocupa a posição há muitos anos. Não sei qual é a posição de Lew. Mas como ele voltou, sua pretensão é a mais válida.

— Não tenho o menor desejo de reivindicar o Domínio de Alton. Tenho uma esposa muito doente, e tudo que quero é ajudá-la a recuperar a saúde, não sentar em reuniões do Conselho até ficar com o traseiro dormente. Tive o suficiente disso quando servia no Senado, para durar várias vidas.

A mão única de Lew deslizava sobre a mesa, para a frente e para trás, como se ele tentasse pegar alguma coisa que se esquivava.

— E o direito de Marguerida?

— Ela é minha filha, minha única criança viva. E como não designei Gabriel como meu herdeiro antes de partir, considero que ela é a pessoa com mais legitimidade para assumir o Domínio.

— Ela não segue os nossos costumes! — berrou Gabriel. — Deve renunciar ao Domínio para que fique em minhas mãos, ou nas mãos de meus filhos! Não permitirei qualquer outra coisa!

Margaret virou-se para tia Javanne, deparando com um olhar firme e furioso. Devia ter sido difícil para ela, durante todos aqueles anos, estar casada com Gabriel, tentando ser uma darkoviana decente, quando tinha tanta determinação e ambição. Javanne devia ter odiado ser capaz apenas de manipular o marido, em vez de ocupar uma posição de poder. E Mikhail era muito parecido com a mãe sob certos aspectos, adivinhou Margaret. Ele também não podia ser manipulado, controlado ou pressionado a fazer qualquer coisa.

Ela olhou para Mikhail, que lhe sorriu, como se soubesse de seus pensamentos, apesar dos amortecedores na sala. Subitamente, a questão do Domínio de Alton parecia irrelevante. Tio Gabriel era um bom homem, à sua maneira lenta e obstinada, cuidava muito bem das terras. Por outro lado, ela compreendia que tinha uma responsabilidade, um dever a cumprir. o pai jamais lhe pedira qualquer coisa, mas era evidente que ele queria que a filha herdasse a propriedade. Margaret sabia que não o decepcionaria. Apenas tinha medo de que o custo fosse algo que não desejava pagar. Nunca imaginei que haveria algum homem que seria uma luz em minha vida, pensou ela. Agora que há, ele não pode me ter, nem eu a ele. A vida não é justai

— O ponto crucial é que o povo terá... como exige... um novo Conselho do Comyn. Por isso, a questão dos titulares dos Domínios deve ser acertada, definida com clareza. Caso contrário gastaremos toda a nossa energia discutindo quem é quem, enquanto os problemas são postos de lado. Deixaríamos de servir ao povo de Darkover tão bem quanto deveríamos. Posso ser o Regente, mas

também sei que sou um servidor do povo que governo... e nunca me esqueço disso!

A voz de Regis ressoou pela sala, atraindo a atenção de todos. Houve um silêncio chocado. Dom Gabriel dava a impressão de que ficara sem fôlego. Javanne, por outro lado, assumiu uma expressão pensativa. Margaret não teve dúvidas de que ela procurava meios de tirar proveito da nova situação política.

— Servir o povo?

Gabriel dava a impressão de que havia uma armadilha nisso. Regis ignorou o cunhado.

— Primeiro entre os Domínios, temos o de Elhalyn de Hastur. Mas as pessoas nele são muito jovens para governar com sabedoria e não têm qualquer experiência. Vão precisar de orientação. Danilo, meu filho com Linnea, será o herdeiro de Hastur de Hastur, mas também ainda é muito jovem para integrar o Conselho.

Ele fez uma pausa. Margaret percebeu algo em seu rosto, uma sombra de dúvida ou preocupação. Lembrou o jovem tenso que os recebera no retorno a Thendara. Notou que Regis tomara o cuidado de não declarar que o filho mais velho era seu herdeiro, adiando isso para um futuro vago. Ela se perguntou se não haveria alguma coisa errada com Danilo Hastur.

— Mikhail é meu herdeiro seguinte, depois de Danilo. Tenciono designá-lo para a Regência do Domínio de Elhalyn. Seu bom senso e educação terráquea serão úteis nessa missão, Mikhail, até termos certeza de que o filho mais velho da irmã de Derik tem estabilidade mental. Não podemos correr o risco de ter outro Derik. Mais um ano e ele terá idade para governar. Não vamos, no entanto, falar em coroação por enquanto.

Javanne olhava aturdida e irritada para o irmão. Margaret não a culpava por isso. Parecia que ele estava disposto a abdicar de sua posição em favor de um jovem que nunca fora treinado para governar. Era um movimento ousado e perigoso, renunciar a seu poder de maneira tão repentina. Mikhail estava atordoado.

— Senhor da Luz! — balbuciou ele. — Eu, um Regente! Regis ouviu-o e sorriu.

— Nada mais apropriado. Sua avó foi Allana Elhalyn.

— Nunca pensei nisso — murmurou Mikhail.

— Por que Mikhail, e não Gabriel ou Rafael?

Javanne tinha as faces vermelhas. Olhou com a maior raiva para o irmão, depois para o filho, como se fossem dois monstros.

— Mikhail foi treinado para governar e pode dar a orientação correta.

Gabe e Rafael são bons homens, minha irmã, mas não são apropriados para a missão que tenho em mente.

Mikhail parecia aflito, quase tão transtornado quanto a mãe.

— Fiz um juramento de Hastur, Regis. Se assumir o Domínio de Elhaly, isso altera tudo. Terei de transferir minha lealdade para eles e... — Mikhail tentou dar de ombros. — o filho de Priscilla, Alan, terá idade suficiente para ser coroado em breve. Mas, para ser franco, ele é um pouco esquisito. É o segundo filho, Vincent, que...

Como um sonâmbulo, Mikhail saiu de trás da cadeira de Dyan. Foi até uma cadeira quase na frente de Regis, com a árvore prateada de Hastur, mas com uma coroa por cima. Sentou ali.

— Agora que não quero mais a coroa que Regis me prometeu, tenho de assumir o fardo de uma coroa que nunca procurei — sussurrou ele.

Essa mudança da situação era desconcertante para Margaret. Ela não entendia por que Regis se mostrava tão empenhado em restaurar os reis tradicionais de Darkover. Afinal, o pouco que ouvira a respeito a levava a pensar que era uma família muito estranha. Também não sabia por que ele tinha de designar Mikhail, a não ser pelo fato de que sua avó fora uma Elhaly. Por essa lógica, Javanne seria também uma candidata ao papel de Regente... e adoraria. Talvez houvesse algum costume que impedia uma mulher de se tornar Regente. Gabriel interveio:

— Isso é um absurdo! Mikhail vai encher a cabeça de Alan com uma porção de besteiras dos Terranan, se é que o garoto já não está corrompido!

— Gabriel, você ainda vive no passado — declarou Lew. — Temos que tentar nos adaptar, nós dois. O Darkover antigo em que crescemos desapareceu. Para sempre, eu desconfio. Nem mesmo a restauração da linhagem de Elhaly no trono o trará de volta. Regis

apresentou várias propostas extraordinárias. Acho que precisamos de tempo para digeri-las. Sugiro que adiemos a reunião, dando tempo para que os ânimos se acalmem.

— Pode sugerir qualquer coisa que quiser, mas eu me oporei a tudo isso... Aldarans no Conselho do Comyn, Mikhail representando Elhalyn! Levarei o problema à Corte, e eles vão...

— Eu não recomendaria que se opusesse, Dom Gabriel — declarou Regis, em tom formal, lançando um olhar para Margaret. — Estou pensando apenas nos melhores interesses de Darkover, e qualquer oposição só servirá para nos deixar vulneráveis aos esquemas de nossos inimigos. E, se você fizer isso, vou afastá-lo do Conselho.

Não havia como se equivocar com o tom de Regis. Houve um prolongado silêncio na sala, enquanto todos digeriam sua ameaça. Margaret olhou de um rosto para outro, tentando avaliar a disposição de cada um. Mas, acima de tudo, seus olhos foram atraídos para Mikhail. Pelo menos ele não vai deixar Darkover, pensou ela.

28

Gabriel saiu furioso da Câmara de Cristal, quase derrubando um dos guardas ao passar pela porta. Javanne começou a segui-lo, mas o irmão segurou-a pelo pulso, com firmeza.

— Precisamos conversar, irmã — disse ele, muito sério. — Devemos falar sobre lealdade.

Javanne parecia surpresa agora, como se Regis fosse um estranho total.

— Lealdade?

— Isso mesmo. Venha comigo.

Regis levantou-se, passou o braço pelo de Javanne, e encaminhou-se para a porta. Danilo teve de dar um passo rápido para trás, a fim de não ser atingido pela cadeira. Foi atrás de Regis. Lady Linnea também se levantou, devagar, com uma expressão solene. Os quatro deixaram a sala.

— Não era bem o que eu esperava, quando Regis me convidou para vir até aqui — comentou Francisco Ridenow. — Pensei que seria uma reunião insípida.

Ele riu e virou-se para Lew.

— E sempre assim acalorada? Lew balançou a cabeça.

— Pode ter certeza de que esta foi até um tanto monótona em comparação com outras reuniões anteriores.

— Hum... — Ele olhou para Mikhail, que tinha a cabeça nas mãos, depois para Lady Marilla e Dyan Ardais. — Deu-me um enorme apetite. E muita coisa em que pensar. Os Aldarans na Câmara de Cristal? Quem poderia imaginar?

— Eu poderia — declarou Dyan Ardais. — E mesmo?

— Sei o que eles fizeram no passado, os acordos com os Terranan, mas sempre achei que era uma péssima idéia deixá-los tramarem novas insídias em nossas costas.

— Há uma certa sabedoria nesse argumento. — Francisco estudou Dyan e Lady Marilla, depois tornou a olhar para Mikhail. — Mas tenho muita fome para pensar direito. Nada mais será discutido hoje, não é mesmo? Sendo assim, eu diria que devemos sair e procurar comida e vinho... talvez muito vinho.

Apesar do clima de tensão e incerteza na sala, todos riram. Dyan ajudou a mãe a se levantar. Francisco também se levantou. Foram até a porta, pararam ali por um instante, para ver se os três últimos ocupantes os seguiriam, depois saíram.

— Ele parece ser do tipo jovial — comentou Margaret com o pai. -Podemos sair daqui? Esta sala me deixa arrepiada. Vamos, Mikhail... não continue sentado aí como se o fim do mundo tivesse chegado.

Ela falou com mais disposição do que sentia, pois não podia imaginar por que Mikhail ficara tão perturbado. Quando o conheceu, ele expressara sua frustração por ser apenas um paxman, embora tivesse sido treinado para ser um rei. Agora que se tornaria Regente de Alan Elhaly, ou um de seus irmãos menores, ele não parecia nem um pouco satisfeito. Mikhail levantou os olhos e respirou fundo para se controlar.

— Você tem razão. O mundo não chegou ao fim... apenas virou pelo avesso! Regis nunca me deu qualquer indicação de seus planos. Isso muda tudo, e não tenho certeza... Ora, deixe para lá! A mãe nunca vai permitir...

Lew fitou Mikhail nos olhos.

— Acho que devemos nos retirar agora.

Ele lançou um olhar para os dois guardas, ainda parados na porta, tentando dar a impressão de que não ouviam nada, embora todos soubessem que as conversas ali seriam conhecidas nos alojamentos em poucas horas.

— Há um pequeno terraço de que eu gostava bastante, quando era mais jovem — acrescentou Lew. — Vamos sentar ali, apreciar o sol, e desanuviar nossas mentes.

— Está certo. — Mikhail levantou-se. Olhou para sua cadeira por um longo momento. Sacudiu a cabeça. — Meu pai nunca me perdoará por isso... mas nunca mesmo!

— Por quê? — Margaret foi até o primo. — Não sei por que isso deveria deixá-lo zangado... a não ser o fato de que ele fica transtornado com qualquer coisa em que não pensou. Um de vocês pode me explicar por que essa decisão é tão terrível? Você disse que queria algo mais importante do que ser um paxman, Mik... e me parece que é muito importante o que seu tio lhe pediu para fazer.

Os três deixaram a Câmara de Cristal. Lew seguiu na frente pelo corredor, até um pequeno terraço do qual se via a cidade de Thendara, brilhando avermelhada ao sol do final da tarde. Margaret esticou os braços por cima da cabeça, respirou fundo, contente por se encontrar ao ar livre.

— Regis reformulou tudo de uma maneira que nunca previ, nem Mikhail, o que nos deixou surpresos — comentou Lew. — Ela não é linda?

— Quem? — perguntou Margaret.

— Thendara. Já conheci muitas cidades, chiya, mas a vista de Thendara continua a ser a predileta. Nunca pensei que voltaria a me postar aqui para contemplá-la.

Mikhail inclinou-se sobre a balaustrada, um pouco da tensão se dissipando, o que se podia perceber pelo relaxamento dos ombros. Ainda não parecia feliz, mas dava a impressão a Margaret de estar menos angustiado, o que era suficiente, por enquanto.

— Não quero uma coroa ou um cetro, ir ao mercado para todos me fazerem reverência.

— E o que isso significa? — indagou Margaret.

— Regis me disse uma vez que, se eu desejasse ter minha própria vida, deveria ter nascido de outros pais. — Ele riu desse comentário irônico. -Não compreendi nessa ocasião. No fundo, ninguém escolhe sua vida. Não é mesmo, tio Lew?

— E possível. Não escolhi muitas coisas em que me tornei... ou pelo menos sempre me pareceu que fui forçado a situações que não eram exatamente o que eu teria escolhido. Isso, acredito, é uma visão posterior. Quando fiz as coisas, pareciam certas na ocasião. Mas sei como você se sente agora, Mikhail.

— Pois eu não sei! — declarou Margaret, ríspida, começando a perder a paciência.

Lew sorriu para ela.

— Os Elhalyns foram nossos reis por várias gerações, mas o poder por trás do trono sempre foi um Hastur. o que Regis fez, ao designar Mikhail para a Regência de Elhalyn, foi torná-lo fazedor de rei. o que significa, em minha opinião, que o jovem Danilo pode ser o herdeiro de Regis, mas o verdadeiro poder estará nas mãos de Mikhail. Ele não tem certeza se são mãos capazes, mas acredita que são. É uma manobra ousada, e tenho de confessar que a admiro muito.

Mikhail soltou uma risada estridente.

— É fácil para você dizer isso... não foi sua vida que acabou de ser desarrumada por completo! — Mikhail virou-se para Margaret. — Minha vida não mais me pertence. Portanto, não posso lhe dizer o que eu deveria ter dito antes... que gostaria que pudéssemos casar. Seria então uma rainha, embora eu deva dizer que para mim já é mais do que isso!

Margaret sentiu o rosto pegar fogo. Olhou para o pai, mas ele parecia a quilômetros de distância, absorto em seus pensamentos.

— Acho que eu não seria uma boa rainha, Mik. Violaria as regras durante todo o tempo. Mas gostaria que você tivesse falado, porque... seria muito importante para mim. Devo presumir que a Regência de Elhalyn faz uma diferença?

Ela reprimia seu desapontamento com a maior dificuldade.

— No passado teria feito — respondeu Lew. — Agora, não tenho certeza. Como a titular do Domínio de Alton, uma aliança com o Regente de Elhalyn seria uma combinação extremamente poderosa, que os outros Domínios encarariam com desconfiança.

— E se você reivindicasse o Domínio, deixando-me fora disso? Não quero nenhum Domínio!

— Isso, eu acho, não atenderia aos melhores interesses de Darkover.

— Estou entendendo. Devo pôr de lado minha felicidade pessoal pelo bem do planeta?

Margaret fervia de raiva e rebelião agora, sentindo-se como fora durante a adolescência. Lew riu, estendeu a mão, acariciou seu rosto, gentilmente.

— Não, chiya, eu não lhe pediria para fazer isso.

— Então o que é?

— Qualquer pessoa que não seja idiota pode perceber que você e Mikhail estão apaixonados, Marja. E quero que os dois sejam felizes, porque será melhor para Darkover também, não apenas para vocês.

— Minha mãe e meu pai nunca permitiriam — murmurou Mikhail.

— Hum... Se meu palpite é correto, Regis está neste momento usando todo o seu charme para persuadir Javanne de que suas idéias são corretas. o poder em Darkover está sendo redistribuído. Haverá muita resistência, como não poderia deixar de ser. Mas creio que, a longo prazo, será encontrada uma solução satisfatória para todos. Isto é, talvez não para Dom Gabriel.

— Está me dizendo para ser paciente, pai?

— Isso mesmo. Deve ir agora para uma Torre, Arilinn ou Neskaya, a fim de receber treinamento.

— Mik diz que isso leva anos e anos. Quando eu acabar, serei uma velha toda enrugada. E não é o que quero. Todos parecem empenhados em decidir minha vida sem me consultar. A única pessoa em Darkover que já me perguntou o que quero fazer foi Mikhail.

— Muito bem, Marja, o que você quer fazer?

Lew movimentou o braço sem mão num pequeno gesto de afeição.

— Quero... casar com Mikhail, se ele me aceitar.

Claro que aceito! Não há nada no mundo que eu queira mais do que isso! Então está decidido, não é?

Não é tão simples assim, Marguerida. Eu bem que gostaria que fosse. Por Aldones, como eu amo você!

— Mais nada? — insistiu Lew.

— Claro que quero mais coisas! o nível de analfabetismo em Darkover é imperdoável. Não é saudável, não é seguro. As pessoas aqui precisam ser mais informadas sobre a Federação, sobre o perigo de pessoas como os expansionistas. Enquanto o Comyn tomar todas as decisões por um povo desinformado, creio que haverá um risco para Darkover.

— Falou muito bem, filha. E está absolutamente certa. Gostaria de abrir escolas, ou apenas acabar de repente com o nosso sistema feudal?

Lew caçoava agora. Margaret sentiu-se dividida entre a vontade de se divertir e o desejo de sacudi-lo bruscamente.

— Não tenho a menor intenção de virar pelo avesso a cultura darkoviana. Mas, se sou mesmo herdeira de um Domínio, quero que Darkover tenha a posição mais forte possível diante da Federação. Não quero definhar num papel de mera esposa, ou terminar minha vida como uma intrigante envelhecida, que nem Javanne!

— Ela ficaria profundamente magoada com essa avaliação — comentou Lew, rindo. — E você tem toda a razão. Devemos preparar Darkover para o futuro... sem descartar nossos costumes de qualquer maneira. Tenho orgulho de você, filha, mais orgulho do que jamais pensei que poderia ter.

Margaret sentiu que todo o ar era expelido de seus pulmões com esse elogio. Olhou para Lew, as lágrimas se formando em seus olhos. Ele sorria.

— Obrigada. Esperei por muito tempo para ouvir isso. Nunca soube o quanto precisava ouvir até que você disse.

E eu nunca soube o quanto queria dizer que me orgulhava de você... portanto, nós dois estamos satisfeitos. Agora, vou conversar

com Dio. Tente persuadir Mikhail a sair de sua depressão. Escolheu um bom homem, Marguerida... um homem que é quase bastante bom para você!

Com isso, Lew virou-se e deixou o terraço. Margaret aproximou-se do primo. Inclinou-se sobre a balaustrada. Os ombros quase encostavam. Gentilmente, ela pôs a mão direita sobre a esquerda de Mikhail, sentindo o calor de sua pele.

— Não se desespere, Mik.

— Estou bancando o tolo, não é?

— Não. Apenas se comporta como qualquer homem que teve o tapete arrancado debaixo de seus pés.

Ele riu.

— Acertou em cheio! Fiquei furioso com Regis por ter anunciado tudo de repente... sem me perguntar primeiro!

Mikhail entrelaçou os dedos com os dela, como Lady Linnea fizera com Regis na Câmara de Cristal, uma hora antes. Margaret lembrou como sentira inveja daquele pequeno gesto de ternura e intimidade. Não se sentia mais invejosa, apenas contente por ficar ao lado de Mikhail, contemplando a cidade. Ficaram em silêncio por um longo tempo, sem se mexer.

— Acha que essa confusão acabará sendo resolvida? — perguntou ele, ao final.

— Se meu pai puder ajeitar tudo, tenho certeza. Se ele nada puder fazer, sempre resta a fazenda de cogumelos.

Mikhail virou-se e abraçou-a, sua respiração esquentando o rosto de Margaret. Levantou a mão, enroscou num dedo uma mecha de cabelos vermelhos caída sobre a testa de Margaret.

— Quero que saiba que me sinto feliz por ter resistido a todas as moças atraentes de Darkover. Eu a amo muito.

Margaret sentiu-se sem fôlego outra vez, gelada por um instante. A intensidade dos sentimentos de Mikhail era assustadora, depois de uma vida inteira de isolamento deliberado. Ela olhou para as ruínas enegrecidas da Torre Velha, onde Ashara a capturara, vinte anos antes. Depois, tornou a olhar para Mikhail. O frio desapareceu, como se o último gelo em seu coração se derretesse sob o sol de

Darkover. Estava em casa finalmente; o exílio que jamais soubera que sofria acabara para sempre.

— Também amo você.

Mikhail Hastur fitou-a nos olhos, depois inclinou-se e comprimiu seus lábios contra os dela. Foi um beijo terno, ardente mas gentil, atingindo o âmago de Margaret. Ela sabia que nunca teria outro momento tão maravilhoso quanto aquele. Independente do que pudesse acontecer, sempre teria aquele momento, o que a deixava contente.

Fim

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
IMAGO EDITORA
RUA SANTOS RODRIGUES, 201-A
RIO DE JANEIRO — RJ

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Doc* de
Digital Source

